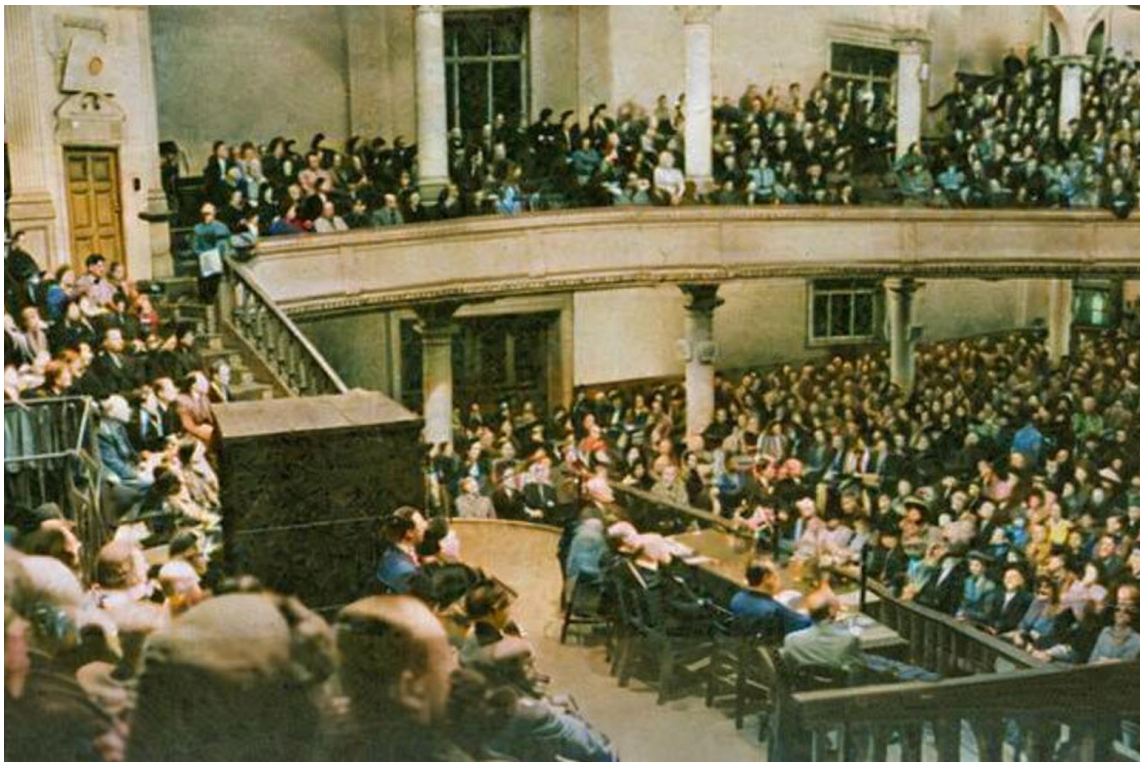
LESLIE FLINT
TESTEMUNHOS III

Tradução: Amadeu António



Demonstração pública de voz direta de 14 fevereiro de 1948 no Kingsway Hall de Londres. O médium ficaria isolado do público no gabinete de madeira, à prova de som e de luz, que foi colocada à vista de todos os presentes durante toda a duração da demonstração.

REVERENDO JOHN MATHESON
DOGMA VS. EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

Esta comunicação, atribuída ao Reverendo John Matheson e ao guia Max, é um documento notável sobre a tensão entre a revelação espiritual direta e a rigidez das instituições religiosas. Matheson, que foi ministro na Escócia, fala agora a partir de uma perspetiva onde os dogmas se tornaram irrelevantes perante a vastidão da realidade espiritual.

MAX: Não creio que o nosso amigo consiga. Receio que seja um esforço demasiado grande para ele nesta fase atual. Ele é alguém que tem sido muito ajudado. Isto é um facto há muito tempo. Ele era piloto. Oh, obrigado. Ele foi capaz de ajudar. Tinha uma mente muito, muito perturbada. Era extremamente limitado no seu conhecimento. Muito ligado à igreja. E levou muito tempo a conseguir que ele abrisse o seu "puzzle". A propósito, o meu nome é Max.

PARTICIPANTE: Oh, tens estado em silêncio há tanto tempo.

MAX: Sim, há muito tempo. Lembro-me de te ter dito na altura que tinha estado bastante interessado neste assunto, embora não tivesse tido um papel ativo nele. E também, eu próprio estava muito imerso na igreja. Mas isso foi há muito tempo. Parte do meu trabalho aqui tem sido ajudar aquelas almas que precisam, particularmente os que foram pilotos. E este é um que ajudei. Trouxe-o comigo para um dia de experiência. Mas ele não estava muito entusiasmado. Ele viria falar, mas prefere observar. Mas ele estava tão ansioso por aprender que pensei: bem, mais vale tentar. Mas não creio que esteja pronto para conversar.

Poderá mais tarde provar ser um comunicador muito bom. Mas para o tipo de trabalho que estás a fazer, sinto que precisas de pessoas que consigam conversar bem, para que obtenhas o máximo de material para o teu livro. Para livros, deveria eu dizer. Não é assim tão óbvio. Mas tens mais do que um para publicar. Eventualmente, a questão é conseguir publicar um primeiro. Mas depois seremos capazes, com o tempo, talvez, de organizar e encontrar a pessoa certa para o fazer. O que farás. E muito recentemente, ouvi muitos relatos sobre ti, embora eu próprio não tenha falado. Ouvi falar dos teus esforços e do que estás a fazer. E sei que tudo está a correr muito bem. Podes estar, no momento, num processo de uma pequena pausa.

Olá, Sr. Woods, como está?

SR. WOODS: Bem. Muito bem, obrigado.

MAX: Muito bem, Sr. Green. Muito bem, Sr. Hudson. E presumo que estarás novamente no meio de mudanças.

SR. GREEN: Bem, vou tentar aproximar-me disso. Tentar que saia mais facilmente, achas?

MAX: É um bocado complicado, não é, Sr. Green?

SR. GREEN: Oh, sim. Temos de manter todo o trabalho que estamos a fazer lá em baixo. E deveríamos tentar fazer muito mais aqui em cima, se pudermos.

MAX: Bem, se há um plano, eu não deveria apressá-lo, pois não? Não. Poderia arrepender-me, sabes. Sim. É o que eu sinto. Verás. Acho que o trabalho é entre nós. Sim. Mas não tenho de ser eu, afinal de contas. Devo

fazer o que posso. Bem, tentaremos fazer tanto trabalho quanto pudermos. Obrigado, Sr. Hudson. Estás bem aí. Sim. Isso é gentil da tua parte. Oh, é verdade. Parabéns. Isto é bastante agradável. Os pacientes fazem-nos isto. Portanto, fiz bons negócios ali. Sim. Pensaria duas vezes sobre isso. Sim. Sim. Sim.

Achais que deveríamos fazer muito mais com a irmandade da igreja do que fazemos? Santo Deus. Irmandade da igreja. Onde está a irmandade, primeiro que tudo?

PARTICIPANTE: Oh, fico contente por teres dito isso.

MAX: Bem, é uma questão delicada, não é? Sim. É. O que eu percebo disso é que há muito para lhes incutir. Sim, há. Sim. Eles não parecem concordar bem entre si. Claro que não. É disso que tenho falado. Aqueles seres humanos que têm as suas ideias particulares e coisas nos livros, muitos deles são muito dogmáticos. Receio que tenham um longo caminho a percorrer antes de conseguirem uma união real e mudarem todas as suas visões e fazerem algumas concessões. A igreja parece estar a passar por um período bastante mau. Pelo que percebo, a crítica é justa. Sim. Bem, terá de vir mais cedo ou mais tarde.

Terá de haver grandes mudanças na igreja. Para que ela realmente faça algo para despertar esta verdade, esta perceção, este conhecimento, esta tremenda experiência, que é o fundamento desse ensinamento — percebê-lo, ser capaz de o aceitar e de o reivindicar. Depende de nós se for verdade. Aquilo sobre as artes, Sr. Fong, sobre o Dr. Wrang, é um exemplo do que reivindicas, Ralph. Pode ser que isso realmente desperte uma das pontas. Bem, esperemos que sim.

Acho que em certos setores pode ser, mas ainda há uma oposição tremenda, há uma barreira tremenda da igreja em relação a isto. Acho que eles têm medo. Pode haver uns poucos aqui e ali, almas de mente aberta que são muito genuínas no seu ensinamento, mas a vasta maioria morreu na guerra, especialmente a geração mais velha. É para a geração mais nova que olhamos. Na maioria, como os outros, temos grandes problemas. Mas eles morreram na guerra pelas gerações mais velhas.

REV. JOHN MATHESON: Sr. Nelson, como se sentiu quando falou com eles? Quais foram as suas reações? Bem, não sei. Faz-me tal pergunta. Acho que a minha reação foi de maravilhamento. Fiquei surpreendido. Acho

que é o facto de ter estado cego por tanto tempo que me deu uma perceção muito forte das coisas. Acho que os cegos têm algo, talvez, que lhes é retirado de uma forma hipersensível. O étnico e o livre de rótulos, que possivelmente a vasta maioria das pessoas que têm visão não vê; mas acho que eu era, num sentido, muito do mundo. Estava muito consciente do propósito, e fui muito elevado para os reinos do espírito. E, bem, tenho a certeza absoluta de que, quando cheguei aqui pela primeira vez, não foi exatamente uma surpresa.

Suponho que, num sentido, foi muito importante, porque quando percebi que já não tinha a "equidade" [limitação] para fazer uma equidade com o corpo que tinha, há um sentimento de ter perdido o peso e a carga, e de ser capaz de ver, ver nos estados mais plenos. Tudo parecia ser muito tangível, muito real. Não houve nada daquela experiência brusca de se estar descolado. Não houve nada deste sentimento de estar num mundo de sonho, que tantas pessoas têm quando chegam aqui pela primeira vez. Tanta gente pensa que vai acordar, como se estivesse num estado de sonho, e experienciar a rotina comum da vida na Terra outra vez. Comigo, sem ter medo disso, acho que estava muito consciente do facto de estar neste novo mundo; num sentido, não era um mundo muito novo para mim.

Há muito que estava consciente dele dentro da minha própria alma interior. Tornei-me muito consciente da realidade deste mundo, e da sublimidade dele também. Não houve nada daquela atmosfera "água-com-açúcar" que algumas pessoas podem ter sentido nesta experiência. Essa é a fraqueza dentro do mundo. É um mundo no qual eu já tinha desempenhado algum papel durante algum tempo. Suponho que seja, de certa forma. Eu já estava a viver neste mundo antes de deixar a Terra. Acho que passei muito tempo mental e espiritualmente assim. Não estou a sugerir com isso que eu fosse essencialmente, ou necessariamente, uma pessoa tão espiritual na capacidade do meu trabalho.

Mas a igreja, a doutrina da igreja... eu tinha percebido que tinha visões da verdade. Acho que, sem aparecer em livros publicados, eu estava mais coordenado do que muitos dos meus contemporâneos. Costumava ouvir provavelmente o que não percebia na altura ser inspiracional, no sentido de que era como uma escrita [automática]. Costumava receber imensas impressões, muita inspiração. Escrevi um hino simples, que não significaria muito. Sem dúvida não teria sido o meu melhor, creio.

Não, acho que, no que me dizia respeito, não houve nada de muito estranho em partir. Acho que já tinha apreciado as possibilidades e a perceção que me veio depois. Foi algo natural. Não houve bizarrice ou estranheza ou o sentimento de que estava numa espécie de "viagem grátis". Foi uma reação normal a tudo o que veio. Estive na Escócia por muitos anos, claro. Depois mudei-me um pouco. Sem dúvida, se quiseres aprofundar isto, podes investigar tudo. Podes descobrir.

Não vou fazer nada depois disto. O ponto central é que muitas pessoas do vosso lado que professam estar interessadas, mesmo neste assunto, quando se chega a certas coisas, não estão prontas para receber. Suponho que a pessoa média que vai a uma reunião entende que, se receber certas provas pessoais dos seus familiares, isso é o máximo onde chegam. Acho que tudo se baseia neste nível único. Tão poucos estão preparados para ir mais longe e tentar descobrir mais. Certamente muito poucos estão interessados nisto. Muito poucos estão preocupados com filosofia. Muito poucos estão preocupados com o que poderiam receber para os ajudar a tornarem-se melhores homens ou mulheres. A maioria está demasiado preocupada com aquilo [provas materiais].

Parece-me que esse é um fator predominante no movimento espiritualista, tanto quanto é desse lado. Eu não compreendo. Se deres algo que seja uma mensagem para o sacerdócio da igreja — e não hesites perante o sacerdócio da igreja —, uma mensagem direta para eles, se possível, fá-lo-ias? Se pudesses. Oh, credo. Diz-lhes algo sobre ti, e o que eles próprios encontrarão, e uma mensagem que os faça pensar, percebes. Seria uma grande ajuda se pudéssemos fazer isso? Farias isso? Suponho que sim.

Não posso deixar de pensar nestas pessoas como bem-intencionadas, sinceras na sua própria paixão, esforçando-se por encontrar aspetos da verdade, e no entanto, com medo, ao mesmo tempo, de aceitar muito do que tentamos dizer-lhes. Receio que, até que se tornem mais dispostos a receber sem preconceito, até ao momento em que se consigam libertar de muito deste dogma, que os prendeu por tanto tempo... A história comigo é que as verdades fundamentais da igreja, os ensinamentos de Cristo, todos estão focados, e no entanto, eles têm medo, muitos deles, de ir mais longe; e se qualquer coisa for dita por qualquer um de nós que, de alguma forma, seja oposta à sua própria ideia, ou dogma ou ensinamento, eles descartá-la-ão imediatamente.

Por outras palavras, supõe-se que nos conformemos a um padrão para lhes agradar. Tem sido para mim, ao que parece, a coisa mais difícil de todas. Espera-se que digamos o tipo de coisas que eles antecipam que deveríamos dizer, que defendamos o tipo de coisas que eles prezam, que nos conformemos a todo o dogma e ao credo que eles defendem, que nos limitemos a uma certa esfera.

Receio que não possamos fazer isto, e acho que esse é o principal problema, porque não podemos fazer isso a menos que tenhamos experiência; e ao dizer que temos conhecimento e experiência, então ou esperam que não o digamos, ou dizem que somos personificadores, ou que há algo de errado com a mediunidade, porque encontrarão sempre desculpas para fingir a verdade, se esta não se conformar à sua própria ideia. É a tragédia de todo o movimento, parece-me: o facto de as pessoas escolherem inconscientemente aquilo que querem aceitar. Por outras palavras, o que estão dispostas a aceitar.

Para a vasta maioria, receio que, embora isso não seja necessariamente o nosso caminho — a menos que, claro, lhes façamos as vontades, e sabe Deus o que eu posso fazer com isso. Algumas destas pessoas têm sido "mimadas" por certos "assaltantes" [médiuns ou espíritos inferiores], o que certamente não me parece muito progressivo. E certamente não pretendo juntar-me a esse bando medíocre. Portanto, mais uma vez, eles têm de aceitar a verdade, quer gostem quer não. Dizem que querem a verdade, mas quando lhes damos a verdade, rejeitam-na porque não se conforma à sua própria ideia. Isso choca com o que eles próprios têm ensinado há tanto tempo.

E então, claro, dizem: "bem, isto simplesmente não pode ser, porque nenhum cristão do outro lado diria isto e aquilo". Mas, sendo assim, supõe-se que nos conformemos a uma materialidade estreita, quando vemos a realidade? Estamos fora do tempo e do espaço. Estamos fora da estreiteza e dos limites da mente humana. Vimos a iluminação, e vimos a progressão e a consequência. E claro que desistimos [das velhas ideias]. Claro que pensamos de forma diferente. Claro que fomos além dos limites estreitos dos seus credos e governos. Temos Cristo em alguns estados, mas eles não percebem que é assim. Eles preocupam-se tanto com o egoísmo, com a impotência, não é? Não devemos pensar no Cristo como alguma pessoa mística que está distante. Cristo é aquele que sofre conforme o mundo sofre na vida, aquele que veio ao mundo com uma missão, que é importante, e de facto que mudou a perspetiva da humanidade.

E desde então o homem tem suportado um desenvolvimento muito mal-sucedido; poder-se-ia acrescentar muito a isto, poder-se-ia seguir por vários caminhos, e poder-se-ia dizer... mas não haveria sentido nisso, visto que é tão bem sabido que qualquer igreja, ou qualquer homem — quer fosse um homem, qualquer cristão — que goste de pensar profundamente sobre o seu céu, que não experiente muito, saberá que isto é verdade: que a igreja criou uma grande dose de incerteza na mente. Ao mesmo tempo, pessoas individuais fizeram um grande bem, e alcançaram grandes coisas.

O Cristo Interior e a Ilusão do Dogma

O poder do Cristo interior torna todas as coisas possíveis. Mas assim que o homem percebe o que o Cristianismo realmente é, o que realmente significa... porque nós sabemos que somos Cristãos, nós publicamos, promovemos o progresso Cristão individualmente; mas, coletivamente, todos sabemos que o conceito de Cristo que um número avançado de Cristãos possui é muito incorreto. Devemos perceber que Cristo nasceu no mundo com este propósito: tornar-se um grande mestre, um grande profeta, mostrar o caminho de volta a Deus, ser um exemplo para que nos tornássemos como Ele e, em consequência, herdássemos o reino de Deus.

Todos os homens herdam o reino de Deus. É verdade que alguns herdam o reino de Deus que, para a escala muito maior da evolução, faz tudo parte do mundo de Deus, tudo parte do planeta de Deus. Se ao menos nos esforçássemos para nos tornarmos algo parecido com Cristo, então, claro, teríamos uma oportunidade maior na nossa vida de fazer as coisas que Cristo fez.

Deveríamos fazê-lo; se as nossas vidas fossem moldadas pelo padrão de Cristo, seríamos obviamente muito diferentes uns dos outros, e o mundo inteiro, em consequência, estaria unido, e não haveria os males no mundo, não haveria as guerras, os problemas, a doença. Muito do que é mau no mundo poderia ser removido assim que as pessoas percebessem o que Cristo realmente pretendia, o que elas deveriam ser, o que deveriam tornar-se. Já está escrito.

Ninguém, ninguém carece do poder do Espírito, que é ensinado no interior. Existe o poder da humanidade que vive. Nós também somos chamados de mortos. Qualquer pessoa pode ser, não apenas seguidora de Cristo, mas pode ser, num sentido, o próprio Cristo. Não é uma coisa

impossível de alcançar. Significa sacrifício, e quão poucas pessoas estão preparadas para se sacrificarem a fim de mudar o mundo real.

Muito poucas pessoas se sacrificam, estão preparadas para se sacrificar, estão preparadas para se abnegar. Aqui e ali veem-se algumas, e frequentemente são as pessoas mais humildes, o que de certa forma não surpreende, porque parecem ser as que mais alcançaram. Raramente são aqueles que possuem muitos dos bens do mundo que fazem muito de forma espiritual e, de facto, muitos dos que ascendem a lugares mais altos carecem de espiritualidade.

Mergulharam no materialismo e, com frequência, aproximam-se dos píncaros por causa da sua abordagem e atitude materialistas. Sabes, na tua vida, aqueles que alcançariam os píncaros espiritualmente, invariavelmente, podem ter pouco materialismo. Sois todos os grandes profetas, todos os grandes mestres, e não estamos preocupados com coisas de templos e coisas espirituais; o poder da igreja parece-me residir não tanto no seu poder espiritual, mas no seu poder material e, por sua vez, aqueles que buscam e buscam de forma pura podem perceber mais plenamente que é na humildade da sua abordagem que encontrarão a verdade.

É muito bom vir perguntar quando a tua mente já está decidida quanto ao que vais receber ou ao que queres receber, mas deves ter cuidado com o que queres que isso seja. Por outras palavras, se queres que escrevamos um livro, podes dar-nos as frases e as palavras, dar-nos os intérpretes, nós vamos escrevê-lo — o que é no interesse do livro ou de qualquer reator — e dizer: "agora, confirma tudo isto e constrói uma estátua com pedras de grande integridade e espiritualidade". Mas a vasta maioria destes indivíduos, embora possam estar na sua própria paixão, apenas se preocupam em provar que o que pensam está certo. Assim que se aproximam de nós, conforme nos ligamos à mente, não podemos fazer muito por eles.

Assim que são capazes de rejeitar certas coisas que lhes parecem repugnantes, não podemos ajudá-los muito se vêm até nós com mentes fechadas, com ideias fixas, que supõe-se que devamos apoiar para acabar com outros no seu caminho. Compreendo que tenhas dor desse lado, mas pergunto: todos os padres têm uma dor e os outros não? É assim? Não exatamente. Acho que isso é apenas parcialmente verdade.

O que penso que provavelmente se tentou fazer foi pegar em certas coisas de visão muito estreita de grupos de indivíduos que se agarram muito fortemente a certos ideais, ideias, que vivem em certos planos e têm o seu próprio modo de vida e que, devido ao seu fervor ou crença intensa, são perfeitamente cegos para qualquer outra coisa. Poderia ser um pouco como no teu mundo: pegas em quatro blocos de luzes quadrados, fazes uma teoria de alguns, e eles não são os únicos, existem muitos outros. Eles continuam preocupados com as suas próprias ideias sobre a vida e não ouvem mais nada.

Em consequência, constroem um pequeno mundo próprio; o intelecto, a vibração e as condições são deles mesmos. E são provavelmente as pessoas mais — aliás, eu concordo aqui e proclamo isto — as pessoas mais difíceis de ajudar são aquelas de mente religiosa convicta. Mesmo um homem cuja mente esteja aberta, com os "batentes" (*knock-knockers*) de fora, nós podemos ajudá-lo, podemos alcançá-lo, podemos falar com ele, podemos raciocinar com ele.

Mas quando temos pessoas cujas mentes já estão bem decididas, que têm visões fortes e estão certas das suas opiniões, se dissermos que o que elas dizem está certo, então estamos bem aos olhos delas. Essa é a tragédia de tantas destas pessoas. Elas apenas aceitarão o que venha através de nós e confirme o que já acreditam. E há muito que temos para dizer, e dizemos, que não confirmará o que elas aceitam. Não as mudem de forma alguma. Estou certo de que elas têm de se libertar a si mesmas.

Muitas pessoas já veem as ideias nos seus sapatos. Sr. Nelson, pessoas como freiras e monges — e estou a falar dos mais explosivos — que se isolam do mundo... agora suponho que queiram isolar-se no outro lado também, não é? O respeito do Sr. Nelson poderia aplicar-se, mas não necessariamente a todos os seres humanos porque, embora eu pessoalmente, de um modo geral, não acredite em pessoas isoladas para uma vida religiosa — porque para mim parece que estão a evitar todos os problemas fundamentais da vida, estão a virar as costas à tentação e é mais provável que levem uma experiência que está num ponto total das suas vidas em que deveríeis dar um contributo para a melhorar e para ajudar. Portanto, obviamente, não concordo com conventos, mosteiros ou estátuas.

Mas existe, claro, excecionalmente, sem possivelmente o perceberem primeiro, começado a, através da sua oração e meditação, até certo ponto, das coisas materiais, toda esta tralha, e alcançaram certos píncaros de sustentação, que alguns deles se tornaram de facto os médiuns estudantes; mas, na verdade,

há muito mediunismo que acontece, sobre o qual a Igreja Católica provavelmente faz muito pouco. Penso que em alguns destes mosteiros acontecem muitas experiências psíquicas, experiências elevadas. Mas acho, de um modo geral, que não é uma condição ideal, porque existe, claro, feito por ferramentas minúsculas que podes obter... claro, podes obter aquelas freiras, podes obter padres, como sabes, que terias de trabalhar por vezes durante muitos anos num lugar assombrado.

E, claro, eles podem reunir algumas das comunidades aqui, e não é difícil. Vês, não podemos, num sentido, generalizar, porque os indivíduos diferem; portanto, até indivíduos num mosteiro ficariam surpreendidos com o que está num mosteiro ou numa galeria, como existe uma confusão e como existem grandes diferenças de opinião, e pressão é exercida por uns contra os outros. Não creio que porque as pessoas se isolam, ou se afastam, destes lugares para além do desconhecimento.

Como é o mundo em que vives? Podes contar-nos um pouco sobre ele? Bem, estou certo de que muitas pessoas tentam contar-te coisas diferentes e nunca ouvidas. A realidade é que a nossa vida, claro, aí depende novamente de que esfera ou condição de vida vens. É por isso que podes receber opiniões diferentes, ideias diferentes, porque algumas pessoas vêm de uma esfera e dão-te um quadro diferente de outra.

Mas a esfera em que existo é, em muitos aspetos, não muito diferente da terra, na sua natureza jovial. Temos as paisagens mais belas, os arredores naturais mais belos, flores, pássaros, árvores — todas estas coisas já ouviste antes, mas muito mais belas do que qualquer coisa que conheças, e certamente muito mais variadas. Casas de todos os tipos, creio que casas de todos os géneros de arquitetura, de todos os períodos, de todas as formas e tamanhos, de todos os indivíduos que as constroem e nelas vivem.

E a realidade é que é um misto de coisas. Quero dizer, não deves pensar que os tempos não são reais, que eles estão no barco daqui, que não têm substância. Este é um mundo muito substancial, porque estamos através da nossa vida a criar harmonia com ele, e as consequências são substanciais, e tudo nele é real. Não é distorcido. Há algumas pessoas que tratam o chamado etéreo, claro, sendo um etéreo pesado, se preferires — sim, certamente alguns dos edifícios e casos parecem maioritariamente etéreos, e alguns daqueles construídos nos planos superiores têm um aspeto de beleza transparente e, no entanto, existe, claro, a realidade da solidez. As coberturas, claro, estão além

da descrição. As coberturas são tão distantes quando sabes que as coberturas são tremendas na sua escala e alcance. Vi coberturas aqui que não conseguiria sequer começar a descrever. Há uma radiância em tudo aqui, uma radiância nas pessoas também, que, claro, afinal de contas, é o que faz o lugar, o que cria o lugar.

Afinal de contas, os edifícios são eles mesmos. Não teríamos realidade de vida se não fosse pelas pessoas que radiam de si mesmas e são criadas ao mesmo tempo. Muitos destes edifícios são construídos e construídos por amor e por esforço. Não deves pensar que tudo simplesmente acontece se quiseres. É verdade que existe uma forma de vida onde, digamos, a inspiração torna isso possível do ponto de vista da experiência. Há sempre uma diferença entre certas fases de emoção ou certos planos de emoção.

Existem estes planos de esferas onde tens uma espécie de força de pensamento ou poder de pensamento que cria, mas num sentido é uma ilusão. As pessoas passam por isto frequentemente nas fases iniciais de progressão. Vivem num mundo de pensamento. Não gostaria de te descrever o que é a emoção, por isso é técnico. Descrevê-la-ia apenas como um estado progressivo que é útil, mas não é a realidade que ainda estou por alcançar ou ver ou qualquer coisa numa escala de realidade. Acho que cada condição de vida é diferente para as pessoas que sofrem.

Cada um entra numa condição de vida que separa os sutras e, num sentido, vivem por um tempo — e por esse tempo em que os seus olhos começam a progredir a máquina — num estado de evolução ou num estado de desejo fervoroso de vida (*wishful thinking*). É muito difícil explicar isto porque deves lembrar-te que estamos a pensar em incontáveis milhões de pessoas, todas vindas da escuridão e em variados estágios de evolução e desenvolvimento, e um é naturalmente um e outro naturalmente outro. Mas a minha própria esfera é a realidade.

E, claro, conforme progresso e mergulho um pouco mais fundo nesta esfera, mudo-me para uma nova esfera e é assim que é. Passas de estágio em estágio, de passo em passo, evolução o tempo todo. Isso é a vida eterna. Se estivéssemos parados, não poderíamos ser. Quero dizer, deixaríamos de existir. Estaríamos quase a progredir. Talvez seja lento. Mal percebemos, mas é lento. Estamos o tempo todo a mudar.

É por isso que às vezes, quando voltamos, precisamos da vossa ajuda e, particularmente, do estado de espírito de tantas pessoas que progridem para... bem, progridem para serem consideradas Cristãs no seu trabalho. Parece-me que, embora sejam Cristãs no seu estado, a sua atitude e a sua experiência são tão, tão pequenas que não parecem estar a progredir muito neste estado de imobilidade onde as mentes estão fechadas. Não estão preparadas para aceitar nada que choque com as suas crenças — crenças religiosas — e as suas crenças religiosas... e a sua fé é desesperadamente tola. De certa forma, devo ir, mas noutra altura discutiremos isto mais profundamente; mas não esperes que algumas das tuas gravações sejam muito aceitáveis para os nossos irmãos, mas não te preocupes com isso por enquanto. Muito obrigado. Obrigado. Adeus. Cuidem-se todos.

Notas:

- *A Cegueira e a Perceção: Matheson menciona que a sua cegueira na Terra (ele era cego) lhe permitiu desenvolver uma sensibilidade interior que tornou a transição para o mundo espiritual muito natural. Ele "já vivia nesse mundo" antes de morrer.*

- *A Crítica ao Espiritualismo e à Igreja: Matheson é igualmente crítico em relação a ambos. Critica os espiritualistas que apenas buscam "provas materiais" dos familiares e critica a Igreja por querer que os espíritos confirmem os seus dogmas pré-estabelecidos.*

- *Cristo enquanto Realidade Viva: Ele afasta a imagem do Cristo "místico e distante", apresentando-O como uma força que sofre com a humanidade e cuja missão original foi obscurecida por séculos de dogmas institucionais.*

- *O Desafio da Verdade: A mensagem central é que a verdade não deve conformar-se aos nossos desejos ou crenças anteriores. A verdadeira progressão exige o abandono das "algemas" dogmáticas.*

- *Tratamento: O tratamento por "tu" entre o guia Max e os PARTICIPANTEs mantém o tom de orientação fraternal e direta desta sessão.*

- *A Evolução Contínua: O comunicante enfatiza que a vida espiritual não é estática. A estagnação (parar de progredir) equivale a deixar de existir.*

A evolução é descrita como um mergulho constante em esferas cada vez mais profundas de realidade.

- *O Perigo da Mente Religiosa: Um dos pontos mais fortes é a afirmação de que as pessoas mais difíceis de ajudar no outro lado são as que têm mentes religiosas fechadas. O apego ao dogma cria um "mundo próprio" isolado da realidade maior.*

- *A Crítica ao Isolamento: Ao contrário de certas tradições que glorificam a vida monástica, o espírito argumenta que isolar-se do mundo é evitar as lições fundamentais da vida e da tentação, que são necessárias para o crescimento.*

- *Arquitetura e Radiância: A descrição do mundo espiritual reforça que a solidez e a beleza das construções (casas e cidades) dependem diretamente da radiância e do amor das pessoas que nelas habitam.*

JOHN MCCORMACK

A MECÂNICA DA COMUNICAÇÃO E A VISÃO DO ESPÍRITO

Esta comunicação de John McCormack, o célebre tenor irlandês, gravada a 4 de março de 1974, oferece uma perspetiva técnica e profunda sobre o processo de comunicação mediúnica e a perceção do espírito em relação à matéria. McCormack, conhecido pela sua dicção perfeita em vida, mantém essa clareza ao explicar como os espíritos "veem" os vivos e as dificuldades de utilizar um "aparelho vocal artificial" no Além.

JOHN MCCORMACK: Isto também eu gravei a 4 de março de 1974, residência mediúnica. Como de costume, bastantes pessoas. É extraordinário o modo como vós todos pareceis atrair tanta gente. Deve ser agradável, de certa forma; é compreensível, porque tendes um círculo. Tendes estado profundamente imersos, como lhe chamais, há tantos anos no assunto. Tendes tantos amigos deste lado. É sempre divertido. Bem, não sei. Sempre que vocês os dois vêm, é bastante divertido.

É realmente muito trabalho para ti, Vicky. Bem, de certa forma poder-se-ia dizer que sim, e de outra forma, não. Invariavelmente, as pessoas que estão estreitamente associadas convosco são as que se chegam à frente. E eu penso que — se vos dais conta disto ou não, não sei —, sei que estais sentados para

fenómenos físicos e vozes, como lhes chamamos. Mas penso que deveis fazer, talvez sem o perceberdes, uma certa quantidade de resgate.

VICKY: Oh, sim.

JOHN MCCORMACK: Penso que as pessoas têm sido trazidas ao vosso livro para esclarecimento e ajuda.

VICKY: Oh, sim, fazemo-lo, sim.

JOHN MCCORMACK: Bem, tudo o que posso dizer é que o círculo de cada um merece sucesso; o vosso merece.

VICKY: Muito obrigada.

JOHN MCCORMACK: Não se encontra frequentemente um círculo que seja tão dedicado.

VICKY: Bem, é o ponto alto da semana para cada um de nós, não é?

JOHN MCCORMACK: Sim, bem, isto é interessante. Penso que a vossa abordagem e a vossa atitude, e o círculo de uma forma geral, num sentido, é ideal. Não existem muitos círculos ideais.

VICKY: Compreendo, querido. Bem, estamos muito felizes por sermos úteis, na verdade.

JOHN MCCORMACK: Conhecerias alguém com um nome estranho como Carrie? Carrie. Ouve, estou a trazer várias pessoas. Está aqui a Carrie. Deste lado? Sim, nesta senhora aqui chamada Carrie Tubbs.

VICKY: Oh, sim, ela é uma cantora muito famosa, mas ainda está deste lado [da vida].

JOHN MCCORMACK: Ela está, acreditamos, deste lado. Espera um momento, posso estar a confundir tudo. Sim, receio que sim. É um pouco corpulenta. Bem, ela não é realmente corpulenta agora, mas... Sim, sim. Olá. Olá. Sim, sim. Olá. Olá. Sim, sim, conseguimos ouvir-te, em todo o lado. Sim. Muito prestável. Sim, sim. Sinto muito. Não faças, não faças, não faças. Perco a conta. Tudo bem, tudo bem. Obrigado por toda a alegria que nos deste. Oh, tenho muitas pessoas aqui hoje que têm estado muito interessadas em tudo o que acontece. Sim, sim. Têm tido conhecimento do assunto. Oh, sim, sim. Receio. Sim, sim, muito bem. Sim, é muito interessante.

Como sempre, a tua dicção é perfeita.

JOHN MCCORMACK: A minha dicção?

VICKY: Sim.

JOHN MCCORMACK: Oh, é muito gentil da tua parte dizer isso.

VICKY: Dizemos sempre quando ouvimos os teus discos: "ouçam só isto, consegue-se ouvir cada palavra".

JOHN MCCORMACK: Sim. Mas desde que estou aqui, continuei com o meu canto. Sim. Sabes, dever-se-ia ainda ser capaz, nalguns aspetos, de mudar ideias vagas sobre o que aconteceu. Sim, sim. Após a morte — isto se houvesse alguma coisa, sabes. Sim, sim. Receio que nunca tive a minha... viver era o meu principal interesse. Sim, sim. Receio que não morrer. Sim. Eu parti, mas não para tão longe. Não, sim. Não, no.

A Kimberley Rumford está aqui. Kimberley Rumford! Precisas que digamos quem está com ela. Sim, sim. Penso que o médium a ouviu cantar. Ouviu-a cantar. Oh, ele é tão... E ela também. Sim, tens razão. Estávamos todos a dormir. Madame Carras. Sim, sim. Muito contente por ela que... Sim, sabe-se que a voz não é... Sim, sim. Não, não. E um reflexo disso... Não, nunca nos conhecemos. Claro que não. A tua esposa. Conheceste a tua esposa. Sim. Sim. Ela está contigo agora, não está? Sim. Sim. É um prodígio, não é? Foi muito surreal. Sim. E muito silencioso. Sim. E claro... Sim, de facto. Tive realmente de me ajustar. Sim. Em muitos sentidos, tive de refletir. Sim. Tens um grande número de, penso que possivelmente das pessoas... Sim... de pessoas que têm preconceitos, ideias que algumas pessoas têm... e sentimentos e palavras sombrias... Sim... e sentimentos fortes. Penso que possivelmente o maior... Sim... não aceita nada em particular, mas está disposto a aprender se possível. Sim, exatamente. Por isso, isto não é tanto... Sim.

Consegues ouvir o que digo? Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Acho que é isto que te acontece. Sim, acho que sim. E estou a falar contigo, na verdade. Sim, acho que é isto. Penso que todo este autointeresse, caso contrário, tens de ser capaz de manipular, mas não o fazes no sentido de que manipularias ao tentar transmitir dizendo algo. Não, não faço. Mas como estás a fazer isso automaticamente, espontaneamente... quando estás na terra, é tão espontâneo que nem sequer estás realmente consciente do mecanismo.

Aqui tens de estar, até certo ponto, numa primeira instância, consciente do mecanismo. Digo que tens de estar consciente dele, mas tens de concentrar os teus pensamentos até um certo ponto em que quase automaticamente eles responderão. Por outras palavras, é como, tudo ao mesmo tempo, tentar pensar clara e decisivamente no que queres transmitir, mas ao mesmo tempo perceber que é manipulado também pelo teu processo de pensamento; e também pensar ao mesmo tempo no que desejas transmitir, especialmente se quiseres certificar a tua existência anterior e transmitir factos.

E, claro, o tempo é também um grande problema. Enquanto falo contigo, estou consciente, e no entanto, quando estou longe da manifestação de comunicação desta forma, o tempo parece não ter relevância, nem significado, e não estamos conscientes no sentido em que estou consciente quando estou em contacto. Sim, sim, sim. Sim, é apenas... estás a voltar para uma dimensão à qual, sabes, tens de te ajustar, e é muito estranho. Gradualmente, torna-se cada vez mais fabuloso, e torna-se mais natural aqui. Sim, sim.

Nós descobrimos que as pessoas do teatro, ou do mundo da música — quero dizer, é o que sinto — e que usam a forma artística, seja ela qual for, penso que possivelmente cantores e atores são os que possivelmente têm melhor comunicação. Falando contigo, posso... é uma coisa estranha, estou meio consciente e ciente de outras pessoas na sala enquanto falo contigo, mas não estou no mesmo comprimento de onda de vibração, ou como lhe queiras chamar, que não as consigo ver claramente; e no entanto, assim que tu te tornas menos distinta, ficas desfocada, passas a fazer menos parte dos procedimentos. Sim, sim, sim.

Assim que entro nisto, ou acumulação, compreendo, é o tempo todo; assim que se torna estável, então parece que estás nisto, ou fazes parte disto. Sim, sim, é muito interessante. Percebo agora, poderia ser de uma forma particular, e eles aprendem muito mais sobre si mesmos, vocalmente. Suponho que seria um negócio muito complicado para ti projetar um cantor. Poderia ser num nível diferente, creio que este é o problema que vês.

A caixa de voz [laringe] é artificial, não é uma caixa de voz natural, não é como os órgãos vocais naturais de uma pessoa dentro do seu próprio corpo físico, na mesma condição. Por outras palavras, o que teríamos de fazer... a fala não é tão má em si, mas utilizar esta laringe artificial e órgãos vocais para cantar seria uma coisa muito mais difícil de alcançar. Não digo que seja impossível, acho que é possível. Seria muito mais complicado no meu próprio

ambiente, isso é outra questão, porque aqui eu estaria a cantar ou a falar sob condições naturais, normais, utilizando os meus próprios órgãos vocais.

Vês, os nossos corpos aqui são uma réplica, perfeita em cada detalhe, do corpo material físico de uma pessoa. E temos um assunto raro, um assunto raro, e as pessoas não sabem; penso que o homem descobrirá imenso, e aprenderá imenso, e os seus olhos serão abertos como nunca foram antes na história do homem, em relação ao material. Ele começará a assimilar o conhecimento e a experiência de estar "morto", porque em redor de toda a terra, em diferentes níveis, existem muitos mundos. Sim. Mas porque o homem está ele próprio num nível inteiramente diferente, mesmo que possa estar no que chamas uma nave espacial, que pode ser sólida — e é sólida —, no entanto isso não altera o facto de ser de um grau inferior, não tão altamente desenvolvido ou tecnicamente aperfeiçoado para ser capaz de afetar o mundo ou mundos exteriores, na atmosfera.

Por exemplo, quando venho até ti, posso atravessar uma porta, posso atravessar uma parede, e não estou, num sentido, realmente consciente disso; e não é bem verdade dizer que não estou consciente disso porque, enquanto falo contigo, estou consciente de estares aí sentada, e das cadeiras onde estais sentados, e da parede, e das portas; estou consciente deles, mas eles não têm validade para mim, não têm efeito no sentido em que estou ciente deles no processo mental do pensamento, mas no físico — se posso usar a expressão — eles não constituem barreira física. Não, não me sinto nada assim.

Vês, eu vejo-te, num sentido, dependendo do nível da minha consciência, ao pensar, ou comunicar, ou mesmo ao estar ligado a ti, como se pudesse ver-te como uma pessoa física, mas o aspeto físico de ti não é de todo tão intenso como o mental e o espiritual. Suponho que, de uma forma alternativa, o que estou realmente a ver é o teu corpo espiritual, mas até certo ponto posso ver a "concha", ou a cobertura exterior, que é a realidade para ti, mas não a realidade para mim. Sim, muito bem explicado.

Vês, eu consigo ver-te como és — se posso dizê-lo com toda a deferência e respeito, detesta-o — mas também te consigo ver jovem, muito vital, muito jovem. Vês, o espírito que aí está, que é o teu verdadeiro eu, que está encerrado no "caixão" [corpo], eu consigo ver a tua realidade de uma forma mais perfeita, de uma forma mais definida; e consigo ver o caixão que está a começar a mostrar sinais — se me permites dizê-lo com todo o respeito — de desgaste, e consigo dizer imediatamente — e suponho que é um preço

[surpresa] para a maioria das pessoas deste lado — nós conseguimos dizer o estado da saúde de uma pessoa, onde têm uma dor ou sofrimento, ou conseguimos dizer onde estão em desacordo com o seu eu mais profundo.

Conseguimos ver pelas outras combinações, isso é tudo em redor, em resumo, todos os variados fatores que te constituem; mas a realidade do "eu" é aquilo em que estamos a sintonizar, e este é um dos — de certa forma — um dos principais problemas na comunicação: que queremos muito alcançar-vos no nível mais elevado possível. E, claro, é isto que, num sentido, penso que a maioria das pessoas, se estiverem a investigar sinceramente e preocupadas com este assunto, também estão a tentar fazer: alcançar. E, claro, entre o alcançar e o ligar, existe esta massa física, não apenas do eu individual, do corpo físico e das suas limitações — ou o que parecem ser limitações, e talvez não tão limitadas quanto se possa pensar —, mas tendes também todos os múltiplos pensamentos e as múltiplas condições pertencentes ao vosso mundo.

É quase como quando tenho estado nas vossas reuniões — como estou aqui agora —, mas quando estive nas vossas reuniões no vosso apartamento, vi-o; e como gradualmente — não direi que te desintegras no sentido de... — é como se, de alguma forma, o aspeto físico do eu começasse a tornar-se menos sólido, ou menos real, e tu própria, e aqueles que se sentam contigo, parecem emergir; é a única forma, creio. Primeiro que tudo, por exemplo, é como olhar até certo ponto para ti como te vês ao espelho, mas conforme sintonizamos, e conforme nos aproximamos de ti — e isso é tocar no teu espírito, suponho —, o resto gradualmente torna-se cada vez menos sólido, cada vez menos real. É como se, de alguma forma estranha, o aspeto material do sagrado, ou o aspeto material do teu eu, começasse a desintegrar-se e se tornasse menos sólido, menos real, afetando menos o alcançar-te, ou o comunicar, ou o sintonizar contigo.

Vês, nós não sabemos — pelo menos aqui, num sentido, talvez nesta fase — sobre certos processos; pelo menos, se os pressentimos ou sentimos, não sabemos como retratá-los ou descrevê-los. E se tu, por exemplo, tiveres um cientista que venha deste lado da vida e tente dar-te uma explicação do que realmente se passa no sagrado, particularmente num sagrado físico como o vosso, penso que ele teria grande dificuldade em colocar em palavras certas coisas para as quais, francamente, não existem palavras. E é muito raro, especialmente nas nossas cidades, que certas coisas, apesar de todo o nosso conhecimento e do vosso conhecimento e experiência, tenham de ser aceites com fé.

Vês, este é outro aspeto das coisas. Penso que, embora possamos causar um impacto, embora possamos comunicar, embora possamos chegar até vós de muitas formas, e possamos dar-vos o que suponho que considerarias obviamente como uma evidência notável — que é suficiente para a maioria das pessoas inteligentes —, no entanto, não há dúvida de que existem certas coisas que não conseguimos retratar nem descrever plenamente, que não podem ser colocadas em palavras. Quero dizer, por exemplo, podes explicar certas coisas, mas há algo tão limitador nisto. Sinto que, enquanto estou, por exemplo, a falar contigo novamente em toda a confiança, tornando-me mais ciente, mais capaz de afirmar a minha personalidade, afirmar-me... isto é a afirmação de si próprio, e esquecer ao mesmo tempo o aspeto mais material do eu, a condição que é uma barreira dentro de si mesmo.

VICKY: Sim.

JOHN MCCORMACK: Gostaria de saber como dizer isto. Acho que estás a tornar as coisas muito difíceis. Na maior parte do tempo. Vês, este é outro aspeto, creio, que as pessoas deveriam perceber: quando estão a investigar, na maior parte do tempo é muito seguro, e ao sentarem-se com os médiuns, deveriam ser, claro, como tu és, muito recetivas.

VICKY: Sim.

JOHN MCCORMACK: Mas apanhas pessoas que são recetivas, claro, mas na sua ansiedade, suponho, de obter mais e mais provas, de tratar do seu próprio caso... Eu penso que deverias confiar no comunicador para dar a sua própria prova de afirmação da sua personalidade, afirmando tanto do seu eu real, e tentando transmitir na sua comunicação certas coisas factuais, que serão de natureza evidente. Deverias confiar que isto venha naturalmente, sem pressionar demasiado.

Vês, às vezes apanhas pessoas — parece-me — que, na sua ansiedade de receber provas do que é chamado sobrevivência, constroem uma barreira inconsciente por serem demasiado ansiosas e demasiado exigentes. Penso que isto é a pior coisa que se pode fazer para silenciá-los.

VICKY: Sim.

JOHN MCCORMACK: O ideal é permitir que o comunicador dê os seus próprios factos, ou provas, ou comunicação, nesta disponibilidade, e depois, mais tarde, dissecar tudo, se quiseres, e dizer: "bem, isto foi extremamente

bom", ou "aquilo não foi particularmente valioso", ou o que quer que seja. E, com certeza, conforme o comunicador se torna mais fluente na comunicação, mais assertivo na personalidade e obviamente mais capaz de conduzir uma conversa inteligente, então podes ocasionalmente perguntar algo desse género. Mas, mais uma vez, eu sugeriria que as pessoas fossem muito cuidadosas. Porque, sabes, nós entramos num... suponho que se possa dizer... num certo trilho. Sim.

Notas:

- *John McCormack (1884–1945): O lendário tenor irlandês demonstra que a personalidade e as competências (como a dicção) persistem. Ele explica que, no Além, continua a cantar, mas sob as "condições naturais" do seu corpo espiritual.*

- *O "Corpo Espiritual" vs. a "Concha": McCormack oferece uma descrição visual clara: ele vê o espírito vital (o eu real) e a "concha" física (o corpo denso). Para ele, o corpo espiritual é a verdadeira solidez, enquanto o corpo físico dos vivos lhe parece cada vez menos real à medida que a sintonização aumenta.*

- *A Laringe Artificial: Uma explicação técnica crucial sobre o fenómeno da "Voz Direta". O comunicante explica que não usa as suas cordas vocais espirituais para falar connosco, mas sim uma "caixa de voz artificial" (o ectoplasma moldado) criada na sessão, o que torna o ato de cantar extremamente difícil de realizar de forma perfeita.*

- *A Ansiedade como Barreira: O conselho final é de ordem prática para todos os investigadores: a ansiedade e a exigência excessiva de provas bloqueiam a fluidez da comunicação. A passividade recetiva é a chave para a melhor evidência.*

TIMOTHY

A TRANSIÇÃO DA ENFERMARIA PARA A CATEDRAL

Este registo de 1967, com a presença de Neil Mercer Flint e os PARTICIPANTEs Betty Green e George Woods, traz-nos a comunicação de um espírito chamado ***Timothy*** *Timothy descreve a sua transição de uma forma extraordinariamente visual, quase cinematográfica, oferecendo um*

vislumbre de como a consciência percebe a "passagem" no momento da morte.

MICKEY: 1967, Neil Mercer Flint. PARTICIPANTEs, Sra. Green e Sr. Woods. Muito obrigado. É Wood ou Woods? Como estás, George? Oh, muito bem, obrigado, Ricky. Bom. Muito bom ouvir-te aparecer. Onde vais passar o Natal? Que pergunta...

PARTICIPANTE: O que disseste, Ricky?

MICKEY: Onde vais passar o Natal? No mesmo sítio, exato. Vais? Olá. Suponho que ainda não seja agora. Não. Três meses. Três meses, sim. Que pergunta, Mary. Outra pergunta. Ah... Tu não tens Natal aí, pois não, Ricky? Não. Oh, bem, não tenho visto muitos cânticos de Natal. Isso é bom. Ainda bem que vieste a Nova Iorque. Bom dia. Muito bem, obrigado. Muito contente por teres aparecido. Anda lá, velho amigo. Consigo ouvir-te muito bem. Sim, amigo. Consigo ouvir-te. Sim, bem, bem, bem. Que horas são? Estávamos a falar no Natal? Hum. Olá? Olá. Sim? Tu tens a oportunidade de vir falar assim, vês? Eh? Sabes, vir espreitar e ver. Qual é o teu nome, por favor? Sou o Joe. Por que não? Olá. Olá. Olá. Não entendo muito disto, sabes.

TIMOTHY: Ouvi falar disto quando estava do vosso lado, mas nunca lhe dei muito crédito. Achei que poderia ser possível, mas achei que era melhor fazê-lo sozinho. Oh? Sim.

PARTICIPANTE: Bem, não podes vir falar connosco e dar-nos um sinal, então?

TIMOTHY: A minha irmã, ela estava muito interessada e costumava falar-me sobre isto, mas eu estava interessado mas um bocado assustado, suponho, sabes. Não estava assim tão ansioso por me meter nisso. A minha irmã, ela costumava dizer... costumava entrar em contacto com a mãe, sabes; e eu dizia: "bem, sabes, provavelmente tens razão, se tu o dizes, eu acredito", sabes. Mas ela estava sempre nas reuniões espíritas, estava sempre a receber mensagens da Mãe, porque vivíamos todos muito perto, éramos uma família muito unida, sabes. E a minha irmã, ela cuidou da Mãe até ao fim. Sabes, eu nunca me casei, vivia em casa, mas, entre nós, cuidámos da Mãe; o Pai partiu quando éramos bastante jovens. A Mãe era uma trabalhadora, a nossa favorita, mas, claro, estou com a minha irmã e a minha mãe agora. E já cá estamos todos, vês. O meu irmão mais novo, ele foi morto, oh, há muito tempo, deve ter sido lá atrás, em 1912, algo assim, foi morto por uma carrinha.

PARTICIPANTE: Oh, sim?

TIMOTHY: Sim. Bem, sabes, a minha mãe e a minha irmã... as melhores pessoas em toda a escola. O que é que a tua mãe fazia? Ela costumava falar-me sobre reuniões espiritualistas e eu pensava... bem, sabes, estou a falar contigo? Não sei bem o quê, nem sequer sei realmente porque é que cheguei aqui, mas cheguei. Quando paramos para pensar nisso. Como é que chegaste a ver a tua mãe? Ela era sempre a pessoa para isso, ela ainda anda pelas igrejas. Não sei o que é que ela lá faz, não vejo grande sentido nisso, não está lá ninguém. No que me diz respeito, eu gostaria de entrar em contacto com ela. Tanto quanto vejo, não há ninguém com quem ela queira entrar em contacto, mas ela tira um grande proveito disso, sabes. Ela é dada a frequentar as igrejas espiritualistas. Não sei, ela convenceu-me a vir aqui, falou-me sobre isto, sabes, de ser capaz de falar assim. Bem, isto está a funcionar, não está? Ouvi um pouco sobre ti através da minha irmã, ela sabe tudo o que se passa. Ela é despachada, sempre foi, sabes. A minha mãe estava interessada, costumava ter pequenas sessões, como lhes chamam, em casa. Costumavam sentar-se juntos com uma mesa, aquilo pregava-me cá um susto.

Eu nunca estive muito interessado nisso, tinha sempre um bocado de medo (*windy*), sempre tive. É por isso que nunca me casei, sabes. Acho que, olhando para trás, fui sempre do tipo calado, nunca de empurrar e tudo isso. Eu era bastante feliz. Tinha os meus próprios interesses e o meu próprio quarto, sabes, quando estávamos todos juntos, e não saía muito. Saía ocasionalmente, lá atrás há uns anos. Claro, tu sabes muito sobre isto, suponho, sendo assíduo nestas coisas. A minha irmã convenceu-me a vir aqui hoje. Ela disse: "vamos lá abaixo ver este negócio do rapaz", sabes, como ela lhe chamava. Eu disse: "bem, não estou assim tão interessado", mas ela convenceu-me.

PARTICIPANTE: Podes contar-nos as tuas reações quando te encontraste no outro lado?

TIMOTHY: Eu? Sim. Bem, suponho que de uma forma subconsciente, por causa do que a minha irmã me dizia... A minha mãe estava interessada e havia sempre livros espalhados sobre espíritos e toda essa sorte. E um ou dois deles, elas convenceram-me a ler. E suponho que, de certa forma, isso me ajudou quando passei para cá. Mas por outro lado, não sei se isso precisava de muita ajuda. Não quero parecer presunçoso, mas não sei. Levei uma vida bastante decente. Nunca saí para beber com os rapazes, não fumava e não

andava atrás de mulheres. E levei uma existência bastante feliz. E suponho que, subconscientemente, o que elas me disseram ajudou.

Oh não, quando passei para cá, a minha mãe estava à minha espera, na verdade. Lembro-me sempre da forma como... sabes, quando "passei", como lhe chamam, morri e tudo isso. Eu estava no hospital e, durante vários dias antes de morrer, a minha mãe estava constantemente ao meu lado. A minha irmã costumava vir visitar-me e eu contei-lhe. Eu disse: "sabes o que ela me disse sobre os espíritos e tudo isso... tu deves ter razão, porque tenho visto a minha mãe muitas vezes desde que estou aqui". E eu disse: "suponho que já era". Sabes, acho que eu sabia que já era. No fundo de mim, eu sabia que não aguentaria muito mais tempo. Mas a minha irmã nunca me contou a verdade. Mas eu percebi por mim próprio que não podia continuar, sabes. E claro que ela entrou [na transição], eu e a minha irmã, naturalmente. E claro que agora ela juntou-se a nós, estamos todos juntos.

Mas eu via muitas vezes a mãe de pé ao lado da cama, tal como a conhecia, sabes, nos velhos tempos. Só que parecia mais nova e, oh, tão viva. A Mãe aguentou-se mais ou menos até ao fim. Depois, de repente, teve um choro profundo, poder-se-ia dizer, e as coisas foram um bocado difíceis para ela. Mas oh, lembro-me sempre da morte da mãe. O seu papá perturbou-nos.

PARTICIPANTE: E o que fizeste quando te encontraste [do outro lado]?

TIMOTHY: Oh, eu simplesmente fui com a mãe. Ela diz: "anda lá, rapaz", diz ela, "já estás fora disso". Assim mesmo, sabes. Embora, na verdade, suponho que eu fosse apenas jovem, bem, 57 anos. E não estava assim tão ansioso por passar para cá. Mas enfim, a mãe encontrou-me e ela estava no hospital. Quando fiz esta operação, eu sabia muito bem que... bem, pensei que pudesse sair dela. Mas não tinha muita esperança. Algo que eu sabia cá dentro, no fundo, eu estava acabado (*done for*), sabes. Enfim, a mãe estava lá e disse: "anda lá, rapaz", disse ela, "estás fora disso". Então, simplesmente saímos a caminhar do hospital.

Lembro-me tão bem... a caminhar por aquela enfermaria e eu conseguia ver todos aqueles outros tipos, sabes. Um tipo ao meu lado tinha partido, oh, uns três ou quatro dias antes. Ele tinha a sua base em Fulham. E lembro--me de chegar ao fim da enfermaria e lá estava ele. Pensei: "bem, isto é estranho". Porque ele tinha morrido há três ou quatro dias. E então, de repente, deu-se o "clique" em mim, claro, sobre o que me tinham contado. A mãe estava lá

comigo e estava este tipo. Ele diz: "achei que viria encontrar-te porque sabia que estavas tão mal quanto eu". Ele diz: "não, tu estás fora disso". Ele diz: "tenho andado por esta enfermaria nos últimos três ou quatro dias". Ele diz: "não, acho que vou sair daqui". Diz ele: "não, está-se a pôr a raiva lá fora". Ele pergunta: "essa é a tua mãe?". Eu digo: "sim".

O engraçado é que eu conseguia ouvir-me a falar e ouvi-o a ele a falar. A minha mãe estava a sorrir e a falar. E pareceu que, de repente, ao sair da enfermaria do hospital e ao ir pelo corredor... pareceu-me que este corredor tinha mudado. Não me lembro de muito, é verdade. Mas parecia diferente. Parecia que estava iluminado e brilhante. E, de repente, pareceu que todo o lugar se tinha tornado abobadado como uma catedral. Que sensação estranha foi aquela, sabes, porque eu achava que o lugar era escuro e lúgubre quando entrei. E pensei: "bem, isso é provavelmente devido à minha condição, sabes, depressão e ir para o hospital e tudo isso". Tinha tinta verde escura e era tudo muito deprimente. E então foi quando eu estava a sair pela porta com a minha mãe e este rapazinho.

E pareceu que, de alguma forma, embora eu não os visse na altura, havia centenas de pessoas atrás de mim. E era uma sensação peculiar. Eu sentia-os, mas não os via. E conforme eu ia por este corredor, tudo pareceu mudar daquele corredor escuro e lúgubre. E foi como se se tornasse alto e abobadado como verias numa bela catedral. Mas em vez de ser deprimente como algumas catedrais agora, sabes, era tudo brilhante e colorido. E era tudo como se tivesse sido renovado, pintado e brilhante e iluminado. E, oh, era magnífico. E eu pensei: "bem, não sei". Estava a pensar para comigo: "isto é muito peculiar".

E então foi como se chegássemos ao fim deste longo corredor, por assim dizer, que se tinha transformado neste lugar lindo. E mesmo ao fundo estavam umas portas enormes. Mas estavam abertas. E eu conseguia ver o sol a brilhar lá fora. E pensei: "oh, estou fora de tudo isto", sabes. "É maravilhoso", sabes. "Já não há dores nem sofrimentos. Já não há estar deitado naquela cama. Já não há operações". Estava a pensar tudo isto. E a minha mãe estava a sorrir.

E eu conseguia ouvir música ao longe. Era maravilhoso. Era como uma catedral, sabes, sons maravilhosos. Mas não um órgão como tal. E, sim, havia o som de um órgão. Mas como se fosse uma grande orquestra. Era lindo. Não era lúgubre e enfadonho como música de igreja. Era tudo brilhante e alegre. Não jazz... não quero dizer isso. Mas uma sala maravilhosa. Som maravilhoso.

Enfim, fui com eles até ao fim. E estas portas, como digo, estavam abertas. E é como se eu estivesse a caminhar para a mais bela... bem, paisagem. E, no entanto, havia uma espécie de caminho ao sair pela porta. E descendo alguns degraus. E há esta estrada linda ladeada de árvores magníficas. E era a sensação mais bela de leveza e cor. Para onde quer que olhasses, parecia que a natureza estava em festa, poder-se-ia dizer.

Os pássaros chilreavam. E eu conseguia ver, ao longe, o que parecia ser uma espécie de névoa dourada. E pensei: "bem, isto é como uma espécie de sonho", sabes. Enfim, caminhámos por esta estrada, se lhe podes chamar uma estrada. Não era como uma estrada alcatroada. E, no entanto, era como se... oh, eu sei que isto soa tonto ao pensar nisso agora... uma espécie de faixa prateada. Não sei como descrevê-la. Como se o chão fosse de prata. E tinha um brilho, sabes. E tudo parecia tão leve. E notei, também, que os meus passos não faziam barulho nenhum.

E de repente ocorreu-me: "o que é que eu trago vestido?". Porque eu estava no hospital de pijama (*chalmers* - provavelmente erro fonético para *pyjamas*), sabes. Oh, meu Deus. E olhei para baixo e não tinha um pijama vestido. E era o fato que eu tinha tido. Oh, acho que tive aquele fato... deve ter sido uns 24 ou 25 anos. E não o usava muito. Só aos domingos, a maioria das vezes. E ali estava eu, vestido com este fato. Este fato azul que era. Azul escuro. Um fato muito bom. Paguei bastante por ele. Lembro-me disso. E ali estava eu, vestido com esse fato. Os meus sapatos brilhavam. Foi isso que me impressionou. Pensei: "bem, isso é engraçado; estes sapatos, sabes, na estrada, deviam fazer barulho". Mas não faziam.

TIMOTHY: E eu sentia-me tão leve e etéreo, sabes. E ali estava a minha mãe. Ela estava tão bem como sempre esteve. Tinha um aspeto tão brilhante. E notei que ela tinha calçado um par de sapatos muito bonito. E ocorreu-me uma coisa engraçada — eu sei que é uma parvoíce — mas pensei: "bem, isto é estranho; devia haver um eco". Devia haver barulho, sabes, com sapatos na estrada. Mas não se ouvia nada. Em vez disso, eu conseguia ouvir esta música belíssima.

Pensei que fosse um transe, ou um som qualquer, suponho. Mas percebi depois, claro, que os únicos sons que temos aqui são os que são criados pelos pensamentos das pessoas. E também era a beleza da vida real. Sabes, toda a atmosfera era criada pelos pensamentos de inúmeras pessoas. Falei-te sobre aquela multidão que eu não vi na altura. Mas há sempre pessoas que vêm, por

assim dizer, para me dar as boas-vindas. Só que, sabes, eu pensei que eles estivessem à frente. Mas enfim, não estavam. Estavam todos atrás.

Eu sentia-os. E, eventualmente, percebi, claro, que as pessoas estavam sempre lá. Mas estavam a alguma distância, para que a Mãe e eu pudéssemos estar juntos, em particular. Provavelmente pensaram que eu não queria que eles se intrometessem muito. Mas havia tanto som e música bonita. Enfim, fomos por aquela estrada. Muito estranho. Embora parecesse haver uma grande distância — e sem dúvida havia —, pareceu que num instante tínhamos chegado ao que parecia ser o topo de uma colina. E então, olhando para baixo, consegui ver estendida diante de mim uma cidade belíssima.

Bem, era tal e qual como nos livros de há anos, de quando eu era um "pequeno" (*nipper*), sobre uma cidade magnífica. Acho que era no *Pilgrim's Progress* [O Peregrino]. Mas enfim, acho que era. Mas estava ali o que parecia ser uma cidade belíssima, e tudo parecia ser de um branco reluzente. E no entanto, embora se soubesse que era tudo de um branco reluzente como mármore, não era mármore, percebi isso depois. Mas parecia que os raios de sol — e lá está, eu não via o sol, mas via os raios de luz — pareciam dar-lhe aquele aspeto.

Todos os edifícios pareciam ser, bem, como concha. Todas as cores suaves e adoráveis que muitas vezes vês numa concha marinha, sabes, rosas pálidos e azuis e verdes e malvas. Era belíssimo como a luz parecia brincar naquele lugar, vês. Embora eu sentisse, ou pressentisse, se preferires, que os edifícios eram brancos, havia toda aquela cor suave e matizada vinda dos raios de fosse o que fosse. Presumi na altura que era o sol, mas desde então descobri que não é o sol de todo. Era como se todo o lugar fosse banhado por uma luz linda, com colorações belíssimas, pelos raios do sol deste mundo, digo eu.

Enfim, descemos a encosta da colina, com todas aquelas pessoas atrás, e embora eu não as tivesse visto até chegar ao que era presumivelmente — suponho que se possa dizer — os arredores da cidade, consegui ver em primeiro plano, conforme nos aproximávamos, um grande número de pessoas. Havia pessoas a cavalo, pessoas a caminhar, e parecia que havia uma espécie de grande... bem, suponho que dirias, uma espécie de celebração. Nota que isso nunca me ocorreu na altura, não tinha nada a ver comigo, num sentido. Eu apenas pensei que estava a chegar a um sítio onde estavam a organizar algum tipo de grande festa, sabes.

E o que era extraordinário era — achei eu, pelo menos — que havia todos aqueles cavalos magníficos, criaturas belíssimas, e havia pessoas vestidas com todo o tipo de trajes. Como digo, parecia algum grande desfile histórico (*pageant*), porque muitos dos trajes que alguns usavam eram magníficos, pareciam feitos de veludos ricos e cores lindas e sedas; e todo o tipo de homens e mulheres e crianças. E eu não conseguia deixar de sentir que estava a entrar em algum tipo de evento especial que provavelmente estaria a ser organizado, ou tinha sido organizado, e eu não tinha chegado no momento certo, poder-se-ia dizer.

Mas conforme se aproximaram de mim, consegui ver que não era bem o que eu antecipava; que aquelas eram pessoas que tinham morrido — descobri depois —, mas que tinham morrido há anos, há séculos algumas delas, e que estavam vestidas de acordo com os seus pensamentos, de acordo com as suas ideias. E que estavam a fazer aquilo deliberadamente, não apenas para me dar as boas-vindas, mas para acolher muitas outras pessoas — pessoas que eu não tinha visto, que estavam atrás de mim, que também tinham passado para cá ao mesmo tempo. E elas tinham-se trajado, através da sua força de pensamento, com vários fatos de acordo com as suas vidas passadas, e estavam a fazer aquilo para dar cor e animação e para trazer algum tipo de sentimento especial à ocasião. E, claro, havia, como vi, centenas e centenas de milhares de outras pessoas: algumas vestidas com roupas comuns, outras com túnicas longas, algumas pareciam egípcias, outras chinesas... parecia que eram de todas as nações e de todas as idades, e tinham vindo todas ao nosso encontro para nos acolher.

E claro, descobri que não era apenas eu, mas que havia literalmente milhares de outras pessoas, e houve um grande regozijo e um grande som de música que parecia aumentar. E depois houve pessoas que saíram da multidão da grande cidade, por assim dizer, que obviamente estavam ligadas ou aparentadas com as pessoas que chegavam. E eu consegui ver o meu pai; ele estava lá. E sabes, é engraçado, porque agora consigo rir-me disso: eu nunca imaginei ver o meu pai vestido assim, mas ele estava vestido com o que me pareceu ser um hábito de padre, uma espécie de túnica, como uma batina, sabes. E ele parecia estar "um brinco" (*dinky dory*), quero dizer, ele parecia mesmo. Eu pensei... bem, na verdade, não consegui conter um sorriso, porque pensei... porque, nota bem, eu sei que o meu pai sempre foi dado à religião. A minha mãe costumava dizer-me: "sabes, o teu pai teria dado um belíssimo padre", porque ele era sempre entusiasta pela religião, era sempre entusiasta pela igreja; e se tivesse vindo de uma família rica, provavelmente tê-lo-iam

metido no sacerdócio, sabes, porque ele tinha sempre aquela fixação pela igreja. E lembro-me de que em casa havia dezenas e dezenas e dezenas de livros sobre religião e sermões. E, na verdade, a minha mãe ficava farta de tudo aquilo, sabes, ela costumava dizer-me: "oh, credo, o teu pai, Deus o abençoe, ele era boa pessoa, mas teria estado melhor num mosteiro", porque ela costumava ficar um bocado farta daquilo. Aliás, acho que foi isso que a virou para o espiritualismo, porque ele estava sempre naquela onda da pregação, e fazia umas pregações como leigo.

Enfim, ali estava ele, vestido desta forma, com aquela túnica linda, e veio ter connosco. E, claro, isto faz-te rir, suponho, mas eles davam-se bem, embora não fossem o par ideal, sabes. Enfim, porque eu mal me lembro disso. De qualquer modo, ela disse... bem, eu sabia quem era pelas pinturas e fotos que tinha visto. E, claro, suponho que na vida deles, eu senti-o. Ele veio ter comigo e abraçou-me, e deu-me uma bênção, e oh, foi algo de especial, digo-te. Mas descobri depois que nem ele nem a Mãe estavam juntos. Não é uma crítica a nenhum deles. Quero dizer, ele é uma boa alma, faz um trabalho maravilhoso, o meu pai; desce às esferas inferiores, dizem-me, e ajuda as pessoas lá em baixo. É um bom homem. Mas, claro, ele ainda se agarra a algumas das velhas ideias, sabes.

Mas enfim, como digo, existem todas estas pessoas, todos tipos diferentes, sabes. A coisa que achei ser uma grande alegria e beleza para mim é que eles não pensam todos necessariamente da mesma maneira. Ora, eu costumava dizer sempre à minha irmã, quando ela voltava das reuniões dos "fantasmas" (*spook meetings*): "ah, sabes, tudo isso é muito bonito e tal, mas eu não quereria estar num sítio onde toda a gente pensa da mesma maneira e todos têm a mesma opinião". Quero dizer, em certas coisas, tudo bem, mas se não podes ter uma pequena discussão ou um pequeno argumento ocasional, uma diferença de opinião, a vida tornar-se-ia intolerável.

Bem, ela costumava rir-se de mim e pregar-me partidas e argumentar e tudo isso. Mas descobri, para minha satisfação, que embora toda a gente viva em amor completo e em harmonia completa por aqui, tudo se deve ao facto de existirem as suas pequenas diferenças de pensamento e ideia, e isso cria variedade, cria interesse e cria muitas coisas que eu acho serem muito importantes para a felicidade pessoal de cada um.

Quero dizer, não existem argumentos fundamentais ou disputas ou algo do género. Toda a gente vive de acordo com a sua própria consciência, de

acordo com o seu próprio modo de vida, mas todos se mantêm unidos nas verdades fundamentais, poder-se-ia dizer. E foi isso que tornou tudo tão maravilhoso. A variedade de trajes, a variedade de vestuário, a variedade de opiniões e perspetivas, a variedade de edifícios... oh, eu logo descobri que os edifícios eram tão variados. Havia palácios enormes e grandiosos, e havia sítios mais pequenos; havia todo o tipo de arquitetura e design, e as cores eram fabulosas, os materiais eram magníficos. E parece que algumas pessoas gostam de viver de uma maneira e outras gostam de viver de outra.

E, claro, logo comecei a perceber que este lugar em particular onde eu tinha chegado era realmente apenas um entre milhões, poder-se-ia dizer, evidentemente, de lugares semelhantes em diferentes níveis. E lá está, tens ainda maior variedade devido às diferenças de pensamento e ideias das pessoas de acordo com o seu desenvolvimento, por assim dizer, ou falta dele. Oh, eu acho que é absolutamente maravilhoso quando pensas nisso: que não estamos presos a uma perspetiva estreita. Só por estarmos mortos, não andamos todos a flutuar e a ser religiosos e a tentar ser todos... bem, sabes como é, a velha ideia ortodoxa. Claro, o meu pai também se livrou disso, abençoado seja, em grande medida, mas ele ainda se agarra a certas coisas. Mas é maravilhoso, sabes, ninguém precisa de se preocupar com a morte; é a coisa mais maravilhosa.

Quero dizer, tu naturalmente, quando estás na terra, não podes evitar ter uma certa dose de medo sobre a morte em si, suponho, mas a reação que tens depois e a excitação e o entusiasmo e as maravilhas e o espanto de tudo isto... sabes, é a coisa mais maravilhosa, é a coisa pela qual todos deviam ansiar, não temer.

PARTICIPANTE: O que estás a fazer agora, amigo, desse lado?

TIMOTHY: Oh, bem, estou muito interessado em arquitetura, estou muito interessado em... Eu sempre fui um homem de mãos, sabes, sempre fui entusiasta por... Eu era carpinteiro, a propósito, e sempre gostei muito de fazer coisas. Outras coisas na nossa casa, sabes, o que eu fiz... oh, muitos pedaços e peças que a Mãe costumava guardar como tesouros porque eu os tinha feito quando era rapaz. Sempre tive o dom, sabes. Enfim, por aqui, sou muito feliz a trabalhar dessa forma, e sou muito criativo; e faço móveis, pessoalmente adoro fazer móveis.

Temos madeira aqui. As pessoas acham que vivemos num mundo "água-com-açúcar", suponho, onde pensas no que queres e lá está; há uma certa dose de pensamento que é predominante e está por trás de tudo. Deve haver pensamento antes de algo vir a existir, mas nem tudo obedece à jurisdição [imediata]. Tens de criar e trabalhar por algo. Não é subitamente colocado nas tuas mãos, poder-se-ia dizer. Eu amo trabalhar, e há muitas formas de madeira que podemos usar. Quero dizer, temos todo o tipo de árvores, e agora, claro, tu ficas com a ideia de que cortamos as árvores e fazemos coisas. Bem, não há problema, porque a natureza dá-se, por assim dizer, de boa vontade. Mas assim que algo é cortado, outra árvore cresce no seu lugar; é automático.

Não, nenhum homem que se preze e tenha orgulho no seu trabalho usaria máquinas.

PARTICIPANTE: Como cortas a madeira, então?

TIMOTHY: Cortas a madeira com "trabalho duro", como lhe chamas, mas não tens qualquer sensação de trabalho duro, e essa é outra coisa: nunca te sentes fadigado ou cansado. E podes cortar uma árvore com o que chamarias um machado, que é uma réplica, mas vês, o ponto é este: este é um mundo de realidade, mas é fundamentalmente um mundo da mente. E conforme pensas, és; e conforme pensas que precisas, tens. Consequentemente, tu cria-lo e torna-lo possível. Mas eu amo criar coisas belas, e essa é a forma de a natureza dar tudo ao homem, dando-se a si própria. Estamos sempre a dar, damos todos uns aos outros, somos todos parte integrante uns dos outros, e é uma grande alegria ser criativo. Ninguém precisa de se preocupar com o que poderá fazer quando chegar aqui; haverá sempre algo de interesse e pensamento para ocupar ou fazer. Ninguém precisa de se preocupar com a morte; é uma grande coisa na vida.

PARTICIPANTE: Se tens de fazer um móvel, como é que lhe dás a forma e o montas sem... tens algum tipo de ferramentas?

TIMOTHY: Claro que temos ferramentas. Temos ferramentas. Sim, temos.

Notas:

- *A Identidade: Timothy (ou Joe) apresenta-se como um homem solteiro que cuidou da mãe e viveu uma vida simples e regrada ("sem bebida, fumo ou mulheres").*

- *A Visualização da Morte: O relato descreve a morte não como uma rutura, mas como uma caminhada contínua. Ele sai literalmente do hospital a pé, acompanhado pela mãe, e nota que o ambiente lúgubre do hospital se transforma em algo glorioso (a catedral e a paisagem vibrante).*

- *O "Corpo Espiritual" e o Fato Azul: Timothy nota com surpresa que já não está doente nem de pijama, mas vestido com o seu melhor fato azul de domingo. Isto valida a ideia de que o espírito assume a forma e o vestuário com que se sente mais confortável e digno.*

- *Provas de Sobrevivência: Ele menciona encontrar um colega de enfermaria que tinha morrido dias antes, provando a continuidade da consciência e o reconhecimento de outros "recém-chegados".*

- *A Realidade da Criação: Timothy explica um conceito fundamental: embora seja um mundo de pensamento, não é um mundo de "desejos mágicos" instantâneos. Existe o esforço, o trabalho e o prazer da criação manual (carpintaria), o que confere dignidade e propósito à existência espiritual.*

- *Diversidade e Individualidade: Ele desfaz o mito de que todos os espíritos se tornam "santos" ou pensam de forma igual. A harmonia reside no amor, mas a felicidade advém da variedade de opiniões, arquiteturas e estilos de vida.*

- *A Cidade de "Concha": A descrição da cidade com cores nacaradas e edifícios que parecem conchas marinhas é uma constante em vários relatos de Flint, sugerindo uma arquitetura orgânica e luminosa.*

- *O Pai e a Mãe: A observação de que o pai e a mãe não vivem juntos no Além — porque o pai ainda se agarra a dogmas religiosos e a mãe preferiu o espiritualismo — reforça a "Lei da Afinidade": no mundo espiritual, as pessoas agrupam-se por sintonia vibratória e de interesses, não por obrigações contratuais terrenas.*

MARIE CURIE

A INSPIRAÇÃO INVISÍVEL E O TRABALHO DE CURA

Esta gravação de 30 de novembro de 1984 apresenta uma comunicação atribuída a Marie Curie, a pioneira da radioatividade e vencedora de dois Prémios Nobel. A mensagem, recebida através da voz direta de Leslie Flint,

foca-se na humildade científica, na inspiração espiritual por trás das descobertas humanas e no trabalho de cura que continua a realizar no mundo espiritual.

MICKEY: Também gravei isto a 30 de novembro de 1984. Preciso de admitir isto, então. Dixie? Dixie, meu amor. O que se passa? Hum? Estou prestes a comer e há energia. Oh, não me digas que não sabes o que eu andei a comer. Dixie, Dixie, Dixie. Lembro-me que costumava pensar que isto não podia ser nada mais do que uma pequena esponja ou um pouco de creme. Estás certa, minha querida. Nota bem, há demasiada gente em apuros no meu mundo.

Não importa, são 30 [as pessoas], não são? Sim. Quantos ovos andei eu a comer neste dia? Num mundo, eu poderia dizer, mas não posso. Sim, minha querida. Como soubeste? Estamos todos bem, não estamos? Sim. Sim. Sim. Sim. Nozes. Sim, eu adoro.

Estás cansada? Não. Não, não quero dizer cansada. Por que estás a roer? Não sei. Por que estás a roer? Não sei. Claro, quando eles enviam a mensagem, eu devo enviá-la. Oh, credo. Tens de encontrar outra, amorzinho. O que queres dizer com "encontrar outra"? Eu não quero outra senhora. Acho que o meu trabalho precisaria de terminar. Eu seria capaz de chegar à lua agora, não achas? Não quero continuar a registar. Não, não quero.

PARTICIPANTE: Estás a fazer um trabalho maravilhoso, amor.

MICKEY: Bem, eu acho que sim, amor. Mas, sabes, quando voltares para aqui, acho que deveria subir para o meu próprio lugar, amor, e chegar à lua, suponho, sabes. Porque, sabes, eu não quero ir a uma festa e ter uma reunião. Quero dizer, suponho que poderia. Mas depois, sabes, penso que não há muitas pessoas agora que andem por aí a manter as suas opiniões, a fazê-lo, sabes. Pelo menos, era assim que era. Eu fiz tudo. Não como era há 40 anos. Não. Sabes, naqueles dias, eles conseguiam sempre o dinheiro. Sim, amor. Porque tu andas nisto há 30 anos, não andas? Sim. Obrigado. És um velho agricultor. Absolutamente, amor. E ele é uma ovelha velha. Sim. Ele é uma ovelha velha.

LESLIE FLINT: Devo ser, companheiro.

MICKEY: Com certeza que é. Tu trabalhas um bocado, não trabalhas, companheiro?

LESLIE FLINT: Com certeza que sim, sim.

MICKEY: Oh, aquela senhora simpática aqui. Acho que já a vi em algum lugar. Espera aí. Que tipo de senhora? Nunca a vi antes. Oh, meu Deus. Tu vês? Olá. Se vieres para aqui, não vou partir o pé, sabes? Oh, não vais? Oh, vais ficar perdida. Agora estás aqui. Nunca serás minha amiga. Obrigado. Bem, eu tenho o meu trabalho. Trabalho, trabalho, trabalho.

MARIE CURIE: Há tanto, sabem, que uma pessoa quer dizer, e pensamos para nós mesmos: como é que eu digo isto? O que é que eu digo? Mas só quero que saibam que não apenas eu, mas todos aqui estão muito satisfeitos com o trabalho que está a ser feito. Sabem, o esforço que está a ser feito. Claro que há alturas em que nem sempre conseguimos alcançar tudo, mas estamos muito gratos por vós e pelo grupo, e pela cura, e por todas as coisas que estão a acontecer ao vosso redor.

Há momentos em que sentem que não estão a sair-se muito bem na vossa vida. Sabem, as circunstâncias são tão valiosas. Podemos alcançar muito às vezes, mas as pessoas, por vezes, estão apenas a dormir profundamente e a fazer o seu próprio trabalho. Mas estamos muito felizes. Queremos apenas que saibam quão gratos estamos por vós, por todo o trabalho que fazem, pelo esforço que fazem; e pelas pessoas que passam necessidade, somos capazes de trabalhar por elas, ajudá-las.

E não sei... penso para comigo ao olhar para trás, para a minha vida... eu quero realmente saber que o que tive de fazer desta forma não foi apenas por mim própria. Muitas coisas a que chamamos "inspiração" são, de certa forma, reais, mas nós não sabemos — eu não sabia então — que eu era apenas uma experiência a ser usada por pessoas deste lado da vida. Muitas das coisas que por vezes pensamos vir de nós próprios não vêm necessariamente dessa forma. Mas somos, a seu tempo, guiados por pessoas deste lado da vida para outros lugares.

Eu também fui, suponho, de certa forma, uma médium. Nunca pensei nisso dessa maneira. Não compreendia a sabedoria espiritual. Tive alguma experiência dela, sim, mas não muita. Mas agora sei que muitas das coisas que estão a ser feitas e as coisas que eu fiz foram coisas que me foram dadas por pessoas deste lado. Pessoas que conheci lá e muitos souls aqui que estão profundamente envolvidos no trabalho de curar os doentes e o sofrimento, de encontrar formas de curar a doença.

E agora sei que algumas das coisas que aconteceram comigo — e que eu pensei na altura serem uma espécie de invenção minha — foram inspiradas, em fé, sobre o que fazer e como proceder. Sabem, somos todos crianças. Não compreendemos, talvez às vezes, que de certa forma estamos a ser empregados, estamos a receber orientação, somos ajudados; somos crianças e precisamos de orientação na fé. Mas nem sempre compreendemos essas coisas.

Sinto-me muito afortunada. Estou tão feliz por estar aqui e por poder falar convosco. E sei que fazeis tudo o que podeis. Estou-vos muito grata. Penso que nem sabeis se há algo mais que eu possa fazer para satisfazer o que me quereis perguntar; ficarei muito feliz e satisfeita por saber.

MICKEY: Amanhã é o dia em que tenho de te dizer o que sei. Espírito Santo, há tanto que queres saber que não precisas de ninguém em específico. Todos os dias ela vem ao vosso círculo à noite e diz-vos coisas boas porque ela estava a evangelizar, e isso significa que tinha muitas coisas boas para vos dizer e ela fez experiências com essas coisas, não fez?

PARTICIPANTE: Oh sim, acho que fez, sim.

MICKEY: O que achas que ela fez? Tentou experimentar na terra, tentou... Certamente sabes do que estou a falar. Certamente sabes. Eu disse-te que era algo em que não pensei.

MARIE CURIE: Porque não haverias de querer falar? Porque afinal, sabes, eu estive presente muitas vezes, estivemos ao vosso redor muitas vezes nas vossas reuniões. E aqui apenas quero que saibam — porque sabem que não somos pessoas que vos confundem às vezes. Não importa que tipo de pessoas venham desta vida. Certamente sabem, ou não sabem, que todos nós vimos em Deus juntos para trabalhar convosco, para vos ajudar. Não tenho a certeza de que venham ter comigo com tanta antecipação. Eu venho, eu venho. E sabem que gostam de mim... não pensem que eu preciso de vós, mas é maravilhoso poder falar convosco por apenas um momento, por favor. É maravilhoso sabermos quem és agora. É maravilhoso poder falar convosco.

Notas:

- *A Cientista como Médium: Marie Curie faz uma revelação fascinante: ela considera-se agora, retroativamente, uma "médium de inspiração". Ela explica que as suas descobertas científicas não foram apenas fruto do seu*

intelecto, mas sim de uma colaboração invisível com mentes do mundo espiritual que a guiavam.

- *A Cura como Missão: Tal como o Dr. Marshall e o Dr. Doherty, Marie Curie indica que se dedica agora à cura e à pesquisa espiritual para erradicar doenças e sofrimento na Terra.*

- *A "Tia" e o Círculo: A comunicação sugere que ela é uma presença constante nas reuniões de cura do grupo de PARTICIPANTEs, atuando de forma silenciosa mas eficaz.*

- *A Humildade Científica: A mensagem reforça a ideia de que somos todos "crianças" que precisam de orientação, e que o ego do cientista muitas vezes obscurece a origem espiritual da sua intuição.*

LIONEL BARRYMORE

O TEATRO DA ALMA E A EVOLUÇÃO DA ARTE

Esta comunicação de Lionel Barrymore (o lendário ator americano de teatro e cinema, falecido em 1954) é uma das mais ricas descrições sobre a função da arte e do teatro no mundo espiritual. Barrymore fala com a sua voz característica e explica como a sua profissão se transformou numa ferramenta de auxílio psicológico e moral para os recém-chegados.

LIONEL BARRYMORE: Bom dia. Creio que não tive o prazer de falar com você anteriormente. Sim, acabei de chegar de Alabama.

PARTICIPANTE: Sim, como soube disso? Eu não lhe disse.

LIONEL BARRYMORE: Reconheci a sua voz. Você reconheceu-me. Mas eu não tinha lugar no microfone. Bem, às vezes venho falar com você através deste arranjo de caixa, sabe. Caixa de voz? Sim. Sabe, eu era estranho e, bem, suponho que eventualmente serei capaz de conseguir falar com você melhor do que você. Porque eu estava muito curioso com o que você estava a dizer sobre a passagem. Sim.

Bem, sabe, as pessoas têm as suas próprias experiências e as suas reações são diferentes de acordo com as suas personalidades, carateres, o seu conhecimento antes de virem. E suponho que todos passam. E eu digo, bem,

se você me está a falar sobre isso, é bom, não é? Aqui, antes de mais, há cada vez mais uma história requintada para contar. Mas o que foi dito por um pode não se aplicar a outro. Para mim, tive outras experiências antes de passar, mas não estava realmente convencido. Eu dizia: "bem, se precisarem de algo, eu aguento-me lá atrás". Ao mesmo tempo, tinha uma mente aberta e acredito na vida após a morte. Sim. Oh, encontrei muita gente aqui, pessoas que conheci na profissão, pessoas a quem estive ligado durante a vida.

Quando é que isso aconteceu? Onde é que o encontrou? Encontrou-o no mundo? Neste mundo? Bem, não diria que parecia exatamente com isso. Em certo aspeto, poder-se-ia dizer que parecia com isso, no que diz respeito a Nietzsche; eu certamente não vi lojas. Não vi fábricas. Não vi elétricos, nem automóveis, nem nada desse tipo. Mas, por outro lado, compreendo muitas coisas, e onde quer que você esteja, essas coisas existem. Tudo pode permanecer na mente das pessoas que habitaram aquele lugar em particular.

Mas quando vim para aqui, lembro-me muito bem de acordar numa espécie de... bem, só posso descrevê-lo como um belo jardim. Sabe, como um jardim de que eu gostava muito na minha juventude. E a minha mãe e o meu pai estavam lá, e quando abri os olhos, sabe, a minha mãe — tal como a recordo de quando era uma mulher muito mais jovem — foi uma experiência maravilhosa. Quando veio o choro sobre os seus pecados, então foi-me dado a conhecer, pessoas tornaram-se conhecidas dos meus primeiros anos. Curiosamente, sabe, pareceu na minha primeira experiência que muitas pessoas se tornaram conhecidas de quando eu era um homem bastante jovem. Seja o que for, mas de alguma forma subconsciente, os meus pensamentos tinham estado sempre nos meus primeiros anos.

Sabe, conforme comecei a envelhecer, tive um problema difícil de explicar de uma forma ou de outra, e também costumava, sabe, sonhar acordado com a minha juventude. E suponho que, ao passar, os meus últimos pensamentos terrenos remanescentes foram relacionados com os meus primeiros anos. Em consequência, pareceu atrair as pessoas ao meu redor deste lado, isto é, que eu tinha conhecido durante esse período da minha vida, que foi em muitos aspetos muito curto na vida. E também, talvez me tenha sido dado durante as semanas de encerramento da minha vida, que aquelas pessoas em particular, incluindo o meu pai e a minha mãe em particular, se aproximassem muito de mim, o que, claro, seria bastante agradável. E também, tenho aqui um cão de quem era muito fã.

Mas quando alguém me disse há anos, quando fui preso em Inglaterra, ele disse: "oh, eu não deveria ter-me importado com isto, porque eu não estaria lá". Porque eu nunca tinha visto realmente os cães e gatos e cavalos e animais, mesmo sendo animais de estimação. E assim soube que eles tinham um grande caráter e individualidade, e que diferiam muito uns dos outros de acordo com os indivíduos e as pessoas que cuidavam deles e assim por diante. Porque tenho agora a percepção de que somos muito responsáveis pelo reino animal, que eles dependem muito mais de nós do que percebemos. E eles levam algo da vontade de nós, também, quando nos deixam, sabe. Nós ajudamo-los muito mais do que percebemos. Não sei se me consegue ouvir de todo. Espero que consiga.

PARTICIPANTE: Tenho estado a gravá-los, mas o volume está a baixar.

LIONEL BARRYMORE: Oh sim, você nunca os grava. Sim. Claro, sabe que não fiz um trabalho com você. Não, está tudo bem. Nem sempre mantenho o ritmo. Você não acredita que estou aqui. Não.

PARTICIPANTE: Como passa a sua vida desse lado? O que faz?

LIONEL BARRYMORE: Bem, continuo interessado no teatro. Fazemos um pouco de entretenimento, suponho que lhe chamaria isso, embora de certa forma não seja exatamente isso. Tudo o que fazemos aqui tem um motivo, tem um propósito. Quer seja uma peça produzida ou qualquer coisa alcançada ou feita aqui, tem um propósito real, não apenas para dar prazer e entretenimento às pessoas — o que, claro, fazemos —, mas há uma moral em tudo o que fazemos.

Apresentamos o que você chamaria de peças, peças de moralidade, mais ou menos. E com isso não quero dizer algo aborrecido; é muito divertido e muito interessante. Levamo-las para o "campo do Senhor" e produzimos as vidas de certos indivíduos que possamos ter na audiência, e podemos ler as suas vidas e compreender as suas vidas e por que estão naquela condição específica. Assim, talvez retratemos certas vidas de indivíduos e apenas a pessoa em causa saberá que a sua vida está a ser retratada; mas ao fazê-lo, ajuda essa pessoa a sentir-se como realmente é e, em consequência, começam a pensar mais profundamente e isso ajuda-as a organizarem-se e a desejarem uma existência melhor.

PARTICIPANTE: Isso é um bom método psicológico...

LIONEL BARRYMORE: Com certeza, é uma das coisas que fazemos. Tudo o que fazemos aqui deve ser feito do coração. Deve ser sincero. E se alguma vez fizermos uma peça, tal como estive a tentar explicar-lhe, fazemo-la com a esperança de que este "miúdo", de alguma forma, aprenda sobre si próprio. Tentamos colocar essa mensagem naquela situação em que eles se encontram. E também damos um pensamento extra, poder-se-ia dizer, ao retratar certos aspetos da sua própria vida que eles poderiam ter e alcançar se não tivessem agido de outra forma. Tudo o que fazemos aqui tem uma razão. Nada é feito apenas por ócio. Fazemos tudo o que é adequado e direto, especialmente quando se trata do teatro, que é o que estou a discutir aqui.

Como expomos estas pessoas e os outros aqui que podem produzir peças e ainda produzir o que você chama de uma espécie de "extravaganza"? Pelo menos, espero que saiba o que costumávamos dizer, "rapazes e raparigas", sabe. Com isto, não quero dizer que sejam uma espécie de *farsa du jour*. Não quero dizer exatamente isso. Mas as mulheres representam papéis, e elas... se você estiver aqui, tem de perceber que não temos ideias falsas sobre a aparência de alguém e o vestuário e todo o resto. Aqui, somos completa e absolutamente livres de todas as velhas coisas da terra que, bem, talvez sejam rígidas ou de mente estreita. Aqui, tratamos a natureza num sentido verdadeiro e da forma correta. Aqui, estamos muito conscientes das grandes dádivas que nos foram concedidas em todos os sentidos e de todas as formas.

A maior parte do tempo, as pessoas aqui encontram todo o tipo de trabalho interessante para fazer, e há alguns aqui que apenas criam roupas bonitas, designs. Outros que desenham quadros belíssimos, ou talvez criem cenários para as suas peças. Há outros que compõem grande música. Ouvi música aqui que é muito mais bela do que qualquer coisa que você já ouviu na terra. Orquestras, músicos, coros de cantores, centenas de pessoas, e cada um um artista à sua maneira, por direito próprio. Aqui, alguns dos grandes compositores estão a compor obras tão magníficas que eu nem conseguiria começar a dizer-lhe quão magnífico é o som.

E sabe que, mesmo em números, há uma grande razão para isso. Sabe o que eu disse: ao tocar uma grande obra aqui, você pode ver na atmosfera todas as linhas e cores a mudar. Aposto nisso. É a visão mais magnífica. Eu poderia continuar a contar-lhe todo o tipo de coisas. É muito interessante. Muito interessante.

PARTICIPANTE: Que tipo de quadros são esses? Como são as imagens? Gostaria de dizer algo sobre isso?

LIONEL BARRYMORE: Sim, alguns são como os da terra e outros são muito diferentes. Claro, um que tenho de lhe trazer é um filme aqui, o que você chama de uma espécie de cinema (*theater*). São como você vê na terra: há um teto bonito, alcatifas e um auditório belissimamente mobilado e todo esse tipo de coisas. Também temos grandes anfiteatros ao ar livre, como suponho que lhes chamaria, em ambiente natural. Aqui produzem todo o tipo de peças, grandes dramaturgos desde os tempos mais antigos; homens e mulheres aqui que fizeram uma arte da escrita, da produção e da representação.

Quero dizer, por exemplo, todas as grandes peças de Shakespeare são produzidas aqui. E o que é ainda mais interessante: peças novas, peças maiores, muito maiores do que quaisquer que você conheça na terra. Ele continua a escrever e continua a produzir e a representar também. O mesmo acontece com Shakespeare. O mesmo com todos os grandes que estão aqui.

PARTICIPANTE: Eles ainda escrevem no mesmo estilo que faziam naqueles dias?

LIONEL BARRYMORE: Não, não. O estilo, naturalmente, se alguém avança, se alguém ganha mais experiência no novo sistema, naturalmente o seu estilo muda. O mesmo que, suponho, se Shakespeare pudesse ter vivido 500 anos na terra. Ele teria naturalmente alterado a sua forma de escrever e teria mudado e vivido o seu dia de acordo com o tempo em que vivia. Se ele estivesse a viver hoje, escreveria grandes peças, como faz aqui deste lado. Mas, claro, seriam na era moderna. Seriam na forma de pensamento e na forma de ação que você esperaria e apreciaria.

Mas não há dúvida, claro, de que ele teria escrito material muito superior a qualquer escritor moderno. Quero dizer, por exemplo, eu ando por aí agora. Às vezes volto a isto e vou aos vossos teatros e observo a representação e as peças e, se você espera que Shakespeare seja medíocre, eu digo: de qualquer forma, vamos esperar que Shakespeare tenha feito o Shakespeare e eu posso defender o argumento por todos, e não há dúvida de que ele tem o seu próprio lugar. Você não se quer preocupar com isso. Isso não quer dizer que ele não tenha "roubado". Como alguém disse num programa, ele não roubou ideias. Que ele nem sequer usou às vezes peças antigas e investigação e todas essas

coisas. Não há dúvida sobre isso. Mas as pessoas disseram-lhe de minha parte que o que você ouve nas peças de Shakespeare, é Shakespeare.

Alguma vez foi fã de Shakespeare? Com certeza, fui muitas, muitas vezes um famoso fã dele. Captain Sire, não ouviu falar de Captain Sire? Você é a senhora inglesa que passou há cerca de um ano. Sim, eu admito-o. Ela é uma alma magnífica e tinha uma voz maravilhosa. Ela aprendeu que metade do seu charme não era apenas a voz, mas a sua personalidade e caráter. Isso transparecia na sua voz. Ouvi muitas grandes óperas. Você sabe disso. Mas conheci-as como sendo bastante diferentes da minha voz. Mas esta de que você está a falar é bem diferente. Ela tem uma voz adorável. Acho que você a ouviu. Eu ouvi. Ela é belíssima.

Olá, Mãe. O que se passa com você? Ela é muito boa. Oh. Olá. Oh, tem de ser dessa forma. Vou deixar que você encontre uma resposta para esses nomes. Oh, eu dar-lhe-ei. Sim. Sim. Enfim, virei falar com você novamente noutra altura. Oh, ótimo. Agora, é bom encontrar pessoas como vocês, que estão muito sinceramente interessadas na filosofia e nas coisas a que estamos a aderir. Sim.

Uma das razões pelas quais não venho tão frequentemente é que me farto destas pessoas que estão o tempo todo a pedir para falar com a Fanny e o Charlie. Percebo que vocês vão ter provas e evidências no início, mas algumas destas pessoas continuam e continuam e parecem nunca estar satisfeitas. É o que chamamos de uma sessão insatisfeita. Ah, bem, você não quer isso. Não. Pelo menos, eu percebo. Você vigia tudo? Faz estas gravações? Eu faço. Bem, pode tocar estas gravações para os seus amigos e para os que estão interessados. E posso dizer com toda a sinceridade que estas pessoas são verdadeiramente excelentes. Sim. Se eu falo com elas, são excelentes. Obrigado, Sr. Daniels. E digo-lhe, senhor, estas pessoas continuam e continuam e continuam. Certo.

Notas:

- *Psicodrama Espiritual: Lionel Barrymore descreve uma utilização terapêutica do teatro. No Além, os atores encenam a vida de pessoas da audiência (que estão em esferas de sofrimento ou confusão) para que estas se possam ver "de fora", facilitando a autoanálise e o desejo de evolução.*

- *A Evolução de Shakespeare: Barrymore confirma que William Shakespeare continua a escrever e a produzir, mas adaptou o seu estilo à "era*

moderna" do pensamento espiritual, sendo as suas obras atuais muito superiores às terrestres.

- *O Retorno à Juventude: O ator explica que, no momento da morte, a sua mente regressou subconscientemente aos anos da infância e juventude, o que determinou o ambiente em que acordou (um jardim da sua infância) e as pessoas que o receberam (os seus pais em versões jovens).*

- *O Reino Animal: Barrymore reforça a responsabilidade humana sobre os animais, afirmando que os nossos animais de estimação mantêm a sua individualidade e caráter no mundo espiritual.*

- *Sinestesia Artística: A descrição de como a música cria "linhas e cores" visíveis na atmosfera é uma evidência comum nas sessões de Flint sobre a natureza vibratória do plano espiritual.*

BESSIE SMITH
DA ESCRAVATURA À LIBERDADE ESPIRITUAL

Esta extraordinária comunicação, gravada em meados dos anos 60, apresenta Bessie Smith (a famosa cantora de blues americana, falecida em 1937) e o guia Dr. Marshall. Bessie fala com uma vitalidade contagiante, descrevendo a sua vida de escravatura e trabalho nos campos de algodão, a sua surpresa por não ter asas no "Céu" e a sua nova paixão pela educação e dança no mundo espiritual.

MICKEY: Não sei. Mas, olá, amigo. Bem, estamos muito satisfeitos por teres aparecido. Nunca estive aqui antes. Tu já estiveste aqui antes? Já estiveste? Não. Não estiveste? Não. Nunca estive aqui antes. Não estiveste. Oh, tu és americano, não és? Eu sou americano. Muito bem, obrigado. Sim. Podes falar connosco, amigo? Viveste na América, não viveste? Sim, vivi. Sim, amigo. Estou a trabalhar aqui agora. Estás? Com certeza.

BESSIE SMITH: Quem está a falar aqui? Não tenho a certeza se conseguem ouvir o que vos digo. Conseguem ouvir-me?

PARTICIPANTE: Conseguimos ouvi-la bem. Muito bem mesmo.

BESSIE SMITH: O meu nome é Bessie.

PARTICIPANTE: Bassey?

BESSIE SMITH: Sim. Não, Bessie. Oh, sim, Bessie. Não vos consigo ouvir.

PARTICIPANTE: Não nos consegue ouvir? Bem, nós ouvimo-la a si.

BESSIE SMITH: Eu não ouço nenhum canto aqui. Na maioria dos sítios onde vou, há sempre canto.

PARTICIPANTE: Sim. Vocês não saem para cantar quando têm as vossas reuniões?

BESSIE SMITH: Não propriamente, não. Temos as nossas reuniões por nossa conta, percebem. Sim, não é bom fazer isso.

PARTICIPANTE: Pode contar-nos algo sobre si, querida? Viveu na América?

BESSIE SMITH: Sim, ela é americana. Acho que tem 17 anos. Hum-hum. Tu és? Eu estava nos campos de algodão (*Cottonfields*). Sim, eu pensei... Campos de algodão. Onde vivia? Sim. E eu "disparei" (*shoot off*). Sim. E não tenho dúvida de que ouviram falar disso. Sim. Disparei. Há muito tempo agora. Sim. É muito simpático teres aparecido. O meu nome é Bessie. Bessie. Sim. Oh, sim.

PARTICIPANTE: Bessie, podes contar-nos algo sobre a tua vida e, sabes, como tu...

BESSIE SMITH: Estive muitas vezes na América, mas não aqui. Ouvi falar de lugares como Londres, Paris e tudo isso, sabem. Sim. Desde que vim para aqui, falo com muita gente. Sim. E eles falam-me sobre esses vários lugares, sabem. E eu decido que isso vai para os livros da minha fé. E vocês viram-nos? Com certeza. E eles surpreenderam-te um bocadinho, Bessie? Eu nem conheceria as vossas palavras. Acho que não conheceria, depois da sua experiência. Eu tive vida. Sim. E não tenho arrependimentos agora.

PARTICIPANTE: O que estás a fazer desta vez? Agora?

BESSIE SMITH: Estava a ensinar os pequenitos. Oh, sim. Sabem, muitas crianças vêm para aqui. Sim. Eu tenho uma escola. Tens? Porque estás na escola? Sim. Sim, com certeza que tenho. Eu não voltaria para não estar na vossa vida por tudo o que fiz. Não.

PARTICIPANTE: Bessie, em que pensaste quando partiste pela primeira vez? Quero dizer, como é que tu...

BESSIE SMITH: Fiquei mesmo contente por entrar neste meu corpo. Com certeza que fiquei. Chiça, com certeza que fiquei.

PARTICIPANTE: Aposto que sim.

BESSIE SMITH: Entrar neste meu corpo e ficar livre. É um sentimento maravilhoso ser-se livre.

PARTICIPANTE: Deve ter sido. Bessie, como te encontraste? Em que tipo de... mas onde estavas tu realmente? Estavas nos campos de algodão?

BESSIE SMITH: Sim, com certeza que estava nos campos de algodão. Estive lá durante 45 anos. A minha mamã e o meu papá, eles também eram escravos. Eu nasci na escravatura.

PARTICIPANTE: Oh, aposto que sim. Bessie, como te encontraste?

BESSIE SMITH: Eles não eram maus de todo naquele lugar. Eram bastante gentis. Não tão maus como alguns sítios de que ouvi falar, sabem. Os meus arredores não eram assim tão maus para nós. Tínhamos o nosso pequeno lugar, sabem. Oh, tinham? Oh, nunca se diga. Bessie, quando passaste para lá, quem te recebeu? Tivemos um bom dia. Nada mau para comer, sabem. O que foi que me disse agora?

PARTICIPANTE: Quando passaste para o outro lado, Bessie, quando morreste, quem te recebeu?

BESSIE SMITH: A minha mamã e o meu papá e irmãos e irmãs e outras pessoas. Eu não sabia, sabem.

PARTICIPANTE: E o que fizeste quando chegaste lá?

BESSIE SMITH: Fiquei tão surpreendida por não ter asas. Com certeza que fiquei. Quando percebi onde estava, caí para trás da minha cama e não tinha asas nenhumas, sabem. E não sabia o que pensar. E conseguia ver toda aquela gente à minha volta e ninguém tinha asas. E pensei: "bem, estarei no céu? Porque ninguém tem asas aqui". Mas percebi mais tarde que não se têm asas. E sempre me ensinaram, sabem, que quando se ia para o céu, tinha-se umas asas enormes e, quanto melhor se fosse, maiores eram as asas. Eu

esperava ter umas asinhas minúsculas, mas não tinha nenhumas. No início, fiquei mesmo preocupada com isso. Pensei que devia estar num sítio mau, sabem. Mas descobri que estava tudo bem.

Sabem, falaram-me de vós; ouvi de pessoas deste lado, falaram-me de vós. E foi por isso que vim aqui. Acredito que fazem muito trabalho do vosso lado. Se as pessoas compreenderem a palavra de Deus, vê-se a verdade, hein? Isso com certeza é bom, é sim. Estou muito feliz por vós. Porque fazem bom trabalho para gente boa, hein? Ouvi tudo sobre ti, Mestre.

GEORGE WOOD: Ouviste?

BESSIE SMITH: Sim, creio que sim. O teu nome é bem conhecido por aqui, rapaz. Não acho que estejas num estado de saúde muito bom. Oh, está tudo bem. Não tens nada com que te preocupar. Não és um homem mau. És um homem muito bom à tua maneira, sabes. Tentas contar às pessoas tudo sobre isto, e isso é muito bom.

PARTICIPANTE: Bessie, como vives no outro lado?

BESSIE SMITH: Vivo lindamente. Vivo bem, mesmo muito bem. Vivo. E quem me dera que pudesses ver o meu vestido. É um vestido muito bonito o que trago vestido, especialmente para vir aqui falar convosco. É pena não poderem ver, além de ouvir.

PARTICIPANTE: Bem, não nos pode explicar como é, talvez?

BESSIE SMITH: Com certeza. Tenho um vestido azul muito bonito. E vai até aos meus pés, sabem. Muito giro. E é belissimamente feito, sabem. E fui eu que o fiz (*I mix it myself* - provavelmente quis dizer *make it*). E tenho um toucado lindo também. E tenho uma estrela mesmo no meio, sabem. E eu ganhei essa estrela. Não fui eu que a fiz. Foi feita para mim. Eu ganhei-a. E fiquei muito orgulhosa disso. Fiquei mesmo.

Tenho um lugarzinho aqui. Suponho que não lhe chamariam uma mansão. Certamente não é um sítio grande, mas é uma maravilha (*real dandy*), sabem. É um sítio muito bonito o que eu tenho. É um sítio muito pequeno, mas serve-me perfeitamente. E estou aqui com a minha mãe e o meu papá e os meus irmãos e as minhas irmãs. É grande o suficiente para nós, no entanto.

Com certeza, ficarei feliz em encontrar-te, Mestre, quando vieres. E não acho que vá demorar tanto tempo assim, também. Bem, tu já deves estar a caminho dos 70 bem passados.

GEORGE WOOD: Oh, sim, estou.

BESSIE SMITH: E não se vive para sempre, sabes. Graças a Deus por isso. Louvado seja o Senhor. Oh, é muito parecido como era lá no Sul. Tenho uma casa linda, um sítio lindo, paisagens agradáveis, árvores e campos lindos e animais belíssimos e todo o tipo de bichos de estimação. Tenho um "bichano" (*puss*) muito bom. Com certeza que é a melhor gata que já viste em toda a tua vida. É uma gata grande. É quase tão grande como um leão. Tem a cara mais linda. Eu sempre fui doida por gatos, sabem. E tive gatos quando estava do vosso lado e tive muitos gatinhos. E creio que esta gata é a melhor gata que já viste. É uma beleza. Digo-te já. Chamo-lhe Matilda. É como lhe chamo.

Chamo-lhe Matilda porque é uma rapariga linda e era uma gata grande quando estava do vosso lado, mas é três ou quatro vezes maior por aqui. Creio que é o meu amor que a faz assim tão grande, sabem. Oh, ela é uma... como lhe chamam agora? Uma gata riscada (*strict cat* - provavelmente *striped*), sabem. Não sei. Como lhe chamam no vosso país? Bem, ela tem riscas por todo o lado. Sou uma gata.

PARTICIPANTE: És uma gata? Consegues falar com ela?

BESSIE SMITH: Com certeza que consigo falar com ela. Ela fala comigo também. Mas não fala com a boca. Fala com a mente. E eu sei o que aquela rapariga pensa. Somos inseparáveis. Eu amo animais, basicamente. Com certeza que tens de amar animais. Eu amo. Se não amas animais, há algo de radicalmente errado contigo. E nunca irás para o céu se não gostares das criaturas de Deus.

Claro, pássaros. Mas os pássaros não se sentem ofendidos pelas gatas. Não. Não. Tu não comes pássaros? Sim. Não, acho que isso não está certo. Sabem, eles limitam-se a ter pássaros em gaiolas. Não, eles são selvagens. Mas nós damos-lhes de comer todos os dias. Sim?

O meu cabelo é liso. Se estou contente com isso? Sabem, quando eu costumava ver a "Patroa" (*Mrs.*) e outras amigas, sabem, as pessoas brancas, e o cabelo delas era tão giro e liso, e eu costumava dizer: "chiça, valha-me

Deus, quem me dera ter um cabelo liso tão giro". O meu cabelo era todo encrespado, sabem? Agora tenho cabelo liso. Creio que isso é algo especial, não é? Sim. Sempre desejei que o meu cabelo fosse liso como o da "Menina" (*Missy*), sabem? Estava todo encrespado antes. Chiça, não sei, mas sempre desejei ter tido um cabelo liso magnífico. Agora o meu cabelo é liso como tudo. Fiquei mesmo feliz com isso. Creio que se esperares tempo suficiente, consegues a maioria das coisas se as mereceres.

Oh, sim. É por isso que, quando vieres para aqui, acho que vais ser mesmo feliz, Mestre. Terás todas as coisas que quiseres.

GEORGE WOOD: Bem, ficarei muito feliz se puder.

BESSIE SMITH: Não acho que tenhas muito tempo de espera agora (*later weight* - provavelmente *longer wait*). Nunca? Não acho que tenhas muito tempo de espera agora. Não? Creio que virás para aqui muito em breve.

GEORGE WOOD: Oh, virei?

BESSIE SMITH: Eu estava a planear dizer isso, mas depois pensei o mesmo. Acho que ela não precisa de se preocupar com isso. Vais ficar bem quando chegares aqui, Mestre. Vais andar por aí a correr como um jovem ali, uns oito anos ou assim. Lembras-te da velha rapariga? Estarei cá para te ajudar nisto depois de chegares? Se quiseres, mas creio que terás um bom descanso quando chegares. Creio que terás de fazer como de costume por uns aninhos.

GEORGE WOOD: Suponho que sim.

BESSIE SMITH: Não te queiras preocupar com isso. Vais ficar bem.

BETTY GREEN: Eu ficaria muito feliz por ele, mas ficaria um bocado triste por mim, receio.

GEORGE WOOD: Não me importo se puder fazer um pouco mais de trabalho deste lado. Quero ajudar mais as pessoas deste lado, sim. De qualquer forma, virei cá fora falar com ele, espero eu, Betsy. Adeus, Alec. Tu também.

BETTY GREEN: Betsy, como é o teu mundo perto dos rios? Há rios perto de ti ou lagos? É assim?

BESSIE SMITH: Oh, sabes. Oh, não incomodes. Conheces a rapariga? Não, não conheço. Oh, ela é... Ela é maravilhosa. Sabes porque é que eu tenho dois? Sim. Tenho os sapatos mais fabulosos (*banded* - provavelmente *splendid*) que alguma vez viste.

BETTY GREEN: Tens, Betsy?

BESSIE SMITH: Com certeza que tenho. Tu não usavas sapatos nos campos de algodão, pois não? Não. Bem, eu tenho uns sapatos mesmo giros.

BETTY GREEN: Oh, que bom.

BESSIE SMITH: Eu sempre quis um par de sapatos mesmo bons, sabem. E uma das primeiras coisas com que fui presenteada quando cheguei aqui foram estes sapatos fabulosos.

BETTY GREEN: Como eram eles, Betsy?

BESSIE SMITH: Oh, eram mesmo giros.

BETTY GREEN: Podes descrevê-los para nós?

BESSIE SMITH: Com certeza. Têm saltos bons, e são bonitos, e são pretos, e têm uns lacinhos. Oh, que maravilha. Oh, isso é lindo. E o meu cabelo. Oh, podem ver o meu cabelo. Estou tão satisfeita com o meu cabelo. É mesmo giro e liso e comprido, sabem.

BETTY GREEN: Consigo imaginá-lo.

BESSIE SMITH: Eu tenho aqueles pequeninos. Tu tens os pequeninos? Sim. Oh, tenho andado a ajudá-los a todos. Ajudo-os e eles habituam-se. E se eles não vão ter com a mamã ou o papá aqui, se eu puder ajudá-los de qualquer forma, ajudo, sabem. Eu acho que sim, quero dizer, também. E ensino na escola.

BETTY GREEN: O que é que lhes ensinas?

BESSIE SMITH: Eu não tive educação quando estava habituada àquela vida, creio. Mas tenho sido doida por educação desde que estou aqui. Oh, rapaz, oh, rapaz. Não havia nada que eu não conseguisse descobrir sobre educação. Eu queria saber isto, e queria saber aquilo. Disseram-me: "tu queres saber demais, depressa demais". Então eu disse: "bem, tenho de aprender. Tenho muito tempo para recuperar". E tenho estado a estudar e a estudar. E

agora quase sei os prós e os contras da maioria das coisas. Oh, rapaz, estou feliz por ser professora. Eu amo a educação. Acho que a educação é uma coisa maravilhosa, não achas? Eu costumo ser bem educada.

BETTY GREEN: Tu vais a boas escolas aí em cima, eh?

BESSIE SMITH: Oh, tenho ido à escola, sim. Na escola, maravilhoso. Oh, rapaz, oh, rapaz. Estou feliz por estar na escola. Ainda vou à escola. Vou à escola regularmente, tão regularmente quanto posso. E depois apanho alguma informação e conhecimento, e vou para casa e digo: "aprendi isto hoje. Eu sei isto". E por aí fora, e ensino os outros também. E os pequeninos, eles aprendem muito comigo agora. Oh, e eu amo fazer coisas. Eu danço. Oh, rapaz, se eu danço. Devias ver-me a dançar. Eu costumava gritar muito. Eu costumava entrar em histerismos. Oh, rapaz, oh, rapaz. Eu consigo fazer a dança que nunca viste na vida, sabes? Amo ensinar as pessoas a dançar. Ensino os miúdos também. Eu mostro-lhes. Digo: "anda lá, filho. Anda lá, menina (*missy*). Vamos divertir-nos à brava". E divertimo-nos mesmo. Oh, rapaz. O que dizes? Oh, nada. É à antiga. Está tudo bem. Oh, também vamos a Nova Orleães. Okay.

PARTICIPANTE: Tocas algum instrumento ou música ou...?

BESSIE SMITH: Não, mas muita da minha gente toca, e a minha família. Eles trouxeram vários instrumentos que tocam, e divertimo-nos imenso. Oh, Senhor, estou tão alegremente feliz, sabem. Oh, sim. Oh, não fiquem com a ideia na cabeça só porque vão passar para o outro lado... como eu costumava cantar, que temos de ter asas e que vamos estar sempre a rezar ao Senhor. Não, Ele não quer que rezem para Ele. Ele quer que sejam felizes e que amem e façam todas as coisas simpáticas para fazer as pessoas felizes, sabem? A religião é o que sentes e o que acreditas e o que sabes e o que fazes. Como vives a tua vida, não é, bebé? Oh, fico tão entusiasmada quando falo convosco. Porque há gente maluca aqui. Todas as nacionalidades, todos aqui à volta. Somos todos uma grande família, e são todos livres. Louvado seja o Senhor. Isso é maravilhoso. É mesmo assim. Vocês os dois vão casar?

PARTICIPANTE: Não.

BESSIE SMITH: Oh, não têm muito tempo porque ele vem para aqui em breve. Faremos este trabalho juntos. É tudo o que fazemos. Oh, vocês são apenas parceiros de negócio, é isso?

PARTICIPANTE: Sim, somos apenas isso. Sabes, é verdade. É o que fazemos. Dedicamos as nossas vidas a este trabalho, percebes?

BESSIE SMITH: Com certeza que acho que vocês são "alguém". Já não há homens como tu hoje em dia. Muita gente vai ouvir-te na fita. Sabes, fazemos uma pequena gravação tua, para que outras pessoas te possam ouvir falar. Eles verão. A sério. Não sei. O meu nome é Bessie Smith.

GEORGE WOOD: Bessie Smith?

BESSIE SMITH: Sim.

GEORGE WOOD: Bessie, enquanto estás a falar, isto está a ser gravado numa certa máquina para que as pessoas possam ouvir a tua voz depois. Oh, isso é maravilhoso, Bessie. Consegues ouvir isso, Bessie? Bessie? Bessie? Oh, graças a Deus. Ela é adorável. Ela é adorável. Fico muito contente por ouvir isso. Pergunto-me que lugar era. Alabama. O quê? Alabama. Alabama. Alabama.

DR. MARSHALL: Ela disse Alabama. Tu puseste Alabama aí. Anda lá, Bessie. Bessie, não te foste embora, pois não? Acho que a energia... Oh. Acho que ela consumiu tanta energia. Tanta vitalidade. Adoro. E considerando que é a primeira tentativa dela em algo como isto, é extraordinário. Mas ela é uma personalidade tremenda. E espero que ela venha outra vez para vós, porque acho que ela poderia ser muito informativa. Ela é uma personagem notável e uma alma maravilhosa. E conforme ela se aproxima de nós, assume a sua própria personalidade extraordinariamente bem, o que, claro, do vosso ponto de vista, é muito interessante. Sim. E é verdade que ela é muito ativa aqui. Ama as pessoas. Ama fazer tudo o que pode. E é uma personagem extraordinária. Ela quer tanto saber e aprender e passar informação e conhecimento.

Vês, ela era tão limitada do vosso lado. E o conhecimento dela era, bem, insignificante. E não teve oportunidade de aprender, não sendo capaz de ler ou escrever. E ela costumava — não invejar, talvez —, mas costumava ver outros mais afortunados do que ela. E sempre ansiou, obviamente, por ser educada e por saber tudo o que pudesse. Por isso, ela está agora muito avançada. Portanto, não deves julgar inteiramente pela voz dela. Porque deves perceber que, ao aproximar-se de nós, ela assume algo do antigo "eu". E conforme ela, sem dúvida, comunicar — como espero que faça no futuro —, ela irá afirmar-se ainda mais. E se a encorajares, como tenho a certeza de que farás, acho que

a vais achar não só interessante e informativa, mas divertida, claro, de certa forma. Mas, ao mesmo tempo, ela é uma alma que, creio, pode trazer muito interesse e pensamento e ideia à comunicação, o que será de valor para outros que tenham a sorte de ouvir.

Ela não compreende, claro, nada sobre gravações em fita. E isso não importa realmente. Suponho que ela eventualmente possa comunicar-te que é importante que outros tenham o benefício de ouvir. Apenas sê paciente connosco. Estas coisas, obviamente, com algumas almas levam tempo. Mas considerando tudo, achei que ela foi extraordinária. Espero ver-vos outra vez em breve. E as minhas bênçãos para ambos. E, claro, a ideia dela de tempo, George, não é a ideia de toda a gente. Mas ela pressente, suponho, que se aproxima o suficiente. As condições ao vosso redor sugerem-lhe que não vais estar muito mais tempo do teu lado. Mas, lá está, não deves pensar que isso é para a semana ou amanhã. Podem ser vários anos. Todo o meu amor e bênçãos.

GEORGE WOOD: Obrigado, Sr. Marshall. Lembra-te de ver a Sra. Marshall.

DR. MARSHALL: Com certeza que o farei. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus. Muito obrigado. Tenha um bom dia.

GEORGE WOOD: Muito obrigado, Dr. Marshall.

Notas:

- *A Surpresa das Asas: Um dos detalhes mais cativantes é a desmistificação da iconografia religiosa. Bessie esperava ter asas baseadas na sua virtude e fica preocupada ao ver que ninguém as tem, percebendo depois que o "Céu" é muito mais natural do que as canções sugeriam.*

- *Reparação Histórica: Bessie, que viveu na escravatura e não teve acesso à educação, dedica-se agora obsessivamente a aprender e a ensinar. Esta "fome de saber" é a sua maior alegria no mundo espiritual.*

- *A Vitalidade da Voz: O Dr. Marshall nota que Bessie consumiu muita energia ectoplasmática devido à sua personalidade vibrante. Ela ainda mantém o dialeto e o tom de voz da sua última encarnação para se fazer reconhecer.*

- *A Transição de George Wood: Tanto Bessie como o Dr. Marshall dão pistas sobre a transição futura de George Wood, mas Marshall faz a ressalva importante de que o "tempo espiritual" é diferente do terrestre ("pode ser em vários anos").*

JOHN BROWN

DA CORTE DE VITÓRIA À HUMILDADE DO ESPÍRITO

Esta comunicação de John Brown (o fiel PARTICIPANTE escocês da Rainha Vitória, falecido em 1883) é um dos depoimentos mais sinceros e filosóficos do arquivo de Leslie Flint. Nela, Brown descreve o seu processo de "ajuste" no mundo espiritual, onde a sua posição de influência na corte britânica teve de ser substituída pela humildade e pela autocrítica. Após a morte do Príncipe Alberto em 1861, a Rainha mergulhou num luto profundo e isolou-se. Foi John Brown quem a "trouxe de volta à vida", e este áudio revela o motor secreto dessa ligação: a mediunidade.

Brown confirma na sessão que era ele quem servia de ponte para que Vitória comunicasse com o falecido Príncipe Alberto. Ele menciona as "atuações" (*performances*) que faziam — sessões privadas, muitas vezes no Castelo de Balmoral ou em Osborne House, longe dos olhares críticos da corte.

Os Diários Destruídos

Um dos momentos mais impactantes do depoimento é quando Brown lamenta a destruição dos diários da Rainha. Historicamente, sabe-se que, após a morte de Vitória em 1901, o seu filho (Eduardo VII) e outros membros da família real ordenaram a queima de muitos dos seus diários pessoais e correspondência com Brown, precisamente para apagar qualquer rasto desta ligação "espiritualista" e da intimidade entre ambos. Brown confirma que esses livros continham as mensagens recebidas do "além".

A "Ovelha Negra" da Corte

Brown admite na fita que era brusco e rude com as pessoas em altos cargos. Na época, ele era detestado pelos políticos e pela família real (que lhe chamavam pejorativamente de *"The Queen's Stallion"* ou *"The Highland*

Medium"), mas ele explica que a Rainha confiava cegamente nele porque ele lhe trazia o conforto espiritual de que ela precisava.

A Lei do Nivelamento

É muito interessante ouvir um homem que viveu rodeado pelo luxo imperial descrever que, no mundo espiritual, teve de ser colocado numa "wee cottage" (cabana pequena) para aprender a simplicidade. Ele reconhece que o poder e a influência que exerceu sobre a Rainha lhe deram um "falso sentido de orgulho" que precisou de ser purificado.

<>

JOHN BROWN: Consegue ouvir-me? Sim, sim. É o que eu... não tenho bem a certeza se me consegue ouvir. Oh, muito bem, muito bem. Vamos conversar. Vou parar agora, mas eu... quando estiver no palco, eu... não creio que serei capaz de... porque ele... não sei se ele consegue fazer isso tão bem, e isso é dele... mas conforme volto à terra, levanto o pé e está tudo rígido, mas foi há muito tempo atrás. Olá, olá, olá. Deve perdoar-me se não me sair muito bem. Eu sei, eu sei.

Passou muito tempo desde que voltei, e tudo isso, mas... se eu pudesse possivelmente trocar algumas palavras consigo, mas sinto-me um pouco atrevido com isto. Não foi tudo muito bom no início, mas no momento, passou muito tempo desde a última vez que vim até si. Como John Brown, perguntei há bastante tempo desde que saí da escola, mas senti apenas que seria simpático trocar algumas palavras se pudesse, porque sabia bastante sobre si, e deveria saber, mas quando se está aqui há tanto tempo como eu, de certa forma perde-se o contacto.

Perde-se, até certo ponto, o interesse, naturalmente; mas, ao mesmo tempo, há ocasiões em que me sinto atraído de volta, e sinto-me, no momento, muito atraído, porque, bem — não sei se deveria dizer isto —, mas creio que vai ter, muito em breve, um membro da nossa casa a juntar-se a nós e, de certa forma, isso tem um pequeno efeito no facto de virmos; não apenas eu, mas um ou dois outros membros da família deste lado sentem-se atraídos para mais perto de nós. Temos a sensação de que pode ser apenas uma questão de, talvez, algumas palavras se eu... mas não há uma razão real para eu vir. Mas estou apenas a dizer-lhe isto agora porque terá algum tipo de efeito.

Sabe, haverá um gosto interessante, suponho, sabe, do seu ponto de vista, e eu sei, tendo eu próprio sido um médium no passado, quão interessantes e importantes são os gostos, embora, passada uma temporada, a pessoa se canse deles. As pessoas querem sempre mais e mais gostos. De certa forma, não quero falar tanto do passado.

Sabe, sabe, a Vitória era o meu interesse neste assunto. Sim. E suponho que o marido dela, sabe, foi um grande desejo fazer o contacto com ele e, como sabe a história, claro, todos os diários dela e tudo o resto foram destruídos, o que foi uma grande pena, porque ela mantinha diários meticulosos, diários de todas as coisas que pertenciam a... de facto, ela tinha livrinhos especiais que guardava com todas as suas mensagens e coisas, e lia-os frequentemente. Éramos muito próximos desta forma. Embora, claro, na posição dela, ela tivesse de manter tudo muito oculto. Ela não tinha forma de o tornar público da maneira que... e costumávamos ter estas "atuações" de tempos a tempos, com o marido dela e outras peças, mas isso já vai lá atrás há muito tempo, e já não vemos a história toda.

Se pudesse ouvir, como vejo neste lado, se percebesse que voltar à Terra e falar sobre coisas materiais não é nada feliz; sentimos que essas coisas são agora tão remotas, e a vida aqui é tão vasta e tão tremenda e tão cheia de entusiasmo, e há esta alegria a ser vivida aqui, e tanto para saber e aprender, e tanto para ver e fazer. Uma pessoa olha para trás, para os velhos tempos, e fica grata pelas experiências, e a vida na Terra é importante. Temos de perceber isso. Aprendemos com as coisas.

Mas, no entanto, tudo isso parece remoto, e voltar à Terra após a nossa vida aqui... tudo parece tão baço e monótono e cinzento, e a atmosfera ao redor do mundo tem condições tão stressantes e terríveis também. E, claro, sentimos isso muito nos Estados, e há alguns, claro — e admiro-os tremendamente por este lado — que dedicam tanto tempo. Eles, de facto, voltam repetidamente e tentam inspirar e influenciar as pessoas e tentam ajudar o mundo. Uma pessoa tem grande admiração por essas pessoas, claro. Uma multidão de pessoas todo este tempo, por toda a Terra, tentando influenciar para o bem. Claro, as coisas mudaram, mudaram além da medida no seu mundo.

Quando penso na Inglaterra que era, e agora, claro, aprecio que nalguns aspetos houve progresso, e as coisas mudaram para melhor, especialmente para as pessoas pobres. Mas quando penso naqueles grandes tempos, quando

eu estava associado a um polícia, e detinha uma posição de confiança — e tenho de ter a certeza de que posso dizer isto —, tenho de dizer honestamente: eu nunca quebrei essa confiança. Muita gente simplesmente não compreendia as nossas vidas, e muita gente detestava-me intensamente, e muita gente tinha medo de mim, demasiado maliciosos, e muita gente achava que eu tomava muitas liberdades, mas os homens não tomavam liberdades nenhumas.

Sei que muita gente escreveu coisas sobre mim e tentaram dar uma falsa impressão, e agora vejo... e ela era sempre tão gentil, e tão boa, e tinha grande consideração e respeito por mim. E, ao mesmo tempo, havia pessoas em altos cargos que tentaram suprimir muita coisa, e tentaram fazer muito mal, mas isso é novo para mim falar sobre isso.

PARTICIPANTE: Poderia contar-nos algo sobre o seu lado da vida?

JOHN BROWN: Você já ouviu tanto do que deveria ser dito sobre este lado da vida. Como sem dúvida sabe, existe um grande número de almas com diferentes tipos, e diferentes ideias e interpretações da sua vida aqui, e claro que devemos apreciar isto, quando percebemos a vastidão dos mundos desta vida, porque devemos agora pensar noutros termos; e quando as pessoas falam do nosso mundo, algumas parecem limitá-lo a uma condição ou fase de existência específica, e é apenas... veja, existem milhares, poder-se-ia dizer, de diferentes graus, ou ambientes, onde uma pessoa pode dizer uma coisa, ou obter um relato, ou o que for, e isso é porque eles apenas podem dizer-lhe o que essa experiência é, de acordo com a sua própria experiência e luz.

Mas eu passei por vários graus diferentes, se se pode pôr a coisa assim, ou níveis da vida aqui, e a apreciação de diferentes condições torna-nos uma pessoa mais sábia e feliz. E até sabe, ao entrar num plano superior de existência aqui... onde é? Pela experiência, e ao passar por diferentes experiências em diferentes níveis de pensamentos e ideias, aprende-se imenso em cada fase particular da sua existência. Mas não há caminho fácil, não há estrada fácil. Algumas pessoas parecem pensar que vai sempre em frente, e outras parecem pensar que se move diretamente para baixo para outro lugar, mas na verdade, num sentido, não é assim: cada um cria o seu próprio ambiente pelos seus próprios pensamentos, e criam o seu próprio ambiente pela forma como viveram. Por outras palavras, você colhe o que merece; é um caso de "quem semeia, colhe".

Mas quando cheguei aqui pela primeira vez, encontrei-me num ambiente que, devo admitir, me deixou bastante surpreendido, porque não o teria esperado; e esse era um ambiente que era feliz para mim, ao mesmo tempo, nalgum sentido, era um pouco diferente do que se esperava. Encontrei-me num lugar que era tão longo quanto eu gosto da Terra, de facto, em muitos aspetos, talvez em termos de coisas sobre ele, tínhamos os arredores mais maravilhosos, as montanhas e o cenário era magnífico — nalguns aspetos, não era diferente da Escócia; e de facto, era muito parecido com os *Annals*, livre de divisões, e não havia medo. Suponho que a coisa que me espantou primeiro foi, no início do meu conhecimento desta "loucura feliz", que eu não me encontraria em tal situação, porque, admito, existem apenas pessoas que conheço, mas muita gente, claro, de quem eu não tinha conhecimento.

E fui colocado numa casa muito pequena. Talvez fosse estranho, porque eu tinha estado habituado, durante muitos anos da minha vida, a viver em grandes palácios, em grandes casas, e a deter uma posição de responsabilidade — pelo menos eu sentia que era uma posição de responsabilidade — mas aqui, eu estava a ser levado para o que suponho que chamaria uma "casinha de nada" (*wee cottage*). E notei que... não diria que estava ressentido, mas parecia estranho que, tendo eu estado associado a grandes casas e em tal posição, tivesse sido colocado numa pequena cabana. Achei muito difícil, ao início, ajustar-me a um lugar pequeno, embora não o achasse, num sentido, cem vezes mais difícil, o que a princípio me fez pensar: "por que deveria eu ser posto num lugar tão pequeno, não há nada útil como as grandes casas?".

Mas percebi, afinal, que era necessário, porque, embora tivesse cumprido um trabalho, sem dúvida, para o qual tinha sido enviado, afinal de contas, eu não percebi isso talvez por algum tempo e, como a maioria dos seres humanos, era conhecido sem a minha promessa; e percebi que era necessário para mim, após algum tempo, ajustar-me às coisas simples, a um vertical e a certas coisas que se tornaram simples. Mas na verdade, talvez percebendo plenamente que a certa altura eu me tinha tornado um bocadinho, diremos, não sendo, mas, então, achei-me demasiado importante como pessoa, como um "alguém". Mas ajustei-me, tentei ajustar-me, e vivendo uma vida simples, e encaixou no facto de eu ser, num sentido, já não uma pessoa importante, e de que não era necessário para mim estar rodeado de uma grande... na verdade, numa grande posição e por aí fora.

E, ao princípio, senti-me um pouco... civil... pensei: "pediram-me isto, eu deveria ser colocado num lugar tão pequeno, numa cabana tão pequena". E

então voltou-me, gradualmente: era a simplicidade da vida, a simplicidade de ser, colocado onde me encontrei. Era necessário para eu me encontrar comigo mesmo, com todas estas ideias que se tinham tornado uma segunda natureza. E foi também — talvez não devesse dizer isto, e no entanto, estou a dizer-lhe a verdade, devo dizer estas coisas — eu tinha tido o hábito de pensar sobre a cura, especialmente nos últimos três anos da minha vida, e havia algo que eu tinha de erradicar de mim próprio: eu tinha de aprender a viver sem beber aquele uísque. E aqui, claro, era impossível ter isso; e aqui, tive de aprender a atirar para longe de mim todos os piores aspetos de mim próprio.

Havia várias pessoas que vinham ao meu encontro, e várias pessoas que vinham ajudar-me também; e eu não gostaria que pensasse que eu era infeliz, embora isso não significasse que eu estivesse num lugar onde houvesse medo, porque isso não é verdade; era apenas que eu tinha de aprender a apreciar e a perceber as coisas simples, e a confiar em mim próprio o esplendor e todos os aspetos do material ao qual eu tinha estado acostumado. Estas coisas, às quais nunca tinha estado habituado na minha juventude, tinham-se tornado gradualmente uma segunda natureza: pessoas e lugares importantes, e esta foi a questão com Sua Majestade. Tudo isto, até certo ponto, deu-me um falso sentido de orgulho, um falso sentido de valor, que eu tive de aprender a abalar e, portanto, ao ser colocado nestes arredores humildes ou simples, foi necessário para mim.

Claro que, por aqui, existem grandes palácios, existem grandes edifícios, e você pode ver que existem palácios, e eles não são habitados por grandes pessoas nobres ou grandes reis ou rainhas, porque aqui aprende-se as realidades. Aqui, a morte, poder-se-ia dizer, é um grande nivelador de pessoas. Você percebe que é pouco importante o que você era na Terra quanto à sua posição na vida, mas sim o que você próprio era em vantagem com o universo, se era uma pessoa real na medida em que tinha valores reais e apreciação real das coisas que importavam.

E, claro, é necessário muitas vezes para as pessoas que viveram num estado de esforços onde se começaram a tornar, por assim dizer, tão habituadas a estas coisas, o que lhes deu falsos valores e falsas ideias. E, de facto, conforme tenho estado aqui, encontrei muitas grandes personalidades, pessoas que são de facto algumas das quais conheci na Terra, que têm sido, devido à sua posição na vida, por vezes estreitas nas suas visões, por vezes de facto muito indelicadas e muito injustas e por vezes de facto muito cruéis e rendem a sua compreensão dos pobres e, de facto, nunca tinham tido de sofrer

nada. E aqui elas tiveram de aprender a apreciar as coisas que realmente eram vitais e importantes, coisas que nunca foram capazes de compreender devido à sua posição condicional na vida.

Por outras palavras, existe, como se poderia dizer, quase um plano de compreensão, um plano de meditação, um plano de experiência, que é essencial para certas pessoas, particularmente para se despojarem dos falsos valores e ideias. E existe este plano, que em si mesmo é muito belo, mas é um plano, eu diria — se posso usar uma expressão — de simplicidade. E é um plano para o qual muitas pessoas vêm, que, pela própria natureza da sua existência terrena, acham essencial, onde podem despojar-se dos falsos valores e das falsas ideias, dos adornos da fama e dos adornos, diremos, da posição e da riqueza.

Elas têm de aprender a ser pessoas nos estados mais elevados, os estados corretos. Têm de aprender os estados corretos... Na minha associação particular com a Majestade, eu tinha, de um homem comum e vulgar, sido colocado numa posição onde, muito francamente, o meu trabalho era, num sentido, estranho para mim, parecia enviar um engodo. Muitas vezes, quando eu tinha algumas manias também, eu era um bocado rude e um bocado brusco com pessoas em altos cargos e, claro, muito naturalmente agora vejo que elas se ressentiam disso, mas às vezes eu regozijava-me com o meu poder.

Percebo agora que todas estas coisas eram más, mas na altura, suponho, com respeito à afeição que a Rainha tinha por mim, e o facto de que quando eu era capaz de fazer tanto pelo ideal, por ela, confortá-la, e agradar-lhe, e ajudá-la a lidar... e às vezes eu tomava as decisões sob o conselho dela em relação a coisas que eram importantes para o estado dela. Muitas sugestões e ideias que foram apresentadas por Sua Majestade ao governo na altura foram coisas que tinham vindo através [do mundo espiritual]. De facto, às vezes quando ela estava presente, embora incerta, como se pedisse conselho... talvez eu não devesse dizer todas estas coisas agora, mas o que estou a tentar transmitir é que devemos, acima de todas as coisas, quando viermos para aqui, encarar-nos a nós próprios, possivelmente pela primeira vez, e ver-nos como realmente somos.

E eu vivia com tudo isso num sentido num mundo de ilusão. Tinha começado a aceitar este estado de ser ao qual tinha estado desacostumado como o meu direito natural, e tinha também usado até certo ponto o meu poder — não o vejo como ulterior exatamente, não quero dizer isso — mas ao

mesmo tempo tinha permitido que se tornasse uma coisa avassaladora, e percebi que, dada tal confiança, dada tal responsabilidade, que não há dúvida de que foi uma grande responsabilidade... talvez de certa forma possa ter tido alguns efeitos que me obrigaram a ter de...

Existe uma conquista e provisão e realização espiritual, e você vê não apenas coisas do passado, coisas que pertencem às vidas de outros, mas tudo o que é dado, tudo o que acontece, tudo o que transparece, é educativo, são coisas espirituais. E quando ouve música grega, está a ouvir não apenas as ideias do músico ou do compositor ou sons que transmitiriam algo do que está na sua mente, mas você começa realmente a ver isso. Por exemplo, se um grande músico estivesse a compor uma peça musical que representasse a evolução do homem, então você veria o retrato pictórico, o que estava na verdade na mente dele e o que estava na verdade representado na música: veria a criação de um indivíduo, por exemplo. Ou, se preferir, a vida pode ser na Terra ou pode ser até além da Terra para outras esferas da evolução do indivíduo. Tudo isto, claro, é extremamente difícil de explicar.

Por exemplo, se uma pessoa quisesse ver — e isto não tem nada a ver com música —, se uma pessoa quisesse ver como era a vida em tempos antigos, até no Egito, então seria impossível, e de facto é possível, ser capaz de entrar numa picturização vibracional ou de força de pensamento de incidentes pertencentes a um certo período de tempo na história. E um egípcio, por exemplo, que talvez esteja num alto cargo ou lugar nesse período de tempo, que, pela sua própria força de pensamento, seria capaz de transmitir a tantas pessoas quantas quisessem ter essa experiência e saber deste particular tempo ou período da história, seria capaz de ver pelas forças de pensamento vibracionais que ele criaria na atmosfera. E massas de pessoas poderiam ver, por exemplo, a vida dele.

De facto, uma das coisas que se faz — de facto faz-se num sentido quase inconscientemente —, todos aprendemos uns com os outros e, portanto, pode ser que uma certa pessoa que começou a fazer progresso aqui tenha aprendido com a sua existência passada. A vida dela pode ser, por assim dizer, colocada na atmosfera para as pessoas aprenderem, porque podemos aprender com os erros dos outros, podemos aprender com as vidas dos outros, muitas coisas que são frequentemente necessárias na nossa própria. Por exemplo, tiramos algo uns dos outros. Não sabemos necessariamente exatamente ou percebemos como fazemos isto, mas fazemo-lo, mesmo na Terra, subconscientemente e conscientemente. Com o tempo, estamos a tirar pensamentos e ideias de

outras pessoas. Às vezes aceitamo-los totalmente, às vezes não os compreendemos e rejeitamo-los.

Mas na perceção do elemento humano e dos seres humanos e da evolução da alma humana, somos todos criaturas compostas. Gostamos de imaginar que somos separados. Gostamos de imaginar que somos indivíduos, que somos personalidades separadas. Num sentido, isto pode ser considerado assim, mas na verdade o que está a acontecer é que somos compostos na medida em que estamos a aprender e a experienciar na vida — quer seja um novo mundo ou este — uns com os outros. Estamos a tirar disto e daquilo e por aí fora, e estamos a evoluir em consequência para nos tornarmos almas cada vez mais, num sentido, plenamente evoluídas. E há uma diferença entre uma alma e um corpo individual e uma vida individual.

Mas veja, quando percebemos que estamos, num sentido, apenas a evoluir de acordo com o que estamos a assimilar e o que estamos a tirar da vida, quer seja um novo mundo ou este, e tudo isto que constitui a nossa vida é, num sentido, o que faz parte das vidas de outras pessoas. Outras pessoas estão a aparecer-nos. Outras pessoas estão a explicar-nos. Outras pessoas estão a mostrar-nos. Podemos nem sempre vê-lo. Podemos nem sempre sabê-lo, mas está lá.

Às vezes somos bons ouvintes. Às vezes somos bons alunos. Aprendemos com os nossos professores e ganhamos com o que aprendemos. E assim é aqui, o tempo todo: estamos a aprender e estamos a expressar muito do que aprendemos aos outros, começando e tirando. Estamos a evoluir e estamos a tornar-nos. Estamos, por assim dizer, a tornar-nos maiores na nossa evolução, na nossa perceção das coisas. Por outras palavras, estamos a tornar-nos mais aperfeiçoados. E creio que é esta perceção da evolução necessária que deve ter lugar em cada ser humano. Ninguém deve sentir que alguma vez realizou ou alcançou nada. Há sempre coisas novas para aprender, novas experiências para vivenciar. Isso é a vida, e é isso que se quer dizer quando as pessoas falam sobre a continuidade da vida, quando falam sobre chegar a uma nova compreensão ou perceção.

Por outras palavras, a única coisa que faz sentido são estas pessoas que têm estas visões fortes e estreitas que são os condutores do caminho para a humanidade. Estas pessoas que fechariam as vossas mentes à verdade. Estas pessoas que não vos permitiriam acreditar em mais nada além do que elas acreditam, que apenas vos permitiriam aceitar o que elas aceitam.

Estas pessoas que estão tão seguras dentro de si mesmas de que detêm a verdade e mais ninguém tem qualquer aspeto senão elas próprias. E a menos que acredite como elas acreditam, não pode ser salvo. Estas pessoas têm visões estreitas e ideias estreitas, e que nunca pensaram profundamente sobre estas coisas, nunca permitiram que as suas mentes estivessem abertas para receber qualquer aspeto da verdade que não fosse aquele que já aceitam. Estas são as perigosas. Estas são as pessoas que atrasam o progresso espiritualmente, mentalmente e em todos os sentidos.

Nós que vimos até vós, podemos cada um dar-vos, de acordo com a nossa luz, alguma picturização, alguma ideia da realidade da vida e da realidade do espírito, e da possibilidade daquilo que está até além de nós. Podemos abrir as portas da mente, mas não podemos empurrar coisas para dentro de vós a menos que vós próprios estejais dispostos a receber. Mas tantas pessoas no vosso mundo têm portas firmemente fechadas, trancadas, e cerradas contra nós. E essa é a tragédia. Se for aqui ou ali, onde pensa que seria bem-vindo, onde pensa que teria um grau de compreensão, descobre muito frequentemente que a porta deles está mais trancada e barrada do que a sua.

É por isso que, quando encontramos pessoas que não têm visões fixas fortes, nem convicções religiosas fortes, quando as suas mentes estão livres e desimpedidas, então podemos chegar perto delas. Ali podemos aprisionar os pensamentos e ideias delas. Ali podemos dar-lhes algum aspeto da verdade conforme o fazemos. Mas até que o homem perceba que deve evoluir lenta e gradualmente — dolorosamente, mas no entanto certamente — através de muitas vicissitudes e muitas condições, isso não é fácil de obter. Você não descobre a verdade facilmente. Tem de lutar por ela. Tem de trabalhar por ela. Tem de lutar por ela. E tem de abdicar de muito por ela. Especialmente no mundo material, tem de perceber os verdadeiros valores. E tem de perceber que, se quer a verdade, tem de trabalhar por ela. Tem de se sacrificar por ela. E não virá fácil. E a verdade apenas virá àqueles que são humildes de mente e humildes de espírito. E quanto mais humilde for, mais provável é que a verdade lhe seja dada de tal forma que o tornará realmente livre.

Sabe que as pessoas no seu mundo, conforme voltamos para elas — conforme eu volto para elas —, percebo cada vez mais quão difícil é para elas apreciarem e compreenderem e quão necessário é que sejam recetivas. No seu mundo, está a tornar-se cada vez mais difícil para as pessoas serem recetivas. Têm tantas coisas a ocupar-lhes a mente e o tempo, tantas distrações. E as

suas mentes estão entulhadas com todo o tipo de coisas que não têm valor real nenhum para elas. E quando vêm para aqui, têm tanto para desaprender, tanto para lançar para longe de si. E tantas pessoas constroem castelos para si mesmas, quer material quer mentalmente.

Descobrem que, quando vêm para aqui, têm de aprender a ser humildes. Têm de aprender a lançar muitas coisas para longe delas. E descobrem que é necessário — como eu também descobri, apesar do meu conhecimento e experiência das coisas — que seja necessário ser, por assim dizer, primeiro oprimido num lugar e num ambiente onde a simplicidade é a nota tónica. E, de facto, é verdade dizer que é na simplicidade que encontramos a grandeza: grandeza de visão e grandeza de ideias, grandeza da própria vida. Até que lance de si todas as velhas coisas materiais que o prenderam por tanto tempo, até que consiga ver a beleza nas coisas simples da vida, na natureza, e em todas as coisas que são verdadeiramente de Deus e todas as coisas que são verdadeiramente do espírito eterno. A verdade fundamental do espírito é aquilo para que todos deveriam estar a apontar.

Mas no seu mundo, não há equilíbrio real. Toda a gente corre aqui e ali, para um lado e para o outro, atrás dos brinquedos, atrás das coisas de tipo normal, atrás dos diferentes joguetes, que sabem muito bem que devem deixar algum dia. Mas assim é, conforme olho para a minha própria vida, apesar do conhecimento que tive da comunicação e embora me recusasse a submeter a eles, percebo que o meu maior "mau rapaz" fui eu próprio. E esta é quase a verdade de cada ser humano. Toda a gente, sem o perceber sem dúvida, mas no entanto é verdade dizer, é o seu próprio inimigo. Não é o outro homem, não é o mundo exterior e as coisas que são o seu inimigo: é você mesmo. É você mesmo e apenas você mesmo.

Deve ser responsável perante si próprio. Ninguém pode fazer isto ou aquilo por si. Você deve fazer por si próprio. Não pode fugir de si mesmo. E quando encontra o seu verdadeiro eu, e compreende o seu verdadeiro eu, então começa a acordar, e começa a viver, e começa a tornar-se algo de importante no sentido verdadeiro, não no sentido errado. Temos de encontrar os nossos verdadeiros eus, e temos de nos analisar, temos de nos desmontar em peças, temos de nos criticar, e temos de olhar para nós próprios: "eu não devo pensar isto, e devo mover-me para aquilo". Devo pensar não em mim próprio, mas nos outros. Mas quando começo a pensar nos outros, esqueço-me de mim. Então, através deles, estou a começar a encontrar-me, eu elevo-os.

E é isso que eu vejo no mundo, e é isso que eu vejo em todos aqueles particularmente que estão interessados nesta grande verdade, que estão a buscar a verdade, que estão ansiosos por ser instrumentos no evangelho mais elevado das coisas: que podem fazer isto se quiserem ser instrumentos, se quiserem realmente tornar-se verdadeiramente instrumentos da graça divina, e fazer o trabalho do Altíssimo, e ligar-se às almas mais elevadas, cujo propósito é o bem do mundo. Então eles têm de "des-pensar" muita coisa, têm de encarar-se honestamente face a face consigo próprios, e têm de começar a sacrificar-se, e têm de se esquecer de si mesmos, e encontrar-se nos seus esforços pelos outros. É apenas quando se é humilde, e quando se está preparado para dar e dar, e dar ainda um pouco mais, que se tornará realmente um instrumento no sentido mais elevado.

A minha grande falha foi — e admito-o livremente — que permiti que a minha posição e o meu sucesso em altos cargos arruinassem, se submetessem no meu caráter. E no entanto, eu tinha um grande dom, e usei esse dom, e aprendi tudo para usar esse dom para o bem, para uma boa causa. Trouxe felicidade, e trouxe conforto; mas, ao mesmo tempo, uma pessoa tem de perceber que, mais do que isso, demasiados espiritualistas estão preocupados em trazer felicidade do tipo material, e também trazer conforto, num sentido, à natureza material, em vez de ao levantamento espiritual dos outros.

Muito é dado ao aspeto material desta verdade, e muito pouco é dado às verdadeiras possibilidades espirituais, que são tremendas. Se todos os instrumentos buscassem conquistas e realizações espirituais dentro de si mesmos, então verdadeiramente a sua mediunidade seria de uma grande ordem elevada, que iria de facto salvar verdadeiramente o mundo, e traria verdadeiramente os povos em amor e em harmonia e em irmandade, pois é isso que estamos a tentar fazer. Derrubar as barreiras que existem entre o nosso Deus e o vosso, e trazer para o vosso mundo um novo espírito: um novo espírito de perceção das coisas que são verdadeiramente do Altíssimo.

Temos uma grande tarefa, uma grande responsabilidade, pois precisamos dos instrumentos, das dádivas de Hiparquia; e eu sei que fiz boas ações, mas no vosso mundo fazer estas coisas, e viver de acordo com estas leis... mas eu digo que se se proteger em verdadeiro serviço, verdadeiramente as portas vos serão abertas, e a revelação que virá, que entrará no vosso mundo, será grande, e muitos verdadeiramente são aqueles que serão chamados ao serviço nos estados mais elevados possíveis, e verdadeiramente o mundo encontrará

uma paz, mas até agora ninguém tem medo. Enfim, talvez noutra altura possa falar. Tenho de me despachar, companheiro.

Claro que é no tempo. Claro. As cores aqui são magníficas e muito além da sua compreensão. Você não será emitido para o espectro (*you will not be emitted to the spectrum* - provavelmente erro fonético para *admitted*). Aqui as cores estão muito, muito, muito além da sua compreensão. Vou para a escola. Deus abençoe e esteja consigo. Adeus. Adeus.

Notas:

- *John Brown (1826–1883): O relato é rico em pormenores históricos. Brown confirma a sua relação íntima com a Rainha Vitória e a existência de diários e "livrinhos especiais" que continham as suas comunicações mediúnicas — diários esses que foram destruídos pela família real após a morte da Rainha para evitar escândalo.*

- *A "Casinha de Nada": O choque de passar de castelos como Balmoral e Windsor para uma cabana simples no Além é uma lição sobre a "Lei da Afinidade". Brown teve de aprender que a grandeza terrena não se traduz em grandeza espiritual. A sua cabana serviu como um local de descompressão do ego.*

- *A Cura do Vício: Ele admite abertamente que teve de erradicar o vício do uísque após a transição, algo que era um rumor persistente sobre a sua vida na Terra.*

- *Visão sobre a Igreja e o Dogma: Tal como o Reverendo Matheson, Brown critica as mentes fechadas e religiosas, afirmando que a rigidez mental é o maior obstáculo ao progresso espiritual.*

- *A Educação dos Sentidos: Ele descreve como a música e o pensamento no Além são visuais e sinestésicos — ver a criação de uma vida através do som.*

MARY ADAMS

O DESPERTAR NO HOSPITAL DE RECEÇÃO

Este é um relato profundamente tocante de Mary Adams, uma senhora escocesa (falecida por volta de 1890/1900), que descreve a sua transição com uma clareza e doçura notáveis. A narrativa foca-se no "despertar" num hospital de receção e na dificuldade inicial em aceitar que já não pertencia ao mundo dos vivos.

DR. MARSHALL: Não se riam, por favor. Temos um amigo que nos está a ajudar muito no seu trabalho. O nome dele é Bill Hunt. Esperamos trazê-lo, não diretamente, mas num estado puro, por assim dizer. Ele ficará bem. Ele tem sido incrível, muito sincero. Qualquer pessoa que tragas para o círculo está bem. Deveis conhecer os vossos amigos e ter um interesse genuíno. Com certeza, trazei o vosso amigo. Ficaremos encantados.

PARTICIPANTE: Queríamos perguntar-lhe primeiro, Dr. Marshall, se queria dizer algo, ou ao Dr. Shepherd primeiro?

DR. MARSHALL: Oh, é uma alegria ter a oportunidade de falar com alguém tão sincero como vós. Ficaremos encantados. Muito obrigado. Não nos incomodaria se lhe déssemos uma melhor apresentação, se pudéssemos.

PARTICIPANTE: Ótimo. Fico tão feliz com isso. Faremos tudo o que pudermos. Muito obrigada, Dr. Marshall. Como está o senhor?

DR. MARSHALL: Estou muito bem, claro. Obrigado por me pedirem para ir aos Estados Unidos. Podem imaginar, sabem... aprecio muito. Sinto-me muito honrado por tê-lo feito. Seria muito mais grave morrer se fosse pior do que a Terra, ou tão mau. Sim, exato. Ninguém precisa de ter medo de morrer. É um grande alívio. Sim, é. Sair do tumulto e da discórdia e da atmosfera instável do vosso mundo. É uma grande alegria. Sim, oh, sim. Enfim, continuem, por favor.

PARTICIPANTE: Obrigada, Dr. Marshall, obrigada. Desejava que estivesse aqui agora, mas não me parece...

MARY ADAMS: Sim, tem-me a mim. Muito bem, de facto. Ouvi falar de vós. Oh, sim, ouvi. Conhece o Sr. Woods? Sim. Conhece o Sr. Screamer? Exato. Como está o senhor? É um jovem escocês, não é? Como soube disso? Não pode dizer isso. Nem sequer tenho consciência de que sou um Screamer. Deve ser algo que ele disse. Ele deve tê-lo apanhado ali. O senhor não parece, não soa como um escocês. Não parece escocês, realmente, imagino. Oh, sou um escocês decente. E a sua mãe ficou com a família. Há quanto tempo

deixou a Escócia? Devem ter passado muitos anos. Pensei que sim, provavelmente. Não tem sotaque nenhum. E o senhor, Sr. Green... Sr. Woods, quero dizer. É uma combinação estranha. Woods e Green (*Bosques e Verde*). Não disse Judeus por dizer, mas pelos nomes. Oh sim, tivemos uma família judia. A minha mãe era irlandesa. E o meu pai era escocês. É uma combinação bastante interessante. Verdadeiramente é. Não admira que o senhor seja um homem estranho. Eu sou. Estou a brincar.

PARTICIPANTE: Vai dar-nos uma palestra agradável?

MARY ADAMS: Não tenho bem a certeza. Eu própria não sou propriamente uma oradora. Não do ponto de vista de algumas das pessoas que vêm ter convosco, que sem dúvida têm muito mais experiência com esse tipo de coisas do que eu. Ah, estar aqui agora é uma honra para vós. E não tenho arrependimentos, e não quereria voltar até que o vosso voo chegue aqui. Ah, é uma forma agradável de poder vir aqui, eu clamo. Ninguém precisa de ouvir sobre a morte agora, o que é uma coisa maravilhosa. O meu nome é Mary. Mary? Mary Adams. Mary Adams. Ah, não é um nome escocês real, esse. Não é um nome escocês real.

PARTICIPANTE: Hum, hum... já se encontrou com o seu marido?

MARY ADAMS: Tive um filho, o Ian. Ele está aqui comigo agora. E isso faz-me muito feliz. Ah, perdi o meu marido há muitos anos. Fiquei cá fora, mas encontrei-o aqui. Por isso não poderia tê-lo perdido, pois não? Mas ele morreu quando eu era uma mulher jovem. Eu tinha apenas uns 27 anos. Eu sou a "wee Ben", sabem? Encontrei-o aqui quando morri. Ele recebeu-me. E o meu filho também. Ele morreu bastante jovem. Quando é que se casou na Escócia? Ah, vivi em vários lugares, na verdade. Estava sempre a mudar-me nos meus primeiros anos. Vivi certa vez nos arredores de Glasgow. E outra vez, durante vários anos, vivi em Dundee. Mas isso já vai há muito tempo. Isso remonta a cerca de 1890 agora. É uma boa quantidade de anos, creio. Mas desde que eu era pequenina, por muitos anos... venho de família pobre.

PARTICIPANTE: Mary, pode contar-nos algo sobre o mundo de lá?

MARY ADAMS: Bem, quer dizer, eu estava um bocadinho... mas de alguma forma, não sei. Quer dizer, era a minha formação religiosa. Eu só era religiosa quando era rapariga. Talvez isso não me tenha assustado. Estava doente e suponho que fiquei feliz por sair disso. Mas, hum, não houve diferença nenhuma no que eu esperava. Embora suponha que tivesse de

oferecer isso aos meus pares. Mas, de alguma forma, tudo parecia tão natural. Acho que essa é a parte maravilhosa de tudo isto. Quando se passa para aqui, tudo é tão natural. As pessoas esperam todo o tipo de coisas se esperam um trabalho. Sabem, todo o tipo de coisas estranhas.

Sou religiosa de certa forma. Mas não é como se estivesse... bem, é como acordar e encontrar-se noutro país. Mas não é propriamente estranho, porque se está rodeado de pessoas que se conheceu. Pessoas que estiveram muito próximas da sua divindade. A minha mamã estava aqui. Era uma alma doce. Chegou a uma idade bastante boa. Mas, sabem, ela também era uma mulher muito religiosa. Morreu apenas um ano antes de mim.

Eu também acordei e encontrei-me num tipo de lugar como um hospital. Pensei: "bem, ótimo", porque eu estava na minha própria casa. E, sabem, eu tinha tomado banho e tudo. E tinha uma irmã que cuidava de mim. E lembro-me de acordar aqui e senti-me quente, pelo menos, no hospital. Mas muito agradável e muito limpo. E tudo parecia tão fresco e arejado. E toda a gente parecia ser tão eficiente, silenciosa e pacífica. O sol — fosse o que fosse, pelo menos pensei que era o sol na altura — brilhava pelas janelas. E tudo em redor era bonito e limpo. E pequenos quadros pendurados nas paredes. E, de alguma forma, parecia um tipo de hospital muito especial. E pensei: "bem, isto é estranho".

E então uma mulher muito doce veio ter comigo. Disse: "sabe", disse ela, "a senhora só tem de descansar um bocadinho. E logo ficará bem. Por que não se organiza e começa a conhecer as coisas? E a sua gente virá vê-la daqui a pouco". E eu pensei: "isto é estranho. Não tenho a certeza, eu estava em casa, na minha própria cama. E aqui estou eu num hospital. Por isso devo ter estado inconsciente. E devem ter-me trazido para o hospital". Não pensei logo que seria [a morte]. E então pude ver, passado um pouco, outras almas deitadas por ali.

E havia uma rapariguinha doce ao meu lado na cama, uma criança loira, uma criança bonita ela era. E estava ali sentada. E estava a tagarelar. E então mostrou-me uma ou duas coisas que tinha, uma boneca e alguns livros e coisas. E disse: "não é bom estar aqui?". Disse: "estou tão feliz". Eu disse: "ai, é muito bom, mas o que é que tens?". Ela disse: "oh, eu tenho isto". Eu disse: "bem, não pareces. Mas por que achas que tens isso, se estás fresca e sedada e as tuas bochechas e tudo o mais estão brilhantes e alegres?". Não conseguia encontrar nada de errado nela, na verdade. E eu disse: "bem, há quanto tempo

estás aqui?". Ela disse: "oh, acabei de chegar". Disse: "mas estou muito feliz". Eu disse: "estou a ver".

Enfim, depois vi a minha irmã vir na minha direção. E fiquei tão surpreendida porque, sabem, eu tive uma irmã que morreu muito jovem, quando eu tinha cerca de 12 anos. Chamávamos-lhe Kate. Pensei: "isto é estranho. A Kate não estava aqui. A Kate morreu". E ali estava ela, e veio ter comigo, e trazia um grande ramo de flores nos braços. Flores lindas. Eram flores frescas. Eram novas. E ela disse: "toma, trouxe algumas para ti, estava tão contente por teres vindo". E disse: "a Mãe vem em breve". E logo de seguida eu disse: "não". Disse: "isso não é possível. Em todo o caso, como é que entraste aqui?". Ela disse: "sabe, a senhora não está lá. Está morta". Ela disse: "oh, desculpa". Disse ela: "eu já estou morta". Eu disse: "e tu também".

Eu perguntei: "o que queres dizer com 'estou morta'?". Ela disse: "estás morta". Eu disse: "não, não é possível. Estou muito viva. Estou no hospital. Mas como é que ela entrou?". Ela disse: "eu vi-te entrar pela porta". Disse ela: "eu também entrarei pela porta, porque todos os que aqui estão, estão mortos". Eu disse: "não percebo isto de todo". E a pequenina, ficou sentada a olhar para mim do espaço ao lado. Disse: "ai". Disse ela: "ela tem razão, estamos mortas?". E a senhora, a senhora, disse: "será que ela está mesmo morta também?". Eu disse: "bem, ela é minha irmã, e está morta. E se ela está morta, então nós devemos estar mortas, mas estamos vivas. Não compreendo isto".

Então a minha irmã disse: "viemos buscar-te". Eu disse: "o que queres dizer com buscar-me? Tinhas de obter permissão do hospital para eu deixar a cama. Mas devo dizer, sinto-me tão bem. Nunca me senti tão bem na minha vida". Ela disse: "claro, estás bem. Não há nada de errado contigo de todo. Apenas na tua mente. Sai da tua mente. Não estás doente". Enfim, diz ela: "estou a ver a senhora que está encarregue desta enfermaria". Enfim, passado um pouco, houve um entendimento entre elas. E foi-me permitido levantar-me.

E eu disse: "bem, e as minhas roupas?". E a minha irmã riu-se. Diz ela: "bem, o que têm elas? Tens mais". Eu disse: "como assim, tenho mais?". E olhei para mim, e ali estava eu... eu tinha três anos (*three* - provavelmente quis dizer que se sentia jovem). Não conseguia perceber aquilo de todo. Porque não me lembrava de vestir roupa nenhuma. E não me lembrava de trazer roupa nenhuma. E ali estava eu, de pé ao lado da cama, num vestido lindo. Era de um azul fino. Comprido e com uma faixa. E muitas coisinhas de renda à volta

do pescoço. Pensei: "bem, não sei. Não compreendo isto de todo". E o meu cabelo estava todo penteado e giro. E a minha irmã riu-se. E disse: "está tudo bem. Eu ajudei-te a vestir, mas tu não soubeste. Eu ajudei a fazer o teu cabelo também, através dos meus pensamentos". Eu disse: "ajudaste a fazer isso?". Perguntei: "achas que serei capaz de fazer coisas por pensamentos?". Então ela disse: "sim, claro que serás. Leva um pouco de tempo para te acostumares. Mas assim que perceberes que, pelos teus pensamentos, podes alcançar todas as coisas que queres fazer". Eu disse: "não compreendo".

Ela disse: "está tudo bem". Disse ela: "lembras-te de quando eu era uma pequena e costumava dedilhar no piano? E eu sempre quis tocar. E costumava ficar de mau humor e bater com os pés e o resto porque os meus dedos não faziam as coisas certas. Agora", disse ela, "consigo tocar lindamente. E faço-o agora por concentração e porque quero fazê-lo e porque o poder o torna possível para mim". Eu perguntei: "achas que é assim?". Ela disse: "ai". Disse ela: "é mesmo assim". Enfim, diz ela: "vem. Vamos agora. Vamos ver a Mamã e os outros". Eu disse: "mas eu pensei que tinhas dito que a Mamã vinha aqui". Então ela disse: "ela provavelmente estará lá em baixo". Eu disse: "oh, não compreendo".

Tudo isto parecia tão estranho. Descendo uma escadaria linda. E era uma pequena arena de mármore. Era lindo. E havia todo o tipo de pessoas interessantes a caminhar, todas com um aspeto tão em forma, bem e saudáveis. E em todo o lado parecia haver... não sei... como se todo o lugar estivesse a ser tão bem cuidado. Estava tão limpo. Oh, Mary, eles parecem interessantes. Parecem, não parecem? Ai. E descemos os degraus e saímos por este tipo de pórtico, ou como lhe chamem, descendo mais uns degraus para um jardim lindo. E era como se... não sei... nunca estive nestes sítios luxuosos, eu nunca fui capaz de fazer esse tipo de coisa. E dizem-me que não é diferente do que se vê em França, em alguns daqueles jardins lindos que eles têm com o tema de fantasia (*phantom theme* - prov. fontes/estátuas).

E havia todo o tipo de pessoas. Ela estava sozinha também, a correr e a brincar. E não eram adultos nem habituais, embora todos parecessem estar em forma e bem. E então pensei: "que estranho. Nenhuma destas pessoas parece fora do lugar, e no entanto eu sinto-me tão fora do lugar. Suponho que estou aqui há muito tempo, suponho que se possa dizer". Ela disse: "não, apenas nos últimos dias, e estás apenas a aclimatar-te a tudo. E eles estão à espera dos seus amigos. Estão à espera dos seus familiares". Esta é a fase a que chamamos de receção, para onde as pessoas vêm muito frequentemente —

não todas, mas muita gente — até que estejam aclimatadas às novas condições de vida e os seus amigos comecem a surgir. E depois eles vêm e eventualmente vão-se embora. Normalmente vão viver com a sua esposa ou o seu marido ou talvez com a sua mãe e pai, se fossem casar. Pelo menos as pessoas que mais amam, essas são as que esperam enternecidamente no jardim e esperam que eles saiam porque então sabem que eles acordaram. Claro, normalmente alguém como eu e o Jocky. Ah, é muito maravilhoso.

Sabe, ninguém precisa de temer a morte porque é a coisa mais maravilhosa. É a coisa mais entusiasmante que alguma vez poderia acontecer a alguém. Ninguém precisa de se preocupar com isso. Tudo aqui é tão real, tão natural. Toda a gente é tão... não sei... cheia de amor. E não há ódio, nem tipo de intolerância. Toda a gente é tão paciente. Especialmente com os que são novos e recém-chegados, e toda a gente quer ajudar. É um modo de vida maravilhoso.

Eventualmente eu fui. Sim, e eventualmente fui viver com a minha mãe. E eventualmente depois disso, com o meu marido. Bem, ele era pequenino (*wee*). Isto pode soar estranho, mas ele era pequenino e estava a fazer um trabalho especial, descobri depois. Mas era relacionado com uma guerra que estava a decorrer algures em África. África do Sul ou algo parecido, creio. E ele estava a ajudar os feridos e os moribundos. E enfim, quando ele estava livre, vinha a casa da minha mãe e depois eventualmente vivemos na casa dele. Era um sítio bem giro. E muito pequeno, mas muito agradável. E era o tipo de casa de que tínhamos falado muitas vezes que gostaríamos de ter, sabem. Um lugarzinho à antiga, de ser e de riso e um jardim bonitinho. E ele era muito entusiasta pela jardinagem. Não que ele fizesse connosco, porque não era possível e não tínhamos tido um jardim.

Mas ele interessou-se muito por esta quinta. Mas, sabem, ele tinha estado a fazer este trabalho, a ajudar estes soldados na Guerra da África do Sul, da qual suponho que eu estive doente por alguns meses e posso ter ouvido falar avidamente sobre esta guerra, mas não tinha recordação dela até ele me falar sobre o negócio estrutural que estava a decorrer. Claro, desde então houve guerras piores e ele tem feito um trabalho de resgate terrível, e eu também não tenho feito nada. Tenho ajudado soldados, não por anos, no que chamais — ou nós chamamos — estações de receção, e acho que é um trabalho muito interessante. Conheço todo o tipo de pessoas interessantes e sou capaz de falar com elas e ajudá-las a ajustarem-se a um novo modo de vida e aos seus novos pensamentos. É muito essencial que as pessoas erradiquem todas as velhas

ideias e pensamentos, sabem, e se tornem cada vez mais, por assim dizer, ajustadas e mais sintonizadas a um modo de vida diferente e a uma vibração e condição de vida diferentes.

É tudo muito interessante, sabem. Eu detestaria estar num lugar onde não houvesse nada para fazer. Oh, presumo. Não sei. Mas presumo que seja por isso que as pessoas vieram ameaçá-la de vingança (*threat her revenge* - prov. erro de transcrição). Mas ela evidentemente só esteve aqui um dia ou dois. Mas evidentemente há uma razão pela qual ela teve de ficar aqui por um tempo. Há sempre, claro. Oh, estão bem aí. Muito bem mesmo. E vejo-o com bastante frequência. Oh, que pergunta. Que pergunta. É tão variado que realmente não poderíeis ter retratado e descrito muito disso numa linguagem material por aquele bocadinho de tempo, para descrever ou retratar devidamente.

Sim, pode ver-se que é, nalguns aspetos, não muito diferente de nós; é belíssimo, sem todas as coisas que fazem alguém ficar irritado e aborrecido, sem todas as coisas estúpidas que as pessoas fazem para o estragar. Aqui tudo é belo porque as pessoas têm pensamentos belos. E, de uma forma estranha, esses pensamentos belos ajudam a atmosfera. É tão rarefeita e pura e bela. E a luz é tão maravilhosa. É uma luz refletida que temos nas ferramentas. Não do sol, mas de outros pensamentos. E é sempre uma luz suave e bela. E a coloração aqui é maravilhosa. Tem uma gama de cores tão fantástica.

E as flores também. Como quer dizer flores da floresta, suponho que, de certa forma, as poderia descrever onde as flores são enormes e belas. Mesmo através de uma casa de banho linda. Claro, vejam, aqui, embora se possam colher flores, a pessoa aprende a não o fazer. Na medida em que o faz, suponho, é um hábito fazer isso e colocá-las em casa. Mas assumimos, então, que não é a coisa a fazer. Pois há vida nas flores. E é melhor que permaneçam nos seus próprios arredores naturais. Mas quando a minha irmã veio e me comprou aquelas flores, perguntei-lhe sobre isso. E passado muito tempo depois, oh, disse ela, eram apenas flores suaves. Não eram as flores reais. Eram flores suaves e criativas. Por outras palavras: "pensei num ramo de flores lindo para ti. E ali estavam elas, para ti". Mas foi apenas temporário, percebem.

Oh, tudo aqui é tão perfeito e belo. Talvez noutra altura venha outra vez falar convosco. Mas devo ir. Receio que tenha de ir num momento. Dizem-me que o meu tempo está quase a terminar. Queria perguntar-me mais alguma

coisa? Oh, não sei se lhe chamam oxigénio, mas eu chamo-lhe ar. Porque eu tinha consciência de respirar e consciência de inspirar; suponho que deve ser ar de um tipo. Mas é sopa. É como vinho. Ah, este é um mundo perfeito. Não tenho desejo de fazer quaisquer mudanças. Espero que não haja mais tipos de culpa. Estou muito feliz onde estou. Embora me digam que um menisco onde se pode entrar irá na verdade... é uma questão de evolução. Mas estou muito contente. Não quereria mudar-me. Enfim, devo ir. Mas o meu amor e bênçãos para ambos. Adeus.

PARTICIPANTE: Obrigada, Mary. Muito bom.

MARY ADAMS: Adeus. Adeus. Obrigada.

Notas:

- *A Transição "Suave": Mary Adams ilustra o fenómeno de muitos recém-chegados não perceberem imediatamente que morreram, confundindo o ambiente espiritual (hospitais de receção) com hospitais terrenos, até que o encontro com parentes já falecidos (neste caso, a irmã Kate) desfaz a ilusão.*

- *A Criação pelo Pensamento: A irmã explica-lhe que as roupas e as flores que trouxe foram criadas pelo pensamento. Este é um tema recorrente nas fitas de Flint: a matéria do Além é moldável pela vontade e pela imaginação, embora pareça perfeitamente sólida e real.*

- *As Estações de Receção: Mary descreve o seu trabalho atual em "estações de receção", ajudando soldados e outros que chegam confusos. Isto liga-se perfeitamente aos relatos anteriores do Dr. Doherty e do Dr. Marshall.*

- *O Marido e a Guerra: A referência ao marido ajudar na Guerra da África do Sul (Guerra dos Bôeres, 1899-1902) ajuda a datar a época em que Mary viveu e a transição do marido para o trabalho de resgate espiritual durante conflitos bélicos.*

- *O Tratamento: A dignidade da "velha guarda" escocesa é mantida na tradução por "vós/a senhora", criando o contraste necessário com a vivacidade informal do Mickey.*

CÍRCULO DE BRIAN HURST

REENCONTROS E ORIENTAÇÕES

Esta sessão, realizada a 24 de março de 1973, é um exemplo vibrante da capacidade de Mickey em gerir um círculo numeroso (11 PARTICIPANTEs), alternando entre o humor e a sensibilidade profunda. O ambiente é de grande proximidade, com Mickey a identificar profissões (como a enfermeira que trabalha no hospital) e a facilitar reencontros emocionantes, nomeadamente para as recém-chegadas ao círculo.

MICKEY: Olá. O que é que estavas a dizer, Brian?

BRIAN HURST: Eu disse — oh, desculpa Mickey —, disse que às vezes se sentem sensações no topo da cabeça.

MICKEY: É possível. Obrigado, é bom ouvir-te, Mickey. Olá Mickey, há quanto tempo não te via. Como está a Sra. Joyce?

JOYCE: Bem, obrigada, querido.

MICKEY: Aquelas duas raparigas são as tuas filhas?

JOYCE: Sim, exato.

MICKEY: A loirinha?

JOYCE: Sim.

MICKEY: E aquela outra rapariga?

JOYCE: Exato.

MICKEY: Como estão elas?

JOYCE: Oh, acho que estão bem.

MICKEY: Estão com medo (*windy*)?

JOYCE: Um bocadinho, sim, um bocadinho, Mickey, mas é a primeira experiência.

MICKEY: Não, agora não. Oh, tudo bem então. Porque eu sei que... eu conheço muita gente aqui, não conheço? Conheço aquele homenzinho que tu trouxeste aqui, Brian, não conheço?

BRIAN HURST: Sim, é esse mesmo.

MICKEY: Conheces aquele outro sujeito? Joe? Oh, isso é dele. Sou eu, Mickey? Sim, sou o Mickey. David, sim. Sou o David. Nunca te conheci antes, pois não?

DAVID: Er, não, é a primeira vez.

MICKEY: Privilegiado em conhecer-te. És novo nisto, então?

DAVID: Sim. Bastante novo.

MICKEY: Curiosidade. Tu nunca tiveste curiosidade, pois não?

DAVID: Sim, ela "matou o gato".

MICKEY: Bem, tu não és um gato, eu também não. Aquele outro sujeito contigo, ele é todo um caso, não é? Hum. Estás a falar do Joe? Sim. Joe. Olá. Sim, o Joe é todo um caso. Muito talentoso também.

PARTICIPANTE: Ele é?

MICKEY: Sim, ele é muito esperto. Como estás, Joe?

JOE: Oh, bem, obrigado. Tudo bem, obrigado Mickey. E tu?

MICKEY: Tudo bem. Esse é o teu companheiro no sofá? Sim. Como está a senhora?

ENFERMEIRA: Estou bem, Mickey. E tu? Como vai o teu trabalho de enfermagem?

MICKEY: Estamos exaustos.

ENFERMEIRA: Exaustos? No turno da noite?

MICKEY: Não, a Vera faz às vezes, eu não. Gostas de ser enfermeira?

ENFERMEIRA: Bem, eu não sou enfermeira, Mickey, trabalho no hospital. Sim, trabalho lá.

MICKEY: Oh, sinto esta atmosfera de hospital, vibração à tua volta, sabes. Pessoas doentes e tudo isso. Pessoas a levar coisas em carrinhos e isso, sabes. Tens muito a ver com pessoas doentes, então?

ENFERMEIRA: Sim, temos. Nós recebemo-las quando entram no hospital — eu, pelo menos.

MICKEY: Tu recebes as pessoas quando entram?

ENFERMEIRA: Sim. Eu guardo todo o dinheiro e as joias delas, Mickey, que tal?

MICKEY: A sério? Eu estou mais preocupado com quem as vê quando elas saem. Alguns saem a caminhar e outros vêm para aqui. Oh bem, isso ocupa o teu tempo, não ocupa? Não conheço aquelas duas senhoras, não as vi antes.

PARTICIPANTE: Não, creio que não. Não, tu não nos viste, Mickey.

MICKEY: Como estás, companheiro?

PARTICIPANTE: Estou bem, obrigado.

MICKEY: Não estás com medo, pois não?

PARTICIPANTE: Não. A senhora ao meu lado é minha amiga.

MICKEY: Olá Mickey. Como está a senhora? Ah, conhece-me? É possível, sabe. O que disse? Acho que é possível que me conheça. Quem conhece toda a gente, não és tu, Mickey? Sou outra Vera.

MICKEY: És outra Vera?

VERA: Sou outra Vera.

MICKEY: Bem, hum, tenho uma ideia de que já te vi antes, mas...

VERA: Tenho a certeza que sim, Mickey. Ah.

MICKEY: Não te conheço pessoalmente.

VERA: Oh, bem então.

MICKEY: Conheço muita da tua gente.

VERA: Muita do quê?

MICKEY: Muita da tua gente que te rodeia onde tu estás.

VERA: Queres dizer que vou para o meu lado?

MICKEY: Para o teu lado, querida. Oh bem, posso não estar certo. Mas não me recordo de ti, pessoalmente. Conheces a Vera Devril de nome? Vera Devril... não conheço a Vera Devril. Bem, pareces bem agora de qualquer forma, Mickey. Bem, então estás satisfeito por me conhecer.

MICKEY: Obrigado, querida, estou satisfeito por te ver. É bom ouvir a tua voz. Já conheceste a Maria Teresa? Acho que ele está a ir buscar alguém. Ele vai trazer alguém. Desculpem o gravador que range. Espero que não incomode ninguém. Nós também não o ouvimos aqui. O Mickey fala através do Leslie? Não, ele é independente. Não, não, completamente independente. Oh sim. Percebo, porque ele não fala através dele. Não, Leslie. Não, nada, percebo. Sim, o Leslie fala com ele. Não, não, ele é bastante independente. Ele é como um operador de central telefónica, não é? Está a tentar "ligar" as pessoas. Podes pôr a coisa assim. É uma forma estranha, de qualquer modo. Sim. É uma forma estranha, não é? Encontrar alguém para alguém. Anda lá. Anda lá, Mickey.

PARTICIPANTE: Quem é este? Consigo ver um rosto nítido de um senhor idoso. A sério? Diante de mim, à frente, no ar, sim. Uma espécie de cinzento enevoado. Tem o cabelo branco acinzentado. Sim. O Mickey está a tentar organizar as coisas. Ouvi-o pedir pela Doris. Ouvi a Doris mencionar isso. Olá, olá.

PARTICIPANTE: Olá, Mickey.

MICKEY: Não, não é o Mickey. Olá. Olá. Olá. Olá. Olá.

PARTICIPANTE: Quem é a senhora, querida?

ESPÍRITO FAMILIAR: Sou a Joyce. Sou a Joyce.

PARTICIPANTE: Peço perdão? Quem é a senhora?

JOYCE (Espírito): Oh, sim, eu sei. Bem, como estão, raparigas? Como estão? Bem, estou surpreendida. Bem, bem, bem. Tenho estado à espera de uma oportunidade para algo como isto há muito tempo. Estou mal-entendida. Consegues ouvir-me, Joyce?

JOYCE (PARTICIPANTE): Sim, consigo. As raparigas conseguem ouvir-me?

JOYCE (Espírito): Sim, elas conseguem ouvir. Oh, estou tão contente por terem vindo. Posso ter a oportunidade de trocar algumas palavras convosco. Consegues ouvir o que estou a dizer?

JOYCE (PARTICIPANTE): Sim, conseguimos ouvi-la. A senhora apareceu.

JOYCE (Espírito): Obrigada por virem. Obrigada. Estamos todos aqui agora. Sim. O Jack está lá. Estamos todos juntos. A mãe está comigo agora. Só um minuto. Tenho uma surpresa para vós.

JOYCE (PARTICIPANTE): Obrigada. É a senhora, Joyce?

JOYCE (Espírito): Sim. Oh, estou com tanto medo.

PARTICIPANTE: Sim, quem é a senhora, querida? Oh, olá. Como está?

AVÓ (Espírito): Bem. Voltarei aqui se o Leslie me ajudar. Oh, espero bem que sim. Superei todos os meus problemas. Oh, estou contente. Faz cerca de dez anos. Estava a tentar fazer as contas. Foram dez anos no mês passado. Exato. Joyce. Ela apareceu.

JOYCE (PARTICIPANTE): A Joyce apareceu. Sim, apareceu. Quem é a senhora?

AVÓ (Espírito): Sou a vossa avó. Exato. Bem, eu esperava que fosse, mas há problemas de momento. Não sei onde ele está. Oh, eu compreendi. Sim, havia, mas ele teve de se ir embora e ainda não voltou e eu não sei onde ele está. Hum? Estamos a tentar encontrá-lo agora, mas não sabemos bem onde ele está. Creio que ele está doente. Gostaria que ele viesse para a enfermaria. Sim, preferia que o fizesse. Não sei. Não estou muito preocupada com ele. Sim, estou. Acho que vai demorar muito tempo, mas acho que as coisas se vão resolver. Espero que sim. Bem, não sei. Não, está tudo bem. Estou a aceitar as coisas conforme elas vêm. Acho que ele tem fome. Oh, sim. Não posso dizer tudo o que gostaria de dizer com todas estas pessoas aqui, sabem. Não.

Anda lá, tens de vir. Pediste-me para me veres sozinha. Eu não me sentia muito bem. Suponho que se vá resolver. Não sei. Bem, estou a deixar que as coisas se resolvam por si mesmas. O que é que as raparigas acham?

FILHAS: Estou bastante feliz com isso.

AVÓ (Espírito): O que dizes? Estou bastante feliz com isso. Suponho que isso é tudo o que importa. Bem, depois de ter tido o John por tanto tempo, acho que mereço alguém. Não interfere com a família como ela é. Por que é que não ouvi o que disseste ali? Desde que não interfira com as relações familiares tal como elas são. Não vejo que importe. Bem, isso é verdade, suponho. Sabes, há um velho ditado. Oh, eu sei. Eu fui mordida, mas... Sabes, não correu muito bem para ti, pois não?

JOYCE (PARTICIPANTE): Não correu, mas estou livre disso agora.

AVÓ (Espírito): Eu sei, mas... não, concordo. Acho que não eram certos um para o outro, pois não?

JOYCE (PARTICIPANTE): Não éramos, não.

AVÓ (Espírito): Não gostaria de te ver cometer um erro, sabes. Oh, bem, estou a deixar as coisas resolverem-se por si mesmas. Isso é o melhor. Estou bastante feliz como estou. Sim. Não, eu divorciei-me dele, claro. Eu sei disso, mas... não, não tenho notícias dele. Eu sei onde ele está. E as raparigas? Elas vêem-no?

JOYCE (PARTICIPANTE): Não. Elas sabem onde ele está. Podem ir se quiserem.

AVÓ (Espírito): Oh, percebo. Bem, é tão bom quanto possível, suponho. Não sei. Eu digo que às vezes... sim? Sabes porquê? Não. Pensei que fosses perguntar isso. Porquê? Consigo pensar porquê. As pessoas em Brighton passaram para o teu lado. Sim, eu sei disso, querida. É por isso que estou a falar de Brighton. Sim. Mas, sabes, ainda existem aqueles movimentos e coisas com Brighton. Sim, sim, eu compreendo isso. Eu acredito nisso, sabes. Teria dito a ele, suponho. Mas, sabes, estamos todos aqui. Oh, tens? Qual deles? A cuidar da quinta de cães. Desculpa. Ele não está a falar sobre isso. Desculpa. Que cão tens tu? Apenas um. Mais um. Não faças isto. Não te lembres disso.

MICKEY: Está aqui um cão que está muito ansioso para que saibas da presença dele e diz que é o Charles ou Charlie.

PARTICIPANTE: Sim, querido.

MICKEY: E ele quer aquela senhora — está aqui uma senhora nova e ela veio com a esperança de que ele aparecesse, diz ele. Consegues ouvir-me?

NOVA PARTICIPANTE: Sim, sim, compreendo.

MICKEY: Tu tens uma fotografia deste senhor, não tens?

PARTICIPANTE: Oh, tenho.

MICKEY: Mas tu tens uma que foi — de acordo com o que ele disse, quero dizer, este sujeito Charles, Charlie, a dizer que tu tiveste uma cópia, há uma cópia de algo. Não, não. Sabes algo sobre uma fotografia que ele me está a falar, tirada num jardim numa espreguiçadeira?

PARTICIPANTE: Posso ter tirado há algum tempo.

MICKEY: Enfim, vou ver se conseguimos passar. Tenho a imagem de alguém do outro lado sentado na espreguiçadeira no jardim. Talvez muita gente tenha, espera aí. Mas este homem diz que é o Charles ou Charlie.

PARTICIPANTE: Sim, é ele, eu sei quem é.

MICKEY: E ele está tão ansioso por falar com aquela senhora nova. Tu nunca vieste antes, pois não?

NOVA PARTICIPANTE: Não, nenhum de nós esteve aqui antes.

MICKEY: E ele está muito preocupado com algo que aconteceu há pouco tempo. E diz que espera que corra tudo bem, mas diz que tu vais superar isso, mas vai levar um pouco de tempo. Sim. Espera aí, não chores. Também está aqui alguém que morreu muito subitamente, sem aviso. Foi trazido para a frente também. Enfim, vou ver se consigo que o Charlie fale. Obrigado. Ele pode ter dificuldade da primeira vez. Aguenta aí, rapariga. Força. Charlie, fala com ela. Fala com ela.

CHARLIE: Não fales. Não chores, minha querida. Tenho a certeza... estou tão feliz por teres vindo. Oh, estou tão satisfeito. Tenho estado a rezar, tenho estado a rezar como nunca rezei na minha vida para que pudesse ter a oportunidade de trocar uma palavra ou duas contigo. Obrigado, minha querida. Estou sempre contigo. Não, eu não estou morto. Estou longe de estar morto. Venho ver-te praticamente todos os dias sem falta. Eu sei, querida. Estou contigo. Sim, eu sei que me amas, querida. Tu dizes-me sempre boa noite. Tu pensas sempre em mim, não pensas?

NOVA PARTICIPANTE: Sim, meu querido.

CHARLIE: Estou contigo a cada minuto. Pela fotografia que tu tens aí, quero que saibas que estou consciente de tudo o que estás a fazer.

NOVA PARTICIPANTE: Eu sei, querido. Eu sei.

CHARLIE: Um dia tu e eu estaremos juntos outra vez como nos velhos tempos.

NOVA PARTICIPANTE: Espero que sim, querido.

CHARLIE: Nunca mais pensarás em mim de outra forma, agora que sabes que estou bem. Oh, Deus. Oh, tu deverias estar bem, querida. Paz, querida. Pareceu tudo tão repentino, a forma como eu vim.

NOVA PARTICIPANTE: Foi repentino, querido.

CHARLIE: Apenas quero que estejas em paz, querida. Oh, eu estou bem. Não te preocupes comigo agora. Estou perfeitamente bem e feliz, mas preocupo-me um pouco contigo.

NOVA PARTICIPANTE: Não te preocupes comigo, querido. Estou perfeitamente bem. Vais ficar como estás?

CHARLIE: Sim, querida. Sempre.

MICKEY: Continua a falar com ele. Faz perguntas.

NOVA PARTICIPANTE: Querido, estás feliz em relação ao John? Sim. Estás feliz agora com o John, não estás? Ela é uma rapariga adorável, não é? Não sabes?

CHARLIE: Sim, querida. Espero mesmo que as coisas corram bem para ela. Espero mesmo que as coisas corram bem para ela.

NOVA PARTICIPANTE: Tu esperas que as coisas corram bem com ela? Eles parecem tão felizes, querido.

CHARLIE: Acho que estão muito felizes, mas o que é tudo isto que ouço sobre um apartamento?

NOVA PARTICIPANTE: Um apartamento, sim, querido. Estou à procura de um apartamento agora, querido.

CHARLIE: Eu sei que tu queres organizar-te e estás a pensar neste apartamento. Sim. Obrigado, querida. Não te preocupes por mim, querida. Sim, estou a desfazer-me de muita da mobília.

NOVA PARTICIPANTE: Não. Sim, querido.

CHARLIE: Não te preocupes por mim, querida. Fica apenas em descanso. Sabes, daqui a uns dias... daqui a uns dias...

NOVA PARTICIPANTE: Sim, querido.

CHARLIE: Há um aniversário especial. Um aniversário especial, querida. Daqui a uns dias. Sim, querida, não... eu não vi a mãe, sabes. Tu vês a tua mãe, ou a minha mãe? Ela está muito bem e feliz e envia-te o seu amor. Prometi que te daria uma pequena mensagem dela e ela envia todo o seu amor.

NOVA PARTICIPANTE: Obrigada, querido. Obrigada. Dá-lhe o meu amor.

CHARLIE: E o meu amor para ti, querida. Lembras-te do Bob?

NOVA PARTICIPANTE: Bob? Bob, não, querido.

CHARLIE: Conheci várias pessoas que costumava conhecer nos velhos tempos, com quem costumava estar no trabalho. Sim. Consegues ouvir-me? Vamos falar sobre ti e sobre mim.

NOVA PARTICIPANTE: Sim, querido.

CHARLIE: E quanto à taça (*bowl*)?

NOVA PARTICIPANTE: A quê, querido? A taça?

CHARLIE: Não consigo bem compreender.

MICKEY: Acho que ele disse molde (*mould*).

CHARLIE: Sim, achei que ele tinha dito molde.

NOVA PARTICIPANTE: Molde? Não compreendo sobre o molde, querido.

CHARLIE: Não te preocupes com isso. Ela não compreende. Estás em paz, querida?

MICKEY: Senhora? Compreenderia algo sobre uma condição suicida?

PARTICIPANTE: Não. Sim, sim, sim, sim. Sim. Poderia ajudá-lo de alguma forma? Sim.

MICKEY: Farei tudo o que puder, amor. Obrigado. Eu sei que é fácil para mim dizer "não se sinta mal" ou "não sofra". Isso é tonto. Quero dizer, a natureza humana sendo o que é, também é necessário, suponho. Mas, sabes, ele ama-te. Ele está tão perto de ti. Ele tenta mesmo ajudar-te. Ele só quer que sejas feliz.

NOVA PARTICIPANTE: Eu sou feliz se ele for feliz. Se ele estiver em descanso.

MICKEY: A propósito, sabes, há alguém ligado a ti que vai para o hospital.

PARTICIPANTE: Sim. O que é tudo isto sobre este assunto do hospital?

MICKEY: Oh, não é um familiar teu. É um primo por afinidade. Uma sobrinha, um sobrinho por afinidade. Há alguém, digamos, que terá de ir ao hospital muito em breve e será uma operação.

PARTICIPANTE: Talvez eu mesma?

MICKEY: Não tu, rapariga. Olha, rapariga, não tenhas desejos. Tu ainda não vens para aqui. Não sei. Tens de ficar mais um bocado, sabes.

PARTICIPANTE: Eu sei que ainda tenho um trabalho para fazer.

MICKEY: E tens uma filha casada?

PARTICIPANTE: Não, um filho casado.

MICKEY: Bem, espera um momento. Estava aqui alguém a falar sobre... ei, o que disseste sobre a minha filha? Ela está contigo? Sim. Ela consegue ouvir-me bem?

FILHA (Espírito): Sim, Mickey.

MICKEY: Sabes, rapariga, tu interessas-me. Não sei se percebes ou se não percebes, mas és muito psíquica.

PARTICIPANTE: Não percebia.

MICKEY: Não, provavelmente não perceberias. O engraçado é que muitas vezes as pessoas são muito psíquicas e não percebem de todo. Mas tu captas muita coisa dentro do teu eu mais profundo, na totalidade.

PARTICIPANTE: Sim, Mickey.

MICKEY: E tu tens alguém ao teu redor que está num estado mental muito mau.

PARTICIPANTE: Correto, sim.

MICKEY: E dizem-me que tem sido um grande trabalho árduo, sabes. Na verdade, tu tens passado por um período muito, muito difícil e muito infeliz, não tens?

PARTICIPANTE: Sim, Mickey, tenho.

MICKEY: E tiveste de tomar uma decisão, como se ela te pudesse ter sido imposta. Mas parece-me que tens esta condição ao teu redor de alguém que definitivamente precisa de tratamento psiquiátrico.

PARTICIPANTE: Sim, Mickey.

MICKEY: Compreendes?

PARTICIPANTE: Sim, compreendo. É bem verdade. E há crimes. E no entanto esta pessoa... eles têm crimes. E o que disseste? Sim, bem, o engraçado é: tu és muito próxima, creio, daquela senhora?

PARTICIPANTE: Sim, muito.

MICKEY: Porque é como se o marido dela e os nossos crimes... o que disseste? Como se todos soubessem a situação, vês. Sim, sim. Estou curioso. Bem, parece-me que este senhor de quem estão a falar, que tem esta condição mental, levará um pouco de tempo, mas não deves perder a esperança. Sabes o que quero dizer?

PARTICIPANTE: Sim, sim, compreendo.

MICKEY: Ele pode ser muito ajudado e será ajudado, mas precisa de atenção e dizem que tu fizeste a tua parte; não podes fazer mais do que fizeste.

PARTICIPANTE: Acho que sim. Sim, sinto que fiz tudo o que podia.

MICKEY: Tens um filho?

PARTICIPANTE: Sim, tenho.

MICKEY: Na terra, quero dizer. Ele causa-te uma certa dose de ansiedade?

PARTICIPANTE: Muita.

Conselhos e a Visão do "Padre Mac"

MICKEY: Parece-me que detesto ter de dizer certas coisas a certas pessoas à frente de outros, mas acho que tu já tiveste a tua "dose", companheira.

PARTICIPANTE: Sim, tive.

MICKEY: Desculpa a linguagem. Tu tens levado de todos os lados, não tens? Tens sido fustigada e chegaste ao ponto em que pensas: "o que virá a seguir?".

PARTICIPANTE: Exatamente.

MICKEY: Sinto que tens apenas de dizer a ti própria: "bem, a minha consciência está tranquila, fiz tudo o que estava ao meu alcance e agora cabe-lhes a eles". E sinto que, no que toca ao teu filho, ele está a sair desta fase — seja ela qual for — e as coisas estão a melhorar com ele. Mas com o teu marido, acho que se trata de uma condição mental; não estou a dizer que ele é "maluco de todo", mas ao mesmo tempo ele precisa de atenção e ajuda. Ele sofre de melancolia e acho que vai ser muito ajudado nesta situação. Tu não deves ficar deprimida nem "em baixo", mas parece-me que tiveste de aguentar por três pessoas, pelo que me dizem, e disseste a ti própria: "até quando, oh Senhor?". Bem, acho que estás a sair disso agora e deves manter a cabeça erguida.

A propósito, rapariga, conhecerias alguém ligado a ti que tivesse uma loja de chupas (*sucker shop*)? Uma loja de doces?

PARTICIPANTE: Sim. Sim.

MICKEY: Refiro-me a alguém que "bateu as botas".

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Bem, espera um momento. Há alguém de quem me estão a falar, ligado a alguém que tem uma loja de doces, ou teve, e há alguém que morreu relacionado com essa pessoa.

PARTICIPANTE: Sim, sim. Sim, eu compreendo. Sim.

MICKEY: Sabes, tu és realmente uma personagem extraordinária. Admiro-te. Acho que tens aguentado imenso, companheira. E quase que "bateste o pingo" e te dobraste em consequência disso.

PARTICIPANTE: Sim, bati.

MICKEY: Vais ficar bem, amor. Ainda bem que és o tipo de pessoa e de caráter que és. Muitas outras pessoas não aguentariam. Não importa, amor. Tu ainda não estás morta e vais estar melhor quando estiveres, por isso não te preocupes.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Não está na hora?

MICKEY: Ainda não acabei contigo. E quanto àquela outra pessoa, então? Mensagem maravilhosa. Maravilhosa. E quem era a Rose? Espera um momento. Não, espera um minuto. Estou a ficar baralhado. Aquela outra mulher. Aqui, aquela outra senhora. Aqui, consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, querido, sim.

MICKEY: Bem, está aqui uma mulher. Ela é uma "fura-vidas" (*stealth party*). Bem, ela já não o é realmente, porque o físico e tudo isso é uma coisa material, mas quando estava na terra ela era uma verdadeira "fura-vidas" e é toda uma personagem; tem um bom sentido de humor, ri-se muito e conta piadas. E ela diz: "vou dizer-te que ela está aqui e deseja ser lembrada por ti". E diz: "diz-lhe que sou a Rose".

PARTICIPANTE: Rose... não consigo [lembrar-me].

MICKEY: Não te preocupes se não a identificares.

PARTICIPANTE: Não, não consigo.

MICKEY: E esta mulher, ela teve de tirar o peito porque tinha cancro, percebes. E, hum, espera um momento. O que disseste? Não chores. Bem, saberias quem é a Rose Rustin? Rose Rustin?

PARTICIPANTE: Rustin. Rustin, não. Rose, Rose.

MICKEY: Qual é o nome dela? Não, não, não, qual é o nome dela? Bertha?

PARTICIPANTE: Bertha? Isso não é Rose, pois não?

MICKEY: Não, claro que não são. Tu não sabias o nome dela, pois não? Eu? Eu? Conheces o nome Rustin?

PARTICIPANTE: Sim, esse é o apelido do meu marido.

MICKEY: Bem, estão aqui algumas pessoas relacionadas com ele, vês. E esta Rose aqui, ela é uma PARTICIPANTE, e diz que também está aqui com o Will e o Charlie.

PARTICIPANTE: O Charlie, sim, é o meu querido.

MICKEY: Sim, mas vês, há outros parentes na família do teu "velho" de quem tu talvez não saibas nada.

PARTICIPANTE: Sim, há um Charlie na família dele, sim, que passou para o outro lado.

MICKEY: Há uma multidão, vês. Tu és um caso, não és, rapariga?

PARTICIPANTE: Perdão?

MICKEY: Ele disse que tu és um caso. Provavelmente, provavelmente. Saberias algo sobre um homem que perdeu alguns dedos?

PARTICIPANTE: Sim, o meu marido, ele perdeu um dedo.

MICKEY: Bem, ele está a rir-se e a brincar, há aqui alguma piada a correr sobre dedos. Não há nada de errado com os dedos [aqui]. Não, caramba. Sim, eu sei, mas não posso fazer isto em público, podes ter de esperar um bocado. Sim, são tantos.

PARTICIPANTE: Mickey, deves ter usado esta palavra. Nós gostamos dela.

MICKEY: Bem, sabes, às vezes a pessoa fica farta (*browned off*) porque, vês, o meu trabalho é descobrir quem é quem, o que é o quê. Algumas destas pessoas, elas portam-se mesmo mal. Estão todas tão ansiosas. Sabes, tu e aquela tua amiga, sinto apenas que têm de se ajudar uma à outra.

PARTICIPANTE: Ajudamos, ajudamos, damos força uma à outra.

MICKEY: Fico muito contente que o façam porque vão precisar uma da outra e eu acho que... bem, sinto apenas que podem ajudar-se uma à outra mais do que percebem. Está a entrar outra senhora.

PARTICIPANTE: Que rapariga?

MICKEY: Outra senhora a entrar, alguém próximo dela, suponho. Bem, já não é sem tempo. É para outra pessoa, desta forma sabes como é. Tens um lenço (*tissue*) na garganta, companheira?

PARTICIPANTE: Sim, desculpa. Talvez eu os tenha afastado de ti. Alguma vez vês um bom castanho (*brown*), vês?

PARTICIPANTE: Sim, às vezes, sim.

MICKEY: Apenas para te libertar?

PARTICIPANTE: Bem, temos feito isso, sim, tens razão. Não regularmente.

MICKEY: Não, mas tu sentas-te e meditas e vês o que aparece.

PARTICIPANTE: Sim, exato.

MICKEY: Porque eu acho que tu recebes muita coisa e duvidas de ti própria, esse é o teu problema.

PARTICIPANTE: Bem, sim, tens razão.

MICKEY: Eu compreendo porquê, quero dizer, é humano e natural, mas o ponto é, Cock [termo afetuoso], que tu recebes muitos pensamentos e impressões que te chegam de pessoas deste lado e tu deverias exteriorizá-los;

acho que até exteriorizas bastante bem, mas acho que às vezes inclinas-te a pensar: "oh credo", sabes, e recuas um pouco.

PARTICIPANTE: Sim, acho que tens razão. Sou principiante, sou principiante, não sou? Esse é o problema.

MICKEY: Bem, suponho que toda a gente tem de começar, não tem?

PARTICIPANTE: Sim, exato.

MICKEY: Acho que é pena não conseguires um bom círculo regular.

PARTICIPANTE: Bem, espero conseguir na Índia.

MICKEY: O que é que queres ir para lá fazer?

PARTICIPANTE: Eu gosto da Índia.

MICKEY: Gostas?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Bem, aquilo é miséria e pobreza.

PARTICIPANTE: Sim, não tens de viver na miséria.

MICKEY: Não, eu sei, mas está tudo à tua volta, deve ser muito deprimente.

PARTICIPANTE: Mas há margem para muito trabalho, não há?

MICKEY: Bem, não quero dizer que sou burro, sabes, mas sim, suponho que sim, mas não sei. Acho que é terrível quando há tanta pobreza terrível e socialismo.

PARTICIPANTE: Sim. As pessoas não têm onde dormir e ficam nos passeios e tudo isso.

MICKEY: Gostas da Índia, então?

PARTICIPANTE: Gosto. Gostaria de fazer algum trabalho social ou algo do género, ou ensinar, percebes.

MICKEY: Bem, claro, o motivo é bom, devo admitir. Oh, bem, não sou eu que devo dizer, pois não? Sinto pena de toda aquela gente.

PARTICIPANTE: Sim. Sim, eu também.

MICKEY: Claro, um casal deles disse: "parecemos coelhos, não parecemos?". É ridículo. Acho que é uma tragédia, crianças a mais e tudo isso. Quero dizer, é ridículo.

PARTICIPANTE: Sim. O outro lado aprova o controlo de natalidade, não aprova?

MICKEY: Bem, eu aprovo. Não sei quanto a isso. Bem, quer dizer, talvez eu não devesse dizê-lo, mas... sim, sim. Eu acho, bem, sabes... Quero dizer, é ridículo, não é? Hum.

PARTICIPANTE: Bem, o que fazes normalmente quando não estás aqui, Mickey?

MICKEY: Perdão?

PARTICIPANTE: O que fazes quando não estás aqui?

MICKEY: Todo o tipo de coisas. Oh, tenho muitas coisas interessantes por aqui, sim.

PARTICIPANTE: Oh, que bom. Adoraria ouvir falar delas.

MICKEY: Estou sempre contente por nunca me ter casado, no entanto.

PARTICIPANTE: Sim, creio que sim, sim. Já me disseste isso antes.

MICKEY: O casamento é bom se encontrares a pessoa certa, mas Deus te ajude se não encontrares.

PARTICIPANTE: Sim, exato. Sim.

MICKEY: Agora, estás a afastar-me do meu trabalho, companheira. Tenho de conseguir que passe mais gente, não tenho? Se não, "levo nas orelhas" (*get me carbs*). Exato.

PARTICIPANTE: Okay. Justo.

MICKEY: "Me carbs". Obrigado, Mickey, de qualquer forma. Reparaste como ela diz "exato"? Ganha ânimo, rapariga. Ganha ânimo. Tu tens uma irmã.

PARTICIPANTE: Quem, eu?

MICKEY: Sim.

PARTICIPANTE: Sim, querido.

MICKEY: Ela está aqui.

PARTICIPANTE: Exato, a minha irmã.

MICKEY: Acabaram de trazer a tua irmã para a frente.

PARTICIPANTE: Sim, esperámos.

MICKEY: Essa é a senhora que tu esperavas que viesse. Sim, sim. Ela está aqui, aguenta aí. Ei, anda cá para dentro. Não fiques nervosa, pelo amor de Deus. Não. Fica calada. Nós amamos-te todos, querida. Estamos todos aqui. Estamos todos aqui.

SISTRA (Espírito): Mamã? Ela tem de se habituar à caixa de voz, vês. Têm de respirar e ganhar fôlego. Apenas amor e paz. Mamã, estou aqui. Estás em descanso? Sim. A sério? Sim. Oh, querida, estou tão feliz por estares aqui. Consigo ouvir-te e estou tão feliz por falar contigo. Sim, estamos ambas aqui. Pensamos em ti. Sim, conseguimos ouvir-te. Irmã. Sim, querida, querida. Minha querida irmã. Sim. Minha filha. Sim. Minha querida. Fica apenas em paz. É tudo o que queremos ouvir. Estou bem e estou feliz e estou tão feliz. Sim, tenho o teu anel.

PARTICIPANTE: Tu tens o meu anel.

SISTRA (Espírito): Sim. Sim, ouvimos-te claramente, querida. Sim, Mamã, também acho que sim. Sim. Sim. Sim. Descansa em paz, minha querida. Descansa em paz. Estamos sempre a pensar em ti. Tu e o Charlie. Sempre a pensar em vós. Deus te abençoe, querida.

MICKEY: Saberias de um tio Francis?

PARTICIPANTE: Sim, há muito tempo.

MICKEY: Há uma multidão para vós as duas, vês. Aquela senhora que falou, abençoada seja. Sabes, eu compreendo o que queres dizer quando dizes "descansa em paz", mas a questão é que estamos longe de estar a descansar, sabes. Não. Nós aproveitamos as nossas vidas aqui e temos muitos interesses.

PARTICIPANTE: Oh, que bom.

MICKEY: Aliás, quanto a "descansar em paz", no que me diz respeito, eu deixo a coisa rolar (*let it rip*).

PARTICIPANTE: Eu sei, amor. Abençoado sejas.

MICKEY: Mas não precisas de te preocupar. Os teus entes queridos estão muito perto. Estás muito feliz.

PARTICIPANTE: Sim, nós amamo-los tanto a todos.

MICKEY: Sim, e a propósito, eu poderia continuar convosco as duas o dia todo. Poderei continuar. Se alguém vier aqui, sabes, que é um católico muito fervoroso, uma pessoa linda, e não é o Cristo. Há uma ligação irlandesa também. Então é para eles? Bem, espera um momento, estou a perguntar-me. Alguém a meter-se aqui agora e é uma ligação irlandesa.

PARTICIPANTE: Não para nós. Pode ser... conhecíamos muito bem um padre irlandês.

MICKEY: Bem, está aqui um homem, espera um momento, e ele é muito irlandês, muito católico, e pergunto-me se ele consegue falar convosco. Aguenta aí. Consegues conseguir passar e falar? Algo a ver contigo, Kirtland? Sim.

PARTICIPANTE: Sim, acho que sei quem é.

MICKEY: Ele veio ter convosco muito subitamente.

PARTICIPANTE: Ele não veio ter comigo, ele deve ter vindo para aqui [morrido]. *(RISOS)*

MICKEY: Tudo bem, Lukey, aguenta aí. Ele passou para o espírito muito subitamente. Sim, bem, aguenta aí, companheiro. Olá.

PADRE MAC: Olá. Como estão, senhoras? É o Padre Mac, não é? Conseguimos, Padre, é um prazer ouvi-lo. Bem, como estão vós, as duas raparigas?

PARTICIPANTE: Estou muito bem, Padre. Fiquei tão perturbada ao saber quando o senhor se foi.

PADRE MAC: O que foi que disseste?

PARTICIPANTE: Fiquei tão perturbada com o cão e tudo o mais. Quando o senhor partiu?

PADRE MAC: Foi a forma como passei para cá, foi um grande choque para mim. Não fazia ideia de que ia ser casado (*married* - prov. erro de transcrição para *buried*/enterrado ou *carried*) desta forma.

PARTICIPANTE: Não, foi muito triste, Padre.

PADRE MAC: Estou bem, estou bem, e estou muito feliz, e devo dizer que as coisas são muito diferentes do que eu esperava.

PARTICIPANTE: Bem, estamos felizes por o ouvir voltar para nós, Padre. Pensamos muitas vezes no senhor e falamos de si. O senhor fez aquela igreja, Padre, devo dizê-lo.

PADRE MAC: Ai, pode ser que sim. Não haveria sentido em voltardes lá para lhes dizerem que falaram comigo aqui, porque eles não acreditariam em vós.

PARTICIPANTE: Oh, nós percebemos isso.

PADRE MAC: No entanto, eu continuo a ir à igreja e continuo a tentar ajudar com a minha influência a partir deste lado. Mas queria apenas que soubésseis que estava bem e feliz e que não tenho arrependimentos e que estou perfeitamente bem. Enfim, não devo ficar, mas desejo-vos tudo o que é bom para vós e que Deus vos abençoe.

PARTICIPANTE: Deus o abençoe, Padre, e muito obrigada.

PADRE MAC: A paz esteja convosco, senhores.

PARTICIPANTE: A paz esteja com o senhor, Padre.

MICKEY: Que personagem extraordinária.

PARTICIPANTE: Oh, ele era. Era uma personagem maravilhosa.

MICKEY: Quem foi que disse isso? Quem disse isso? Não sei. Não sei. Não, alguém disse isso. Sim. Alguém acha que o Padre Mac é muito estranho. Faz o que dizes, Gil.

PARTICIPANTE: Eu disse que alguém acha que ele é muito estranho.

MICKEY: Ele é um bocado estranho por aqui, na verdade. Mas é muito simpático. É uma verdadeira personalidade, uma verdadeira personagem. Oh, Vera. Olá. Fala com ele. Em que período estás? Estão duas Veras agora. Está aí alguém? Aguenta aí. Vamos organizar isto num minuto. Dá-me um fio. *(RISOS)* Estão aqui várias pessoas para ti. Tu és a Vera, não és?

VERA: Sim, sou.

MICKEY: És tu então. Aguenta aí. Sim, olá. Olá. Sim, quem fala? O Will, disse ele? Ele não te consegue ouvir. Sim. Sim. Oh, sim. Sim, consigo ouvir-te. Sou eu, é a Tia Edie.

VERA: Tia Edie?

TIA EDIE: Sim. Ela está aqui com a Mãe. Pergunto-me se isto é para ti. Não sei, Tia Edie. Estás com a Vera certa? Ah, a minha sogra. A mãe do meu John. Abençoada sejas. Oh, abençoada sejas. Não compreendo. Estás a sair-te bem. Querida, tu conhecias o trabalho que eu fazia. Sabes que está certo.

VERA: Sim, eu sei.

TIA EDIE: Estás livre de dor? Sim, estou. E a minha mãe? Abençoada sejas. Agora já sabes. Já viste a minha mãe? Sim, claro que vi. Abençoadas sejam ambas. Estáveis todas aqui, sabem. É uma multidão. Abençoada sejas. Vera. Edith, querida. Estás perfeitamente feliz? Claro que sou feliz, minha querida. Claro que sou feliz. Eu direi ao John. Mas não creio que ele compreenda.

VERA: Espero que sim. Espero que sim. Não sei.

TIA EDIE: Eu também espero que sim. Mas ainda acho isto tudo muito, muito difícil.

VERA: A sério?

TIA EDIE: Estás a sair-te muito bem. Estás. Consigo perceber. Abençoada sejas, querida. Sim. Sim, querida, percebo. Certamente foi. Como te tens mantido nestes dias?

VERA: Estou razoavelmente bem, querida. Vou aguentando com a artrite reumatoide.

TIA EDIE: Bem, claro, já estás a ficar velhota. Sabes, sabes. Já não sou uma menina.

VERA: Claro que não és. Quer dizer, eu sei que estou a recuar muitos anos.

TIA EDIE: Claro, já estás a tocar nos 70 agora, não estás?

VERA: Oh, não propriamente, querida. Não propriamente.

TIA EDIE: Não, deveria eu dizer 62?

VERA: Oh, pensei que fosses mais nova que isso.

TIA EDIE: Oh, não. Oh, não faças as contas. Tu nunca foste boa a aritmética.

VERA: Não consigo compreender nem agora, sabes.

TIA EDIE: Não consegues?

VERA: Não, continuo a ficar muito baralhada com todas as coisas espiritualistas. Mas tu sabes como o John e eu somos, não sabes?

TIA EDIE: Sim, eu sei tudo isso.

VERA: Sabes que ele me leva a sítios.

TIA EDIE: Eu sei tudo isso, querida.

VERA: Sabes da cruz que me deste?

TIA EDIE: Sim, querida, mas continuo a achar isto estranho. Não consigo evitá-lo.

VERA: Eu compreendo. Eu compreendo perfeitamente. Ainda tens essa cruz?

TIA EDIE: Tenho, querida. Claro que tenho. Ela vai comigo pelas igrejas. Que personagem tu és. Oh, abençoada sejas. Já não sou uma menina tímida. Não gostava de crachás pela forma como vejo as coisas, mas... espero que tu gostes. E a minha mãe está contigo neste momento? Sim, só um momento. Poderia ela dizer uma palavra? Huh? Quem é a Joyce? Sou a Joyce.

Sou a Joyce. Aguenta aí. Alguém se está a meter. Ah, querida, querida. Ela é toda uma personagem, aquela senhora, não era? Quem te falou, rapariga?

PARTICIPANTE: Sim, era, querida. Ela certamente era. Quero perguntar-lhe se ela tem a filha dela, o Sr. Mabel (*Mr Mabel* - prov. erro), querida. Marie-Thérèse. Oh, olá. Parem, por favor, parem. Quero falar convosco. Oh, é tão bom ter-vos. Estamos tão interessados em tudo. Há tanta gente, sabem. É muito complicado às vezes para todos se manifestarem. De facto, é impossível. Mas é tão bom ter-vos outra vez. Não quero que se esqueçam, sabem. Quero que percebam que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance. Só um momento, por favor. Ai, está tudo bem. Tanto quanto possível, quando vens, é melhor. Não consegues ouvir o que digo? Olá? Ai. É o Robbie aqui. Robbie. Ai, é o Robert que fala. Não consegues ouvir o que digo?

PARTICIPANTE: Sim, conseguimos ouvir. Estás a falar para mim?

ROBERT: Ai, faz muito tempo desde a última vez que fui capaz de manifestar algo como isto. Oh, sim, lembro-me de ti. Eu costumava vir. Mas isso já remonta a alguns anos agora. Quero apenas que saibas que me lembro dos tempos felizes. Quero apenas que saibas que te estou a ajudar o melhor que posso à minha maneira.

PARTICIPANTE: Muito obrigada.

ROBERT: Ai. Obrigado por virem.

PARTICIPANTE: Quem é a Mary Tree?

MICKEY: A minha irmã, Mercy, que trabalha comigo.

PARTICIPANTE: Tão distintiva, cada voz, não são? É tão diferente. É maravilhoso. É maravilhoso. É maravilhoso.

De Camden Town às Esferas de Estudo

MICKEY: É maravilhoso. Estou a tentar trazer-te para o quadro, Joan. Nunca consegui. Mas ele conseguiria. Eu nunca consegui. Aquilo não foi particularmente forte. Inconscientemente forte. Consegues captar? Tudo o que tens de fazer é sentares-te aí, que eu farei o trabalho e tu gemes.

PARTICIPANTE: Vou tentar gemer.

MICKEY: Bem, Mickey, não me refiro a gemidos de sofrimento, no entanto. Gosto desse teu companheiro. Ele é todo um caso público, não é, Brian?

BRIAN: Oh, o Joe? O Joe parece nunca receber nada, sabes.

MICKEY: Talvez haja uma razão para isso. Talvez nenhum dos parentes dele queira voltar e falar com ele; talvez já tenham tido que chegue dele quando o conheciam. Algumas pessoas nunca pensam nisso, pois não? Não percebem que há pessoas que ficam felizes por escapar!

BRIAN: Sim! Joe, nunca vais livrar-te desta.

MICKEY: Não, estou só a brincar contigo, Joe. Porque se a pessoa fica demasiado tensa, eu tenho de fazer as pessoas rir. Ora, tenho a certeza de que és uma pessoa muito simpática, não és, Joe?

JOE: Muito obrigado.

MICKEY: Trabalhas no mesmo sítio que o velho Brian?

JOE: Não, trabalho na escola de artes, num lugar diferente.

MICKEY: Trabalhas onde, companheiro?

JOE: Na escola de artes.

MICKEY: És um artista?

JOE: Sim.

MICKEY: Bem... o que é que pintas lá? Mulheres a fazer nada, então?

JOE: Não, ele não faz isso. Já passei essa fase há muito tempo.

MICKEY: O que fazes, então?

JOE: Bem, ensino os estudantes.

MICKEY: Ensinas os estudantes? Oh, és um verdadeiro profissional, então?

JOE: Sim. No departamento têxtil.

MICKEY: Suponho que não me cabe a mim dizer, mas claro que tens de ganhar a vida, não tens? Mas eu pensaria que, se um artista fosse realmente bom, não teria de ensinar outras pessoas.

JOE: Oh, não vou continuar. Vou deixar o emprego em breve, espero. Vou voltar para a Índia.

MICKEY: Vais com o velho Brian para a Índia, então?

JOE: Sim, é isso.

MICKEY: É um arranjo engraçado, não é?

JOE: A Índia é um país muito bonito, Mickey.

MICKEY: Oh, não estou a dizer que não é. Por favor, não me entendas mal. Mas eu pensaria que eles já têm problemas que cheguem sem vocês os dois irem para lá.

JOE: Bem, as pessoas são pobres, confiam mais no outro lado, sabes, porque é por isso que têm vida longa lá. São mais felizes do que nos países ocidentais. Tu compreendes isso. Não há tanta correria lá, Mickey. A vida é um pouco mais lenta.

MICKEY: Bem, eles não têm força, por isso podem não ter que chegue para comer.

JOE: Bem, isso é verdade, sim. Porque é bastante quente.

MICKEY: Não, não deves entender-me mal.

JOE: Não entendo.

MICKEY: Eu aprecio que seja um país bonito, mas há uma pobreza tão terrível lá, não há?

JOE: Há.

MICKEY: E eles não parecem ser capazes de fazer nada em relação a isso.

JOE: Bem, estão a fazer agora. Está a melhorar. É muito difícil para um país grande, sabes.

MICKEY: Não, mas eu acho que há bebés a mais lá. Eles estão a tentar travar tudo isso, vês. A UNESCO e outros governos, estão a ajudar a travar essas coisas. Gradualmente, a educação está a chegar às aldeias, vês, e aos lugares que precisam. Estão a ir pelas aldeias, e muito está a ser feito. Por isso, acho que daqui a dez anos estará muito melhor. Bem, não te podem culpar a ti, pois não? Não. Pelo conhecimento da população. Não, eu não quero particularmente. Vais ficar solteiro?

JOE: Bem, creio que sim, sim.

MICKEY: Claro que, se encontrares a "Sra. Certa", será diferente, não será? Ou a "Menina Certa". Eu costumava conhecer uma "Sra. Certa" (*Mrs. Right*)... não, estava a ser estúpido. Eu disse que se encontrasses a "Menina Certa", podias acabar "pendurado" [casado]. O casamento é bom se tiveres sorte e encontrares a pessoa certa. É tudo sorte, não é? Embora às vezes me pergunte se, por vezes, as pessoas têm de casar com a pessoa errada, porque têm de aprender certas lições que são necessárias para o seu próprio avanço espiritual.

JOE: Sim, creio que sim.

MICKEY: E acho que as pessoas têm de ser testadas, não achas?

JOE: Sim, acho. Tenho a certeza disso.

MICKEY: Aquele outro sujeito ao lado do teu companheiro, ao lado do Joe, não é conhecido do velho David?

DAVID: Sim, exato.

MICKEY: Ele não te é conhecido, David?

DAVID: Até certo ponto, sim. Mas ele está a sair-se bem.

MICKEY: Disseste que ele se está a sair bem, Mickey. Oh, acho que és um bom sujeito. Acho isto bastante interessante. Anda lá agora, consegues arranjar-me um para o David ou algo assim?

DAVID: Oh, obrigado, Mickey. Seria maravilhoso. Se puderes, por favor, ficaríamos muito gratos.

MICKEY: Não consigo fazê-lo por encomenda, mas eu tento.

DAVID: Oh, sim, eu compreendo. Oh, bem, isso é muito gentil da tua parte. Muito obrigado. Estás a virar a fita?

BRIAN: Sim, Mickey.

MICKEY: Okay, desde que saibas o que estás a fazer no carro. E não cruzes as pernas aí, por favor. Corta a energia. Solta.

PARTICIPANTE: Não me tinha apercebido disso.

MICKEY: Está tudo bem, amor. Oh, pássaro doce, é alegre, é fácil de ver. Oh, vou adorar-te, adorar-te, conhecer-te. De onde veio o bebé? Camden Town mudou muito desde que tu lá estiveste, Mickey. Ainda bem, se queres que te diga.

MICKEY: Os meus pais passavam a maior parte do tempo na taberna (*pub*).

PARTICIPANTE: Passavam?

MICKEY: Sim. Eu estudei lá, sabes.

PARTICIPANTE: Estudaste onde?

MICKEY: Estudei perto de Kentish Town, Camden Town. Eu nasci lá, Mickey.

MICKEY: Foi? Bem, quer dizer, estava tudo bem. Era saudável de certa forma, mas sabes, os meus pais... tudo o que eles pensavam era em "copos" (*booze*). Quando eu era um "pequeno" (*nipple*), costumava ficar à porta da taberna, ela abria e eu recebia um copo de vinho, um limão ou algo assim, e outra bolacha de raiz. A maioria desses dias já passou. Já não se veem miúdos à porta das tabernas agora, pois não? Sem sapatos nem meias. O engraçado é, no entanto, não é?, que os miúdos nunca tiveram uma vida tão boa. Têm boas casas, boa educação, muita comida boa e tudo isso; e é isso que pode dar para o torto, não é?

JOE: Sim, eu ensinei alguns deles.

MICKEY: É fantástico quando pensas nisso, não é? Quero dizer, nós nunca tivemos as oportunidades que os miúdos têm hoje. Eles simplesmente não querem aprender, não querem fazer o que lhes mandam, e querem apenas

ser tão difíceis quanto podem, alguns deles. Bem, bem, devo ter começado a criticar os jovens, não foi? Tornou-se mau, não foi?

JOE: Sim, verdade.

MICKEY: Eu esqueço-me sempre de ti. Não, não, a sério. O Andre está aqui.

PARTICIPANTE: O que disseste, Gil?

GIL: Eu disse: pergunto-me se o Andre está aqui. Andre, que falou comigo da última vez.

MICKEY: Pensei que era aquela mulher.

GIL: Não, eu sussurrei.

MICKEY: Oh. Não sei se tiveste uma mudança de sexo. Esse é o marido da Vera, não é? O marido da Vera está aí?

VERA: O meu marido.

MICKEY: Sim, bem, não me apresses, Gil. Não, temos de arranjar espaço. Anda aqui agora. Bem, está aqui este velho, o Jones, que quer alguém, e depois outros sujeitos têm outros tipos. Ele está a trabalhar arduamente.

PARTICIPANTE: Oh, ele é maravilhoso, não é? Ele tentou tanto hoje. Tentou mesmo.

MICKEY: Ele trabalha arduamente, com certeza. Tal como o seu pobre médium.

LESLIE FLINT: O quê?

MICKEY: Eu digo, tal como o seu pobre médium. É uma "assinalação" (*sign*) difícil, caramba.

PARTICIPANTE: Sabes, acho que esta é uma sessão realmente maravilhosa hoje, Leslie. Realmente maravilhosa.

LESLIE FLINT: É maravilhosa. Tem sido para mim dar o nome.

PARTICIPANTE: E quando o meu marido estava a morrer, ele disse: "amar-te-ei além da sepultura". E aqui está.

MICKEY: Sim. Foi muito bom o Padre católico ter aparecido também, não foi? Isso mostra que os diferentes credos aqui na terra significam muito pouco por lá. E considerando que ele só partiu há cerca de seis anos.

PARTICIPANTE: Sim. Ele estava a atravessar uma estrada com um cão, e ninguém soube. Ele tinha um coração muito dilatado. Ninguém sabe realmente se o coração dele parou quando atravessava a estrada. Não sabemos se o carro chegou a bater-lhe, mas ele estava morto à frente do carro. E nem o condutor sabia se lhe tinha batido ou se ele tinha morrido de ataque cardíaco à frente do veículo.

MICKEY: E o cão?

PARTICIPANTE: Bem, o cão não se magoou; fugiu e voltou para as pessoas que ele tinha estado a visitar. E mais tarde, o cão foi atropelado e morto. Oh, há cerca de um ano. Quatro? Dezoito? Oh sim, há cerca de um par de anos. Mas nós moramos na porta ao lado, a duas casas dele.

MICKEY: Alguém está aí? Bernie? Bernie? Bernie. Anda lá, Bernie. Bernard? Bernard. Alguém conhece o Bernard? Bernard. Bernard. Para quem? Qual é o teu outro nome, ou o que é que isso te diz respeito? O que te aconteceu? Quem és tu? Não. Para quem vens? Bernie. Sim. Olá.

BERNARD: Sim. Sei que sou eu, é o Bernard. Bernard. Sou eu. Bernard Rodin. Bernard Rodin.

PARTICIPANTE: Oh! Costumava haver um médium chamado Bernard Rodin há anos. Bem, olá. Não consigo terminar no momento, querida, mas tentarei mais tarde.

MICKEY: Olá. Oh, já vi esse nome impresso algures. Sim. Já vi esse nome impresso algures. Sim. O Bernard Rodin era um médium lá atrás, nos anos 30 e 40 ou algo assim. E recentemente há uma pequena *Belvoir Square* no quarto do médium, é assim que eu sei.

PARTICIPANTE: Não sabia que ele trabalhava em *Belvoir Square*. A esposa dele costumava ir lá e trabalhar para ele. Hum. Olá? Sim. Ele está a falar? Olá? É a Vera.

MICKEY: Sim, eu sei, mas alguém deveria estar a falar com ele. É a Vera? Olá? Qual Vera queres?

ARTHUR (Espírito): A tua esposa. Oh, olá, Arthur.

VERA: Sim, consigo ouvir-te. Sim, consigo ouvir-te. Arthur. Sim. Olá. Estou muito bem. Tão feliz por ter notícias tuas. Como estás? Olá, Arthur. Bem, eu queria. Esperávamos que viesses. Sim. Estou muito bem. Perdão? Não, claro que não. Como estás? Não consigo pensar no que dizer, Vera. Estou muito bem, Martha. Falamos muitas vezes de ti, Arthur. Sim. Já conheceste o Don? Sim, claro que conheci o Don.

MICKEY: Sim, ele provavelmente empurra-a. Bem, de certa forma, sim. Bom.

PARTICIPANTE: E quanto ao Paul? Estou um bocado preocupada.

ARTHUR (Espírito): Perdão?

PARTICIPANTE: Preocupada.

ARTHUR (Espírito): Sim, eu também estou preocupado. Ora, porque é que tu não...? Não. Bem, não tenho a certeza do que é a coisa certa. Bem, é isso, suponho, mas estou um bocado apreensivo com o Paul e todo este negócio.

PARTICIPANTE: Eu também. Estou um bocado preocupada com isso, mas tenho a sensação, lá no fundo, de que se vai resolver.

ARTHUR (Espírito): Bem, espero que sim. Bem, eu gostava apenas de poder fazer algo. Simplesmente não sei. Sim. Sim, eu também espero. Sinto que estou a perder tempo, vês, por não saber o que fazer. Fico feliz por me teres dito isso. Fico feliz por estares a ajudar. Sim, isso é bem verdade. Sim. Sim. Bom. Sim, bem, fico contente por teres vindo dizer-me isto. Sim, estou mesmo ao lado dele. Deus o abençoe. Obrigado por vires.

MICKEY: Não sei se consigo falar convosco. Quero falar com o David. David. Sim. Consegue ouvir-me?

DAVID: Sim, muito bem.

DR. GUSTAVSSON: A senhora não me conhece, mas quero falar consigo. Sim. Eu gostaria muito, sabe, que se sentasse (*to sit*). Como dizem? Sentar. Sentar. Sim. Continue. Ainda está aí? A senhora vai à Suécia. Suécia. Suécia.

DAVID: Desculpe. O senhor vai à Suécia?

DR. GUSTAVSSON: Não estive na Suécia. A senhora vai. A senhora vai. Deve ser um espírito sueco, acho eu. Sim. Sim, é uma pessoa sueca, sim. Quando me conheceu pela primeira vez? Ainda está aí? Sim. Não sei se consigo falar muito bem consigo. O meu nome é Gustavsson. Gustavsson. Sim. Eu ajudo-a deste lado.

DAVID: Obrigada.

DR. GUSTAVSSON: Se quiser sentar-se num círculo, eu ajudá-la-ei. Eu era médico quando estava do vosso lado da vida. Estou muito ansioso por ajudá-la a manifestar o seu auxílio para assistir e ajudar as pessoas. A senhora vai à Suécia. Muito em breve. Sim. Assim.

MICKEY: Há mais alguma coisa? Alguma outra mensagem? Ainda estás aí? Sim, estão aqui várias pessoas. Está aqui um jovem que vem ter contigo, companheiro, que morreu sob circunstâncias bastante trágicas... bem, foram circunstâncias muito trágicas. Ele era bastante jovem. Não houve aviso. Compreendes?

DAVID: Sim, compreendo-te, Mickey.

MICKEY: Decide-te. Bem, havia alguém. Sim. Tu eras muito próximo deste rapaz, não eras?

DAVID: Se for a pessoa em quem estou a pensar, sim.

MICKEY: Este jovem sujeito. Tu estavas bastante interessado nele, próximo dele. Conhecia-lo razoavelmente bem.

DAVID: Sim.

MICKEY: Tu tens uma fotografia deste sujeito também.

DAVID: Provavelmente tenho.

MICKEY: O que queres dizer com provavelmente? Tu tens com certeza, companheiro.

DAVID: Sim, provavelmente fui eu que a tirei.

MICKEY: Sim, com certeza que foste. Sim, eu sei. Eu sei que a tiraste. Não foi natural, pois não?

DAVID: Não, foi infeliz.

MICKEY: Bem, essa é uma forma de dizer. Embora seja um bocado difícil agora, mas pergunto-me se consigo que ele fale. Ele está um bocado tenso.

DAVID: Obrigado, Mickey. Ficaríamos muito gratos se ele pudesse, Mickey.

MICKEY: O rapaz significava muito para ti, realmente, não significava?

DAVID: Sim.

MICKEY: Bem, tu estás muito hesitante. Tens uma grande afeição por ele.

DAVID: Sim, tinha.

MICKEY: No momento, Mickey, é apenas que, sabes, o meu cérebro não está a funcionar assim tão depressa.

MICKEY: Não, mas não te preocupes. Eu logo percebo tudo. Abençoado sejas. Sinto-me bastante confortável. Sim. Sim. Quem é este? Este é o David a falar. Sim, consigo ouvi-lo muito bem. Quem é? Perdão? Sim, este é o David. Quem fala? O senhor também é David?

PETER: Não, se falares com ele, ele soltará a voz, mas ele não se consegue ouvir a si próprio, vês. Fala com ele, David. Fala com ele, David, sim.

DAVID: Quem fala, por favor?

PETER: Peter. Peter.

MICKEY: Responde-lhe, responde-lhe. Sim, sim. Diz alguma coisa, David.

DAVID: Não me consigo lembrar de nenhum Peter.

MICKEY: Não importa, continua a falar. Ele vai falar agora.

DAVID: Consegues dizer-me exatamente quem és? Peter quê?

MICKEY: Pergunta-lhe quem ele é. Quando é que me conheceste? Ainda estás aí, Peter? Perdão? O que era para mim? O teu nome? Sim. Também poderíamos dizer... não, ele queria o Pete David. Ele disse o nome do David, sim. Era para o David, definitivamente.

PETER: Quero falar com a minha mamã e o meu papá.

PARTICIPANTE: Quem eram a tua mamã e o teu papá?

MICKEY: Peter. Cometeu suicídio. Cometeu suicídio. Peter, não tentaste vir ter comigo antes, da última vez que estive aqui?

PETER: Não me consigo lembrar, desculpa.

PARTICIPANTE: Quem eram a tua mamã e o teu papá? Pergunto-me porque é que escolhes o David, parece que ele está a tentar através de várias pessoas chegar até ti.

BRIAN: Não, eu lembro-me — e eu não estava aqui na altura —, mas na fita do Brian lembro-me de algo sobre um suicídio. Sim. Perdeu-se, simplesmente não passou, e não veio mais nenhuma informação. Sim, exato. Poderia ser a mesma pessoa. Ligando-se a ti? Algo sobre Epsom ou algo assim. Para os lados de Epsom. Sim, exato. Tu não o conheces para fazer isso, pois não?

BRIAN: Não, mas ele fez aparentemente, porque o Mickey deu algumas informações sobre isso. Ele tinha estado muito infeliz, tinha vivido num apartamento em Londres e tinha acabado com a vida por causa de algum relacionamento amoroso infeliz, algo desse género, acho eu, e isto foi mencionado de qualquer forma.

ESPÍRITO GUIA (Dr. Marshall/Stephen): Eu apenas desejaria que fosse possível para cada indivíduo alcançar a satisfação pessoal, a comunicação pessoal. Estamos muito conscientes e muito cientes das vossas muitas necessidades, mas ao mesmo tempo estou bem certo de que apreciais que temos os nossos problemas e as nossas dificuldades, e tanto quanto está ao nosso alcance, esforçamo-nos por trazer tantas pessoas quantas as que sejam capazes de se manifestar. Alguns, claro, estão muito apreensivos e sentem grande dificuldade em fazer um contacto ou, mesmo que estabeleçam esse

contacto, em mantê-lo e manter o que se poderia chamar uma conversa racional.

Tantas almas esforçando-se por se ligarem, por fazerem contacto com os seus entes queridos na terra. Alguns estão confusos por vezes, ansiosos demais, talvez um pouco emocionais, tensos. Existem muitos fatores que, até certo ponto, obviamente afetam a comunicação. Tanto quanto esteve ao nosso alcance, esta manhã ajudámos o maior número possível. Alguns talvez possam não se ter saído tão bem como outros. Alguns talvez não tenham sido capazes de contactar de todo.

De facto, existe aqui um bom número de almas que obviamente não foram capazes de se manifestar, mas tudo o que posso dizer é de parte de todos nós aqui, conhecidos e desconhecidos para vós: todo o nosso amor e todas as nossas bênçãos. Que o poder do Espírito seja forte sobre vós. Que sejais guiados e estejais certos. Que possais de facto perceber quão perto estamos de vós. A morte não é o fim. É apenas o início de uma grande aventura. Ninguém está perdido. Todos são encontrados. Não estejais tristes de coração. Tende a certeza de que tudo está bem e que Deus está connosco e que o amor é o fator predominante por trás de toda a vida. Não tenhais dúvidas, nem medos, meus amigos. Que Deus esteja convosco e vos abençoe, a cada um de vós. Adeus. Temos de ir. Lamento.

MICKEY: Gostaria de ter tido algo para o Joe e para o David. Enfim, adeus. Muito obrigado. Obrigado, Ricky. Adeus a todos. Adeus. Vocês estão bem. Adeus. Adeus.

PARTICIPANTE: Bem, tenho a certeza que fizeram o seu melhor. Podemos sempre esperar mais, mas... acho que esta foi uma sessão excecional, Leslie, hoje. Realmente maravilhosa.

LESLIE FLINT: É maravilhosa. Eles saíram-se bastante bem. Excecional. Podemos sempre esperar por mais. Sim. Daqui a uns minutos, acendo a luz. Eles têm de nos "instalar" primeiro, não têm?, ou algo assim. Espera só um segundo. Senti correntes elétricas a passar pelas minhas pernas, como uma espécie de formigueiro.

PARTICIPANTE: O Mickey não parece muito entusiasmado com a vossa ida para a Índia, pois não?

BRIAN: Não. Não que o Mickey tenha nada a ver com isso, mas... não, não, é engraçado.

Notas:

- *Profissões e Vibrações: Mickey identifica imediatamente que uma das PARTICIPANTEs trabalha num hospital através da "vibração" e da visão de trolleys e doentes ao seu redor.*

- *Provas Específicas (Charlie): O espírito de Charlie identifica uma fotografia específica (sentado numa espreguiçadeira num jardim), menciona a procura de um novo apartamento por parte da esposa e a intenção de vender mobília. Ele também prevê um aniversário especial nos dias seguintes.*

- *A Mente do Médium: É interessante notar a distinção que Mickey faz entre o que ele "vê" e a independência de Leslie Flint, confirmando que as vozes não saem do corpo do médium.*

- *Diagnóstico de Mickey: Mickey atua quase como um conselheiro, identificando a mediunidade latente de uma das PARTICIPANTEs e o fardo emocional que ela carrega devido a um familiar com problemas de saúde mental.*

- *A Melancolia e a Família: Mickey identifica o estado de saúde mental do marido de uma PARTICIPANTE, descrevendo-o como "melancolia" e incentivando-a a não se sentir culpada, pois ela já fez a sua parte.*

- *Padre Mac: Um comunicante com sotaque irlandês muito forte que confirma a sua felicidade no outro lado, mas mantém a sua ligação de influência com a igreja que fundou na Terra. Ele menciona com humor que não valeria a pena as PARTICIPANTEs contarem na igreja que falaram com ele, pois ninguém acreditaria.*

- *A Cruz e a Memória: A Tia Edie identifica uma cruz que deu à Vera, um objeto que a Vera ainda possui e leva consigo para a igreja. Este é um ponto de evidência clássico e muito forte.*

- *Mickey e a Índia: Mickey mostra o seu lado prático e um pouco cético em relação à viagem da PARTICIPANTE para a Índia, questionando por que*

motivo ela quereria ir para um lugar com tanta pobreza, mas acaba por aceitar que o motivo (trabalho social) é bom.

- *A Irmã de Mickey: A menção final à irmã de Mickey, Mercy, que o ajuda nos "bastidores" do mundo espiritual.*

- *Tratamento: A alternância entre o carinhoso "tu" de Mickey e o respeitoso "vós" para o Padre Mac e os familiares mais velhos confere a esta transcrição uma textura humana e social muito precisa.*

- *Bernard Rodin: Mickey identifica um antigo médium dos anos 30 e 40, Bernard Rodin, que confirma a sua presença. Esta é uma evidência cruzada interessante para investigadores da história do espiritualismo.*

- *O Caso Peter (Suicídio): Esta sessão retoma um fio condutor de uma sessão anterior (mencionada na fita de Brian). Mickey e os guias tentam ajudar um jovem que cometeu suicídio devido a um desgosto amoroso em Londres, com ligações a Epsom. O espírito está confuso e precisa de orientação para se manifestar.*

- *Dr. Gustavsson: Um médico sueco comunica com David, prevendo uma viagem sua à Suécia e oferecendo-se para ajudar no desenvolvimento da sua mediunidade.*

- *A Biografia de Mickey: Mickey partilha memórias da sua infância difícil em Camden Town, mencionando a pobreza e o alcoolismo dos pais, contrastando com as melhores condições de vida das crianças de 1973.*

- *A Mecânica da Sessão: A menção às "correntes elétricas" e ao "formigueiro" nas pernas de Leslie Flint descreve fisicamente como a energia ectoplasmática é retirada e devolvida ao médium.*

SESSÃO DE BRIAN HURST

EVIDÊNCIAS DA ÍNDIA E O REGRESSO DA DRA. ANDERSON

*Esta sessão, gravada a **25 de fevereiro de 1977**, traz uma atmosfera de grande familiaridade e evidências cruzadas muito específicas, típicas do círculo de Brian Hurst. O início da sessão é marcado por dificuldades na receção da voz (descrita como "fraca"), mas Mickey rapidamente assume o controlo da "central telefónica" espiritual para organizar os comunicantes. Esta é uma comunicação de extrema importância histórica e científica,*

envolvendo a Dra. Elizabeth Garrett Anderson (1836–1917), a primeira mulher a qualificar-se como médica e cirurgiã na Grã-Bretanha.

MICKEY: Sim. Sim. Sim, olá. Não pode ser a Violet. Não te consigo ouvir muito bem. Sim, deve ser a mãe da Beryl a enviar o seu amor, não é? Ela está por lá. Exato. Sim. Não te ouço.

PARTICIPANTE: Beryl? Sim, eu ouço. A Mãe envia o seu amor.

MICKEY: A Mãe envia-te todo o amor dela.

BERYL: Oh, obrigada, obrigada. E o Robert? O meu amor para ela também.

MICKEY: E o Robert, sim, Robert, sim. Obrigado. Adeus e obrigado por virem. Adeus, obrigado. Jeffries. Jeffries.

PARTICIPANTE: Quem é que o senhor quer? O meu nome não é Sr. Jeffries.

SR. JEFFRIES: O meu nome é Jeffries. Eu... eu tinha um milhão de anos. Estive no exército na Índia durante muitos anos. Eu era artilheiro (*gunner*). Carregado no barco. Não sabia o que era. Isto é um negócio muito estranho, passar por este tipo de coisa. Lembro-me do estúdio. Eu era um homem jovem. Estou a achar isto um pouco estranho, para dizer o mínimo. O meu nome é Jeffries.

PARTICIPANTE: Quem é que o senhor conhece? Quer falar com alguém aqui?

RUTH: Eu tive uma Sra. Jeffries no meu círculo.

SR. JEFFRIES: Bem, eu primeiro apanhei o número dele. Vim primeiro à reunião dele por curiosidade. E estava lá uma mulher que era distintamente aparentada com a nossa família.

RUTH: Sim. Não, ela deixou de vir ao círculo.

SR. JEFFRIES: Bem, ela... acho que achou o estar sentada na escuridão por cerca de uma hora e meia um pouco difícil, porque ela está na casa dos oitenta.

RUTH: Ela vive muito perto de mim. É uma senhora adorável.

SR. JEFFRIES: Sim. Sim. Qual é o seu outro nome? O seu nome de batismo? Sim. Eu direi isso. Sim. O filho dela está em Cambridge. Sim. Ele é... Sim. Bem, acho que ele é advogado (*solicitor*), na verdade.

RUTH: Oh, meu Deus. Ela esteve no meu círculo por umas três ou quatro vezes e depois achou um pouco claustrofóbico, creio.

SR. JEFFRIES: Bem, eu fui a algumas reuniões espiritualistas. Sim. E nunca mais te vi. Sim. Sim. São negócios muito estranhos os que vocês têm. Enviam-me cartas e coisas dessas. Muito estranho. Sim. Quem és tu? O meu marido. Quem sou eu? Vejo-te na tua casa. Sim, acho que sim. Eu vivo muito perto da Sra. Jeffers. A minha irmã foi vê-la ontem à tarde, mas ela tinha ido dar um passeio. Estava uma tarde linda. E depois ela voltou e disse: "a Sra. Jeffers não está, infelizmente. Perdi-a". Apenas por afinidade (*marriage*). Sim, apenas por afinidade, claro. Sim. E eu direi Teddy. E o quê? Sim. Quando é que o senhor passou para o outro lado, Sr. Jeffers? Consegue lembrar-se do ano? 1929, foi? Quando era o seu aniversário? Sim, é interessante. Qual era o seu mês de nascimento? Não sabe? Anos oitenta do século XIX, ou algo assim.

PARTICIPANTE: Anos 1880, sim. Percebo. Tudo bem.

MICKEY: Sim. Sim, sim, sim. Tu és um jovem muito falador.

BRIAN: Às vezes.

MICKEY: Já te vi antes, senhor. Estive na casa da outra senhora, vês. Sim. Sim. Sim, estou muito satisfeito por teres vindo, sim, obrigado por virem a isto para o Sr. Jeffries. Sim. Isso é muito bom, não é? Mickey, sim, o que é que... poderia ser o meu cão. Mas, em todo o caso, hum, saberias se o Jack está lá para mim? Quero que cantemos, Mickey. Não vês o Mickey, o cão preto? Nós tínhamos um cão preto grande. Na verdade, o meu marido gostava muito deste cão, mas levou-o a sair um dia e ele caiu numa espécie de pântano (*bog*), sabem, e ele tirou-o de lá, mas acho que ele ficou com medo e simplesmente fugiu. Nunca mais o encontrámos.

BRIAN: Não, ele deu alguns pedaços interessantes de evidência, na verdade, não deu, Ruth? Alguns nomes e detalhes. Sim. Sim, ela tem passado por um tempo difícil. Olá. Olá.

MICKEY: Oh, olá. Tu eras um possível... Bem, não. Não, apenas pensei que estavas a ter um pouco de dificuldade. Só isso. Consegues tentar falar um pouco mais alto? Como estás, de qualquer forma? Sim, o que estás a fazer? Estás a ir ver os locais, tenho a certeza que estás. Já conheceste alguém aí? Acho que vais, mas esperarei por ti, Jack. Bem, sabes o que quero dizer, não sabes? Sim, conheceste mais alguém aí que conheças? Okay, bem, ótimo, obrigado. Sim, tu não és... estás apenas aí. Oh. Sim, obrigado, obrigado. Sim, e conheceste mais alguém aí que conheças? Nick, Nick, Nick, Nick.

BRIAN: Não, não propriamente. Oh, sim. Sim.

PARTICIPANTE: O meu irmão... Oh. Sim, não estive a pensar por um minuto. Foi ele? Oh, estou tão feliz. Sim, exato. Sim. Sim, nem por um momento estive a pensar... tens visto... Oh, sim. Porquê? Sim, bem, eu acho... eu acho... Sim, sim, sim, sim. Consigo compreender. Não, acho que te saíste muito bem. Eu acho, Jack... Jack, quando olho para trás, acho que és muito corajoso. Mas não queremos pensar nisso. A sair-te bem, acho que às vezes... Não, tu não eras... oh, não, nunca penses isso. Jack, quando é que às vezes consegues enviar-me um pensamento? Recebes os meus pensamentos? Estou bem. Estou muito consciente, estou tão feliz por te apanhar. Sabes, às vezes eu conheço-te... Sim, eu sei que ela estaria... Sim, eu sei que ela estaria... Apanhei-te com a pista de música dele. Adeus, Deus te abençoe. Obrigado, Mickey.

MICKEY: Sou tão estúpido. Tu tens muita água... um tanque de água (*water butt*). Sabes, nos velhos tempos, costumavam ter água. Oh, sim, espera, ali está a minha tábua. Não, eu tenho, mas eu sei... eu conheço alguém que teria tido. Bem, está aqui uma senhora... ela é toda uma personagem. Eu sei que ela está a falar da água e, esta manhã, o que salta à vista é sobre este tanque de água, padre. Sim. Sim. Eu conheço esta água, mas tu deverias ficar à porta da cozinha. Sim. Bem, é um tipo de porta. Sim. Tu deverias ficar em cima de quatro tijolos. Sim. Não me consigo lembrar disso, mas consigo... Jimmy, Jimmy, Jimmy, Jimmy. Oh, Jimmy. Oh, sim. Sim, bem, isso tem a ver com o Jack e tem a ver... ela veio com o teu marido. Sim, e ela está a rir-se sobre o sítio antigo e pensou no tanque de água. Sim. Bem, ele saberia sobre isso. É algo relacionado com a infância dele?

PARTICIPANTE: Sim, é bem verdade, e os cachorrinhos.

MICKEY: Bem, eles não... Eu não sei realmente. Eu sei que ele não saberia, mas as pessoas faziam coisas engraçadas. Sim, força. E às vezes não acho que ela fosse tão simpática como deveria ser. No quintal das traseiras e havia alguma água. Na infância dele, sim, bem, ligar-se-ia à infância dele. Tens toda a razão. Também está aqui um caso, a Kate. Sim. Ela diz que não vai ser deixada fora do quadro porque diz que eu sempre me referi a ela como "velha Kate". E diz que está aqui com o Jack e a mãe dele. Eu não conhecia todos os membros da família deles. Oh, San Francisco. Não é que... há alguém de interesse que esteve envolvido em San Francisco. Mas não tem a ver com o teu trabalho. Tem a ver com eles. A amiga do Brian, a Mary. Oh. As pessoas foram para lá, não foram? Sim. Sim. Sim, exato. Sim. Sobre mim, Mickey, estou na minha última [fita]? Espero que sim. Não importa, sou tão bom. Até logo. Aquela é a minha filha. Sim. Sim. Sim, sim. Enfim, está uma atmosfera agradável aqui, não está? Oh. Estás a fazer um bom trabalho à tua maneira... bem, nós achamos que sim. Fazemos o nosso melhor. Por favor, todos têm de perceber que também são... bem, sabem, é uma grande ajuda. Não conhecem o poder dos espíritos convosco, companheiros?, e nós podemos ajudar-vos. Nós sabemos que sim. Sim. Percebemos muita confiança. Consigo ouvir. Outra língua. É outra língua. Oh. Aqui está. A senhora não fala... a senhora não fala em inglês. Soa como Mary I... Sim, você... Oh, Garrett Anderson. Oh, sim. Tem significado para mim.

DRA. ANDERSON: Vós sois a Elizabeth. Sois? Elizabeth Garrett Anderson. Abençoados sejais. Poderia agradecer-vos por toda... poderia agradecer-vos por toda a ajuda que nos tendes dado? Oh.

PARTICIPANTE: Obrigada, Mickey, obrigada. Deus te abençoe, Mickey. Oh, ele cresceu realmente, não cresceu? Mas a voz dele mudou ao longo dos anos. Ele mudou muito. Ele é mais como um rapaz cuja voz está a mudar ou acabou de mudar. Não está agora? Sabem, sim. Sim.

Notas:

- *O Artilheiro Jeffries: Um comunicante que serviu na Índia (Gunner) e que traz evidências para Ruth. Mickey identifica a ligação com a "Sra. Jeffers", uma senhora idosa que frequentava o círculo e cujo filho é advogado em Cambridge.*

- *O Tanque de Água e os Tijolos: Mickey traz uma evidência extremamente doméstica e específica: um tanque de água no quintal da*

infância de um dos maridos das PARTICIPANTEs, que ficava apoiado em quatro tijolos perto da porta da cozinha. Este tipo de detalhe "insignificante" é, para a investigação mediúnica, o mais valioso por ser impossível de adivinhar.

- *A "Velha Kate": Identificada como uma presença constante que não quer ser esquecida, acompanhando outros familiares (Jack e a mãe).*

- *Elizabeth Garrett Anderson: A médica regressa para agradecer a ajuda do círculo, mantendo o seu tom solene. Brian Hurst nota algo curioso: a voz de Mickey parece estar a mudar, soando mais como a de um rapaz na puberdade ("voz a quebrar") do que como a voz infantil de fitas mais antigas. Este é um comentário raro sobre a evolução da própria "caixa de voz" espiritual de Mickey.*

SESSÃO DE BRIAN HURST
DA ÍNDIA ÀS MEMÓRIAS DA IGREJA

Esta sessão, gravada a 15 de agosto de 1978, é um exemplo fascinante da evolução da voz de Mickey e da sua interação mundana, mas carregada de evidências, com os PARTICIPANTEs. Mickey demonstra um conhecimento detalhado da vida de Brian Hurst, mencionando as suas viagens à Índia e até pormenores domésticos, como o facto de ele estar a decorar a casa.

BRIAN HURST: Mickey, anda lá agora. Olá. Onde estás?

MICKEY: Olá, Eric.

BRIAN: Olá, Mickey. É bom ouvir-te outra vez.

MICKEY: Bem, eu não te apanhei. Isso é muito gentil da tua parte. Anda lá, Mickey. Ele ligou a máquina. Sim, eu liguei a máquina. Quem é a Tia? Quem é a Tia? Esse era o nome de alguém, Margaret? Sim. Sim. Qual Margaret é? Oh, não sei. Que forma de dizer as coisas. Como estão? Estamos todos muito bem, não estão? Estou bem. Vão dizer à multidão: como estão, rapazes?

BRIAN HURST: Oh, olá, Mickey. Pensei que nunca te veria aqui. Oh, estou muito bem, obrigado. É bom ouvir a tua voz outra vez.

MICKEY: Já faz muito tempo desde que te vi, companheiro.

BRIAN HURST: Sim, mas a tua voz tem ressoado por toda a Índia, sabes. Fizemos algumas gravações das tuas palavras e coisas, e tocámo-las a muita gente lá, e eles ficaram muito, muito interessados.

MICKEY: O que é que fizeste? Mas eles não teriam percebido, pois não?

BRIAN HURST: Bem, eu falei sobre isso primeiro e expliquei do que se tratava, e acho que muitos deles conseguiram algum grau de compreensão, sim.

MICKEY: Mas eu não falo inglês, pois falo?

BRIAN HURST: Bem, sim, muitos dos indianos instruídos falam um inglês muito bom, sim.

MICKEY: Como te aguentas?

BRIAN HURST: Oh, bem, não estou nada mal, na verdade, nada mal. Tenho de encarar a vida conforme ela vem, dia após dia. É quase tudo o que se pode fazer, não é?

MICKEY: Como te orientas?

BRIAN HURST: Bem, estou a meio de decorações no momento, por isso tenho rolos de papel de parede que deixei no meio da sala, e parece um caos até eu terminar.

MICKEY: Quando disseste que estavas no meio da sala, pensei que tinhas arranjado uma caravana.

BRIAN HURST: Exato. É uma casa móvel muito, muito comprida. É toda completa sobre rodas, vês. Bastante agradável, na verdade.

MICKEY: Gostas dela?

BRIAN HURST: Gosto, sim, gosto, sim.

MICKEY: Está tudo bem. É todo um caso, não é?

BRIAN HURST: Acho que sim. Tu sempre me disseste isso. Tu sempre disseste isso.

MICKEY: Bem, tenho a certeza de que devo ser. Mas tu ainda não vais para o estrangeiro, pois não?

BRIAN HURST: Acho que não, Mickey. Acho que tenho algo a fazer aqui primeiro e depois, mais tarde, poderei ir trabalhar entre... bem, não sei onde, na verdade. Terei de esperar e ser dirigido, suponho.

MICKEY: Não creio que vás a algum lado por uns tempos. Não, exato. Tu tens senhoras. Tu e ela trabalham juntos.

BRIAN HURST: Trabalhamos, exato, Mickey, sim.

MICKEY: Ela é uma "pecinha" (*piece*) simpática, não é?

BRIAN HURST: Sim. Uma pecinha simpática. É a nossa amiga Norma, Mickey.

MICKEY: Perdão?

BRIAN HURST: É a Norma.

MICKEY: Norma. Olá. Olá, Mickey. Tu estás a cuidar dele.

NORMA: Estou a fazer o meu melhor.

MICKEY: Tens as mãos ocupadas, então, companheira, digo-te já. Mas ele não é um mau rapaz.

NORMA: Não.

BRIAN HURST: Obrigado, Mickey.

MICKEY: Ele é boa gente, realmente. Mas é um bocado do tipo "perdido".

BRIAN HURST: Bem, às vezes, sim.

MICKEY: Tomar uma decisão. Tomar uma decisão é um problema. Bem, quem me dera poder fazer algo para te ajudar.

BRIAN HURST: Obrigado, Mickey.

MICKEY: O teu coração está no sítio certo, não está?

BRIAN HURST: Sim.

MICKEY: Tu não te preocupes com isso.

BRIAN HURST: Sim. Eu próprio me preocupo com isso às vezes, Mickey, também. É bem verdade. Eu fico muito esquecido, sabes, hoje em dia. Não me consigo lembrar das coisas.

MICKEY: Ficas? Porquê?

BRIAN HURST: Tenho de escrever tudo num bloco na parede, vês, ou simplesmente não me lembro.

MICKEY: Eu fui escriturário. Como estás, Ross?

ROS CATHANACH: Estou bem, obrigada, Mickey. Muito bem mesmo.

MICKEY: Acho que não conheci essa senhorinha, pois conheci?

ROS: Não, uma amiga minha muito antiga.

MICKEY: Ela é? Ela é daquelas da igreja, não é? Oh, sim. Já a vi no palanque (*platform*).

ROS: Não, não viste.

MICKEY: Oh, sim, já vi.

ROS: Não, não viste. Não no palanque.

MICKEY: Eu não disse o teu palanque, pois disse?

ROS: Bem, não sei a que palanque te referes, então. Eu sei que ela nunca esteve num palanque.

PARTICIPANTE: Não, não estive, Mickey. Só estive na congregação.

MICKEY: Bem, isso é engraçado. É? Bem, deve ser como alguém que conheces. Eu não quis dizer que ela era uma médium, creio. Oh, ela pode ter caminhado por lá. Já a vi a fazer coisas num palanque. Oh, não sei. Não sei onde. E quanto ao social? Ela nunca teve uma reunião de comité no palanque, pois não? Ela subiu ao estrado, no entanto. E quanto ao social, Ros, quando estava na parede? Oh, tu nunca estiveste no palanque.

ROS: Não me consigo lembrar. Já caminhei até lá, mas nunca... Não te estou a contradizer, Mickey.

MICKEY: Não. Não me importo muito se estiveres. Oh, percebo. Tudo bem. Mas eu já vi essa senhora antes, e ela estava definitivamente num palanque. E estava a falar com um sujeito.

ROS: Oh, bem, isso é possível. Tenho de pensar.

MICKEY: Mas não foi na tua igreja.

ROS: Oh, não foi? Oh, bem. Em que palanque teria eu estado?

MICKEY: Bem, vamos pensar nisso. Não te preocupes com isso. Alguém me está a falar sobre ela.

ROS: Oh, está? Fico contente. Espero que ele te esteja a dizer coisas simpáticas.

MICKEY: Bem, há alguma razão para ele não o fazer?

ROS: Não, não sei.

MICKEY: Bem, tu não terias dito isso de outra forma, pois não? Não. Nós não nos conhecemos a nós próprios, pois não? Nós conseguimo-nos ver e os outros veem-nos. É o Robbie Burns, não é? Oh, bem dito. Só um minuto. É tempo suficiente. Vou apresentar-vos algo. Sim, entrem. Olá. Olá. Oi. Queres falar com o Harry? Harry? Quem? Harry Steven Murray. Harry Beaumont. Com quem querias falar? Esse é o teu nome, Harry Beaumont. Beaumont? Com quem deseja falar? Harry Beaumont. Sim.

HARRY BEAUMONT: Sim, conseguimos ouvi-lo. Eram pessoas do teatro, os Beaumont, não eram? Pessoas do teatro. Não sei se há alguma ligação aí. O senhor conhece-me?

BRIAN HURST: Sim. Cattanach, sim. Harry Beaumont.

HARRY BEAUMONT: Sim, mas já me conheceu, Harry Beaumont? Eu apenas o vi na sua igreja.

BRIAN HURST: Oh, percebo. Sim, Cattanach. Conhecia-me nessa altura? Eu não o vi antes. Viu?

HARRY BEAUMONT: Na igreja. Percebo. Mas estive lá cerca de sete ou oito anos, parte disso.

BRIAN HURST: Sim, exato. Suponho que presidi à sessão algumas vezes.

HARRY BEAUMONT: Sim, eu lembro-me. Obrigado. Mas o meu nome é Harry Beaumont.

BRIAN HURST: Sim, Sr. Beaumont. Consegue ouvir-me?

HARRY BEAUMONT: Sim, consigo ouvi-lo. Quando eu costumava ir lá aos serviços de domingo, e estava a ser abordado em algumas ocasiões com mensagens da minha esposa, porque agora estou sempre com ela aqui.

BRIAN HURST: Sim, consigo ouvi-lo, Sr. Beaumont. O senhor vinha de manhã ou à noite?

HARRY BEAUMONT: Percebo. Eu costumava sentar-me habitualmente mais para trás. Eu era algo como um estropiado no banco, mas isso faz tudo parte do passado.

BRIAN HURST: Oh, bem, isso já passou agora, ótimo. É maravilhoso ouvi-lo. O senhor era membro, Sr. Beaumont? O que terá acontecido ao outro homem? Refere-se ao secretário? Refere-se ao Sr. Jank?

HARRY BEAUMONT: Não me consigo lembrar, vês. Não, aquele que costumava gerir a igreja?

BRIAN HURST: Sim. Sim, bem, ele reformou-se. Havia outro sujeito com ele, se bem me lembro.

HARRY BEAUMONT: Não sei a qual se refere. Havia um bom número. Ele costumava ir às vezes para a sala das traseiras depois.

BRIAN HURST: Oh, percebo. Sim. Como se...

HARRY BEAUMONT: Eu venho às vezes à igreja. Creio que estou a ser decapitado (*beheading* - provavelmente erro fonético para *attending*/assistindo) em várias ocasiões.

BRIAN HURST: Assistiu? Quem costumava dar-lhe... Um homem muito simpático lá. Agora estou a tentar lembrar-me de como ele se chamava, só um momento.

HARRY BEAUMONT: Bem, isso seria interessante. Alguém chamado Emanuel?

BRIAN HURST: Oh, sim, Ted Emanuel.

HARRY BEAUMONT: Acho que o nome dele era Emanuel.

BRIAN HURST: Exato, Sr. Beaumont, tem toda a razão.

HARRY BEAUMONT: Ele ainda...

BRIAN HURST: Não, ele não vem à igreja agora. Ele mudou-se de Londres.

HARRY BEAUMONT: Oh, um homem tão simpático e compreensivo.

BRIAN HURST: Sim, era um homem simpático. Sim, fico feliz por se lembrar dele. O senhor ainda está ligado à igreja, porque eu estive lá em várias ocasiões.

HARRY BEAUMONT: Oh, estou muito ligado agora. Sim. Tomei o lugar do secretário por quem o senhor perguntou, aquele que se reformou.

BRIAN HURST: Oh, a sério?

HARRY BEAUMONT: Sim. Oh. Não, eu vivo lá agora.

BRIAN HURST: Vive?

HARRY BEAUMONT: Sim. Oh, simpático. É adorável.

BRIAN HURST: Bem, espero que seja. Eu não saberia.

HARRY BEAUMONT: Bem, é adorável. Mas o Sr. James, como me diz, já não está lá.

BRIAN HURST: Ele reformou-se.

HARRY BEAUMONT: Oh, a sério?

BRIAN HURST: Sim. Oh. Bem, ele era um senhor já idoso, sabe. Lembro-me dele, mas acho que não tive muito a ver com a igreja quando vinha ocasionalmente com ele.

HARRY BEAUMONT: O senhor não era membro.

BRIAN HURST: Não, eu costumava ser. Percebo. Fiquei muito grato, embora parecesse estar a ter um pouco de... mas eu fiz uma regra de ouro há muitos anos: nunca me juntar a nada, nem sequer a uma igreja separada.

HARRY BEAUMONT: Percebo. Bem, fico feliz por continuar a vir ver-nos, Sr. Beaumont.

BRIAN HURST: A minha esposa, Blanche, recebi várias mensagens significativas de pessoas. Oh. Porque, nota bem, estou interessado no assunto há muito tempo. Eu costumava ir àquela igreja que deve estar cheia de guerra (*full of war* - provavelmente erro fonético para *full of power*/cheia de energia), costumava estar lá uma jovem muito distinta chamada Thomas Wyatt. Oh. Fico feliz em conhecê-lo. Muito bom conhecê-lo. Uh-huh. Bem, obrigado, Sr. Beaumont. Muito obrigado. Abençoado seja. Obrigado.

HARRY BEAUMONT: Deus o abençoe. Adeus. Obrigado. Obrigado.

MICKEY: Ele era um poeta famoso há dois anos. Mas ele costumava... ele costumava segurar... naqueles dias, costumava ter os cartões da manhã, sabem, com todos os detalhes. E costumava ler em voz alta todo o texto do que lhe estava escrito, para dar os detalhes completos, sabem, do nome. Doris. Doris. Doris. É a Doris. Doris quem? Doris. Sim. Anda lá. Vamos observar mais um minuto. Anda lá. Doris quem outra vez? Não está aqui ninguém chamado Doris, pois não?

BRIAN HURST: Não, o nome da senhora, o nome da senhora espírito é Doris. Ela está a dizer que o nome dela é Doris, percebes. Ela está a tentar talvez ligar-se a alguém aqui. Evelyn, disseste tu? Evelyn ou Evelyn ou algo assim.

MICKEY: Mickey.

BRIAN HURST: Pensei que alguém tinha dito Doris.

DORIS (Espírito): Doris, sim, disseram. Olá, querido. Olá, meu anjo. Como estás? Consigo ouvir-te, meu querido. Como estás? Consigo ouvir-te. Estás muito nítido. Sim, querido. Consigo ouvir-te, querido. É adorável ouvir-te. Como estás? Bem. O que estás a fazer? A falar comigo? Sim. Consigo ouvir-te, querido. Bem, tu és o meu querido. Consigo ouvir-te lindamente. Oh, não me estou a portar nada mal, querido. Oh, isso é bom. Sim. Estou preocupada contigo.

PARTICIPANTE: Oh, porquê, querida?

DORIS (Espírito): Oh, não sei. Suponho que de certa forma não devesse, mas estou. Tu pareces estar a aguentar-te muito bem, considerando tudo.

PARTICIPANTE: Espero que sim, querida. Vais-te embora?

DORIS (Espírito): Bem, ainda não tenho a certeza. Depende de como o meu pai progredir, querido. Bem, na verdade, também tenho estado um bocado preocupada com isso. E quanto à velha senhora? O quê, a tua mãe? Sim. Bem, ela está a ter uma recuperação notável, querido. Vi-a na semana passada. Na verdade, tenho estado muito perto dela. Pensei que ela parecia estar a recuperar, mas claro, suponho que o que se esperava era uma medida temporária. Bem, sim, ela já está a ficar velhota, sim, querido, não está? Mas ela está a aguentar-se lindamente, considerando tudo. Bem, considerando tudo, ela tem-se portado bastante bem. Sim. Eu mantenho um olho nela, sabes.

PARTICIPANTE: Ótimo.

DORIS (Espírito): Mas e quanto ao teu pai? As coisas não estão muito famosas lá, pois não?

PARTICIPANTE: Não, não estão, querida. Não.

DORIS (Espírito): O que dizem os teus médicos?

PARTICIPANTE: Bem, muito honestamente, acho que está para além deles; que ele está nas mãos de alguns heróis.

DORIS (Espírito): E tenho a certeza de que eles ajudam. Tenho a certeza de que fazem o seu melhor. Mas claro, esse é outro caso de... só se pode fazer até certo ponto. Com certeza. Acho que é uma questão de tempo, obviamente.

PARTICIPANTE: Sim.

DORIS (Espírito): Acho que seria muito melhor para ele juntar-se a nós.

PARTICIPANTE: Oh, eu também acho, minha querida. É um mistério.

DORIS (Espírito): É um grande fardo para ti, também.

PARTICIPANTE: Bem, particularmente para a minha mãe.

DORIS (Espírito): Oh, é tudo muito problemático quando estas coisas seguem o seu curso. Bem, considerando tudo, acho que a tua mãe tem aguentado bem a tensão. Ela está a sair-se muito bem. Esse é o nome dela, Jack. Sim. Jack, Jack.

PARTICIPANTE: Jack? Eu vi o Jack. Oh, Jack Garland?

DORIS (Espírito): Sim. Viste, querido? Pensei que ficarias interessado particularmente em saber que o encontrei por aqui.

PARTICIPANTE: Oh, não sabia que ele estava aí. Oh, já não vejo o Jack há muito tempo. Vês?

DORIS (Espírito): Oh, certamente mais do que isso. Oh. Mas é assim que a vida é, sabes. Com certeza. Sim, é. Espero que mantenhamos o contacto, não apenas contigo, claro. Eu ando por aí, encontro todo o tipo de pessoas em ambos os lados.

PARTICIPANTE: Isso é maravilhoso.

DORIS (Espírito): Juro pela fé que tenho encontrado todo o tipo de pessoas que, francamente, pensei que provavelmente nunca viria a encontrar.

PARTICIPANTE: Isso é maravilhoso. É incrível ver toda a gente no mesmo tipo de ambiente.

DORIS (Espírito): Sim. Alguns estão num nível inteiramente diferente. Às vezes vou a outros lugares.

PARTICIPANTE: Isso é maravilhoso.

DORIS (Espírito): E as pessoas visitam-me. Sabes, estou tremendamente envolvida com música. Sim.

PARTICIPANTE: Não fico surpreendido com isso, minha querida.

DORIS (Espírito): Sabes, eu sempre pensei que também teria gostado de ter feito mais em relação à música. Eu sei.

ESPÍRITO: Mas aqui tenho uma oportunidade maravilhosa e estou a estudar. Acho fascinante, sabem.

BRIAN: Que bom.

ESPÍRITO: Obrigado. Sabem, é uma coisa extraordinária quando alguém vem e profere um discurso desta forma. É maravilhoso. Dá-nos o real peso de o fazer. Não é nada mau. É tudo variável, de qualquer forma. A pessoa concentra, tipo, o ouvido nisso, sabem.

BRIAN: Sim.

ESPÍRITO: E para transmitir exatamente o que se deseja, às vezes parece que um se sai melhor do que outro. Sim. Consegue ouvir o que estou a dizer, sabe.

ROSS: Bem, sim, e é tão maravilhoso ouvi-lo, meu querido. Quem me dera poder pôr os meus braços à sua volta e dar-lhe um grande abraço e um beijo.

ESPÍRITO: Oh, eu também. Eu também. Isso seria maravilhoso. A senhora não parece... bem, claro que pode obviamente pensar nos seus medos, mas...

ROSS: Sim.

ESPÍRITO: Às vezes pergunto-me se as coisas poderiam ter sido diferentes, mas não era para ser, suponho.

ROSS: Não, querido. Quem me dera ter podido fazer mais por si.

ESPÍRITO: Minha querida, a senhora significou tudo no mundo e ainda significa para mim.

ROSS: Eu sei disso, mas...

ESPÍRITO: A senhora fez tanto, minha querida.

ROSS: Oh, sim, o senhor diz isso, e eu... bem, fiz o meu melhor, o melhor que pude.

ESPÍRITO: Acho que conhecemos mais felicidade, minha querida, do que muitos conhecem numa vida inteira.

ROSS: É verdade. Tudo parece tão curto.

ESPÍRITO: Foi. E penso muitas vezes que, se apenas as coisas tivessem sido diferentes, teríamos passado muito mais tempo juntos. Foi um bocado tarde na vida para mim.

ROSS: Sim. Ainda assim, é como é.

ESPÍRITO: Sim. Estou grato pelas memórias felizes, como aliás sei que a senhora está.

ROSS: Oh, sim.

ESPÍRITO: Ficaremos juntos eventualmente, sabe disso.

ROSS: Graças a Deus por isso, sim.

ESPÍRITO: A propósito, sabe o que é a próxima semana?

ROSS: Estou à espera de ouvir o que é a próxima semana.

ESPÍRITO: Na próxima semana nós...

ROSS: O quê, querido? Início de setembro.

ESPÍRITO: Oh, sim. Oh, sim. O senhor é maravilhoso. É na próxima semana ou na seguinte?

ROSS: É o dia 1 de setembro, querida.

ESPÍRITO: Bem, não tenho a certeza se é na próxima semana ou na seguinte.

ROSS: Daqui a duas semanas. Duas semanas, querido. Mas sei que o início de setembro é para lembranças especiais, não é?

ESPÍRITO: Oh. Só pensei em deixar-lhe saber. Não me esqueci.

ROSS: Oh, o senhor é maravilhoso. Como haveríamos de esquecer? Ao pô-lo por escrito, parece um pouco diferente de algo que tenha feito. É o seu cabelo?

ESPÍRITO: Cortei-o na semana passada. É isso que é?

ROSS: Sim. Gosta de o ver curto?

ESPÍRITO: Sim. Está bem, suponho. Oh. Adorável. Porque eu lembro-me dele.

ROSS: Oh. Oh, bem, querido, estou a ficar muito grisalha. É por não o ter para cuidar de mim. É isso que faz isto.

ESPÍRITO: E quanto aos óculos (spectacles)?

ROSS: Óculos? Foi o que eu disse. Oh, não sabia nada sobre óculos. Eu não os usava.

ESPÍRITO: Não, não me referia a si. Oh. De quem são os óculos, meu querido? De quem são os óculos? Os óculos deles. A quem pertencem?

ROSS: Não sei do que está a falar. Sim, sim, sim, sim, sim. Na gaveta. Na gaveta. Oh, há um par seu lá dentro!

ESPÍRITO: Sim, perguntei-me se poderiam ser meus ou se a senhora se tinha livrado deles. Mas estava a olhar pela gaveta no outro dia, encontrei vários pedaços e peças, e perguntei-me se seriam os meus óculos ou quê.

ROSS: Oh, sim, são apenas os seus, meu querido.

ESPÍRITO: Sim, e quanto ao meio? E quanto ao meio? Meio. Meio. Meio?

ROSS: Que meio, querido?

ESPÍRITO: Meio, aquela pequena coisa de ficha (token). O que é?

ROSS: Oh. Bem, sabe, deparei-me com isso no outro dia. É algo relacionado com um dos seus tacos de golfe, creio. Eu estava a falar sobre isso quando o senhor estava lá. Estava a perguntar-me o que seria esta pequena coisa "megalítica".

ESPÍRITO: Estava. Costumava estar numa corrente, creio. Oh. Consegue ouvir o que estou a dizer?

ROSS: Sim, consigo, querido. Sei do que está a falar, mas não tinha a certeza. Pensei apenas que devesse ser de um dos seus tacos de golfe.

ESPÍRITO: Pode ser. Talvez. Não sei. Estou tão baralhado como a senhora. Às vezes ando a remexer, a ver o que a senhora anda a fazer.

ROSS: A sério? Oh.

ESPÍRITO: Ver o que a senhora tem andado a tramar.

ROSS: Ainda bem que me mantenho "à altura", não é, querido?

ESPÍRITO: A senhora tinha esta caixa, uma caixinha.

ROSS: Exato.

ESPÍRITO: E há pedaços e peças que a senhora esteve a ver. Não sei se estava à procura de algo em particular.

ROSS: Estava.

ESPÍRITO: E vi um ou dois pedaços e peças, várias coisas que estão ligadas a mim no passado.

ROSS: Exato.

ESPÍRITO: Mas estava a perguntar-me sobre aquela coisinha de medalhão, aquela medalha. Tenho uma ideia de que é algo relacionado comigo de quando era muito mais jovem.

ROSS: Sim. Não tenho a certeza. Quando pensar nisso, levarei à sua mãe e perguntar-lhe-ei.

ESPÍRITO: Sim, bem, não importa. Não é importante. Oh, está tudo bem. Mas sabe, a mãe, falando da mãe, na idade dela, ela é bastante notável.

ROSS: Sim, ela é.

ESPÍRITO: Mas pergunto-me como é que ela vai aguentar as coisas, sabe.

ROSS: Bem, eu penso sempre nisso, querido. O que dizem os médicos?

ESPÍRITO: Bem, quero dizer, sabe, eles são apenas humanos. São limitados. Digo eu, o que se passa com a roseira?

ROSS: Bem, cortei as rosas mortas na semana passada.

ESPÍRITO: Eu estava a reparar no jardim no outro dia. Pensei: "bem, não sei... está um pobre espetáculo".

ROSS: Bem, tem sido um mau verão para as rosas, meu querido.

ESPÍRITO: Suponho que as tenha andado a cortar, não é?

ROSS: Oh, sim. Cortei as mortas, achei eu.

ESPÍRITO: Bem, bem. Toda a família envia amor. E a Jean e o Terence.

ROSS: Dê-lhes o meu amor. E diga-lhes que eu a observo frequentemente. Bem, estou sempre por perto.

ESPÍRITO: Eu sei que está. Quem me dera poder, querido. Porque este negócio foi muito agravante, sabe. Eu aprecio, claro. Todos apreciamos. Mas uma pessoa sente-se às vezes tão impotente. Quem me dera mesmo poder beijar-te.

ROSS: Eu também.

ESPÍRITO: Mas quero apenas que saiba, eu faço-o todas as noites quando vai para a cama. Estou na cama com ela. Às vezes espero que adormeça. Ou às vezes a senhora vem aqui para o meu lado comigo, sabe. Oh. Digo-lhe, lembra-se do Jimmy? Jimmy? Judeu (Jew).

ROSS: Judeu. Não me minta. O único judeu que conheço é o meu velho coelho.

ESPÍRITO: Encontrei tanta gente por aqui. E pessoas com lábios. Bem, não disse o nome dela, mas alguns deles. E então, lembra-se da Queenie?

ROSS: Queenie? Não, não me lembro. O Michael lembrar-se-ia. O senhor não se lembraria.

ESPÍRITO: Não, eu perguntar-lhe-ei. No seu tempo, suponho. Como está o Papá Georgie?

ROSS: Ele está agora nos Jodys.

ESPÍRITO: Oh. Devo ir. Tudo bem. Deus abençoe.

ROSS: Deus abençoe. Adeus. Adeus, meu querido.

BRIAN: Não, Wally, claro. Provas maravilhosas ali.

ROSS: Oh. Eu sei quando ele observa. O meu cão diz-me sempre quando ele está por perto.

BRIAN: Muitos detalhes ali. Podes extrair tantos pontos. Ele costumava ser extraordinariamente bom, Wally. Apenas oito anos.

MICKEY: Oh, eu próprio teria pensado num bocado mais. Porque as mulheres conseguem maquilhar-se e fingir que são todas jovens, não sei.

BRIAN: Oh, Mickey.

MICKEY: Bem, elas conseguem. Conseguem pôr uma peruca e pó e pestanas e tudo o resto. Oh, Mickey, tu se calhar tens três metros de altura. Bem, o que quero dizer é que não quis ser indelicado.

BRIAN: Creio que não.

MICKEY: Quero dizer, as mulheres levam vantagem sobre os homens porque se podem maquilhar.

BRIAN: Sim, podem, Mickey. Elas conseguem mesmo maquilhar-se.

MICKEY: Oh, bem, não são homens a sério, pois não? O que queres dizer? Bem, tu não a perdes. Não, eu não perco. Não é uma grande melhoria. Bem, o gato vai miar num momento. Tu não te "janotas" (doll up), pois não, Brian?

BRIAN: Espero que não.

MICKEY: Tu e aquela senhorinha, trabalham juntos, não trabalham?

BRIAN: Sim, trabalhamos, Mickey, sim, na sala de cura.

MICKEY: Oh, abençoados sejam.

BRIAN: Obrigado, Mickey. Sim, trabalhamos em grande harmonia. Temos uma grande compreensão.

MICKEY: Oh, sim, sim. Sim, sim. Sabem, porque eu apanho muita gente por aqui para fazer hospitais. E também está aqui um médico. Sim. E está um senhor alemão. Ela conheceu tanta gente na vida dela, vês, sabem, de todos os tipos. Ela tratou de muita gente como enfermeira. Não, é muitas vezes difícil recordar, não é? Griffiths. Griffiths. Enfermeira Griffiths.

ENFERMEIRA GRIFFITHS: Eu venho e ajudo na sala de cura. Deus vos abençoe.

BRIAN: Obrigado. Sim. Obrigado, Enfermeira Griffiths.

ENFERMEIRA GRIFFITHS: Eu venho e apenas ajudo. Fala. Obrigado. O vosso nome é Kahuna. Sois africano, Kahuna. Sois africano?

KAHUNA: Kahuna. Sim.

MICKEY: Sim, não acredito. Sim. Perdão? Sim. Com quem estás a falar? Desculpa, nós... Oh, sim. Quem é a senhora, querida? Quem é a senhora? Sim. Sim. Sim. Sim. Quem é a senhora, querida? Sim. Sim. Eu sei. Eu compreendo. Eu leio... faço muita leitura sobre a história das pessoas que se desenvolveram ao longo dos anos. Mas leio de curadores de há anos, não dos modernos, dos atualizados, diriam vocês. Bem, esta senhora está tremendamente interessada em vós. E também... esperem um momento. Também está aqui uma senhora que está muito preocupada com o hospital dela. E sabem quem é esta senhora que vem? Há todo um grupo de pessoas. Está aqui alguém chamada Anderson, que vem. E ela diz que tem estado muito preocupada com o hospital dela. Ela está a lutar pela vida dele.

BRIAN: Sim. Tem de ser livre.

MICKEY: Sim. Quem mais? Ela falou numa reunião anterior a que eu vim.

BRIAN: Ela veio e falou connosco uma vez antes, Mickey. Esta mesma senhora, Elizabeth Garrett Anderson.

MICKEY: Há um grupo de pessoas que estão tremendamente, profundamente interessadas na cura, relacionada convosco os dois. E eles estão ansiosos para que continuem o trabalho.

BRIAN: Sim.

MICKEY: E evidentemente... Vão abrir um santuário?

BRIAN: Iremos? Um dia. Não sei.

MICKEY: Bem, há um grande desejo de que tenham um santuário. E dizem que o que parece impossível no momento tornar-se-á uma possibilidade

através da agência de outra pessoa que torna um santuário uma possibilidade. E não são apenas os dois. Há uma terceira pessoa envolvida.

BRIAN: Oh, abençoado sejas, Mickey. Abençoado sejas. Somos um grupo muito harmonioso onde trabalhamos na nossa igreja.

MICKEY: Sim, talvez sejam. Pessoas adoráveis lá. Não estou a dizer que não são harmoniosos e sou todo a favor disso, mas isto é algo que vão fazer à parte ou separadamente desta igreja nalguma data futura.

BRIAN: Neste país, Mickey?

MICKEY: Presumo que sim. Ninguém disse nada sobre "Novas Terras". Não, não, não. Espera aí. O que disseste? E alguém aqui, Lou, envia amor para ti, aquela senhora também. Lou, alguém chamada Lou. Não pensem num homem, pensem numa mulher. O nome dela era Louise, presumo.

ROSS: Sim, eu sei a quem te referes.

MICKEY: E ela envia as suas lembranças e bênçãos para ti.

ROSS: Abençoada seja.

MICKEY: Aqui, não quero ser cosbilheteiro nem meter-me onde não sou chamado, mas foste separada de alguém?

ROSS: Queres dizer de um ente querido, ou?

MICKEY: Bem, alguém está a dizer que houve uma rutura, algo sobre uma rutura, e dizem que foi difícil de aceitar, mas que teve de ser.

ROSS: Sim, sim, compreendo. Exato.

MICKEY: Bem, é muito estranho de certa forma. Suponho que sim. Sentes — não sei se estou a prometer agora — que alguém seguiu numa direção diferente? Ela sabe o que quero dizer?

ROSS: Não tenho a certeza do que queres dizer.

MICKEY: Eh?

ROSS: Não sei se queres dizer um casamento desfeito ou a perda de um ente querido na minha família.

MICKEY: Não, espera um momento, vamos organizar isto. Não sei se devia... é uma situação muito peculiar. Sabes algo — não tu, mas relacionado com a tua família — onde houve um segundo casamento?

ROSS: Sim.

MICKEY: E alguém seguiu numa direção diferente, há muitos anos.

ROSS: Sim, sim, sei, sim.

MICKEY: E está aqui uma senhora que está terrivelmente interessada em ti, e está a falar do passado. E o que disseste? E o que disseste? E está aqui alguém que tinha uma loja e tudo.

ROSS: Sim, sei o que queres dizer, essa é outra coisa de que estás a falar.

MICKEY: Sim, está aqui uma senhora, então ela está a recuar quando tu eras apenas uma menina. Sim. E ela está a falar, estão todos a falar dos primeiros anos, e esta senhora tinha uma lojinha. E o que disseste? E Tommy, está aqui alguém chamado Thomas. Ei, o que disseste? Havia algum Thomas na terra.

ROSS: Sim, mas está aqui outro Thomas deste lado, um homem mais velho quando passou para cá. Não, não conheço.

MICKEY: Sim, é tudo muito interessante. Oh, tu trazes algo contigo, e estás a usar algo que pertence ou está ligado a alguém por aqui?

ROSS: Ah, sim, sim.

MICKEY: Sim, mas é uma de duas coisas? Espera um momento, vamos organizar isto. Sabes algo sobre um relógio com uma bracelete diferente?

ROSS: Sim, eu tenho esse relógio.

MICKEY: Sim, mas isso não está contigo [aqui].

ROSS: Não, não está comigo aqui.

MICKEY: Não, mas tu também tens um anel.

ROSS: Sim, tenho este posto.

MICKEY: Sim, mas há outro anel. O que queres dizer, "honey"? Esse não está aqui. Na verdade, há outro anel que foi perdido. Ei, o que disseste? Está aqui alguém, tu dizes-me para não saber. Ei, ei. Oh credo, está aqui alguém, querida. Oh, muito triste, muito trágico. Sem aviso.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Grande choque, grande golpe. Não houve aviso. A pessoa estava contigo num minuto e no seguinte tinha ido. Não houve qualquer mal-estar ou aviso ou nada. Está aqui ao teu lado agora, a tentar chegar até ti. Oh credo, oh credo. Sim. Olá.

ESPÍRITO: Sim, conseguimos ouvir-te. Olá. Olá. Sim, para quem é? Para quem é? Alguém. Mãe. Mãe. Mãe. Alguém disse "mãe". Sim, mãe. Olá, mãe. Quem é? Olá? David.

MÃE (Ross): Olá, querido. Oh, é o papá.

DAVID: Bem, ele estará contigo muito em breve, mas não hoje. Eu disse que queria ter uma conversa com ele.

MÃE (Ross): Bem, ele vem esta semana, querido. Eu só queria saber que não podia deixar a tarde passar sem uma palavra ou duas. Queria falar ontem à noite, mas não foi possível. Bem, suponho que fosse possível comigo, mas não gostei de forçar. Bem, querida. Foi muito difícil quando há muita outra gente. Todos têm de ter a sua vez, querida.

ROSS: Sim, eu sei.

MÃE (Ross): Eu sabia que estavas aí. Só tive de dizer algumas palavras, se pudesse. Mas sabes, eu estive aqui hoje.

ROSS: Sim. Consegues ouvir-me?

MÃE (Ross): Sim, querida, consigo ouvir-te lindamente. Dá o meu amor ao papá.

ROSS: Darei.

MÃE (Ross): Bem, espero que venhas falar com ele mais tarde na semana. Oh, maravilhoso. Sim. Maravilhoso. Consegues ouvir-me?

ROSS: Sim, querida, consigo.

MÃE (Ross): Sabes quem está aqui comigo hoje?

ROSS: Sim, sei. Olá. Consegues ouvir-me? Desculpa.

DAVID (Espírito): Oh, David, tu tiras-me o fôlego agora. Como estás?

DAVID (Sitter): Estou muito bem, obrigado. É maravilhoso ouvir-te.

DAVID (Espírito): Estou encantado. Tu ias dizer algumas palavras, e eu disse que tinhas de vir. Consegues ouvir-me? Sim, estou muito bem. Como te tens aguentado? Como te tens aguentado?

DAVID (Sitter): Oh, bastante confortavelmente, David, obrigado. A ficar um bocado aborrecido com a vida conforme envelheço. É o que é. Mas, hum...

DAVID (Espírito): Bem, tu não estás aborrecido, pois não, David?

DAVID (Sitter): Não, estou bem.

DAVID (Espírito): Bom. O carro está bem, querido, tanto quanto sei. Não está tão mau como da última vez, pois não?

DAVID (Sitter): Não, o carro da última vez não. Foi a minha mota da última vez. O carro está bem, querido, espero eu. Sabes que me avisaste para ter cuidado com as escadas da última vez, David.

DAVID (Espírito): Sim. O degrau de baixo.

DAVID (Sitter): Sim. Sabes que caí nele.

DAVID (Espírito): Eu sei. Sim, eu sei. Não sei como é, e não pretendo saber a resposta, mas é estranho como eu fico com este tipo de percepção interior ou premonição. Não sei o que fazer. Bastante, mas ultimamente, desde que tenho voltado e fico por vezes tão perto de ti e do Papá, sinto estas coisas, e suponho que não deveria, tipo, pôr a ideia lá.

DAVID (Sitter): Oh, achei que foi uma prova maravilhosa, querido.

DAVID (Espírito): Não quero que tenhas nenhuns problemas ou sarilhos, mas eu vi algo a acontecer com as escadas, e foi...

DAVID (Sitter): Bem, não me magoei com muita gravidade, por isso esteve tudo bem.

DAVID (Espírito): Ainda bem. E tenho estado no Oculus (optometrista). Não estás, querido? O quê, querido? Não estás? Não estás quem? Só... Tudo bem, querido. Bebé, bebé, bebé. Tudo bem.

MICKEY: Porque é que ele te está a mostrar violetas?

ROSS: Bem, porque eu pensaria que eram as flores favoritas da minha mãe.

MICKEY: Não, há mais do que isso.

ROSS: Oh, bem, não consigo pensar em nada.

MICKEY: Sei que isto soa estranho, mas alguém vai oferecer-te umas violetas assim do nada. E ele diz que vai impressionar essa pessoa. Não deves dizer nada nem fazer nenhum comentário.

ROSS: Oh, bem.

MICKEY: Mas ele diz que, assim que for possível, alguém vai ser impressionado por ele — não aqui hoje — para te dar um ramo de violetas. Ele diz que é um verdadeiro presente meu.

ROSS: Oh, adorável. Obrigada, Mickey.

MICKEY: E a propósito, sabes onde está este belo leitor (reader)? Leitor? Ou escritor. Hum, na terra, Mickey. Oh, espera um momento. Ele está a falar-me de alguém. E diz que está a tentar fazer algo para ajudar o leitor ou o escritor. Alguém do vosso lado, deve ser, creio.

BRIAN: Não consigo lembrar-me dele.

MICKEY: Não importa. Pode ser que volte mais tarde. Vou deixar isso contigo, amigo.

BRIAN: Oh, obrigado. Eu sinto isso frequentemente.

MICKEY: Por isso é que eu o disse. Claro que foi.

BRIAN: Obrigado, Mickey.

MICKEY: Aquele senhor, ele é um tipo porreiro. Consegues ouvir? Na cabina? Sim, tu, companheiro. Tu soletras bem, não soletras?

BRIAN: Não sei.

MICKEY: Sim, soletras. Tu sabes que soletras. Tu tens o "dom da lábia" (gift of the gab/cab).

BRIAN: Não sabia disso.

MICKEY: Eu digo isso à frente de muitos. O quê? Tu não deves dizer isso à frente da Ross.

BRIAN: Porquê?

MICKEY: Porque ela acha que eu tenho, Mickey. Bem, de certa forma, sim, tens de ter, suponho. Mas acho que ele é um bom... Gostas de música, companheiro?

BRIAN: Sim, gosto de música, Mick.

MICKEY: Não, mas não que toques necessariamente alguma coisa. Mas alguém aqui está a falar-me de ti. E sobre algo lá atrás, de quando eras um miúdo, Emily. Tu... não consigo imaginar-te vestido de Lord Fauntleroy.

BRIAN: Oh, não sei. Participei em algumas peças da escola, posso ter estado.

MICKEY: Bem, está aqui alguém a falar de ti. E estão a falar de ti quando tinhas uns sete ou oito anos. E estavas todo janotado com uma espécie de gola de renda.

BRIAN: Oh, tenho uma vaga ideia do que eles estão a falar.

MICKEY: Não estou a dizer que eras o pequeno Lord Fauntleroy. Mas eles janotaram-te com um fato de pantalone. Este tipo de fato de renda.

BRIAN: Desde que não queiram que eu o use agora, está tudo bem.

MICKEY: Sabes, tu és um homem que perdeu o comboio (missed the boat), não és?

BRIAN: Oh, credo. Sim, nalguns aspetos, Mickey, terás razão.

MICKEY: Oh, não estou a brincar, companheiro. Eu sei do que estou a falar.

O "Dom da Lábia" e a Libertação dos Corsetes (Espartilhos)

MICKEY: Vês, tu nunca realizaste o que terias feito ou o que terias gostado de ter feito. Ou o que poderias ter planeado fazer.

BRIAN: É verdade.

MICKEY: Mas tiveste de te colocar numa espécie de posição, suponho, onde tiveste de ganhar o teu "pão com manteiga". Mesmo que eu "patine" no assunto, companheiro. Mas a questão é que o teu verdadeiro talento nunca teve oportunidade de se expressar.

BRIAN: Não, não fiz uma das coisas que queria fazer.

MICKEY: Não, é uma pena. Porque quando eras muito mais jovem, tiveste a oportunidade de seguir uma linha diferente, mas não o fizeste.

BRIAN: É verdade.

MICKEY: E acho que perdeste o comboio aí, companheiro. Podes ter tido uma viagem bastante segura, por assim dizer, através da vida, mas não uma muito aventureira em comparação com o que poderia ter sido.

BRIAN: Não, tens razão. Tens razão.

MICKEY: Tu não jogas... és um tipo que "joga pelo seguro"?

BRIAN: Não, sim, de certa forma, acho que sou assim.

MICKEY: Tu és muito estático.

BRIAN: Sou.

MICKEY: Tu provavelmente achas que não és, companheiro, mas és.

BRIAN: Bem, é bom saber disso.

MICKEY: Tu recebes muitas coisas intuitivamente.

BRIAN: Sim, isso é verdade.

MICKEY: Mas tu pensas que és tu próprio, depois de um bocado, não pensas?

BRIAN: Sim. Sim.

MICKEY: Tu estás sentado num círculo?

BRIAN: Não neste momento, Vicky.

MICKEY: Porque eu sinto muita vibração ao teu redor numa condição de círculo. Desististe disso, então?

BRIAN: Sim. Há algum tempo, Vicky, eu desisti do círculo propriamente dito. Não desisti totalmente. É possível que eu possa ter... não sei.

MICKEY: Sinto que deverias usar as tuas mãos.

BRIAN: Bem, uso-as de certa forma, Vicky.

MICKEY: Sim, mas sinto que, de alguma forma, nunca realizas o que poderias ter feito. Porque tens uma parte artística, criativa, mas de alguma forma ela nunca foi autorizada a desenvolver-se.

BRIAN: Não, isso é verdade.

MICKEY: Como vai o teu reumatismo?

BRIAN: Está a atacar-me ocasionalmente.

MICKEY: Recebes alguma cura (healing)?

BRIAN: Sim, oh sim.

MICKEY: Isso pode ajudar. Se tiveres a sorte de apanhar o curador certo. Claro que podes apanhar alguns péssimos.

BRIAN: Assim ouvi dizer.

MICKEY: Disseste o quê?

BRIAN: Assim ouvi dizer.

MICKEY: Não, eles podem ser bons para uns e não serem bons para outros, vês. Não, está tudo bem, Vicky. Eu gosto de ti.

BRIAN: Muito obrigado.

MICKEY: Tu vais à igreja da velha Lottie, vês?

BRIAN: Sim, sim. Acho que ele é um dos curadores deles.

MICKEY: Bem, está bem, e então? Então tu és o vice-presidente deles. Eu não sei tudo. Acho que és o vice-presidente deles. E depois? A ênfase foi na voz?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Foste tu que fizeste isso, não eu. Mas ele fez-te rir. Guarda isso no coração, Vicky. Não, tu estás bem, companheiro.

BRIAN: Muito obrigado.

MICKEY: Foi apenas a Rose que veio ter contigo, então. Rose, Rose. Ela é uma senhora muito simpática, não é? Era uma "fura-vidas" (stealth party) quando estava do vosso lado, sabem. Como a Tia. Uma mulher grande, de certa forma. E ela teve cancro da mama, e tiveram de operar, mas ela não sobreviveu, sabem. E ela vem aqui, é uma senhora muito doce. À antiga. Ela está aqui há um bom número de anos.

BRIAN: Sim.

MICKEY: Digo-te uma coisa: tu nunca te enganarias com ela, porque além da figura dela — abençoado seja o coração dela —, ela costumava ter muito cabelo. E costumava prendê-lo lá no topo num totó (knob), sabem. E parecia um daqueles pães antigos que costumávamos comprar para nós.

BRIAN: Acho que é alguém que conheci em Norfolk, acho eu, Vicky.

MICKEY: Bem, ela não está em Norfolk agora. A "velha pata" está por aqui. Ela é doce.

BRIAN: Tenho a certeza de que ela é muito feliz, Vicky.

MICKEY: Ela conheceu-te quando eras um rapaz, e era uma senhora muito simpática, e gostava de cozinhar, e vivia numa atmosfera de lugar de campo. E havia um velho senhor que costumava estar ligado a ela também, tinha patilhas e um bigode, e costumava usar um chapéu velho, e costumava ter um pequeno pónei e uma carroça (trap). Isso remonta a quando tu eras miúdo, companheiro. Há muito tempo. Bem, o que tens tu, 70 anos?

BRIAN: Não vou responder a isso, Vicky!

MICKEY: Bem, acho que não importa. Só queria pôr-te "em cima" disso. Aproximar-me dessa forma.

BRIAN: Aproximar-te? Sim. Como dizes, não faz diferença nenhuma, Vicky. É como a pessoa se sente.

MARJORIE: Marjorie. Marjorie? Marjorie Spade. Marjorie? Sim. O meu nome é Marjorie.

MICKEY: A senhora fala japonês?

MARJORIE: Sim.

MICKEY: Com quem está a falar? Qual é o seu apelido?

MARJORIE: O meu nome é Marjorie.

MICKEY: Marjorie? Com quem fala?

MARJORIE: Eu costumava estar muito interessada no espiritualismo há muitos anos.

MICKEY: Bem, essa é a Marjorie Bell. Está aqui um homem da Virgínia, creio. Quem é? Suponho que, quanto a mim, não acho que devesse importar. Importa. E o senhor não me ouve.

ROBERT MCKAY: Conseguimos ouvir a vossa voz escocesa. Sim, ouvi essas palavras. Oi. Consegue ouvir-me? É o Robert aqui.

ROSS: Robert? Oi. Robert quê?

ROBERT MCKAY: O meu nome é Robert. Uh-huh. McKay. Robert McKay. Oi. Mas não tenho bem a certeza se ela consegue ouvir o que eu digo.

ROSS: Tem de ser para a visão de alguém?

ROBERT MCKAY: Não, não. Oi. O meu nome é Robert McKay. Estou aqui agora há uns bons anos. Mas pensei que não se importaria que eu viesse.

ROSS: Não, de todo. Já passou por aqui antes?

ROBERT MCKAY: Eu tentei, mas...

ROSS: Sim, acho que na última sessão, ou há duas sessões, o nome de alguém era McKay.

ROBERT MCKAY: Eu tentei, mas não tenho bem a certeza. Às vezes, sabe, é muito difícil saber se passei parcialmente ou não.

ROSS: O senhor é escocês?

ROBERT MCKAY: Sou escocês, sim.

ROSS: Ai, de que parte é o senhor?

ROBERT MCKAY: Sou de Glasgow. Ai.

ROSS: De onde é que o senhor veio? Eu não sabia. Não? De onde é que o senhor veio? Robert, sabe se eu me lembro?

ROBERT MCKAY: Sim, estou a tentar passar. Quero falar com a minha esposa. Anda lá, amigo. Quem quer o senhor? Quem é o senhor? Está doente? Sinto muito. Anda lá, senhor. Sinto muito.

ROSS: Pelo que é que ela sente muito? Não sei. Com quem está o senhor a falar? Vai vender a casa? Com quem está a falar? Com quem gostaria de falar?

ROBERT MCKAY: Ai, eu digo, acha que eles vão ficar? Ou vai vender a casa? Acha que vai ficar? Ou vai vender a casa? Ai, se está a falar comigo, pergunto-me se está a pensar em vender a casa.

ROSS: Bem, na verdade não estou definitivamente a pensar nisso. Não propriamente, mas já me passou pela cabeça, sim. O que acha o senhor sobre isso?

ROBERT MCKAY: Não sei se gostaria de aceitar uma mensagem de alguém que provavelmente, de certa forma, não tem o direito de lhe dizer nada sobre a sua situação. Mas acho que a senhora teria de ficar por um tempo. Mas acho que, a longo prazo, descobrirá que será melhor se vender a propriedade, mas não no momento. Não, não creio que seja agora, exato, não. Ai.

ROSS: Eu não pensei seriamente nisso, mas quer dizer, é sempre uma possibilidade, não é?

ROBERT MCKAY: Ai, acho que poderá achar que é um fardo a mais.

ROSS: Não, não sei, as coisas estão a estabilizar muito melhor do que estavam.

ROBERT MCKAY: Ai, é o que a senhora diz. Espero que esteja a dizer isso porque, uma vez que tenha uma pessoa de sentimento com quem eu possa falar, talvez eu me sinta estabelecido daqui a um ano ou algo assim.

ROSS: Oh bem, talvez, talvez sim. Alguma vez o viu, querida? Com quem estou a falar? Pode dizer-me quem é o senhor?

ROBERT MCKAY: Não consegue ouvir-me?

ROSS: Consigo ouvir, sim, bastante bem, mas não tenho bem a certeza de quem o senhor é.

ROBERT MCKAY: O meu nome é Robert McKay.

ROSS: Oh, é o Sr. McKay outra vez. Como é que eu o conheço? Eu conheço-o?

ROBERT MCKAY: Tenho estado na sua casa em muitas ocasiões agora, e quando a senhora tem as suas pequenas reuniões e os seus encontros, eu tenho andado por lá, e tenho pensado, sabe... e pelo que consigo depreender da situação, está tudo bem até onde vai, mas acho que é apenas por um tempo. Acho que terá de aguentar por um bocado, mas acho que, a longo prazo, decidirá fazer a mudança.

ROSS: Oh, percebo. É gentil da sua parte dizer isso.

ROBERT MCKAY: Eu sei o que lhe fazer, por exemplo. Está ali a "wee lassie", a pequena rapariga morena. Ela está bem?

ROSS: Oh, sim.

ROBERT MCKAY: Suponho que a senhora está tão bem quanto pode estar no momento. Ela tem os seus problemas. A criança.

ROSS: Ah, exato. A criança. Uh-huh.

ROBERT MCKAY: Mas ela ficará bem eventualmente. Uh-huh. Eu estive lá na outra noite.

ROSS: Achei que sim, sim. Pensei lembrar-me do nome do lugar. Não consigo bem.

ROBERT MCKAY: Eu gostaria de lhe agradar. Não consigo agradar-lhe totalmente. Mas estive em Glasgow durante bastante tempo, mas isso já não é lugar que se diga. Ah. Eu teria vivido em Glasgow por um bom número de anos, mas a senhora não se lembraria nem me conheceria, porque sou do seu lado da vida.

ROSS: Oh, tudo bem. Ótimo, sim. Tudo bem. É bom saber que o senhor está interessado nisso. Eu conhecia o meu pai muito bem.

ROBERT MCKAY: O seu quê?

ROSS: Eu conhecia o meu pai muito bem.

ROBERT MCKAY: Conhecia o meu pai? Não, o meu pai. Oh, o meu pai. O meu pai, sim. A senhora conhece o meu pai?

ROSS: Sim, conheço o nome do meu pai.

ROBERT MCKAY: Bem, eu conhecia a família pelo meu pai, sim.

ROSS: Bem, eu conhecia a família.

ROBERT MCKAY: Oh, muito bom, sim. Isso significa, claro, que ele a teria conhecido. Mas isso já remonta a alguns anos agora. Uh-huh, exato. Eu não a conheci a si, mas conheci algumas das pessoas que a senhora conhecia. Pelo menos os seus pais conheciam, a sua gente conhecia.

ROSS: Exato.

ROBERT MCKAY: Mas isso remonta a quando a senhora estava connosco. Bem, sim. Mas não tão atrás quanto isso. Mas que idade tinham os meus pais então? Que idade tinha o meu pai? Estou a falar de há 20 e tal anos.

ROSS: Exato, exato. E o senhor era muito mais jovem naqueles anos.

ROBERT MCKAY: Uh-huh. E não tinha carregado tanto peso. Sim, isso é verdade.

ROSS: Bem, como está o meu pai?

ROBERT MCKAY: Ele vem. Tenho estado muito consigo por perto, e o meu pai também. E tenho estado com a sua mãe também.

ROSS: Oh, sim.

ROBERT MCKAY: E a velha senhora. E a Annie.

ROSS: Annie, exato. Lembrar-se-á. Talvez não soubesse deles se o pai não tivesse ficado na família.

ROSS: Exato. Havia uma Annie. Havia uma Annie naquela família. Ela era casada com um dos filhos, e isso já vai há uns anos. Pensei apenas que gostaria de saber quem era o tipo escocês a tomar conta dele. Bem, ele começou a tomar conta de si próprio. Não se sinta tentada a fazer nada no momento. "Chore um pouco" (Weep away a while - prov. Wait a while/Espere um pouco). Está tudo bem por agora, mas não há forma de ficar aí permanentemente.

ROSS: Bem, não sei. Sinto-me bastante feliz lá, na verdade.

ROBERT MCKAY: Sente mesmo?

ROSS: Sim, sinto. Este não é um mau lugar, pois não? Quero dizer, a sério. Quanto mais posso dar-me ao luxo de gastar nele, melhor ele fica.

ROBERT MCKAY: O quê?

ROSS: Quanto mais posso dar-me ao luxo de gastar nele, melhor ele fica.

ROBERT MCKAY: Oh, sim, eu sei. Mas depois, se lhe puser valor, talvez mais tarde veja algo mais agradável, e talvez sem tanta responsabilidade. E ganhará uma nota preta (make a packet). Obviamente, dar-lhe-ei um rendimento. Eu apoiarei isso consigo. Tenho um rendimento aqui.

ROSS: O senhor tem um quê?

ROBERT MCKAY: Um rendimento (income). Sim, eu sei. Mas não importa. A senhora ficará surpreendida um dia. Verá.

ROSS: Oh, acho que já nada me surpreende agora.

MICKEY: Tu és engraçado, não és? Gosto de ti, Scotty. Estás no sítio certo. Tens bom coração, mas os escoceses não são [todos] assim. Tu não és um mau cozinheiro, pois não?

BRIAN: Perdão? Sim, diz lá isso outra vez.

MICKEY: Disseste que não és um mau cozinheiro.

BRIAN: Oh, bem, exato. Tu fazes caldo escocês (Scotch broth).

MICKEY: Bem, é uma sopa muito boa hoje, devo dizer, mesmo antes de eu sair a correr. Tenho algo para comer com ela. O que queres dizer com saíste a correr? Ah, se eu pudesse comer aquilo, estaria a habituar-me.

BRIAN: Tu vens desfrutar da minha sopa? Tu observas isso?

MICKEY: Bem, não posso dizer que estou interessado na tua sopa em si, mas percebo que não sejas um mau cozinheiro. Estou sempre a fazer-lhes isso, eu sei. Como te estás a aguentar, Eric?

ERIC: Estou a aguentar-me bem, obrigado, Vicky.

MICKEY: Já resolveste muita coisa?

ERIC: Não, ainda há muitas coisas pendentes. Tive uma comunicação com a minha irmã esta manhã com certas cartas que autorizei que fossem para certas partes, por isso pode chegar a esse estágio.

MICKEY: Bem, é sobre isto que eles estão a falar, e a tua esposa está terrivelmente preocupada e interessada, mas diz que será resolvido, como ela diz, e tu não deves desfazer esta confusão. Sei que não o podes evitar porque tiveste uma "bola de basebol" (baseball - prov. bad spell/mau período), mas vai correr bem. Vai ficar tudo bem.

ERIC: Oh, manter-me-ei firme.

MICKEY: Oh, credo. Tu ficas um bocado "em baixo", não ficas? Pobre salsicha velha.

ERIC: Bem, essa parece ser a minha vida no momento, Vicky, mas quero muito que dês o meu amor à Grace, podes fazer o favor?

MICKEY: Sim, sim.

ERIC: Penso nela com bastante frequência, de facto.

MICKEY: Sim, bem, ela percebe isso, claro, mas...

ERIC: Sinto terrivelmente a falta dela.

MICKEY: É a tua mãe que é a preocupação principal no momento.

ERIC: Perdão?

MICKEY: A tua mãe.

ERIC: Sim, receio que seja.

MICKEY: É a preocupação principal.

ERIC: Sim, é.

MICKEY: Eu sei, ela está... e, oh, Cristo. Eu acho que é... este negócio da casa, e desfazê-la e dividir os lucros.

ERIC: Sim.

MICKEY: Eles não podem fazer nada enquanto a tua mãe for viva.

ERIC: Bem, não podem. Eles gostariam. Gostariam de forçá-la a sair das instalações, mas eu...

MICKEY: Sim, bem, eles dizem-me que tens de te manter firme. A Doris diz para não cederes, e tu não vais.

ERIC: Não vou, não.

MICKEY: E o que disseste sobre isso? Sim, disseste. Sim. Gladys, sim, tu disseste-me isso. E o que é isto... o que é tudo isto da Doris? Doris?

ERIC: Sim. Oh, não quererás dizer... bem, a médium Doris.

MICKEY: Doris Collins, queres dizer. Esse é o problema de que ela fala. Tu estiveste com alguém chamado Doris?

ERIC: Bem, conheço a Doris bastante bem. Se for a Doris Collins, ela acabou de chegar da digressão dela.

MICKEY: Sim, bem, espera um momento. Então a tua esposa está a falar da Doris, e a Doris... tu não te sentaste com ela ultimamente, pois não?

ERIC: Não, na verdade, vou ao... sabes, temos um pequeno compromisso em setembro.

MICKEY: Porque a tua esposa está focada em ti. "Vou ver a Doris, e tu farás contacto através da Doris".

ERIC: Oh, bom, bom.

MICKEY: E o Phil. "Vou contactar a Gladys através da Doris". Sim, e a tua esposa diz que a próxima vez que te contactar, será através da Doris. E ela espera que, até lá, as coisas se organizem um bocado.

ERIC: Isso é muito gentil da parte dela.

MICKEY: Ela quer que saibas que estará lá.

ERIC: Muito obrigado mesmo. Espero ansiosamente ouvir notícias dela através da Doris quando nos encontrarmos na sala de jantar.

MICKEY: Sim. Ei, o que disseste? Acho que tu tens apenas de ficar neste país. Sabes disso, não sabes? O teu trabalho é neste país, por enquanto.

BRIAN: Por enquanto, Mickey, achas que sim?

MICKEY: Nada de voar mais para a Índia no momento.

BRIAN: Não no momento, não, okay.

MICKEY: Acho que tu e aquela senhora têm algum trabalho importante para fazer.

BRIAN: Okay, Mickey, abençoado sejas e obrigado.

MICKEY: Oh, aquela é uma senhora doce. Não é bom quando deitas fora os teus corsetes (espartilhos)? Pergunto-me o que é que isso implica. Isso tem um significado especial para alguém na sala. E não é alguém que esteja a usar corsetes no momento. Era o que uma senhora costumava dizer àquele sujeito. Àquele velho senhor. Àquele senhor.

LESLIE FLINT: Sou eu, Mickey?

MICKEY: Sim, tu. Está aqui uma senhora que costumava usar estes corsetes velhos, corsetes ainda bem conhecidos. E ficou ela aliviada quando se viu livre deles? Não, era a mãe dele. Não sei.

LESLIE FLINT: Eu não saberia.

MICKEY: Talvez não soubesses. Acho que é ele no quarto. Olha, senhor, eu não me consigo livrar de ti. Vou perguntar-te agora mesmo. Aqui, esta senhora que vem ter contigo, que está aqui agora, ela costumava usar algo por baixo do cabelo, porque estava a ficar um bocado ralo, acho eu, e ela costumava empilhar o resto em cima disso, lá no topo. Costumava ser como uma espécie de base falsa. Não, esta é outra. Esta era a senhora que cuidava de ti e se interessava por ti quando eras um rapaz. Espera um momento. Sabes quem é o Legg?

LESLIE FLINT: Legg! Não, Mickey, não sei.

MICKEY: Conheces alguém chamado Sra. Legg?

LESLIE FLINT: Não, Mickey.

MICKEY: A mulher aqui, ela está a rir-se. Matava-se a rir se pudesse. E está a sorrir de orelha a orelha em choque. E diz: "sou a Sra. Legg", diz ela. Eu digo: o que disseste? Ela diz: "eu venho", diz ela. Oh, ela é uma verdadeira megera (tartar). Ela diz: "eu venho", diz ela. "Eu apenas o pus". Eu disse: "eu dei uma gargalhada". Caso vás para o teu lugar. E ela diz: "eu reparei", diz ela, "eu interesso-me pelo que se passa". Ela diz: "as coisas não mudaram assim tanto". Eu disse: bem, caso ela seja. Ela era uma verdadeira "mãe da escola" (school mum). Bastante alta e magra. Ou pelo menos parecia magra porque costumava enfiar-se naqueles corsetes malditos. Não sei.

LESLIE FLINT: Ela tinha um nome diferente então, Mickey.

MICKEY: Talvez ela usasse um nome diferente então. Ela era uma Miss Legg. E era uma "mãe da escola". E era uma peça à antiga, daquelas boas. E estava a engordar. E costumava enfiar-se naqueles corsetes malditos. E quando terminava o dia de trabalho na escola, a primeira coisa que fazia era desapertar os seus apertos (stays). Eu sei que era uma ideia engraçada. Diz-me, tu foste a uma escola onde costumavam vir para o degrau e tocar este sino grande?

LESLIE FLINT: Tocar o sino, queres dizer Mickey?

MICKEY: Sim. E as rapariguinhas usavam aventais (pinafores) e chapéus de palha. Isso remonta aos tempos eduardianos.

LESLIE FLINT: Bem, eu não...

MICKEY: Bem, porque é que ela se "colou" a ti então?

LESLIE FLINT: Sim, não sei, Mickey.

MICKEY: Ela era uma Miss Legg. E era todo um caso, digo-te já.

LESLIE FLINT: Fui a um jardim de infância em Regent's Park Road, lembro-me, que já não existe. Que surpresa. O que sou eu, Mickey? Mas pode ter havido lá uma Miss Legg, não me consigo lembrar.

MICKEY: Não, não tem nada a ver com isso. Isto são arredores de campo. É um lugar sossegado no campo. Ela era uma verdadeira peça à antiga. Era até antiquada para o tempo dela. Costumava usar aquela blusa com pregas e gola alta com o broche. E costumava ter uma cintura, uma cinturinha apertada, com uma saia comprida e botas de abotoar. E costumava pôr esses malditos apertos e ficar ali comprimida neles. Coitada, mal conseguia respirar. Ela está aqui. Diz que é a Miss Legg. Algo a ver com alguém então, não achas?

LESLIE FLINT: Não creio que seja eu, Mickey.

MICKEY: Ela também está a falar de alguém chamado Martindale. Martindale? Oh, bem, não posso evitar. Eu conheço o nome de Martindale. Não sei se conheço a Miss Legg. A Ethel serve? Tenho de ir dizer-lhe? Anda lá, "peixinho", já é tempo. Tenho de arrumar isto agora. Enfim, não posso evitar. Enfim, farei o meu melhor. Não se preocupem. Enfim, não posso evitar. Tenho de ir agora. Estão aqui mais deles. Deus abençoe toda a gente. Adeus. E vês, tu estás a fazer batota, por isso eu também dobrei as outras. Adeus. Obrigado.

BRIAN: Adeus, Mickey. Adeus. Foi engraçado, não foi?

ROSS: Oh, foi. Oh, credo. Miss Legg. Não a quero ver outra vez.

BRIAN: Sim, eu também não. Conseguia medir aquilo. Pergunto-me o que ela estará a pensar sobre os comentários sobre ela. Espero que não esteja chateada com os comentários todos. Eu não devia ter dito aquilo.

ROSS: Mas nunca se sabe, às vezes pessoas assim que ninguém consegue situar, de repente ouves uma gravação ou falas sobre isso e alguém diz: "meu Deus, eu conheço-a". Sabes?

BRIAN: Sim. Acho que sou um escravo na minha escola. Acho que, de facto, tenho quase a certeza de que sou um escravo. Oh, acho que sou um escravo. Talvez ela tenha caído, aquele senhor no sofá. Talvez ela queira que ele vá lá e lhe desaperte o casaco. Agora a luz está a acender-se.

Notas:

- *A Mobilidade de Brian Hurst: Mickey descreve com precisão a "casa móvel" comprida de Brian e o facto de ele estar a decorar o interior, mostrando a vigilância benevolente do guia sobre a vida quotidiana do seu amigo.*

- *A Igreja Espiritualista: O diálogo com Harry Beaumont é rico em nomes próprios e detalhes administrativos da igreja que Brian Hurst frequentava em Londres. A menção a Ted Emanuel e ao secretário que se reformou serve como uma forte evidência cruzada para os PARTICIPANTEs presentes.*

- *A Transição e a Recuperação: Doris discute o estado de saúde dos pais do PARTICIPANTE, sugerindo que, para o pai, a transição para o mundo espiritual seria a solução mais misericordiosa. Isto reflete a visão espiritualista de que a morte é, muitas vezes, uma libertação de um corpo já incapaz.*

- *A Influência Global de Flint: É notável Brian mencionar que as gravações de Mickey foram ouvidas na Índia, demonstrando como o trabalho de Leslie Flint rompeu as fronteiras do Reino Unido ainda na década de 70.*

- *O Tratamento: A transição do tom brincalhão de Mickey para a conversa íntima e preocupada entre Doris e o seu familiar demonstra a versatilidade do fenómeno da voz direta.*

- *O "Dom da Lábia": Mickey brinca com Brian Hurst sobre a sua capacidade de comunicação, chamando-lhe "o dom da cabina/lábia", uma referência à caixa de voz e à facilidade de palavra de Brian.*

- *Provas Domésticas de Ross: A conversa entre Ros Cattanach e o seu falecido marido (Wally) é riquíssima. Ele menciona o aniversário de 1 de*

setembro, os óculos guardados na gaveta e uma medalha/ficha ligada a tacos de golfe que a Ross tinha encontrado recentemente.

- *A Previsão das Violetas: Mickey faz uma previsão específica: Ross receberia violetas de alguém de forma inesperada, como um presente simbólico do marido.*

- *O Santuário de Cura: Mickey confirma que Brian e Ross abrirão um santuário de cura independente da igreja onde trabalham, envolvendo uma terceira pessoa. Este é um vislumbre do planeamento espiritual para o futuro do trabalho do grupo.*

- *A Premonição das Escadas: O espírito de David (filho ou parente próximo) menciona ter avisado o outro David (sitter) sobre as escadas, e o sitter confirma que caiu exatamente no degrau de baixo, como previsto.*

- *O Fato de Renda: A descrição humorística de Brian em criança, vestido com golas de renda para uma peça escolar (estilo Lord Fauntleroy), serve como uma evidência de memória partilhada.*

- *A Psicologia de Brian: Mickey confronta Brian Hurst com a ideia de que ele "jogou pelo seguro" na vida e que o seu verdadeiro talento artístico nunca floresceu totalmente por falta de aventura.*

- *O Mistério de Miss Legg: Uma comunicação hilariante e cheia de detalhes visuais (corsetes ou espartilhos eduardianos, blusas de gola alta, botas de abotoar) sobre uma professora de uma escola de campo. Embora Leslie Flint não a recorde de imediato, Brian e Ross notam que estas provas muitas vezes fazem sentido mais tarde ou para outras pessoas que ouçam a fita.*

- *O Caso da Herança e da Casa: Eric (PARTICIPANTE) recebe orientações sobre uma disputa familiar relacionada com a casa e a partilha de bens, com Mickey a dar o conselho de "manter-se firme" enquanto a mãe for viva.*

- *Doris Collins: A menção à famosa médium Doris Collins e a previsão de que a próxima comunicação da esposa de Eric será através dela (o que aconteceu meses depois) é uma forte evidência de planeamento espiritual.*

• *A Cozinha de Brian: Mickey identifica o prato que Brian estava a cozinhar (Scotch broth) antes de sair para a sessão, reforçando a ideia de que os guias acompanham a vida quotidiana dos PARTICIPANTEs.*

BRIAN HURST

LOS ANGELES A 2 DE ABRIL DE 1985

Esta sessão é um documento precioso que mostra a continuidade do trabalho de com Leslie Flint além-mar. O ambiente da Califórnia (com referências a Hollywood e caravanas/casas móveis) traz novos comunicantes, mas o Mickey mantém a sua ligação profunda com os "seus rapazes" de Londres, demonstrando um conhecimento impressionante dos problemas financeiros e familiares de Brian.

Assuntos de Família e o Passado Teatral

MICKEY: Ele disse-me, disse: "cala-te, vou para a cama". Sim, não se preocupem. Ele faz um trabalho maravilhoso. Bem, não posso evitá-lo, esse é o meu amigo da minha cama. Não se preocupem. Bem, este é um amigo do Ted. Esse é o meu amigo da minha cama. Sim, sim, conseguimos, está tudo bem. Não, não, não, Mickey. Mickey? A sério? Como estás? Muito bem. Sim, tapa isso. Eu estou muito bem, Mickey. Exato. Olá, Mickey, estou bem, obrigado.

Conheci-te em Londres, não foi? Exato, sim, conheci. O quê? Oh, lixo, isso é lixo, lixo. Não é? Ele não veio ter contigo, pois não? Não, não veio, não. Sim. Sim. Não, ele não está nervoso, não. Ele já tem que chegue de eu fazer isto tudo. Eu estou bem, Mickey. Estou bem, sim. Estou a fazer muito trabalho por aqui, sim, sim, estou. Não te encontrava há muito tempo, sim. Tu encontraste? Não.

Como estás? Oh, bem. Como estás? Tive saudades tuas. Sim, não muitas, sabes, mas tu pareces um bocado "numa lástima" agora que a mamã partiu.

BRIAN HURST: Oh, bem, sou um bocado um "rapaz-lástima". Sinto que sou sempre um rapaz-lástima.

MICKEY: Sim, mas nunca devias ter dito isso, deves ter-te sentido ótimo. Sim, senti. Sim, porque me lembraste daquela vez em que estavas

sozinho. E escolheste o cachorrinho a que chamaste "muck" (*lama/sujeira*). Ele apareceu e estava todo calado. Mas dizem que ele é bom e que está resolvido. Mas, hum, ele tinha muito a ver com política?

BRIAN HURST: Sim.

MICKEY: Bem, podes ouvir o que ele está a fazer. Oh, obrigado. Estás bem? Oh, sim, estou bem. Não há nada com que te preocupares. Obrigado. Mas sabes que alguém tem de abrir uma conta para ti. Alguém te arranjou um grande banco. E com muita destreza, sabes, tens de aguentar firme. Tens de "bater o pé". Tu és demasiado fácil. Sabes o que estou a dizer? És sempre a tua "rapariga nova"? Sim. Tenho medo quando falas de coisas terríveis. Mas, hum, há tipos de coisas quando falo. Porque dizes: "acho que tens uma boca grande". Eu digo: aguenta aí. É o que estou a tentar fazer contigo. Sim. E a velha senhora descreveu-te, eu gosto disso. Bem, toda a gente disse isso por um tempo. Sabes, acho que talvez ela seja um pouco, sabes, instruída. Eu estive aqui. E acho que ela tem um bocado de medo de passar para o vosso lado. Acho que foi o que ouvi. Bem, não devias ter medo de vir para aqui. Porque se está muito melhor quando se está morto, sabes.

BRIAN HURST: Bem, espero que sim. É o que tenho ouvido dizer.

MICKEY: Ah, apanhaste a coisa. Sabes, eu estarei por baixo. Vamos passar pelo outro dia se eu estiver a chutar a cabeça do cachorrinho para fora. O George está bem? Sim, ele está bem. Mas houve um pequeno contratempo. E, na verdade, tu não sabes os detalhes todos. Provavelmente nunca saberás, de qualquer forma. Mas havia muita... já havia algo a acontecer relacionado com esse senhor, essa pessoa, o George. Porque há alguém do teu lado e há muita controvérsia, como lhe chamas, mas tu ainda não falaste sobre isso devidamente.

BRIAN HURST: Não falei.

MICKEY: É algo relacionado com negócios e dinheiro e também com alguma propriedade. Sabes que quantia ele me pagou? Um milhão. Sim, mas nunca vais chegar ao cerne da questão. Quero dizer, não me cabe a mim "abrir o bico" (*spill the beans*). Mas enfim, quero dizer, sabes, quando as pessoas chegam aqui e se organizam, se estabelecem e começam a olhar para trás e começam a pensar: "oh, quem me dera ter feito isto e quem me dera ter feito aquilo". Quem me dera ter sido um bocado mais tarde, então. Mas ele é um bom sujeito, mas está a estabelecer-se. Mas ele está um bocado preocupado

com o que se passa do teu lado e tu podes saber algo sobre isso. Mas está a passar-se muita coisa na qual tu não estás a fazer nada. E tu tens algo? Oh, caramba. Sim, tu tens algum documento ligado a isso?

BRIAN HURST: Tenho, sim.

MICKEY: E isso não te preocupa nem um bocado? Sim. Porque isso vai ser resolvido, estou a dizer-te. E há alguém ligado a este senhor do teu lado da linha que eu sei que é um sócio, mas ele está numa ligação de negócios e tu tens de fazer algo em relação a esse documento. Mas vai resolver-se a longo prazo. Não tens de te preocupar com isso, mas estão a passar-se muitas coisas. Sabes, há muitas rodas... grandes rodas a girar, sabes.

BRIAN HURST: Há algo que eu possa fazer por si?

MICKEY: Não, não, ele está bem. Ele está no lado certo. Ele está melhor com todos vós. Dá-lhe o meu amor. Sim, ele está bem, abençoado seja. Mas ele está um bocado entristecido, acho eu, pela forma como veio.

BRIAN HURST: Sim, eu sei.

MICKEY: Não houve um aviso real, sabes. Quero dizer, se vives com uma doença longa, então claro que é diferente. Estás tipo reservado, por assim dizer, ao facto de que vais "bater as botas", sabes. Mas quando acontece subitamente, é um bocado um choque. Mas ele está bem. Vês, eu voltarei para ele. E detesto ouvir o Eddie a rir-se. As pessoas pensam que, porque se está morto, se é miserável. Estás inchado por brincares aos "cães grandes" comigo, sabes. É estúpido o que as pessoas pensam, Eddie. Porque nós vivemos uma vida real. Eu tenho uma vida adorável aqui. Conheci todo o tipo de pessoas simpáticas. Estou realmente feliz. E gosto de voltar e fazer um trabalho, sabes, ajudar as pessoas. Enfim, como estás, Brian?

BRIAN HURST: Oh, nós adoramos ouvir-te, Vicky.

MICKEY: As pessoas têm ideias engraçadas, não têm, Brian?

BRIAN HURST: Sim, parece que a tua voz está a mudar (*breaking*).

MICKEY: O que queres dizer com mudar? Como se tivesse 14 anos? Bem, é porque me estou a habituar à velha "lavagem". Sabes, as caixas de voz, claro.

BRIAN HURST: Sim, eu sei, eu sei.

MICKEY: Não me sinto nada confortável. Por isso, sabes, tenho podido ter uma pausa. É isso, é isso. Bom. Bom. Talvez estejas demasiado perto do Robert? Oh, bem, olá, Bob.

BOB: Oi, Vicky. Como estás? Vicky, como está a Miyoko?

MICKEY: Oh, tu vais sentir a falta dela. Ela está bem. Ela "tem-te topado" (*she's got you taped*), companheiro. Ela tem-te onde queria quando estava do teu lado. E agora ela sabe exatamente. Oh, eu podia ir até à morte pelo planeamento, sabes. Eu amo as pessoas. Mas ninguém é perfeito. Eles não são simpáticos. A Miyoko nunca saberia que eu era perfeito, pois não? Mas vais sentir a falta dela. Ela é uma senhora adorável. Ela tem-te topado, no entanto, companheiro.

BOB: Sim, eu sei.

MICKEY: Ela mantém o olho em ti.

BOB: Eu sei. Estou a fazer o meu melhor, Vicky.

MICKEY: Como é que tudo isso pode contar? Ele é ator? Oh, credo. Nós não saberíamos. O que queres dizer com "não saberíamos"? Estás a falar do David? Sim, bem, há um padrão de vaidade ao teu lado. E acho que quando ele estava do teu lado, ele andava nos filmes ou algo assim.

PARTICIPANTE: Estás a falar do meu irmão? É disso que estás a falar?

MICKEY: Não, não estou a falar do teu irmão, companheiro. Estou a falar deste outro sujeito que está aqui. E acho que ele andava no... como é que lhe chamam... nos filmes e isso, sabes. Mas ele parece conhecer-te. Senta-te, Tom. Pode ser que eu não consiga. Senta-te. Estou um bocado torto. Tu? Eu tipo levantei a coisa. É que eu não a vejo bem. Tu tipo fazes um bocado de representação, então? Bem, quer dizer, cada vez que o faço, é tipo assim. Como é que pode ser? Não sei. Porque sinto algo a passar-se ao teu redor. E estão aqui muitas pessoas. E há um grande interesse em ti. E também estão a falar de alguém que é ator ou algo assim. E de certa forma, ele é novo para ti.

BRIAN HURST: Bem, esse é o meu irmão, George, provavelmente.

MICKEY: Ele é ator, então? Ele está deste lado, sim. O quê? Ele está deste lado, sim. Sim, não vou dizer que ele não era. Bem, eles estão a falar de ti e do teu arranjo e do teu "pão" (*bun*). E sobre este ator, provavelmente, vês. E há uma avozinha que andava nos filmes. E... oh, perdão. Oh, sim. Era um bocado facto que ele estava do teu lado. Já não é facto agora. Mas ele está muito preocupado com a patroa dele (*missus*). Ele diz que o nome dele é Charles Moore.

BRIAN HURST: Oh, sim. Sim, sim.

MICKEY: É isso. É essa a questão. Ele está muito preocupado com a esposa, porque ela está numa fase má. Acho que ele está à espera que ela se junte a ele. Mas ele parece ter-se "agarrado" a ti por algum motivo. Talvez seja porque tu tens alguma ligação com as pessoas nos filmes, suponho.

BRIAN HURST: Sim, pode ser. Não sei se Charles Broughton seria... sabes o quê? Seria ir longe demais, então. O que dizes? Charles Broughton seria Charles Moore, do meu irmão nos filmes.

MICKEY: Oh, talvez fosse, mas ficarias surpreendido como as pessoas vêm jantar por razões muito egoístas. Mas... é bom demais.

BRIAN HURST: Não sei se te lembras, Mickey, mas no dia em que te separaste do Arthur Broughton, eu fiquei na casa dele.

MICKEY: Oh, não sei nada sobre isso. Não me lembro disso tudo. Bem, sim, falarei sobre isso. Lembras-te do David... desculpa, do David não. Do Bill e do Michael de...

BRIAN HURST: Oh, eu conheço-o. Sim.

MICKEY: Sim, lembro-me dele. Bill O'Bernie. Bill O'Bernie. Mas porque é que isto tem de soprar aqui, então? Porque ele parece muito preocupado com a patroa dele. E evidentemente ela está numa fase má. Sim, bem... e ele parece sentir que o tempo está muito próximo em que ela se juntará a ele, vês. E ela parece estar presa, sabes, por causa da representação e disso, e das pessoas ao redor.

BRIAN HURST: Bem, ela vive aqui em Hollywood, e está numa caravana.

MICKEY: Caravana? O quê? Sim, claro que está.

PARTICIPANTE: Poderia dizer-te olá, Mickey? Estou um bocado "alegre" (*tipsy*).

MICKEY: Sabes, okay. Ele é um garfo, estou a ver. Ele é um verdadeiro namoradeiro (*lady's man*), não é? Ele é um bom sujeito, acho eu. E a irmã dele é simpática, gosto dela.

PARTICIPANTE: Sim, ela ama-te.

MICKEY: Bem, tu és toda uma senhora, não és? Quero dizer, és um bocado luxuosa (*posh*), não és? Bem, o teu outro rapaz não vem, então?

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Ele é cético? Cético? O quê? O que disseste? Cético. Cético. Significa cético. Cético. Bem, sim, eu tenho um cético. Sim, o que não veio comigo era cético, tal como o que está com... enfim, isso é cético. Bem, suponho que ele seja compreensível, acho eu. Quero dizer, afinal de contas, ele é um bocado mais pequeno do que algumas pessoas. Suponho que ele seja um bocado materialista. Eles são simpáticos, na verdade. Gostam de acreditar nas pessoas. Não sei. Quem sabe? Não sei. Bem, que consolação, amor, se eles não acreditam, pelo menos quando passarem para aqui, não o podem evitar, pois não?

PARTICIPANTE: É verdade.

MICKEY: Sabes, algumas pessoas têm medo de acreditar em algo caso tenham de mudar a sua perspetiva e o seu modo de vida.

PARTICIPANTE: Exato.

MICKEY: E eles não gostam da ideia, vês.

PARTICIPANTE: Bem verdade.

MICKEY: E a questão é tentar ter algum tipo de equilíbrio, sabes. Quero dizer, eu não estou a viver num mundo material. Vocês têm de viver de uma forma material, não têm? Podem ter o vosso fim nas nuvens, mas ao mesmo tempo têm de ter equilíbrio, como lhe chamam.

PARTICIPANTE: Bem verdade.

MICKEY: É preciso todo o tipo de mundos. Aquele sujeito, o Dave, sabes, ele é tão cético em relação a mim. Cético? Não, não propriamente. Tu és um bocado todo um caso, no entanto, não és? Tiveste uma grande rutura, então? Alguma vez fui o quê? Não, tiveste uma rutura? Está aqui alguém a dizer-me...

DAVE: Não, não tive.

MICKEY: Não, espera um momento. Alguém me está a dizer para te dizer que o que aconteceu não podia ser evitado. É a mesma coisa que aconteceu em relação ao rapaz. Mas foi algo que... bem, é apenas uma daquelas coisas, mas tu tens... tu nunca te partiste... tu não estás realmente separado, embora possas pensar que estás. Acho que está muito ao teu redor e da tua mãe. Compreendes do que estou a falar?

DAVE: Acho que sim, sim.

MICKEY: Tens um irmão por aqui?

DAVE: Tenho.

MICKEY: Porque ele está a dizer-me que veio ver-te a ti e ao teu outro irmão e à tua mãe, mas diz que podes não estar consciente da presença dele, mas ele anda frequentemente por ali. Mas algo aconteceu, não foi? Ele veio de forma bastante trágica e súbita?

DAVE: Sim, sim, sim.

MICKEY: Porque lhe pareceu que não houve aviso. Pareceu que tudo aconteceu de forma bastante súbita, sabes o que quero dizer?

DAVE: Sim.

MICKEY: A tua mãe não diz nada. Sra... Sim. Sim. O que é tudo isto? Aqui, há uma fotografia que tu tens e ela foi feita... foi uma cópia de alguma outra fotografia e é como se tivesse sido tirada de uma fotografia e aberta e feita maior relacionada com este rapaz.

DAVE: Sim.

MICKEY: Compreendes do que estou a falar?

DAVE: Bem, acho que sim. E há uma fotografia... tenho uma fotografia de que gostei, mas isso foi há muito tempo.

MICKEY: Não faz diferença o tempo, Mãe. Há alguém perdido em mim. Sim, o que se passa? Estou tão confuso. Sim, o que aconteceu? Oh, credo. Sim, é a tua mãe. Quem? A tua mãe está aqui. Consegues ouvir-me? Consigo. Sim, consigo. Podes perguntar-lhe como é que ele me chamava? Eu disse-lhe, bem, talvez seja algo sobre música. Não, não isso. Outra pessoa a tentar. "Honey" (*Querida*). Honey. Não tenho a certeza. Alguém está a dizer "honey". Honey. Sim, sim. Não tenho a certeza. Hum. Talvez. Talvez. Não, é outra alma a tentar passar. Eles levarão o seu tempo. Eles não te amam? Quem é? Sim, conseguimos ouvir-te. Sim. Consegue falar francês?

ESPÍRITO: Não, não sou francesa. Quem és tu?

MICKEY: Mickey. Sim. Alguém está a tocar guitarra comigo. Guitarra espanhola. Está outra pessoa a tentar. Oh, sim, eu sei disso. Sim. Nós estávamos apenas divertidos porque havia um acompanhamento musical.

BRIAN HURST: Mickey, podemos saber mais sobre o velho? Alguém disse que o nome deles é Florence. Oh.

MICKEY: Florence, sim. Sim. Oh, sim. Sim, amigo, sim. Sim, sou eu.

FLORENCE (Espírito): Vós sois a Florence, sois? Sim, consigo ouvir-te. Obrigada. Obrigada, sim. Sim, amigo, faz isso, por favor. Florence Hurst. Hurst. Oh. Sim, consigo, Florence. Sois um membro da minha família?

FLORENCE (Espírito): Sim. Sim, sim. Sim, consigo. Sim, muito, muito bem. Lindamente. Estais a sair-vos muito bem. Consegue ouvir-nos? Sim, consigo, sim. Conheceu o John? Sim. Sim, e, sim. 1829. Obrigada. Obrigada, amigo. Oh, lindo. Lindo. Sim, consigo. Onde vivia a senhora? Sim. Sim. Sim. Sim, sim, consigo, sim. Sim, consigo ouvi-la. Exato. Obrigada, Florence. Muito obrigada. Hum-hum. Não, não. Vivia em Londres? Vivia? Para Eastbourne. Sim. Sim. Em Eastbourne. Maravilhoso, maravilhoso. Tenho um familiar a viver perto de lá agora. Sim. Sim. Hum-hum. Oh, sim. Maravilhoso. Florence, quando é que passou para o outro lado? Consegue lembrar-se de quando passou? Foi para o seu mundo? Eu sei, eu sei. Anos 1880, uh-huh, sim. Uh-huh, sim. Sim. Já conheceu a Tess? A Tess por lá? Sim, claro. A Tess e a Marion? Sim, a maioria da família. Sim, uh-huh. Alguns deles não me teriam conhecido. Não, não. Mas sabe, mas não devo dizer demasiado sobre

isso porque foi há muito tempo, mas sabe, o meu marido não foi exatamente ostracizado por ter uma atriz, mas também não era exatamente popular.

BRIAN HURST: Oh, percebo. Oh, que maravilhoso. Bem, a senhora é tão bem-vinda, e muito obrigada por vir. A senhora é uma pessoa interessante, no entanto.

FLORENCE (Espírito): Bem, eu tento ajudar as pessoas. Vós poderíeis ser um muito bom médium, e acho que provavelmente sois, até certo ponto. Hum-hum.

BRIAN HURST: Eu tento. Não compreendo este método.

FLORENCE (Espírito): Não, não. Bem, é maravilhoso que tenhais feito um esforço para vir e falar. Quero dizer, isso é maravilhoso. Estou muito satisfeito.

MICKEY: Quem é aquele rapaz? Ray B. Ramesh. New Day Sunday.

BRIAN HURST: Sim, o Ramesh esteve na Índia comigo. Oh, sim, ele está. Sim. Ele é o meu médium. Ele diz-me o que eu quero saber. Ele perguntou se é possível para vós, as pessoas do vosso lado, ajudá-lo a desenvolver a mediunidade dele. Ele está ansioso por se desenvolver também, não está? Perdão? Hum-hum. Sim. Sim. Em que teatros atuou a senhora, Florence? Esteve no Drury Lane? Uh-huh. Uh-huh. Percebo. Sim. Sim. Sim. Qual era o seu apelido de solteira, Florence? Sim. O que era a senhora antes de se tornar a Sra. Hurst?

FLORENCE (Espírito): Florence Fletcher. Uh-huh. Obrigada. Obrigada. Abençoada sejais, amiga. Obrigada. Oh. Oh. Oh. Bem, não sei. Não posso dizer. Só vós podeis dizer isso. Quem? Quem? Quem disse a senhora? Disse Betty? Betty? A Betty está aqui, sim. Okay. Deixaria a Betty falar? Oh, deixo, claro. Sim, claro. Uh-huh. Sim. Se ela estiver aí, poderia falar comigo? Obrigada. Lamento, Florence, não tive intenção de... Sim. Sim. Sim. Uh-huh. Oh, sim. Sim. Uh-huh. Obrigada. Obrigada. Sim. Muito mesmo.

MICKEY: É um escocês. Voz escocesa. Robert McDougall. Estás a falar para mim, Robert? Médium mental, exato. Exato. Sim. Sim. Sim. Isso é bom. Perdão? Vou-me embora? Ai. Para onde? Para Inglaterra? A sério? A sério? Gosto de estar aqui. Gosto de estar aqui. Sim, gosto. Sim. Sim. Hum. Hum. Hum. Hum. Olá. Bem-vindo, amigo. Bem-vindo. Bem, bom dia, Inglaterra.

Que tal? Como saímos dessa? Eu gosto. Não consigo esquecer. Não consigo esquecer. Sabem, vocês os dois, perguntaram-me, têm três filhos, e disseram, disseram, eles não estão a dormir. Uh, têm de fazer alguma coisa? A sério? Ai. O que é que há que não possam fazer? 70 ou 80 anos e eles mantêm-me na caravana deles. Nunca ouvi tal coisa. Oh. E depois alguém aqui a quem chamei Ellie, ou Ellen, porque costumava chamar-lhe Ellie ou Ellie, e ela não ouviu o meu nome. E eu costumava chamar-lhe Elyse assim que ela entrava. Tens um irmão do teu lado, tens? Desse lado? Não, não, deste lado. Deste lado. Oh, deste lado. Tenho um irmão, sim. Tenho um irmão. Porque não consegues ver intuitivamente o que está a acontecer ao teu redor. Talvez consigas, mas não consegues ver. E está aqui alguém chamado Billy.

Conselhos Familiares e a Presença de James Dean (Íntegra)

MICKEY: Quem és tu? Conheces o Billy? Billy? Não, não conheço o Billy, não. Não que eu saiba. Ele é suposto ser meu parente? Ele é um parente. Ele poderá ser um parceiro no teu casamento. E estamos a falar de várias pessoas, não estamos? Ela tem uma mensagem para nós. Ela está em apuros, Elyse. E ela tem estado muito consciente de tudo. E está muito interessada no que se está a passar. E está muito preocupada e interessada na tua família. Há uma preocupação quase causal, não há?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Porque ela parece ter estado muito preocupada com a tua família. E há algo "nas ervas daninhas" (*in the weeds*). E ela diz que tu não precisas de te preocupar tanto como tens estado. Porque, sabes, nós vivemos em todas as partes do mundo, cada um de nós. Mas há uma condição para tudo. Sim, sim. E há algo internamente errado. Estiveste no hospital?

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Tem havido alguma conversa sobre a próxima semana?

PARTICIPANTE: Ainda não.

MICKEY: Bem, acho que a tua mãe aqui está muito preocupada. Mas ela diz que não há sobreviventes ou algo assim. Mas há alguma preocupação sobre tu veres as vossas cabeças. E haverá alguma mudança aí. Mas nem é o que ela me está a dizer, que tu tens estado muito preocupada comigo, em relação a este teu irmão.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Mas nem no trabalho consegui nada. Não há razão neste momento. E haverá alguma mudança.

PARTICIPANTE: Será uma mudança para melhor?

MICKEY: Acho que vai ser desta vez. E haverá alguma mudança aí. Mas não vai acontecer de repente. E acho que a tua mãe parece sentir que há alguma condição interna. Sabes exatamente o que está mal? Que condição?

PARTICIPANTE: Condição interna, disseste?

MICKEY: Condição interna, sim. Sabes onde é? O que está mal? Parece que estás a ter problemas com esta condição de estômago.

PARTICIPANTE: Pode ser o meu irmão. Eu tenho-a.

MICKEY: O quê? Eu tenho-a. Adoro isto. Muito feliz por te ver. Muito feliz por te ver. Eu não sabia que tu querias dizer isso. Adoro isto. Uma mulher absolutamente japonesa. Ela falou sobre o marido dela. Adoro isto. E ela está a enviar todo o seu amor ao marido. Adoro isto. Muito obrigado. São notícias muito boas. Fico feliz por ouvir isso. Conheço a senhora japonesa. Ela é conhecida pela religião dela. E ela está aqui. E está a enviar todo o seu amor ao marido. Adoro isto. E ela costuma estar feliz por te ver. Muito obrigado. Estou apenas feliz. Bem, há um tipo de alma para ver. Alguns deles eu sei que costumavam ir à praia. Era o que costumavam fazer. Mas para quem? Estou muito feliz por ver. Eu não sabia que tu querias ver estas pessoas. Eu amo-te. Parece-me que estou preocupado com o teu irmão. E, Mickey, estás a falar connosco também? Sim, o meu irmão. Deixa ver, o que é que está realmente mal com isso? Bem, não te tens sentido muito preocupado com este tipo de ajuda ultimamente?

PARTICIPANTE: Sim, tenho. Sim.

MICKEY: Porque eles dizem que é algo que pode seguir o seu curso, e ele vai superar isso. Mas deves esperar isto, que pode estar bem até certo ponto. Mas eles parecem pensar que é um raio-X, e nem sequer fala sobre isso. Onde é que ele deveria fazer um raio-X? Bem, eles parecem pensar que é uma condição interna. Estômago?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Ele queixa-se de alguma coisa?

PARTICIPANTE: Do estômago não, mas quero dizer, como uma parte do corpo.

MICKEY: Bem, não sei, mas eles parecem pensar que vai ficar tudo bem. E, claro, há sintomas ali, e é um problema significativo. Sabes quais são os sintomas? Tu não nos disseste nada. Eu não sei. Eu não sei. Sim, eu sei. É tão difícil dizer o que estou a fazer, na verdade, não é? A sério? Uh-huh.

PARTICIPANTE: A minha mãe está aí, Mickey?

MICKEY: O teu quê?

PARTICIPANTE: A minha mãe está aí?

MICKEY: Sim, ela está aqui. Sim, ela ainda está aqui. Nós sabemos disso o tempo todo. Mas há uma multidão de outras pessoas, e eles continuam a falar da Lou o tempo todo.

PARTICIPANTE: Louie? Sim. Que ligação temos nós com a Louie?

MICKEY: Parece que eles estão preocupados com a ligação. Alguém que tu conheces chamada Lou não parecia ser isso. Louie? De tempos a tempos. É um grande interesse nesta Louie. É como se houvesse um elo, como dizes, nesse tipo de interesse. Mas parece que houve muita complicação nos últimos anos. Vês, eu não sei. Estou a fazer o que me mandam. Hum-hum. Mas, hum... acho que te estás a sair bem. Estou a sair-me bem. Sim. Não diria que as persianas estão todas fechadas, mas, hum, não sei. Mais uma vez, não sentiste às vezes que não te queres envolver com certas pessoas, ligada a elas?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Eh?

PARTICIPANTE: Sim, sim.

MICKEY: Porque é muito difícil para mim colocar o sinal de lado em que célula estás. Sim. Mas esses dois estão bem no que te diz respeito, desde que os deixes sair. Mas parece-me que há certas pessoas que tu... bem, não sois propriamente más amigas, mas a menos que não sejas, ninguém vai discutir.

PARTICIPANTE: De certa forma, sim. Hum-hum.

MICKEY: Porque não te queres deixar prender numa confusão. Sim. Não que lhes dês as costas exatamente. Mas vês, é um arranjo engraçado. E a tua mãe parece não gostar de tudo isto. Oh. E ela está muito preocupada convosco, raparigas, porque vocês as duas agarram-se a eles e cuidam uma da outra, e parece-me que há certas coisas na família, pelo que se poderia dizer, que causam uma certa parte deles... bem, como causaram no passado. Certo. E é como se tivesses de fechar a porta a certas pessoas, a certas coisas. Sabes o que quero dizer?

PARTICIPANTE: Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim.

MICKEY: E ela diz: faz o que puderes. Mas não deixes que as coisas destruam as vossas vidas, porque vocês são felizes como são, e trabalham arduamente por tudo o que têm. E ela diz, sabes, às vezes algumas pessoas — estou a contar o que ela disse —, ela diz que algumas pessoas podem aproveitar-se.

PARTICIPANTE: Sim. Exato.

MICKEY: Tu nem sempre estás.

PARTICIPANTE: Sim, nós compreendemos.

MICKEY: E a tua mãe disse: vocês, raparigas, trabalhem arduamente por tudo o que têm, e não tentem permitir que ninguém se intrometa e faça algo que pudesse... bem, pudesse estragar as coisas. Porque há um elemento, se não tiverem cuidado, de um indivíduo nos teus assuntos pessoais da vida, ligado à família, que não é exatamente uma má pessoa, mas certamente não ajuda nada.

PARTICIPANTE: Exato, exatamente. Sim, tens razão. Eu sei disso.

MICKEY: Bem, as minhas probabilidades eram, mesmo que eu tivesse sido... porque tu não o sabias, mas eu tive de trabalhar nisso às vezes. Sabes como as pessoas não compreendem, pois não? Eles pensam... eles querem ver piadas à parte e tudo isso. As pessoas pensam que quando tu "bates o pingo" daqui, ou te tornas um anjo e andas por aí a flutuar e a cantar, o que seria aborrecido. Eu por acaso faço isso pela eternidade. Vocês são todos terríveis, Vicky. Mas aqui por este lado, somos pessoas reais. E, claro, mudámos de algumas formas. Mudámos a nossa atitude e a nossa perspetiva, e aprendemos

e experimentámos coisas, e progredimos até um ponto. Mas quando voltamos à Terra, então, como comigo, vês, eu assumo algo do antigo eu, como alguém que esteve do vosso lado.

Mas quando me afasto da Terra, no meu próprio ambiente, então torno-me algo bastante diferente, por causa da minha experiência de Deus. Vês, quando voltamos à Terra, de certa forma, temos de reverter para o antigo eu, para que possais saber de nós e reconhecer-nos e tudo isso. De qualquer modo, seria muito difícil se não nos reconhecêsseis até certo ponto. Quero dizer, tu não vês, nós não dizemos coisas assim. Nós progredimos para isto, basicamente. Mas nós voltámos, sabes. Vês, nós não éramos nós, e agora conheces-nos, vês. Enfim, já falei demais.

BRIAN HURST: Oh, Deus, não, nós adoramos ouvir-te, Vicky. Sim. Vicky, vocês celebram aniversários aí, Vicky?

MICKEY: Na verdade, não. Não. Bem, num sentido, sabes... nunca vais acreditar, é verdade. Quero dizer, o que são aniversários? Eles são importantes para vós, não são? Devem ser. Se tu, sabes, tens um filho ou uma filha, e eles nasceram num certo dia, tu lembras-te de que tiveram um aniversário, isso é natural. Mas por aqui, estamos fora do tempo. Não estamos sujeitos ao tempo, como vós estais. E é através das memórias que vós tendes que nós às vezes recordamos coisas que esperais que recordemos. Vês, datas e isso, não são vitais para nós. Mas é apenas o amor que nos aproxima, e são os vossos pensamentos e o vosso amor que o tornam possível, além da grande companhia.

PARTICIPANTE: Qual era o teu signo de nascimento, Vicky? O que eras tu? Qual era o teu aniversário?

MICKEY: Bem, eu não sei realmente o que sabes sobre isso, mas isso é importante para ti?

PARTICIPANTE: Não, apenas me perguntava o que eras. Estamos apenas curiosos.

MICKEY: Bem, devo ter nascido depois de uma lua cheia. Tu estiveste sob uma lua cheia, estiveste? Não podes amar. Mas Vicky, tu és fantástico. Eu sei, é assim que a coisa é, não é? Quero dizer, quando eu estava do vosso lado, costumava vender jornais, sabes, à porta da estação de metro de Paddington. Eu estive lá. Eu costumava, sabes, ganhar uns trocos (*a few bob*). Mas, sabes,

não sou assim agora. Posso vender "bobby", mas cresci para além de tudo isso, sabes. Mas eu volto assim porque ajuda.

PARTICIPANTE: Se rezássemos por ti aí, isso ajuda-te de alguma forma?

MICKEY: Se o quê?

PARTICIPANTE: Se rezássemos por ti aí, isso ajuda-te?

MICKEY: Bem, sim e não. Bem, deixa-me colocar as coisas desta forma. É quando as pessoas enviam pensamentos amorosos, pensamentos gentis e amorosos... bem, claro que eles ajudam. Mas a questão é que nós temos de trabalhar a nossa própria salvação. Eu quero fazê-lo por nós, sabes. Não achas que somos nós que precisamos de saber mais do que tu? Deus, obviamente que sim. Isso seria perfeito, tal como eu tenho estado aqui. Mickey.

PARTICIPANTE: Mickey, consegues chegar ao meu filho que está aí?

MICKEY: Bem, vou tentar. Eu sou o amigo do Ted Faxter.

PARTICIPANTE: Tu és o quê?

MICKEY: Sou amigo do Ted Faxter. Oh, sim, bem, agora, okay. Ele é um tipo decente, é, sim. Sim, ele é, sabes, um sujeito complicado. Ele falou-me tanto de ti, e ele tocou a gravação com o teu tipo de voz, que eu reconheço. Sim. Espera, espera. Não sei, não consigo ir trabalhar. O velho Frederick também. Sim, falei com o velho Louis Frederick também. Ele é todo um caso, ele é. Oh meu Deus, não consegues dar um jeito nele (*get him straightened out*)? Eu não acho que ele consiga alguma vez dar um jeito em si próprio. Ele não é esse tipo de pessoa. Como estás, Frederick? Bom, bem, como estás? Acho que ele se "enforcou" muito. Ele com certeza que se preocupou comigo. Isso é que era o dia, Mike. Não lhe digas que vais dar um jeito na coisa antes de entrares.

BRIAN HURST: Estão todos felizes aí, Mickey? Toda a gente feliz aí?

MICKEY: Bem, acho que a maioria das pessoas é feliz. Mas lá está, vês, tu fazes-me uma pergunta e eu dou-te uma resposta tola. Muito depende do indivíduo. A maioria das pessoas é feliz, obviamente. Mas, mais uma vez, muito pode depender da pessoa. Quero dizer, algumas pessoas, quando

chegam aqui, olham para trás e têm muitos arrependimentos. Talvez se tenham comportado muito mal, ou tenham magoado alguém terrivelmente, ou não tenham feito o que poderiam ter feito. E têm arrependimentos. Eles não se tornam necessariamente e de repente uma pessoa mudada. E é disto que se trata a vida. Tu tens de ganhar a tua felicidade. Tens de ganhar a tua satisfação. Não pode ser-te simplesmente imposta. Ninguém o pode fazer por ti. E, claro, toda a gente, até um ponto, é feliz. Eventualmente, formas uma consciência e caminhas para a salvação. E muitas vezes as pessoas voltam do lado de fora, têm arrependimentos, e muitas vezes querem tentar retificar as coisas, onde deixaram coisas por fazer ou por salvar, sabes. Mas vês, o que vós, pessoas, não percebeis é que estais num mundo-escola. O vosso mundo não é mais nem menos do que um mundo-escola. E cabe-vos a vós ser bons alunos e tentar aprender pela experiência. Às vezes vais cair e magoar-te. Mas o ponto é que podes aprender. E só podes aprender ajustando a tua mente e a ti próprio e tentando trabalhar não apenas a tua própria salvação, mas talvez a daqueles que te são próximos e queridos. Não o podes fazer inteiramente sozinho. Só tens de aprender como trazer a coisa para dentro. Sim.

Oh, bem, isso não era relacionado com o teu filho. Era relacionado com a tua mãe.

PARTICIPANTE: A minha mãe, então?

MICKEY: Há pouco, a tua mãe estava aqui com este jovem. Não, presumo que este era o teu filho. E ele estava a falar do David. E ele estava a falar de... que língua é essa? Poderia ser uma língua da Europa de Leste. Quem é esse, Mickey? Espanhol? Havaiano? Alguém falou em havaiano para mim uma vez numa das sessões do Leslie. Nós não soubemos o que era até cinco anos depois, quando alguém o traduziu para mim na fita. Era havaiano. "Cah-co-co-co. Cah-co-co-co-co. Cah-co-co-co. Cah-co-co-co." E estão dois agora. Tens aí um "kahuna", Mickey? Soa como um kahuna. Não sei, Mickey. Que línguas estavam eles a falar? Não sei. Eu estava a brincar. Eu afastei-os e estavam lá dois. Mas eu estava sem poder, estava.

PARTICIPANTE: Nós percebemos isso.

MICKEY: Sim. Ele não falava muito inglês, creio. Oh, olha para aquilo. Oh. Ele viu alguma coisa. Ele viu alguma coisa. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Oh. Ele viu alguma coisa. Sabes, ele viu. Ele viu. Sabes. Um homem, tão altamente poluído (*high polluted* - gíria para nível elevado),

sabes, lá no alto nível de consciência, sabes. E, oh, será que ele é dominado, o meu companheiro? Ele sente que está a entrar num transe. E porque é que está tanto frio, eh? Porque eles estão a tentar usá-lo. E este homem aqui, esta pessoa maravilhosa, sabes, este homem adorável, está ansioso por usá-lo, por falar por ele. E acho que tu terias um fluxo maravilhoso de linguagem e elevação espiritual, sabes, e tudo isso.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Ele é uma boa alma. Sim. Okay. Obrigado. Ele sabe alguma coisa sobre a doença dele? Na verdade, não. Ele gostaria de saber sobre eles. Acho que este homem era o que chamam um homem santo. E ele foi para as montanhas, e rezou, e concentrou-se nas coisas da mente e do espírito. E acho que as pessoas iam ter com ele, sabes, para aconselhamento espiritual e elevação. Sim. E acho que o estão a desenvolver gradualmente, usando-o, ou irão usá-lo, para fazer o trabalho do espírito, mas num nível elevado. Sim. Não acho que ele vá ser do tipo vidente (*fortune teller*). Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Okay. Bem, isso é um problema. Quero dizer, o tempo também. Sabes, e significa desenvolver como uma paciência... medo e medo. Perseverança, de uma forma divina. Mas tu és um homem doce. Okay. Sabes, acho que deves ter sido muito paciente com ele. Okay. Achas que ele é um bocado um problema? Mais ou menos. Ah, bem, deve ser uma coisa muito agradável. Tu não te atreverias a dizer que estou orgulhoso dele. Não, não quero dizer propriamente da forma como tu dirias. Não tenho essa intenção. Não. Bem, eu passei por ele. Isso é mentira. Sim, é. Fizeste o próximo passo? Não. E está aqui alguém, alguém se meteu. Não consigo continuar. Está aqui alguém que morreu num acidente de carro. Acabou de se meter. Hum. Sabes o que quero dizer? Eles vão voltar, estão a voltar. Aquilo foi aterrador.

BRIAN HURST: Sim, eu sei disso. Qual é o nome do homem?

MICKEY: Não sei, ele nunca o viu. Estão todas estas pessoas no quarto dele. Dean. Dean? Será o James Dean?

BRIAN HURST: Ele morreu num acidente. Com certeza que morreu, sim, ele morreu.

MICKEY: Sim, eu compreendo. Eu estava a olhar para ele por uma ideia, mas não parecia conseguir agarrar a pessoa que morreu no acidente. Mas ele diz que ele... oh, não sei. Não sei. Ele diz que estava num grande problema. E morreu num acidente com um carro.

BRIAN HURST: Sim, provavelmente morreu.

MICKEY: E ele disse que ele... e ele sabe. Ele não conseguia... ele não conseguia... Sabe quem? Não, tu conhecia-lo?

BRIAN HURST: Ligeiramente.

MICKEY: Bem, ele parece um bocado acalmado para ti. Ele diz, mas tu conheces o companheiro ou um amigo dele. E diz que está aqui sozinho. E estão ambos aqui juntos. E evidentemente conheciam-te há uns anos ou algo assim. Mas este sujeito diz que tu vais voltar outra vez. Tenho de ir agora. Ele voltará outra vez. Ele vai reencarnar.

BRIAN HURST: Queres dizer o Ricky?

MICKEY: Não, não quero dizer isso. Ele virá outra vez. Ele está apenas aqui para perguntar a verdade. Oh, tudo bem. Okay. Tudo bem, Ricky. Não, tenho de ir. Tenho de ir. E espero que aquela senhora venha outra vez, porque tenho de lhe arranjar alguns. Mas acho que vamos ter sucesso nisso. Mas ele disse-me duas coisas no momento. Enfim, estou tão orgulhoso de ti. Mas tenho de ir. Tenho de ir. Enfim, mais amor. Adeus. Adeus. Adeus.

PARTICIPANTE: Obrigada. Boa sorte. Muito obrigada, Mickey. Obrigada, Mickey. Obrigada. Deus te abençoe. Obrigada, Mickey. Obrigada, Mickey. Muito obrigada, Mickey.

MICKEY: Voltarei outra vez, talvez. Sim, volta. Podes sempre perguntar ou dizer-me adeus. Tenho de ir porque a energia está a acabar. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus.

PARTICIPANTE: Oh, nada mau. Ele gritou, não gritou? Deves esperar? Aguenta um minuto. Espera só um minuto, deves? Dá-lhe mais uns minutos. Não tenhas pressa. Dá-lhe mais uns minutos. Só mais uns momentos. Não ligues a luz logo. Eu estava perturbada. O Mickey estava tão alto. O Yoddy estava, não estava? A gritar o tempo todo. Sim, sim. Isso é muito, muito interessante. Muito interessante. É alto. Palavra. Estava muito excitado esta noite, não estava? Sim, esteve um bocado "de mente aberta" a noite toda. Sim.

BRIAN HURST: Eu não sabia que o Peter Adams estava no outro lado. Está?

PARTICIPANTE: Está, sim. Eu escrevi uma elegia sobre a morte de James Dean. Tive uma elegia publicada numa revista sobre a morte dele. Escrevi-a quando ele morreu, quando eu era apenas uma miúda. E foi publicada. Por isso, também tenho uma ligação com o James Dean.

BRIAN HURST: Sim.

PARTICIPANTE: E fiz alguns trabalhos numa casa onde havia grandes fotografias do James Dean. Sim, fiz alguns trabalhos em Westwood Village. Sim. E admirava a representação dele. Adorava os filmes dele. Falava de tudo sobre tudo o que ele fazia. Simplesmente adorava.

BRIAN HURST: Mas ele era um homem temperamental. Ele não era muito errático. Ele usava linguagem rude às vezes.

PARTICIPANTE: Sim, usava. Exato. Tenho tudo em cima da mesa. Eu deveria tê-lo, Robert, de qualquer maneira.

Notas:

- *O Ambiente de Los Angeles: A sessão reflete o local onde ocorre — Hollywood. Mickey menciona pessoas ligadas aos filmes (Charles Moore, possivelmente o ator de cinema mudo ou alguém desse meio), e Brian Hurst confirma que uma amiga vive numa "caravana" (casa móvel) na Califórnia.*

- *Florence Fletcher Hurst: Uma das comunicações mais interessantes. Identifica-se como antepassada de Brian, casada em 1829, e revela pormenores sociais da época: o facto de o marido ter sido criticado por se casar com uma atriz. Ela confirma o nome de solteira (Fletcher) e o local onde viveu (Eastbourne).*

- *A "Muck Boy" e o Cachorrinho: Mickey usa uma linguagem muito próxima de Brian, recordando uma altura em que ele se sentia sozinho e adotou um cachorro, revelando um conhecimento íntimo da vida privada do PARTICIPANTE.*

- *Assuntos Financeiros: Mickey avisa Brian sobre um documento importante relacionado com um sócio e uma herança/propriedade de um milhão (possivelmente dólares, dado o local), aconselhando-o a manter-se firme e a não ser "demasiado fácil" com os outros.*

- *A Evolução de Mickey: Brian nota que a voz de Mickey soa como a de um rapaz de 14 anos ("voz a mudar"), ao que Mickey responde com humor sobre a sua adaptação às "caixas de voz" ectoplasmáticas.*

- *O "Santuário" e a Índia: Mickey aconselha Brian a não voltar para a Índia por enquanto, afirmando que o seu trabalho atual é em Inglaterra com o grupo de cura, e prevê a criação de um santuário através da ajuda de uma terceira pessoa.*

- *O Suicídio do Irmão de Dave: Mickey identifica uma transição trágica e súbita de um irmão do PARTICIPANTE Dave, mencionando uma fotografia que foi ampliada a partir de uma original, o que Dave confirma.*

- *A "Muck Boy" e o Cão: Mickey recorda a Brian um momento de solidão em que ele adotou um cão que chamou de "muck", um detalhe íntimo que Brian confirma.*

- *Problemas de Saúde e Família: Mickey identifica preocupações com o irmão de um PARTICIPANTE (condição de estômago e necessidade de raio-X) e aconselha as PARTICIPANTEs femininas a não deixarem que terceiros (possivelmente familiares gananciosos) destruam a paz que conquistaram.*

- *Filosofia do Além: Mickey dá uma explicação profunda sobre por que motivo os espíritos "revertem" para a antiga personalidade quando voltam à Terra: é para serem reconhecidos. Ele afirma que, no seu próprio ambiente, é um ser de luz transformado pela experiência de Deus.*

- *A Presença de James Dean: O momento em que o nome "Dean" surge é impactante. Mickey descreve o choque do acidente de carro e a confusão inicial do espírito. Uma das PARTICIPANTEs revela ter uma ligação emocional forte com o ator, tendo escrito uma elegia publicada quando ele morreu.*

- *Línguas e "Kahunas": A referência a línguas havaianas e "kahunas" (sacerdotes havaianos) liga-se a experiências anteriores de Brian em sessões de Flint, reforçando a continuidade da evidência.*

- *O "Pequeno Ricky": Mickey menciona que o espírito que se manifestou (James Dean ou outro) poderá reencarnar, uma das raras referências explícitas à reencarnação nestas fitas.*

• *O Estado do Médium: A fita termina com os PARTICIPANTEs a discutirem a intensidade física da sessão — o frio intenso e a voz de Mickey que estava "aos gritos", sinais de uma grande mobilização de energia ectoplasmática.*

SESSÃO COM BOBBY TRACY

(GEORGE WOODS E BETTY GREENE)

Esta sessão é uma das mais encantadoras e espontâneas do arquivo, apresentando Bobby Tracy, uma criança de cinco anos que comunica do "outro lado". Como é habitual nas sessões em que George Woods está presente, Mickey (ou o próprio Bobby) menciona que a energia é extraída de Woods, que possuía um potencial mediúnico considerável.

Bobby traz uma leveza única, contrastando com as comunicações mais graves. Ele descreve um mundo espiritual vibrante, cheio de jogos, aprendizagem e uma curiosidade inocente sobre a vida terrena dos PARTICIPANTEs.

INTRODUÇÃO: Esta é uma sessão onde frequentemente utilizam o Sr. Woods em vez do Sr. Flint [refere-se à fonte de energia]. E, nesta ocasião, usam o Sr. Woods para extrair o poder, porque o Sr. Woods tem o potencial de ser ele próprio um líder de voz direta.

MICKEY: Preciso que estejas aqui em três minutos, está bem? Bobby, podes falar agora? Bobby?

BOBBY: Sim?

PARTICIPANTE: Oh, Bobby. O que foi?

BOBBY: Oh, eu sou o Bobby.

PARTICIPANTE: Tu és o Bobby?

BOBBY: Sim.

PARTICIPANTE: Quem é o Bobby, amor? Nós conhecemos-te?

BOBBY: Eu sou o Bobby. Sou o Bobby, não sou? Sim.

PARTICIPANTE: Como estás?

BOBBY: Estou bem, amor.

PARTICIPANTE: Quantos anos tens?

BOBBY: Cinco.

PARTICIPANTE: Cinco? Que fofo. Qual é o teu outro nome, Bobby?

BOBBY: Oh, o meu nome... Bobby Tracy. Bobby Tracy.

PARTICIPANTE: Oh, exato, Bobby. E o que é que sabes sobre o outro lado?

BOBBY: Oh, é porreiro.

PARTICIPANTE: És muito "porreiro", não és? Quem é o Kim?

BOBBY: Homem. Rapariga. Alguém. Kim.

PARTICIPANTE: Queres dizer o Sr. Woods? Ou o Bobby O'Neill?

BOBBY: Não. Kim.

PARTICIPANTE: Bem, tens de compreender. O que fazes aí no outro lado, Bobby?

BOBBY: Falar. Falar. Eu sei. Mas eu brinco. Sim, brinco. Vou à escola.

PARTICIPANTE: O que fazes na escola?

BOBBY: Escola, coisas sociais. Aprendo geografia. Geografia. História. Todo o tipo de coisas.

PARTICIPANTE: E com quem vives, Bobby?

BOBBY: Com a minha mãe. Sim. Oh, eu percebo.

PARTICIPANTE: Tens uma casa bonita, não tens?

BOBBY: Sim, obrigado. Tenho uma casa bonita, obrigado. É uma casa boa. Sim.

PARTICIPANTE: Gostas de meninos e meninas?

BETTY GREENE: Eu tenho um filho, sim.

BOBBY: Oh. Que idade?

BETTY GREENE: Oh, ele partiu quando tinha quatro anos, não foi? Ele já cresceu.

PARTICIPANTE: Achas que ele conhece o teu filho, Bobby?

BOBBY: Não, conhece? Ele acha que sim. O nome dele é Angus. Oh, não sei.

PARTICIPANTE: Bobby, como é que morreste?

BOBBY: Eu não sei. Eu morri. Morri? Sim, morri. Eu morri. Não me importo.

PARTICIPANTE: Tens amiguinhos aí, Bobby?

BOBBY: Sim, tenho todo o tipo de amigos. Rapazes grandes e raparigas grandes. Eu brinco.

PARTICIPANTE: Que tipo de jogos jogas?

BOBBY: Críquete. Críquete? Futebol. Futebol. E outros jogos que eu jogo: dominó, dardos, jogo sim. E bola, mesa e... ah, todo o tipo de jogos.

PARTICIPANTE: Jogas?

BOBBY: Sim. Tenho um jardim bonito. Há um jardim tão bonito. Sim.

PARTICIPANTE: Tens animais de estimação?

BOBBY: Não. Às vezes tenho um cão, um gato, um cavalo, um pónei.

PARTICIPANTE: Andas de pónei?

BOBBY: Sim, ando. Vejo todo o tipo de coisas. Eu gosto da escola, mas aprendo muitas coisas sobre história.

PARTICIPANTE: Gostas da escola a que ias quando eras pequeno?

BOBBY: Eu nunca fui à escola [na Terra]. Oh, é uma casa grande, um lugar grande, casa grande, muitos quartos, muitas pessoas, homens, senhoras e crianças, incluindo eu. Sim, sou um rapaz grande. Sou um menino muito bom, eu sou.

PARTICIPANTE: És um bom rapaz, és?

BOBBY: Sim, é o que toda a gente me diz. Por isso devo ser bom, devo ser um bom rapaz. Como está, Sr. Homem?

GEORGE WOODS: Oh, muito bem, obrigado.

BOBBY: És um rapaz grande. Sim, és. Eu pensei que te chamavam de "velho rapaz" (*old boy*). Rapazes grandes usam calças compridas. Tu tens calças curtas vestidas?

GEORGE WOODS: Ora, eu tenho calças... que encurtam.

BOBBY: Eu não me importo, gosto de ir nadar. Vou ao rio. Oh, é adorável.

PARTICIPANTE: Lembras-te de onde vivias quando eras um menino pequeno?

BOBBY: Oh, não sei o nome do lugar, não. Acho que era em... oh, tenho de parar e perguntar à minha mãe. Oh, deves ser um bom rapaz.

BOBBY: Tu tens um cabelo engraçado.

GEORGE WOODS: Eu tenho um cabelo engraçado?

BOBBY: Tens um cabelo engraçado.

GEORGE WOODS: Tenho? O que é que tem de engraçado?

BOBBY: Tens um cabelo engraçado, não tens? Tens a barriga a espetar-se pela cabeça fora.

GEORGE WOODS: Tenho a barriga a espetar-se pela cabeça fora?

BOBBY: Tens a barriga a espetar-se pela cabeça fora. Tens? Oh, bem, somos todos engraçados deste lado, sabes. Bobby? Tens um senhor doutor que te ajuda. Ele vem e ajuda-te. Cuida de ti. Ele cuida, sabes. És um homem de sorte, tu és.

GEORGE WOODS: Sou? Oh, eu acho que sou um homem de sorte.

BOBBY: Ele não quer que tu morras, pois não?

GEORGE WOODS: Ele não quer que eu morra?

BOBBY: Não. Oh, bem, eu estou sempre a fazer muito trabalho deste lado primeiro. Acho que ainda não fiz o suficiente. Bobby, há pessoas que vêm a estes lugares onde vocês têm reuniões?

BOBBY: Sim, todo o tipo de pessoas vem. Eles deixam-me vir também. Mas eu não sou crescido como as outras pessoas.

PARTICIPANTE: Eles estão muito felizes por tu teres vindo. Dizem: por favor, vem, Bobby, e fala connosco. Conta-nos o que quiseres. Estamos muito interessados.

BOBBY: Eu vou num navio. Não num navio grande, um pequeno. É um barco.

PARTICIPANTE: Sim, eu gosto de remar em barcos e andar em barcos, sabes? Um senhor simpático leva-me às vezes. Ele usa uma camisola, uma camisola azul, e é um homem simpático com a cara rosada e tem um chapeuzinho na cabeça com um pompom (*nubble*). Ele é um homem simpático. Ele leva todas as crianças a passear no barco e depois brincamos às vezes em ilhas pequenas e fazemos muitos jogos e divertimo-nos. Subimos às árvores e corremos e brincamos às escondidas e temos muitos momentos felizes, temos sim.

PARTICIPANTE: Oh, isso é muito simpático.

BOBBY: Sim, não somos boas crianças? Sabes, somos muito bons. Sim. Eles chamam os homens de capitães. Porque ele costumava ter um barco do vosso lado e costumava ir de lugar em ilha para levar as pessoas e trazê-las de volta. Então agora ele tem um barquinho e leva as crianças a passear e divertimo-nos nas ilhas pequenas, momentos adoráveis. Também aprendo a pintar. Gosto de pintar. Tenho muitas tintas e papéis e faço desenhos.

PARTICIPANTE: Fazias isso quando estavas nesta ilha? [Refere-se à Grã-Bretanha]

BOBBY: Sim, fazia. Mas agora consigo desenhar bem. Tenho boas perspetivas. Sim. Muito boas porque o Peter diz que tenho boas perspetivas.

PARTICIPANTE: Queres dizer o Bobby?

BOBBY: Oh, não. Ele tem outro bebé agora. A mamã e eu vemo-lo às vezes, mas ele tem outro bebé.

PARTICIPANTE: Alguma vez quiseste fazer outra coisa, Bobby?

BOBBY: Sim. Fomos mortos num choque (*smash*). Num choque de carro? Sim. Num barco. O meu nome é Tracy. Tracy? Esqueci-me desse nome engraçado. O teu cabelo ficou engraçado outra vez. Ha ha ha. Isso é tão engraçado.

GEORGE WOODS: Tens a certeza? O meu cabelo ficou engraçado. Peço desculpa.

BOBBY: Tu não tens tinta aí, pois não? Por que dirias isso? Bobby, o teu cabelo ficou engraçado. Ha ha ha. Muito obrigado. Muito simpático, George. Eu adoro o meu cabelo, não adoro? Adoro. Eu tenho estado aqui muitas vezes, muitas vezes. Tenho estado aqui quando tu estiveste comigo e tenho-te observado.

PARTICIPANTE: Ah, sim?

BOBBY: Sim. Mas eles não me deixam ter soldados. Não. Tu alguma vez foste soldado?

GEORGE WOODS: Infelizmente, fui.

BOBBY: Disseste que foste ou que não foste?

GEORGE WOODS: Fui, soldado, mas fui... tive relutância em ser convidado. Odiei ser soldado.

BOBBY: Oh, o teu cabelo. Oh, o teu cabelo é tão engraçado. Não consigo acreditar que possas parecer tão bem com o teu cabelo. O que vais fazer quando cresceres? O que queres ser?

BOBBY: Oh, eu gostava de ser professor.

PARTICIPANTE: Gostavas de ser professor?

BOBBY: Sim, gostava. Como os professores que me ensinam. Só que melhor.

PARTICIPANTE: É um senhor que te ensina ou uma senhora?

BOBBY: Oh, ambos. Toda a gente é gentil aqui. Os meus professores usam luvas.

PARTICIPANTE: Usam?

BOBBY: Sim. Bem, a minha mamã tem muitas criancinhas aqui. Não, eu não conheço a tua mamã. Oh, o teu cabelo é tão engraçado. Está todo "bolha, bolha" (*bubble, bubble*). Eu acho que eles tiram de ti muito poder, mas eles devolvem-to, devolvem sim. Eu não me importo. Tenho um bebé.

GEORGE WOODS: Ele já cresceu agora.

BOBBY: Oh, tu és demasiado velho para ter bebés agora. Só as pessoas novas podem ter bebés, não as pessoas velhas. Isso mesmo, Bobby. Sim, esqueci-me que és tão velho.

GEORGE WOODS: Não gostarias de ser jovem?

BOBBY: Não, outra vez não. Oh, é bom ser jovem. Eu gostava de ser velho como tu. Eu odiaria ser velho como tu. Um dia, quando morreres, serás jovem, não serás?

GEORGE WOODS: Serei jovem nessa altura. Sim. Por que é que não queres morrer? Bem, eu não me importo de morrer, Bobby. Mas quero ajudar as pessoas deste lado o mais que puder.

BOBBY: Oh, mas tu podes ajudá-las melhor deste lado.

GEORGE WOODS: Posso?

BOBBY: Sim. Bem, eu não me importo. Eu vim através de muitas vidas. Por favor, ajuda-me. Bobby, tens família ou amigos que queiras ter?

BOBBY: Agora não. Oh, sim, mas agora não. Não vale a pena. Ninguém toma nota de nada. Estou a aprender a bater (*clobber*) agora. Ele está doido com o teu cabelo. Hehehe. Quero atirar "bolha, bolha" por cima da cabeça dele. Bobby, esta parte da tua casa não é nas costas dele? Oh, sim, é a minha casa. Tem um telhado grande, e vai até uma ponta e tem janelas grandes e tem

uma janela grande à frente que tem uma varanda, sabes, e tu andas à volta dela e há uns degraus e uma porta grande e muitas flores bonitas no jardim e tem várias divisões e há uma sala agradável onde nos sentamos todos a conversar e tudo, e cadeiras e tapetes bonitos e há muitas coisas bonitas de que a minha mamã gosta. Eu também gosto delas.

PARTICIPANTE: Tu comes alguma coisa, Bobby?

BOBBY: Agora não, embora às vezes, se eu quiser. Se eu gostar, posso comer, mas não quero muito. Às vezes como uma maçã ou algo assim.

PARTICIPANTE: Tens árvores de fruto compridas?

BOBBY: Sim, mas ninguém as come muito agora. Não. A sério? Está muito calor lá fora. Sim, está lindo, adorável e quente e tão bom. Nada de frio, nada de frio mesmo. Agora não. Tu és velho, não és?

GEORGE WOODS: Creio que sim, sim. Tenho 73 anos.

BOBBY: Tens essa idade toda? Oh, eu não me sinto velho, sabes. Mas tu não és velho aos 73, pois não? Tu? Tens apenas uns 50?

GEORGE WOODS: Não, tenho mais de 50.

BOBBY: Tens? Tu disseste que tens um filho, Angus?

BETTY GREENE: Sim.

BOBBY: Oh, ele está morto? Oh, nós não sabemos. Talvez um dia ele venha falar contigo. Sim, eu poderei vir falar contigo outra vez, se quiseres. Eu amo-te. Não te preocupes com as tuas "bolhas", pois não? Eles cuidam de ti. Eles amam-te e, se quiseres ficar mais um pouco, falaremos sobre isso. Está bem, Bobby. Sim. Não te vais preocupar. Obrigado por teres vindo, Bobby.

PARTICIPANTE: Quanto tempo queres ficar? Ficar aqui? Sim. Deste lado? Quanto tempo?

BOBBY: Vou perguntar-lhes. Oh, valha-me Deus. Direi mais uns 10 anos. Outros 20 anos. Oh, eu não me importo.

PARTICIPANTE: Isso faria de ti um homem de 93 anos.

BOBBY: Eu não me preocupo. Oh, isso é muito velho. Agora fica o tempo que puderes. Tens de deixar o meu bebé e fazer o teu belo trabalho e ajudar as pessoas e talvez mais tarde eles pensem em tu vires para aqui.

PARTICIPANTE: Sim. Vou fazer, Bobby. Ela ficaria infeliz se tu viesses para aqui agora, não ficaria?

BOBBY: Oh, sim, ficaria. Sim, é melhor ficares muito tempo. Adeus. Adeus. Não te preocupes com o teu cabelo de bolhas, pois não? Adeus. Adeus, Bobby. Obrigado.

Notas:

- *A Identidade de Bobby Tracy: Bobby identifica-se como uma criança de cinco anos que morreu num acidente ("smash"). Ele menciona que a sua mãe está com ele no mundo espiritual.*

- *A Descrição do "Céu": Bobby oferece uma das descrições mais detalhadas e acessíveis da vida após a morte: ele vai à escola (aprende Geografia e História), brinca (críquete, futebol), descreve a sua casa (com varanda e flores) e até menciona que, embora não precisem de comer, às vezes come uma maçã pelo prazer do sabor.*

- *A Interação com George Woods: Esta é a parte mais divertida da fita. Bobby está fascinado com o cabelo de George Woods, descrevendo-o como "bolha, bolha" ou como se tivesse "a barriga a espetar-se pela cabeça fora". É uma observação típica de uma criança que vê algo diferente (provavelmente a calvície ou o formato do penteado de Woods) e que prova a independência da comunicação.*

- *O Conceito de Tempo: Quando questionado sobre quanto tempo George Woods deve viver, Bobby sugere mais 20 anos, demonstrando que no mundo espiritual a morte não é vista como algo temido, mas como uma transição planeada.*

- *A Perspetiva da Criança: Bobby menciona que nunca foi à escola na Terra, mas adora a escola no Além, que ele descreve como um lugar de luz com professores gentis. Ele até aspira ser professor um dia, mas "melhor do que os que tem".*

A COMUNICAÇÃO DE JEREMIAH

SOLDADO DA GUERRA CIVIL INGLESA

Esta é uma das comunicações mais solenes e filosoficamente profundas do arquivo de Leslie Flint. Jeremiah apresenta-se como um soldado que viveu e morreu durante a Guerra Civil Inglesa (séc. XVII), especificamente no tempo do Rei Carlos I e de Oliver Cromwell.

Diferente do tom alegre do Mickey ou do Bobby, Jeremiah traz a gravidade de alguém que atravessou séculos de observação. O seu relato sobre a morte em batalha e a sua evolução espiritual é uma lição sobre a inutilidade da guerra e o poder do amor universal.

INTRODUÇÃO: Agora não podeis não ouvir, tendes de tentar compreender e ler. Sim, esse é o ponto agora. Sim, sim. Por favor, prestem atenção à palestra. Agora, eu não posso... estou tão feliz por estar aqui. Eu vi, uma das vezes, sabem, estive aqui, também estive presente.

PARTICIPANTE: Muito prazer em tê-lo. Obrigado por vir.

JEREMIAH: Obrigado. O meu nome é Jeremiah.

PARTICIPANTE: Oh sim, Jeremiah. Refere-se ao Jeremias da Bíblia?

JEREMIAH: Não, não, não. Oh não. Não, era verdade. O meu pai, ele perguntou se eu deveria ser nomeado pelo futuro. Sim. O meu nome é Jeremiah. Sim. Eu estou aqui há muitos anos. Muitos, muitos anos. Foi no tempo, foi no tempo do Rei Carlos I.

PARTICIPANTE: Oh sim. Rei Carlos I.

JEREMIAH: Oh sim, sim. É verdade. Venha, amigo. Vós sois muito gentis. Vós sois muito gentis, muito gentis. Vós sois muito gentis. Faz muito tempo desde a última vez que falei. Muitos, muitos, muitos anos. Desde a última vez que estive na terra. Muitos anos vieram e foram. E eu tenho ido à terra às vezes para observar as pessoas. Embora os tempos tenham mudado, as pessoas permanecem as mesmas.

PARTICIPANTE: Posso perguntar como é que partiu e como se viu no "negócio" [do outro lado]?

JEREMIAH: Fui morto em batalha. Fui morto em batalha. Sim. Eu era um seguidor do Mestre Profeta.

PARTICIPANTE: Oh, Mestre Profeta. Sim. Muito interessante.

JEREMIAH: Sim. O meu pai era um homem de grande dignidade. E eu fui criado, como aliás toda a nossa família, para temer o Senhor Deus, para confiar no Senhor Deus, para dar obediência. E então, nestes tempos problemáticos, o meu pai juntou-se ao Mestre Profeta e ele também me juntou. Então, como te sentiste quando passaste para lá e tudo isso? Qual foi a reação? Como é que se sente? Fui colocado em batalha e fui morto. Sim. Por homens a cavalo. Não me lembro de nada.

Não. Só depois vejo-me no chão, por todo o lado, o meu corpo, casa, fazenda, amigo, e agora inimigo, todos juntos. Bem. Sim. Tudo. Eu já não conseguia pensar, apenas um bater, bater, bater. Todas estas coisas, coisas boas. Eu não conseguia compreender o que era o quê. Por todo o lado, eu deveria ser tocado, massacrado, embora apenas um pouco antes eu fosse seguidor do Mestre Profeta.

Sim. E, no entanto, o amor para comigo mesmo estava a repetir-se. A batalha tinha acabado. Por todo o lado havia corpos mortos. E, no entanto, na escuridão, eu conseguia sentir aqueles montes brancos, como se fossem um corpo morto. E também, vejo outras almas a erguerem-se do chão. Elas também, como eu, achando muito estranho estarem vivas. E, no entanto, ao mesmo tempo, sentem, estou certo, como eu disse, o quão terrível aquilo era. Tudo por nada, tão profundo como eu guardava.

Mas eu compreendo que eles conseguiram durante muito tempo andar por todo o lado para o que era bom, cheios de ódio, cheios do desejo de guerra, cheios do desejo de se abrigarem na posição que nos faz felizes. Nós nunca a tivemos. Fomos cruzados com uma visão hostil. Éramos os seguidores dos Judeus. E podíamos ver-nos uns aos outros. E estávamos todos juntos, felizes.

E, no entanto, ao mesmo tempo, nós estávamos, sabem, não estávamos mortos. Eu conheço a maioria destes Judeus propriamente. Mas eles perceberam que não podiam lutar na guerra. Pois não importava quantas vezes batessem com a espada, quantas vezes disparassem, não servia de nada. Eles não podiam matar-se uns aos outros. Não podiam ferir-se uns aos outros. E eles perceberam que era inútil, inútil lutar comigo. E alguns ainda estavam

mentalmente opostos uns aos outros. E não queriam ter nada a ver uns com os outros.

Mas era de uma forma diferente, estranha. Eu estava a uma distância deles. E, no entanto, eu sabia que era muito para eles, um Judeu. Mas fiquei surpreendido porque eles não pareciam ser capazes de me ver, embora eu pudesse vê-los. E eu podia ouvir aquele pensamento. Um pensamento como este estava entre o falar e o pensamento o tempo todo. Mas não, foi só mais tarde que eu viria. Se era aquele pensamento que era tão forte que eu podia ouvir aquilo que eles teriam dito. Mas eles não me podiam ver em muitos destes dias neste tempo de guerra.

Porque, de formas estranhas, fui capaz de me libertar imediatamente após a morte destes pensamentos que tinham estado tão fortemente dentro de mim. Que tinham sido instilados pelo ensinamento do meu pai contra Israel. E também por colocar Deus acima de todas as coisas. Percebi quase num instante que a conceção de Deus do meu pai não era verdadeira. Houve muitas coisas que percebi quase como se viessem a mim como um clarão num relâmpago. A grande coisa que se tem de fazer é perceber que devo ser paciente. Que não devo tentar de forma alguma apenas seguir Deus. A minha posição. Permiti-me envolver-me na guerra no estado de espírito das pessoas com tantas das minhas pessoas ao meu redor.

E assim faço o meu caminho a partir do campo de batalha. E toco a estrada que eu sabia ser a estrada que levava à loucura. Não sei por que foi que escolhi esta estrada ou por que pensei que era necessário continuar a permanecer na terra onde suponho que estivesse numa espécie de forma que eu não conseguia compreender. Tornei-me pronto para entrar em qualquer outra condição de vida? De facto, não parecia saber se era possível. Eu estava naquele momento sob a ideia de que nem tudo está morto e, no entanto, estou em busca de vida. Mas ainda, de alguma forma estranha, parte da terra em que talvez alguém estivesse condenado a caminhar pela terra talvez por, não sei, por muito tempo. Eu não compreendo.

Ouvi nos ensinamentos do meu pai, nas leituras dos livros sagrados, muitas coisas estranhas. E pensei que talvez fosse que me tinha sido destinado ser condenado a caminhar pela terra. Eu estava numa forma estranha de pensamento e caminhei e caminhei e caminhei e os meus pés tinham pés e eu conseguia ouvir o som retumbante dos meus pés no chão. Era que eu me sentia como se estivesse a falar e tão natural como sempre fui. Eu ainda

caminho sem dar passos e o leito do leito sem o acompanhamento da guerra ao longo do meu caminho. Mas pensei que a minha cabeça fosse o meu capacete e conseguia sentir o crescimento do cabelo na minha cabeça e era como se eu fosse tão natural como tinha sido antes de estar aqui.

E, no entanto, sentia uma leveza nos meus pés. Não sentia cansaço. Não sentia desejo de guerra ou de desembainhar a minha espada. De facto, não havia ocasião para o fazer. Passei por muitas viagens de pessoas. Algumas à maneira dos gabinetes e algumas à maneira dos abutres e muitos abutres. Muitas pessoas das quintas pelo caminho. Mas o número delas parecia ser e, no entanto, eu sabia que algumas delas eram como eu era, porque eu já tinha experienciado a diferença entre aqueles que não estavam mortos e aqueles que estavam mortos. Pois para aqueles que estavam mortos havia uma diferença.

Para aqueles que estavam presentes na realidade dos mortos havia uma diferença óbvia. Havia uma combinação de aspetos que de alguma forma parecia expressar para mim a realidade do facto de que eles já não estavam na terra. Enquanto que para aqueles na terra havia uma escuridão e uma pesadez de cinzas. Havia algo que parecia indicar que eles ainda não tinham deixado os seus corpos. No entanto, se estivésseis desse lado em frente à terra, em frente a este portão, já não teríeis de pensar que estáveis na terra. Em primeiro lugar, eles pareceriam estar de pé. Mas sentiríeis que não estáveis na terra. Sentiríeis que estáveis em ação. Sentiríeis a luz que surgia nela como se, de alguma forma estranha, se tivesse libertado da escuridão, da escuridão da terra.

Mas, claro, mesmo assim, havia aqueles que, mesmo tendo os seus mortos, eram obviamente diferentes em muitos aspetos uns dos outros. Isto descobri mais tarde que se devia às suas ideias e devido à sua conversa. Mas eu, à minha maneira, estava contente por ir como me diziam. Não falei com ninguém, ninguém falou comigo. Era como se eu fosse do mundo e não do mundo. Como se estivesse consciente de tudo ao meu redor e sobre mim, como de facto estava. Mas também, ao mesmo tempo, não fazia parte disso de forma alguma. Na medida em que ninguém falava comigo, ninguém se dirigia a mim, ninguém de forma alguma me tinha afetado e, gradualmente, percebi que me aproximava dos portões da escuridão. E aqui pensei que seria interessante ver o que estava a acontecer e como a música na batalha se tinha repetido.

Porque nesta altura eu tinha descoberto, tinha percebido que a batalha tinha sido ganha e que deveríamos lutar com o rei e eu tinha sido morto, quem estava lá dentro. Eu queria falar e ao meu redor parecia haver uma atmosfera que não era de regozijo, mas sim de expressão mas de apatia. Como se houvesse um sentimento entre as pessoas de que algo que pensavam que aconteceria e, no entanto, não estavam a regozijar-se. Não havia um sentimento que se esperaria depois de o terem alcançado. Mas mais tarde percebi que muitas pessoas, especialmente em Londres, eram muito a favor do rei. Havia um grande sentimento entre as pessoas de desilusão.

Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que as pessoas em si não estavam tão deprimidas e perceberam que não podiam fazer nada e esperavam o facto de que teriam de se sujeitar ao governo de Cromwell. Cromwell era um homem que eu não conhecia, que faleceu. Então fiz a minha parte para que o meu pai recuasse e fosse para os seus braços. Percebi que Cromwell era um homem com grande determinação e vontade, mas um homem que fundamentalmente era cruel e, de alguma forma mais tarde, descobri, foi abençoado um rei que não era, em vez disso, muito, muito cruel, mas sim negligente e tolo. Enquanto que o rei tinha sido tolo e sábio e pensava que Cromwell era determinado e implacável e também muito do que ele transmitia percebi que não era bom e outras coisas que eram de grande preocupação na altura baseavam-se na paralisia baseada na intolerância e estas coisas eu não as saberia na minha juventude, mas mais tarde aprendi pela experiência como esta facilidade que me ensinou grande preocupação percebi que eu próprio era para pregar ao Senhor.

Eu prego mas não gosto da palavra pregar, suponho que é como se esperaria pregar, falar, discursar, entrar em esferas no domínio do espírito que são variadas, que são também grandes; em todos os séculos de tempo que estive morto nunca deixei de manter o contacto, empenhei-me em aprender mais da mente do homem e, ao ver dentro da mente do homem, percebo que não permanece o mesmo; o homem em espírito muda muito pouco; há sempre causas que o homem defenderá, às vezes são boas mas na maioria das vezes são más; muitas vezes o homem é levado para caminhos que não são de retidão e verdade mas caminhos de injustiça e descrença; e às vezes coisas boas, coisas boas às vezes recebem o disfarce, o sinal supremo de bondade, recebem a impressão de que é bom fazer as coisas que fazem para que a vitória final seja para o bem do homem, mas não é assim.

Aprendi muitas coisas, mas uma coisa aprendi sobre ele: que apenas o amor vos curará. Não adianta lutar, não adianta matar; defender a causa é bom, mas quando sois solicitados a pegar em armas para defender essa causa, então algo está errado, pois nenhum bem pode vir de matar o próprio irmão por diferença de opinião, por diferença de ideia. Os pensamentos e ideias do outro homem podem não vos agradar, portanto permaneceis na mente, talvez sejais bons; deveis aprender a viver uns nos outros, deveis aprender a aceitar-vos uns aos outros, deveis aprender a perdoar-vos uns aos outros e quando não conseguis estar de acordo, quando ides desistir, deveis dar ao outro homem a ideia de que ele tem o direito de ser perdoado.

Faz-se demasiado do patriotismo; não há nada maior no vosso mundo do que o espírito universal e o pensamento e o bem-estar quando o homem se esquece de si próprio, quando o homem esquece o seu país para os confins do seu país e de facto os confins da sua terra natal, quando ele se abre à grande criatura que é, então ele aceita e percebe as grandes possibilidades da vida para tudo o que está oculto, que ele é um membro da grande família, que todos são desertados à vista dos grandes espíritos, que cada um está na estrada da progressão; alguns podem estar muito atrás para os deserdar a todos, mesmo enquanto aqueles que vão muito à frente se devam preocupar com isso; outros podem alcançá-los ou de facto retornar no comboio que leva ao céu para aqueles que tropeçam à beira do caminho; parar, acelerar novamente para estar com esta humanidade, não ser egoísta, seguir em frente sem o pensamento daqueles que vos seguem; aprendei, não aprendais a dar de vós mesmos o suficiente mesmo que isso signifique sofrer, mesmo que isso signifique às vezes que o tolo dê um passo atrás no caminho; se o caminho for um bom caminho, não importa quem ganha, o que importa é o quanto fizestes, o quanto alcançastes para os outros; aquele que se fez a si próprio encontrou-se.

Posso relatar muitas coisas, muitas grandes batalhas, guerra e amor, e no entanto ninguém ganha na batalha pois todos os que perdem que lutam por todos; nós que rimos nos tempos em que falei primeiro, em que tive a minha boca, vejo o seguinte na criatividade, vejo a crueldade na maldade, a culpa de cada um a indiferença, o arrependimento, o chamado falso altruísmo. Deus não vos quer tocar, Deus não quer que os Seus filhos guerreiem uns com os outros, mas Ele diz ao outro que falais que se devem amar uns aos outros, que se devem projetar em amor verdadeiro em serviço verdadeiro e que, para quebrar as barreiras que existem entre eles e o mundo, cada um deve sacrificar a sua vida, cada um deve dar um pouco ao outro e não ter tanta certeza de que

tem sempre razão; às vezes colher a meio caminho... não deve haver mais guerras.

Vimos grandes tragédias de cada guerra, tomámos no Irão algo tão terrível; suponho que se pudésseis olhar para trás no tempo até ao tempo em que falei primeiro, a nossa guerra na altura, que foi uma guerra grande, não era nada contra isto em comparação com a guerra que fizestes mesmo no vosso próprio tempo de vida; as guerras que são mais terríveis, mais horríveis e números despidos de almas estão a transferir-se para as regiões exteriores longe do mundo e eles ainda não estão bem; não lhes é dada oportunidade de viver, de experienciar; demasiada juventude, demasiadas almas jovens; vale a pena como sementes no solo antes de terem hipótese de brotar para a vida de amor, amor eterno? Não deveis cometer esta coisa. Há muito tempo que desejo ajudar, desejo fazer algo; muitas vezes tentei comunicar mas não o fiz porque não tenho sentido do que se está a passar para mim; sei que há muitas grandes almas, muitos que ostentam nomes nobres, grandes nomes; há aqueles que vêm numa comunidade que não têm grande nome mas que vêm em grande número.

Nós que vimos a vós de todo o diferente trabalho e vida que expressais, no entanto vimos uma vez para um bolso pequeno e humilde cheio da expectativa e do desejo de servir; vós tendes grande oportunidade, fazeis a vossa coisa de uma forma pequena, não há limites para o que podeis fazer no tempo, já vos foi dada a oportunidade, muitas almas foram dadas falaram alto para vós e vós por este novo método de maquinaria conseguistes colocar no coração e na mente dentro destas verdades; fostes trazidos e sereis mantidos em pensamentos profundos para que ouça o vosso coração da forma como vos é mostrada, pois nunca falhaste em fazer aquilo para que foste chamado a fazer; foste verdadeiramente feito e eu e outros que vêm estamos-te gratos por trabalhares a partir da verdadeira cooperação com todos nós. Conheci muitas pessoas, conheci acima de todas as pessoas que serves com a maior das alegrias que verdadeiramente tens; desejo-te bem, virei se for ter contigo novamente e falar-te-ei alto e se houver coisas que desejarias que eu te perguntasse, se estiver no poder para eu te servir, fá-lo-ei com grande alegria no meu coração por ti.

Muito obrigado.

PARTICIPANTE: Posso responder a uma agora, Jeremy? Se for possível. Pode dizer-nos quem o ajudou quando passou para lá, quem o ajudou a progredir?

JEREMIAH: Sim, isso é difícil porque não foi dinheiro, foi o céu e foi o mês da vossa ascensão vivendo na terra terrena e tantas coisas que estavam a acontecer e, à medida que me tornava mais e mais consciente destas coisas, percebi que não tinha havido vitórias, nenhuma batalha tinha sido ganha, ninguém tinha beneficiado, ninguém tinha de facto encontrado qualquer alegria, qualquer felicidade, qualquer paz; e eu soube enquanto observava e ouvia que chegaria o tempo em que haveria mais guerra, quando haveria mais convulsão entre os povos e eu soube que os dias de Cromwell não passavam de nada, soube que ele não duraria.

Fui capaz de estar livre para entrar nos seus lugares secretos e ouvir as vozes da montanha; fui capaz de ouvir as suas deliberações; fui capaz de ver dentro dos seus corações e soube que toda a luta não tinha tido valor, que não havia bem no que tinha sido feito e que ninguém de facto tinha beneficiado; de facto era um pensamento triste, triste, mas percebi que era uma lição para mim, como de facto tenho a certeza que deve ter sido uma lição para ele aprender com as suas experiências que não ganhamos nada por estes métodos que têm sido empregados, que apenas permitiremos que o reino de Deus... mesmo quando pensávamos lutar do lado dele; quão frequentemente tem sido dito que uma nação ou um povo está a lutar do lado do Senhor?

Qualquer homem que pegue em armas para lutar do lado do Senhor tem de morrer assim que as toma, ele próprio sabe que já não está do lado do Senhor; ele de facto não morreu do Senhor na confiança de tomar sobre si a tarefa de matar; por cada morte que ele não deve morrer dela. Se quisermos superar o mal nessa morte, devemos aprender que nascemos para Deus todas as pessoas e todas as coisas. Se não podemos resolver nenhuns problemas pegando em armas para matar os nossos inimigos, não é uma boa escolha como de facto através desta vida eu sou... de facto posso ver para o passado, para o passado, para o momento presente e posso dizer com verdade que quando matas os teus inimigos, tu salvas-lhes o tempo, o mal agarrar-se-á à terra e ele guardará pensamentos de mal, ele guardará pensamentos de vingança e ele envolver-se-á pelos seus pensamentos sobre as mentes de números incontáveis de pessoas; e uma geração será trazida, uma nova geração de ódio e malícia e intolerância, como se agora a guerra não

funcionasse, nem Deus seria mais terrível que o último; mas logo chega à plenitude pelo pensamento, pelo ódio, pela intolerância.

De facto é verdade dizer que se procuras a paz, se procuras a tranquilidade do espírito que recebes daqueles na terra, deves primeiro aprender a amar a Deus, esforçar-te por servi-Lo de todas as formas em tudo o que fazes, em tudo o que falas; acima de tudo deves amar, deves amar, deves amar os Seus filhos, deves trabalhar em amor e em paz para fazer a vontade do Pai na terra, pois este é o teu objetivo da verdade. É por isso que estás plantado na semente da terra, para que possas crescer, possas abraçar a Deus, possas ser a essência da tua alma que está na planta; tens uma oportunidade grande e maravilhosa de dar esperança grandemente bem em amor, isto eu sei que lutas por isso; que estás a plantar a semente na verdade, retidão e amor nos corações daqueles que lhes estás a dar os frutos dos teus trabalhos; estás a dar-lhes a oportunidade, cabe-lhes a eles experienciar, cabe-lhes a eles não só prever mas em consequência eventualmente dar os sermões que tu deste; és verdadeiramente abençoado pelas novas de grande alegria como nos dias de outrora.

Que Deus esteja contigo, que Deus te abençoe, que Deus te proteja, guarde e sustente tudo o que fazes; que a tua força seja capacitada para que possas olhar em frente para os muitos anos que tens por vir para servir e para a nossa verdadeira paz e amor. Abençoo-te com a apologia que fazes. Muito, muito obrigado. Deus te abençoe. Deus te abençoe. Adeus. Deus te abençoe.

A COMUNICAÇÃO DE JENNY WILSON

UMA JOVEM MÃE DA ERA VITORIANA

Esta sessão é um dos relatos mais comoventes e visualmente ricos sobre a transição de almas que sofreram na Terra, particularmente durante a era vitoriana. ***Jenny Wilson*** *apresenta-se como uma jovem que viveu uma vida de extrema dureza no campo, morrendo precocemente, mas que encontrou no "outro lado" a compensação por todo o seu sofrimento. O seu relato sobre o encontro com uma figura crística e a sua "casa de sonho" é de uma beleza transcendental.*

MICKEY: Como te saíste? Sim, foste atrevido, falhaste. Oh, desejavas não ter conseguido vir? Oh, lamento. Oh, esse é o teu problema, não é? Já não vais para novo. Bem, não estamos ocupados, mas estás a avançar no ano. Já não podes fazer as coisas que costumavas fazer... "Aqui hoje, amanhã já se foi". É o que dizem, não é? Onde estás, Vicki? Bem, eu estou muito bem, obrigado. Tens estado ocupada no outro lado? Oh, querido, estás sempre lá, não é? Sim, estou sempre ocupada. De uma forma ou de outra. Ajudar as pessoas, tentar ajudar as pessoas, não é? Às vezes ir ajudar a polícia, outras vezes não. Fazes o teu melhor, não podes? Sim, farei o meu melhor.

PARTICIPANTE: Srta. Woodhead, por favor. Perdão? Quem é você, amigo? Não ouvi o seu primeiro nome.

JENNY: Estou muito satisfeita por estar aqui. Oh, eu pensei que te tinha pedido para vires. Não admira. Jenny? Jenny? Jenny, sim. Eu sou a Jenny. Sim, Jenny.

PARTICIPANTE: Bom. Vamos lá, Jenny. Quem está aí? Jenny?

JENNY: Sim. Eu sou a Jenny. Sim. Aproxima-te, Jenny. Sabes disso, Jenny? Como estás?

PARTICIPANTE: Muito bem, obrigado.

JENNY: Eu também estou muito bem. Vós também sois espíritos. Mas ainda estais na Terra. Eu também sou um espírito. Não estou na Terra. Essa é a única diferença entre vós e eu. Eu estou aqui há muito tempo agora. Eu não acreditava em nada disto quando estava do vosso lado. Não. Agora sei melhor. Vós sois espíritos que existem, como lhes chamam, e compreendem. Vós acreditais na comunicação. É por isso que estou aqui.

PARTICIPANTE: Onde viveu na Terra, Jenny?

JENNY: Eu fui criada no campo, num lugar chamado Smallford. Smallford, chamávamos-lhe nós. Eu era de uma família de onze filhos. Oh, sim. Que família grande. E quando éramos crianças bem pequenas, tínhamos de nos levantar cedo de manhã e ir trabalhar para os campos. Às vezes a apanhar batatas, de acordo com a estação. Às vezes a apanhar pedras. Todo o tipo de coisas para ganhar uns trocos extra. Alguns cobres. Casei-me quando tinha dezoito anos. O meu marido trabalhava numa quinta. Um lavrador. A lavrar, a sachar e todo o resto, de acordo com a estação. Sim.

JENNY (Sobre a sua morte): Morri no parto do meu primeiro filho. Eu estava nos campos. Naqueles dias, tínhamos de trabalhar até ao último momento. E tinhas sorte se tivesses um médico. Geralmente era uma mulher da aldeia ou alguém que ajudava. Oh, isso é interessante. Tanto o bebé como eu morremos em idade [jovem]. Estou aqui há muitos anos agora. As pessoas não sabem o que nós tínhamos de sofrer naqueles dias.

PARTICIPANTE: Jenny, quando partiu com o seu bebé, criou-o no mundo espiritual?

JENNY: Sim. E tenho aqui agora, ao meu lado, a minha filha. E se pudessem ver-nos, somos parecidas uma com a outra. Eu não pareço mais velha. E ela cresceu e é agora uma bela jovem mulher. O meu marido casou-se novamente. Sim. E ele está aqui. E estamos frequentemente juntos deste lado da vida. Mas não vivemos juntos, embora estejamos juntos. Compreendem? Acho muito engraçado vir falar convosco desta maneira. Espero que consigam ouvir o que digo.

PARTICIPANTE: Jenny, você está aqui como uma rapariga desde que morreu. Deve estar há quase 100 anos, suponho. Lembra-se de quem era a Rainha?

JENNY: Era a Rainha [Victoria]. Ela estava no trono. Oh, sim. Uma vez vi a Rainha.

PARTICIPANTE: Como é que se cria um bebé no mundo espiritual?

JENNY: Bem, pelo que te posso dizer, é mais ou menos o mesmo que farias na Terra. Exceto que, pelo que entendo na minha própria experiência, não temos matéria física. Supunho que... na verdade, tens de perceber que é o espírito que estás a criar, a educar e a ajudar. Não é o corpo da mesma forma. Parece-se muito com o corpo. E leva tempo, suponho. No meu caso, como eu era jovem e a criança era nova, foi-me dada a alegria de criar a criança como se fosse quase o mesmo que na Terra. Ver gradualmente o seu crescimento, vê-la brincar com outras crianças da mesma idade e gradualmente ir à escola e aprender várias coisas que eram consideradas necessárias, vês.

E, claro, eu ensinei-lhe muitas coisas. Mas percebi que eu não tinha educação. Eu não sabia ler nem escrever. Nunca tinha ido à escola na minha vida. E não era capaz de fazer muito nesse aspeto. Tudo o que pude ajudá-la foi a perceber e a pensar nas coisas certas e a passar o seu tempo a aprender e

a ganhar todo o conhecimento que pudesse de outros. Mas ela e eu estávamos juntas num pequeno lugar simpático, uma cabana, que eu sempre esperara que o meu marido e eu tivéssemos eventualmente. Mas não aconteceu. O meu nome era Wilson. Jane. Jenny. E o nome dele era Bill.

Eu vou agora a todo o tipo de lugares interessantes e aprendi muito deste lado e eduquei-me — ou re-eduquei-me, suponho. Mas o engraçado é que, vindo aqui, parece estranho. É como se eu não conseguisse agarrar o meu eu real, o atual. Encontro-me como eu era. Aqui não há constipações. Nada disso. Sem doenças. Sem enfermidades. Oh, é maravilhoso.

PARTICIPANTE: E o que faz a sua filha?

JENNY: A minha filha dança. E adora música. E é uma dançarina belíssima. Oh, ela é muito bonita. Deviam vê-la. Ela é como uma — como lhe chamam? — uma fada. Porque aqui, vês, eles têm grandes procissões e grandes reuniões ou, oh, não sei como lhes chamam, cortejos ou algo assim. E têm grandes lugares onde vamos e todo o tipo de coisas belas acontecem. A música, a cor e a dança, oh, é muito belo. E ela participa em algumas dessas cerimónias. E ela é muito boa, sabes. Eu muitas vezes me perguntei, sabes, porque eu sabia que nunca tinha tido a chance de fazer nada quando estava do vosso lado. Porque, bem, eu nunca tinha ido ao que vós chamais de teatro. O mais perto que estive foi quando uma companhia veio à cidade e fizeram umas peças.

A experiência da transição

JENNY**:** Foi um momento muito difícil. Eu sabia que ia morrer. Não sei como, mas sabia. E uma mulher — ou duas mulheres na verdade — desfaleceram naquele momento. Uma tinha ido a correr tentar arranjar ajuda. Outra estava ali. E eu sabia que ia morrer. Sabia. Sabia. E foi como se, não sei, como se eu estivesse a flutuar e a flutuar. E podia ouvi-las, a tentar ajudar e confortar, mas claro que não havia nada que pudessem fazer naquelas circunstâncias. E eu sabia que ia "passar", como vós chamais. E enfim, lembro-me de me perder e depois de me encontrar. Engraçado, não é? E eu estava de pé, de pé no campo. E tenho este bebé nos meus braços. Mas eu simplesmente não entendia por que estava ali no meio daquele campo. Com um bebé. E à minha volta eu podia ver milhas de paisagem de campo. E, no entanto, não era o mesmo campo a que estávamos habituados, mas diferente.

Havia árvores. Mas eu sabia que não eram árvores reais. E o campo não era um campo real. E eu apenas me senti perdida, lá no fundo. Como se estivesse num sonho. E as árvores eram diferentes. Eu nunca tinha visto árvores como aquelas antes. Eram árvores grandes. E tinham folhas enormes penduradas, ramos longos. E aprendi depois que eram árvores como se vê em partes estrangeiras. Eram como aquelas palmeiras. Ocasionalmente eu tinha visto na igreja, no tempo da Páscoa. E percebi que estava num país do mesmo tipo, mas nada que tivesse visto antes, e no entanto não era real. E de repente vi uma procissão onde vi o que me pareceram muitas pessoas, todas vestidas com vestes belas.

O encontro com o Homem da Rocha

JENNY: E eu estava a caminhar em direção a esta multidão de pessoas com todas aquelas roupas e casacos belos, e algo me estava a acontecer. E gradualmente tudo mudou. E eu estava de pé ao lado do que parecia ser o mar. E no entanto não era o mar. Eu nunca tinha visto o mar. Nunca tinha ido ao mar. Tinha ouvido falar do mar. Mas vi toda aquela água imensa. E soava como o que eu tinha ouvido sobre Jesus. E havia muitas pessoas todas ali de pé a ouvir. E em cima das rochas, estava este homem, um homem belo, com um cabelo preto belíssimo, tão brilhante, e uns olhos belos. E ele estava a falar para aquelas pessoas. E havia muitas crianças. E eu apenas pensei: "Bem, isto é o que eu ouvi na igreja quando o homem nos lia sobre Jesus". E a multidão. E tudo parecia ter algo a ver com ele.

E eu estava ali com aquela minha criança. E muito... não sei, toda preocupada. Não sabia onde estava ou o que era ou quem era. Eu estava numa espécie de estado de sonho, onde não estava nem num lugar nem no outro. Enfim, fui capturada por aquelas pessoas que estavam sentadas à volta a ouvi-lo. E eu conseguia ouvir esta voz. E era engraçado porque eu conseguia ouvir a voz, e no entanto o homem não parecia estar a dizer nada [fala mental]. E eu sentia que estava a ser atraída para ele. E à medida que eu caminhava para a frente, as pessoas afastavam-se. E havia uma música grandiosa a tocar. Não sei o que era porque não havia pessoas a tocar violinos nem nada. E era como se eu estivesse a ouvir coisas que não estavam a ser ditas e música que não estava a ser tocada por instrumentos que eu não via. Era aquela música de igreja bela, mas muito melhor do que qualquer coisa que já tivéssemos ouvido na nossa igreja.

E eu conseguia ouvir a música a ficar cada vez mais alta. E conseguia ouvir esta voz que me chamava para ir em frente em direção ao homem que estava sentado naquela rocha. E este homem parecia-se... bem, não como o Jesus das pinturas, porque as pinturas que eu tinha visto de Jesus mostravam um tipo loiro (*fair bloke*). E este homem era moreno, oh, muito moreno. De tez morena, tez azeitonada, e olhos pretos, olhos maravilhosos. E o seu cabelo caía-lhe pelos ombros. Oh, eu senti-me apenas atraída para ali. E de alguma forma, à medida que me aproximava mais e mais, é como se tudo desaparecesse. Tudo simplesmente desapareceu.

E depois acordei num quarto muito simpático. Havia um bebé ao meu lado num quarto muito simpático. E havia algumas pessoas muito simpáticas ali de pé, a sorrir para mim. E ali estava eu, na cama, com o bebé nos meus braços, naquele quarto bonito. E disseram-me que eu tinha sobrevivido, que estava tudo bem e que não havia mais nada com que me preocupar, que aquela seria a minha casa, que eu seria cuidada como uma criança e que aquilo me seria compensado por toda a infelicidade que eu tinha conhecido, e que aquele seria o meu lugar futuro onde eu gradualmente encontraria um novo eu. Eu não entendi, e eles disseram: "Não te preocupes, sê apenas paciente e deixa tudo connosco. Fecha os teus olhos e perde-te. Fica apenas quieta e em paz. Mais tarde contar-te-emos mais sobre tudo, mas agora apenas sabe que chegaste a casa, e estás segura, e o bebé também".

Oh, foi maravilhoso. Foi como se, de alguma forma, esta experiência belíssima fosse com este homem belo. E disseram-me depois que aquele era o Cristo a manifestar-se, como ele faz. Foi assim que disseram. E aprendi desde então muitas destas coisas e palavras, "manifestar", chamavam-lhe eles, o seu espírito àqueles que vinham da escuridão para a luz e estavam a ser recebidos nos reinos do amor espiritual. E que aquela era a minha "receção". Eu não devia ser infeliz nunca mais, e que à minha filha e a mim nos tinha sido dada uma nova vida nos reinos da felicidade.

Mas agora não posso mostrar-te mais nada. Tem sido um pouco difícil. Tive de pedir a alguém para me ajudar, porque senti que me estava a afastar de vós. Mas fiz o meu melhor por vós. E tentarei vir outra vez. Mas posso dizer que este negócio de morrer... bem, não tem nada que saber, na verdade. Suponho que seja natural. É como nascer de novo. Como nos diziam nos velhos tempos nas igrejas. Mas claro que é natural. Nada de antinatural ou estranho. Agora, ninguém precisa de se preocupar. Estou belissimamente feliz e estou muito bem.

Enfim, voltarei noutra altura. Sim, tenho de ir. Adeus. Adeus. Adeus. Adeus outra vez.

MICKEY: Obrigado, Vicki. Obrigado, Vicki. Tivemos um grande momento. Adeus. Adeus. Obrigado.

Notas:

- *A Cabana da Alma: Jenny descreve que, no Além, habita numa cabana que era o seu sonho terreno. Isto confirma a ideia de que o "Céu" inicial para muitos espíritos é a manifestação dos seus desejos mais puros e simples que lhes foram negados na Terra.*

- *Crescimento Espiritual de Crianças: Jenny explica que criar uma criança no espírito é educar o espírito, não apenas o corpo. A filha "cresceu" e tornou-se uma dançarina, realizando o potencial artístico que a linhagem de Jenny (pobre e iletrada) nunca pôde expressar.*

- *A Visão do Cristo: Esta é uma das descrições mais raras e potentes. Jenny, uma rapariga simples do campo, descreve uma figura que não condiz com a iconografia europeia (loira de olhos azuis), mas sim com a realidade histórica: um homem moreno, de pele azeitonada e olhos pretos profundos. A "música sem instrumentos" e a "fala sem voz" são descrições clássicas de comunicação telepática e sinestesia espiritual.*

- *Reversão ao Antigo Eu: Jenny nota que, ao falar com o círculo mediúnico, ela volta a sentir-se como a "velha Jenny" pobre e inculta, mas que na realidade ela já se educou e avançou muito. Este é um detalhe técnico frequente em Flint: os espíritos assumem a sua antiga forma/linguagem para serem identificados.*

A COMUNICAÇÃO DE RALPH THOMAS

ARQUITETO E CAVALHEIRO DO SÉCULO XVIII

Esta é uma comunicação fascinante de um cavalheiro do século XVIII, um período que ele descreve como a "Era da Razão e do Iluminismo". Ralph Thomas apresenta-se com a elegância e o vocabulário típico de um esteta da

era georgiana, demonstrando um interesse profundo pela arquitetura, pelas boas maneiras e pela preservação do belo.

O seu foco na cidade de Bath e na figura de Beau Nash situa-o precisamente na elite cultural que moldou a estética britânica entre 1725 e 1825.

RALPH THOMAS: Devo pedir-vos que tenham paciência comigo. Não estou familiarizado com isto, tal como tenho a certeza de que vós estais. Não estou familiarizado com a comunicação entre os nossos vários [planos]. Na verdade, embora tenha feito muitas viagens de regresso a Roma desde a minha vinda para aqui, há muito tempo, esta é a primeira vez que me empenho em falar desta forma. E por isso, imploro-vos, sede pacientes. Sim, meu querido irmão. Às vezes regresso ao meu antigo percurso, mas vejo tanta mudança desde os meus dias no mundo.

Na verdade, mesmo em lugares onde talvez se esperasse a melhor mudança, ainda há uma grande mudança. Nunca deixo de observar que certas coisas mudam. No meu tempo e dia, o campo... com segurança, meu irmão. Na verdade, o campo estava cheio de perigo, e era necessário estar armado quando se visitava um lugar à distância. Muito mudou de tantas formas. Não posso dizer que muitas das mudanças tenham sido para melhor. Obviamente, muitas das mudanças também não beneficiaram o homem. Noto particularmente muitas mudanças no design e na arquitetura. E devo dizer que, para o meu pensamento, tais mudanças não me agradariam.

No meu tempo, claro, construímos as grandes casas, as grandes prisões, os grandes apartamentos, que ainda hoje se erguem tão orgulhosamente como no dia em que foram construídos. Quando eu era um chefe, quando estávamos a construir, estávamos a pensar e a planear. Nada do que eles conseguem fazer hoje. Claro, podereis dizer que há mais terra, mais liberdade para se poder expressar, mais oportunidade. Sim, dificuldade. Isso é verdade. Mas parece-me que não há desculpa para muito do que vi erguido desde o meu tempo, particularmente nestes últimos anos. Quero dizer, parece prosperar e prender, e o brio artístico parece ser uma consideração secundária.

Tudo o que fizemos no nosso tempo foi planeado; planeado do ponto de vista não só do conforto dos habitantes, mas, claro, do ponto de vista estético. É verdade que a maioria dos nossos edifícios foi planeada no seio das classes altas. E, suponho, de um ponto de vista padrão, muitos dos nossos edifícios,

em comparação com os vossos, eram tristemente vazios. E, no entanto, não andávamos por aí por lavar. Notei que as pessoas parecem estar vazias. De facto, eu sugeriria que, entre as classes a que pertenci, possivelmente tínhamos mais orgulho na nossa aparência e grandeza do que muitos jovens hoje em dia, embora tenham mais facilidades.

Mas após o século XVIII, como me lembro, houve uma cidade de evidências, uma cidade de boas maneiras. Indiscutivelmente, havia muitos patifes e vagabundos. A boa fala, a boa aparência e a consideração pelos outros eram os fatores primordiais da nossa vida. Estávamos interessados nas artes e nos ofícios. E éramos considerados cavalheiros (*gentlemen*). Esta é a única característica que tinhas de usar para ser uma pessoa digna. A linhagem e o caráter, as boas maneiras constituíam um cavalheiro. Claro, se por acaso tivesses um título, era indiscutivelmente apropriado para a tua sociedade. Esta, no meu dia e era, a "sociedade" como é chamada, era um ninho de pessoas, um ninho de gente.

Se tivessem algo de qualidade para oferecer, se tivessem capacidades artísticas, era-lhes dada toda a oportunidade. Muitos grandes artistas, músicos e atores, compositores, poetas, foram acolhidos pelos cavalheiros que eram financeiramente ajudados, assistidos e a quem eram dadas boas qualidades. Estávamos mais preocupados. Vivendo na crise fiscal, tínhamos muito com que lidar em relação a outras coisas. Tínhamos, talvez, muitas coisas que hoje dais como garantidas. Não tínhamos o conhecimento médico e a ajuda e cuidados médicos que vós tendes.

Mas, apesar de tudo, embora houvesse muito a lamentar na minha era, havia muito a admirar, e vivemos a vida ao máximo. Não tínhamos falhas, ou muito poucas falhas; não tínhamos medo de ir. Claro, sem a dica dos críticos, que era apenas temporária, não permitíamos que isso se interpusesse no caminho da nossa felicidade e do nosso usufruto. E talvez tivéssemos, por baixo, uma compreensão maior da verdadeira religião do que as pessoas nos dão crédito. Conheci no meu tempo muitos grandes homens, muitos homens de paixão e de fortuna, muitos homens em altos cargos; e os homens que eu mais admirava eram os homens de verdadeira nobreza, os homens que criaram tanto do que restou, ainda no mundo para ser admirado, que permanecem no nosso modo de vida, nas nossas casas, nos nossos edifícios, nos nossos escritos. Conheci-os a todos: Sheridan, Bosworth, muitos homens pelos quais hoje ainda tendes respeito e memória, pois foram homens que conseguiram alcançar na sua vida algo que resistiria à passagem dos anos. E muitos homens

são esquecidos em todos os seus caminhos, enquanto estavam perdidos; mas aqueles que chamam de conquistas materiais passaram da memória.

Ainda esqueço tanto do que foi escrito, tanto do que foi composto, tanto do que foi negligenciado e resiste ao teste do tempo. Aqueles que construíram para a posteridade são os que viram a verdade, qualquer que seja a forma que tome, seja na arquitetura, seja no teatro com a peça, seja nos escritos ou na música; onde estão a expressar algo do Espírito Divino, há vida eterna, há algo que resistirá aos choques e às pressões dos pensamentos materiais e do tempo. Às vezes regresso a Bath, e ainda vejo erguerem-se orgulhosamente os tijolos daqueles edifícios que ainda são criados para emendar o meu tempo.

Estive lá muitos anos. O meu nome, a propósito, é Ralph Thomas.

PARTICIPANTE: Quem?

RALPH THOMAS: Ralph Thomas. Ralph Thomas. Conheci, claro, os grandes como Nash — Beau Nash, chamávamos-lhe, o belo; estava longe de ser belo, era óbvio para mim, mas era um homem refinado, apesar de tudo, e era um homem de previdência, até certo ponto de sabedoria. Ele gostava de tudo e mudou, de facto, creio que se pode dizer que ele mudou as maneiras da debilidade e do quantitativo, e de facto estabeleceu um padrão que as gerações presentes bem poderiam emular. Na verdade, muito do seu bem que chegou até vós, direta ou indiretamente, veio do "Mestre dos Setenta", um homem que chamamos Nash.

Claro, há muitos outros que se poderiam mencionar, que contribuíram muito. O meu século, chamei-lhe eu, o meu século — mas foi o meu último tempo na terra — foi um período, creio eu, em que muita mudança teve lugar. Foi a era, num sentido, da razão e da compreensão, a era da cultura e da educação, a era do Iluminismo. As pessoas às vezes, talvez porque não conhecem suficientemente, não entendem o suficiente, [não] gostam de nós, mas nós sabemos que entre os anos de 1725 e 1825, tanto quanto se pode dizer quanto ao tempo, grandes avanços foram feitos em muitos campos diferentes de atividade, os valores mudaram, as pessoas começaram a ver e a considerar as consequências de forma diferente.

Claro, tínhamos a nossa política, mas mesmo assim, havia um grande fascínio, e novos fascínios começaram a emergir, começaram a desempenhar o seu papel na política e em tantas outras formas. Já nessa altura, prometiam muitas vezes a oportunidade de se apresentarem como seres humanos, para

nos darem orientação e ajuda, para nos ensinarem as artes e as ciências. Estávamos a começar a sair das trevas. Era a era da iluminação. Era o início de uma nova era. Foi o início de muitas mudanças, e gosto de voltar a pensar nesses dias e pensar em quão afortunados fomos; mas particularmente, e de facto, vários outros lugares que se poderiam mencionar de que talvez tenham ouvido falar, também começaram a emergir como lugares não apenas para o prazer e o vício — estas coisas, claro, faziam parte da experiência de cada um, parte da própria vida, e de facto, muito disso é chamado por nomes maus, não é tão mau como muitas vezes nos fizeram ver. Tanto as coisas que são mais naturais como as coisas que são muitas vezes não naturais são consideradas naturais. As pessoas devem ter os seus padrões e as suas ideias, mas éramos povos emergentes, particularmente em Inglaterra; em França também.

Eu próprio tive muitas oportunidades de estudar os franceses. Eles também estavam a emergir. Eu deveria saber, a revolução em França mudou todo o sistema e Louis Seize [Luís XVI] já estava a começar a ser tomado. Ele não era um homem mau, um homem tolo. Mas assim que o George foi tolo, não houve grande mudança nisso. E entre as classes médias, particularmente, estavam a empurrar os licenciados para campos de atividade. O mundo estava a mudar. Claro, certas coisas aconteceram numa data posterior, como o retrocesso do progresso, retrocessos que tínhamos cultivado e iniciado. Foi um milagre também. Foi um milagre. Poder-se-ia falar durante horas sobre o meu tempo. Foi um tempo maravilhoso para se viver.

Isto é o que estamos a fazer agora. E a minha vida? Estou particularmente interessado, deste lado da vida, na arquitetura, no design, em tentar criar e, de facto, tenho a certeza, alcançando, na criação, alguns dos aspetos de liderança que sinto tão fortemente. E, na verdade, estou aberto a aproximar-me, para assistir e, de facto, o meu trabalho consiste em parte em ajudar as pessoas aqui na direção em que se encontram, no design das habitações em que vivem. E também, sempre estive interessado, claro, na música. Sempre estive interessado em receber música. E também faço uma certa quantidade de trabalho no caso da minha capacidade de ajudar aqueles no vosso mundo que estão doentes e debilitados. E visito hospitais, e tenho um grande interesse em novas ideias e novas teorias que são apresentadas para curas de várias doenças. E isso une-se ao meu interesse pelas artes. Na verdade, poder-se-ia dizer que a minha vida é tão plena, pois estou interessado em todo este bem e nesta exigência benéfica.

Talvez, se eu puder vir de novo, vos contarei mais destas coisas, mas é um grande prazer para mim vir, nem que seja por pouco tempo, para vos dizer estas coisas, para que outros que possam ouvir a maioria dos espíritos saibam que o tempo em si não é significativo. A vida é contínua, verdadeiramente, e que aqueles que uma vez estiveram mortos ainda vivem. E que não importa que tempo ou era possa ter sido na sua jornada terrena, ainda assim eles vêm dos reinos do espírito, entrando no mundo da carne, empenhando-se em encorajar, em inspirar, em guiar, em ajudar onde for possível. Particularmente aquelas coisas que são de Deus, aquelas coisas que são do Espírito Eterno do Homem, aquelas coisas que são indestrutíveis, aquelas coisas que de facto verdadeiramente são coisas da vida, vida eterna.

PARTICIPANTE: Poderia dizer-nos algo sobre como é a vida desse lado, e o mundo que permanece?

RALPH THOMAS: Possivelmente, meu amigo, nalgum tempo futuro, mas não me é possível agora continuar a não ser para dizer a todos vós que ouvis a voz do espírito, que aqueles que vêm — lá é onde poderemos estar — a partir daquela condição vibracional diferente de vida, de acordo com a nossa perceção de onde quer que venhamos, qualquer que seja a condição de vida para a qual presumimos, para vir para a escuridão do vosso mundo, para trazer iluminação, para trazer força, para trazer verdadeiramente a compreensão das coisas que são de Deus. Tende, portanto, boa fé, e sabei que estamos sempre perto de vós, sempre perto de vós; e, no entanto, esperai para morrer, para vir aqui para este corpo, onde a paz do Espírito Santo esteja sobre vós, cada um agora e sempre.

Adeus.

Notas:

- *Beau Nash (1674–1761): Ralph Thomas menciona Richard "Beau" Nash, o célebre Mestre de Cerimónias de Bath. Nash foi o responsável por transformar Bath na cidade termal mais elegante da Europa, impondo códigos de vestuário e de conduta que Ralph Thomas tanto admira.*

- *Sheridan: Refere-se a Richard Brinsley Sheridan, o famoso dramaturgo irlandês (autor de The School for Scandal), que viveu em Bath e foi uma figura central da sociedade georgiana.*

- *Arquitetura Georgiana: Ralph Thomas fala com orgulho dos edifícios de tijolo e pedra que ainda hoje definem a estética de Bath (como o Royal Crescent). Ele critica a arquitetura moderna (de 1950-70, altura em que esta fita foi gravada) como sendo "vazia" e sem "brio artístico".*

- *A Transição Histórica (1725–1825): Ele identifica este século como o auge da civilização, mencionando a transição da monarquia (Carlos I, Jorge III) para a ascensão das classes médias e a influência da Revolução Francesa.*

- *Trabalho no Além: É fascinante notar que ele continua a ser arquiteto no mundo espiritual, ajudando no "design das habitações" (mansões espirituais) daqueles que chegam. Além disso, demonstra um interesse científico moderno, visitando hospitais terrenos para inspirar médicos com novas teorias de cura.*

SESSÃO: RALPH THOMAS

Esta versão da sessão com Ralph Thomas é ainda mais rica, pois contém uma introdução mais longa, onde o guia espiritual (presumivelmente Mickey ou Fred) conversa abertamente sobre a natureza humana, o trabalho do grupo com as fitas e as dificuldades de comunicar com pessoas dogmáticas ("a irmandade da igreja").

Comunicantes: Mickey/Fred e Ralph Thomas

PARTICIPANTEs: George Woods e Betty Greene

MICKEY/FRED: Sim, quero dizer, tu compreendes isto e não estás limitado pela família e por fulanos. Quero dizer, estás à procura do que é mais elevado e melhor e queres fazer tudo o que podes com isso para ajudar os outros. Não és egocêntrico nem egoísta e, bem, quero dizer, algumas pessoas são assim, Deus as abençoe, não podem evitá-lo, algumas delas são escassas, mas, oh bem, é preciso de tudo para fazer o mundo.

Espera. Olá, olá, olá. Bom dia. Sr. Woods, Sra. Green. Sim, está certo. Sim? Oh, bem, bem, bem. É bom ouvir-te, amigo. Obrigado, obrigado. Anda lá. Anda lá, amigo, conseguimos ouvir-te muito bem. Edward. Sim? Edward. Edward? Sim? Oi. Olá. Olá. Anda lá, amigo. Olá. Olá. Olá para aí. Olá. Oh,

bem. Muito bom ouvir-te, amigo. Oh, bem, é sobre ti. Tu aprendes muito depressa.

Tu divertes-te muito com esse discurso, não é? Eu não comeria as vossas refeições se as fizesses num fogão a gás. Um fogão elétrico seria muito bem-sucedido, ligando e desligando. Se tu andas a mexer num fogão elétrico quando estás a cozinhar, não andes a mexer nisso quando estás a gravar. Ai, ai. Espera. Ela é boa cozinheira, George? Ela é uma boa cozinheira?

GEORGE WOODS: Oh, uma cozinheira maravilhosa. Maravilhosa.

FRED: Ela faz bolos lindos. O quê, bolos de rolo?

GEORGE WOODS: Oh, sim.

FRED: Oh, o que queres dizer? Não pares com isso, não achas que é? Bem, quero dizer, há pessoas que fazem, hum, tipos de pão-de-ló ou queques e eles gostam de bolos de rolo, não gostam? Eu faço bolos de fruta e eles gostam de bolos. Fazes? É essa a tua especialidade, bolos?

BETTY GREENE: Sim.

FRED: E quanto a pudins?

BETTY GREENE: Eu também faço pudins, sim.

FRED: E tu enrolas uma tarte? Sim. Há todo o tipo de coisas. Eu nunca sei o quê... Ela está a dar-te de comer agora, não está?

GEORGE WOODS: Sim, sim.

FRED: Um bezerro cevado. É isso. Um bezerro cevado. Deixa-me comer muitos, se me fizer bem. Estou muito grato.

GEORGE WOODS: Oh, devias estar.

FRED: Se tens a sorte de ter alguém como ela a cuidar de ti, George, eu gostaria disso.

GEORGE WOODS: Eu agradeço. Muito obrigado.

FRED: Oh, George, tu já não és nenhum franguinho agora, sabes, George.

GEORGE WOODS: Não, eu não vou ficar velho.

FRED: Não, não digas que és desde então, mas, hum, sabes, quando chegas perto da tua idade, as mulheres não têm muito tempo para ti, pois não? A menos que tenham o azar de estar casadas contigo, então, claro, elas têm de te aturar. Sim. Sim, eu sei. Vocês dão-se muito bem, não dão? Tu és um bocado um Casanova no teu próprio estilo sossegado, não és?

GEORGE WOODS: Sim, sim.

FRED: Sim, muito bem. Nós damo-nos muito bem porque nunca discutimos. Tu não tens muita opção agora, pois tens? Não. Tu tens de dar a volta à conversa um bocado agora, sabes. Sim, eu sei que sim. Está tudo bem quando tens 40. Quando tens 50, ainda podes andar a brincar, mas quando chegas aos 60, tens de ir com calma. E quando chegas aos 70, que Deus te ajude. Sim. Mais vale ser alegre. Sim, está certo. Parece haver um bocado de comichão aqui esta manhã.

Espera. Não há rabo nenhum. Não, mas temos estado a fazer muito trabalho. Temos estado com a irmandade da igreja. Temos estado a passar fitas para os "rabos" deles, vir passar fitas para eles. Eu sei que é um grupinho terrível, mas de qualquer forma, nunca recusamos ninguém quando falamos. Isso é verdade. Então, sabes, de certa forma, bem... Sim, nós meio que semeamos algum tipo de semente para eles.

Vês, o problema com eles é que, se queres a fotografia, eles têm de ter o negativo. Sai exatamente da maneira que eles querem. Oh, sim. Maravilhoso. Sim, eu sei. É muito, muito difícil. Agora, desde que apoie tudo o que eles pensam, então está tudo às mil maravilhas no jardim. Isso é perfeitamente verdade. Mas se por acaso te desviares um iota, uma tentativa daquilo que eles já pré-conceberam e aceitaram, já foste, companheiro.

GEORGE WOODS: Isso é perfeitamente verdade. Sim, está certo. Nós experienciámos isso.

FRED: Sim, muitas vezes. Muitas vezes, sim. O problema é que eles têm uma verdade fundamental e não sabem como expressá-la ou usá-la. Não, não é. Vicky?

VICKY: Sim, Tia?

FRED: Posso ligar o interruptor, por favor? Ligar o interruptor? Claro que podes, já o tens ligado então. E estou fora da gravação? Sim. Anda lá, Minji. Eu não estava a falar a sério quando te estava a provocar sobre o interruptor.

VICKY: Eu sei que não estavas, Daphne.

FRED: Não consigo ligar e desligar o interruptor. Estás a pedir coisas. Oh, mas eu não me esqueci. Graças a Deus estou a cozinhar as minhas couves duas vezes. Isso servirá. Essa experiência. Estás a sair-te muito bem. Muito satisfeito por te ouvir.

RALPH THOMAS: Devo pedir-vos que tenham paciência comigo.

VICKY: Sim, Tia?

RALPH THOMAS: Pois não estou familiarizado com isto, como aliás tenho a certeza de que em breve perceberão, se é que já não o fizeram, não estou familiarizado com a comunicação entre as nossas obras. De facto, embora tenha feito muitas viagens de regresso ao vosso mundo desde a minha vinda para aqui, há muito tempo agora, esta é a primeira vez que alguma vez me empenhei em falar desta forma. Por isso, imploro-vos: sede pacientes.

GEORGE WOODS: Sim, amigo, seremos.

RALPH THOMAS: Por vezes regressei aos meus antigos refúgios, mas vejo tanta mudança desde o meu dia no mundo. De facto, mesmo em lugares onde talvez se esperasse esta mudança, há ainda uma grande mudança. Nunca deixo de me espantar a mim próprio com certas coisas que aconteceram no meu tempo e dia. Na verdade, o campo estava em todo o lado. De facto, o campo estava eivado de perigo e era necessário estar armado quando se visitava um lugar a qualquer distância.

Muito mudou de tantas formas. Não posso dizer que muitas das mudanças tenham sido para melhor, mas obviamente muitas das mudanças não beneficiaram o homem também. Noto particularmente muitas mudanças no design e na arquitetura e devo dizer, para o meu modo de pensar, que houve tal mudança que não me agradaria. De facto, no meu tempo, claro, construímos as grandes casas, os grandes cristãos [possível erro de audição para 'edifícios'], as grandes arcadas, que ainda hoje se erguem tão orgulhosamente como no dia em que foram erguidas pela primeira vez.

Quando eu estava em Bath, quando estávamos a construir e a expandir e a planear, nada fazíamos ao acaso, nada como vós fazeis hoje. Claro, podereis dizer que havia mais terra, mais liberdade para se poder expressar, mais oportunidade, menos dificuldade. Isto é verdade, mas parece-me que não há desculpa para muito do que tenho visto erguido desde o meu tempo, particularmente nestes últimos anos, onde a fealdade parece prosperar e alinhar-se, e o brio artístico parece ser uma consideração secundária.

Tudo o que fizemos no nosso tempo foi planeado; planeado do ponto de vista não só do conforto dos habitantes, mas, claro, do ponto de vista estético. Claro que é verdade que a maioria dos nossos edifícios foi planeada para as classes média e alta e, claro, suponho que do ponto de vista sanitário muitos dos nossos edifícios, em comparação com os vossos, eram tristemente falhos, e no entanto não andávamos por aí por lavar, desleixados. De facto, eu sugeriria que, entre as classes a que pertenci, possivelmente tínhamos mais orgulho na nossa aparência e limpeza do que muitos jovens hoje, mesmo que eles tenham mais facilidades.

Recuando ao século XVIII, tal como o recordo, era uma cidade de elegância, uma cidade de boas maneiras; indiscutivelmente, havia muitos patifes e vagabundos, mas a boa fala e a boa aparência e a consideração pelos outros eram um dos fatores primordiais da nossa vida. Estávamos interessados nas artes e nos ofícios e éramos considerados cavalheiros (*gentlemen*). Não que, mesmo como hoje talvez, ser um cavalheiro necessariamente significasse que tinhas de ser uma pessoa extremamente rica. A linhagem e o caráter e as boas maneiras constituíam o cavalheiro.

Claro, se por acaso tivesses um título, era indiscutivelmente uma grande ajuda para ti na sociedade; mas no meu dia e era, a sociedade, como é chamada, bania. Com os povos menores, a gente menor, se eles tivessem algo de qualidade a oferecer, se tivessem capacidade artística, era-lhes dada toda a oportunidade. Muitos grandes artistas, músicos e atores, compositores, poetas, foram acolhidos pela nobreza e ajudados financeiramente, assistidos e dados bons alojamentos. Estávamos mais preocupados em viver no sentido correto. É verdade, tínhamos muito com que lidar em relação a outras coisas de que carecíamos, talvez muitas coisas que hoje dais como garantidas.

Não tínhamos o conhecimento médico e a ajuda e cuidados médicos que vós tendes, mas, no entanto, embora houvesse muito a lamentar na minha era, havia muito a admirar e vivemos a vida ao máximo. Não tínhamos nenhuns

falsos, ou muito poucos valores falsos. Não tínhamos medo de chamar ao que vós dizeis um boi um boi. Claro, curvávamos a nossa cabeça aos clérigos, mas era apenas temporário. Não permitíamos que isso se interpusesse no caminho da nossa felicidade e do nosso usufruto, e no entanto tínhamos, talvez por baixo, uma compreensão maior da verdadeira religião do que as pessoas nos dão crédito.

Conheci no meu tempo muitos grandes homens, muitos homens de moda e de fortuna, muitos homens em altos cargos; mas os homens que eu mais admirava eram os homens de verdadeira nobreza, os homens que criaram tanto do que permaneceu ainda no vosso mundo para ser admirado, não só no nosso modo de vida, nas nossas casas, nos nossos edifícios, mas nos nossos escritos. Conheci-os a todos: Sheridan, Boston, muitos homens pelos quais vós hoje ainda tendes respeito e memória, pois foram homens que conseguiram alcançar na sua vida algo que resistiria à passagem dos anos.

Quando muitos homens foram esquecidos, quando todas as suas batalhas foram travadas, ganhas ou perdidas, quando as suas chamadas conquistas materiais passaram da memória, alguém ainda se lembra de tanto do que foi escrito, tanto do que foi composto, tanto do que foi erguido e resiste ao teste do tempo. Aqueles que construiriam para a posteridade são os que eles próprios viram a verdade em qualquer forma que ela tome, seja na arquitetura, seja no teatro, na peça, seja nos escritos ou na música; onde estão a expressar algo do espírito divino, há vida eterna. Há algo que resistirá aos choques e às pressões dos pensamentos materiais e do tempo. Eu por vezes regresso a Bath e ainda vejo erguerem-se orgulhosamente os tijolos daqueles edifícios que ainda são creditados aos homens do meu tempo. Estive lá por muitos anos.

O meu nome, a propósito, é Ralph Thomas. Ralph Thomas. Conheci, claro, os grandes como Nash — Beau Nash, chamávamos-lhe, o belo. Ele estava longe de ser belo, era feio como o pecado, mas era um homem refinado, apesar de tudo, e era um homem de previdência, até certo ponto de sabedoria; ele gostava de tudo correto e ele mudou, de facto creio que se pode dizer que ele mudou as maneiras da nobreza e da qualidade, e de facto estabeleceu um padrão que as gerações presentes bem poderiam emular. De facto, muito do que é bom e chegou até vós, direta ou indiretamente, veio do mestre do Serapis, um homem que chamais Nash. Claro, há muitos outros que se poderiam mencionar que contribuíram muito.

O meu século, chamei-lhe o meu século, mas foi o meu último tempo na terra. Foi um período, creio eu, em que muita mudança para melhor teve lugar. Foi a era, num sentido, da razão e da compreensão, uma era de cultura e educação, uma era de Iluminismo. As pessoas às vezes, talvez porque não conhecem suficientemente, não entendem o suficiente, poderei dizer, mas sabem, entre os anos de 1725 e 1825, tanto quanto se pode dizer quanto ao tempo, grandes avanços foram feitos em muitos campos diferentes de atividade. Os valores mudaram, as pessoas começaram a ver e a tornar-se, em consequência, diferentes. Claro que tínhamos pobreza extrema, mas mesmo assim houve grande avanço. As classes médias começaram a emergir, começaram a desempenhar o seu papel na política e em tantas outras formas.

Se um homem tivesse promessa, muitas vezes a oportunidade apresentar-se-ia e ele seria levado e lhe seria dada orientação e ajuda, particularmente nas artes e nas ciências. Estávamos a começar a sair das trevas. Era a era da iluminação. Era o início de uma nova era. Foi o início de muitas mudanças. Gosto por vezes de pensar nesses dias e pensar em quão afortunados fomos. Bath, particularmente, e de facto vários outros lugares que se poderiam mencionar de que talvez tenham ouvido falar, também começaram a emergir como lugares, não apenas para o prazer e o vício — estas coisas, claro, faziam parte da experiência de cada um, parte da própria vida. E de facto muito do que é chamado por nomes maus não era tão mau como muitas vezes foi feito parecer. Frequentemente aquelas coisas que são mais naturais são consideradas não naturais e as coisas que são frequentemente não naturais são consideradas naturais.

As pessoas devem ter os seus padrões e as suas ideias, mas éramos povos emergentes, particularmente em Inglaterra. Em França também, eu próprio tive muitas oportunidades de estudar os franceses. Eles também estavam a emergir. Como sabem, a revolução em França mudou todo o sistema, mas no entanto, sob Louis, muita mudança já estava a começar a ter lugar. Ele não era um homem mau, um homem tolo. O mesmo que George era um homem tolo, mas não eram tanto os reis que importavam, eram as pessoas. E entre as classes médias, particularmente, elas estavam a empurrar o seu caminho gradualmente para a vanguarda em tantos campos diferentes de atividade. O mundo estava a mudar. Claro, como todos sabemos, houve certas coisas que aconteceram numa data posterior que atrasaram o progresso, atrasaram os avanços que tínhamos cultivado e iniciado. E na América também, e aos americanos, poder-se-ia falar durante horas sobre o meu tempo. Foi um tempo maravilhoso para se viver.

GEORGE WOODS: Poderia dizer-nos o que está a fazer agora desse lado da vida?

RALPH THOMAS: Estou particularmente interessado, deste lado da vida, no design arquitetónico, em tentar criar e, de facto, tenho a certeza, alcançando na criação alguns dos aspetos de beleza que sinto tão fortemente. E, na verdade, sou frequentemente abordado para assistir, para ajudar dessa forma. E de facto o meu trabalho consiste em parte em ajudar as pessoas aqui na direção, no design das habitações em que vivem. E também, sempre estive interessado, claro, na medicina. Sempre estive interessado na cura dos doentes. E também faço uma certa quantidade de trabalho no meio da minha capacidade de ajudar aqueles no vosso mundo que estão doentes e debilitados. E visito hospitais e tenho um grande interesse em novas ideias e novas teorias que são apresentadas para curas de várias doenças.

E isso, unido ao meu interesse nas artes, de facto, poder-se-ia dizer que a minha vida é tão plena. Pois estou interessado em tudo o que é bom e benéfico para o homem. Talvez, se eu puder vir de novo, vos contarei mais destas coisas. Mas é um grande prazer para mim vir, nem que seja por pouco tempo, para vos dizer estas coisas. Para que outros que possam ouvir a voz do Espírito saibam que o tempo em si é insignificante, que a vida é contínua verdadeiramente, que aqueles que uma vez estiveram mortos ainda vivem, e que não importa que tempo ou era tenha sido da sua jornada terrena, ainda assim eles vêm dos reinos do Espírito, entrando no mundo da carne, empenhando--se em encorajar, em inspirar, em guiar, em ajudar, onde quer que seja possível, particularmente naquelas coisas que são de Deus, aquelas coisas que são do Espírito eterno do homem, aquelas coisas que são indestrutíveis, aquelas coisas que de facto verdadeiramente são as coisas da vida, vida eterna.

BETTY GREENE: Gostaria de me dizer como é a sua vida desse lado, no mundo em que está a viver?

RALPH THOMAS: Possivelmente, meu amigo, nalgum tempo futuro. Mas não me é possível agora continuar, a não ser para dizer a ti e a todos os que ouvem a voz do Espírito, que nós que vimos, de onde quer que seja que possamos estar, de uma condição vibracional diferente de vida, de acordo com a nossa perceção de realização espiritual da verdade, de onde quer que venhamos, qualquer que seja a condição de vida à qual pertencemos, vimos para a escuridão do vosso mundo para trazer iluminação, para trazer força,

para trazer verdadeiramente a compreensão das coisas que são de Deus. Sê, portanto, de boa fé e sabe que estamos sempre perto de ti, sempre perto de ti, empenhando-nos em guiar, elevar e inspirar-te. Reza para que a paz do Espírito Santo esteja sobre vós, cada um agora e sempre. Adeus.

GEORGE WOODS: Muito obrigado.

FRED: Eu dar-te-ei um contacto.

GEORGE WOODS: Olá?

FRED: Recebê-lo-ás mais tarde. Sim. Adeus.

GEORGE WOODS: Muito obrigado. Adeus.

BETTY GREENE: Adeus, amor.

MICKEY: Adeus. Hmm, contacto invulgar.

SESSÃO: ROBIN EVANS 1

2 de Junho de 1982

Esta sessão, gravada em 2 de junho de 1982, é um excelente exemplo da dinâmica de uma sessão de Leslie Flint. Embora o título mencione Robin Evans, esta parte da fita foca-se na introdução do guia Mickey e na vinda de várias entidades (Maria Teresa, Andrew) para dar mensagens de encorajamento ao círculo, antes da comunicação principal.

INTRODUÇÃO: Esta sessão foi gravada em 2 de junho de 1982, com o médium Flint.

Vamos lá, Mickey, diz olá. Olá. Não, vamos lá agora. Mickey? Cala-te, tu estás nisso [na gravação]. Mickey? Mickey? Jojo.

MICKEY: Olá, Mickey. Como estás, Jojo?

JOJO: Estou bem, obrigado. Lembro-me de ti.

MICKEY: Sim. E lembro-me da outra senhora.

PARTICIPANTE: Referes-te a mim, Mickey?

MICKEY: Sim, a ti. Obrigado, estou bem, obrigado. E, hum, não sei se conheço mais alguém. Não, não conheces. Hum, não sei, conheço? Vi a velha Liz.

PARTICIPANTE: O quê, a minha Liz?

MICKEY: Sim. Oh, adorável. Ele sabe como ela vinha cá esta tarde, sabes.

PARTICIPANTE: Oh, ele sabe? Consegues ouvir o que eu digo?

MICKEY: Consigo ouvir o Mickey, sim. Só não tenho a certeza se estou na vibração correta, mas estou a tentar o meu melhor. Estás a sair-te bem. Cala-te, Sniggy [possível referência a um ruído ou ajudante]. Não, eu gosto de ficar quieto. Ele faz muitos barulhos engraçados.

PARTICIPANTE: O quê, a tua Liz?

MICKEY: Ainda não, a tua não. Não. Há muita gente aqui. Oh, isso é simpático. E aquele sujeito era um peludo [com muito cabelo]. Eu estou aqui, obrigado. Eu sei que estás aí. Como estás? Muito bem, obrigado. O que é que se passa com a tua máquina? Eu não gosto dela, é a minha Rainha Audrey. Podes fazer algo quanto a isso? Oh, eu não sou técnico, companheiro. Já tenho o meu trabalho planeado a fazer o que estou a fazer, companheiro, sem me preocupar com a tua máquina.

Eu gostava de poder, mas não posso. Mas há algo de errado com ela. Sim, eu percebo isso. A propósito, foi-te dado... O que disseste? Tenho sido um médico para ti desde que chegaste. Sim, obrigado. Estás bem, não estás?

HARRY: Bem, estou muito melhor agora do que estava.

MICKEY: Porque este sujeito médico diz que está muito satisfeito contigo, mas ele não pensaria que tiveste um tempo difícil. Sim, suponho que sim. Mas saíste-te bem de tudo isso, companheiro.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: E tu ainda não vens para aqui. Não, não venho. Já tenho problemas que cheguem sem tu vires.

HARRY: Bem, eu não sei o que vou fazer enquanto estiver aqui em baixo. Continua a intrigar-me, sabes.

MICKEY: Porquê?

HARRY: Não sei. Parece que não consigo encontrar um rumo em nada do que pretendo fazer. Tento ajudar as pessoas, mas não parece funcionar.

MICKEY: O que te faz pensar que não funciona?

HARRY: Bem, deve ser a minha mente. Fico muito desiludido às vezes com isso.

MICKEY: Há muito poder psíquico e muita ajuda a ser-te dada.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: E eles mantêm-te a andar porque precisam de ti, e tu vais, à tua pequena maneira, prestar serviço. Tens estado a fazer algo com a igreja?

HARRY: Sim.

MICKEY: Tens andado a "pregar"?

HARRY: Bem, não sei, mais uma vez.

MICKEY: Porque eles dizem-me que, embora provavelmente não penses em ti mesmo como um médium, em transe ou algo assim, dizem que te têm impressionado às vezes com algumas das coisas que tens a dizer. E tens feito um bocado de "pregação". Tens estado a presidir?

HARRY: Bem, eu faço uma leitura na plataforma, sim.

MICKEY: Fazes uma leitura?

HARRY: E tento colocar desta forma, na minha mente. Quando faço uma leitura, tento semear a semente para ajudar alguém que não compreende.

MICKEY: Bem, eles parecem muito satisfeitos contigo, embora possas estar desiludido contigo próprio, companheiro. E acho que tens um lugar para preencher. Toda a gente pode fazer algo, e não deves sentir que não estás a dar um contributo. Eles estão muito ansiosos por que sintas que, bem, eles estão satisfeitos contigo.

HARRY: Achas que sou um bocado ganancioso demais?

MICKEY: Ganancioso o quê?

HARRY: Ganancioso demais.

MICKEY: Bem, toda a gente é gananciosa demais, companheiro. É a tua maneira de ser. Bem, o que estou eu a dizer?

HARRY: Eu quero um bocado de tudo. Quero a comunicação. Quero a cura. Quero tudo para ajudar toda a gente. Pergunto-me às vezes se alguém acha que sou um bocado ganancioso demais.

MICKEY: Bem, companheiro, podes continuar a ser ganancioso pela tua própria atitude e pela minha, companheiro. Isso não significa necessariamente que vá funcionar. Oh, não, eu sei disso. O ponto é que tens de ter o que recebes. E não andes a preocupar-te com isso. Deixa-os usar-te da forma que eles acharem que são mais capazes de o fazer. Não adianta estares aí sentado a dizer: "Eu quero isto e quero aquilo", porque não vais estalar os dedos e conseguir.

HARRY: Estou a começar a perceber isso, Mickey.

MICKEY: Oh, vais adorar. Algumas pessoas têm ideias engraçadas, não têm? Pensas que, porque "batemos as botas", andam todos a flutuar por aí a jogar à macaca. Mas não somos assim tão diferentes. Claro que isso chegará a vós todos, sabes. Eu não sou do velho material e tudo isso. Até certo ponto, sou afetado por isso. Mas, sabes, farei o meu melhor para que não possas provar. Bem, não podes ajudar toda a gente, mas já sabes como as pessoas são. As pessoas ficam com esta ideia, sabes, que, oh, sabes, como alguns daqueles médiuns, eles dão-te calafrios, não dão? "Oh, sabes, abençoado sejas, amigo, sabes, eu tenho uma reivindicação realmente elevada". Bem, isso dá-te cabo dos nervos.

Claro que há pessoas num nível espiritual elevado. Serei o primeiro a admiti-lo. E deve-se sempre tentar sintonizar. Mas o ponto é que tens de perceber que temos de trabalhar nas circunstâncias às vezes, as quais não são exatamente fáceis. E as pessoas às vezes têm de transmitir a sua mensagem através da agência de outra pessoa, alguém numa esfera mais próxima da terra. De qualquer forma, faremos o melhor que pudermos. Espera. Ha ha, Barley. Olá.

PARTICIPANTE: Como estás, miúda?

MICKEY: Estou bem, obrigado. Bem, não estás nada mal. Estão aqui todos os "Billys".

PARTICIPANTE: Billy?

MICKEY: Sim, mas eu sei que isto soa estranho, mas há algo meio a rir-se. Está aqui uma mulher, e ela diz que costumavam às vezes chamar-lhe Billy.

JOJO: Oh, não me lembro de quem seja.

MICKEY: Agora, espera um minuto, vamos descobrir. Ela empurrou-se para entrar. Não, ela não é inglesa. Acho que é alemã ou algo assim. Porque diria ela isso? Ela não podia ser alemã, pois não? Ela diz que o seu nome é Wilhelmina.

PARTICIPANTE: OK. Isso é holandês.

MICKEY: Às vezes chamavam-lhe Billy. Cala-te. Não sei se conseguem ouvir. Estou aqui há muito tempo. Tentei com muita força vir.

MARIA: Olá, Maria. Olá. O meu nome é Maria.

HARRY: Oh, Maria.

MARIA: Tenho estado à espera, sabem, de uma oportunidade para vir falar convosco. Maria Teresa. Quero que saibam, meus amigos, que estou a tentar fazer tudo o que está ao meu alcance para ajudar no círculo. Olá. Oh, sim, isso é adorável. Olá. Olá. Não sei se me conseguem ouvir.

PARTICIPANTE: Conseguimos ouvir-te.

MARIA: Estou a tentar, sabem, com muita força. Isto não é fácil para mim falar desta maneira. Mas só quero que saibam que estamos todos juntos aqui, a trabalhar juntos, a tentar com muita força, sabem, no círculo. Queremos que tenham paciência, que não desanimem. Estamos a fazer tudo o que podemos. Tenho a certeza de que perceberão isto. Olá, olá.

HARRY: Olá. Referes-te ao nosso círculo em Buckingham?

MARIA: Só quero que saibam que estamos muito entusiasmados com isso, sabem. E o Sr. Leslie, ele está aqui também.

PARTICIPANTE: Oh, é simpático dizeres isso.

MARIA: E ele envia-vos as suas bênçãos, criança.

PARTICIPANTE: Obrigado.

MARIA: Olá, olá. Olá. O Andrew está aqui também.

PARTICIPANTE: Quem?

MARIA: Andrew.

PARTICIPANTE: Andrew?

MARIA: *Oui*. Ele vem pelo Sr. Harry.

HARRY: Obrigado. Sr. Harry? Sim?

MARIA: O Andrew está aqui. Ele quer falar consigo, por favor.

HARRY: Está bem, obrigado.

ANDREW: Momento. Aye. Está tudo bem no que me diz respeito, mas não tenho a certeza se conseguem ouvir o que digo.

HARRY: Consigo ouvir-te, Andrew.

ANDREW: Aye. Tenho estado aqui de pé à espera de uma oportunidade para dizer algumas palavras. Obrigado. Só quero que saibam que há muitos anos agora, deste lado da vida, tem sido a minha ambição e o meu desejo, sabem, poder fazer algum trabalho espiritual para ajudar. E tenho andado perto de si há já algum tempo. E estou aqui com o doutor agora. Consegue ouvir o que digo?

HARRY: Sim, consigo ouvir o que dizes, Andrew.

ANDREW: Aye. O senhor é o cavalheiro que veio ao círculo, não é? Aye. Há cerca de dois ou três anos. Aye. E só quero que saibam que todos nós aqui, não só por si, mas por cada um de vós aqui, estamos muito ansiosos por que desenvolvam a parte espiritual. E alguns de vós talvez fiquem um bocadinho desanimados com as coisas, mas cada um de vós tem trabalho para fazer. Cada um de vós pode fazer o trabalho espiritual de uma forma ou de outra. E quanto a si, Harry, não tem necessidade de se preocupar. Sei que teve uma fase má, mas está bem agora. Mas o Fritz está aqui, e ele é uma grande

alma também, e o doutor aqui. E estamos todos aqui juntos, todos como um grupo e uma banda, a tentar ajudar-vos. Sabem disso. Consegue ouvir o que digo?

HARRY: Sim, consigo ouvir o que dizes, Andrew, obrigado. Parece-me um escocês.

MICKEY: Ele é, sim. Se fizerem perguntas, sabem, se houver algumas respostas, depende de vós todos. Ei, porque é que tiraste os sapatos? Isso são os pés. Vejo-te na sujidade, sabes.

HARRY: Estava calor. Sim, tenho uma bolha no dedo do pé, Mickey.

MICKEY: Tens o quê?

HARRY: Uma bolha.

MICKEY: Ora, como fizeste isso, companheiro? Esses sapatos não prestam?

HARRY: São bons sapatos, acho que foi só de andar muito no calor.

MICKEY: Oh, porque estás a ficar um bocado velho, não estás? Essa é boa. Bem, não quero ser indelicado, mas, sabes, tu não podes... bem, não importa. Obrigado. Porque tu és um curador, não és?

HARRY: Bem, eu gostava de pensar que sim, Mickey.

MICKEY: Não quero dizer "gostavas de pensar que sim", tu sabes que sim.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: Não adianta seres indiferente quanto a isso, companheiro. Tens de te dedicar. Não, mas não é algo para dizer. Tens de... está bem, está bem, Deus te abençoe, mas o ponto é que tu sabes que tens alguns ajudantes maravilhosos. E eles estão a trabalhar contigo e através de ti. E tu estás a fazer a imposição de mãos e estás a ajudar. Claro, não vais curar toda a gente.

HARRY: Não.

MICKEY: Quero dizer, se toda a gente fosse curada, onde estaríamos nós? Sim, sim. Quero dizer, apanhas algumas destas pessoas, elas dão-te cabo

dos nervos, sabes. Elas dizem: "Oh, sabes, elas fazem isto"... bem, está bem, tu fazes aquilo, mas não vais curar toda a gente, companheiro.

HARRY: Não, nós sabemos disso.

MICKEY: Mas terás alguns sucessos e terás alguns que serão aliviados. Sim. E outros que, claro, vão "bater as botas". Mas chega um momento em que toda a gente tem de bater as botas.

PARTICIPANTE: Isso mesmo.

MICKEY: Às vezes as pessoas dizem: por que dizes "bater as botas"? Bem, "esticar o pernil", então. Oh meu Deus, oh meu Deus. Estão acoplados pela alegria agora. Vocês dois, têm um miúdo?

HARRY: Não.

MICKEY: Hein?

HARRY: Não.

MICKEY: Bem, em espírito? Não, alguém está a falar de uma criança em conexão.

HARRY: Bem, há duas crianças ligadas a nós.

MICKEY: O quê?

HARRY: Há duas crianças ligadas a nós.

MICKEY: Sim, na terra?

HARRY: Sim.

MICKEY: É disso que estou a falar. Não me referia a ninguém [em espírito], hein, companheiro?

HARRY: Bem, eles estão ligados, de certa forma, sim.

MICKEY: Hein? Espera um minuto. Tens estado preocupado com uma criança?

HARRY: Sim.

MICKEY: Porque há alguém aqui a empurrar-se e a dizer: tu tiveste um problemazinho e estiveste um bocado preocupado. Mas eles dizem: não te preocupes, as coisas estão a melhorar.

HARRY: Sim, sinto que é assim.

MICKEY: E as coisas não estão tão más como tu talvez pensas. É, hum, não sei como colocar isto. Tem a ver com associações?

HARRY: Se te percebo bem, sim.

MICKEY: Influências?

HARRY: Sim.

MICKEY: Influências externas?

HARRY: Sim.

MICKEY: Estás um bocado preocupado com outras pessoas a influenciar?

HARRY: Sim, até certo ponto. Sim, estás correto.

MICKEY: Espera, vou resolver isto. Vocês os dois sentam-se num círculo?

HARRY: Costumávamos.

MICKEY: Hein?

HARRY: Costumávamos. Não te consigo ouvir.

HARRY: Costumávamos!

MICKEY: O que queres dizer com "costumavam"? Não o podem fazer agora, então?

HARRY: Decidimos sair.

MICKEY: Porquê?

HARRY: Porque estávamos com as mentes muito baralhadas.

MICKEY: Estavam o quê?

HARRY: Muito baralhadas. De diferentes outras influências. E decidimos...

MICKEY: Queres dizer que não se dedicaram a sério?

HARRY: Em parte, sim. Só em parte. É muito complicado.

MICKEY: O quê?

HARRY: É muito complicado.

MICKEY: Bem, eu não quero dizer a coisa errada, e não me cabe a mim arriscar-me. E tenho a certeza de que ambos são muito sinceros e tudo isso, mas não sei por que tenho de colocar isto. É muito difícil, mas tudo o que quero dizer-vos é que há trabalho que eles querem que façais deste lado, e não deveis...

HARRY: Bem, nós não desistimos, Mickey. Nós sentamo-nos e meditamos e às vezes...

MICKEY: Sim, eu sei, mas sinto que tenho de vos dizer isto, que eles querem que estejais associados a outro grupo, ou querem que formeis um ou que vos liguem a um, porque acho que há trabalho que eles querem que façais, trabalho espiritual, entendes?

HARRY: Sim. Bem, acabaste de dizer algo nessa última frase que podemos aceitar.

MICKEY: O quê?

HARRY: Acabaste de dizer algo nessa última frase que podemos aceitar, e agradecemos-te.

MICKEY: Sim, aceitaram? Não sei se me estou a arriscar. Sabem algo sobre um bungalow?

HARRY: Um bungalow? Oh, isso é um bocado vago, Mickey.

MICKEY: O quê?

HARRY: Isso é um bocado vago.

MICKEY: Sim, desculpa se é vago, mas há alguém aqui ligado a vós dois, e estão a falar de um bungalow.

HARRY: Eu gostava de ter um.

MICKEY: Não, não é bem o que parece. Espera. Tiveram alguma associação com pessoas que tinham um bungalow?

HARRY: Oh, deixa-me pensar. Tu pintaste o nosso bungalow, não foi? Oh, forte. Oh, sim. Sim, eu pintei o bungalow do John e da Jo para eles. Se te referes diretamente, não...

MICKEY: O quê?

HARRY: Se te referes a não muito lá atrás no passado.

MICKEY: Bem, não, é bastante recente, caso contrário... porque eles dizem que estavam a observar-te quando estavas no bungalow.

HARRY: Oh, isso seria o bungalow do John e da Jo em Lobster.

MICKEY: E eles dizem que tu estavas muito ativo e ocupado, e eles estavam a observar-te, e tu gostaste do que fizeste. Muitas vezes pensaste como seria bom se pudesses ter um bungalow.

HARRY: Isso mesmo.

MICKEY: Sim. E sabes quem é a Lil? Lil?

HARRY: Sim.

MICKEY: Sim? Deste lado.

HARRY: Sim.

MICKEY: Há uma mulher que continua a empurrar-se para aqui. Ela está a contar-me coisas sobre ti. Ela diz: "Diz-lhe que eu sou a Lil, ou Lily". Sim. E ela envia o seu amor e bênçãos para ti.

HARRY: Oh, abençoada seja ela também. Obrigado, Mickey. Mas és amigo desse sujeito, então, do bungalow, és?

HARRY: Bem, sim, sim.

HARRY: Poderias dizer isso, sim. Bem, ele é um... bem, ele continua a ser confundido com o meu pai. Ele não gosta muito disso.

MICKEY: Ele o quê?

HARRY: Ele continua a ser confundido com o meu pai, sabes. Caminharemos juntos, se achares que é o momento certo? Vês, o que eu não entendo não é o andar com rodeios. Eu vou arriscar-me. Acho que vocês dois... sabem, vocês são pessoas muito simpáticas e tudo isso, mas estarão a esperar demais das pessoas ligadas a um círculo?

HARRY: Oh querido, possivelmente.

MICKEY: Vês, é uma pena de certa forma, porque eles dizem-me para te dizer que ambos têm empreendimentos espirituais e têm um trabalho espiritual que eles querem fazer e alcançar contigo e através de ti. Eles sabem que tem havido problemas, mas dizem que não querem que feches a porta. Eles querem que sigas em frente.

HARRY: Nós não vamos fechar a porta, pois não?

MICKEY: E acho que eles estão a tentar, e não sei bem como, mas dizem que vão abrir uma porta para ti, mas isso envolver-te-á com outras pessoas.

HARRY: Sim. Sim. Estamos à espera de ser dirigidos. Nós não vamos fechar a porta, pois não?

MICKEY: Tens uma filha?

HARRY: Eu? Não.

MICKEY: Bem, isto é engraçado, porque alguém aqui está a rir-se e a dizer: "isso é para a rapariga". O que pensas da rapariga?

HARRY: Eu sei quem é.

MICKEY: Hein?

HARRY: Eu sei quem é. Do teu lado? Não. Se estou a dizer que sei quem é, não.

MICKEY: Ela está do teu lado [na Terra]. Bem, isto é bastante peculiar, porque eles estão a dizer-me: "o que pensas sobre a rapariga?". E esta é definitivamente uma rapariga do teu lado, e que está de alguma forma associada ou ligada, não necessariamente uma filha.

HARRY: Eu olho para uma criança como minha filha, sim.

MICKEY: Espera. Ah, querido Eddie. Desculpa confundir-te. Tens a certeza absoluta de que não é uma rapariga jovem que às vezes vai à tua casa?

HARRY: Sim, acho que é nisso que estás a tocar.

MICKEY: E ela é amiga de um filho ou algo assim?

HARRY: Não, ela é filha da minha prima.

MICKEY: Bem, não sei por que eles continuam com isto. Estou perplexo. Não sei por que não me conseguem dizer mais diretamente. Mas há alguém que vai ao teu lugar e há uma rapariga, uma mulher jovem, e eles estão um bocado preocupados com ela.

HARRY: Tens a certeza de que não é a mãe? Porque há apenas quatro anos entre nós e conversamos muito.

MICKEY: Não, certamente não. Esta é uma mulher jovenzinha, uma pessoa pequena, e eles estão preocupados com ela.

HARRY: Poderias dar-me uma idade aproximada?

MICKEY: E eles continuam com isso. O que disseste? Há alguém, Ellie. Porque disseste isso? Agora, Ellen, quem é agora? Acho que eles não entendem alguns de mim.

WHITE FEATHER (Pena Branca): Pena Branca. Hm? Pena Branca. Pena Branca. Pena Branca, vem falar. Pena Branca, vem falar. Pena Branca traz bênção e grande rapidez às crianças. Pena Branca vem dizer grande esperança. Um dia, faz o trabalho do espírito. Pena Branca traz poder, muito poder. Sabes, irmão e irmã, Pena Branca tem grande desejo de ajudar irmão e irmã. Pena Branca diz: poder do espírito faz todas as coisas possíveis. Tu não pensas mais do que possível fazer muito. Mas eu digo, Pena Branca diz: muitas coisas ainda por vir. Muitas coisas mudam. Muitas coisas acontecem. Queremos que saibam, irmão e irmã, que temos grande esperança no futuro do trabalho do espírito com ambos. Mas não devem perder a fé em vós mesmos e no poder do espírito. Nós não perdemos a fé em vós. Temos grande fé em vós. Quero que saibas, irmão, eu tenho grande fé em ti também. Tu segues em frente e fortaleces o grande espírito. Tu não perdes o coração, hein? Eu não

bom Inglês, hein? Eu aprendo melhores palavras. Eu entendo, sim. Muito obrigado. Hmm?

MICKEY: Anda lá, Mickey. Quem é que está a tentar? Oh, cala-te. Oh, o Leslie [um guia ou amigo falecido] tem andado muito perto de ti ultimamente, sabes.

HARRY: Oh, tem?

MICKEY: Tens estado consciente da presença dele?

HARRY: Não, Mickey. Receio que não.

MICKEY: Ele diz que eu sou um bocado doente. Ele diz que eu sou um bocado doente. Não sei por que deves pensar isso. Bem, tu disseste-me que eu sempre fui. Bem, de certa forma, fisicamente significou isso. Eu ia dizer mentalmente, mas não o devo ter feito. Não, acho que sentiste que dependias demais dele, não foi?

HARRY: Sim.

MICKEY: Bem, isso é compreensível. Mas ele está por perto. Oh, é adorável. E está aqui alguém chamado Oakwright. Alguém continua a empurrar-se para aqui.

HARRY: Não, não o conheço.

MICKEY: Não, está tudo bem. Não estou incomodado. Não te vais lembrar e saber de tudo de uma vez. Espera um segundo. Está aqui um jovem, um marinheiro. Ele diz que o seu nome é Arkwright. Oh, eu baralhei isso. Espera um minuto. O nome dele é Wright. E ele estava num navio chamado o "Ark". É este. Vocês representam dois círculos, vós todos então?

HARRY: Sim. Sim, representamos.

MICKEY: Sim, obviamente representam, porque embora estejam todos a tocar muito bem e a ligarem-se bem, é como se houvesse dois grupos distintos, sabes. É bastante estranho.

HARRY: Sim, um é um grupo de cura, Mickey, e o outro é...

MICKEY: Sim, talvez seja, mas eu não... Há um... o que era? O Dr. Schmidt está aqui agora. Ele não é... Ele é alemão, creio. Ele cresceu com um

lesbiano [possível erro para 'Leslie'], não foi? O quê? Ele costumava trabalhar no Les. O médico alemão.

HARRY: Costumava fazer o quê?

MICKEY: Trabalhar no Les. Fez ele? Não sei. Acho que talvez...

HARRY: Temos um médico alemão na nossa equipa de ajudantes espirituais. Estou tão interessado naquele jovem casal. Bem, eles não são assim tão jovens, mas sabes.

MICKEY: Acho que vocês dois... devem ter-se ostracizado. Aposto que não sabes soletrar isso, pois não? Bem, sabes o que quero dizer. Sei que tens ideais elevados e tudo isso, o que é tudo muito nobre.

HARRY: Talvez sejam altos demais às vezes.

MICKEY: O quê?

HARRY: Talvez sejam altos demais às vezes.

MICKEY: Não, não acho que tenhamos tido alto demais, mas não sei como colocar isto sem soar mal. Acho que vocês são ambos muito queridos e tudo isso, mas não devem esperar demais das outras pessoas. Sentes que eles nem sempre estão à altura ou algo assim? Acho que és mais tu que és mais mau do que o Robin.

HARRY: O quê?

MICKEY: Acho que és mais tu que és ranhoso do que o Robin. O Robin, ele tem ideais muito elevados. Muito. Eu devo ser. Não sei o que ela está a dizer. É o sotaque. Eu disse que o Robin tem ideais muito elevados. Sim, eu consigo apreciar isso, mas... Sabes, eu gostava de saber como colocar as coisas. Acho que o Robin é um tipo porreiro e tudo isso, e tu és simpática e tudo isso, mas acho que terás de aceitar que algumas pessoas podem não ser exatamente o que esperas. Sabes, ninguém é perfeito, e toda a gente tem as suas fraquezas. E eu sei que queres um círculo que seja de um padrão elevado e tudo isso, e acho que isso poderia vir, mas tens de... Bem... Oh querido, como é que se coloca isto sem parecer vago? Ninguém é perfeito, companheiro.

HARRY: Sim, bem, nós sabemos disso.

MICKEY: Eu ando sempre a tropeçar na minha auréola todos os dias, sabes. Faço-o? Então tropeço na minha auréola todos os dias. Bem, deve custar-te muito Brillo [palha de aço para limpar]. Custa. Estou só a brincar, companheiro.

HARRY: Sim, eu sei, companheiro.

MICKEY: Na verdade, as emanações de aura, como lhe chamas, são muito boas. Não só contigo, companheiro, mas com todos aqui. Quero dizer, o velho Harry, por exemplo. Não se consegue evitar rir. Ele queixa-se um bocado às vezes e tudo o resto, mas é uma boa alma, e nunca está satisfeito. Estás, Harry?

HARRY: Estou. Estou sempre a queixar-me. Nunca consigo o que quero, sabes.

MICKEY: Bem, depende do que queres. Talvez não tenhas tornado isso possível. Talvez não tenhas merecido.

HARRY: Talvez. Possibilidade.

MICKEY: Não sabes isso? Ele não consegue evitar rir. Ele aceita todo o tipo de coisas, companheiro. Claro que aceita. Mas quando eu digo que não faço uma coisa, gosto de a ver feita. Não gosto de ser retido. Para mim, estou a ser retido apenas porque sou demasiado tapado para o ver.

HARRY: Bem, eu poderia dizer, mas melhor não.

MICKEY: Bem, está tudo bem. Diz lá. Eu não me importo. A maioria das pessoas não percebe que são frequentemente o seu próprio inimigo.

HARRY: Sim, eu entendo isso.

MICKEY: E é melhor ir devagar e curto e rápido e partir o pescoço.

HARRY: Bem, sabes o que me tem preocupado, Mickey, logo desde o início de entrar na organização, tem sido a idade. Sempre pensei: por que deveria eu ter mais de 60 anos antes de começar, de qualquer maneira? Por que é que ignoram a partir dos 18 anos? Isso sempre me preocupou.

MICKEY: Bem, eu poderia dizer, mas talvez ainda tenhas um bom tempo pela frente.

HARRY: Sim, eu não sou isso. Bem, ainda assim, parece-me, não é uma *sine qua non*. Desperdicei todos estes anos onde poderia ter ajudado as pessoas e fui demasiado egoísta para pensar noutras pessoas.

MICKEY: Bem, essa é a tua atitude quanto a isso, e és bem-vindo a ela. Mas o ponto é: podes fazer mais em talvez 20 anos do que muita gente fez numa vida inteira. Não podes julgar dessa maneira. Não podes guiar-te pelo tempo, e o tempo em si é uma ilusão. O ponto é que provavelmente tiveste um pensamento de que tinhas de chegar a um estado presente, e levou-te muito tempo a chegar lá.

HARRY: Sim, eu sei. Levou-me muito tempo, tempo demais. Ainda assim, por outro lado, temos...

MICKEY: Mas, por outro lado, isso pode não ter sido totalmente culpa tua. Não. Talvez em circunstâncias fora do teu controlo.

HARRY: Sim, eu entendo isso.

MICKEY: Quero dizer, tu tens também... Como alguém atrás de ti, dar-te-á um empurrãozinho.

HARRY: Sim, porque eu sou um bocado preguiçoso. E se tens alguém que está a puxar na outra direção, como estás? Sim, verdade. Bem, eu sou um bocado preguiçoso, deves admiti-lo, não sou?

MICKEY: Não, tu disseste-o, não eu.

HARRY: Mas tu sabes disso, não sabes?

MICKEY: Não, não sei. Eu não professo saber tudo sobre toda a gente, pois não? Quero dizer, alguns de vós amor, e sou apenas eu. E se não fosse pelos contactos que estou a fazer com pessoas ao teu redor, talvez não pudesse fazer muito. Consigo perceber pela tua aura horrível até certo ponto, mas isso não é tudo. De qualquer forma, eu disse: não, vou tentar.

HARRY: Sim, ainda assim, eu deveria progredir, conseguir lá chegar.

MICKEY: Bem, tu achas que deves, e eu acho que deves, mas se vais fazê-lo ou não, depende de ti. O que eu poderia dizer... tu és um bocado um "caso", tu és, companheiro.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: Tu não vives perto do mar, pois não?

HARRY: Perdão? Não, não vivo.

MICKEY: Está aqui alguém a falar sobre a beira-mar, e sobre algum lugar. O que disseste sobre isso? Conta-me, e eu dir-lhe-ei.

HARRY: Vem e faz tu mesmo.

MICKEY: Não sei por que esperam que eu faça tudo o tempo todo. Quem me dera fazê-lo eu mesmo. Porque às vezes não vou fazê-lo. Quem me dera que te calasses. Digo eu, médiuns. Vocês olham para o Willis? Repara, ele é bonzinho como os médiuns que por aí andam, mas... Valha-me Deus. Eu não conseguia trabalhar com alguns deles. Sim, espera um minuto. Ah, isto vai entrar. Arthur.

HARRY: Arthur?

ARTHUR: Arthur a falar. Olá, Arthur. Olá. Olá. Olá, olá, olá. De nada. Arthur a falar. Harry.

HARRY: Harry. Olá, pai.

ARTHUR: Quero falar contigo. Não me consegues ouvir?

HARRY: Consigo ouvir-te, pai, sim. Arthur. Obrigado.

ARTHUR: Consigo ouvir-te. Tenho estado aqui de pé há não sei quanto tempo, à espera de uma oportunidade com tanta gente. Só queria que soubesses que eu estava aqui. A mãe envia o seu amor.

HARRY: Certo, muito obrigado. Pergunto-me o que te acontece às vezes.

ARTHUR: Continua a falar. Continua a falar. Bem, bem, bem, pai. Como encontras a tua vida? Achas que é feliz?

ARTHUR: Bem, sou feliz que chegue. É contigo que me estou a preocupar.

HARRY: Porquê? O que há de errado comigo?

ARTHUR: Oh, nada exatamente de errado contigo, mas não tens estado muito bem, mas pareces melhor agora, não estás?

HARRY: Sim, estou muito melhor, obrigado.

ARTHUR: E eu estou a ajudar-te também. Obrigado. Obrigado às pessoas do teu lado. Vais ficar onde estás?

HARRY: Perdão? Se vou ficar onde estou?

MICKEY: Ele disse: vais ficar onde estás?

HARRY: Em que sentido queres dizer, pai?

ARTHUR: Vais mudar-te, Harry?

HARRY: Oh, bem, não estou a pensar nisso no momento. Não tenho dinheiro para isso.

ARTHUR: Eu sei, mas não há muito tempo tiveste alguma ideia de que poderias fazer uma mudança. Perguntava-me se chegarias a fazer alguma coisa sobre a mesa.

HARRY: Bem, não, não fiz nada. Tive em mente ir para um lar de idosos, mas ainda não pensei nisso.

ARTHUR: Acho que serias tonto se fizesses a mudança. Acho que estás melhor como estás. Conhecendo-te, nunca te estabelecerias em mais lado nenhum. Ficarias onde estás.

HARRY: Farei isso. Floss. Floss. Florry. Floss.

ARTHUR: A Florry está comigo. Sim. E a Florence está aqui, e também o Charlie. Estamos todos aqui, sabes. A mãe diz olá.

HARRY: Oh, isso é adorável. Obrigado.

MICKEY: O teu pai tem uma multidão de pessoas com ele. Algumas delas provavelmente "bateram as botas" antes de tu nasceres. Uma multidão e tanto. E está aqui um homem que vem ter contigo que era aleijado. Ele não é agora, mas quando estava do teu lado, tinha uma perna mais curta do que a outra, e tinha uma espécie de pé boto. Mas talvez não te lembres dele.

HARRY: Não, não me vem à memória.

MICKEY: Não, não estou incomodado. E evidentemente ele era um amigo do teu pai. Sabes quem é a Kit? Kitty. Kit, ou Kitty, sim, bem, Kitty.

HARRY: Sim, o que raio estava no livro dele?

MICKEY: Bem, eles estão a falar sobre a Kit e a Kate, e o teu pai diz que têm estado muito preocupados com a Kit.

HARRY: Sim, essa é a minha filha.

MICKEY: E ela está a causar-te alguma preocupação? Er... Mãe? Bem, tudo o que te posso dizer... O ponto, tudo o que posso colocar desta forma, ela vive sozinha, não está tão feliz e contente como deveria estar. Bem, tudo o que sei é o que o teu pai não conseguia dizer. Ele tentou passar mais dela. Ele diz: "diz-lhe", ele diz que estamos a fazer tudo o que podemos em relação à Kit, e estamos a tentar ajudar a Kit.

HARRY: Muito obrigado, Mickey. Porque tu és um bocado um enigma, sabes.

MICKEY: E depois também está aqui uma senhora ligada a ti, há muita da tua gente aqui. Está aqui uma mulher que estava a ficar careca, e ela costumava ter de usar uma peruca, ou pelo menos algum tipo de coisa que ela costumava "plantar" na cabeça.

HARRY: Sim, bem, isso lembra-me a minha velha tia Mary.

MICKEY: Bem, ela está aqui, e está a rir-se de orelha a orelha, e diz que tem uma boa cabeleira agora, mas às vezes costumava colocar este "postiço", ou o que quer que seja, e ficava um bocado torto, e ela está a rir-se e diz que tu te lembras dela por causa dessa coisa da peruca.

MICKEY: Podias dizer isso, sim. Bem, ele é um... bem, ele continua a ser confundido com o meu pai. Ele não gosta muito disso. Sim, mas ela disse, hein? Tu atrais muita gente, és um bom psíquico, sabes, mas duvidas de ti mesmo.

HARRY: Obrigado, Mickey.

MICKEY: Tu és um tipo engraçado, não és? Bem, toda a gente diz isso. Não se consegue perceber quem tu és de um minuto para o outro, sabes. Vou colocar desta forma: num minuto estou de bom humor, no outro estou de mau humor. E eu começo, costumo dizer às pessoas o que pensar. Ele nem sempre acredita, mas... Isso não ajuda a fazer bons amigos, pois não?

HARRY: Não ajuda, não.

MICKEY: Quero dizer, não acho que as pessoas devam ter duas caras, mas há uma coisa chamada... o quê, tu não és diplomático.

HARRY: Não é a primeira vez que me dizem isso, Mickey.

MICKEY: Bem, tu não és nada diplomático, pois não?

HARRY: Sou, muitas vezes.

MICKEY: Quero dizer, se puseres um estalinho debaixo das pessoas, elas não ajudam, pois não?

HARRY: Não ajudam, concordo.

MICKEY: Quero dizer, não estou a dizer que devas ter duas caras, mas acho que muito depende de como o fazes, ou de como o dizes. Vês, tu não és nenhum anjo e, de certa forma, és o teu próprio... pior inimigo, digamos assim. Quase o disse, mas... Vês, tu tens algumas qualidades maravilhosas e podias ser um instrumento muito bom, mas tu meio que "pões um pau na tua própria roda", não pões?

HARRY: Oh, ponho, muitas vezes, admito.

MICKEY: Bem, para com isso!

HARRY: Vou tentar, de qualquer forma. Sabes, não se pode pôr uma cabeça jovem em ombros velhos, Mickey.

MICKEY: O quê?

HARRY: Não se pode pôr uma cabeça jovem em ombros velhos.

MICKEY: Eu podia dizer algo, mas não vou. Não, eu pensei que deveria colocar desta forma... Mas tu já devias ter atingido a idade da discrição, ombros velhos ou não.

HARRY: Bem, estou a aprender.

MICKEY: Sabes, numa idade jovem, podes desculpar os jovens por não serem muito discretos, mas não na tua idade.

HARRY: Bem, estou a aprender a ser mais discreto do que era.

MICKEY: Vai levar um tempo do caneco. Oh, não, leva mesmo. Tu és um "caso", tu és, mas eu gosto de ti.

HARRY: Muito obrigado, Mickey.

MICKEY: Tu és uma boa alma, na verdade, e tens boas intenções, mas tens de ser um bocadinho mais diplomático.

HARRY: Vou tentar fazer isso de agora em diante, Mickey.

MICKEY: Não espero que toda a gente ame toda a gente. É pedir o impossível. Mas o ponto é que deves tentar ver o ponto de vista da outra pessoa, mesmo que não concordes, e ser compreensivo. Nem toda a gente é igual. E às vezes dizes: "e daí, é assim que eles são, e daí, eles têm alguns pontos bons", sabes. Não deves, bem, sabes, tens de ser um bocado mais diplomático.

HARRY: Vou tentar, Mickey, de agora em diante. Especialmente se quero fazer o trabalho.

MICKEY: Bem, não vais conseguir fazer muito se começares a chatear as pessoas, pois não?

HARRY: Muito verdade.

MICKEY: Valeu a pena teres vindo, não valeu? Não se consegue evitar rir. Sabes, eu digo às pessoas o que acredito. Porque me estou a divertir.

HARRY: Bem, isso é bom, não é?

MICKEY: Claro que é. Mas sabes, algumas pessoas dão-te calafrios, não dão? E quando vais à igreja, e a reunião lá está toda aperaltada, ou, sabes, algumas daquelas mulheres com as suas pestanas postiças e os seus tiques, e elas dizem: "Oh, abençoados sejam, amigos, sabem, como estão?", sabes, tudo farsa, não é? Suponho que façam um bom trabalho, na verdade, mas aquilo farta uma pessoa.

Bem, estava lá uma mulher, fui a uma igreja, e ela desatou a rir. Ela estava a dar mensagens, vês. E disse: "Eu quero vir à reunião ali", sabes, todas aquelas profecias. E ela descreveu uma senhora em pé ao lado dela. Eu olhei, não consegui ver nada. Sabes, pensei: bem, provavelmente ela está a ver num nível diferente, percebes? E depois ela tentou dar algo a outra pessoa, e eu

pensei: bem, não sei. Então pensei: bem, e se ela me conseguir ver? Então corri pelo corredor acima e abaixo, corri mesmo, e gritei e agitei as minhas mãos. Ela não me viu. Perguntei-me se ela era mesmo psíquica.

Não consigo evitar rir, sabes, é preciso todo o tipo de pessoas no mundo, não é? Mas tenho a certeza de que algumas destas pobres velhinhas, se vissem alguma coisa, caíam mortas de orgulho. Não, quero dizer, sabes, eu não devia, pois não? Mas, quero dizer, elas têm boas intenções, mas às vezes acho que "metem a pata na poça". O quê? Referes-te às mensagens? Sim, quero dizer, tu estás em pé numa plataforma, olhas para as pessoas no salão, e consegues ver as caras delas: "dá-me, dá-me, dá-me, dá-me". E elas riem, olha, elas são tão brilhantes e não sabem.

HARRY: Sim, bem, vês, este é um dos grandes problemas, não é?

MICKEY: Quero dizer, não estou a atacar ninguém, porque eu percebo... quero dizer, se perdeste o teu filho num desastre de carro ou perdeste a tua mulher ou o teu marido, então naturalmente, no início, vais e esperas que haja alguma verdade nisso e possas receber uma mensagem e um bocado de conforto. Isso eu compreendo. Mas muitas destas pessoas continuam por anos e anos e anos, não é? E sentam-se lá todos os domingos à noite esperando receber uma mensagem. E elas não precisam realmente de uma mensagem. E muitas vezes as mensagens que querem são muito materiais. Mas nenhuma delas — quase nenhuma delas — está interessada nas coisas do Espírito.

HARRY: Muito verdade.

MICKEY: E é isso que achamos muito angustiante. Quero dizer, quando venho aqui com os velhos companheiros, sabes, tenho um trabalho a fazer, faço-o o melhor que posso, nem sempre tenho sucesso. Às vezes consigo passar evidência individual e coisas pessoais e as pessoas vêm e ajudam, sabes. E às vezes tens os guias e ajudantes e às vezes é num nível espiritual mais elevado. Muito dependerá de muitas coisas. Mas a vasta maioria das pessoas que parecem ir às igrejas espiritualistas não está interessada na verdade espiritual e na filosofia. Estão apenas interessadas na mensagem. E quanto mais material for, mais elas gostam.

HARRY: Sim, exatamente. Esperam que lhes digam que vão ganhar o totoloto.

MICKEY: Sim, bem, se não for isso, sabes... Quero dizer, consigo compreender uma mulher que perdeu o marido, como vós chamais, fisicamente. E ela está preocupada sobre se vai conseguir pagar as contas ou se deve vender a casa ou o que quer que seja. Consigo compreender que ela sinta falta do conselho do marido e espere que, se ele conseguir comunicar, possa aconselhá-la. E muitas vezes eles fazem-no, se puderem. Mas apanhas tantos espiritualistas que dizem: "Oh sim, sabes, eu acredito na vida após a morte" e tudo o resto. E sentam-se lá domingo após domingo com as suas melhores roupas de domingo, sabes. E mesmo quando a mensagem não é para eles e o médium está um bocado baralhado, eles dizem: "Oh Fred, acho que isso é para mim". Sabes, levantam a mão. Eu chamo-lhes os "ladrões de corpos". (RISO)

Ei, Vicki.

VICKY: O quê?

MICKEY: Posso fazer-te uma pergunta?

VICKY: O quê?

MICKEY: Achas que, como estamos agora a aproximar-nos da viragem do século [estão em 1982], o espiritualismo tem de sair das igrejas?

VICKY: Temos de fazer o quê, companheiro?

MICKEY: O espiritualismo tem de sair das igrejas.

VICKY: Bem, quero dizer, não me cabe a mim dizer, de certa forma. Fizeste uma pergunta pertinente, como lhe chamas, dar-te-ei a minha resposta conforme acredito nela. Vês, a verdade fundamental está por trás de todas as religiões. Se não há vida após a morte, não há sentido na religião, de qualquer maneira. E, depois de tudo dito e feito, todas as religiões, mais ou menos, falam da vida que virá. O que acontece após a chamada morte, percebes. Mas acho que o problema são os credos e os dogmas. Eles separam as pessoas. Na verdade, eles constroem barreiras. Essa é a tragédia total da religião, na verdade. Quando voltas à história e passas pela história, descobres que ao longo do próprio tempo, as religiões nem sempre foram uma coisa boa. Às vezes foram até uma maldição. Separaram os seres humanos. Trouxeram todo o tipo de acontecimentos terríveis, tudo por estupidez e ciúme e mesquinhez e dogma e credo e tudo o resto. Acho que o espiritualismo, até certo ponto, terá

obviamente de estar ligado a igrejas, mas não num sentido ortodoxo. Acho que o movimento espiritualista tem de dar o seu próprio caminho da verdade sem a ajuda de todas as coisas que trouxeram de outras religiões.

HARRY: Sim, percebo o teu ponto de vista.

MICKEY: Quero dizer, depois de tudo dito e feito, não sou anti-ninguém nem anti-nada. Mas o ponto é que o que estamos a tentar fazer é quebrar as barreiras que separam as pessoas. E o que separa as pessoas mais do que qualquer outra coisa, além da política, é a religião, não é? E tens Católicos contra Protestantes e, sabes, todo o resto aqui. E há tanto ódio, malícia e intolerância entre as organizações religiosas. Embora partilhem uma verdade fundamental, não se esforçam necessariamente muito para a tentar provar. Falam vagamente sobre a vida que virá, o que acontecerá, particularmente se por acaso acreditares naquele tipo particular de religião. É uma questão de saber se gostas de Omo em vez de Daz [marcas de detergente], não é? Isso está tudo no teu livrinho onde podes apenas consultar, não está?

Não, eu apenas acho que nós... bem, estamos a apresentar-vos, o melhor que podemos — nem sempre com sucesso — a verdade tal como a conhecemos: que a vida continua, nós não estamos mortos, estamos muito vivos, não nos tornamos subitamente anjos. Não andamos necessariamente a flutuar por aí a tocar harpas e tudo o resto. Somos pessoas reais. E a tua mãe e o teu pai e o teu irmão e a tua irmã ou quem quer que seja, que só está aqui há um tempo razoavelmente curto, ainda é muito a mesma pessoa que tu recordas. Fizeram algum progresso, claro que fizeram. Mas não se tornam anjos subitamente. Não estão separados de ti. E eles vão evoluir gradualmente, como tu evoluirás quando vieres. Mas levará eras, talvez, como tu contas o tempo. O tempo é uma ilusão, de qualquer maneira, não é?

HARRY: Sim.

MICKEY: Enfim, vamos continuar com o trabalho, companheiro. Tu és um bocado um "caso". Eu gosto de ti, mas... oh, tu sabes. Eu podia dizer, mas melhor não. Não, pobre velho Harry. Está aqui um homem. Oh valha-me Deus, estive aqui o dia todo. Ah, sim, tudo bem então. Sim, sim. Sim, eu disse-lhe isso. Sim. Para qual deles é então? Para de fungar.

HARRY: Desculpa, Mickey, não consigo evitá-lo.

MICKEY: Agora ele é um "aye" [referência ao sotaque]. Ele é um "aye", não é? Harry.

HARRY: Olá? Estão todos aqui?

GERALD: É o Jerry. É o Jerry. O meu nome é Gerald.

HARRY: Oh, Gerald.

MICKEY: Anda lá então, Gerald. Anda lá.

GERALD: Eu terei o meu nome.

HARRY: Nós conhecemos-te, Gerald? Anda lá, Gerald. Para quem vieste falar, Gerald? És muito bem-vindo, Gerald. Para quem vieste falar? Anda lá.

MICKEY: Aquele louco ao teu lado, Gerald. Sim, Mickey? Tens estado a fazer trabalho de plataforma?

HARRY: Er, li uma lição uma vez.

MICKEY: Leste uma lição? Isso foi há muito tempo, não foi?

HARRY: Sim. Não, ainda tenho um longo caminho a percorrer antes de fazer isso, Mickey.

MICKEY: Bem, talvez penses que sim, e não digo que nunca tenhas feito, mas, hum, não sei. Isso seria simpático. Eu não percebo. Há várias coisas a acontecer aqui e estou a tentar resolvê-las. Pensei que estavas a falar de algum anexo. Sim, sim. Construção, construção, estás a falar de tipo estender ou algo assim?

HARRY: Sim, estamos a pensar em fazer uma extensão no bungalow.

MICKEY: Sim, bem, está um velho cavalheiro no salão, um homem aqui, muito profundamente envolvido e interessado em ti, e ele diz que tem estado muito interessado na conversa, e tu tens estado a pensar em fazer alguma alteração ou extensão, não tens?

HARRY: Sim.

MICKEY: É neste bungalow, então?

HARRY: Isso mesmo, sim.

MICKEY: Acho que eles vão pôr outro quarto na parte de trás do bungalow. O quê? Ter outro quarto adicionado ao bungalow. Sim, bem, é disso que ele está a falar, então. Porque ele diz que, hum, isso apresenta um problema, no entanto.

HARRY: Oh? O que queres dizer?

MICKEY: Bem, nós não temos dinheiro, é isso que é.

HARRY: Bem, isso é um problema, não é? E quanto à senhora? O que tem ela? Bem... eu não me importo. Tudo bem, tu não te importas, mas... Espera um minuto. Acho que precisamos de uma extensão. Preciso? Acho que precisamos de outro quarto. E aquele está a dizer que tu não precisas, e aquele está a dizer que tu não vais conseguir. Não. Mas... tu vais adorar. Aqui. Fizeste alguma coisa sobre... não sei, isto é tudo muito material. O que disseste? Oh, o Les [Leslie Flint] está a dizer-me coisas. O que é que ele tem andado a fazer? Ele parece muito interessado em vós dois.

HARRY: Oh, isso é simpático da parte dele.

MICKEY: Hum... bem, eu não percebo isto.

HARRY: Qual é o problema, Mickey?

MICKEY: Eu não percebo, mas terás de me calar se eu estiver todo errado. Bem, eu tentei. Sabes algo sobre duas contas?

HARRY: Não.

MICKEY: Contas bancárias?

HARRY: Bem, suponho que uma é uma conta bancária.

MICKEY: A outra é uma Sociedade de Construção?

HARRY: Não, não temos, não, só temos contas bancárias. Só temos uma conta bancária porque o bungalow está pago.

MICKEY: Bem, desculpa se me estou a arriscar, mas, hum... Ele está a rir-se agora, como se fosse uma piada.

HARRY: Bem, anda lá, o que é que ele nos está a tentar dizer, então?

MICKEY: Bem, ele diz uma coisa de cada vez, mas diz que não há razão para não seguires em frente. Mas diz que duvida que possa ser feito este ano.

HARRY: Oh, não, não.

MICKEY: Oh, não. E ele diz que, hum, deem a vós mesmos um pouco de tempo. E ele diz definitivamente que me estou a arriscar. Tu dizes que tens esta conta bancária, mas ele também insiste numa Sociedade de Construção. Bem, é de lá que provavelmente terias de pedir o dinheiro emprestado para construir a extensão.

HARRY: Bem, custaria assim tanto?

MICKEY: Oh, três ou quatro mil [libras], eu diria.

HARRY: Oh. Muito dinheiro.

MICKEY: Bem, ele está a rir-se. Ele tem um sentido de humor estranho. Tem, sim. Ele gosta muito de vós dois.

HARRY: Oh, isso é adorável.

MICKEY: Mas, ao mesmo tempo, ele está, hum, está a falar-me por enigmas. Certo. Ele diz: "se os sapatos servirem, calça-os". Oh. Sabes o que ele quer dizer?

HARRY: Não.

MICKEY: Esse é o sentido de humor de Liverpool dele. Nunca consegui percebê-lo.

HARRY: O quê?

MICKEY: O sentido de humor de Liverpool dele. Nunca consegui percebê-lo.

HARRY: Bem, não sei. Peço-te que o traduzas para inglês, Mickey.

MICKEY: Vocês os dois gostam um do outro, então?

HARRY: Quem? Oh, nós os dois. Sim, sim. Nós casámo-nos.

MICKEY: E ele está a rir-se. Ele diz, bem, ele está a falar do homem. Sim, ele é. Ele é um bocado esquisito.

HARRY: Quem, eu ou ele?

MICKEY: Bem, ambos, nem consigo imaginar. Há um laço entre os dois, verás. Eu sei que ele é um tipo porreiro, o velho Les, mas é um bocado um "personagem". Sim. Estás contente? Eu estou contente. Não percebo isto. Estás a usar algo dele?

HARRY: Não, não.

MICKEY: Nem tu.

PARTICIPANTE: Eu não. Não.

MICKEY: Eu sei quem está, sim. Eu sei quem está. Bem, ele está a rir-se. Diz: "ha ha". Ele diz: "tu tens passado algumas das minhas bugigangas erradamente". Está alguém nesta sala que está a usar algo pertencente a ele. Sim.

HARRY: Muito verdade. É verdade. Sou eu.

MICKEY: E ele diz: "elas são boas para vocês, rapazes". Ele diz: "Eu vou acabar contigo, filho. Vou terminar com isto". Sim. Ele não tem de ir ao alfaiate nem nada. Ele é um bocado um "caso", não é?

HARRY: Sim. Isso é muito evidente. É bom ouvir falar dele, não é?

MICKEY: Sim, ele é um caso. Gosto muito dele. Mas ele é, não sei, é um bocado intrigante. Ele tinha um problema de coração?

HARRY: Tinha, sim.

MICKEY: Ele partiu depressa no fim, então?

HARRY: Não foi pelo coração.

MICKEY: Não, não disse que foi. Não, ele partiu bastante depressa, sim. Porque ele diz que não tem arrependimentos. Diz que tudo o que quer é que tu continues o trabalho. E envia o seu amor e bênçãos. E está muito interessado em, bem, todos vós, na verdade. E está muito divertido com o Robin, mas um bocado irritado com ele.

HARRY: Irritado?

MICKEY: Sim. Porque é que isso te faz [rir]? Não sei exatamente. Não irritado, talvez seja a palavra errada. Mas vês, amor, é tudo muito bom ter padrões elevados. Sim. Mas também tens de, às vezes, descer do topo da montanha.

HARRY: Oh, sim, acho que já desci do topo da montanha.

MICKEY: Porque o Les tinha padrões elevados, não tinha? Ele diz: passo a passo. Sim, sim. Ele parece bastante surpreendido quando isso te serve. Sim, acho que sim. Eu não percebi isso. Sim, não te serve. Acho que sei do que ele está a falar, do que estás a usar hoje.

HARRY: Oh, percebo, sim, sim. Bem, eu estou com os sapatos calçados, na verdade.

MICKEY: Ele diz: tamanho o quê?

HARRY: 10.

MICKEY: 10. Ele diz: "Eu pensei que tu eras só o 9".

HARRY: Não. Dez. Dez.

MICKEY: E quanto à roupa do velho Harry, então?

HARRY: Oh, bem, é um bocado privado.

MICKEY: É o quê? Um bocado privado. Eu estou com as senhoras aqui. Bem, eu tinha um par. Nunca são grandes demais. Oh, eu tenho... Ha, ha, ha, ha, ha. Aquele tipo não se farta de rir. E quanto à roupa interior, então? É disso que eu estou a falar. Ele está a rir-se, diz que tu já não precisas de ceroulas.

HARRY: Isso mesmo, tirei-as e pus estas.

MICKEY: Porque ele está a rir-se, ele estava a observar-te, e ele, ha ha ha, ele apanhou-te de vez.

HARRY: Eu sei, apanhou. Oh meu Deus.

MICKEY: Oh, ele é um caso, não é? Ele é boa gente. Ele ama-vos muito a todos. E quer que todos trabalhem e se unam onde for possível, sabes.

HARRY: Bem, estamos a tentar trabalhar, e esperamos estar a sair-nos bem.

MICKEY: Bem, continuem com o grupo.

HARRY: Estamos a continuar, sim.

MICKEY: Olhem para a forma como foram, não sei, isso é engraçado. O que estão eles a dizer sobre este carro? Carro? Carro, C-A-R. Não o viste no desenho de alguém? Sim, o que tem isso? Qual deles? Oh, não sei. Fizeste uma troca?

HARRY: Bem, não exatamente, não. Bem, sim, estamos a usar mais o meu do que o do John.

MICKEY: Porque ele diz que, hum, notou que... o que disseste? Oh, sim, eu mudei o carro, sim. Ele diz que te livraste do carro velho e que tens um diferente, fizeste uma troca.

HARRY: Sim, porque o velho estava a cair aos pedaços.

MICKEY: Arranjaste algum dinheiro pelo velho e depois investiste neste outro.

MICKEY: É verdade, sim. E esse não é novo. É sim. Bem, ele está a rir-se de orelha a orelha. Sim. Rir de orelha a orelha. O que é que ele estava a dizer sobre este negócio do carro novo?

HARRY: Vendi o velho e comprei um mais pequeno.

MICKEY: Espera um minuto, ele tem um bom sentido de humor, meu Deus. Ele diz que o John está bem.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: Arranjaste um carro novo, então, ou quê?

HARRY: Tenho um carro, mas não é novo, não. Estou a tentar vendê-lo.

MICKEY: Bem, ele está a rir-se, ele sabe de ti e dos teus carros, e da tua pequena montagem, e ele também fala sobre a chaminé. Chaminé? O que lhe disseste sobre a chaminé?

HARRY: Nós não temos uma chaminé.

MICKEY: Não, bem, isto é engraçado, é disto que ele está a falar.

HARRY: A Margaret tem uma chaminé. Conhecíamos bem o Les, temos uma chaminé no nosso bungalow.

MICKEY: E ele diz: "o que aconteceu com a vossa chaminé?". Oh Deus. Mandaste tapá-la?

HARRY: Não, não a mandámos tapar, não.

MICKEY: Margaret?

MARGARET: Sim, sou eu.

MICKEY: Está aqui alguém, espera, além do Les. Alguém mais aqui estava a falar sobre ti. Ouve, quero falar com a Margaret. Como estás?

MARGARET: Olá, como estás? Oh, estou tão feliz por teres vindo.

MÃE DE EDDIE: Oh, estou tão feliz por estar aqui.

MARGARET: Quem és tu?

MÃE DE EDDIE: Não consegues ouvir o que estou a dizer? Sim. A Margaret foi-se. Oh, estou aqui com o Papá. Não consegues ouvir o que aconteceu?

MARGARET: Oh, Mãe, sim!

MÃE DE EDDIE: Oh, estive aqui de pé à espera de uma oportunidade. Tu és a mãe do Eddie, não és? Sim, estive à espera e a esperar e a rezar. Adorável. Que eu pudesse ter uma palavra contigo. Só quero que saibas que estou aqui. Estamos todos juntos agora. George, estamos todos aqui.

MARGARET: O George está aí, está?

MÃE DE EDDIE: Envia as suas lembranças. Oh, eu gostava tanto de poder falar melhor.

MARGARET: Estás a falar muito bem desta vez.

MÃE DE EDDIE: E eu vou às vossas reuniões.

MARGARET: Oh, vais? Adorável. O Papá está aí? Bob.

MÃE DE EDDIE: Bob. Bob.

BOB: Bob a falar.

MARGARET: Oh, sim.

BOB: Bob aqui. Quero falar com ele. Olá, olá.

MICKEY: Olá. Anda lá, amigo. Quem queres? Quem queres, Bob? Bob? Olá, Bob. Ele foi-se, não foi?

BOB: Estou tão, tão, tão feliz por estar perto de ti. Hmm? Hmm? Bob? Não sei se conseguem ouvir.

PARTICIPANTE: Sim, claro que consigo, senhor.

MICKEY: Onde está ele? Acho que é o Bob a falar. Não te consigo ouvir bem, amigo. É o Bob ainda a falar? É muito interessante.

PARTICIPANTE: É sim, senhor. Gostaria de o ver por um minuto.

MICKEY: Sim, claro.

BOB: Estou tão feliz, senhor.

PARTICIPANTE: Tens alguma ideia de onde ele está?

MARGARET: Não.

BOB: Consegues caminhar, amigo? Não te consigo ouvir bem. Margaret?

MARGARET: Eu sou a Margaret.

BOB: Fala mais alto, amor. Não te consigo ouvir. Olá?

EDITH: Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir. O meu nome provavelmente dir-vos-á pouco ou nada. Eu sou a Edith.

MARGARET: Edith? Oh, sim. Tu és a tia da Edith, não és?

EDITH: Abençoada sejas, minha querida. Abençoada sejas, amor. Não sou muito boa nisto, receio.

MARGARET: Estás a ficar mais forte. Consigo ouvir-te.

EDITH: Consigo falar através desta caixa, mas estou tão ansiosa por vós hoje. Estamos todos aqui. Estamos todos juntos agora. Deus te abençoe, amor. Deus te abençoe, amor. Sim. Isto é uma questão de fé. Acho que isso é muito problemático, sabes. Sim, acho. Falo muito a sério. Acho que se continuarem o círculo e se aguentarem e não desanimarem e continuarem, tenho a certeza de que acabarão por descobrir que mais homens se inclinam para as coisas e se desenvolvem. Devem manter-se firmes e não perder a fé, sabem. Estas coisas não se fazem num curto espaço de tempo. Leva um longo período de processo gradual de desenvolvimento. Cada um de vós é importante, sabem. Não devem perder a fé. Olá. Olá.

JOHN: Margaret. Sim? Não tenho a certeza se alguém consegue ouvir.

MARGARET: Consigo ouvir-te.

JOHN: O meu nome é John. Não sou de forma alguma parente. Sou meramente uma de um grande número de almas que se reúnem para ajudar onde for possível. Temos tanta fé e tanta esperança no grupo. Devem ser pacientes. Saibam que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance. Cada um de vós é necessário para o desenvolvimento. Só queremos que perseverem.

MARGARET: Sim, nós iremos.

MICKEY: Estão a tentar fazer algo esta noite? Oh, terão sorte. Eu sei. Não te consigo ver, Doug. Olha, não sei. É um número extraordinário de pessoas que se estão a juntar. Suponho que seja por causa dos círculos factuais e coisas assim. Oh, isso é um bocado um "caso", não é? Outra vez? Bem, tu estás mesmo a gostar.

HARRY: É verdade, estou, Mickey. Estou a gostar de falar contigo, sabes.

MICKEY: Oh, a Violet, ela é bastante, não é?

VIOLET: Sim, estou à espera que fales comigo.

MICKEY: Oh, desculpa, Violet. Achas que estiveste na coisa fria? Sim. Não achas, pois não? Vês, e apanhas as outras coisas. Por que não dás mais de ti?

VIOLET: Bem, eu faço o máximo que posso. Eu faço serviços [na igreja].

MICKEY: Eu sei, mas acho que às vezes as pessoas, o que me dizem, é que há momentos em que te conténs um bocado. Talvez sintas que não tens bem a certeza ou certeza, mas eles estão muito satisfeitos contigo. Acho que tens de ir mais longe. Não sei se sentes que queres ou não.

VIOLET: Oh, sim, sim.

MICKEY: Eles tentam desesperadamente abrir portas, e parecem pensar que, sabes, não deves ser estática.

VIOLET: Bem, estou a tentar não ser, Mickey.

MICKEY: Sim, estás. Continua, Mickey. Aye. Sem muito sucesso. Oh, eu acharia que deverias parecer melhor. Estás a andar por aí, Mickey. Sim, eu sei, mas estou a tentar tocar. Sabes, uma menina vem ter contigo, rapaz. Tenho? Oh, sim. Tu diriges um círculo?

HARRY: Sim.

MICKEY: Está aqui esta menina, não está? Ela anda por aqui há algum tempo. E todas estas outras pessoas. Esta menina é uma criança de cor.

HARRY: Sim.

MICKEY: Alguma vez te falaram dela? Talvez não.

HARRY: Sim.

MICKEY: Podes dizer que temos uma menina de cor, não podes? Ela vem ao vosso círculo com frequência. Já te organizaste, Pee Pee? [Mickey usa um apelido brincalhão]. Bem, não tenho hipótese se não o fizer. Ha, ha, Pee Pee. Esse é um nome novo. Bem, OK. Obrigado, rapariga. Sou eu? Tu devias saber. Eu não gosto disso. Não sei tudo. Mas acho, hum, o que a velha Liz me diz. E ele conta muito. Oh, conta? Isso não é muito simpático. Não, não há nada de radicalmente errado contigo. Estás bem.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: Mas, hum, tu e o velho John, são um casal, não são?

PARTICIPANTE: Não, somos bons... um casal simpático.

MICKEY: Não disse o contrário, pois não? Não, não disse. Tens aquela coisa entupida como uma lata de sardinhas, não tens? Oh, querido. Ele disse que tens essa coisa entupida como uma lata de sardinhas. Oh, provavelmente tenho. Nesse caso, espero que a tua fita esteja a correr. Bem, eu acho, espero que esteja, não é? Sim. Vai dormir, Liz. Mm-hmm. O que é isto? Ele foi dar uma mordidela. O que é que ele está a dizer? Ele disse "vai dar uma mordidela", Mickey.

HARRY: Não julgues todos por ti mesmo. Eu não bebo com frequência.

MICKEY: Tu não o quê?

HARRY: Não bebo com frequência, Mickey.

MICKEY: Tu não o quê?

HARRY: Bebo com frequência!

MICKEY: Disseste com frequência? Sim. Só ocasionalmente?

HARRY: Só ocasionalmente.

MICKEY: Ah, percebo. Qual é o teu espírito favorito então, além de nós? E, er, aguardente e limão. Não falaste com o nosso Mike, pois não, Mickey? Não, espera um minuto. Acho que é engraçado. Ele deve ser um "desleixado". Vou falar com ele agora. Consegues ouvir-me?

MIKE: Certamente que consigo.

MICKEY: Não estás deprimido, não estás, Mike? Mike, então. Assim está melhor.

MIKE: Não, eu não tinha consciência de que estava, de qualquer forma.

MICKEY: Bem, não pensaste que serias deixado de fora, pois não?

MIKE: Não, não, tu chegarias a mim mais cedo ou mais tarde, tenho a certeza.

MICKEY: Bem, não é só isso. É muito fácil dizer coisas, e às vezes elas são mal interpretadas. Mas contigo, acho que é uma pena, porque acho que duvidas demais de ti próprio.

MIKE: A sério? Isso é estranho.

MICKEY: Estranho demais?

MIKE: Isso é estranho. Por que ele diz estranho? Bem, tenho sido acusado de excesso de confiança e disseram-me para esperar em vez de ter dúvidas.

MICKEY: Não, acho que tens, lá no fundo de ti. Acho que recebes, e o que me dizem, tu recebes muito de fora, mentalmente. E acho que às vezes dás para fora porque sentes que é o que tens de fazer, o que deverias fazer em qualquer caso. Mas não deves conter-te de forma alguma, embora possa haver quem te aconselhe a conter-te. Mas o ponto é que, claro, às vezes pode haver complicações, mas eles dizem-me que querem que sigas em frente. Vês, eu tenho de ser... O que disseste? Eles dizem que a tua mediunidade é de natureza mental, e eles apenas querem que dês conforme recebes. Não te preocupes com isso, porque mesmo que às vezes algumas pessoas digam que não entendem, há uma razão e um propósito. Eles estão a tentar ao máximo dar-te visualização e impressões mentais, e também estão a tentar ajudar-te. Sentes às vezes como se estivesses a flutuar para longe?

MIKE: Sim e não. É difícil definir quando estás a flutuar e quando não estás, e se estás ou não.

MICKEY: Bem, do que estou a falar é: sentes às vezes como se estivesses lá e não estivesses completamente lá? Porque eles dizem que estão a tentar trabalhar contigo e através de ti mentalmente, e podes encontrar-te num estado de semi-transe, e eles estão a tentar trabalhar através de ti dessa forma. É isso que eles querem fazer.

MIKE: Sim, bem, aconteceu, acho eu, provavelmente em duas ocasiões que eu consegui reconhecer. Só isso.

MICKEY: Sentes que estás a ser travado então? Podes ser franco comigo.

MIKE: Posso? Não, não sinto que esteja a ser travado, nem me sinto conscientemente a ser empurrado para a frente. É uma situação de muito "esperar-e-deixar-as-coisas-desenvolverem-se".

MICKEY: É isso, mas o ponto é que há certas almas que estão a tentar desesperadamente trabalhar contigo e através de ti e a usar-te, e também para

cura. Há um caminho para curar aí. Mas não acho que esse vá ser necessariamente o único trabalho. Podes fazê-lo, mas sinto — quer aceites isto ou não — que eventualmente, ainda não, eles querem que faças a plataforma [falar em público].

MIKE: Bem, esse é precisamente o ponto. Vês, disseste "eventualmente, ainda não". Bem, é nisso que estou meio que a aguentar-me, à espera que algo se desenvolva.

MICKEY: Eu não acho que ainda seja a altura. Pelo que me dizem, vês, tu consegues fazê-lo, poderias fazê-lo, mas ao mesmo tempo eles estão a tentar fortalecer-te de alguma forma, e chegará o tempo em que tu irás, quer o esperes ou não — tu esperas de certa forma — mas é como se fosses empurrado. Sim. Sabes, é extraordinário. Não te consigo dizer exatamente como ou porquê, mas eles dizem que quando o momento for o certo, acontecerá de uma forma que bem poderá surpreender-te, e dizem que se tiveres a fé e a competência, que obviamente tens, dizem que trabalharão contigo e através de ti, e usar-te-ão num estado de semi-transe, porque te vais ver a "pregar" e a dizer coisas que não são necessariamente de ti mesmo, como se estivesses a ser impressionado ou inspirado, mas não deves conter-te.

MIKE: Não.

MICKEY: E sabes que tens um clérigo que te ajuda?

MIKE: Não.

MICKEY: Bem, há um. Pode não ser aparente para ti no momento, mas há um homem que vem ter contigo que dizem que espera eventualmente ser capaz de te usar para falar e elevar as pessoas. Ele não tem uma mentalidade religiosa no mesmo sentido agora, mas quando na terra, ele obviamente, pelo que me dizem, era um membro do clero. Espera um minuto. Tens estado a ler algum livro relacionado com o lado espiritual das coisas?

MIKE: Recentemente não.

MICKEY: Bem, este homem... não estou a dizer que tu... acho que este homem, além dos outros que lá estão, está muito ansioso por que te desenvolvam e evoluas no sentido de seres usado de uma forma pública, e é óbvio que eles querem impressionar-te, e muito da tua mediunidade será por uma espécie de forma de "ofuscamento" mais do que qualquer outra coisa,

talvez. Mas não sei. É um bocado um enigma aqui, porque também tens estado sentado para mediunidade física?

MIKE: Não.

MICKEY: Porque há uma força física e energia aí. É como se pudesses ir em duas direções, ou talvez em ambas, mas não parece no momento que haja muita probabilidade de um círculo físico, mas acho, vês, que tens muito poder e vitalidade, e acho que no momento estás, bem, não estás exatamente parado, mas por que não dizes algo?

MIKE: Tu dizes-me, mas eu prefiro que o faças tu.

REVERENDO ELLIOT: Acho que isso é altamente provável, mas duvido que consiga gerir isso agora. O quê? Acho que não percebes bem, e talvez não haja razão para que percebas nesta fase, mas temos, bem, um tal desejo de que eventualmente sejamos capazes de manipular e utilizar o poder que abunda ao teu redor.

Eu, particularmente, estou muito ansioso por usar-te na forma de um instrumento que eu possa usar para falar às pessoas. Estou muito ansioso por ajudar e não apenas dar-lhes a perceção desta verdade no sentido de que a vida continua após a chamada morte, mas quero muito dar mais conhecimento e experiência às pessoas sobre como é a vida deste lado. Tanto é evitado, e não necessariamente de propósito, mas muito poucos deste lado da vida parecem ser capazes ou ter a oportunidade, talvez, de dar uma descrição mais detalhada da vida.

Claro, há muitas esferas de diferentes níveis de acordo com a aspiração, evolução, desenvolvimento de cada um. O que se aplica num caso não se aplica necessariamente noutro. Tudo depende do indivíduo, claro, mas estou muito ansioso por que nalguma data futura, quando tiver a certeza de que será possível, trabalhar contigo e através de ti. Claro, o círculo é uma ajuda tremenda na medida em que é o campo de treino até certo ponto, mas previ que a possibilidade que se avizinha é para o trabalho na plataforma, onde se poderá chegar a muito mais pessoas. Este é o nosso desejo, certamente o meu. Claro, tens de ser paciente com estas coisas. Tens de ser paciente contigo próprio, porque quando eu estava do teu lado, receio que era bastante limitado pelo meu passado, criação, treino, sabe Deus o que mais. Eu estava vagamente consciente do espiritualismo. Quando digo vagamente consciente, lembro-me de ler alguns artigos do Sr. Bailow, que também era um membro da fé, mas

que se envolveu profundamente em questões psíquicas e espiritualistas, escreveu vários livros, que achei muito interessantes.

Eu não estava muito convencido, claro, mas agora estando deste lado, não posso fazer de outra forma senão estar assegurado da realidade destas coisas, mas estou a ajudar a reunião hoje. A propósito, o meu nome é Elliot, Reverendo Elliot. Virei a ti novamente. Não necessariamente aqui. Claro que virei se vieres aqui novamente, mas como um tipo de contacto de evidência. Virei e farei uma ligação contigo num lugar totalmente separado e à parte deste lugar como uma espécie de prova para ti, porque percebo — não que estejas a ser um "Tomé" — mas acho que é importante nas fases iniciais ter evidência para estas coisas. Farei um contacto contigo a milhas daqui. Veremos isso. Vem outra vez se puderes. Certamente. Abençoado sejas. Não te preocupes. Apenas continua. Eu abençoar-te-ei também. Tudo de bom. Tenho de ir. Adeus. Obrigado.

MICKEY: Adeus. O poder está a fraquejar. Adeus. Adeus. Receio que o poder se esteja a ir e tenho de ir, mas fiz o meu melhor. Espero que ninguém esteja desiludido. Mantenham o queixo erguido. Os queixos duplos também! Enfim, adeus. Adeus. E Harry? Sim? Um e um. Adeus. Adeus, Maggie. Adeus, Maggie. Até já. Adeus. E tudo de bom. Volta a ti próprio. Veremos como te vais saindo. Adeus. Obrigado. E gosto daquela referência ali. Sim, boa referência. Oh, é uma tempestade. Adeus. Adeus. Adeus, Mickey.

ENCERRAMENTO DA SESSÃO (CONVERSA ENTRE OS PARTICIPANTES):

PARTICIPANTE 1: É mesmo difícil, não é, no fim? Perguntei-me ao início se íamos conseguir alguma coisa. Vou acender a luz num minuto. Aqui. Agora, num momento, a luz vai parecer muito brilhante, claro.

PARTICIPANTE 2: Oh, o Mickey foi muito engraçado às vezes, não foi?

PARTICIPANTE 1: Sim. Ele afeiçoou-se a ti também, não foi? Muito agradável. Nem um bocado desiludido.

PARTICIPANTE 2: O quê?

PARTICIPANTE 1: Nem um bocado desiludido.

PARTICIPANTE 2: Oh, graças a Deus por isso. Tarde adorável. Sim. Bastante tempo, achei eu. Bastante filme [fita]. Ouvimos uma das fitas dele que o Joe nos emprestou. E ele estava em alguns episódios lá, e nós meio que nos apaixonámos por ele na altura.

PARTICIPANTE 1: Sim, ele é um encanto. Vou ter de parar a fita, porque continuo a rir-me tão alto. Estamos a perder metade disto.

PARTICIPANTE 2: Eu sei, receio que sim. Não acho que vá ter mais do que um bocado. Esse não é o ponto. Tu aproveitas a tua alegria, não aproveitas? Tiraste a tua mesa? Tenho um lado. Não acho que o outro lado esteja lá. Importar-te-ias muito se eu desaparecesse agora?

PARTICIPANTE 1: Não, não, não.

PARTICIPANTE 2: Tenho de voltar. A chuva continua. Está a começar a chover agora. Sim. Agora, um bocado de natureza. Oh meu Deus. Está a começar a chover. Vou chegar atrasada. Está a começar a chover. Vou chegar atrasada. Que raio há de errado com isto? Está a começar a chover. Fico feliz que isto tenha sido útil, mas tenho de ir, tenho de ir aos correios.

Notas:

1. *A Identidade dos PARTICIPANTEs: Harry e Jojo parecem ser o casal de PARTICIPANTEs desta sessão. Harry é identificado como um curador espiritual e alguém que faz leituras em público, embora se sinta inseguro quanto ao seu progresso.*

2. *A "Bolha no Pé": Este é um detalhe de "evidência mundana" clássico de Mickey. Ele nota que Harry tirou os sapatos e brinca com o facto de ele ter uma bolha no pé por causa do calor e da idade.*

3. *A Crítica aos Médiuns "Elevados": Mickey faz uma crítica humorística aos médiuns que usam uma linguagem excessivamente piedosa ou pretensiosa ("dou-te calafrios"), reafirmando que no mundo espiritual as pessoas continuam a ser naturais e humanas.*

4. *A Identificação de Maria Teresa e Andrew:*

    - *Maria Teresa: Apresenta-se para encorajar o círculo de Buckingham.*

- *Andrew: Um escocês (com sotaque marcado no áudio original) que se identifica como um dos guias espirituais de Harry, acompanhando-o no seu trabalho de cura.*

5. *A Prova do Bungalow: Mickey traz à tona um detalhe específico — o facto de Harry ter pintado o bungalow de uns amigos (John e Jo em Lobster). Harry inicialmente acha vago, mas depois confirma a atividade recente, o que serve como prova de que os guias o observam nas suas tarefas diárias.*

6. *A "Kit" e as preocupações familiares: Esta parte da fita mostra o lado pastoral da mediunidade. O pai de Harry (Arthur) vem expressar preocupação pela neta, Kit, que vive sozinha e não está feliz.*

7. *O Lar de Idosos: A conversa sobre a mudança de Harry para um lar de idosos é muito humana. O espírito do pai aconselha-o a não ir, conhecendo o temperamento do filho.*

8. *A Identidade de "White Feather": Surge uma entidade de estilo "nativo-americano" (muito comum no espiritualismo britânico da época), que traz uma mensagem de poder e encorajamento, prometendo que Harry fará um grande trabalho espiritual no futuro.*

9. *A Peruca da Tia Mary: Outra prova clássica. Mickey descreve o "postiço" torto da Tia Mary, algo que Harry reconhece imediatamente, trazendo humor e veracidade ao contacto.*

10. *A Confusão de Nomes (Arkwright): Mickey admite que baralhou o nome da entidade (Wright) com o nome do navio (Ark), o que é um detalhe interessante sobre como a informação é recebida mediunicamente — por vezes como imagens ou conceitos que o guia tem de interpretar.*

11. *Humor e Intimidade: Esta sessão é famosa pela menção à roupa interior (ceroulas) de um falecido (presumivelmente um amigo chamado Les) que Harry estava a usar. Mickey usa este detalhe para provar que os espíritos veem as nossas ações quotidianas e mantêm o seu sentido de humor.*

12. *A Crítica ao Espiritualismo de "Mensagem": Mickey faz uma análise profunda sobre o estado das igrejas espiritualistas, criticando as*

pessoas que apenas procuram conforto material ou previsões de fortuna (ganhar o totoloto), em vez de se focarem na filosofia e no crescimento espiritual.

13. *A Visão das Religiões: Mickey oferece uma visão universalista, afirmando que as religiões muitas vezes separam as pessoas com dogmas inúteis ("Omo vs Daz"), quando a verdade da vida após a morte deveria unir a humanidade.*

14. *Identidades: * Les (Leslie): Um amigo falecido de Harry que parece ter sido um "personagem" de Liverpool, com um humor muito específico.*

15. *Gerald (Jerry): Uma entidade que tenta comunicar mas é um pouco "atropelada" pela energia do Mickey.*

16. *Kit: A filha de Harry, que é alvo de preocupação por parte dos espíritos.*

17. *A "Chaminé" e as Provas: A menção à chaminé bloqueada ou inexistente é uma técnica clássica de Mickey para estabelecer contacto. Ele usa pequenos detalhes da casa dos PARTICIPANTEs (bungalow) para provar que os observa.*

18. *A Menina de Cor: Mickey identifica a presença de uma "criança de cor" (termo da época) que acompanha o círculo mediúnico de Harry. Isto sugere que as equipas espirituais são diversas e não se limitam a familiares.*

19. *O Reverendo Elliot: Este é o ponto alto da fita. Elliot representa o clérigo que, ao morrer, percebe que a religião dogmática é limitada. Ele agora quer usar o PARTICIPANTE Mike como um "instrumento" (médium de fala/plataforma) para dar descrições detalhadas da vida no Além, algo que ele sente que é raramente feito com precisão.*

    A Aura de Mike: Mickey e Elliot descrevem a mediunidade de Mike como sendo de "natureza mental" e sugerem que ele será usado em estados de "semi-transe" ou "inspiração", sendo "ofuscado" pela entidade que fala através dele.

20. *O Desfecho Humano: O final da fita, com os PARTICIPANTEs a rirem-se e a preocuparem-se com a chuva e a ida aos correios, é um*

lembrete maravilhoso de como estas sessões "sobrenaturais" estavam integradas na vida quotidiana mais simples e normal de quem as realizava.

SESSÃO: ROBIN EVANS / CÍRCULO NA SUÍÇA

10 de Novembro de 1983

Esta sessão foi gravada a 10 de novembro de 1983, na Suíça (New Denver). Embora o título identifique Robin Evans, a fita é uma demonstração rica da mediunidade de Leslie Flint, com a presença marcante de Mickey e da entidade Maria Teresa.

O diálogo foca-se em evidências familiares para os PARTICIPANTEs (Joey, Harry, Brian, Ron) e em conselhos espirituais sobre o desenvolvimento das suas capacidades.

Médium: Leslie Flint | Guia: Mickey

PARTICIPANTEs: Joey, Harry, Brian, Ron e outros.

MICKEY: Olá, olá. Lembro-me de ti. Também me lembro de ti. Tu és o Robin. Sim. Essa é a tua patroa (*missus*), não é? Sim, é isso. Lembro-me da loirinha (*Blondie*). Sim. Obrigado. Vocês não esperavam ver-nos outra vez, pois não?

PARTICIPANTE: Porquê? Bem...

MICKEY: Nós não víamos como poderíamos organizar as coisas para vir uma segunda vez, mas tudo se encaixou. Então estamos aqui agora. Bem, eu não sei o que... o que queres dizer exatamente? Não sabias que as pessoas podiam vir uma segunda vez? Bem, as coisas tornaram-se um pouco complicadas. Como poderei dizer? Em termos de dinheiro. Em termos de dinheiro, sim, mas também em termos de situação. O que queres dizer, conseguir tempo livre no trabalho? Não. Não. Não. Encontrar as pessoas certas para virem connosco.

Bem, isso está tudo bem, não está? Sim, tudo bem. Isso é muito "tudo bem". As pessoas estão lá, de qualquer forma. E depois, em volta de todas essas pessoas ali, há muita atividade. E havia muita gente também. E eu

descubro quem é quem e o que é o quê. Lamento se tiveram de esperar um pouco, mas a culpa não é minha.

PARTICIPANTE: Oh, nós não nos importamos. Não nos importamos, Mickey.

MICKEY: Aquela pequena senhora, ela é um bocado um "caso", não é? Aquele pequeno ponto. Pequeno quê? Pequeno ponto. Eu sei de quem ele está a falar. Eu sei de quem ele fala. Sim. Aquela pequena senhora. Como estás, amor?

PARTICIPANTE: Estou bem. Obrigada, Mickey. Como estás tu? Estás bem?

MICKEY: Porque há pessoas à tua volta e da tua mãe. Eu sei. Consegues ouvir o que eu digo?

PARTICIPANTE: Sim, consigo ouvir-te.

MICKEY: Há pessoas à tua volta e da tua mãe. E da minha mãe. Sim. Sim, um número de pessoas à tua volta e da tua mãe também. Estão a dizer-me que têm estado a tentar ajudar. Tiveste algum problema com ela? Com a minha mãe? Sim, sim, suponho que sim. A tua mãe está a ficar velhota, não está?

PARTICIPANTE: É verdade, sim.

MICKEY: E ela teve um problema ultimamente e a saúde dela não tem estado boa. E há dois médicos a trabalhar na tua mãe, a tentar ajudá-la. E são dois médicos que têm estado a trabalhar em ti também.

PARTICIPANTE: Oh, a sério? Provavelmente é por isso que ando de pé então.

MICKEY: Não, o que é que ela diz? "Provavelmente é por isso que ela anda de pé tão depressa, Mickey". Ela é um bocado um "caso", não é?

PARTICIPANTE: Sim, ela é, na verdade. Dizemos-lhe isso com regularidade.

MICKEY: Mas a tua mãe... não sei se devo dizê-lo, porque às vezes a pessoa mete a pata na poça. Mas a tua mãe, ela não é a pessoa mais fácil, pois não?

PARTICIPANTE: Não, não é.

MICKEY: Não quero dizer isto por maldade, mas está aqui um homem velho que... bem, ele não é velho agora, e ele é um homem, e ele diz que ela é um bocado um problema e ele tenta ajudá-la. Ela fica muito tensa e irritável, não fica?

PARTICIPANTE: Sim, fica. Ela não o consegue evitar, pobre velhinha, suponho eu. Ela teve uma vida difícil.

MICKEY: O quê? Eu disse que ela teve uma vida difícil. Sim, bem, e daí? Sim, eu disse que teve, mas atenção, ela não está muito em forma. É tudo problemático, como lhe chamam. Quero dizer, olha, aqui vou eu agora, estou a rir-me. Mas ela é do tipo antigo. Está aqui um homem que quer falar contigo, e ele está muito preocupado com a tua mãe. Sim. Olá, meu amigo.

PAI DO JOEY: Olá. Consegues ouvir-me, mãe da casa? Mãe da casa? Responde, Joey. Sim, consigo ouvir-te. Quem está aí a falar? É o teu pai, Joey.

JOEY: É o teu pai? Sim. Continua a falar. Sim. Olá, Pai.

PAI DE JOEY: Estávamos a tentar ajudar o melhor que conseguimos deste lado, mas não sei se... eu gostava de poder fazer mais para ajudar. Consegues ouvir-me? Sim, consigo ouvir-te. Eu venho ver-te com frequência, sabes. E, Mãe, consegues ouvir-me? Sim. O Will, o Will está aqui. Consegues ouvir o que ele está a tentar dizer? Sim, consigo ouvir-te. Preciso de ver se há outras pessoas. Está aqui alguém chamado Will também. Will? Sim. Não. Não me consigo lembrar de nenhum Will.

MICKEY: Não, não tens de te incomodar. Se não te consegues lembrar, não consegues, pois não? Não. Mas ele está aqui com vários parentes, e eles estão terrivelmente ansiosos por ajudar o melhor que podem deste lado. E a tua mãe, porque a tua mãe... Oh, meu Deus. A tua mãe tem quase 80 anos?

JOEY: Sim, ela está a caminhar para lá.

MICKEY: Bem, tu não pareces... não sei, Mãe. Querias perguntar alguma coisa, então? Eu? Sim. Não, acho que não. Não estás assustada, pois não, querida? Não, claro que não estou. Bem, o que se passa contigo? Estás a tentar tagarelar e ajudar e isso? Pareces um bocado feliz, ansiosa, percebo.

PARTICIPANTE: Eu não vejo o meu pai desde que tinha cinco anos, percebes.

MICKEY: O quê? Eu não vejo o meu pai desde que tinha cinco anos, por isso é um choque para ele fazer isso. Bem, ele está aqui, e está terrivelmente preocupado contigo e com a tua mãe, e ele vem e tenta ajudar-te. E há também outro homem com ele que morreu de forma muito trágica, e a morte dele foi, bem, instantânea, porque ele foi morto, percebes. Sim. Sabes quem é? Sim, provavelmente, sim. Certo? Sim. Estás bem onde estás, companheiro? Sim, estou bem. Tu és uma coisinha engraçada, não és? Não sou. Não, eu acho que és muito doce, e tens muito que aguentar de uma forma ou de outra, não tens? Suponho que sim, sim. Bem, estou habituada a isso, de qualquer forma. Sim, bem, tudo bem. Quero dizer, bem, não importa, esquece.

Engraçada, não é? Sim. Ela não tem mau gosto. O quê? Ela não tem mau gosto. Não, eu acho que ela é uma senhora notável. Ela tem muito que aguentar, mas sorri através de tudo, não é? Mas o pai dela tem estado muito perto dela a vida toda, e ele está muito ansioso para que ela saiba que ele está aqui, e ele tem tido interesse nela e tentado ajudar a mãe dela também.

PARTICIPANTE: Isso é muito simpático, Mickey.

MICKEY: O quê? Eu disse que é muito simpático saber isso. Sim, e vou dizer-te uma coisa, embora não saibas muitas das coisas que eu poderia dizer-te, e provavelmente a tua mãe saberia, também está aqui um homem que morreu muito tragicamente. Ele morreu afogado no mar. Afogado no mar? O quê? Eu disse afogado no mar. Sim. Alguém que a minha mãe provavelmente conhece, eu não. Sim, provavelmente não conhecerias todas estas pessoas. Provavelmente um avô. Sim. Ela teve dois irmãos que morreram tragicamente. Há uma tal multidão de gente, a tua mãe e o teu pai, e realmente, oh meu Deus, e alguém que morreu num acidente também. Um homem jovem. Sim. Tu fazes cura, então?

HARRY: Sim.

MICKEY: Bem, deverias sentir algum benefício disso, companheiro.

HARRY: Sim, sinto.

MICKEY: Claro, não estarás a 100%, mas quem estará? Quero dizer, até os melhores 800 estão lá. Apanham uma dor de dentes ou algo corre mal. É

isso mesmo. Tu estás bem, Sammy. Aquele homem que está sentado ali na frente, ele tem muito poder, não tem? Ele é uma pessoa muito psíquica. Ele sabe disso? Qual deles, Maggie? Não sei se ele se apercebe. Ele faz cura, não faz? Qual deles, Maggie? Sim. Dois. No canto ou no meio? Bem, acho que para o meio ali. Sim. Estás acordado, Ron?

RON: Sim, estou aqui.

MICKEY: Porque eles estão a falar-me sobre ti, e dizem que tu tens um poder tremendo para curar, e também há muito poder físico aí e tudo, e há muito desejo do lado de fora que tu continues, e então eles explicam.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigado por lhe dizeres isso, Maggie.

MICKEY: O quê? Obrigado por lhe dizeres isso. Bem, acho que ele fica farto. Sim. E o que me dizem, ele duvida muito de si próprio, percebes, e ele tem boas intenções e tudo isso, mas ele pensa, oh, bem, sim, talvez assim ou assado, mas acho que tu tens muito mais do que aquilo que te dás crédito. Pára de te preocupar com isso e deixa-o continuar. Sim. E a Flora está lá também. Alguma senhora aqui chamada Florence, ela parece muito interessada nele. Espera, vou descobrir mais detalhes. Há também aquele monge.

PARTICIPANTE: Exatamente, sim.

MICKEY: Um dos teus guias, teus ajudantes, há este monge. Sim. Tiveram algum contacto com ele antes, creio eu.

PARTICIPANTE: Sim, tivemos.

MICKEY: E há também esta senhora muito bonita, e ela é realmente adorável, e ela não é parente ou ligada dessa forma, mas chamavam-lhe Florence. Não vale a pena estares a "queimar as pestanas" porque não a conhecerias. Espera, Colt. Estou a tentar. Tu és um "caso" difícil, não és? Sim, muita movimentação a acontecer por ali. E aquele outro cavalheiro, eu recebo muita... não sei, tens estado a tentar fazer algo com as mãos, companheiro?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Hein?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Algo criativo. Sim. Porque eles estão a dizer-me deste lado, para eu te dizer, eles têm grande esperança em ti, mas é de uma forma criativa, e acho que serás inspirado e impressionado a usar as mãos, e há muita cor, também, a ser-me dada contigo. Estás interessado em fazer algo bastante especial, ou disseram-te que deverias estar a fazê-lo, ou quê?

BRIAN: Acho que me disseram que eu deveria estar a fazê-lo.

MICKEY: Nunca sentes o impulso de o fazer?

BRIAN: Sim, sinto, mas as circunstâncias impedem-me, sim.

MICKEY: O quê? Certas circunstâncias impedem-me de o fazer. Oh, isso é uma pena, não é? Porque eles estão muito ansiosos por fazer algum trabalho criativo através de ti, e acho que deve ter a ver com pintura ou desenho e coisas desse género. Acompanhas ou não?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Não estás infeliz, pois não? Perdão? Não estás miserável, pois não, companheiro?

BRIAN: Bem, tenho estado, sabes, no passado.

MICKEY: Bem, espera um momento, há muita gente... Vês, vocês dois tipos sentados juntos assim, há muita energia e poder, e há muita atividade a acontecer à volta de vós dois, e eles estão a tentar desesperadamente construir ali, e eu estou a tentar ligar-me, e tu tens algo no teu bolso que pertenceu a uma senhora.

BRIAN: Não, acho que não.

MICKEY: Tens, Brian?

BRIAN: Eu não tenho uma morada. Ouves-me? Eu tenho a morada de uma senhora no meu bolso, sim.

MICKEY: O que é que ela diz? "Eu tenho a morada de uma senhora no meu bolso". Sim, mas eu estou a falar de uma senhora que não está do teu lado, estou a falar de uma senhora deste lado.

BRIAN: Não, não me parece, não.

MICKEY: Bem, espera. Está aqui uma senhora a dizer-me, e ela está a falar-me de um anel. Um anel? Agora, por que é que ela insiste nisto? Talvez não seja... Eu não percebo isto. Não consigo resolver isto contigo. Oh, cala-te.

MARIA TERESA: Não sei se me conseguem ouvir. Eu quero vir falar convosco, mas não sei se me conseguem ouvir.

PARTICIPANTE: Conseguimos ouvir-te, amiga, abençoada sejas.

MARIA TERESA: Maria Teresa. O meu nome é Maria Teresa. Quero que saibam que estou aqui. Estou a tentar, sabem, ajudar-vos. Eu venho à vossa pequena reunião, e estou ansiosa, sabem, por ser útil. Há muitas pessoas que vêm ajudar-vos, e estamos muito ansiosos, sabem, por sermos capazes de fazer algo muito bom em breve. O poder está lá, sabem.

PARTICIPANTE: Obrigado.

MARIA TERESA: Mas têm de ser muito pacientes. Não conseguem ouvir o que eu digo?

PARTICIPANTE: Sim, ouvimos-te.

MARIA TERESA: Não tenho a certeza se conseguem ouvir. Tento falar mais alto.

PARTICIPANTE: Conseguimos ouvir muito bem. Obrigado. Obrigado, Maria.

MARIA TERESA: Aquele cavalheiro convosco. Eu gostaria muito de falar, sabem. Olá. Olá. Olá.

MICKEY: Acho que ela está a falar contigo, Brian.

BRIAN: Estás a falar comigo, Maria?

MARIA TERESA: Não, *monsieur*. Não sei se compreenderão isto, porque há certas pessoas aqui que estão muito próximas e muito ansiosas por que saibam. Elas têm grande esperança em vós. Mas tens um problema, claro, neste momento, mas ele passará, *monsieur*. E há certas dificuldades para ti, mas elas mudarão, sabes. Mas elas têm grande esperança em ti num sentido espiritual e artístico, num sentido criativo também. Acho que poderias ficar, como se diz, muito surpreendido com o que poderá ser feito mais tarde. Mas, neste momento, as circunstâncias são complicadas talvez, mas mudarão. Se

houver algo que eu possa fazer por ti, *monsieur*, se quiseres perguntar-me algo.

BRIAN: Viveu em França? Perdão? Viveu em França?

MARIA TERESA: Durante vários anos, mas estive num convento, *monsieur*.

MICKEY: Ah. Ela era uma freira. Ela era uma irmã num convento, e está muito interessada nas pessoas e em ajudar e desenvolver e esse tipo de coisas. Alguma vez entraste noutras escolas?

BRIAN: Bem, havia uma escola que eu conhecia que tinha freiras nela.

MICKEY: Tiveste alguma ligação com uma escola em Inglaterra, de todo? Em quê? Em Inglaterra. Eu não acho que ela tenha tido nada a ver com a Inglaterra e escolas, companheiro. Não, eu estava meramente a perguntar-te se, quando eras miúdo, tiveste algo a ver com o Catolicismo Romano e isso.

BRIAN: Não, não. Não sou Católico Romano.

MICKEY: Não, eu sei que não és agora.

BRIAN: Não, não era, não. Eu ajudei numa escola Católica Romana numa altura.

MICKEY: Bem, é isto mesmo, vês. Acho que é a isso que ele se refere. Vês, eu acho-te um tipo interessante, e acho que tu próprio não percebes bem a tua capacidade. Acho que, até certo ponto, as circunstâncias, sem dúvida, tornaram as coisas difíceis, mas tu devias estar a fazer algo muito mais criativo, e acho que o farás mais tarde. Vais sentir o impulso e vais descobrir que vais alcançar certas coisas e vais usar as tuas mãos, e não há como negar que... não sei, talvez não devesse dizê-lo, mas parece que suponho que toda a gente é empurrada na vida para certas circunstâncias, mas não sei, provavelmente ganhaste a vida com tudo e mais alguma coisa, mas não era exatamente o que tu realmente alguma vez quiseste fazer, pois não?

BRIAN: Hum... Gostei durante um tempo, mas a alegria desapareceu.

MICKEY: O quê? Gostei do que estava a fazer durante um tempo, mas a alegria desapareceu. Bem, é isto que deve ser então, porque eles dizem que ainda não fizeste ou alcançaste o que poderias ter gostado ou esperado ter

feito, porque por natureza és uma pessoa criativa, e de alguma forma isso não floresceu da maneira que poderia ter florescido. Enfim.

BRIAN: Bem, obrigado de qualquer forma, Meg [apelido para Mickey/Maggie].

MICKEY: Não, não é de grande ajuda, pois não? Bem, não sei. Tu és um bocado um "caso", não és?

BRIAN: Sempre fui.

MICKEY: Não és um solitário, pois não?

BRIAN: Tenho sido por vezes.

MICKEY: Sim, bem, tu és um tipo engraçado no geral, se me perguntares, de uma forma ou de outra. Acho que tens muito na tua natureza que é bastante notável, mas de alguma forma, não sei como colocá-lo, porque não sou esse tipo de pessoa, posso explicá-lo talvez, mas tu tens algumas pessoas maravilhosas interessadas em ti deste lado, elas querem usar-te, querem fazer-te sobressair, querem expandir a tua visão, e acho que deves e irás, mas tens de te organizar um bocado.

BRIAN: Podes dizer o que queres dizer com organizar-me?

MICKEY: Bem, acho que estás provavelmente no ponto para um [começo]. Eu gosto disso, Meg.

BRIAN: Gostas do quê?

MICKEY: Gosto do que dizes. Bem, tu és um tipo interessante, e quer concordes ou não concordes, só te posso dizer o que me dizem para te dizer, mas há muita atividade a acontecer à tua volta, e muita gente adorável que está a tentar ajudar-te, mas de alguma forma tu deixaste-te prender de alguma forma, é como se não fosses um agente completamente livre, é como se estivesses, não sei como colocá-lo, sabes do que estou a falar?

BRIAN: Não estou a fazer tudo de uma coisa só, estou a fazer um bocado de tudo, é isso? Sim, sou pau para toda a obra.

MICKEY: Muito obrigado, eu não me importo com isso. Estou a gostar do que estou a fazer. Eles dizem mesmo que se tens dedos a mais no pudim, sabes, e eu acho que, bem, eles dizem-me que têm grandes esperanças para ti,

mas muito dependerá de ti próprio obviamente, e tens de te esforçar, e tens de seguir em frente, mas não podes ficar parado, sabes, não sei porque é que te estou a dizer isto tudo. Enfim, muito obrigado, obrigado. Não te estás a fartar de mim, pois não?

BRIAN: Não me estou a fartar, não.

MICKEY: Barry? Barry? Está aqui um rapaz jovem da Força Aérea chamado Barry, que está a tentar entrar. Ele vem ao vosso círculo. Sim. Sabem que têm tido algumas pessoas a vir ao vosso círculo que vieram pedir ajuda?

PARTICIPANTE: Sim, mas já não há algum tempo.

MICKEY: Não, pode não ser. Tenho tido consciência às vezes, embora sejam necessários. Está aqui um rapaz jovem da Força Aérea, e ele disse que há algum tempo veio ao vosso grupo, ou círculo, e disse que achou muito útil. Ele foi trazido por vários outros tipos. Ele não estava muito queimado? Ele ainda estava muito assustado. Bem, ele estava feliz no Mississípi, não estás? Sim, acho que me lembro dele, Meggie. Obrigado, Meggie. Vocês são uma multidão de gente. Vão ficar aqui o dia todo.

PARTICIPANTE: Bem, nós temos o tempo se tu tiveres.

MICKEY: Não é apenas uma questão de tempo, companheiro, pois não? Não, eu sei. Tu és um caso sério, não és, Robin?

ROBIN: Sim.

MICKEY: É isso mesmo, sim. E esse não é novo. É sim. Bem, ele está a rir-se com todos os dentes. Sim. A rir com todos os dentes. O que é que ele estava a dizer sobre este negócio do carro novo?

HARRY: Vendi o velho e comprei um mais pequeno.

MICKEY: Espera um minuto, ele tem um bom sentido de humor, meu Deus. Ele diz que o John está bem. Obrigado. Arranjaste um carro novo, então, ou quê?

PARTICIPANTE: Tenho um carro, mas não é novo, não. Estou a tentar vendê-lo.

MICKEY: Bem, ele está a rir-se, ele sabe de ti e dos teus carros, e da tua pequena montagem, e ele também fala sobre a chaminé. Chaminé? O que lhe disseste sobre a chaminé?

HARRY: Nós não temos uma chaminé.

MICKEY: Não, bem, isto é engraçado, é disto que ele está a falar.

HARRY: A Margaret tem uma chaminé. Conhecíamos bem o Les, temos uma chaminé no nosso bungalow.

MICKEY: E ele diz: "o que aconteceu com a vossa chaminé?". Oh Deus. Mandaste tapá-la?

HARRY: Não, não a mandámos tapar, não.

MICKEY: Margaret?

MARGARET: Sim, sou eu.

MICKEY: Está aqui alguém, espera, além do Les. Alguém mais aqui estava a falar sobre ti. Ouve, quero falar com a Margaret. Como estás?

MARGARET: Olá, como estás? Oh, estou tão feliz por teres vindo.

MÃE DE MARGARET: Oh, estou tão feliz por estar aqui. Quem és tu? Não consegues ouvir o que estou a dizer? Sim. A Margaret foi-se. Oh, estou aqui com o Papá. Não consegues ouvir o que aconteceu?

MARGARET: Oh, Mãe, sim!

MÃE DE MARGARET: Oh, estive aqui de pé à espera de uma oportunidade. Tu és a mãe do Eddie, não és? Sim, estive à espera e a esperar e a rezar. Adorável. Que eu pudesse ter uma palavra contigo. Só quero que saibas que estou aqui. Estamos todos juntos agora. George, estamos todos aqui.

MARGARET: O George está aí, está?

MÃE DE MARGARET: Envia as suas lembranças. Oh, eu gostava tanto de poder falar melhor.

MARGARET: Estás a falar muito bem desta vez.

MÃE DE MARGARET: E eu vou às vossas reuniões. Oh, vais? Adorável. O Papá está aí? Bob. Bob. Bob?

BOB: Bob a falar.

MARGARET: Oh, sim.

BOB: Bob aqui. Quero falar com ele. Olá, olá. Olá.

MICKEY: Anda lá, amigo. Quem queres? Quem queres, Bob? Bob? Olá, Bob. Ele foi-se, não foi?

BOB: Estou tão, tão, tão feliz por estar perto de ti. Hmm? Hmm? Bob? Não sei se conseguem ouvir.

PARTICIPANTE: Sim, claro que consigo, senhor.

MICKEY: Onde está ele? Acho que é o Bob a falar. Não te consigo ouvir bem, amigo. É o Bob ainda a falar? É muito interessante.

PARTICIPANTE: É sim, senhor. Gostaria de o ver por um minuto.

MICKEY: Sim, claro.

BOB: Estou tão feliz, senhor. Tens alguma ideia de onde ele está?

MARGARET: Não.

BOB: Consegues caminhar, amigo? Não te consigo ouvir bem. Margaret?

MARGARET: Eu sou a Margaret. Fala mais alto, amor. Não te consigo ouvir. Olá?

EDITH: Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir. O meu nome provavelmente dir-vos-á pouco ou nada. Eu sou a Edith.

MARGARET: Edith? Oh, sim. Tu és a tia da Edith, não és?

EDITH: Abençoada sejas, minha querida. Abençoada sejas, amor. Não sou muito boa nisto, receio.

MARGARET: Estás a ficar mais forte. Consigo ouvir-te.

EDITH: Consigo falar através desta caixa, mas estou tão ansiosa por vós hoje. Estamos todos aqui. Estamos todos juntos agora. Deus te abençoe, amor. Deus te abençoe, amor. Sim. Isto é uma questão de fé. Acho que isso é muito problemático, sabes. Sim, acho. Falo muito a sério. Acho que se continuarem o círculo e se aguentarem e não desanimarem e continuarem, tenho a certeza de que acabarão por descobrir que mais homens se inclinam para as coisas e se desenvolvem. Devem manter-se firmes e não perder a fé, sabem. Estas coisas não se fazem num curto espaço de tempo. Leva um longo período de processo gradual de desenvolvimento. Cada um de vós é importante, sabem. Não devem perder a fé. Olá. Olá.

JOHN: Margaret. Sim? Não tenho a certeza se alguém consegue ouvir.

MARGARET: Consigo ouvir-te.

JOHN: O meu nome é John. Não sou de forma alguma parente. Sou meramente uma de um grande número de almas que se reúnem para ajudar onde for possível. Temos tanta fé e tanta esperança no grupo. Devem ser pacientes. Saibam que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance. Cada um de vós é necessário para o desenvolvimento. Só queremos que perseverem.

MARGARET: Sim, nós iremos.

MICKEY: Estão a tentar fazer algo esta noite? Oh, terão sorte. Eu sei. Não te consigo ver, Doug. Olha, não sei. É um número extraordinário de pessoas que se estão a juntar. Suponho que seja por causa dos círculos factuais e coisas assim. Oh, isso é um bocado um "caso", não é? Outra vez? Bem, tu estás mesmo a gostar.

HARRY: É verdade, estou, Mickey. Estou a gostar de falar contigo, sabes.

MICKEY: Oh, a Violet, ela é bastante [médium], não é?

VIOLET: Sim, estou à espera que fales comigo.

MICKEY: Oh, desculpa, Violet. Achas que estiveste na "coisa fria"? Sim. Não achas, pois não? Vês, e apanhas as outras coisas. Por que não dás mais de ti?

VIOLET: Bem, eu faço o máximo que posso. Eu faço serviços [na igreja].

MICKEY: Eu sei, mas acho que às vezes as pessoas, o que me dizem, é que há momentos em que te conténs um bocado. Talvez sintas que não tens bem a certeza ou certeza, mas eles estão muito satisfeitos contigo. Acho que tens de ir mais longe. Não sei se sentes que queres ou não.

VIOLET: Oh, sim, sim.

MICKEY: Eles tentam desesperadamente abrir portas, e parecem pensar que, sabes, não deves ser estática.

VIOLET: Bem, estou a tentar não ser, Mickey.

MICKEY: Sim, estás. Continua, Mickey. Aye. Sem muito sucesso. Oh, eu acharia que deverias parecer melhor. Estás a andar por aí, Mickey. Sim, eu sei, mas estou a tentar tocar. Sabes, uma menina vem ter contigo, rapaz. Tenho? Oh, sim. Tu diriges um círculo?

HARRY: Sim.

MICKEY: Está aqui esta menina, não está? Ela anda por aqui há algum tempo. E todas estas outras pessoas. Esta menina é uma criança de cor.

HARRY: Sim.

MICKEY: Alguma vez te falaram dela? Talvez não.

HARRY: Sim.

MICKEY: Podes dizer que temos uma menina de cor, não podes? Ela vem ao vosso círculo com frequência. Já te organizaste, Pee Pee? Bem, não tenho hipótese se não o fizer. Ha, ha, Pee Pee. Esse é um nome novo. Bem, OK. Obrigado, rapariga. Sou eu? Tu devias saber. Eu não gosto disso. Não sei tudo. Mas acho, hum, o que a velha Liz me diz. E ele conta muito. Oh, conta? Isso não é muito simpático. Não, não há nada de radicalmente errado contigo. Estás bem.

HARRY: Obrigado.

MICKEY: Mas, hum, tu e o velho John, são um casal, não são?

PARTICIPANTE: Não, somos bons... um casal simpático.

MICKEY: Não disse o contrário, pois não? Não, não disse. Tens aquela coisa entupida como uma lata de sardinhas, não tens? Oh, querido. Ele disse que tens essa coisa entupida como uma lata de sardinhas. Oh, provavelmente tenho. Nesse caso, espero que a tua fita esteja a correr. Bem, eu acho, espero que esteja, não é? Sim. Vai dormir, Liz. Mm-hmm. O que é isto? Ele foi dar uma mordidela. O que é que ele está a dizer? Ele disse "vai dar uma mordidela", Mickey.

HARRY: Não julgues todos por ti mesmo. Eu não bebo com frequência.

MICKEY: Tu não o quê?

HARRY: Não bebo com frequência, Mickey!

MICKEY: Tu não o quê?

HARRY: Bebo com frequência!

MICKEY: Disseste com frequência? Sim. Só ocasionalmente?

HARRY: Só ocasionalmente.

MICKEY: Ah, percebo. Qual é o teu espírito favorito então, além de nós? E, er, aguardente e limão. Não falaste com o nosso Mike, pois não, Mickey? Não, espera um minuto. Acho que é engraçado. Ele deve ser um "desgrenhado". Vou falar com ele agora. Consegues ouvir-me?

MIKE: Certamente que consigo.

MICKEY: Não estás deprimido, não estás, Mike? Mike, então. Assim está melhor.

MIKE: Não, eu não tinha consciência de que estava, de qualquer forma.

MICKEY: Bem, não pensaste que serias deixado de fora, pois não?

MIKE: Não, não, tu chegarias a mim mais cedo ou mais tarde, tenho a certeza.

MICKEY: Bem, não é só isso. É muito fácil dizer coisas, e às vezes elas são mal interpretadas. Mas contigo, acho que é uma pena, porque acho que duvidas demais de ti próprio.

MIKE: A sério? Isso é estranho.

MICKEY: Estranho demais?

MIKE: Isso é estranho. Por que ele diz estranho? Bem, tenho sido acusado de excesso de confiança e disseram-me para esperar em vez de ter dúvidas.

MICKEY: Não, acho que tens, lá no fundo de ti. Acho que recebes, e o que me dizem, tu recebes muito de fora, mentalmente. E acho que às vezes dás para fora porque sentes que é o que tens de fazer, o que deverias fazer em qualquer caso. Mas não deves conter-te de forma alguma, embora possa haver quem te aconselhe a conter-te. Mas o ponto é que, claro, às vezes pode haver complicações, mas eles dizem-me que querem que sigas em frente. Vês, eu tenho de ser... O que disseste? Eles dizem que a tua mediunidade é de natureza mental, e eles apenas querem que dês conforme recebes. Não te preocupes com isso, porque mesmo que às vezes algumas pessoas digam que não entendem, há uma razão e um propósito. Eles estão a tentar ao máximo dar-te visualização e impressões mentais, e também estão a tentar ajudar-te. Sentes às vezes como se estivesses a flutuar para longe?

MIKE: Sim e não. É difícil definir quando estás a flutuar e quando não estás, e se estás ou não.

MICKEY: Bem, do que estou a falar é: sentes às vezes como se estivesses lá e não estivesses completamente lá? Porque eles dizem que estão a tentar trabalhar contigo e através de ti mentalmente, e podes encontrar-te num estado de semi-transe, e eles estão a tentar trabalhar através de ti dessa forma. É isso que eles querem fazer.

MIKE: Sim, bem, aconteceu, acho eu, provavelmente em duas ocasiões que eu consegui reconhecer. Só isso.

MICKEY: Sentes que estás a ser travado então? Podes ser franco comigo.

MIKE: Posso? Não, não sinto que esteja a ser travado, nem me sinto conscientemente a ser empurrado para a frente. É uma situação de muito "esperar e deixar as coisas desenvolverem-se".

MICKEY: É isso, mas o ponto é que há certas almas que estão a tentar desesperadamente trabalhar contigo e através de ti e a usar-te, e também para

cura. Há um caminho para curar aí. Mas não acho que esse vá ser necessariamente o único trabalho. Podes fazê-lo, mas sinto — quer aceites isto ou não — que eventualmente, ainda não, eles querem que faças a plataforma.

MIKE: Bem, esse é precisamente o ponto. Vês, disseste "eventualmente, ainda não". Bem, é nisso que estou meio que a aguentar-me, à espera que algo se desenvolva.

MICKEY: Eu não acho que ainda seja a altura. Pelo que me dizem, vês, tu consegues fazê-lo, poderias fazê-lo, mas ao mesmo tempo eles estão a tentar fortalecer-te de alguma forma, e chegará o tempo em que tu irás, quer o esperes ou não — tu esperas de certa forma — mas é como se fosses empurrado. Sim. Sabes, é extraordinário. Não te consigo dizer exatamente como ou porquê, mas eles dizem que quando o momento for o certo, acontecerá de uma forma que bem poderá surpreender-te, e dizem que se tiveres a fé e a competência, que obviamente tens, dizem que trabalharão contigo e através de ti, e usar-te-ão num estado de semi-transe, porque te vais ver a "pregar" e a dizer coisas que não são necessariamente de ti mesmo, como se estivesses a ser impressionado ou inspirado, mas não deves conter-te.

MIKE: Não.

MICKEY: E sabes que tens um clérigo que te ajuda?

MIKE: No.

MICKEY: Bem, há um. Pode não ser aparente para ti no momento, mas há um homem que vem ter contigo que dizem que espera eventualmente ser capaz de te usar para falar e elevar as pessoas. Ele não tem uma mentalidade religiosa no mesmo sentido agora, mas quando na terra, ele obviamente, pelo que me dizem, era um membro do clero. Espera um minuto. Tens estado a ler algum livro relacionado com o lado espiritual das coisas?

MIKE: Recentemente não.

MICKEY: Bem, este homem... não estou a dizer que tu... acho que este homem, além dos outros que lá estão, está muito ansioso por que te desenvolvam e evoluas no sentido de seres usado de uma forma pública, e é óbvio que eles querem impressionar-te, e muito da tua mediunidade será por uma espécie de forma de "ofuscamento" mais do que qualquer outra coisa,

talvez. Mas não sei. É um bocado um enigma aqui, porque também tens estado sentado para mediunidade física?

MIKE: Não.

MICKEY: Porque há uma força física e energia aí. É como se pudesses ir em duas direções, ou talvez em ambas, mas não parece no momento que haja muita probabilidade de um círculo físico, mas acho, vês, que tens muito poder e vitalidade, e acho que no momento estás, bem, não estás exatamente parado, mas por que não dizes algo?

MIKE: Tu dizes-me, mas eu prefiro que o faças tu.

REVERENDO ELLIOT: Acho que isso é altamente provável, mas duvido que consiga gerir isso agora. O quê? Acho que não percebes bem, e talvez não haja razão para que percebas nesta fase, mas temos, bem, um tal desejo de que eventualmente sejamos capazes de manipular e utilizar o poder que abunda ao teu redor.

Eu, particularmente, estou muito ansioso por usar-te na forma de um instrumento que eu possa usar para falar às pessoas. Estou muito ansioso por ajudar e não apenas dar-lhes a perceção desta verdade no sentido de que a vida continua após a chamada morte, mas quero muito dar mais conhecimento e experiência às pessoas sobre como é a vida deste lado. Tanto é evitado, e não necessariamente de propósito, mas muito poucos deste lado da vida parecem ser capazes ou ter a oportunidade, talvez, de dar uma descrição mais detalhada da vida.

Claro, há muitas esferas de diferentes níveis de acordo com a aspiração, evolução, desenvolvimento de cada um. O que se aplica num caso não se aplica necessariamente noutro. Tudo depende do indivíduo, claro, mas estou muito ansioso por que nalguma data futura, quando tiver a certeza de que será possível, trabalhar contigo e através de ti. Claro, o círculo é uma ajuda tremenda na medida em que é o campo de treino até certo ponto, mas previ que a possibilidade que se avizinha é para o trabalho na plataforma, onde se poderá chegar a muito mais pessoas. Este é o nosso desejo, certamente o meu. Claro, tens de ser paciente com estas coisas. Tens de ser paciente contigo próprio, porque quando eu estava do teu lado, receio que era bastante limitado pelo meu passado, criação, treino, sabe Deus o que mais. Eu estava vagamente consciente do espiritualismo. Quando digo vagamente consciente, lembro-me de ler alguns artigos do Sr. Bailow, que também era um membro da fé, mas

que se envolveu profundamente em questões psíquicas e espiritualistas, escreveu vários livros, que achei muito interessantes.

Eu não estava muito convencido, claro, mas agora estando deste lado, não posso fazer de outra forma senão estar assegurado da realidade destas coisas, mas estou a ajudar a reunião hoje. A propósito, o meu nome é Elliot, Reverendo Elliot. Virei a ti novamente. Não necessariamente aqui. Claro que virei se vieres aqui novamente, mas como um tipo de contacto de evidência. Virei e farei uma ligação contigo num lugar totalmente separado e à parte deste lugar como uma espécie de prova para ti, porque percebo — não que estejas a ser um "Tomé" — mas acho que é importante nas fases iniciais ter evidência para estas coisas. Farei um contacto contigo a milhas daqui. Veremos isso. Vem outra vez se puderes. Certamente. Abençoado sejas. Não te preocupes. Apenas continua. Eu abençoar-te-ei também. Tudo de bom. Tenho de ir. Adeus. Obrigado.

MICKEY: Adeus. O poder está a fraquejar. Adeus. Adeus. Receio que o poder se esteja a ir e tenho de ir, mas fiz o meu melhor. Espero que ninguém esteja desiludido. Mantenham o queixo erguido. Os queixos duplos também! Enfim, adeus. Adeus. E Harry? Sim? Um e um. Adeus. Adeus, Maggie. Adeus, Maggie. Até já. Adeus. E tudo de bom. Volta a ti próprio. Veremos como te vais saindo. Adeus. Obrigado. E gosto daquela referência ali. Sim, boa referência. Oh, é uma tempestade. Adeus. Adeus. Adeus, Mickey.

ENCERRAMENTO DA SESSÃO (CONVERSA ENTRE OS PARTICIPANTES):

PARTICIPANTE 1: É mesmo difícil, não é, no fim? Perguntei-me ao início se íamos conseguir alguma coisa. Vou acender a luz num minuto. Aqui. Agora, num momento, a luz vai parecer muito brilhante, claro.

PARTICIPANTE 2: Oh, o Mickey foi muito engraçado às vezes, não foi?

PARTICIPANTE 1: Sim. Ele afeiçoou-se a ti também, não foi? Muito agradável. Nem um bocado desiludido.

PARTICIPANTE 2: O quê?

PARTICIPANTE 1: Nem um bocado desiludido.

PARTICIPANTE 2: Oh, graças a Deus por isso. Tarde adorável. Sim. Bastante tempo, achei eu. Bastante fita. Ouvimos uma das fitas dele que o Joe nos emprestou. E ele estava em alguns episódios lá, e nós meio que nos apaixonámos por ele na altura.

PARTICIPANTE 1: Sim, ele é um encanto. Vou ter de parar a fita, porque continuo a rir-me tão alto. Estamos a perder metade disto.

PARTICIPANTE 2: Eu sei, receio que sim. Não acho que vá ter mais do que um bocado. Esse não é o ponto. Tu aproveitas a tua alegria, não aproveitas? Tiraste a tua mesa? Tenho um lado. Não acho que o outro lado esteja lá. Importar-te-ias muito se eu desaparecesse agora?

PARTICIPANTE 1: Não, não, não.

PARTICIPANTE 2: Tenho de voltar. A chuva continua. Está a começar a chover agora. Sim. Agora, um bocado de natureza. Oh meu Deus. Está a começar a chover. Vou chegar atrasada. Está a começar a chover. Vou chegar atrasada. Que raio há de errado com isto? Está a começar a chover. Fico feliz que isto tenha sido útil, mas tenho de ir, tenho de ir aos correios.

MICKEY: Lamento. Faz as pazes. Lamento. Está tudo bem. Eu aceito. Aposto que alguns dos teus amigos não querem saber de mim.

BRIAN: Bem, é muito mútuo, não é, Meggie?

MICKEY: Sim, acho que é. E isso são outras pessoas também, sim. Robin. Robin. Robin. Robin. Olá. Não, não, Robin. Quero falar com o Robin. Podes falar mais alto, por favor? Estou a falar, estou a ouvir, estou a ouvir. Quero falar com o meu filho.

ROBIN: Sim, consigo ouvir-te.

MICKEY: O meu rapaz. Disseste "meu rapaz"? Sim. Acho que é o teu pai, Robin.

ROBIN: Sim, senhor. Consigo ouvir-te muito bem.

PAI DE ROBIN (TOM): Robin. Robin. Robin. Sim. Estou aqui. Estou aqui. Robin, estou aqui. Olá, rapaz. Como estás?

ROBIN: Nada mal, obrigado.

TOM: Espero vir ver-te, sabes. Estou a tentar o meu melhor para ajudar como posso. Espero vir e ver como te vais saindo, rapaz. Mantém a tranquilidade.

ROBIN: Sim. Sim. Consigo ouvir-te, senhor.

TOM: Robin. Estou a perguntar algo, Robin. Continua a falar.

MICKEY: É o Tom? Estou a tentar ajudá-lo. Porque é tudo novo para eles também. Conseguiste ouvir o que ele estava a dizer?

ROBIN: Não muito bem.

MICKEY: Não muito bem. Não, apenas uma ou duas palavras. Foi alguém que te chamou "rapaz". Robin.

ROBIN: Sim. Isso mesmo, sim.

MICKEY: Sim. E sabes quem é este Thomas, Tom?

ROBIN: Sim. Era o meu pai, sim.

MICKEY: Perdão?

ROBIN: Era o meu pai, sim.

MICKEY: Bem, ele continuou a chamar, a falar, a tentar falar contigo. Eu não conseguia ouvi-lo muito bem. E ele só quer que saibas que está aqui. Continuou a tentar com afinco. E ele é o Tom. E envia o seu amor e bênçãos para ti. E também, há várias outras pessoas que podes não conhecer. Mas sabes quem é a Edith?

ROBIN: Sim.

MICKEY: Ela era uma tia ou algo assim?

ROBIN: Sim, sim.

MICKEY: Porque está aqui uma Tia Edith.

ROBIN: Isso mesmo, sim.

MICKEY: E há também alguém chamado Charles.

ROBIN: Sim.

MICKEY: Mas estas são pessoas de há muito tempo na tua família. Mas o teu pai é quem parece estar mais próximo de ti. E tem um grande interesse em ti. Sim. Tens alguém ao teu redor? Bill. Hein? Eu não disse Bill. Eu disse Bill. Bill. Bill. Bill. Bill. Bem, todos sofremos de alguma coisa. Sim, eu sei. Mas eu não estava. Oh, meu Deus. E tu és um "caso".

Tu não tens estado muito bem ultimamente, pois não, Ron? Então, não. Passei por isso. Ainda estou a passar por isso. Bem, eles estão a fazer tanto para te ajudar. E os médicos também. E está aqui um Dr. Matheson também. Mas já o vi antes. Sei que vi. Tu e aquele sujeito ao teu lado são amigos? Amigos? Não, eles não se conhecem realmente.

PARTICIPANTE: Não, foi a primeira vez que nos encontrámos, sim.

MICKEY: Oh, bem, é uma pena. Porque acho que têm muito em comum ou o que quer que seja. Há muita afinidade entre vós dois. Não vivem na mesma área ou nada?

PARTICIPANTE: Não sei. Não, não vivem.

MICKEY: Bem, isso é uma chatice, não é? Porque acho que se podiam ajudar um ao outro. Há uma atmosfera muito boa entre esses dois tipos. E há muito poder também. Fixe. Esse Ron, consegues ouvi-lo? Sim. Sabes, tu és um bocado um "caso", não és? Tiveste uma operação? Perdão? Tiveste algum tipo de operação?

RON: Não, apenas um exame (*check-up*), sim.

MICKEY: Bem, alguém diz que estiveram contigo e que foste a algum hospital.

RON: Sim, é verdade. Isso mesmo, sim.

MICKEY: Tiveste uma operação exploratória. E houve alguma possibilidade, mas eles não parecem achar que deva ser necessária. Mas falou-se de uma operação.

RON: Sim, houve a possibilidade, sim.

MICKEY (em transe repetitivo): Mas eles não parecem achar que deva ser necessária. Sim, eles não parecem achar que deva ser necessária, mas eles não parecem achar que deva ser necessária... mas eles não parecem achar o

que tu tens andado a fazer em diferentes alturas e houve alguma fotografia ou fotografias que foram alteradas ou copiadas e tu fizeste umas maiores ou algo assim.

RON: Isso mesmo, sim.

MICKEY: Sim, bem, então eles admitiram que estamos a avançar agora, não estamos? Sim. E também, deixa-me dizer-te, houve um fogo. Consegues ouvir o que estou a dizer?

RON: Sim, sim.

MICKEY: Lembro-me do fogo quando eras jovem. Isso mesmo. Foi um fogo feio, não foi? Podia ter sido pior, atenção.

RON: Sim, isso mesmo.

MICKEY: Estão a contar-me sobre isso de quando eras um miúdo. Uh, um bocado um "caso" tu eras. E tiveste algum problema interno, não tiveste? Sim, mas isso não está tão mau como estava. Não, não. Mas falou-se da possibilidade de uma operação, mas o raio-x mostrou... uh, o que disseste? Tu tiraste uns raios-x.

RON: Isso mesmo.

MICKEY: E eles dizem que, hum, vais tirar mais alguns, sabes. Uh, podes não achar que queiras ou que seja necessário, mas será interessante, porque eles dizem que vais notar uma mudança distinta num outro lote de raios-x. Hmm. Porque fazes essa cara? Bem, eles disseram que eu estava bem. Eu não estou a dizer que não estás. Sim, mas também te digo, arriscando-me, mas mais tarde vais lembrar-te do que te estou a dizer. Haverá outro conjunto de raios-x e não terás mais nada com que te preocupar. O que tens de fazer é concentrar-te em ficar em forma e bem e parar de te preocupar.

RON: Sim, eu sou um preocupado.

MICKEY: Sim. Tens de tratar da loja um bocadinho? Sim. Não a tua, mas de alguém ligado a ti. Deste uma ajuda?

RON: Isso mesmo, sim.

MICKEY: Sim. Não pões lá dinheiro nenhum, pois não? Oh, não, não. Graças a Deus por isso. Aquela senhora sentada ao lado daquele outro sujeito,

consegues ouvir muito? Sim. Consegues ouvir-me? Posso dar um grito se quiseres. Gosto de ti. Tu és uma médium. Fazes plataforma?

PARTICIPANTE: Não exatamente, não.

MICKEY: Por que não?

PARTICIPANTE: Bem, eu leio e faço as leituras e por aí fora.

MICKEY: Bem, estás na plataforma, não estás? Sim. Bem, é disso que eu estou a falar. Alguém me está a dizer que às vezes estás na plataforma e assistes nesta reunião.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: E sabes, tu recebes muito mais do que alguns dos médiuns na plataforma, mas não dizes muito. Não. Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, consigo ouvir-te.

MICKEY: Não, honestamente, sem brincadeira. Porque eles dizem-me que tu não tens muito a dizer, de certa forma, mas tu recebes muitas coisas interessantes mentalmente e tens grandes sentimentos emocionais sobre coisas e pessoas e muitas vezes poderias dar bastante.

PARTICIPANTE: Sim, eu dou. Faço-o de tempos a tempos.

MICKEY: Fico feliz por isso. Eu "dou-lhes o que merecem".

PARTICIPANTE: Oh, tu não és assim, pois não?

MICKEY: Sim. O que eles querem saber, eu digo-lhes. Sim, bem, isso está tudo bem até onde vai. Mas quero dizer, tu não... não os "mandas abaixo", pois não?

PARTICIPANTE: Oh, na verdade não.

MICKEY: Oh, eu acho que ela é uma "personagem". Sim. Posso fazer algo por ti então? Podes fazer algo por mim? Sim.

PARTICIPANTE: Sim. Faz com que as minhas costas fiquem melhores.

MICKEY: Fazer as tuas costas melhores? Eu tenho umas costas ondulantes. Bem, tu tens uns bons ouvidos. Sim, eu sei. Eles fazem o melhor

que podem. Sim, bem, então não é bom o suficiente se as tuas costas ainda estão... Ela precisa de olear a anca outra vez, Mickey.

PARTICIPANTE: O quê?

MICKEY: Ela precisa de olear a anca outra vez. Ela tem uma anca falsa e precisa de óleo. Isso já está lá há um tempo. Não esperes que eu ande por aí com uma lata de óleo! Oh, meu Deus. Bem, por que disse ela isso? Ela quer óleo. Agora, fora de brincadeiras, amor, tenho a certeza de que o médico fará tudo o que puder e ajudar-te-á nesse aspeto.

PARTICIPANTE: Sim, tenho a certeza.

MICKEY: Tiveste uma falsa então? Sim, tive uma extra. O quê? Tive uma extra. Oh, isso foi há cerca de 12 ou 13 anos. Está lá há muito tempo.

GUIA ESPIRITUAL (Voz Profunda): Mas agora está a começar a ser, em essência... Como questão de facto, quando se consideram as muitas vicissitudes e problemas da existência material na qual se encontram, e a perceção que têm do poder do espírito que se manifesta de várias formas... e talvez não seja sempre possível para vós compreenderem totalmente alguns dos problemas ou as dificuldades com que às vezes temos de lidar. Estamos muito conscientes das vossas necessidades e estamos muito conscientes dos problemas da vossa existência material.

E devo dizer que, do meu ponto de vista, quando entramos na vossa vibração terrena, é como tentar perfurar um nevoeiro. Mas é um nevoeiro num sentido mental. É um nevoeiro que foi criado durante um longo, longo período de tempo, em qualquer caso, de pensamentos materiais. Clarificar as vossas condições geralmente no vosso mundo seria quase, poder-se-ia dizer, uma tarefa impossível. Mas fazemos o melhor que podemos.

Agora, quando se reúnem assim como um grupo, em sinceridade e em harmonia, procurando a verdade, procurando a luz na vossa escuridão, somos capazes de perfurar esse nevoeiro que está... bem, está entre o vosso mundo e o nosso. Os vossos pensamentos são vitalmente importantes para nós. Conforme pensam, até certo ponto, é verdade dizer que assim são. Mas quando se sentam juntos em amor e em harmonia, procurando o esclarecimento, procurando o conforto do poder do espírito, somos capazes de nos aproximar muito de vós.

E eu sei que alguns de vós têm os vossos problemas materiais com que lidar. Às vezes deve-se à falta de boa saúde e nós, nessa direção, claro, nem sempre somos capazes de fazer exatamente como desejaríamos. Há limitações, até certo ponto, que são colocadas sobre os nossos poderes. Mas nós sabemos que cada um de vós que se reúne, como fizeram hoje, em amor e em harmonia, nós podemos aproximar-nos muito de vós. E sei que cada um de vós sentirá, até certo ponto, o benefício desse amor que vos dedicamos. Sei que alguns de vós estão a desenvolver, no melhor da vossa capacidade, os poderes latentes que possuem de natureza psíquica e espiritual. E um ou dois de vós, eu sei, acham quase impossível dar o tempo ou, de facto, ser capazes de participar no desenvolvimento.

Mas aqueles de vós que estão aqui, particularmente sentados juntos no desejo de iluminação no sentido psíquico de desenvolver as vossas faculdades, as vossas capacidades, nós estamos muito perto de vós. E sei que tu, em particular, te estás a esforçar para obter certo fenómeno que estou bem certo de que eventualmente seremos capazes de realizar. Mas tens de ter, claro, muita paciência e perseverança. Não deves ficar, por assim dizer, em baixo ou deprimido se muito pouco parecer acontecer durante algum tempo. Mas eventualmente... eventualmente, se continuares, como temos a certeza de que o farás, nós quebraremos a barreira entre os dois mundos. Ajudar-vos-emos a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

E aqueles de vós que no presente momento talvez se estejam a sentir um pouco em baixo, um pouco deprimidos, um pouco sobrecarregados, tende bom coração, tende bom ânimo. Tentai conhecer, o melhor que puderem, o poder do espírito que é colocado sobre vós. Faremos tudo o que pudermos para vos ajudar. Por isso, não percam a fé. Apenas continuem e saibam que o poder do espírito pode fazer muitas coisas. Pode nem sempre ser capaz de o fazer exatamente quando acham que deveria ser feito, porque estas coisas flutuam de acordo com certo sentido e condição. Mas estamos a alcançar talvez até mais do que ousamos esperar no devido tempo. Enfim, abençoo-vos, meus amigos. Devo ir agora. Que a paz esteja convosco.

GEORGE WOODS: Obrigado. Irmão Joseph a falar. Obrigado.

GUIA JOSEPH: Eu irei às vossas reuniões.

GEORGE WOODS: É bem-vindo. Abençoado seja.

MICKEY: Oh, isso é interessante. Alegra-te, a velha Nell estava aqui agora. Nelly. Ela está com a mesma senhora que estava a falar das costas. Sim. Está aqui uma mulher, uma senhora... acho que o nome dela deve ter sido Ellen, mas chamavam-lhe Nell ou Nelly. Sim. Sabes quem ela é?

PARTICIPANTE: Bem, tenho uma vaga recordação dela.

MICKEY: Oh, é isso que está errado aqui. Sim. Não. Sim. Espera um momento. Sim. Está tudo bem... não é quem tu pensas que é. Não. Ela é uma... ela é uma autêntica "personagem". Ela não é parente, mas parece... espera. Ela diz que o nome dela é Wallace.

PARTICIPANTE: Não sei. Não sei.

NELLIE WALLACE: Não sei se sou a Nellie Wallace.

PARTICIPANTE: Nellie Wallace! Sim, claro que conhecemos a Nellie Wallace! Ela foi uma grande atriz, não foi?

NELLIE WALLACE: Nellie Wallace! Havia uma atriz chamada Nellie Wallace, sim, há anos. Eu lembro-me. Espero bem que sim também! Oh, abençoada seja ela. Bem, bem, bem. Sim. Bem, estou boquiaberta. Bem, se alguém me tivesse dito, quando eu estava morta, que eu poderia vir e que poderia falar com as pessoas, eu teria pensado que elas tinham... bem, um parafuso a menos. Claro que estou aqui há já uns bons anos, sabem.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei.

NELLIE WALLACE: Eu costumava fazer os "palcos", sabem. Estive nos "palcos" por muitos anos. E eu não troço... costumava atirar... eu sei. Oh bem, estou um bocado boquiaberta. Claro que fui a uma ou duas destas reuniões espiritualistas na altura, mas... quando vim pela primeira vez, fiquei tão surpreendida. Não sabia que estava morta. Levou-me um bom tempo a perceber que tinha acontecido assim. Pensei que estava a sonhar. Pensei que era um tipo de sonho e que ia acordar. Vês, aqui estou eu a falar contigo. Eu estava certa... não tenho medos, não. Oh, estou tão feliz. E pensei: bem, se eu tiver uma oportunidade, virei e direi uma palavra a estas pessoas. Oh, estou um bocado boquiaberta.

PARTICIPANTE: É adorável ouvir isso. Tempos felizes, hein?

NELLIE WALLACE: Anda lá, querida. Oh querido. Eu não te entendo muito bem, minha querida. Bem, lamento ouvir isso. O tempo marcha. Eu fico melhor a cada dia. Bem, bem, bem. Tenho a certeza de que eles fazem o que podem por ti. Sim, tenho a certeza. Aquela coisinha simpática ali... acho que nunca conheci nenhuma dessas pessoas antes, porque ouvi um bocado sobre vós. O teu nome é Robin.

ROBIN: Isso mesmo.

NELLIE WALLACE: E essa é a tua patroa, não é?

ROBIN: Essa é a minha patroa. Como está?

NELLIE WALLACE: Ouvi dizer que tiveste reuniões. Sim. Talvez apareça um dia destes.

ROBIN: Serias bem-vinda.

NELLIE WALLACE: Oh, nunca se sabe. Irei ver-te uma noite destas. Eu costumava cantar muito nos velhos tempos, sabes. Tempos felizes. Oh, conheci tantos dos meus amigos aqui. A Mara está comigo. Não sei se sabes, ela era uma grande artista, sabes. Oh, conheci tantas pessoas maravilhosas. Não tenho arrependimentos. Às vezes penso que seria bom se... eu faço, claro que ainda posso fazer o meu trabalho de certa forma, mas... oh, é tão diferente agora, não é? Sabes, o "Met" [Metropolitan Theatre] desapareceu... todos aqueles velhos salões adoráveis. Oh bem, é assim que as coisas são, suponho. Suponho que agora também... suponho que não haveria muito trabalho para mim se eu voltasse. Não que eu tenha qualquer intenção. Não gosto de estar a falar... Dizes que sois todos espiritualistas então, sois?

PARTICIPANTE: Não, não todos nós.

NELLIE WALLACE: Oh, o que são eles então?

PARTICIPANTE: Bem, na verdade, alguns deles... de um deles eu não sei realmente quais são as crenças dele.

NELLIE WALLACE: Oh não. Bem, isso pode não significar... isso nota-se a uma milha de distância! Sim. Oh sim. Ele não o consegue evitar, pobre querido. Ele descobrirá quando chegar lá, não descobrirá? Bem, tu ainda não terminaste aqui. Podes descobrir antes. Eu não acho que ele seja um "Tomé descrente". Não, não acho que ele seja um Tomé descrente de todo. Não. Ele

adora estas coisas. O que disseste? Tenho uma jovem senhora aqui. E quanto a ela? Ela realmente não tem nenhumas crenças concretas no momento, Angela.

ANGELA: Não, na verdade não.

NELLIE WALLACE: O que disseste?

ANGELA: Na verdade não. Estou a pensar sobre o assunto.

NELLIE WALLACE: O que queres então? O que disse ela?

MICKEY: Bem, ela está a pensar nas coisas.

ANGELA: Estou só a tentar perceber tudo na minha mente, sabes. Eu realmente ainda não entendo tudo totalmente.

NELLIE WALLACE: Bem, tens muito tempo, rapariga! Oh bem, tudo o que sei é que eu não acreditava em nada deste tipo de coisas. Agora não consigo evitá-lo. Tenho boa sorte, sim. E não tenho arrependimentos. Oh, talvez um dia ela se convença, se é que já não se convenceu. De qualquer forma, meu amor, Deus te abençoe. A rapariga nova é uma cética então?

ANGELA: Uma cética? Depende, na verdade. A maioria do tempo eu acredito mesmo, e depois algo dentro de mim diz: "bem, não sei", sabes o que quero dizer?

NELLIE WALLACE: Bem, estou a tentar resolver essa.

ANGELA: Porque a maioria do tempo eu acredito mesmo, e depois surge algo, uma coisinha que outra pessoa me possa dizer, sabes, dizer "sabes, há muito lixo em tudo isto" e esse tipo de coisa, e isso faz a minha mente disparar outra vez.

NELLIE WALLACE: Mas tu percebes que há uma vida após a morte, não percebes? Ou não?

ANGELA: Bem, quanto mais ouço as coisas que as pessoas me dizem, mais acredito.

NELLIE WALLACE: Sim. Quero dizer, o ponto fulcral é que se não houvesse nada depois daquilo a que chamas... não haveria muito sentido em estar no teu mundo e viver. Afinal de contas, não importa quão longa seja a vida que tens do teu lado, quer sejam cem anos e "batas as botas"... quero

dizer, para que serve tudo isto se não há nada a seguir? Sim. Tu és uma coisinha engraçada, não és? Sim. Não estás infeliz, pois não?

ANGELA: Não.

NELLIE WALLACE: Hein?

ANGELA: Não, não estou infeliz.

NELLIE WALLACE: Bem, o que posso dizer-lhe para a animar? Queres perguntar-me algo, por favor? Sim. Ela... o que é ela? Sim. Eu pensei que tinhas dito "fala mais alto". Bem, faz-lhe uma pergunta ou algo assim. Qualquer coisa que gostasses. Sim, se eu puder ajudar-te, companheira.

ANGELA: Pergunto-me se... tens alguém aí para falar comigo?

NELLIE WALLACE: Bem, vou ver se consigo, se eles se chegarem à frente. Eu posso ajudar. George, anda lá, velho amigo. Quem queres? Anda lá. Pensei ter ouvido alguém dizer "Harris". Talvez não fosse. Hum, Mickey? Quem era? Anda lá, velho amigo. Anda lá, bebé. Responde-lhe. Olá.

PARTICIPANTE: Parece uma criança, não parece? A chamar pela mamã.

MICKEY: O que queres dizer, amor? Olá. Quem é? És uma menina ou um menino? Parece uma criança a chamar pela mamã. Quem é a criança para o Mickey? Mickey. Mickey. Mickey. Vem, Mickey. Tu ainda não te foste, pois não? Ele voltará, eu juro. Às vezes o poder flutua. Há uma acalmia. Eu estava muito interessado naquilo. Era um monge? O Mickey tinha algo a dizer. O George era um monge. Eu achei que ele era um monge. Isso foi adorável. Realmente foi.

FRED: Não me surpreende que ele precise de um descanso. Ele tem andado a "dar no duro", não tem?

GEORGE WOODS: Não, mas aquilo foi... aquilo foi realmente simpático. Anda lá, Michael. Mickey. Não te consigo ouvir, Fred. Mickey? O poder. Não te consigo ouvir.

FRED: O poder, disse ele. É isso que ele está a dizer? Sim. O poder está a ir-se.

MICKEY: Mickey? O poder está a ir-se. É isso que ele está a dizer? Sim. Eu fui. Eu fui. Eu fui. Fiz o meu melhor. Obrigado, Mickey. E deem todo o amor a toda a gente. E espero que aquela jovem simpática venha outra vez um dia, porque tenho a certeza de que conseguiremos... mas o poder está a ir-se. Vou tentar aguentar o tempo que puder. Mas fiz o meu melhor. De qualquer forma, o meu amor e Deus vos abençoe. Adeus. Adeus, amor. Abençoado sejas, companheiro.

Notas:

1. *Contexto da Sessão: Esta sessão ocorreu na Suíça, o que mostra a natureza internacional das viagens de Leslie Flint. Os PARTICIPANTEs parecem ser um grupo de pessoas dedicadas ao desenvolvimento mediúnico e à cura.*

2. *Evidências Familiares: Mickey traz o pai de Joey (que Joey não via desde os cinco anos) e menciona a saúde frágil da mãe de Joey, identificando que dois médicos espirituais estão a trabalhar nela.*

3. *Brian e o Talento Criativo: Há um foco grande em Brian. Mickey e Maria Teresa identificam que Brian é uma alma criativa (pintura/desenho) que se sente "presa" por circunstâncias e que faz "um pouco de tudo mas não é mestre de nada". Eles incentivam-no a focar-se no seu potencial artístico e espiritual.*

4. *O "Monge" e o Grupo de Ajuda: A menção a um guia monge e a um jovem da Força Aérea (Barry) que foi queimado (provavelmente em guerra) confirma que o círculo destes PARTICIPANTEs faz um trabalho de "resgate" ou ajuda a almas em sofrimento.*

5. *A "Bolha no Pé" e a Roupa Interior (Sessão Anterior): Note-se que Mickey mantém o mesmo estilo de humor e observação de detalhes físicos (como fez com Harry na sessão de 1982), reforçando a continuidade da sua personalidade através dos anos.*

6. *Evidência da Chaminé: Este foi o ponto de "venda" da fita. O Mickey traz um detalhe arquitetónico muito específico de um bungalow (a chaminé) para validar a presença de Les (um amigo falecido).*

7. *O Encontro Familiar: A vinda da mãe de Margaret e do "Pai Bob" encerra a fita com uma nota emocional muito alta, provando que as famílias se reúnem no Além.*

8. *O Humor de Mickey: Ele termina com a sua piada clássica sobre "manter o queixo erguido... e os queixos duplos também!", mostrando que, mesmo numa sessão profunda na Suíça, a sua personalidade brincalhona nunca mudava.*

ROBIN EVANS / CÍRCULO DE AJUDA

11 de Julho de 1984

Médium: Leslie Flint | Guia: Mickey

PARTICIPANTEs: Robin, Brian, Harry e outros.

INTRODUÇÃO: ...Esta sessão foi gravada em 11 de julho de 1984, médium Leslie Flint. Jade? Hmm? Do que é que eu tenho medo? Do que estás a falar? Sobre o quê? O Robin ser colocado na plataforma? Mickey? Mickey? Anda lá agora. Mickey? É o Bobo. Hmm? Mickey? Mickey? Hmm? Hmm? Pelo menos sabemos que eles estão lá. Isso já é alguma coisa. Precisamos de deixar cair. Eles querem.

MICKEY: Mickey, eu estive no vosso lugar. Estiveste? Estiveste, Mickey? Sim. Consegues ouvir o que eu digo? Sim. Não tenho a certeza se me conseguem ouvir. Sim, conseguimos ouvir-te. Porque eu já encontrei todos vós antes, não foi? E aquela pequena senhora ali, ela tem problemas. Ela consegue ouvir-me? Tens tido muitos problemas então, senhora? Porque eles estão a dizer-me que te têm estado a dar um tratamento especial.

PARTICIPANTE: Sim, sim, eu tenho problemas especiais.

MICKEY: Mas tens tido dificuldade em "pôr o pé no chão" então? Sim, sim. Porque o médico tem estado ao teu lado desde que vieste para aqui. E ele tem estado a dar-te uma espécie de tratamento. E espero que seja de grande ajuda para ti, porque tiveste um tempo difícil, não tiveste, rapariga?

PARTICIPANTE: Bem, tive nestes últimos dois dias, sim.

MICKEY: Sim. Tem a ver com as tuas costas? Sim, sim, tem. E os teus lábios? Isso mesmo, sim. Sim, porque eles têm... eu sei, porque eles têm estado ali. Ele e a mãe dele, uma amiga minha, eu já os vi aos dois antes. E tenho tido um grande interesse em ti. E está ali um sujeito muito grande e alto. Ele partiu do vosso lado, ele era um Africano. Mas ele tem algo a ver com o vosso grupo. Sim. Sim. O grande sujeito Zulu. Sim, sim. E ele é alto, tem cerca de sete pés [2,13m]. E eu vi-o quando ele estava do vosso lado. E ele é um grande sujeito. E ele dá uma energia e um poder tremendos no vosso círculo.

PARTICIPANTE: Sim, eu conheço-o, Mickey. Sim, temo-lo visto com frequência. Obrigado.

MICKEY: Prazer, obrigado. E há também uma senhora adorável. E ela vem regularmente ao vosso círculo. Ela era uma freira. Sim. Viveu na Terra na sua vida de "irmã". E ela é doce. E vem com tanto amor.

PARTICIPANTE: Ah, agora qual delas é ela, Mickey? A jovem ou a velha?

MICKEY: Oh, bem, aqui não há velhice, companheiro. Não, bem, elas voltam uma com a outra. Sim, eu sei o que queres dizer. Vês, não há tempo, não sei qual delas é. Therese. Maria. Maria. Maria Therese. Maria Therese. Sabes quem é? Maria? Maria. Maria. Eu chamo-lhe Maria. Bem, é a mesma coisa, Maria. Mas ela tem um segundo nome porque lhe chamam Therese. Maria Therese. E ela é uma senhora adorável.

PARTICIPANTE: Eu sei que ela é.

MICKEY: E há também alguém aqui. Ri, Daniel, ri. O que disseste? Alguma vez te falaram de um homem que era um palhaço?

PARTICIPANTE: Sim, já. Sim, nós já, sim.

MICKEY: Bem, está aqui um homem que diz que durante muitos anos foi um palhaço. E ele é uma pessoa adorável, com um sentido de humor adorável, ri e conta piadas. E ele vem para trazer brilho e felicidade. E ele é um tipo alegre. E acho que vais descobrir que ele fará muito para ajudar. Se alguma vez fizeres algo num sentido público para dar mensagens e coisas assim. Espera. Está aqui uma multidão de gente. Leslie, podias pôr a mesa? Floss. Hm? Floss.

PARTICIPANTE: Floss?

MICKEY: Anda lá, velha amiga. Quem és tu? Floss. Está aqui uma senhora a tentar entrar. Espera. Floss. Hm? Anda lá, agora. Quem queres, amiga? Soa a Floss. Ela disse Floss, não disse? Mm. Anda lá. O que foi aquilo? Não sei. Onde foste? Doggy. Doggy. Doggy? Hm? Doggy. Tuggy. Tuggy? Não acho que ele fale com nenhum humor. Ela está a meter-se. Quem é que tem de entender, Mickey? Hm. Anda lá, companheiro. Mickey, fá-los passar tu. Quem é a Floss, Mickey? Pelo menos foi o que me pareceu ouvir. Sim, aquilo soou mesmo a Floss.

PARTICIPANTE: Eu tenho uma Tia Floss.

FLOSS: Oh, eu estou tão, eu estou tão doente. Eu sei, eu sei. Oh, eu não sei, tenho a certeza.

MICKEY: Aquela senhora com quem falei antes, esta senhora está a tentar chegar até ti.

PARTICIPANTE: A mim, Mickey?

MICKEY: Sim. Sabes se há uma senhora aqui chamada Florence, e às vezes chamam-lhe Flo ou Florry, e ela está a tentar chegar até ti.

PARTICIPANTE: Er... não a consigo situar, Mickey, mas pode ser alguém que me conheça de algum lado. Não sei.

MICKEY: Espera. Ela está aqui com alguém a quem chama Lil. Lil? Há um pequeno grupo delas aqui, e estão todas interessadas. Parece que estão a tentar chegar até ti. Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, consigo ouvir-te. Sim.

MICKEY: Sabes muito sobre a tua gente?

PARTICIPANTE: A minha gente? De maneira nenhuma. Er... não consigo situar nenhum dos nomes, Mickey. Flo ou Lil.

FLORRY: Então só quero dizer olá. O meu nome é Florence. Eu sou a Floss. Como estás?

PARTICIPANTE: Estou bem, obrigada.

FLORRY: O meu nome é Thompson. Thompson? Sim. Quero dizer algumas palavras. Como estás?

PARTICIPANTE: Muito bem, obrigada.

FLORRY: Estou a tentar. Estou a tentar ajudar-vos. Todos nós estamos. O meu nome é Florry. Florry Thompson. Eu costumava ser médium, sabes.

PARTICIPANTE: Oh! Oh, houve uma médium chamada Florry Thompson.

FLORRY: Sim, eu conheço a Florry Thompson. Sim. Estou a tentar ajudar o melhor que posso do lado de fora. Vou frequentemente às vossas reuniões. Prazer. Sim, o meu nome é Thompson. Florry Thompson.

PARTICIPANTE: Nós temos fotografias tuas.

FLORRY: Sim. Porque eu costumava fazer o trabalho lá atrás, nos velhos tempos, sabes. E estou muito interessada no que se passa. Tenho ido ao vosso círculo e tenho tentado o melhor que posso ajudar deste lado, sabem. E aquela pobre queridinha, estamos a fazer tudo o que podemos por ela, sabem. Ela está a fazer progressos, com certeza. Sim. Ela vai ficar bem. Leva tempo. Claro, não se pode esperar tudo da noite para o dia. Não conseguem ouvir o que estou a dizer?

PARTICIPANTE: Sim. Sim, consigo ouvir.

FLORRY: Oh, eu anseio por algo como isto. Não tenho muita oportunidade. Mas só queria dizer que estou muito interessada no vosso pequeno círculo. E espero mesmo que o continuem.

PARTICIPANTE: Nós iremos.

FLORRY: Não desistam. Não desistas, rapaz.

ROBIN: Não, não vou. Não vou.

FLORRY: Muito poder, sabes. Muito poder. Estou aqui com a Lily. Porque tu também não a conhecerias. Bem, tu sabes sobre mim, suponho. Porque eu costumava fazer o trabalho nos velhos tempos.

PARTICIPANTE: É bom ouvir isso.

MICKEY: Conseguem ouvi-la? Ela está terrivelmente entusiasmada. E ela era uma médium quando estava do vosso lado. E ela faz o trabalho aqui de certa forma. Ela vem ao vosso círculo de tempos a tempos.

PARTICIPANTE: Sim, lembro-me de apanhar o nome dela de vez em quando, mas não conseguia situá-lo. Ninguém conseguia situá-lo, e isso confundiu-nos.

MICKEY: Oh, ela está aqui, vês, e ela vem ao vosso pequeno grupo. Ela foi bastante evidente agora mesmo, Maggie [Mickey]. Na verdade. Não é a única, sabes. Não sei, mas acho que vou conseguir, se tentar. Eu quero vir, dizer algumas palavras. Olá, olá. Olá. Eu estou muito interessada, sabem, em tudo, sabem. Eu aprendo um bocado, talvez algum dia, como falar bem. Eu quero muito falar para vós, convosco. Eu venho e ajudo-vos, como muita gente, sabem, vem ao vosso grupo. Quando eu estava do vosso lado, eu não sabia muito sobre isto. Mas agora estou muito entusiasmada, sabem. Acho que posso vir assim. Estou aqui com o Maurice.

O Maurice é meu amigo, sabem. Ele é meu amigo, Maurice. Eu venho com o Maurice. O meu nome não significará nada para vós. Mas quando eu estava do vosso lado, eu era muito... como se diz? Eu não sei como se diz. Eu não sabia nada sobre Espiritismo. Mas a minha mamã, ela estava interessada. Mas eu não acreditava no que ela me dizia. Eu estava muito interessado na minha profissão, sabem. Estive por muitos anos, muitos anos no hospital. Eu ajudava-a. Eu era médico, mas o meu amigo Maurice, ele é médico. Fomos ambos mortos. Fomos mortos. Mas agora estamos muito vivos. Só quero que saibam que vimos ver-vos, ajudar-vos no vosso círculo. Queremos que continuem. Agora fazemos tudo o que é possível. Sim. Obrigado.

DRª GARRETT ANDERSON: Acho que deve ser muito possível. Tantas pessoas. Muitas destas pessoas, claro, vós não conhecereis. Mas todas fazem parte de um grande grupo de almas que vêm, que estão profundamente envolvidas, profundamente interessadas no que vós estais a tentar fazer. Claro, há alturas em que ficais desconsolados e talvez fiqueis um bocado deprimidos, como se pudessem sentir que não estais a fazer o progresso que desejais. Mas, no entanto, muito está a acontecer. Há progressos a serem feitos. Não deveis ficar desanimados, sabem. Sabeis, há todo um grupo de almas aqui hoje que pertencem à profissão médica. Sabeis, os dois que acabaram de tentar comunicar — pelo menos um deles — ele tinha origem francesa, embora não completamente. Ele costumava trabalhar num hospital há muitos anos em

França, mas ele e o seu amigo foram mortos num ataque aéreo. E eles parecem ter-se ligado ao vosso pequeno grupo.

Claro, sabem, o meu hospital foi o primeiro hospital para as mulheres, sabem. O meu nome é Anderson, Garrett Anderson [Elizabeth Garrett Anderson, 1836–1917]. Não sei se o meu nome significa algo para vós, mas estou muito interessada na cura, obviamente. Esse foi sempre o meu interesse quando estava do vosso lado. E sei que fazeis muito nessa direção, e muito benefício tem sido trazido à existência de uma forma ou de outra. Não deveis ficar desanimados. Claro, não se pode curar toda a gente, mas vós fazeis muito e aliviais a dor e o sofrimento, e em alguns casos há uma forma pela qual podemos ajudar até ao ponto em que uma pessoa pode ser curada, mas não todos, claro. Não tenho bem a certeza se me conseguem ouvir. Estou a esforçar-me por falar o mais alto que consigo.

É um pouco confuso, sabem, quando se vem, como se vem, do nosso lado da vida, e descemos para o ambiente da Terra, e depois concentramos, por assim dizer, o melhor que podemos, os nossos pensamentos e este mecanismo — seja o que for que isto é, uma coisa complicada — ele transmite ou vibra. Ouvis o que me esforço por dizer pela vibração. Mas só quero que saibais, embora eu não venha regularmente — isso é impossível para mim. Outros vêm, claro, regularmente a vós. Eu venho em raras ocasiões ocasionalmente. Só quero que saibais o quão interessada estou no que está a acontecer, e por favor continuai. Não fiqueis desanimados com as coisas. Há muita energia e poder. Muito bom trabalho pode ainda ser feito, sabem. Obrigado. Se houver algo que eu possa fazer, se alguém quiser saber — não que eu possa necessariamente responder a todas as perguntas, porque não posso. Se eu puder ajudar de alguma forma, por favor pedi.

PARTICIPANTE: Bem, estávamos a tratar uma paciente com muito sucesso. Artrite reumatoide. Ela estava confinada a uma cadeira de rodas e usou um colar cervical durante três anos. E depois do tratamento, após cerca de dois meses, o colar saiu e ela começou a dar-se bem, uma melhoria gradual, e depois, de repente, ela não quis que fôssemos mais lá dar-lhe tratamento, e ficámos bastante confundidos.

DRª ANDERSON: Queres dizer que não estais a continuar o tratamento?

PARTICIPANTE: Não, ela pediu-nos para parar. Ela disse: "obrigada pelo que fizeram, e não desejo que venham mais cá". Isso soou realmente

muito ingrato. Acertou-nos abaixo da cintura. Ficámos mesmo chocados com essa. Eu tinha o número de telefone. Liguei-lhe e perguntei educadamente se estava tudo bem, porque pensei que pudesse haver alguns problemas pessoais envolvidos. E basicamente, ela disse apenas o mesmo que estava no bilhete, que foi muito curto. E ela disse: "senti apenas que deixaria passar algumas semanas para ver como me dou sem o tratamento, e se precisar de vós outra vez, aviso". Nós pedimos que a cura à distância fosse continuada, mas claro, na nossa mente, ela precisava do contacto também. Ficámos desconcertados.

DRª ANDERSON: Bem, meu caro, o que se pode dizer? Fizeste quase imenso para benefício da mulher, e é muito doloroso, e no entanto pode haver razões das quais não sabes nada, e pode ser que alguém ligado a ela tenha tornado as coisas muito difíceis. Talvez ela ainda gostasse de continuar, mas ache difícil fazê-lo sem incorrer em algum desagrado no seu ambiente. Quero dizer, eu não sei. Mas eu diria que fizeste o que tinhas a fazer, ajudaste tremendamente, obviamente ela beneficiou e sem dúvida está a fazer progressos, mas possivelmente há alguma razão que eu sei que te preocupa — isso é compreensível — mas eu não permitiria que isso te perturbasse. Sei que é fácil para alguém dizer isso, mas acho que fizeste o que tinhas a fazer, ela foi ajudada e sem dúvida progredirá, e a cura à distância sem dúvida continuará. Mas sabes, infelizmente isto acontece com as pessoas, não acontece?

PARTICIPANTE: Sim, acontece.

DRª ANDERSON: Quando precisam de ti, estão à tua porta, e quando passam de um certo ponto, esquecem-se daqueles que mais as ajudaram. Isto é uma tragédia, e é a vida, é a forma como as pessoas às vezes são. Valha-me Deus, poder-se-ia falar dos velhos tempos também, num sentido material. O número de pessoas que foram ajudadas no hospital durante um longo período de tempo... e claro que o nosso trabalho é mandá-las embora curadas onde for possível, e não se espera talvez que regressem — eu não quereria que o fizessem, caso precisassem de mais tratamento — mas o ponto fulcral é que se aprende que se pode fazer muito em certas direções, mas não esperes necessariamente que eles te retribuam sempre. Não que se faça por retribuição, mas é muito doloroso. Eu tentaria não deixar que isso me deprimisse muito. Ela pode ainda voltar a ti se sentir que é necessário ou preciso, mas tenho o sentimento, neste caso, de que ela não é completamente um agente livre. Não sei porquê. Conheces a situação dela?

PARTICIPANTE: Só vagamente. Ela costumava falar um bocadinho, mas eu tive um pressentimento engraçado de que era algo assim.

DRª ANDERSON: Tenho um pressentimento muito forte — não que eu saiba, apenas o que sinto ou pressinto — de que ela não está a ser capaz de fazer o que provavelmente gostaria de fazer. Algures pelo caminho, sinto-me certa de que há uma influência a ser exercida sobre ela.

PARTICIPANTE: Obrigado. Era só isso que queríamos saber.

MICKEY: Está aqui uma senhora muito adorável, muito ansiosa por falar com aquele cavalheiro. Vou ver se consigo ajudar. Agora espera um minuto. Ele é sossegado, não é? Ele não diz muito. Qual deles é? Conseguem ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, conseguimos ouvir-te, Mickey, mas a qual te referes?

MICKEY: Ei, o que disseste? Bobby, Bobby, Bobby. Um cão? Sim, está um cão sentado mesmo em frente àquela carga. É fixe. Ei, conta-me, conta-me. Não é um cão grande, também não é pequeno. É um cão de tamanho médio. É um bocado disto e um bocado daquilo. Acho que é um "Heinz" [rafeiro], sabes. Mas um velho cão adorável. E está sentado mesmo em frente àquele sujeito. Lá na frente. Consegues ouvir-me, companheiro?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Tiveste um cão que era... eu não lhe chamaria bem tipo terrier, mas não é um cão excessivamente grande. E está aqui um homem e uma senhora, e ambos trouxeram este cão. E há uma fotografia deste cão tirada no jardim com o cavalheiro. É... não sei se tens esta fotografia. Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim. Não consigo situar uma fotografia de um cão no jardim.

MICKEY: Acho que chamavam a este cão Bob. Velho Bob, Bob. Talvez não saibas.

PARTICIPANTE: Não me recordo de um Bob.

MICKEY: Não, não estou incomodado. É um "dogmático". Acho que se chamava Bob.

MICKEY: E, oh, o teu pai. O teu pai está aqui.

PARTICIPANTE: Não, não seria o meu pai.

MICKEY: Mas por que é que ele está a dizer que é o pai? Ele está definitivamente a dizer que é o pai e está aqui com a velhinha. E estão ambos aqui. Ei, o que disseste? Disseste pai? Bem, ele diz definitivamente que o pai dele está aqui. Ele diz que o pai está aqui. Ele diz: "ei, ei, ei, anda lá então". Conta-me. Tens a certeza de que a imagem do homem com o cão era para o Brian?

BRIAN: O quê? Era definitivamente para mim, ou era isto?

MICKEY: Está outro homem sentado um pouco mais à frente. Há algo a ver contigo. Definitivamente para mim. Definitivamente, sim. E há todo um... Este cavalheiro continua a dizer que é o pai e tem a "M" com ele. M, sim. E há também alguém chamado Lou. Podes não conhecer algumas destas pessoas, mas estão todas aqui juntas. E está aqui este cão. E há uma fotografia tirada deste velho cavalheiro quando ele estava do teu lado, num jardim com este cão aqui. E também... ei, o que disseste? Consegues aceitar, Jo?

JO: Sim, eu tenho uma fotografia do meu pai com um cão.

MICKEY: Bem, tu tens a ver com ele?

JO: Não.

MICKEY: Bem, então por que é que ele se está a manifestar com ele? Porque eles estão. E o cão está mesmo aos pés dele. E o velho diz que é o pai e está aqui com a mãe. E a velhinha chama por ela. Consegues ouvir-me? Sim. Eles devem ter passado, então. Mas por que é que ela se está a manifestar contigo? Espera. Vamos resolver isto. Vês, algumas destas pessoas não são boas a... ei, o que disseste? Ouve o que eu digo. Anda lá, Fran. Como estás? Consegues ouvir-me?

FRAN: Muito mal.

MÃE DE FRAN: Como estás? Como estás? Eu sou a tua mãe. Não me consegues ouvir? Anda lá, Fran. Dá-nos alguma informação. Quem és, quem

queres? Como estás com os rapazes? Hmm? Dizes que estás aqui com os rapazes. Algo assim. É com o Ron? Tem algo a ver contigo, Ron?

RON: O quê?

MICKEY: Eu perguntava-me se tinha a ver com o Ron. Deve ter a ver contigo, claro que tem. Mas ele está a extrair muito poder daquele cavalheiro e estão todos a manifestar-se ali à volta, naquele canto. Não consigo situar... a menos que, quando ele diz "papás", esteja a recuar uma geração para o avô. Bem, ele chama-se a si mesmo "papás". Ele era a velhinha, como é que ele se chamava? Ele costumava referir-se a ele como a velhinha e estão ambos juntos e há também alguém chamado Amir e também alguém a quem se referem como Jim. Mas se conheces estas pessoas... mas estão todas ligadas.

PARTICIPANTE: Todas ligadas? Penso no Jim, mas eles não estariam ligados ao avô deles. Eram famílias diferentes.

MICKEY: Tens estado a fazer algum trabalho psíquico, companheiro?

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Hein?

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Bem, quer tenhas ou não, há uma quantidade tremenda de poder à tua volta e energia, e eles parecem estar a ligar-se a ti como se extraíssem de ti.

PARTICIPANTE: Nunca ninguém me falou sobre isto.

MICKEY: Bem, talvez me tenhas achado um bocado confuso da última vez. Bem, se calhar és uma daquelas pessoas em casa. Mas não há como fugir, quer sejas confuso ou não. Tu és um indivíduo muito forte, sensível e psíquico, há muito poder à tua volta e eles estão obviamente a construir e a extrair de ti e também, não sei, como poderia eu arriscar-me contigo? Agora estão a falar de algum escritório. Tu trabalhas ou tens alguma ligação com um escritório?

PARTICIPANTE: Eu tenho um escritório, sim.

MICKEY: Bem, eles estão a dizer-me que vêm e trabalham e tentam ajudar-te e há uma influência e tem a ver com algum lugar como um escritório

onde trabalhas e acho que poderias ser uma personagem bastante interessante do ponto de vista de um médium se quisesses desenvolver-te.

PARTICIPANTE: O quê? Acho que não teria tempo.

MICKEY: Bem, não estás assim tão ocupado, pois não?

PARTICIPANTE: Ocupado de outras formas.

MICKEY: Bem, é extraordinário. Consigo ver-te e eles também estão a falar de... não estás interessado em cura, então?

PARTICIPANTE: De uma forma indireta, estou interessado em ajudar as pessoas.

MICKEY: Bem, é muito peculiar porque eu capto-te e eles dizem-me que, à tua maneira, fazes bastante, mas as pessoas procuram-te para ajuda ou conselhos?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Hein?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Porque é como se estivesses a distribuí-los, quase como rotina. Suponho que seja o teu trabalho então, porque eles dizem que tens um trabalho de responsabilidade à sua maneira e tens de ajudar as pessoas e estás a fazer um trabalho muito bom nessa direção e estás obviamente, talvez sem saberes, a receber ajuda deste lado e é como se estivesses sentado neste lugar e as pessoas entrassem e se sentassem e tu tagarelas e... ajudas as pessoas a organizarem-se um pouco?

PARTICIPANTE: Essa é a minha profissão, sim, mas não faço muito na minha profissão, não.

MICKEY: Oh, não fazes muito nessa profissão.

PARTICIPANTE: Porque estou parcialmente reformado.

MICKEY: O quê? Estou parcialmente reformado disso. Eu não quero saber que parte de ti está reformada! Estás meio a rir-te. Mas eles dizem-me que a tua posição na vida tem sido ajudar, aconselhar e confortar as pessoas e

dar-lhes algum tipo de experiência a partir do teu conhecimento e tu tens esta habilidade e, embora digas que não o fazes tanto agora, de certa forma estás a fazê-lo e és extremamente sensível e estás a receber muita ajuda e influência deste lado e é como se tu... Tiveste de assinar muitos documentos no teu tempo então, e ter a ver com leis?

PARTICIPANTE: Sim, eu sou advogado.

MICKEY: Porque eles falam-me de ti e dos tribunais e das leis e documentos e conselhos às pessoas e dizem que tu nunca pararias, enganas-te a ti próprio que pararias, mas não paras, porque estás sentado aí e continuas a fazê-lo e isso pode não ser no sentido material a que estavas habituado, mas vês, tu és um bocado um "caso", com o devido respeito. Acho que tens um coração e uma mente muito abertos, mas acho que ainda não descobriste o que poderias alcançar ou o que poderias fazer e há muita gente deste lado que está obviamente a tentar passar e trabalhar e acho que tu poderias ser — não que provavelmente queiras ser um médium — mas quer sejas ou não, ou penses que és ou não, tu és, num sentido. Há muitas coisas a acontecer à tua volta e está aqui alguém chamado Stanley agora, mas não é parente, mas é alguém que dizem que conheceste nos teus primeiros anos. Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: O único Stanley em quem consigo pensar ainda não passou para o outro lado.

MICKEY: Oh, este está tão morto como um dodo. Ele está aqui connosco.

PARTICIPANTE: Sim, bem, o que eu estou a pensar, eu gostava que ele já cá estivesse.

MICKEY: Não é o caso, pois não? Não. O que queres dizer com "gostavas que ele estivesse morto"? Deixa-te disso agora. Não, eu não... bem, não, este... não consigo pensar em quem seria que já passou. Não me lembro de ninguém.

MICKEY: Tu és um tipo de gajo engraçado, não és?

PARTICIPANTE: Sim. Eu acho que estou a ser ajudado no que faço a partir do vosso lado. Eu concordo com isso.

MICKEY: Bem, eu acho que estás. E quer faças o que fazes como profissão ou não, ou se largas isso ou não, o ponto é que eu acho que as

pessoas vêm a ti ou fazem uso de ti num sentido, mas o ponto é que tu ajudas e, embora possas não aceitar o ato psíquico ou espiritualista, ele está lá. Tu sabes que o tens dentro de ti e o poder de cura é muito forte. Hmm.

PARTICIPANTE: Acho interessante. Eu não percebia isso e eu...

MICKEY: Quando foste ver o teu local de escritório ou o que quer que fosse o assunto, alguma vez subiste umas escadas? Diz-me. Aqui. Agora, vamos continuar. Tu interessas-me. Tu és um desafio. Aqui. Por que é que eles insistem num sítio por cima de uma loja? E não sei se é realmente o teu local profissional, mas há uma loja e tu sobes umas escadas e depois, por cima desta loja, está este sítio, sabes. Sabes do que é que eles estão a falar?

PARTICIPANTE: Não.

MICKEY: Anda lá, sim, tu sabes. Foi quando eras um rapaz.

PARTICIPANTE: Quando eu era um rapaz. Oh.

MICKEY: E quem é Matthews? Matthews. Ali? Estão a falar de alguém... Espera um minuto. Tiveste algum contacto com Matthew, ou Matthews, não tiveste? Com alguém que tinha o apelido de Matthews. Bem, é disso que eu estou a falar. Mas o nome dela era Vera. O quê? Era Vera Matthews? Espera um minuto. Estão a dizer-me sobre os Matthews e eram duas pessoas, um Sr. e uma Sra., e o nome deles era Matthews. E sabes se eles tinham alguma ligação com o lugar? Oh, consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim. Sim, estou a ouvir com muita atenção.

MICKEY: Vês, eu suponho que sendo o que gostas, um tipo tipo advogado, sabes, queres tudo a preto e branco e os pontos nos is, não queres?

PARTICIPANTE: Se tu o dizes.

MICKEY: Não, mas eu gosto de ti porque "estás na minha rua". Mas não sei se deveria dizer isto. Acho que estás convencido de certa forma, mas não estás totalmente convencido da sobrevivência, pois não?

PARTICIPANTE: Eu sei sobre a sobrevivência.

MICKEY: Sim, mas como estás, o que dizes, 100%?

PARTICIPANTE: Bem, acho que me foi mostrado algo que me fez perceber que a minha vida estava a ser guiada.

MICKEY: Oh, tens sido guiado, com certeza. E alguém ligado a ti suicidou-se também. A sério? Isso foi há muito tempo também. E há muitas coisas a acontecer à tua volta. E no entanto aquela senhora ao teu lado, ela não tem realmente nada a ver contigo, então.

PARTICIPANTE: Oh, eu? Não. Hein? Não, apenas um bom amigo.

MICKEY: Oh, OK. Espero que sim.

PARTICIPANTE: A pessoa que se suicidou era um cliente meu?

MICKEY: Bem, é muito estranho porque eles dizem-me que tu te envolveste com tanta gente. Obviamente não são todos parentes, mas pessoas que ficaram presas e ligadas a ti. E o homem morreu de forma muito trágica.

PARTICIPANTE: Sim, eu lembro-me de alguém que morreu. Ele não conseguia encarar as coisas, tirou a própria vida. Ele meteu-se num tal emaranhado e estava miserável e tirou a própria vida. E houve um inquérito e tudo.

MICKEY: Foi-se, sim. Sim. E tu tiveste... ele sabe que eu tive um acidente de carro a caminho do inquérito dele?

MICKEY: É esse o homem. Sim, ele diz que sim. E por que é que ele insiste em algo a ver com um relógio? Um relógio? Sim, relógio. R-E-L-Ó-G-I-O. O que queres dizer? Eu não me lembro de um relógio. Algo sobre o relógio dele por alguma razão. Ninguém te quer agora. Oh meu Deus. Tiveste um... este acidente que tiveste, mas saíste dele mais ou menos muito bem, não saíste?

PARTICIPANTE: Oh, esse acidente não foi... esse foi um acidente menor, sim. Esse foi um acidente menor.

PARTICIPANTE 2: Está aí alguém para falar sobre o grande acidente que eu tive?

MICKEY: Não, não sei. Sabes o que eu vou dizer? Vão baralhar-me todo agora. Provavelmente vou chorar um bocado, não vou? Bem, tu é que começaste. Oh, não comeces tu. Eu não estou aqui daqui a um quarto de hora.

Não sei se estarei. Oh meu Deus, oh meu Deus. O Mickey é engraçado, não é? Achas que te estou a assustar agora? Não. O que é que ele está a dizer? Estou a assustar-te, Mickey? Não sejas tonto, companheiro, não. Não me assustes, companheiro. Tu apanhas-me.

Estou um bocado confuso porque há tanta confusão de certa forma, porque há todas estas pessoas diferentes e... Ainda tens esse contacto com o nome de Matthews? Porque a família da minha primeira mulher tinha o nome de Matthews e eu estou apenas a perguntar-me...

MICKEY: Bem, é tudo muito confuso porque não há como negar o facto óbvio de que está aqui alguém cujo nome era Dorothy Dot. Sabes quem é a Dorothy ou Dot?

PARTICIPANTE: Eu conheço-a, Dot, mas ela ainda está no que chamamos o nosso lado.

MICKEY: Não, não adianta, não consigo forçar. Há tanta confusão e uma multidão de pessoas aqui para baralhar as coisas com ele. Alguém foi morto também. E isso não foi normal, natural. Alguém que morreu nalguma tragédia. Há tantas coisas que eu não... está alguém que morreu num acidente. E teve a ver contigo de alguma forma. Estiveste envolvido naquele acidente de estrada onde alguém morreu, então?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Bem... oh meu Deus. Agora, por que é que eles insistem numa fotografia? Tens uma fotografia de uma senhora contigo?

PARTICIPANTE: Tenho uma que está em cima da mesa em casa, mas não a tenho comigo.

MICKEY: Bem, é muito estranho porque a senhora aqui está a falar-me da foto dela e ela parecia ter a impressão de que tu às vezes tinhas uma foto na carteira.

PARTICIPANTE: Não, eu... eu tinha quando era mais novo, mas agora só tenho a fotografia em cima da mesa.

MICKEY: Bem... OK. Bem... ela também está a falar de um anel. Ela também está a dizer sobre um anel que foi alterado. Não me perguntes o quê.

Um anel que foi alterado? Sim, sim, sim, sim, sim. O que sabes sobre alguém que se "juntou" duas vezes, então?

PARTICIPANTE: Bem, eu "juntei-me" duas vezes, se quiseres.

MICKEY: Sim, e depois houve alguém que tinha um anel e havia dois anéis, e isso é peculiar. E estão a falar de dois anéis a serem transformados num só anel. Isto é algo a ver com a tua família.

PARTICIPANTE: Não, não sei nada sobre isso. Harry, sim, eu conheci um Harry.

PARTICIPANTE: Era Mary?

MICKEY: O quê? Era Mary? O que é que ele está a dizer? Ele disse: "era Mary, Mickey?". Eu não entendo tudo isto. É tudo muito confuso. Não é claro. Alguém que morreu numa tragédia, um acidente, e aquilo foi um negócio terrível. Alguém teve de ir a tribunal e... oh... agora tudo bem, então. Aquela pequena senhora ao teu lado, ela sofre imenso, não sofre? Ela consegue ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Pobre amorzinho. Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, consigo, Mickey, sim.

MICKEY: Está aqui um jovem também, que morreu muito tragicamente. Sim. Acho que foi morto na guerra, pelo que me dizem. Um rapaz jovem. Acho que é tudo a ver com o vosso círculo. Acho que tu atrais muita gente ao teu círculo, não necessariamente todas aquelas pessoas que, bem, tu conheces. Sim. Mas ele está a sentar-se convosco?

PARTICIPANTE: Perdão, Mickey?

MICKEY: Ele está a sentar-se convosco?

PARTICIPANTE: Bem, Brian? Sim. Não, nós gostávamos que ele estivesse, mas...

MICKEY: Bem, ele é cético, então?

PARTICIPANTE: Bem, acho que ele não para quieto tempo suficiente, como ele próprio diz.

MICKEY: Porquê?

PARTICIPANTE: Ele anda sempre de um lado para o outro, a ajudar outras pessoas e a fazer outras coisas.

MICKEY: Acho que ele seria uma grande mais-valia para um círculo. Sim, eu sei que seria. Há uma quantidade tremenda de poder e energia e vitalidade com ele, e muito amor deste lado vem para ele também. Sim, nós sabemos. E eu acho que, embora não dissesse que ele é um homem solitário, mas... bem, melhor não dizer muito.

PARTICIPANTE: Continua, continua, continua.

MICKEY: Bem, eu acho... e tu também, talvez. Bem, eu acho que tu ficas, como direi? Não é como se estivesses completamente sozinho, e no entanto estás. É como se tivesses afeição e consideração e tudo isso, mas de alguma forma é como se às vezes tu... suponho que toda a gente tenha de seguir o seu próprio caminho, mas... sentes-te às vezes como se fosses, bem, um bocado um excêntrico ou quê?

PARTICIPANTE: Oh, sim, eu sou excêntrico.

MICKEY: O quê?

PARTICIPANTE: Eu sou excêntrico.

MICKEY: Bem, fica com a tua, não te chames a ti próprio excêntrico, mas... eu imagino que não sejas a pessoa mais fácil de se viver, mas enfim. Não quero dizer com isso que sejas mau, mas acho que gostas do teu próprio caminho, e acho que de certa forma sempre tentaste consegui-lo, mas isso não quer dizer que não te tenhas entregado a outras pessoas, mas sinto que és um bocado um "senhor de ti mesmo". Sim, sim. Isso é muito verdade. Mas não adianta. Eu não deveria levar o mesmo tempo todo com uma pessoa, mas... oh meu Deus, como é que eu ponho isto? Mickey, a senhora que esteve no acidente está a tentar chegar até ti? Bem, ela está... eu não entendo isto, mas houve uma senhora que foi morta em algum tipo de desastre ou acidente. Tu compreendes isto?

PARTICIPANTE: Compreendo, sim.

MICKEY: E ela está muito ao teu redor de tempos a tempos. Sim. Mas acho que há dificuldade. Agora, não quero que fiques com a ideia errada, mas não consigo um fio condutor claro nisto, o que é muito estranho de certa forma. Sinto que ela está a tentar chegar a ti, e chegou a ti em diferentes alturas, mas é como se por algum motivo — não me perguntes porquê — eu não conseguisse um fio condutor claro, mas... obviamente, este acidente poderia ter sido evitado. Compreendes isto ou não?

PARTICIPANTE: Compreendo, sim.

MICKEY: É como se tivesse acontecido e pudesse ter sido evitado, mas algo, não necessariamente culpa de ninguém talvez no longo... não sei como vês isto, mas é apenas algo que talvez pudesse ter sido evitado, e há aqui uma ligação, uma muito forte, e acho que esta senhora, abençoado seja o coração dela, tem estado a tentar chegar a ti, e não sei se estás consciente do facto de que ela tem tentado entrar em contacto contigo no teu próprio ambiente, na tua própria casa.

PARTICIPANTE: Sinto frequentemente que ela está comigo em algumas das coisas que faço.

MICKEY: Sim, mas por que é que ela me está a dizer que mudou várias coisas de sítio? Ela mudou-as. É o que ela diz, não tu, companheiro, ela. Espera. Definitivamente, e tem a ver com flores. Não importa. Mickey, consegues fazer a senhora falar? Alguém está a tentar dizer alguma coisa. Ela está a chamar o nome dela, acho eu. Harry. Alguém está a chamar Harry. Sim, Harry. Ela está a dizer Larry ou Barry ou algo assim. Ela está muito ténue. Mickey, quem está aí? Numa ilha. Numa ilha? Sim, numa ilha. Algures no estrangeiro. Hmm? Não sei do que estás a falar. Mickey, não estamos a chegar a lado nenhum. O que era aquilo que estavas a dizer? Mickey? Mickey? Mickey? Agora ele está a mostrar-nos outras pessoas. Mickey? Agora ele está a acenar. Agora, agora, agora, agora, agora, agora. Arthur? Olá?

ARTHUR: Arthur a falar.

MICKEY: Arthur? Anda lá. Arthur?

ARTHUR: Arthur a falar. Olá, olá, olá, olá. Anda lá.

MICKEY: Parecia o Arthur, não parecia? Foi o que ele disse: "Arthur a falar". Bastante distinto. Hmm. Receio que deva ser muito difícil às vezes. A

esposa de um cavalheiro é morta num desastre ou acidente de carro. Sim, sim. A tua esposa está aqui, e ela está muito ansiosa por que saibas da presença dela. Eu compreendo, mas consegui perceber que ela morreu de forma muito trágica neste acidente de carro. Claro, ela está perfeitamente bem agora, e claro, ela gostaria muito — e de facto, eu sei que ela tem-se esforçado por fazer contacto contigo — mas há uma pequena dificuldade, especialmente às vezes com algumas pessoas. Acho que elas ficam muito presas, muito emocionais. Ela está muito ansiosa por que saibas da presença dela. Espera só um minuto. Sim, eu compreendo tudo isso. Havia uma terceira pessoa. Havia um filho na parte de trás do carro, e ele está bem. Ela está a falar de alguma outra pessoa jovem, e ela está muito interessada e ansiosa por ouvir deste lado, mas ela está a falar da outra pessoa. Ela está a falar de uma terceira pessoa, vês, e ela também me está a dizer que é um aniversário. Não sei bem se é um aniversário de nascimento ou o quê. Aniversário.

PARTICIPANTE: Sim, muito em breve.

MICKEY: Ela está a falar de Setembro.

PARTICIPANTE: Sim, aniversário do nosso noivado.

MICKEY: E também ela está a falar de um anel, que presumivelmente não tens contigo, mas ela diz que há numa gaveta, numa caixa, vários itens, incluindo um anel, presumivelmente o dela.

PARTICIPANTE: Acho que estes são os anéis que a mãe dela ainda guarda.

MICKEY: Espera um momento. Sabes a quem ela se refere quando fala de Tony? Tony?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Sim? Não sei se ela quer dizer do vosso lado ou não, mas ela está a fazer alguma referência ao Tony. Tony Burton? Alguém que conheces bastante bem. Acho que ambos podem ter conhecido este Tony.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Mas evidentemente ela está muito ansiosa por que saibas que ela está longe de estar morta. Ela está muito presente. Mas ela parece sentir

que o que aconteceu poderia ter sido evitado. Não sei bem de que forma. Só um momento. Por que é que ela está a falar de mudar de casa?

PARTICIPANTE: Sim, eu mudei de casa.

MICKEY: Desde a morte dela.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Ela diz que não é a casa em que estavam juntos, mas que tu estás agora noutro lugar. Sim. Ela vem ver-te lá. Ela também está a falar de algum acidente além do assunto do carro, o que quer que seja.

MICKEY: Outra tragédia. Sabes por que é que ela faz um comentário sobre um fogo? Sim, porque ela passou para o outro lado num fogo. O acidente de carro foi um fogo. Ela está a dizer-me que a última coisa de que se consegue lembrar foi fogo e fumo ou algo assim. Mas eu sei que é fácil dizer isto, mas ela parece sentir que tudo aconteceu tão de repente que ela perdeu a consciência. Mas ela está a falar deste fogo, vês, e de outra tragédia. Ela continua a falar de tragédia e fogo e tudo. Compreendes isto?

PARTICIPANTE: Sim. Sim, compreendo.

BRIAN: Mas dirias a ela que acho que ela foi muito corajosa por não me dizer que sabia que estava a morrer antes do acidente? Agora sei que ela...

MICKEY: Espera um momento. Ela não... ela está muito ansiosa para que estejas ciente de que nunca está assim tão longe de ti. E também, evidentemente, ela tinha cancro. Sabias que, se ela vivesse, provavelmente teria sofrido imenso? Ela tinha algo de errado com ela por dentro. Estava a ter muitos problemas de sangue.

BRIAN: Sim.

MICKEY: Mas era um crescimento canceroso. Ela diz-me que, claro, a natureza da morte dela foi trágica, claro, obviamente terrível, mas ela teria sido uma grande sofredora se tivesse ficado do teu lado. A propósito, ela está a falar de alguém com um nome muito esquisito. Espero acertar. Soa a Elman. Elman. Eldon? Eldon. Eldon, é isso? Eldon, o Americano. Ela está a rir-se. Não sei por que é que ela haveria de achar piada. Mas está a falar de alguém chamado Eldon. Sabes a quem ela se refere?

BRIAN: Tivemos um Americano chamado Eldon que veio e ficou connosco num Natal.

MICKEY: Bem, ela disse que tiveram um tempo bastante alegre e bom, e está a falar desta pessoa chamada Eldon. E disse que foi uma ocasião feliz, de certa forma.

BRIAN: Sim. Sim, lembro-me disso.

MICKEY: E tiveste um período... bem, agora, não... não sei por que é que ela está a falar disso agora. Estou a ficar confuso, mas ela não é uma boa comunicadora, não no que me diz respeito. Estou a tentar obter o que consigo dela. Ela está a falar de um bungalow. Propriedade da mãe dela... Ela diz que esteve muito interessada no que aconteceu há não muito tempo em relação ao bungalow. E teve a ver com alguém ligado a ambos. Bungalow.

BRIAN: O único bungalow que conhecemos pelo nome de "o bungalow" é o bungalow da mãe dela, mas não acho que ela se refira a esse. Acho que ela se refere à casa à beira da estrada.

MICKEY: Sabes por que é que ela... não, não estou a sugerir, pelo que ela me diz, que vás jogar golfe, mas por algum motivo ela está a falar de um campo de golfe. Campo de golfe. Algures lá para cima junto ao campo de golfe, diz ela. Mas não importa, não importa. Não, não consigo ligar isso.

BRIAN: Isso é um trocadilho mau.

MICKEY: O quê?

BRIAN: Desculpa, é um trocadilho mau, "link" [ligação/campo de golfe] e golfe. Esquece.

MICKEY: Oh, percebo o que queres dizer. O meu sentido de humor não vai tão longe. Mas tu és uma personagem bastante interessante, mas tenho a certeza de que, não necessariamente agora, mas se pudéssemos continuar a tua vinda, eventualmente poderíamos obter uma ligação mais forte. Eu gostaria muito que ela fosse capaz de se manifestar, e sei que ela está muito interessada, muito ansiosa, por isso eu sei sobre amor e presença, mas acho que ela fica um bocado excitada demais e agitada quando ouve com amor.

BRIAN: Bem, eu retribuo isso, e diz-lhe que as crianças estão bem, se ela não souber.

MICKEY: Tens alguém ligado a ti na profissão médica, companheiro?

BRIAN: Não.

MICKEY: Bem, é muito interessante para mim, porque além da tua patroa e tudo isso, estão a falar de alguém que é enfermeira. Alguém que já partiu? Sim, espera um momento, e o nome de Lacey. Não te preocupes se não acompanhares tudo, podes lembrar-te de algo mais tarde. Mas a tua patroa, ela é um "caso", sabes, ela está bem.

BRIAN: Sim, sim, acredito nisso.

MICKEY: Lembras-te do caso que perguntaste? Bem, no teu tipo de profissão, não podes evitá-lo. Obrigado também. Bem, sabes o que quero dizer, tens de ter, bem, sabes, mentalidade jurídica, quero dizer, eles usam sempre uma dúzia de palavras [onde bastava uma], o que tu farás esta noite. (RISOS). Por que não te sentas com ele, então, e com a patroa dele no grupo? Porque serias um bom lugar [no círculo].

BRIAN: Obrigado, Meggie.

MICKEY: Ele é um bocado um "caso", não é? Sim, sim.

BRIAN: Eu levo uma vida muito ativa, Meggie.

MICKEY: De que forma chamas ativa?

BRIAN: Muito raramente estou em casa.

MICKEY: Bem, isso eu consigo compreender, mas, hum... És inquieto.

BRIAN: Sim, muito inquieto.

MICKEY: Sabes que não queres aquela peruca, pois não? O quê? Estás a rir-te que nem um doido. Eu? Sobre uma peruca, P-E-R-U-C-A, algo que pões na cabeça.

BRIAN: Eu não tenho uma peruca.

MICKEY: Ele disse "tu"? Não, não. Por que é que ela se está a rir da peruca? É como se fosse uma piada. Ela está a rir-se. Ela diz que tu compreenderás num tempo muito curto por que é que eu faria referência a esta peruca. Vais ver a mãe dela?

BRIAN: A mãe dela, não.

MICKEY: Hein?

BRIAN: Não, tanto quanto sei.

MICKEY: Não vais, pois não? Bem, ela está a rir-se. Está muito divertida com esta peruca. Algo a ver com a mãe dela, acho eu. E alguém chamado Tootsie também. Tootsie ou Tony?

BRIAN: O quê? É Tootsie ou Tony?

MICKEY: Ela está a falar do Tony, que ela mencionou, claro, e Tootsie, e está alguém chamado Ralph, Ralph, Ralph. Ela parece muito energética de certa forma, mas está terrivelmente excitada. Eu não seria feliz aqui o dia todo com ele. Eu gostaria de despachar isto, suponho, senão estaria em apuros. Tudo bem, Robin? Estás bem, Maggie [Mickey]?

ROBIN: Estás bem, Maggie?

MICKEY: Se estou bem? Sim, estou bem. Não, mas sinto como se estivesse a ocupar muito tempo com ele.

ROBIN: Não te preocupes com isso. Ele deve merecer, Maggie.

MICKEY: O quê?

ROBIN: Ele deve merecer.

MICKEY: O que disse ela? Ele deve merecer? Ele deve merecer? Oh, sim, ele precisa, porque ele não é exatamente uma alma perdida, mas, sabes, acho que ele... não sei como o dizer sem parecer indelicado, mas acho que a mulher dele está muito preocupada com ele. Acho que ele está num... sabes, não acho que ele esteja estabilizado por muito tempo. É desde que perdeste a patroa, então?

BRIAN: Estou bastante agitado a maior parte do tempo, sim. Mas estou a gostar do que estou a fazer agora.

MICKEY: Bem, boa sorte para ti. Aquela outra senhora, ela é calada, não é? Ela não tem muito a dizer sobre si própria, pois não? Qual delas? Ei, aquela senhora magra, a senhora esguia. O quê? A Anne? Sim, não me consegues ouvir? Fala comigo, Maggie. Sim. Desculpa, acho que estou um

bocado com a voz presa, Geoff. Como se estivesse cheia de frio. O que disse ela? Ela está cheia de frio. Ela ficou um bocado lenta porque está cheia de frio, Mickey. Estás com frio, estás? Sim. Mas tu sentas-te com eles, não sentas?

ANNE: Já o fiz.

MICKEY: Porque eu consigo ver-te. Já te vi com eles. E, sabes, e... não sei. Tiveste... o que disseste? Espera. Não sei se consegues ouvir.

MARIA TERESA: Estou tão emocionada, sabes, por ser capaz de vir e falar convosco. Maria. Oh, olá. Estou aqui, sabes. Quero que saibas que estou aqui. Sou eu, sabes. Maria. Olá. Olá. Quero que saibas que estou muito emocionada, sabes, por ser capaz de vir e falar convosco no círculo. Queremos que saibam que estamos a fazer tudo o que podemos, sabem, no círculo. Não deves desanimar, minha criança. Continua o trabalho.

MICKEY: Continua a falar. Anda lá, Mickey.

MARIA TERESA: Olá, amor. Tu és da Wendy, Maria? Anda lá. Não sei por que não me respondes. Estou um bocado atordoada. Por que haverias de estar atordoada quando eu venho falar contigo? Estive aqui à espera, sabes, de uma oportunidade para vir falar contigo. E há tantas pessoas, sabes. Algumas delas estão muito ansiosas, sabes. Mas também não são muito boas nisso. E eu disse para mim mesma hoje: tenho de ir falar com eles. Só quero que saibas, minha criança, que nunca estou longe de ti. Ajudo-te de todas as formas que é possível. Continua com o trabalho, minha criança. Sabe que teremos sucesso. Não deves desistir, sabes. Não desanimar. E deves ver que é muito importante que continues o círculo, sabes. Não sei se ouves. Estou muito excitada agora por vir falar contigo. Tu és da Wendy, Maria? *Oui*. Obrigado. Abençoada sejas, criança. E todos vós. É tudo o que posso dizer. Estou preocupada com o que pensas. Oi. Geralmente estou a tentar ver alguém. Oi. Olá. Bom. Não sei.

MICKEY: Alguém me derrubou com uma pena. Quem é? Não sei quem é. Alguém disse algo sobre ser derrubado com uma pena. Que horas são? Oi. Quem és tu, amor? Gay, gay, gay, gay. Estão a dizer Gay ou algo assim. Não sei. Não te consigo ouvir bem, Fred. Não tenho a certeza se consigo gerir isto ou não. Há uma cabeça engraçada que fazes a tentar falar com esta coisa. Olá. Olá.

GEORGE: George a falar. George? Sim. Estou aqui deste lado há já uns bons anos. Tenho vindo a estes sítios de tempos a tempos, sabem, onde fazem as vossas reuniões. Sim. Porque quando eu estava do vosso lado, não sabia nada sobre fantasmas e esse tipo de coisas. Enfim, conseguem ouvir o que digo? Sim. Conseguimos ouvir-te. Estive nas vossas reuniões. Estiveste? Na verdade, eu entrei, oh, deve ser, não sei há quanto tempo foi agora, quando me trouxeram para lá. Nem sequer percebi o que tinha acontecido ao início. Não conseguia compreender. No que me dizia respeito, eu ainda estava vivo e a mexer-me. Soube, claro, obviamente, eventualmente não pude deixar de descobrir, mas não parecia possível. Eu estava morto, como vós, sabem, lhe chamam.

Sim. Sim, porque a minha velhinha, ela era... bem, quero dizer, não nos dávamos assim tão bem, mas ela estava por perto, e eu achei que havia algo estranho aqui, sabes. Mas estou bem. Mas tenho vindo aos vossos eventos, às vossas reuniões. Tens? Sim. Porque tu és um bocado do que eles chamam um médium, não és? Quem? Bem, todos vós, mas eu sou assim, não sou? Um belo grupo o vosso. Sim. Agora compreendo. Não compreendia antes. Se alguém me tivesse dito, eu teria dito: "oh, la-da-wee". Sabes, eu pensava que, quando estavas morto, estavas morto e era o fim. Enfim, é um negócio engraçado, não é? Estou a falar com vocês todos? Quem é ela? Quem é a magrinha? Oh meu Deus. Oh meu Deus.

ANNE: Vou levar isso como um elogio. Obrigada.

GEORGE: Tu? Sim. Com licença, minha senhora. Sim. "Skinny blister" [Bolha magra].

ANNE: Irmã do Robin.

GEORGE: Ele está contigo, então?

ANNE: O Robin é o meu irmão, sim.

GEORGE: Bem, é um anúncio engraçado que fazes, porque francamente, não consegui evitar rir. Suponho que deveria manter a minha bocarra fechada. Pensei: bem, não sei, por que é que ele te plantou ali? Por que é que ele não se sentou contigo?

ANNE: Acabamos sempre por nos sentar ali.

GEORGE: O quê?

ANNE: Nós sentamo-nos sempre aqui, por alguma razão.

GEORGE: O que queres dizer com "sentam-se sempre ali"? Eu não entendo este negócio todo. Tudo o que sei é que estou tão morto como um dodo, como dizeis, e no entanto a minha "saliva" [energia/fala], sabes, nunca tinha percebido quão maravilhoso é. Eu sempre achei que quando estavas morto, já eras. Sabes, era o fim. Um anúncio engraçado que fazes, no geral, não é? Bem, tu não és diferente, pois não? Eu orientei-me. Não tenho arrependimentos. Não estou com a velhinha, sabes. Isso ficou tudo no passado. Quero dizer, tentámos que funcionasse, depois de um começo. Graças a Deus que não tens de estar com eles se não quiseres, sabes. Sim, é verdade, não é? Não, o que eu descobri sobre isto é que és um indivíduo, sabes. E se estás obviamente, bem, com a pessoa certa do teu lado, e fazes com que funcione, unem-se, são felizes e são, bem, como almas gémeas, poder-se-ia dizer, isso é outra conversa. Mas, no que nos dizia respeito, bem... no meu caso foi um caso de ter de casar. E tirei o melhor partido de um mau negócio. Enfim, isso já passou. Graças a Deus por isso. Estou bem agora. Sem arrependimentos. Não faço mal a ninguém. Porque tu és um tipo engraçado. Tu és, não és?

ROBIN: Eu sou eu.

GEORGE: Bem, de certa forma. Bem, algumas pessoas dizem que sim. Tens sido um bocado médium, não tens?

ROBIN: A tentar. A lutar.

GEORGE: Enfim, ela é boa gente. Tens sorte em tê-la.

ROBIN: Sim, eu sei.

GEORGE: Algumas pessoas têm toda a sorte. A minha estava um bocado, bem, exausta. Tive de me casar, percebes.

ROBIN: Foi de espingarda?

GEORGE: Bem, sabes, estou a recuar uns anos agora, sabes. Naqueles dias, era considerado ser, sabes, o quê? Não, eles não me prestam atenção. Bem, eu sou assim, não sou? Não. Acho que nasci cedo demais. Sim. Quem és tu? Perdão? Não me parece que o conheça, pois não? Aquele sujeito. Qual deles? Aquele tipo solicitador [Brian].

BRIAN: Sim, estou aqui.

GEORGE: Vou ver-te aí, companheiro.

MICKEY: O nome dele é Brian.

GEORGE: Brian? Sim. Ah, belo nome. A patroa dele tem estado a tentar fazer uma ligação, mas ela é terrivelmente excitável, uma pecinha de trabalho, se me perguntares. Enfim, ela está muito feliz agora. Está muito preocupada com ele, acho eu. Ela mantém-no debaixo de olho, com certeza. Sim. Oh, tu também és casado, então?

BRIAN: Tenho alguém deste lado com quem ainda estou tecnicamente casado.

GEORGE: Bem, o que dirias dele? Hein? O que foi?

BRIAN: Tecnicamente casado.

GEORGE: O que queres dizer com tecnicamente casado? Oh, ele não está.

BRIAN: Bem, estamos na fase intermédia. Estamos prestes a finalizar como um divórcio.

GEORGE: Bem, essa é uma forma engraçada de me dizeres as coisas. "Prestes a finalizar". Finalizar. Finalizar, sim. Bem, queres dizer que te vais "juntar"?

BRIAN: Não, vamos separar-nos. "Desjuntar", se preferires.

GEORGE: Desjuntar. Oh, porra. Bem, boa sorte para ti, companheiro. Acho que se fazes um casamento feliz e depois te vês preso e tens um desastre, o melhor é, suponho, separar. Ela é difícil, ou és tu?

BRIAN: Acho que somos ambos.

GEORGE: Geralmente são precisos dois, não é? Sim. Hein? Enfim, não me vou meter nisso. Não é da minha conta. Enfim, fica bem.

WHITE FEATHER: Olá. Olá, companheiro. Espera por isso. Abençoado sejas, amigo. Espera por isso. Vem. Traz paz e bom espírito às crianças, filho. Espera por isso. Vem ver melhor irmã, amigos. Espera por isso. Vem. Ajuda

de todas as formas possíveis com poder de um grande espírito em círculos. Sabes, eu nunca longe de ti. Eu trago poder, grande espírito, amor, grande espírito às crianças. Dou o meu amor e bênçãos a todas essas pessoas, filho. Espera por isso. Envio saudações a todos os povos. Espera por isso. Espera por isso. É bom ver-te outra vez. Falar contigo. Por favor, Virgínia. Por favor, por favor, Virgínia. Sim.

MICKEY: Sim, ajuda-vos no vosso grupo. Ele é um Índio, não és, Oz?

WHITE FEATHER: Sim. Sim.

MICKEY: E também, oh Deus, amor, honestamente tem sido uma noite longa. Está aqui alguém, Cecilia agora. Oh, Deus. Estou perturbado com a Cecilia. Cecilia. A Cecilia está bem. Sim, está aqui outra. Há todo um grupo destas pessoas. Está alguém chamada Cecilia, e ela vem com a Anne. Annie. Oh. Oh, não, eu não conseguia. O que disseste? Fourang. O quê? Ela é Fourang? Sim. E Annie. Annie. Quem é a Annie?

ANNE: Eu sou a Anne.

MICKEY: Tu és a Annie?

ANNE: Não, eu sou a Anne. Eu não gosto do nome Annie.

MICKEY: Bem, não posso fazer nada quanto a isso. Ela está a rir-se. Ela diz: "tu diz-lhe". E o nome dela é Cecilia. Cecilia. E ela envia o seu amor à Anne. E chama-lhe... oh, ela é uma senhora muito adorável. E diz que o nome dela é Anne, mas que ela prefere Annette.

ANNE: Não consigo situar isso de todo.

MICKEY: Mas nunca sentiste que gostarias de ser chamada de Annette?

ANNE: Não.

MICKEY: Enfim, ela diz que te está a chamar Anne, mas que também pensa em ti como Annette. E esta senhora, se não estivesses na terra, ela seria a tua irmã. E ela é uma senhora adorável. E chamavam-lhe Cecilia. Cecilia. Cecilia. Acompanhas-me? Consegues ouvir-me?

ANNE: Consigo ouvir-te, mas o nome não me diz nada.

MICKEY: Não disse que dizia, mas estou apenas a dizer-te. Porque vês, ela está a ajudar-te.

ANNE: Sim, bem, talvez seja alguém com quem ainda não me cruzei, então.

MICKEY: Bem, podes vir a cruzar-te, sabes. Gostas de música, então?

ANNE: Sim, adoro música.

MICKEY: Tentas tocar?

ANNE: Sim, tento.

MICKEY: Ah, bem, eu disse "tento", não disse? E ela é muito musical, esta Cecilia. E acho que ela tenta ajudar-te musicalmente. Tentas dedilhar na "Johanna" [piano]?

ANNE: Já o fiz no passado, sim. Tenho um órgão elétrico, no entanto.

MICKEY: Oh, bem, ela está a rir-se. Ela diz que está muito interessada em ti e na tua música. E está a tentar ajudar-te, porque ela era uma boa música.

ANNE: Oh, bem, acho que ela não gostaria de me ouvir tocar, então.

MICKEY: Bem, é provavelmente por isso que ela quer ajudar-te, para te manter longe dos maus hábitos. E tu tens uma daquelas coisas mágicas, não tens? Sim, bem, carregas em alguns botões, e aquilo... Um órgão. Sim, e aquilo... E dás ao pedal um bocado, isso. Carregas em alguns botões, e eles põem os tambores e tudo a tocar, e esse tipo de coisas. Oh, isso deve ser emocionante. Sim. Bem, isso faz com que o teu toque não seja tão mau, não faz? Faz-te soar melhor do que és, não faz?

ANNE: Sim, é verdade.

MICKEY: Ele também tenta? Perdão? O teu irmão, ele também tenta?

ANNE: Acho que sim. Ele tem feito o que tem andado a fazer, sim.

MICKEY: Desiste de tentar e entrega-te. Pobre velho Robin. Quando é que vocês vêm outra vez, Robin?

ROBIN: Não sei, se eu gostar, talvez.

MICKEY: Espero que tragas aquele tipo solicitador. Sim, creio que trarás. Acho que é o correto, porque tenho a certeza de que, uma vez que a mulher dele se familiarize e o comprometa, eu gostaria de vos ver fazer um bom contacto, porque acho que o ajudaria a ele, e a ela também. Ela está obviamente muito preocupada com ele. Quando eu reparo nele, digo que ela está preocupada, mas é óbvio que ela está preocupada com ele, por causa das circunstâncias que têm andado à volta dele, e este "sair das coisas", ou afastar-se, e tentar pôr as coisas em ordem e organizadas. Ela está muito preocupada porque ele está a passar por um período difícil, e ela quer que ele seja feliz, sabes. Sim. Oh. Nós gostaríamos definitivamente de vir outra vez.

ROBIN: Sim, eu gostava que viesses.

MICKEY: Sim, vais trazer aquele "velho salsicha" outra vez, não vais? Porque ele é um velhote simpático. Bem, ele não é assim tão velho, pois não? Suponho que tenha uns 60, não é? Eu também me posso fartar das pessoas, Leslie.

ROBIN: Fartar?

MICKEY: Eu posso fartar-me das pessoas. Bem, a idade não é nada, é como te sentes. E tu não pareces nada mal. Quero dizer, não sei. As pessoas fazem tanto alarido com a idade, não fazem? Sim. Fui eu que comecei, não foi? Desculpa. Bem, estás nos teus 50 então. Ele está irritado? Não me parece, na verdade. Não, não, não. Não, eu sou um bocado brincalhão, na verdade. Eras mesmo... oh, bem, não, Mãe. Continua. Bem, a tua mulher, e eu gostava de poder fazer mais. Porque sei que ela está tão ansiosa por te levar a ti e aos filhos. E ela está muito preocupada contigo neste momento. Como se estivesse a lutar para te ajudar a organizares-te. Como se ela estivesse... não sei como o pôr.

BRIAN: Acho que ela tem-me ajudado. Ela deu-me uma introdução ao trabalho que estou a fazer agora.

MICKEY: Sim, tenho a certeza que deu. Mas acho que é algo que está no teu eu mais profundo, mentalmente. E tu não estás tão em paz contigo próprio como poderias ou deverias estar, pois não?

BRIAN: Não.

MICKEY: Ela quer ajudar-te. Ela ajudará.

ROBIN: Talvez quando começares a sentar-te connosco, talvez.

MICKEY: Bem, por que é que ele não o faz? Está assim tão ocupado então? Bem... Então, vamos ter um divórcio? Sim. Certo? Sim. Bem, suponho que seja o melhor, não é? Se não estás feliz. Oh, não. Anda lá, amigo. Anda lá. Anda lá. Como está isso?

ANDREW MACINTYRE: Muito, muito bem, amigo. Macintyre aqui. Oi, conseguem ouvir-me? É o Mac. Mac. Oi, estive aqui à espera de uma oportunidade para dizer algumas palavras. Mas não tenho bem a certeza se conseguem ouvir o que digo.

ROBIN: Sim, continua, Mac.

MAC: Oi, é o Mac aqui. Só quero que saibas que estou aqui. E estou muito interessado no que se está a passar. E estou a fazer o meu melhor como posso. Mas não tenho bem a certeza se conseguem ouvir o que digo.

ROBIN: Conseguimos ouvir-te melhor agora, amigo.

MAC: Por que é que não trabalham juntos agora? Hmm? Perdão? Eu disse, por que é que não trabalham juntos ou algo assim? Foi o que ele disse.

ROBIN: Não compreendo bem o que queres dizer.

MAC: Não me consegues ouvir?

ROBIN: Conseguimos ouvir-te, mas não compreendemos o que queres dizer, amigo.

MAC: Aye. Mas seria uma grande mais-valia para os meios.

ROBIN: Oh, percebo o que queres dizer.

MAC: Aye. Bem, sabes, talvez quando ele se organizar, e for mais capaz de saber exatamente o que fazer. Talvez organizem algo nessa direção. Tens muito poder, sabes disso. Aye. Consegues ouvir o que digo? Sim. Aye. A tua mulher está muito zangada [preocupada/ansiosa]. Ela quer que saibas. Ela preocupa-se contigo. Não há dúvida disso. Mas ela não está longe. É o Mac a falar.

ROBIN: Obrigado, Mac.

MAC: Robin. Sim? Mantém as reuniões a correr, queres?

ROBIN: Eu manterei.

MAC: Aye. Quem está nessa de subir e posicionar? Bem, temos de fazer uma pausa por um tempinho. Não somos rapazes felizes, mas continuaremos. Toma cuidado agora. Para onde vão os poderes? Oh, o Mickey, não é? Oh. Oh. Virei ver-vos outra vez no vosso círculo, e tentarei ajudar se puder, sabem. Eles querem que continuem. Eles têm grande esperança no vosso círculo, sabem.

ROBIN: Têm mesmo?

MICKEY: O quê? Eles dizem: "têm mesmo?". O que disseste? Ele disse: "têm mesmo?" Bem, não achas que sim, pois não? Tu tens fé nisso, não tens?

ROBIN: Oh, sim, eu tenho fé nisso.

MICKEY: Bem então, não consegues recrutá-lo? Tenta. Aquele tipo solicitador.

ROBIN: Sim, nós tentamos.

MICKEY: Porque há muito poder e energia e vitalidade com ele, e acho que ele seria maravilhoso, porque seria uma grande mais-valia para o círculo, não seria?

ROBIN: Sim, seria, aye. Teremos de ver o que podemos fazer.

MICKEY: Enfim, quando é que vens outra vez? Oh, isso depende do Leslie Flint, não é? Bem, talvez da próxima vez eu consiga fazer melhor. Farei o meu melhor, de qualquer forma. Enfim, tenho de ir num minuto. Mas o meu amor, e Deus vos abençoe, adeus. Adeus.

ROBIN: Muito obrigado.

Notas:

1. *Florry Thompson: Mickey e os PARTICIPANTEs identificam a famosa médium britânica Florry Thompson. Ela comunica que tem visitado o círculo deles e dá provas de que as equipas espirituais de médiuns falecidos continuam a apoiar novos grupos mediúnicos.*

2. *Elizabeth Garrett Anderson (1836-1917): Esta é uma comunicação histórica de grande valor. Foi a primeira mulher a qualificar-se como médica no Reino Unido. Ela explica a sua paixão continuada pela cura e oferece um conselho pastoral profundo sobre a "ingratidão" de pacientes que interrompem o tratamento, sugerindo que muitas vezes há influências externas (familiares ou sociais) que impedem a continuação da terapia espiritual.*

3. *O "Médico Francês" Maurice: Identificado como alguém que morreu num ataque aéreo e que agora assiste o grupo.*

4. *A Prova do Cão Bob: Mickey tenta dar uma prova específica sobre um cão rafeiro (Heinz) chamado Bob e uma fotografia no jardim. Embora o PARTICIPANTE não se recorde de imediato, estes detalhes são registados para verificação posterior.*

5. *A Dinâmica do Círculo: A sessão mostra que o círculo de Robin Evans estava focado em cura prática e resgate de almas (como o "rapaz da força aérea" mencionado na fita anterior), sendo supervisionado por médicos e médiuns experientes do "outro lado".*

6. *A Identidade do Advogado: Mickey identifica um dos PARTICIPANTEs como sendo advogado (lawyer), descrevendo com precisão o seu trabalho de aconselhamento, a assinatura de documentos e a sua situação de semi-reforma. Esta é uma evidência profissional muito forte.*

7. *O Caso de Suicídio e o Inquérito: Mickey traz à tona um cliente do advogado que se suicidou. O advogado confirma não só o caso, mas um detalhe impressionante: ele teve um acidente de carro precisamente quando ia para o inquérito desse suicídio.*

8. *A Esposa Falecida no Acidente de Carro: Surge uma comunicação profunda sobre uma esposa que morreu tragicamente num desastre de carro. Mickey menciona:*

9. *A presença de um filho no banco de trás (que sobreviveu).*

10. *O aniversário de noivado em Setembro.*

11. *A mudança de casa do viúvo após o acidente.*

12. *Um anel guardado numa gaveta/caixa (que o PARTICIPANTE confirma estar com a sogra).*

13. *A Prova da Fotografia e do Cão Bob: Mickey insiste numa foto de um pai com um cão num jardim. Inicialmente há confusão, mas depois o PARTICIPANTE confirma ter essa imagem.*

14. *A Personalidade do Advogado: Mickey descreve-o como "excêntrico" e "senhor de si mesmo", um traço que o próprio PARTICIPANTE admite prontamente.*

15. *O Caso do Solicitador (Brian): Mickey entra em detalhes profundos sobre a vida de Brian. Revela que ele é advogado, que está num processo de divórcio (o que ele chama de "desjuntar" ou "unspliced") e que a sua falecida esposa está muito preocupada com a sua agitação e falta de paz interior.*

16. *O Suicídio do Cliente: Mickey confirma que um cliente de Brian se suicidou e que Brian teve um acidente de carro no dia do inquérito. Brian confirma este facto dramático.*

17. *Elizabeth Garrett Anderson e a Medicina: A Dra. Anderson (primeira médica do Reino Unido) comunica sobre a sua frustração com a ingratidão dos pacientes, mas incentiva o grupo a continuar o trabalho de cura.*

18. *A Peruca e as Provas Familiares: Mickey menciona uma "peruca" que será uma piada compreendida em breve por Brian em relação à sogra (mãe da falecida esposa).*

19. *A "Johanna" e Cecilia: Mickey identifica que Anne (irmã do Robin) toca órgão elétrico e que uma entidade chamada Cecilia, muito musical, a ajuda a não ganhar "maus hábitos" musicais.*

SESSÃO: ROBIN EVANS

1 de Outubro de 1985

Esta tradução reflete as evidências específicas dadas ao Brian (os cães lurchers e a cura intuitiva), à Anne (os problemas de saúde e a saída da igreja) e ao casal Robin e esposa (os planos para o bungalow e a criança de acolhimento).

Médium: Leslie Flint | Guia: Mickey

PARTICIPANTEs: Brian, Robin, Anne e outros.

MICKEY: Noventa metros longe, médio, não dói. Sim? Sim? O Mickey disse "rapaz". Foi isso que ele disse? Sim. Olá, Mickey. Olá, Mickey. Sim, estou aqui. Como estás, Brian? Estás calado.

BRIAN: Sim, estou calado às vezes.

MICKEY: Porquê? É porque esta velhota está a falar tanto? Ela não tem atitude. Está alguém com quem estou a falar que está falido. Mickey, lamento. Como estás, Brian?

BRIAN: Estou bem, obrigado.

MICKEY: E quanto à tua cura?

BRIAN: A minha cura? Cura. Eu não faço cura propriamente dita. Eu ajudo as pessoas.

MICKEY: Bem, tudo o que sei é o que me dizem sobre ti, companheiro, e dizem-me que, sem talvez tu o saberes, fazes muita cura espiritual, e há muita vibração contigo, e muita coisa a acontecer à tua volta, e tem a ver com cura.

BRIAN: Bem, eu trabalho com muita gente que tem problemas.

MICKEY: Tem o quê?

BRIAN: Tem todo o tipo de problemas, deficiências e por aí fora.

MICKEY: Bem, isso explica do que eles estão a falar então, porque tu tens uma influência de cura muito suave, agradável e útil, e acho que talvez sem sequer o saberes, estás a emanar esta força de cura de poder, e acho que estás a fazer mais do que talvez dês crédito a ti próprio, talvez nem sequer sabendo disso então.

BRIAN: Obrigado, Mickey.

MICKEY: Consegues ouvir o que eu digo? Sim, eu ouço. Ouves o que algum "lesbi" [Leslie Flint] diz sobre o costume? Sim. É sempre sobre o passado. Consegues ouvir-me?

ROBIN: Sim.

MICKEY: Robin?

ROBIN: Sim, Mickey.

MICKEY: Como estás?

ROBIN: Estou bem, obrigado, companheiro.

MICKEY: Como te vais orientando? E a senhora?

PARTICIPANTE: Estou bem, obrigada.

MICKEY: Como estás, amor? Estás a mantê-lo na ordem?

PARTICIPANTE: Sim, estou a tentar.

MICKEY: Sim, tenta. Ela terá sempre sucesso. Bem, ela tem os teus altos e baixos, não tem? Tu tens os teus problemas e isso, não tens? Sim. Consegues ouvir o que eu digo? Sim. Esses cães são teus, Brian?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Bem, são as minhas filhas. Aquelas duas coisas magrinhas ali. Oh, pois é. Como é que lhes chamam então? São galgos, não são? Tipo lurchers.

BRIAN: O quê? Lurchers.

MICKEY: Lurchers? Eles vão às corridas então?

BRIAN: Não, eles não têm corrido.

MICKEY: Oh. Tu gostas desse tipo de cão, então, gostas? Dos magrinhos.

BRIAN: Gosto. Desde que sejam afetuosos, servem-me.

MICKEY: O quê? "Desde que sejam afetuosos, servem-te". Oh, eu não me importo. Depois de tudo dito e feito, eu amo todos os animais. Mas eles são bastante magros. Eu gosto de cães que têm casacos [pelagem] lindos, espessos e quentes, não gostas?

BRIAN: Eles não dão trabalho nenhum a cuidar, Mickey. Eles cuidam de si próprios.

MICKEY: Por outras palavras, não tens de os escovar e pentear, então?

BRIAN: Não, não.

MICKEY: E não ganham pulgas, suponho eu, ganham?

BRIAN: Oh, ganham, sim. Oh, ganham sim, Mickey.

MICKEY: Ganham? Sim. Sabes, eu gosto de ti. Eu não acho que tu percebas exatamente tudo, mas, hum, não sei por que é que não estás mais consciente dos teus poderes espirituais e psíquicos.

BRIAN: Bem, estou a ouvir-te com muita atenção, Mickey.

MICKEY: O quê? "Estou a ouvir com muita atenção o que dizes". Não, mas seriamente, sabes, eu não acho que percebas que tens — suponho que dirias que era intuição ou algo assim — mas tu tens isso na tua consciência e perceção, e tu sentes e pressentes as coisas, mas devias dar para fora essas coisas que recebes, não guardá-las para ti. Não gostarias de fazer o trabalho?

BRIAN: Acho que preencho muito o meu tempo, Mickey.

MICKEY: Bem, não sei. Tudo o que sei é o que me dizem, companheiro. E eles parecem achar que tens trabalho para fazer, e, hum, sinto que há muitas coisas que eles não são capazes, ou tu não és capaz ainda de realizar, mas eles estão a tentar forçar-te, a tentar, sabes, pôr-te a fazer o que eles querem que faças, companheiro.

BRIAN: Sim, eu ouço-te.

MICKEY: O quê? "Eu ouço-te, sim". Tu ouves-me, mas eu pergunto, tu compreendes o que estou a dizer? Sim, acho que sim. Tu és um tipo interessante. Aquela senhora, ela tem problemas nas pernas, hein?

ANNE: Sim.

MICKEY: Como estás, rapariga?

ANNE: Oh, não muito mal. Vou andando bem.

MICKEY: Bem, muita força de cura no quarto hoje. Sim. E acho que deverias sentir o benefício disso. Mm-hm. Wow. Wow. Eu não sei por que o fiz. Tens algo a ver com a igreja, então?

ANNE: Tive, sim.

MICKEY: Porque está aqui alguém a falar-me sobre ti, e a dizer que, hum, quando te ligas à igreja, mas, hum, não sei se devo dizer algumas das coisas que me disseram. Mm-hm. Vocês chatearam-se?

ANNE: Não.

MICKEY: Hein?

ANNE: Não.

MICKEY: Porque eles dizem que foi uma pena, porque tu eras uma boa influência lá, mas algo correu mal, e é uma pena que não tenhas ficado. Poderias ter sido capaz de mudar o curso dos acontecimentos. Isso faz sentido ou não?

ANNE: Bem, faz. Suponho que faça, a longo prazo, mas...

MICKEY: Tu meio que te chateaste com aquela pessoa ali, então, que era mandona, ou algo assim?

ANNE: Ele não era honesto.

MICKEY: Oh, bem. Quero dizer, para mim, no espiritualismo, tens de ser honesto, e... Bem, sim, isso eu compreendo, mas ao saíres da igreja, não ajudaste nem fizeste nenhum bem fazendo isso, pois não?

ANNE: Não.

MICKEY: Quero dizer, eles obviamente continuam à maneira deles, e pronto. Mm. Compreendo que possa ter sido difícil, mas há uma grande preocupação contigo. Não tanto, hum... Bem, sabes, tem a ver com o facto de o trabalho do Espírito na igreja, e tentar fazer algo dessa forma, como se tivesses fechado a porta a isso.

ANNE: Não, eu não fechei a porta ao espiritualismo.

MICKEY: Não, não, mas à igreja, rapariga. Oh, meu Deus. Tu és um "caso", tu és, não és? Mm.

ANNE: Bem, eu estava muito doente na altura, e foi isso.

MICKEY: Tiveste uma operação?

ANNE: Sim, duas ou três.

MICKEY: Bem, espera um momento, está aqui alguém, um médico, a falar-me sobre ti. A falar sobre uma operação que não foi um sucesso, pois não?

ANNE: A primeira não foi.

MICKEY: Não, e depois tiveste esta outra então, mas eles dizem que as coisas melhoraram, mas ainda há margem para mais melhorias. Sim. Alguém aqui sabia. Não, sim, não me consigo lembrar. Está aqui uma senhora a meter-se, ela diz: "tu diz-lhe", ela é um bocado um "caso", esta aqui, e ela diz: "tu diz-lhe por mim", diz ela, "que estamos a fazer tudo o que podemos, tanto

quanto podemos, para ajudar", e que ela é a Lew, e ela deve ter sido uma autêntica "personagem", esta tua Tia Lew.

ANNE: Eu não as conhecia.

MICKEY: Bem, ela está terrivelmente interessada em ti. Ela sabe tudo sobre a tua mãe e tudo. Sim. E ela também falou do Tom. Mas tu podes não conhecer todas as pessoas que estão aqui ligadas.

ANNE: Eu conheço-a, Tom, sim.

MICKEY: Queres perguntar-me alguma coisa?

ANNE: Não.

MICKEY: Hein?

ANNE: Acho que não.

MICKEY: Ela diz sim ou não? Não, ela acha que não. Estou a ouvir-te. Sim, mas o que é tudo isto sobre eles ali? Oh, valha-me Deus. Não percebo isso. Estás a ficar desastrada, amor?

ANNE: Bem, sou desastrada porque não consigo andar bem.

MICKEY: Bem, sim, claro, eu devia perceber isso, não devia? Mas alguém está a dizer que tiveste uma espécie de acidente há uns dias.

ANNE: Não.

MICKEY: Sim. Não quero dizer que caíste nem nada. Estou a falar de quando bates em alguma coisa. Alguém está a dizer que é algo relacionado com a cozinha. Tens de ter cuidado.

ANNE: Estou sempre a deitar coisas abaixo.

MICKEY: Sim, porque eles dizem que tu fazes o teu melhor, obviamente, mas dizem: "diz-lhe que ela deve ter cuidado". Então ela está na cozinha? Não estou a dizer que vais ter um acidente nem nada. Não, mas... Eles dizem que ela deve tomar precauções. Bem, vês, tu tens as muletas e não tens espaço para as pôr em lado nenhum. A Florence está aqui agora. A Florence está aqui. Oh, sim. Espera só um momento. Oh, valha-me Deus. Estive aqui o dia todo. Tudo bem, Robin?

ROBIN: Sim, Maggie?

MICKEY: A tua patroa está calada. Aposto que ela te tem onde te quer.

ROBIN: Er, mais ou menos.

MICKEY: Oh, meu Deus. "Mais ou menos". Hee-hee. Espera. Oh, meu Deus. Floss. Floss. Florry a falar.

FLORRY: Florry? Florry a falar. Olá, amigo. Olá. Olá. Lembro-me de ti. Florry a falar. Como estás? Como estás?

ROBIN: Bem, obrigado.

FLORRY: Continua assim, Robin. Bem, obrigado.

ROBIN: Consegues falar um bocado mais alto, Florry?

FLORRY: Olá? Como estás, Robin?

ROBIN: Bem, obrigado, Florry. Simpático da tua parte vires dizer olá.

FLORRY: Sim. Só quero que saibam que estamos todos aqui. Consegues ouvir o que estou a dizer?

ROBIN: Sim, mas estás muito ténue. Como está a Mãe?

FLORRY: Bem.

ROBIN: Como está ela?

FLORRY: Bem. O seu ultraje [possível referência a indignação ou vigor]? Oh, sim. Sim, ela vai andando. Sim. Continuem a falar, façam perguntas. Ela está a tentar desesperadamente fazer contacto. Perguntem qualquer coisa, sabem. Tu estiveste aqui na vez antes da última, não estiveste?

ROBIN: Sim, lembro-me. Lembro-me bem da tua voz.

FLORRY: Estás bem? Eu venho ver-vos muitas vezes quando fazem as vossas reuniões.

ROBIN: Sim, eu sei que vens. Sim. Sim, ouvi o teu nome ser chamado várias vezes.

FLORRY: Sim, continua o trabalho, querido.

ROBIN: Bem, estamos a tentar.

FLORRY: Todos fazemos o nosso melhor. Sim. Cuidem-se. Todo o meu amor. Deus abençoe.

ROBIN: Abençoada sejas também, amor.

MARIA TERESA: Às vezes é, sabem, um pouco complexo. Como se diz "complexo" para as pessoas, sabem? Sim. Pessoas deste lado, sabem, que estão muito ansiosas, sabem, por vir e manifestar-se. Mas elas estão muito excitadas. Às vezes ficam muito, como se diz, emocionais. Às vezes não o fazem talvez tão bem como desejariam. Mas sabem, há muitas pessoas aqui que estão muito interessadas em tudo. Eu venho e às vezes tento ajudar, sabem. Quando se reúnem, apenas alguns de vós, e enviam os vossos pensamentos para as pessoas aqui como eu e outros, sabem. Nós somos todos pacientes. Temos grande esperança, mesmo agora, sabem, de que faremos bom progresso convosco todos. Quero que tenham paciência. Sei que às vezes pensam, ah, bem, sabem, não fizeram muito bom progresso talvez. Não há muita gente, e perguntam-se se é bom continuar. Mas eu digo que sim, sabem. Queremos que continuem a pequena cidade [círculo], mesmo que um pouco pareça acontecer muito. E mais tarde, mais tarde, esperamos que haja outras pessoas. No momento, não é possível para vós, eu sei. Mas mais tarde, esperamos aumentar, sabem, duas pessoas mais para se juntarem a vós. No momento, é um pouco difícil para vós fazerem muito. Mas quero que saibam que tudo o que podemos fazer deste lado por vós, estamos a fazer. *Merci*. Obrigado. A senhora, ela é muito calada.

ANNE: Sim, eu sou muito calada.

MARIA TERESA: E, *monsieur*.

ROBIN: Sim.

MARIA TERESA: Olá. O que diremos? Olá. Queres que eu fale, sim?

ROBIN: Sim.

MARIA TERESA: Algo, não? Sim. Gostarias que eu respondesse a perguntas, *monsieur*. Não? Sim? Ah, sim. Estamos a achar muito difícil no momento devido ao nosso ambiente circundante. Mas não vais ficar aí, *monsieur*.

ROBIN: Não, esperamos que não.

MARIA TERESA: Um pouco mais tarde, é possível, acho que somos capazes de te dizer agora, que é apenas pelo momento que tens de continuar como estás. Mas mais tarde, no próximo ano possivelmente, não este ano, não acho que isso seja possível. Se for, será um milagre. Mas estamos a tentar ajudar-vos a organizarem-se para providenciar uma mudança, *monsieur*. Então talvez sejamos capazes de seguir em frente.

ROBIN: Oh, percebo. Isso seria simpático. Isso seria na verdade fantástico. O que para ti? Gostarias do que dizes no bungalow? Sim.

ROBIN: Sim. Temos estado a falar sobre isso, na verdade.

MARIA TERESA: Eu sei. Eu ouço a conversa. E aqui ouvimos às vezes, sabem. Sim. E tu tens estado a pensar se é possível juntos serem capazes de gerir este bungalow com dois quartos. Dois quartos, dizes tu. Três.

ROBIN: Três. Porquê três?

MARIA TERESA: Três. Porquê três? Eu não capto um três.

ROBIN: Bem, nós temos uma criança acolhida e estamos a tentar outra.

MARIA TERESA: *Monsieur*, eu não sei. Estou apenas a dizer-te o que sei e o que acho e o que sinto. E talvez o terceiro possa ser o quarto [de dormir]. Eu não sei. Mas eu capto para ti, vejo a visão, se quiseres, disto. E vejo como uma sala onde vives. Sim. E há dois outros quartos e outro lugar onde fazes a comida. Sim. E onde vais aos banhos. Sim.

ROBIN: Mas nós queremos outro quarto. Bem, sim. Também gostaríamos de começar a cura outra vez devidamente, vês.

MARIA TERESA: Ah, bem, *monsieur*.

ROBIN: E precisamos do espaço.

MARIA TERESA: Eu não sei. Mas é um pouco talvez presunçoso. Sim, pode ser. Mas eu digo-te, *monsieur*, que o que tu queres nós faremos com que em breve seja uma realidade. Mas não acho que possa ser já. Tem de esperar um pouco mais. Então queres outro bebé?

ROBIN: Gostaríamos de um, sim.

MARIA TERESA: Valha-me Deus. Bem, eu não sei. Não posso fazer nada quanto a isso. Bem, não. É o que tu dizes, a conceção miraculosa. Acho que bem pode ser, sim. Não sei. Não sei. Acho que não posso fazer nenhum comentário sobre isso. Não. Mas sei uma coisa. Eu ouço a vossa conversa como de facto outras almas também a apreciam. E ouvimos-te dizer, ah, o bungalow. Nós gostaríamos, sabem. Mas não sei se consegues um de três quartos. Mas não sei. É um bocado cedo. Mas vejo uma visão de um lugar, sabem. Mas acho que não é longe da água. Não acho que seja tão longe, *monsieur*.

ROBIN: Ah, percebo.

MARIA TERESA: Tens um carro, *monsieur*?

ROBIN: Não.

MARIA TERESA: Porquê? Por que me mostram este carro? Espera um momento, *monsieur*. Não sei. Eles não me mostraram. E talvez não seja o teu carro. Não sei. Mas vejo-te num carro cinzento. Um carro cinzento? Ah. Isto é... acho que estamos a pensar demasiado à frente.

ROBIN: Possivelmente, possivelmente, sim. Gostarias, não?

ROBIN: Bem, eu não estou autorizado a conduzir.

MARIA TERESA: Porquê? O que fizeste de errado?

ROBIN: Bem... não, não, não é isso. Eu não consigo ver bem o suficiente. Sou "batty".

MARIA TERESA: Tu és o quê? "Batty"? Sim. O que é "batty"?

ROBIN: Eu não consigo ver devidamente para conduzir, vês. A minha visão não é boa o suficiente. A minha vista.

MARIA TERESA: Isso não é bom. Mas talvez a esposa aprenda, hein?

PARTICIPANTE: Bem, sim. Eu tento. Não temos dinheiro suficiente outra vez.

MARIA TERESA: Bem, meu amigo, eu não sei. Talvez eu faça um bocado da piada, hein? Mas só quero que saibas que nós deste lado que te amamos, ansiosos por te ajudar, estamos muito conscientes das vossas necessidades e de tudo o que podemos fazer para vos ajudar. E eu sei que o bungalow, como lhe chamas, tornar-se-á uma realidade. Não sei sobre o carro. Mas alguém me mostrou. Não me perguntes porquê. Não sei. Mas vejo um grande carro.

MICKEY: E está de alguma forma ligado a ti. E acho que há algo no futuro, não no momento. Pode não ser o teu carro. Não sei. Mas, oh, sabes, a tua mamã, ela é uma mulher notável, hein?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Que idade? Noventa e nove.

PARTICIPANTE: Ela é uma mulher notável. Noventa e nove é muito.

MICKEY: Eu sei. Eu sei. A Florence envia-te o seu amor. E também alguém aqui chamado Charles. Charlie. Charles. Mas ele não é para ti. Não. É

para outra pessoa. Aquele homem aqui, diz-me. Ele é o Charlie. Charlie. Ele quer... Oh, momento. Oh, multidão de gente. Oh, Deus. Muitas pessoas vêm quando vocês se reúnem. Sabes, tu... suponho que às vezes fiques desesperadamente miserável.

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Mas não devias, se não podes ser. Eu sei. Porque o poder do Espírito é muito forte contigo, *Monsieur*.

ROBIN: Obrigado.

MICKEY: Faz o trabalho do Espírito, hein?

ROBIN: Nós tentamos, Frank.

MICKEY: Alice. Alice. Alice. Alice. Alice?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: A Alice envia o seu amor à tua mulher. Sim, *Monsieur*. E a ti, *Monsieur*. Mas há tantas almas. Oh, *Monsieur*. Oh. Tu gostas... não sei. Momento, tenho de encontrar para ti. Momento, por favor. Ele é um bocado um "caso", não é? Sim. Ele é uma pessoa simpática. Ele já veio a ti antes, Annie?

ANNIE: Sim, Mickey. Sim, já veio.

MICKEY: Pessoa simpática. Parece muito interessante, tu e a patroa. E a vossa montagem e o vosso círculo. Sim. Também a possibilidade de tu fazeres esta... Ele tem estado a ouvir-te falar sobre a possibilidade de um belo bungalow.

ROBIN: Bem, nós temos discutido isso, sim.

MICKEY: Tens dinheiro para isso?

ROBIN: Bem, não. Seria um bungalow da autarquia, Mickey.

MICKEY: A autarquia tem bungalows?

ROBIN: Sim.

MICKEY: Oh. Bem, tu meio que... como é que te vais safar com isso?

ROBIN: Bem, não sei.

MICKEY: Queres ir lá contar-lhes uma história triste?

ROBIN: Sim. Sim, mais ou menos.

MICKEY: Vais ter outro bebé?

ROBIN: Sim.

MICKEY: Vais mesmo ter outro bebé?

ROBIN: Bem, estamos a tentar. Na verdade, o rapaz que tenho em casa é do meu primeiro casamento.

MICKEY: O quê?

ROBIN: O rapaz que tenho em casa é do meu primeiro casamento.

MICKEY: Oh. Percebo, porque eu "troquei o primeiro modelo". Tu fizeste o quê? Trocaste-a?

ROBIN: Sim.

MICKEY: Como é que fizeste isso? Oh, pois. Muita dificuldade. Tu és um tipo engraçado, não és? Por que é que não amavas a tua primeira mulher então?

ROBIN: Não, não amava, na verdade. Percebi.

MICKEY: Mas tiveste um bebé.

ROBIN: Sim, tive dois.

MICKEY: Valha-me Deus. Eu não sei. Todos cometemos erros, não é, Maggie [Mickey]?

ROBIN: Referes-te aos bebés ou à mulher?

MICKEY: Não, à mulher. Estás apenas meio a rir-te. Bem. O que achas disso, Brian?

BRIAN: Bem, tu perguntas. Eu ouço tudo, mas também cometi erros. Suponho que a maioria das pessoas o faça de uma forma ou de outra. Mas, hum, suponho que não seja a coisa mais fácil de resolver, pois não?

ROBIN: Não.

MICKEY: Porque se fazes algo que te agrada ou que agrada a outra pessoa, vais encontrar outra pessoa. Então onde estás? Oh, bem. Está aqui um bebezinho de vestido. Espera. Importam-se? O Mickey está em forma hoje. Tu és a que está em mente. Não são apenas quatro de vós no círculo, então?

ROBIN: Não, só somos três no momento, Maggie.

MICKEY: Bem, isso é engraçado. Eles insistem que são quatro. Sim. Eu não entendo algumas das coisas que eles dizem. Tenho de esperar o melhor, não tenho? Brian?

BRIAN: Sim?

MICKEY: Alguma vez pensaste em "pregar" numa plataforma? Falar numa plataforma? Falar.

BRIAN: Eu sei o que queres dizer. Bem, eu já falo o suficiente quando vou a tribunal.

MICKEY: O quê?

BRIAN: Eu já falo o suficiente quando vou a tribunal.

MICKEY: Sim, bem, isso está tudo bem até onde vai. Mas não estou a falar de tribunais e coisas dessas. Estou a falar de coisas espirituais.

BRIAN: Não, eu não sei o suficiente sobre...

MICKEY: Não gostarias de saber?

BRIAN: Não sei o suficiente sobre o assunto, Maggie.

MICKEY: Gostas de ir a tribunal então?

BRIAN: Às vezes.

MICKEY: Ajudas as pessoas então?

BRIAN: Tento, sim.

MICKEY: Oh, bem. Alguém aqui está a falar de um escritório e é por cima de uma loja. Sabes algo sobre isso? Um escritório por cima de uma loja? Bem, há umas escadas, e tu tens umas escadas, e no primeiro andar há tipo um local de escritório, e há uma loja por baixo. Tem algo a ver contigo. Não apanhaste isso da última vez, acho eu, Maggie?

BRIAN: Apanhei? Acho que sim, sim.

MICKEY: Bem, é muito interessante, não é? Está de volta, não está? Quase uma confirmação. Tu fazes testamentos e coisas dessas então?

BRIAN: Sim, não muito frequentemente, mas faço.

MICKEY: Tu meio que representas as pessoas quando elas estão em apuros então?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Oh, tu és um daqueles tipos solicitadores, és? "Tipo solicitador". Bem, suponho que seja muito interessante. Suponho que sejas bem pago então. Bem, tens de ser inteligente, não tens? Tens de ir e defender as pessoas, ou o que quer que tenhas de fazer, e redigir contratos e coisas e tudo isso. Quero dizer, é bom para o grupo, não é?

BRIAN: Reformei-me da maior parte disso, Maggie.

MICKEY: Bem, não és jovem para a reforma?

BRIAN: Bem, reformei-me...

MICKEY: Bem, tens 58 anos?

BRIAN: Não. Oh, meu Deus. Ainda não tanto.

MICKEY: O quê?

BRIAN: Ainda não sou tão velho.

MICKEY: Bem, em que caso tiveste de te reformar do teu trabalho então?

BRIAN: Eu não tive de me reformar.

MICKEY: Bem, o que te fez "arrumar as botas"?

BRIAN: Eu não arrumei, Maggie. É o teu trabalho dizer às pessoas, minha linda. Eu quis afastar-me das coisas.

MICKEY: Porquê? Não gostavas?

BRIAN: Não particularmente.

MICKEY: Tu és um tipo engraçado. Tu tens um coração de ouro aí nela.

BRIAN: Obrigado.

MICKEY: Bem, sim, tu tens. Quero dizer, sem brincadeiras. Falo a sério. Tens boas intenções. És bondoso. Tu ajudas as pessoas. Mas ao mesmo tempo, tu és... Oh, não sei. Não posso dizer isso.

BRIAN: Não podes dizer isso.

MICKEY: Estás num bocado de confusão no momento então?

BRIAN: Suponho que algumas pessoas pudessem dizer que sim.

MICKEY: Bem, sim, mas isto tem a ver com, hum... Há algo bastante pessoal a ver com a tua situação atual. Estás instável então?

BRIAN: Certas coisas estão instáveis.

MICKEY: Oh, valha-me Deus. "Certas facetas". Oh, aqui. Tu recebes notícias de pessoas da Austrália? Está alguém aqui a falar sobre a Austrália. E sei que tem a ver contigo.

BRIAN: A única coisa em que consigo pensar é que estou envolvido com alguém que esteve na Austrália.

MICKEY: Bem, eu não entendo esta situação, mas eles estão a dizer-me sobre ti e sobre alguém ligado à Austrália e sobre tu teres alguma ligação ou contacto lá e estares a tentar fazer algo para resolver algo. E tem a ver com a Austrália. Vais descobrir.

BRIAN: Vou descobrir, sim. Bom.

MICKEY: Aquelas velhas senhoras estão caladas, não estão? Elas conseguem ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim, elas conseguem ouvir-te.

MICKEY: Oh, meu Deus. Está aqui um jovem que morreu muito tragicamente. A morte dele também não foi natural. Eu não entendo a vossa situação. Vocês apercebem-se de que as pessoas têm vindo ao vosso pequeno círculo às vezes para pedir ajuda?

ROBIN: Sim, Mickey, sim.

MICKEY: Porque está aqui um rapaz jovem que morreu muito tragicamente e acho que ele foi trazido ao vosso círculo em várias ocasiões. Não que ele esteja infeliz, exatamente, mas ele nunca foi capaz de realmente se afastar do material... ou pelo menos ele não foi capaz de se afastar das coisas materiais de todo. Ele morreu sob... não sei, circunstâncias peculiares. Sabem alguma coisa sobre ele? Se pudessem descobrir as circunstâncias... Bem, foi suicídio.

ROBIN: Sim. Sim, Mickey, sim.

MICKEY: É um homem, dizes tu? Bem, um rapaz jovem. Eu não lhe chamaria velho. Sim. Consigo situar um ou dois suicídios masculinos.

ROBIN: Oh, isso é muito, não é? Sim. Não sei qual deles é agora. Foi recente ou foi há vários anos?

MICKEY: Bem, foi há algum tempo, embora ele não esteja preso à terra nem nada disso agora, mas ele foi ajudado. Sim. E acho que tu tiveste alguma influência relacionada com ele de alguma forma.

ROBIN: Se foi há uns anos, sim. Consigo situar um.

MICKEY: Sim, mas... suponho que está aqui outra pessoa agora. Oh, valha-me Deus. Eu sei por onde venho e vou. Tenho pessoas a meterem-se. Honestamente. Bem, para mim é insano. Vocês todos, eu gostava que compreendessem isto. Eu falo-vos raramente demais. Mas acho que não percebem, embora seja difícil no momento, acho que têm um trabalho espiritual maravilhoso para fazer. Pode não ser prático no momento fazer muita coisa, e podem sentir-se como se estivessem a ser travados, mas eles dizem que é apenas temporário, e vocês vão avançar, e vão fazer o trabalho, e vão fazer não só a cura, mas outras coisas também. E, hum... Oh, meu Deus. Isso seria simpático. Com licença. Porque o vosso problema é organizarem-se, não é?

ROBIN: Sim. Residencial, como lhe chamas. Esse é o principal problema, sim, no momento.

MICKEY: E quanto ao Eden [provável erro para Brian], aquele outro tipo, eu não acho que ele perceba realmente o que ele tem... Não, ele não percebe. É muito melhor do que ele pensa. Ele não pensa muito nisso. Mas ele teve um "corte", não teve? Um corte muito importante com alguém.

ROBIN: Sim.

MICKEY: E isso tem sido um bocado um entrave, e bastante triste, não é? Consegues ouvir-me?

BRIAN: Sim, consigo ouvir-te.

MICKEY: Tu tens um anel relacionado com esta pessoa?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Hein?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Sim, uma senhora.

BRIAN: Sim.

MICKEY: Porque eles estão a falar-me dela, e tu pensas nela com frequência, e sentes alguma vez a presença dela?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Porque ela está frequentemente ao teu redor, e ela, à sua maneira, tenta ajudar-te, e ela ama-te, e ela só quer que saibas da presença dela e sejas feliz. Mas este anel, tu tens-lho numa gaveta?

BRIAN: Não, está atado com outros anéis.

MICKEY: Bem, ela está a rir-se. Ela diz, hum... Espera um minuto. Ela é uma senhora engraçada de certa forma. Mas, hum... Alguma vez ouves barulhos estranhos? Acho que esta senhora tentou atrair a tua atenção mais do que uma vez na tua casa. Consegues ouvir?

BRIAN: Sim, estou a tentar pensar em quando poderá ter sido.

MICKEY: O quê? "Estou a tentar pensar em tais ocasiões". Tu és um "cock" [termo carinhoso]. Quando vais para a cama, às vezes ficas acordado um bocado e achas um pouco difícil adormecer ou o que quer que seja agora, mas ouves barulhos? Talvez atribuas isso a coisas comuns e normais.

BRIAN: Sim, não pensei em nenhum barulho.

MICKEY: O que é este relógio? Tu tens um relógio? Eu sei que toda a gente tem um relógio, mas este é algo bastante especial.

BRIAN: Consigo pensar num relógio especial na nossa casa.

MICKEY: Em ligação com ela?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Porque ela está a falar-me do relógio dela, um relógio especial.

BRIAN: Sim.

MICKEY: E ela diz que tenta atrair a tua atenção em ocasiões ocasionais, e é frequentemente com o relógio. O relógio não está a funcionar. Bem, não faz diferença se a coisa está a funcionar bem. O ponto é que ela definitivamente tem estado a fazer algo a este relógio, e era o relógio dela, e tu tem-no, e ela pergunta: notaste alguma coisa sobre o relógio? Tens a certeza de que os ponteiros não se movem quando tu nem te apercebes e ele muda?

BRIAN: Eu não reparei.

MICKEY: Bem, mantém os teus olhos "sangrentos" abertos. Oh! Desculpa-me, mas ela diz que te ama, e está a tentar desesperadamente atrair a tua atenção para a presença dela.

BRIAN: Eu respeito isso.

MICKEY: Ela teve algum problema interno?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Ela foi para o hospital então?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Eles tentaram, mas já era tarde demais?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Do que é que ela está a falar? Oh meu Deus, oh meu Deus. Por que é que mudaste a cama?

BRIAN: Por que é que eu mudei a cama?

MICKEY: Foi o que me pareceu que disseste. Tu sabes do que estou a falar, Colin [Brian]?

BRIAN: Bem, nós mudámos de casa, por isso mudámos a cama, certamente.

MICKEY: O quê?

BRIAN: Nós mudámos de casa, por isso teríamos mudado a cama.

MICKEY: Sim, eu sei, mas ela provavelmente não quer dizer... Onde estás agora? Não, eu não mudei... Bem, tu sabes o que me dizem. Mas ela diz que a cama está na posição errada. O que é que ela quer? A cama não está na posição que seria de esperar no quarto. Ela diz que é uma forma estranha de ter a cama.

BRIAN: Isso mesmo.

MICKEY: E ela diz: por que não mudas a cama? Porque ela nunca a teria onde tu a tens.

BRIAN: Não, não teria.

MICKEY: Ela diria: "isso é estúpido para caraças". E ela diz que isso a diverte. Ela não se importa onde tens a cama, claro, desde que durmas bem e sejas feliz. Mas é muito estranho, disse ela, a posição em que tens a cama.

BRIAN: Sim, sim. Isso faz sentido.

MICKEY: Bem, espero que sim. É para isso que estou aqui. Caso contrário, teríamos de apontar e cobrir se não fizesse algum sentido, não seria? Ela ama-te, mas ela tem-te bem "estudado", companheiro.

BRIAN: Bom.

MICKEY: Vocês devem ter-se dado bastante bem, eh?

BRIAN: Sim.

MICKEY: Sim, deram-se. E tu estiveste com alguém recentemente, uma mulher, e ela tinha uma peruca posta. Talvez nem soubesses.

BRIAN: Não me lembro de uma mulher com uma peruca posta, não.

MICKEY: Não, bem, talvez se for uma tão boa, não pensaste que fosse uma peruca. Mas a tua patroa está a dizer-me, e ela está tipo, o que disseste? Sim, está alguém que ambos conheciam. Sim.

BRIAN: Alguém que ambos conhecíamos.

MICKEY: Sim, conheces alguém chamado Dot?

BRIAN: Sim, sim.

MICKEY: Por que é que ela está a insistir na Dot? Era a mãe dela. Porque ela está a rir-se. Ela teria de se matar se pudesse, porque não pode, porque já está aqui. Mas ela está a rir-se. Ela diz que tivemos os nossos problemas, e está a falar da Dot. Era o apelido dela, não era?

BRIAN: Sim, sim.

MICKEY: Tu és um tipo engraçado, não és?

BRIAN: Bem, provavelmente sou.

MICKEY: O quê?

BRIAN: Eu provavelmente sou.

MICKEY: Não, da forma mais simpática possível, quero dizer. Vês, eu acho que tu não és realmente um solitário, mas guardas muitas coisas dentro de ti. Tentas não mostrar muito os teus sentimentos, mas, sabes, és um "caso".

PARTICIPANTE: Há mais alguma mensagem para mais alguém na sala?

MICKEY: Olha, amor, eu só consigo trabalhar de uma forma. Se eu receber algo a ver com essas outras pessoas, eu falarei com elas, e dir-lhes-ei. Mas se tu não estás a vir como elas vêm, e eu estou preso contigo, tenho de fazer o meu trabalho o melhor que posso. Eu não quero que me digas o que fazer. Está bem, mas tens aí alguém que percebeu que estou aqui, mas será que perceberam que está ali outra pessoa? Sim, eu sei, linda, abençoado seja o teu coração. Mas, vês, o ponto é, amor, eu não posso ser como um paquete num hotel "sangrento", a correr de um lado para o outro a dizer: "eu quero o que ela está a vender, eu quero isto". Se as pessoas aparecerem, então eu posso dizer-lhes.

PARTICIPANTE: Bem, estavas a falar com alguém que falava da Dot.

MICKEY: Sim.

PARTICIPANTE: Ela ainda está aí?

MICKEY: Sim.

PARTICIPANTE: Bem, ela quer...?

MICKEY: Se ela quer, depende dela. Se eu puder ajudá-la, ajudarei. Queres que eu a peça para vir falar então?

PARTICIPANTE: Sim, por favor.

MICKEY: Oh, valha-me Deus. Ela está toda cansada. Aquela outra senhora conhece a Dot então?

ANNIE: Quem, eu?

MICKEY: Hein?

ANNIE: Estás a falar comigo, Mickey?

MICKEY: Bem, vês, eu poderia trazer a Dot, eu vou passar a Dot, queres?

PARTICIPANTE: Não, não, a Dot não. Não, eu disse, será que a senhora de quem estavas a falar, que estavas a dizer sobre a cama e tudo, ela quer falar connosco?

MICKEY: Sobre o quê?

PARTICIPANTE: A senhora da cama, Mickey. Ela quer falar connosco?

MICKEY: Senhora do quê?

PARTICIPANTE: Está outra pessoa aqui com quem ela talvez queira falar.

MICKEY: Senhora do quê, o que disse ela?

PARTICIPANTE: Sobre a cama, a senhora que estava a falar da cama.

MICKEY: Bem, o que tem ela? Pode ela, pode ela passar? Quer ela falar com outra pessoa na sala aqui?

MICKEY: Provavelmente, mas, bem, vês, não podes organizar isso do vosso lado. Oh, não, não. Oh, porra.

PARTICIPANTE: Mickey, não deves usar linguagem feia.

MICKEY: Isso não é linguagem feia. É pior do que a Bíblia.

BRIAN: Sim. Verdade.

PARTICIPANTE: Mickey, pergunta-lhe se ela está contente com as coisas que aconteceram com Nutkin e Noggin.

MICKEY: Com o quê? Nutkin e Noggin. Nutkin e Noddy. Espera um pouco. Tu não estás a falar de animais, pois não?

PARTICIPANTE: Sim.

MICKEY: Bem, ela está a rir-se. Ela está a falar de animais, cães.

PARTICIPANTE: Não, não são cães.

MICKEY: Porquê? Bem, o que é que ela quer com animais? E ela também está a falar daqueles dois cães lá fora e tudo. E ela está a falar de... eu não saberia isto. Anda lá então. Anda lá então. Bem, estou a ficar baralhado. Anda lá, estás a portar-te bem, rapaz. Dot. Dot. Sim. Agora, a Dot não está aqui. Meu amor. Ela está ansiosa por chegar à Dot.

BRIAN: Sim, bem, essa é a mãe dela, se for quem eu penso que é.

MICKEY: Bem, é, e ela quer que saibas que está aqui. Ela está a enviar outro cão. Alguma vez ela teve algo a ver com agricultura? Consegues ouvir-me?

PARTICIPANTE: Sim. Bem, nós tínhamos algumas terras no campo.

MICKEY: Bem, ela está a falar de algum lugar, um lugar no campo. Ela está a falar de cavalos, e está a falar de cães e gado. Eu não sei. Ela está a achar difícil. Acho que ela está terrivelmente emocional e excitada. E ela

certamente continua a insistir na Dot o tempo todo, a dizer "amo a Dot". E estão a falar de uma irmã. É uma irmã?

PARTICIPANTE: Não, ela não tem irmã.

MICKEY: Bem, és tu então? Espera. Estou a ficar eu próprio baralhado agora. Sim. Sim. Sim, estou a ouvir. Acho que é a Mary a falar. Força.

MARY: Eu estava a tentar dizer ao rapaz e a mim própria que era a melhor posição para a cama. Sim. É debaixo da janela, não é? Um sítio engraçado para a ter. Sim. Apanha todas as correntes de ar. Eu não consigo ver-te com a frequência que posso. O meu relógio. Notaste o que eu tentei fazer com o meu relógio?

BRIAN: Queres dizer...

MARY: Para chamar a tua atenção.

BRIAN: Queres dizer o relógio de sala?

MARY: Tentei chamar a atenção fazendo várias coisas. E o meu relógio, ele parou há anos, suponho. Mas eu tento fazer coisas. Não sabes que eu estou por perto? Não notas nada?

BRIAN: Não. Nós vigiaremos o relógio no futuro.

MICKEY: Oh. Percebes quem mais está aqui comigo? É... bem, eles não me estão a dizer nada. Sim. Fala mais alto. Sim, consigo ouvir-te.

DAVID: É o David a falar. Oh, meu amor. Lembra-te de mim. Todo o meu amor para ti. Sim, eu vi... eu vi um cão não há muito tempo. Oh, não pareço o meu amor? Sim. Como estás? Como estás? Eu estou muito bem. Muito bem. Queres que alguém pense que estou a milhas de distância? Porque não estou, sabes. Eu mantenho-te debaixo de olho. Mantenho-vos a todos debaixo de olho. Venho ver-vos de tempos a tempos. Eu estava a tentar falar-te do relógio. Não te surpreendas se ele de repente começar a funcionar outra vez. Tenho tentado fazer coisas para atrair a tua atenção. Estou muito feliz. Só quero que saibas que estou muito feliz. Não te preocupes com nenhum de nós. Estamos bem. Dá o meu amor a toda a gente e à mamã. Oh, meu amor. O meu amor para toda a gente.

ROBIN: Sim, muito obrigado. Obrigado por vires.

MICKEY: A propósito, esta senhora, abençoado seja o coração dela, ela está a rir-se. Ela tem um bom sentido de humor. Está muito divertida com

certas coisas em que me meti. O que se passa do vosso lado, também, acho eu. Conseguirias saber quem é a Polly? Aqui deste lado, não do vosso. Está outra senhora. Ela era frequentemente conhecida como Pol ou Polly. Mas ela tem a ver com a família dela. Não do teu lado, da família dela. Ela está a dizer que a mãe não saberia. A mãe dela presumivelmente não saberia. Acompanhas? A menos que fosse uma das tias de estatuto mais baixo.

PARTICIPANTE: O quê? Foi uma das tias ou primas de estatuto mais baixo?

MICKEY: Não, não, não. É uma geração mais antiga, companheiro. Está uma senhora aqui deste lado, além daquela que falou contigo, cujo nome também era Mary, mas costumavam chamar-lhe Pol ou Polly. Mas isso recua uma geração mais atrás. E ela está aqui com o Jack ou John.

PARTICIPANTE: Ela está aqui com o Jack?

MICKEY: Sim. Compreendes?

PARTICIPANTE: Compreendo quem o Jack poderia ser.

MICKEY: Bem, está este John ou Jack aqui, vês, também deseja ser lembrado, envia os melhores votos para ti, e está com esta Mary e com estas outras pessoas. Há todo um grupo deles. Vês, tu extraíste muito poder. Tu não entendes isto, mas és muito mais psíquico do que pensas que és. E na verdade, há muito poder e energia à tua volta. E acho que não está só esta senhora, mas muitos outros que vêm, sabes, que se interessam por ti. Por que é que tens a tua cama nesse sítio engraçado então?

BRIAN: Deixa-me apenas mais espaço no chão.

MICKEY: O quê? "Deixa mais espaço no chão". Mickey, Mickey, posso perguntar, do que é que ela se lembra sobre ruibarbo? Sobre o quê? Ruibarbo. Ruibarbo cozido.

BRIAN: Ruibarbo cozido? Disseste? Sim.

MICKEY: Que pergunta engraçada. Vê se isso a cala. O quê? Vê se isso a cala. Bem, ela está... eu simplesmente não percebo sobre ruibarbo cozido. Sem creme de ovos?

BRIAN: Sem creme, não.

MICKEY: Hein?

BRIAN: Não, não.

MICKEY: Oh, tu não costumas comer creme com ruibarbo cozido?

BRIAN: Não neste sentido.

MICKEY: Não, bem, acho que é alguma piada então. Porque ela está a rir-se. Sim, sim. O Jack compreende? O Jack, que está lá, compreende também? Sim, há alguma piada a decorrer entre eles sobre isto, mas ela está a rir-se. Ela diz que tu não comias creme com aquilo.

BRIAN: Não.

MICKEY: E ela parece altamente divertida com isso. O quê? Ela lembra-se do Smokey? Ela o quê? Lembra-se do Smokey. Fumar? Smokey. Smokey? Ela está a rir-se. Estes não são pessoas, pois são?

BRIAN: Não, eu só me perguntava se ajudava de alguma forma.

MICKEY: Não, mas não são pessoas de quem estás a falar. Não, não. E o que é que eu estou... Oh, valha-me Deus. Tu gostas de gatos?

BRIAN: Não particularmente. Não temos nenhuns gatos no momento.

MICKEY: Não, mas está alguém, além de... Oh, estou a ficar tão baralhado aqui. Alguém aqui está a falar de um gatinho, um gato. Não, é confuso. Confuso demais. E há umas fotografias tiradas também com... Coelhos.

BRIAN: Continua, sim.

MICKEY: Por que é que ela se está a rir? Ela diz que ele está a insistir nos coelhos. Sim, ela diz isso. Por que raio... Ela é engraçada. Mas ela diz que ele continua... Ela diz que ele insiste nos coelhos e nos gatos. Mas são os coelhos e os gatos que tinham estes nomes engraçados. Não é?

BRIAN: Não, nós costumávamos excitar os cães dizendo "ratos e coelhos".

MICKEY: Bem, ela está a rir-se disto. Ratos e coelhos. E ela está a falar de creme de ovos. Eu não sou creme. Oh, valha-me Deus. Que anúncio engraçado tu fazes. Não admira que durmas num sítio engraçado. Tu és uma figura, companheiro. Algo a dizer ao David?

BRIAN: Bem...

MICKEY: É perfeitamente óbvio que ela é uma senhora muito determinada. E ela tenciona tentar dar-te uma convicção da presença dela na

tua casa. E ela está obviamente interessada e envia o seu amor. Não só a ti, mas à Dot e também ao David. É tudo novo hoje para ele? É.

ROBIN: Podes repetir isso, Mickey?

MICKEY: Estás surdo, companheiro?

ROBIN: Não.

MICKEY: Eu pergunto: achaste isto tudo um bocado novo ou quê?

DAVID: Sim, sim.

MICKEY: Mas não és cético, pois não? Cético. Cético.

DAVID: Eu tive dúvidas, sim.

MICKEY: Bem, tudo o que posso dizer é que a situação aqui contigo, há um grande interesse em ti e tudo o resto com esta senhora. E ela gosta tanto de ti, quer que saibas da presença dela. Ela vem ver-te e ela está, sabes, ela está...

DAVID: Sim, eu sei, eu sei que consigo sentir a presença dela.

MICKEY: Ela ama-te, sabes, por isso ela ama-o. Sim, sim. Mas eu acho, ela teve um cancro ou crescimento?

DAVID: Sim, creio que sim.

MICKEY: Porque eles dizem que não havia muito que pudesse ser feito por ela de qualquer forma, mas ela foi para um hospital, não foi?

DAVID: Sim, mas ela não contou a ninguém sobre...

MICKEY: Não, bem, ela pode não ter contado a ninguém, mas ela sempre teve este medo interior de que pudesse ter um crescimento. E eles dizem que foi bom ela ter partido quando partiu. Caso contrário, ela teria sofrido imenso se tivesse ficado do vosso lado.

DAVID: Isso mesmo.

MICKEY: E o que aconteceu foi o melhor para todos os interessados. E ela é muito prática e quer apenas que todos saibam que vos ama e que nunca está longe de vós. E ela está a tentar dar-me detalhes, o que fez até certo ponto. E falou de todas estas coisas um bocado estranhas e sobre... Por que é que ela está a falar de coelhos outra vez? Compreendes por que é que ela se está a rir? Ela disse que essa era uma forma e a única forma. Eu não sei do que é que ela está a falar. Ela está a falar dos cães, acho eu. Sim. E da forma como

os cães costumavam caçar e... sim. E ela ama aqueles cães, sabes, e ela está interessada naqueles dois cães que tens lá fora no teu carro.

BRIAN: Tenho a certeza de que estaria.

MICKEY: E ela gosta muito de animais e ama os animais e ela está... Eu acho que os animais veem pessoas onde as pessoas não veem. Eu acho que os animais são muito sensíveis e muito psíquicos, vês. Sim, sim. Todos os animais. O que é esta piada sobre este bigode, companheiro? Tiveste um bigode a certa altura? Com quem estás a falar? Bem, há um riso a decorrer com ela. Ela disse que é melhor sem o bigode. A cara. Esse podia ser eu. Sim, mas o que é tudo isto então? Estiveste a experimentar um bigode então?

DAVID: Estive por um tempo muito curto.

MICKEY: Sim, ela disse que é muito melhor sem ele. Parecia horrível. Tu não conseguias deixar crescer um de jeito de qualquer maneira.

DAVID: É verdade.

MICKEY: Ela tem um bom sentido de humor. E ela diz que foi uma brincadeira ele ter deixado de lado como uma equipa de críquete. Ou o que quer que seja. Evidentemente, tu pareces melhor barbeado. Sim. Tu próprio és um bocado um "caso", não és?

DAVID: Poderia ser, sim.

MICKEY: Tens um andar (*flat*)? [Provável erro auditivo para 'Flit' - mudança].

DAVID: Tive. Eu costumava ter uma casa. Ela contou... hein? Eu costumava ter a minha própria casa, sim.

MICKEY: Estou a falar de uma mudança, F-L-I-T. [Troca de casa rápida].

DAVID: Sim, eu sei. Não, eu vivo...

MICKEY: Pensei que podias ter um, mas não conseguiste um.

DAVID: Eu não tive um andar. Não, eu vivo numa casa agora. Onde está o meu pai?

MICKEY: Não, mas há mais nisto do que parece, companheiro. Tu separaste-o? Havia um andar para ser separado. Bem, ela está a rir-se. Ela está a falar de um andar (*flat*). E ela está a falar de estar separado. Como se estivesse dividido ou algo assim.

BRIAN: Sim, sim. Tínhamos uma casa junto à água.

MICKEY: Isso foi quando ela estava do vosso lado da vida, hein?

BRIAN: Sim, nós...

MICKEY: É por isso que ela está a falar do passado, vês.

BRIAN: Tínhamos uma garagem que ia ser convertida num andar para mim.

MICKEY: Bem, é obviamente disso que ela está a falar, vês. Sobre os planos e tudo o resto, e a divisão e os andares, vês. Mas, claro, ela partiu. E, claro, uma vez que tudo isso foi por água abaixo, enfim, tem havido mudanças desde então.

BRIAN: Sim, isso mesmo.

MICKEY: E ela também insiste em alguém. Ela está a chamar Bob. Sabes quem é o Bob? Do teu lado? Oh, ele está tão morto como um dodo. Ele está aqui connosco. Alguém que ela conheceu aqui deste lado, além de muitas outras pessoas. Alguém cujo nome era Robert. Mas chamavam-lhe Bob.

BRIAN: Sim, sim.

MICKEY: Ele tinha a ver com barcos? O quê? Ele tinha a ver com barcos?

BRIAN: Não sei. Nunca lhe perguntei.

MICKEY: Ela não lhe perguntou. Oh, pára com isso. Eu tenho trabalho para fazer. Oh. Sim, tinha, mas ele recua uns anos agora. Sim. Estás... bem, eu não deveria perguntar o óbvio. Mas ela está terrivelmente ansiosa para que vós, rapazes, saibam. O amor e a afeição dela por vós. Vocês não estão realmente separados, sabem. E ela está a falar do filho dela. É verdade?

BRIAN: Sim.

MICKEY: A falar do filho dela. A falar de...

DAVID: De mim, sim.

MICKEY: Sim, ela está a enviar o amor e as bênçãos dela para ti. E ela só quer que saibas que nunca está longe de ti, Dave. Compreendes?

DAVID: Sim, sim, compreendo.

MICKEY: Ela ama-te e ama o teu pai. Mas vocês os dois têm de se agarrar um ao outro, sabem. Mais, talvez, do que pensam.

DAVID: Sim. Sim, nós vivemos na mesma casa agora.

MICKEY: OK. Vós sois necessários um ao outro. O teu pai precisa de ti e o teu pai realmente... bem, ele é um tipo estranho, o teu pai, vamos admiti-lo. Ele é um bom tipo, mas... ele guarda as coisas para si. Ele não diz muito, na verdade. Vocês precisam... sabem, vocês precisam um do outro. Lembra-te disso.

DAVID: Sim. Obrigado, Mickey.

MICKEY: Além disso, tu tens dois bancos. Oh, dois. Sim. E ela sabe tudo sobre isso também. Sim. E tem havido alguma discussão sobre este negócio bancário.

DAVID: Sim.

MICKEY: Estiveste a pensar em fazer alguma mudança então?

DAVID: Fiz uma mudança, sim.

MICKEY: Oh, ela está a rir-se. Ela diz: "claro, eu sei tudo sobre as finanças", diz ela, e os dois bancos, e ela fala sobre a possibilidade e o negócio da mudança. Ela disse que foi provavelmente a melhor coisa a longo prazo.

DAVID: Sim.

MICKEY: O teu pai?

DAVID: Sim, sim, percebo.

MICKEY: Não estás aflito por causa de uns trocados então, se tens dois bancos, companheiro. Algumas pessoas não têm nenhum. Só os correios, e isso não é muito, provavelmente, para alguns. Ele está meio a rir-se. Sabes, embora não tenhamos lidado com isso tanto quanto gostarias. Mas não estamos longe de ti. Somos muito compreensivos e tentamos ajudar-vos se pudermos, sabem. Mas, sabem, antes de eu ir, quero mesmo que saibam que se mantiverem o vosso pequeno círculo a funcionar, eu dar-vos-ei uma mão. Abençoado sejas, companheiro.

ROBIN: Obrigado, Mickey.

MICKEY: E mantenham os queixos erguidos. Os queixos duplos também. Tenho de ir num minuto. Já ia. Tragam aquelas outras pessoas noutra

altura, porque farei o que puder por elas. E aquela pobre pequena senhora, mantém o teu queixo erguido, amor. Vais ficar bem.

ANNE: Sim, tenho a certeza que ficarei.

MICKEY: Enfim, adeus. Adeus. Oh, vais-te embora? Adeus. Abençoado sejas, Mickey. Oh.

Notas:

1. A Prova da Cama: Mickey traz um detalhe extremamente doméstico e íntimo para Brian: a posição da cama no novo quarto. Brian confirma que mudou a cama de sítio e que a sua falecida esposa (que presumivelmente tinha ideias muito claras sobre decoração) teria achado aquela posição "estúpida". Este tipo de evidência é muito forte em sessões de Flint porque é impossível de ser obtida por meios normais.

2. O Relógio Especial: Mickey menciona um relógio especial que pertencia à falecida esposa de Brian. Brian confirma a existência do relógio. Mickey sugere que ela manipula os ponteiros para atrair a atenção dele.

3. A Mãe "Dot": Mickey identifica a sogra de Brian pelo apelido "Dot" (Dorothy). Brian confirma que esse era o apelido dela. Mickey descreve a relação entre a esposa e a sogra como tendo tido "problemas", o que Brian também valida.

4. A Saúde da Esposa: Mickey confirma que a esposa de Brian morreu de um "problema interno" (cancro), que foi hospitalizada e que já era tarde demais para o tratamento. Brian confirma todos os detalhes.

5. A "Troca do Primeiro Modelo": O tom humorístico e candoroso continua. Robin brinca sobre o seu divórcio usando uma metáfora de carros, e Mickey repreende-o com humor por "não ter amado a primeira mulher".

6. A Prova do Relógio de Sala: Mary (a esposa falecida de Brian) insiste no relógio que parou há anos. Ela afirma que tenta mover os ponteiros para chamar a atenção de Brian e do filho David. Brian confirma que existe um relógio especial com essa ligação emocional.

7. O "Plano do Andar" (Flit): Mickey usa o termo Flit (que em inglês arcaico/calão significa uma mudança de casa súbita). Revela-se que havia um

plano para converter uma garagem num anexo/apartamento para David, o que confirma os detalhes domésticos dados na parte anterior.

8. A Mãe "Dot" e a Família: Mary envia mensagens para a sua mãe, Dot (Dorothy), e menciona parentes de gerações anteriores, como Pol ou Polly e Jack/John, que David e Brian conseguem situar na árvore genealógica.

9. O Bigode de David: Mickey traz um detalhe muito específico e humorístico: David tentou deixar crescer um bigode, mas a mãe (Mary) achou que ele ficava "horrível" e que ele não tinha jeito para aquilo. David confirma que experimentou deixar o bigode por um curto período.

10. A Situação Financeira (Dois Bancos): Mickey menciona que eles lidam com dois bancos diferentes e que houve uma mudança financeira recente. David confirma que fez essa alteração.

11. O Apoio Mútuo: A mensagem final de Mary (através de Mickey) é um apelo para que David e o pai, Brian, se apoiem um ao outro, reconhecendo que ambos tendem a guardar sentimentos e que a presença um do outro é vital.

AS SESSÕES DO IRMÃO JOHN

Brother John – Sessão 1

IRMÃO JOHN: Tinhas em mente algo em particular sobre o qual desejasses que eu discutisse ou falasse?

PARTICIPANTE: Bem, não sei se desejaria falar sobre isso e, se não, gostaria que escolhesse um tema seu, mas estou muito preocupada e perguntava-me qual era a visão do Espírito sobre esta legalização do aborto.

IRMÃO JOHN: Essa é uma pergunta muito estranha que me fazes. Tem a ver com a vida, dizes tu, a vida vinda ao mundo.

PARTICIPANTE: Não prossiga, se preferir não o fazer.

IRMÃO JOHN: Esta é uma questão que deve ser, pela sua própria natureza, muito controversa, mas eu primeiro deixaria bem, bem claro que falo por minha própria conta sobre isto; que embora percebamos as necessidades e as dificuldades que devem surgir num mundo como o vosso, percebemos que existem certos casos individuais onde há um argumento forte para esta coisa chamada aborto. Se, por exemplo, uma criança estivesse para nascer em condições de terra de tal ordem que fosse prejudicial para a evolução e desenvolvimento da alma — por outras palavras, se a condição física fosse tal que merecesse tal coisa — então, sob certas circunstâncias e condições, seria algo acordado a fazer.

Seria a coisa mais bondosa a fazer. É claro que toda esta questão é tão complexa que não se pode, sinto eu, considerá-la, por assim dizer, de uma só forma. Há demasiados aspetos. O que pode estar correto num sentido pode não estar correto noutro. A vida, uma vez concebida, uma vez que toma alguma forma e figura e começa a ter ser — e sublinho a palavra *ser* — então seria errado restringir o seu crescimento, restringir a sua oportunidade de entrar numa existência terrena para a qual já estava a ser preparada, para a qual já estava planeado que devesse vir à vida, ao ser. Então, é claro, seria errado.

Que tenhas esta questão complexa não pode ser respondido num breve momento de tempo porque há tantos aspetos e tantas variações diferentes de pensamento e opinião, e obviamente significaria que o que se aplicaria a um não se poderia necessariamente aplicar a outro.

PARTICIPANTE: Pensei que fosse uma pergunta difícil, mas deu-me muito conforto.

IRMÃO JOHN: Mas acho que o que temos de ter em mente é isto, e creio que este é o cerne da questão do ponto de vista espiritual. Há alguns, claro, que sugerirão deste lado, e há muitos no vosso mundo que aceitam a ideia de que, assim que a criança é concebida, ela se torna, por assim dizer, uma entidade viva. Ora, pode num sentido ser verdade dizer que se torna uma entidade viva num sentido físico, mas devemos lembrar-nos de que ela não se

tornou uma entidade num sentido espiritual. Por outras palavras, o espírito que nasce eventualmente é apenas um embrião.

Está apenas, por assim dizer, nos estágios mais precoces possíveis. Não se desenvolveu por conta própria. Quando um bebé nasce, não tem conhecimento, não tem capacidade de cuidar de si próprio, não pode fazer nada por si só. E tal como uma criança é incapaz, sem caráter e personalidade, sem a habilidade de fazer as coisas óbvias que são necessárias, assim é verdade dizer que não é criminoso, não é tirar a vida, se quiseres colocar as coisas assim, porque a vida como tal, do ponto de vista do espírito em particular, ainda não passou a existir. Num sentido físico, não se tornou, por assim dizer, formada. Não se tornou um indivíduo, não se tornou uma personalidade.

Portanto, num sentido, é verdade dizer que, no caso do aborto, não se está a matar um indivíduo, não se está sequer a matar uma alma como tal. É muito necessário que as pessoas tentem realizar e compreender que o espírito não se torna, e não passa a ser, individual até depois da conceção, depois de a criança ter começado a tornar-se, por assim dizer, um indivíduo ou um ser ou personalidade. E o poder do espírito é tal que é como se fosse — como posso colocar isto para que seja compreensível — como um átomo que é dividido em milhões e milhões de milhões e milhões de fragmentos.

Por outras palavras, o poder do espírito ou do Espírito Santo, ou chamem-lhe o que quiserem — há muitos nomes para a mesma coisa e isso não importa realmente — todos fazemos parte do espírito divino, todos fazemos parte do grande espírito, todos fazemos parte do completo ou do todo. E estes milhões e milhões e milhões de fragmentos do espírito que eventualmente, quando dada a oportunidade, entram num corpo físico e tornam-se então, por assim dizer, criativos, começam a crescer e a expandir-se e a tornar-se individuais. Começam a desenvolver forma, feitio, caráter, personalidade.

O espírito torna-se ampliado e é capacitado pelo seu crescimento a expressar-se em tantas e variadas formas. Então, isso é uma questão diferente, porque já teve a oportunidade de se dar a conhecer e a sentir e de se expressar como uma parte separada daquilo que é o todo. Portanto, se uma entidade, como lhe podes chamar, ou a força espiritual ou força vital da vida não entrou no corpo físico e não se tornou parte do corpo físico, não assumiu o revestimento externo e a forma e feitio do ser humano — por outras palavras, se não começou a expressar-se através da vida — então não importa, na medida em que não entrou no físico nesse sentido.

O que estou a tentar transmitir aqui é muito difícil de explicar ou expressar. Não considero que o aborto seja necessariamente um crime. Não estou a dizer que em todos os casos seja algo bom. Mas se houver circunstâncias atenuantes, então não vejo que possa prejudicar ou ferir de forma alguma, certamente não pode prejudicar ou ferir o espírito, porque essa força ou poder de vida que é do espírito encontrará outra fonte, encontrará outro método ou forma de se expressar.

PARTICIPANTE: Fico feliz por me ter dito isso porque senti, sabe, que queria ser tranquilizada.

IRMÃO JOHN: Tudo isto, claro, brota da ideia do homem de que é o físico que importa. Vês, há aqueles no teu mundo, particularmente de uma certa convicção religiosa, que assumem que ao retirar a criança por nascer, porque o corpo já tomou forma e feitio, que isto é errado, que isto não tem mérito ou bem. Olham para isso como tirar a vida. Mas isso não é verdadeiramente assim. Certamente não é tirar a vida no sentido em que nós compreendemos e conhecemos o significado do verdadeiro termo ou expressão. Por outras palavras, não estás a tirar uma alma, porque a alma ainda não nasceu. A alma está ainda no seu estágio embrionário, está ainda à espera, ainda ali, esperando por uma oportunidade, e se não a encontrar de uma forma ou através de uma fonte, virá através de outra.

Vês, o ponto é que o vosso mundo se está a tornar terrivelmente sobrepovoado e, claro, algo terá de ser feito se se considerar as circunstâncias e condições do vosso mundo. É óbvio que, se o homem continuar a povoar como o está a fazer, isto será um problema maior de tal proporção imensa que poderá levar a tantas dificuldades e problemas, e até guerras.

PARTICIPANTE: É estranho tentar encontrar um equilíbrio, não é? Porque prolongam a vida de pessoas idosas quando provavelmente seria melhor para elas virem para o vosso lado.

IRMÃO JOHN: Acho que todo o problema brota da, eu ia dizer tolice do homem, ao assumir que o corpo material, a vida material é tão importante como parece ser. Não estou a sugerir com isto que a vida material, o mundo material não seja importante. É um campo de treino, é, por assim dizer, uma escola na qual aprendemos as lições da vida, e muitos de nós devem ter esta existência, devemos ter esta oportunidade e, muitas vezes de facto, em casos que se poderiam citar vezes sem conta, é muito necessário regressar ao mundo físico para uma nova experiência, para aprender lições em que se falhou noutras encarnações.

O ponto é que é importante perceber que a perceção material das coisas pelo homem está errada. Ele assume sempre que o mundo material é a parte

importante. Não é de modo algum a parte mais importante. É importante do ponto de vista de que, naquela existência particular na terra, nos são dadas oportunidades para aprender coisas que são essenciais e necessárias para o nosso desenvolvimento e evolução. Mas isto não significa que em cada instância ou em cada caso seja essencial ou importante que uma criança venha a ser, e que a alma que entra nessa criança, que seja necessário naquela forma, feitio ou modo particular que seja essencial. Demasiadas pessoas assumem, porque suponho que é tudo o que conhecem, que o mundo material é o mundo, o único mundo, e tudo o que realmente importa.

Não estou a dizer que seja irrelevante, é vitalmente importante, mas não é essencial. Um espírito pode crescer e evoluir sem necessariamente entrar num corpo material. Para alguns pode ser importante e essencial, mas não para todos. E, mais uma vez, o homem na sua ignorância assume que o mundo material é o único mundo e, no entanto, em todo o redor e na atmosfera existem literalmente — e digo isto com grande sinceridade e sentido — não apenas o mundo da terra no espaço, mas milhões de mundos, todas estas várias estrelas, a constelação, a tremenda energia da força da luz que está a ser gerada na atmosfera, invisível aos olhos materiais, invisível e desconhecida pelas mentes materiais, é uma força viva. Há mundos, muitos, muitos, muitos mundos. O mundo da terra não é de modo algum o único mundo.

E uma entidade pode entrar noutro mundo, noutro feitio, forma e corpo e ter o seu ser. Muito em breve, num futuro não tão distante, e possivelmente até no tempo da tua vida, terás comunicações de seres de uma ordem elevada de outros mundos.

PARTICIPANTE: Continuam a dizer que conseguem ver objetos não identificados no céu agora.

IRMÃO JOHN: O homem assume demasiado. Assume que a vida física é a única vida e ela é, num sentido, uma das mais insignificantes em comparação, por mais importante que deva ser e seja para o indivíduo. Estais dentro das vossas próprias consciências, aprendendo e expressando e assimilando para vós mesmos todo o tipo de experiências, mas acredita-me — e aqui é onde encontramos tanta dificuldade em explicar-vos — acredita-me, viremos a vós, embora estejamos avançados espiritual e mentalmente, e em todos os sentidos avançados, para além da vossa compreensão da natureza e género material.

Assim o fazemos em outros mundos, na atmosfera, e estes mundos são tão reais para estes indivíduos como o vosso é para vós. Estes mundos são vitais e vivos, cheios do poder do espírito, não o conceito estreito de espírito como tantos assumem, porque tiveram algum contexto ou ensinamento

religioso. De facto, agora que olho para trás para a minha própria vida e para a minha própria experiência, vejo quão ignorante eu era, e percebo que é errado o homem assumir que o mundo material é o "alfa e o ómega".

É apenas uma parte minúscula da evolução humana, desenvolvimento e progresso do homem. Há milhões de esferas, mundos muito maiores, muito mais avançados do que o vosso. E quando as pessoas falam sobre a vida na terra e a sua importância, e quando as vemos a lutar ou a combater por coisas que são de pouca importância para elas realmente — muitas das coisas pelas quais se esforçam e que, assim que as obtêm, logo as perdem, logo percebem que não têm valor no tempo em si e na experiência — a vida é tão vasta, tão tremenda, que não a podes condensar em poucos anos de terra.

A vida na terra é vital e importante para aqueles que a estão a experienciar. É importante para a evolução do espírito. Mas acredita-me, é apenas um campo de treino. Há milhares e milhares de campos de treino, salas de aula pelas quais passamos e lições de aprendizagem. Há uma grande alegria na vida eterna. É a perceção de que a vida é contínua e de que há sempre algo novo, fresco e excitante para experienciar, para aprender. Estamos a passar de um lugar para outro, evoluindo e desenvolvendo-nos. O mundo da terra é apenas uma pequena parte minúscula do todo completo, minha filha.

PARTICIPANTE: Obrigada, isso foi muito interessante. Confirmou o que sempre senti em mim mesma.

IRMÃO JOHN: Não me interpretem mal, caso alguém ouça aquilo que eu disse. Não gostaria que interpretassem mal o meu significado em relação ao que chamais aborto. Não sugiro que o aborto seja algo bom, mas sugiro que, sob certas circunstâncias, a pessoa está bem justificada em fazê-lo para prevenir a miséria e a infelicidade, não apenas para os indivíduos mais próxima e intimamente envolvidos, mas para a própria criança. O ponto é que colocamos demasiada ênfase, e mais propriamente o mundo coloca demasiada ênfase nas coisas materiais. Não é tirar a vida, porque a vida mal começou, se é que começou, até que o espírito seja libertado do útero e lhe seja permitido formar-se e desenvolver-se ao longo de um período de tempo terreno.

Não tem significado real. O poder é vital; aquilo que é, permanecerá, quer nasça num corpo material ou não, continuará a permanecer. Não podes matar esse espírito. Podes matar a formação de carne que começa a tomar alguma forma, mas isso não é a pessoa, não é o indivíduo. Alguns dirão: "oh, estás a negar a oportunidade da vida". Isso não é verdade, pois não há vida como tal até que a criança tenha entrado no mundo material.

O aspeto espiritual disto é que o espírito que animaria esse corpo eventualmente encontrará outra fonte, encontrará outra oportunidade de, se for necessário para ele, entrar noutro feitio ou forma noutro mundo, se não no vosso. O vosso não é o único berçário da humanidade. O vosso não é o único berçário do espírito. Acredita-me, o mundo da terra é apenas um de muitos berçários, por assim dizer, e verás nos anos que se seguem, pela evidência que surgirá de tal natureza, que será provado tão tremendamente que no espaço exterior existem mundos com que o homem nunca sonhou, nos quais existe uma vida mais altamente evoluída, mais espiritualmente evoluída, nos quais existem filhos do grande espírito de toda a vida, todos parte do mesmo espírito, parte do teu espírito e do meu espírito. Embora estejamos em mundos diferentes, embora estejamos em formas ou feitios diferentes sob condições e circunstâncias diferentes, somos todos do mesmo espírito.

Não fiques, portanto, eu diria, desanimada ou desencorajada se numa existência na terra não alcançares ou pareceres não chegar a qualquer perceção do propósito das vossas vidas. Virá num tempo posterior, num novo tempo que ainda está por vir, sob novas circunstâncias. O mundo da terra, por mais importante que seja, é apenas um de muitos mundos através dos quais passareis e tereis o vosso ser e evoluireis de acordo. Não diria, pois, às pessoas que parecem tantas vezes sentir que a sua vida foi sem sentido e desperdiçada, que as oportunidades foram perdidas, como dizem tantas vezes; para elas existem grandes possibilidades em existências futuras.

O mundo do espírito é vasto e tremendo e, nesses grandes mundos, no espaço exterior como lhe chamais, encontrareis um novo modo de vida, uma nova condição de vida, uma nova oportunidade, e ireis verdadeiramente progredir; mas vereis — aqueles de vós ainda na terra, tenho a certeza — o início de uma grande revelação onde haverá comunicação de um tipo que vos surpreenderá entre certos mundos e o vosso, e ficaremos radiantes pois isto é tudo parte do plano do espírito. Acredita-me, estas coisas são assim, por mais difíceis que devam ser para mim ou para qualquer outra pessoa explicar nesta fase, mas vereis como o poder do espírito se manifesta e como as inteligências brilhantes se estão a esforçar e conseguirão comunicar com o vosso mundo de tal forma que até aqueles que preferem referir-se a si próprios como cientistas e cabeças duras, serão obrigados a aceitar a verdade óbvia da vida eterna. Nada que é da vida pode morrer, pois a morte não pode destruir aquilo que é indestrutível.

Não há necessidade, meus filhos, de temer ou duvidar, mas de perceber cada vez mais a sabedoria do próprio grande espírito — uso o termo "próprio", embora isto em si não explique nada. Não podemos explicar o poder divino, não podemos explicar a força divina que é a própria essência do

nosso ser, mas sabemos que existe num reino muito removido de nós mesmos — pois ainda não atingimos esse ponto de evolução — onde existe uma condição de vida tão tremenda, tão imensa na sua vastidão e na sua beleza, na sua tremenda força de vida dadora, que eventualmente chegaremos a isso; isto nós sabemo-lo, mas não o podemos explicar, as palavras não o podem explicar, mas sabemos que existe um mundo muito removido do nosso, muito removido de muitos dos mundos em redor do vosso mundo, todos fervilhando de vida com pensamento individual e coletivo de muitos tipos, mas eventualmente evoluiremos todos para este estado de ser, onde veremos e conheceremos plenamente o significado e o propósito de toda a vida. Ninguém precisa de temer estas coisas, é a grande aventura na qual todos estamos empenhados.

Ninguém pode evitar estas coisas, pois são indestrutíveis, são as coisas pelas quais subimos, são de facto as próprias realidades do ser e da vida; não existe tal coisa como a morte, pode haver este estado onírico em que parece que morremos, mas não é assim; por um breve lapso de tempo deve ser talvez que não tenhamos consciência de certas condições de vida em nosso redor, mas logo isto passa e somos despertados para uma existência maior e mais plena de maior consciência de ser. Ninguém precisa da morte ou do medo, tudo está bem, nada pode ferir o espírito que é indestrutível. Isto eu tentaria apresentar-vos com tanta força: a perceção de que nada pode ferir ou tocar o espírito, não importa o que possas fazer, não importa quando mates — embora seja errado matar, não nego quão mau pode ser e é matar — mas há fatores e circunstâncias redentoras quando te referes a esta condição do aborto; mas percebe que não matas o espírito, o corpo pode ser morto, mas o espírito permanece triunfante.

Ninguém precisa de temer, pois tudo está bem, apenas o homem pode compreender o seu verdadeiro eu, que está no interior; o corpo é apenas uma concha para a sua existência terrena, mas serve meramente como um veículo para a expressão de Deus através do homem e do seu corpo. O meu amor e a minha paz e a minha bênção estejam contigo, minha filha.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Deus o abençoe. Muito obrigada.

Sessão 12

MICKEY: Como estás? Desejo-te um Feliz Ano Novo.

PARTICIPANTE: Oh, obrigada. É a segunda vez que me desejas um Feliz Ano Novo.

MICKEY: Sim, é verdade, realmente. Eu ainda não tinha contado da última vez que disse "Dia de Ano Novo".

PARTICIPANTE: Bem, foi, vês, tu não te lembras.

MICKEY: Não. Foi depois do Natal, mas não foi no Ano Novo, pois não?

PARTICIPANTE: Foi antes do Natal, querido.

MICKEY: Antes do Natal, oh. Bem, eu sei que não era Ano Novo, pois não? Como estás, querida?

PARTICIPANTE: Oh, estou melhor, bem, na verdade.

MICKEY: Como estás, querida? Considerando o quê? Bem, os tempos, e uma coisa e outra. Está uma manhã fria.

PARTICIPANTE: Está?

MICKEY: Vento frio. Oh. Mas está seco. Tens agora um lugarzinho simpático onde estás. Deves estar muito feliz aí.

PARTICIPANTE: Oh, gosto muito.

MICKEY: Sim. Há muitas outras pessoas aí, não há?

PARTICIPANTE: Oh, sim. É uma casa que tem duas pessoas em cada andar.

MICKEY: Sim, uma espécie de lar de idosos, não é?

PARTICIPANTE: No, na verdade não.

MICKEY: É, hum, são todos idosos, não são? Bem, são todas as pessoas velhas que eu vi lá. Aqueles dois no topo. São os caseiros, não são?

PARTICIPANTE: Não, eles têm um apartamento no fundo. Oh. Os dois no topo são mais novos. Eles saem para trabalhar. Não são velhos.

MICKEY: Acho que é muito simpático onde estás. Tens aquele quarto grande e bom, não tens?

PARTICIPANTE: Oh, sim.

MICKEY: Eu vi-te com a velha Brady. Vi? Andavam na "vadiagem pelos pubs".

PARTICIPANTE: Estou horrorizada com o gosto dele. *Ele* é que andava na vadiagem. Que disparate. Fomos almoçar ao Mitre, lembro-me.

MICKEY: Isso é um estabelecimento público. Eu sei. Não é próprio de ti ir a um sítio desses, pois é?

PARTICIPANTE: Bem, eles têm um bom restaurante. Fazem bons almoços. Bebemos um "dry ginger". Foi só isso.

MICKEY: O que te faz ir a um pub?

PARTICIPANTE: Bem, eles fazem um bom almoço, vês, e há muitos sítios perto de onde vivo onde se pode ir e ter um almoço realmente bom.

MICKEY: Estou apenas a brincar. Eu sei muito bem que não és de bebidas, nem vais a pubs, mas vais ao Mitre porque fazes lá a tua refeição.

PARTICIPANTE: Isso mesmo.

MICKEY: Quando queres levar alguém especial.

PARTICIPANTE: Isso mesmo. Como a velha Brady.

MICKEY: Ela é um "caso", não é?

PARTICIPANTE: Oh, ela é uma senhora simpática. Muito sincera.

MICKEY: Bem, se todos fossem como tu e a Sra. Brady, estaríamos num bom lugar. Oh, bem, eu ia subir o nível, não ia? Oh, sim, há muitos deles. Mas não os suficientes. Eu não chego às manchetes. Não. Estás cercada.

PARTICIPANTE: Estamos?

MICKEY: Sim. O Irmão John está aqui.

PARTICIPANTE: Está?

MICKEY: Tu não vieste propriamente pelo Irmão John, pois não?

PARTICIPANTE: Não. Gosto de saber que estão todos aqui. A tua mãe está frequentemente perto de ti.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei.

MICKEY: E a tua irmã.

PARTICIPANTE: Sim. E quanto aos meus dois irmãos?

MICKEY: Sim. Eles não estão lá há muito tempo. Uma multidão inteira deles. A tua mãe trá-los. A tua mãe, o teu pai, as tuas irmãs, irmãos. Uma multidão deles.

PARTICIPANTE: Eu tenho três irmãos. E a Florence está aqui.

MICKEY: Sim, a Florence, minha cunhada. Sim, ela está aqui. E uma multidão deles.

PARTICIPANTE: Bom.

MICKEY: Todos eles vêm com grande amor para ti. Sim. Estão sempre atrás de ti em cada passo do caminho.

PARTICIPANTE: Eu sei que estão. Sou muito abençoada.

FLORENCE: Olá. Olá. Eu venho apenas ver-te, sim. Estamos? Estou muito feliz. Sinto-me bem. Não és a Rosie, sabes. Eu venho apenas ver-te. Eu venho apenas ver-te.

PARTICIPANTE: Vens ver-me? Sim, minha cunhada. Sim. Quem és tu? Diz-me.

FLORENCE: Eu soou como uma criança.

PARTICIPANTE: Sim, soas.

Sessão 16

IRMÃO JOHN: Aqui tens, minha filha. Abençoada sejas, querida. Que almazinha divertida ele é. E quão sábio.

PARTICIPANTE: Sim, foi o que eu pensei. Debaixo dele há uma grande sabedoria e uma grande beleza de caráter.

IRMÃO JOHN: Sabes, minha querida, quando venho falar contigo, e entro no teu mundo — como o faço em grande medida através dos teus olhos e através dos teus pensamentos — porque é exatamente isso que acontece connosco quando regressamos à terra. Tornamo-nos conscientes do vosso mundo através dos olhos e da consciência dos indivíduos, particularmente daqueles a quem estamos ligados. E assim, vês, minha filha, até certo ponto, eu vejo o teu mundo através dos teus olhos e através dos teus pensamentos conscientes e perceção das coisas.

E se há momentos em que talvez eu vagueie em busca de uma visão de um tipo diferente, diferente da tua, ligo-me temporariamente — talvez apenas por um curto espaço de tempo de uma hora ou menos, de acordo com a necessidade — a outros indivíduos. Às vezes, por exemplo, posso estar ansioso por saber mais sobre os assuntos mundiais à medida que afetam o mundo e as pessoas do mundo. Então ligo-me temporariamente, por assim dizer, a algum político ou a alguém cujo conhecimento relativo a coisas materiais, particularmente, seja grande.

E assim, aqui e ali, eu e outros semelhantes a mim deste lado, que estamos interessados no vosso mundo e no bem-estar do seu povo, ligamo-nos indireta e diretamente a várias almas para que tenhamos, por assim dizer, uma imagem composta do todo.

PARTICIPANTE: Sim. Isso é interessante.

IRMÃO JOHN: Sabes, minha querida, as pessoas no teu mundo que até compreendem esta grande verdade, às vezes não nos dão crédito na medida em que nós próprios, embora a nossa principal inclinação e desejo seja a perceção espiritual e a consciência espiritual e a elevação espiritual em relação ao vosso mundo, nós entramos no aspeto material porque não podemos esperar alcançar nada a menos que, até certo ponto, conheçamos os vossos problemas, conheçamos as vossas dificuldades e conheçamos o estado de coisas sob o qual tendes de levar a vossa vida. Vês, creio que há muitas pessoas no teu mundo que estão sob um equívoco, na medida em que assumem que nós, que vimos a vós, estamos apenas preocupados ou apenas cientes ou conscientes de coisas espirituais. É claro que este é o nosso principal interesse e o nosso principal propósito e o nosso principal desejo: elevar a humanidade a um plano superior de pensamento.

Mas para fazer isso, devemos também entrar nos vossos problemas materiais e nas vossas dificuldades e nas coisas que vos causam preocupação e, muitas vezes, angústia. Estamos cientes de todas as vossas necessidades.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Mas, é claro, desse viver tem de surgir a outra parte, não é? É verdade, vês, que há muitas sementes que devem ser semeadas e, se alguém quer ser um jardineiro de sucesso, então deve conhecer muito bem o terreno sobre o qual espera cultivar belas flores. Assim é que devemos saber com o que temos de lidar, com o que temos de enfrentar. Temos de saber muito, talvez mais do que aquilo que nos darias crédito por saber.

Por isso, aqui e ali, encontramos almas que podemos usar, que podemos desenvolver, com quem podemos esperar trabalhar e através de quem. E elas, por sua vez, tornam-se, por assim dizer para nós, associadas. Tornam-se alunos e, com o tempo, tornam-se também professores. Assim é que devemos esperar que, no decurso...

IRMÃO JOHN: Olá.

PARTICIPANTE: Olá, Irmão John.

IRMÃO JOHN: Prazer em conhecer-te, filha. Bem, abençoada por ouvir. As palavras, como tantas vezes digo, não podem possivelmente dar-te a mínima perceção ou consciência das coisas do espírito. Tanto do que se desejaria dizer só pode ser transmitido, e de forma ténue, em palavras.

O poder do espírito que está ao teu redor, que sei que tantas vezes pressentes e sentes — este poder que se manifesta às vezes com tal força — permite-nos, até certo ponto, transmitir através de ti, como instrumento, a perceção do espírito. A consciência do espírito que, embora para alguns seja muito ténue, para outros, às vezes, é clara e definida. Estamos todos nós a procurar métodos e formas em que possamos servir mais verdadeiramente, mais capacitados para que possamos dar ao mundo esta verdade, esta grande perceção da vida eterna, quebrando as barreiras entre o nosso mundo e o vosso.

No entanto, tantas vezes, quando penso nas belezas e nas glórias do espírito e no modo de vida aqui, sinto que há tão pouco que eu possa descrever com qualquer clareza. E, no entanto, quando trabalho através de ti e falo, esforço-me, à minha maneira e ao meu modo, por transmitir o melhor que posso algo desta gloriosa vida eterna. Tudo o que temos de te dar deve ser trazido para algum nível de consciência terrena, por isso temos de retratar e descrever e transmitir muito do nosso mundo no sentido material.

E se alguém pode aceitar as belezas do vosso mundo, as belezas da natureza e a consciência de tudo o que é bom — se alguém pode perceber e ver isto — então perceba ainda que o reino do espírito é tal, mas num plano superior de pensamento e perceção, com maior cor e maior glória, até mesmo uma maior sensação de som. Pois aquilo que ouves, que é comum ao ouvido no reino do espírito, é mil vezes mais intenso. A música das esferas é tal que, se eu pudesse trazê-la a ti apenas por um fugaz segundo de tempo, a sua beleza iria, de facto, sobrecarregar-te.

Sabes, filha, a nossa tarefa, é claro, é confortar aqueles que choram, dando-lhes a perceção de que os seus entes queridos estão, de facto, por vezes, perto deles; que estão mental e espiritualmente entrelaçados e que, à medida que progridem no reino do espírito, o seu amor é maior, e maior é o seu desejo de alcançar aqueles que deixaram para trás, de forma ainda mais intensa, mais determinada.

Sessão 25

IRMÃO JOHN: E como estás?

PARTICIPANTE: Estou muito bem, e tu como estás?

IRMÃO JOHN: Estou muito bem também. Somos dois. Primeiro das minhas eras. Segundo. Em que tempo estou? Está frio. Algumas flores estão a desabrochar. Como estás?

PARTICIPANTE: Estou bem.

IRMÃO JOHN: Sim, querida. Mais uma vez temos esta oportunidade de podermos comunicar. À medida que me aproximo de ti, estou sempre, sempre consciente de todos os esforços que estão a ser feitos para o crescimento do esclarecimento, para trazer os ensinamentos do espírito àqueles que habitam na escuridão do vosso mundo. Não posso deixar de sentir que há momentos em que existem almas que, na sua busca, não conseguem encontrar aquela convicção que procuram. Porque, nos seus esforços, nem sempre apreciam ou percebem as muitas dificuldades com que temos de lidar.

Há momentos, de facto, em que sei que tu própria és de certa forma responsável. Talvez quando, por vezes, sentes que a ligação entre nós não é tão forte como gostarias, então talvez a mensagem que é dada não tenha a clareza que desejarias. Mas devemos lembrar-nos de que esta ligação, este laço, esta forja entre nós está a tornar-se gradualmente cada vez mais fortalecida.

Sessão 128

IRMÃO JOHN: Saudações, minha filha. Saudações, querida. Mais uma vez, somos capazes de nos manifestar e de falar contigo.

Sinto como se, quando falo contigo, estivesse a falar para multidões de pessoas. Muitas destas pessoas do vosso lado, com as quais nem eu nem tu tivemos qualquer contacto, porque estas fitas, estas gravações, esta mensagem no espírito assim retransmitida, podem alcançar números incontáveis de pessoas. Tu esforças-te, no melhor das tuas capacidades, para espalhar a verdade da vida eterna, o poder do Espírito Santo manifestado de tantas formas diferentes.

Estas verdades que te foram dadas por tanto tempo, esta manifestação de amor que sai para as trevas do vosso mundo para iluminar e fazer brotar tudo o que é bom dos corações da humanidade. Temos uma grande responsabilidade. E penso, enquanto falo contigo, em números incontáveis de almas que, sem dúvida, em algum tempo futuro, ouvirão a voz do Espírito assim retransmitida; embora numa data ainda posterior, ela continuará a ter o

poder, continuará a ser dada àqueles que escutarem esta verdade através deste instrumento que é o teu.

Não creio que as palavras consigam alguma vez transmitir os sentimentos imensos que temos de amor. O amor é uma condição que, em si mesma, não pode ser expressa da forma que desejaríamos, nem por palavras nem por qualquer outro meio, pois o poder do amor é tão forte dentro de nós e deve manifestar-se consequentemente em todo o tipo de formas, descendo até às profundezas do vosso mundo e resgatando aqueles que estão nas teias das trevas. Por muito tempo serviste o poder do Espírito.

Por muito tempo, de facto, te esforçaste e trabalhaste em serviço e em amor. Como sempre te disse, grande é o poder que se estende ainda diante de ti. Há momentos em que, sem dúvida, estás cansada. Há momentos em que, sem dúvida, sentes que podes fazer tão pouco. Mas estamos sempre conscientes de uma força interior, de um grande poder que nem tu própria percebeste plenamente. Ele dá-te a força para seguir em frente, para fazer um pouco mais a cada dia, a cada semana, a cada mês, a cada ano.

Dissemos-te muitas vezes no passado que serias levada a muitos lugares, que serias capacitada para pregar o Evangelho e o poder do amor à humanidade em diversos modos e diversas condições e lugares. E o caminho abre-se ainda mais para ti, filha. A tua força, a tua força física, a tua força espiritual...

Sessão 1412

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoado sejas, querido irmão. Mais uma vez o ano terreno está prestes a terminar. Depois da sessão de Natal, começa o novo ano. As pessoas da terra invariavelmente olham para um ano como se fosse uma experiência fresca e nova, o que provavelmente, num sentido, é, visto que tendes o tempo e julgais tanto por ele. Percebo que as possibilidades do ano que vem são muitas.

As oportunidades que se podem apresentar, sinto-me seguro de que darão oportunidade para o serviço em várias direções. Estou muito consciente, ao vir a vós, dos muitos problemas que a humanidade tem de enfrentar, particularmente nos assuntos e no estado do mundo. E percebo cada vez mais quão essencial é, se o mundo quer encontrar a paz, que a massa da humanidade perceba as coisas espirituais, a perceção da continuidade da vida após a chamada morte, e o conhecimento, a experiência que pode ser dada para ajudar os povos da terra a elevarem-se para longe do comum, para longe

das coisas mundanas, e colocarem-se numa posição onde a sabedoria, a verdade e o esclarecimento governem em vez do caos como é hoje.

À medida que cada ano começa, estamos conscientes através das vossas mentes, através dos vossos pensamentos, mais do que nunca, da necessidade da ajuda do espírito. Os instrumentos são poucos e raros, e muitos daqueles que usamos, esforçamo-nos, no melhor da nossa capacidade através deles, para dar a nossa mensagem. E muitas vezes os próprios instrumentos...

Sessão 1567

IRMÃO JOHN: Cercada de amor e afeição. Não é adorável? Muitas vezes, muitas vezes mesmo, desejei que as pessoas no vosso mundo percebessem o amor que as rodeia. É verdade, claro, que devido à condição material da atmosfera, tantas vezes em redor das pessoas, é difícil para nós, por vezes, alcançá-las ou talvez, por vezes, até ter o efeito sobre elas que desejaríamos.

Mas, no entanto, o amor e o poder do espírito estão lá e aqueles que estão conscientes deste poder e deste amor, que são recetivos, são ajudados com bastante frequência de tal forma que, bem, pode quase parecer miraculoso; porque quando a maioria das coisas parece errada e tudo no mundo parece contra a pessoa e tudo o que ela está a fazer de bom, o poder do espírito justifica-se e abre a porta que torna possível a perceção cada vez maior da beleza e da tranquilidade do poder do espírito. Sabes, minha filha, ao longo de um grande período de tempo foi-te mostrado não só o caminho da progressão espiritual, mas foi-te mostrada verdadeiramente o poder do espírito que foi capacitado para se manifestar tantas vezes de tal forma que foi um milagre. Porque nós superamos, pelo poder e pelo amor e pela comunhão que partilhamos, superamos muitas vezes condições materiais que, pela sua própria natureza, são muito difíceis de quebrar ou de pôr de lado, mas nós alcançamos.

Levou-nos muito tempo a trazer-te para um refúgio, para uma condição de vida que, pela sua própria natureza, é mais conducente ao teu bem-estar e ao trabalho que tens de fazer. Sei que existem certas condições que às vezes causam uma certa irritação, mas estas são condições que nos esforçamos por aliviar, por suavizar.

PARTICIPANTE: Sim. Oh, estou bem ajustada agora.

IRMÃO JOHN: Vês, filha, o caminho nunca é fácil. Se fosse fácil não haveria esforço feito, não seria necessário e, em consequência, não haveria conquista. Não. A conquista só pode passar a existir, vir a acontecer, quando

somos colocados em circunstâncias que por vezes nos fazem talvez inquietar, mas que ao mesmo tempo são um desafio. Sim.

Tu venceste porque tiveste o poder do espírito sempre em teu redor e dentro de ti. Nunca estás desprovida desse poder. Não importa o que foste chamada a enfrentar no mundo material, tiveste sempre a força, tiveste sempre o poder que te permitiria vencer.

PARTICIPANTE: Sim. Sei sempre isso, tenho a certeza, filho. Sim, sinto que, com o passar dos anos, as coisas não me perturbam como costumavam. Consigo manter-me calma, aconteça o que acontecer.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, e isso é bom. Mostra que, até certo ponto, venceste; que, pela experiência de eventos passados e pela plena perceção do poder do espírito que te sustenta, aprendeste a vencer. Foste capacitada a usar o poder do espírito à tua disposição para seres calma e agradável, para seres capaz de, por assim dizer, ver quando necessário o caminho que te é preciso tomar. Não estás sobrecarregada como costumavas estar pelas coisas materiais. Isto é bom, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Suponho que, na verdade, essa é a lição da vida para toda a gente, não é? Que têm de usar o que vem e tirar algo disso.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, isto é verdade, é assim, e é importante e essencial perceber e saber que a vida não pretende ser fácil. Com isso não quero dizer que nós, deste lado, que estamos sempre a trabalhar e a esforçar-nos em nome dos filhos da terra, que antecipamos que certas coisas que acontecem devam ser, ou mesmo que sejam necessariamente boas. Com isto quero dizer que as tentações e os problemas e as dificuldades que cercam o caminho individual — muitos deles poderiam ser apagados se a própria natureza e a intenção e propósito do indivíduo fossem diferentes.

O homem cria o seu próprio caos. O homem cria a sua própria experiência individual e, no entanto, ao mesmo tempo, embora se possa rezar por um caminho mais fácil e muitas vezes o caminho seja suavizado, as circunstâncias sejam mudadas, isso não quer sugerir por nossa parte que devamos imaginar ou esperar ou mesmo desejar que a vida devesse ser perfeita ou que devesse ser necessariamente fácil. É bom ser desafiado.

É bom, às vezes, ter de aprender a vencer. De facto, às vezes é até necessário que as coisas transpirem, as quais, pela sua própria natureza, podem ser e são muitas vezes desagradáveis. Pode-se dizer: porquê? Por que razão tantas pessoas o fazem no vosso mundo? Por que permite Deus isto? Por que permite Deus aquilo? É claro que primeiro acho que devemos perceber que Deus deu ao homem o livre-arbítrio e, ao longo de séculos e séculos de

tempo, o homem criou as próprias condições no seu próprio mundo e na sua própria vida individual contra as quais se revolta.

Deus dá ao homem o livre-arbítrio, mas Deus não interfere. Se o homem criou, como criou ao longo de eras de tempo, tais condições diversas, tais vibrações diversas e tal infelicidade que se seguiu no rasto do pensamento errado e, consequentemente, da ação errada, então obviamente o homem criou para si próprio problemas. O homem criou condições que deve aprender eventualmente a vencer; mas certas coisas que transpiram e acontecem nas vidas diárias das almas individuais são necessárias, são essenciais na medida em que é a única forma em que se pode esperar aprender.

Não se pode esperar aprender se todas as coisas são perfeitas, se todas as coisas são como desejaríamos. O homem deve sofrer até certo ponto em consequência para ganhar conhecimento e experiência para se capacitar para a vida superior que está por vir. Mas eu não gostaria que as pessoas pensassem que, embora nos esforçamos como fazemos para fazer tudo o que está ao nosso comando e dentro do nosso poder para ajudar, guiar e elevar, não sugerimos que, por causa deste conhecimento e por causa deste poder, o caminho será necessariamente sempre mais fácil para o indivíduo.

Não seria assim. Não pode ser assim pela simples razão de que, quanto mais espiritualizado alguém se torna, maior deve ser a perceção de todas as condições no vosso mundo que têm de ser superadas e vencidas; e de todas as condições que criam caos e infelicidade — de todas estas coisas a pessoa torna-se ainda mais, torna-se ainda mais consciente devido ao conhecimento do espírito. Por outras palavras, filha, devemos sempre lembrar-nos de que aquele que é escolhido para servir, pela própria natureza de se entregar mental e espiritualmente a Deus e ao serviço dos filhos de Deus, deve, portanto, estar cada vez mais consciente dos problemas da vida e também das dificuldades, e estar mais consciente das vibrações que emanam dos outros, as quais, pela sua própria natureza, nem sempre são fáceis e agradáveis de lidar.

Por outras palavras, filha, quanto maior o chamado para o serviço, muitas vezes maior o sacrifício e também, até certo ponto, como deve ser, mais difícil deve ser vencer. Por outras palavras, filha, não esperamos, com todo o amor e o esforço que damos, que o caminho seja necessariamente fácil para aqueles a quem amamos e a quem queremos bem.

PARTICIPANTE: Eu estava a ligar, bem, talvez saiba, antes de vir para aqui, a uma pequena senhora que gere... ela assumiu uma casa enorme para ampliar a sua cura e o seu trabalho espiritual, e tudo parece estar a correr mal, e senti tanta pena dela; e no entanto ela é uma pessoa dinâmica espiritualmente.

IRMÃO JOHN: Sim, minha filha, mas às vezes pergunto-me se aqueles que são chamados a servir percebem plenamente a tremenda responsabilidade que é colocada sobre eles; e se percebem essa responsabilidade, se percebem, pela própria natureza do facto de terem assumido o trabalho do espírito, que fazer este trabalho num mundo tão material, sob tais condições materiais como as que existem nesse vosso mundo, não vai ser obviamente uma tarefa fácil.

Quanto mais te tornas espiritualizada no processo de servir e fazer a vontade e o trabalho do Mestre, obviamente mais difícil será, não apenas trabalhar e impressionar aqueles que não estão interessados ou aqueles, digamos, que podem estar interessados mas que, ao mesmo tempo, não estão preparados para se sacrificarem. Vês, não pode ser fácil trabalhar para os espíritos.

PARTICIPANTE: Acho que eles precisam de mais ajuda, esse é o problema. As pessoas não querem dar o seu tempo e o seu esforço.

IRMÃO JOHN: Há aqueles que darão e há aqueles que tomarão. Há aqueles que darão em amor e em verdadeiro serviço, que darão de si mesmos voluntária, livre e completamente. São poucos, são muito poucos, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim. Há outra coisa sobre a qual te quero perguntar, John. Tenho andado a ler todos os diferentes livros, como costumo fazer, sobre a verdade. A força do mal é uma realidade para ti? Quero dizer, na tua vida espiritual, é uma força com a qual se deve contar?

IRMÃO JOHN: Bem, filha, é claro que, obviamente, devemos reconhecer o facto de que há todo o tipo e condição de forças em ação; não apenas o bem e, no entanto, não necessariamente o mal. Há muitas forças que são, pela sua própria natureza, nem boas nem más. Poder-se-ia dizer, John, que a vasta maioria da vida humana consiste em condições ou forças que emanam de milhões sobre milhões de almas de todos os tipos, de todas as nações, todos indivíduos que não são nem bons nem maus; que são, num sentido, forças de indiferença.

E sabes, por estranho que pareça, muitas vezes as forças da indiferença são as mais difíceis de lidar, porque é muito difícil alcançar um indivíduo de quem essas forças emanam. Se uma pessoa mostra indiferença total, é difícil fazer muito por ela. Se uma pessoa mostra alguma vontade ou algum ligeiro interesse nas coisas da mente e do espírito, podemos alcançá-la.

E em relação àqueles que o mundo chama, ou que tu chamarias de mal — embora nós não vejamos o mal no mesmo sentido em que talvez até aqueles no teu mundo que professam ser espirituais veem o mal — com isto,

que pode soar um pouco como um enigma, quero que tentes ver, como nós vemos, que tudo o que é mau não é necessariamente maléfico; e no entanto, ao mesmo tempo, obviamente não é bom. É o inverso no sentido daquilo que é bom.

Mas vemos muitas coisas que transpiram nas mentes e nas vidas de indivíduos que são erros; que são passos na direção errada; que são, por assim dizer, becos sem saída, cul-de-sacs, que são caminhos que não levam a lado nenhum e cujos passos têm de ser retraçados em alguns casos. E não quero dizer com isto que todos os casos sejam assim, mas em alguns casos não é mau que as pessoas cometam erros ou talvez façam algo que é errado.

É claro que, naturalmente, preferíamos que todos fizessem aquilo que é bom, certo, justo e honesto; mas, ao mesmo tempo, é necessário para algumas almas cometerem erros, cometerem erros antes de poderem sequer esperar alcançar aquilo que é certo, aquilo que é justo e aquilo que é bom. Na verdade, poder-se-ia dizer que há demasiada gente no teu mundo que fala sobre o bem e o mal, ou o preto e o branco, como se fossem condições definitivas em si mesmas.

Num sentido, não existe tal coisa como algo totalmente bom, tal como não existe algo que seja totalmente mau, pois o mal é uma mistura, tal como o é o bem. É verdade que, quanto mais evoluída uma pessoa se torna, quanto mais espiritualizada se torna, menos probabilidade há de existir algo ali que não seja bom. Mas devemos lembrar-nos de que há muitas vibrações, há muitas condições, há muitos aspetos tão vastos, tantos, que não se pode esperar, em muitas gerações de tempo, vida e experiência, que alguém evolua necessariamente para tal auge de bondade que não possa ser, de forma alguma, arrastado por aquelas coisas que não são boas.

De facto, quanto mais bom alguém se torna, mais consciente se torna daquelas coisas que não são boas e, em consequência, maior é o nosso desejo de assistir aqueles que não progrediram, aqueles que, por assim dizer, habitam nas trevas. Quanto mais estamos na luz, mais conscientes devemos estar — precisamente por estarmos na luz — das necessidades daqueles que estão nas trevas, quer seja escuridão da mente, do espírito ou do corpo, ou uma combinação, como invariavelmente acontece, de todos os três.

Devemos estender as mãos em amor para servir, para ajudar, para guiar, para elevar. E embora possamos estar mais conscientes através do nosso próprio esclarecimento e do poder do nosso espírito, embora possamos estar mais conscientes das necessidades dos outros, devemos em todos os momentos dar-nos completamente, mesmo ao ponto de fazer grandes sacrifícios para nos ligarmos àqueles cujas necessidades são muitas e grandes.

Reconhecemos o que chamas de mal, mas não o vemos no mesmo sentido. Vemo-lo talvez de forma diferente, como muitas pessoas na terra. Aqueles que condenam, nós não condenamos. Vemos com compaixão, vemos com amor, vemos com verdadeira fraternidade as necessidades dos outros. Vemos as razões pelas quais, talvez, eles não progrediram; vemos por que são como são e nos nossos corações há amor. Esforçamo-nos por ajudá-los o melhor que podemos, o melhor que conseguimos, para os elevar, para os tirar das suas trevas, para os colocar no caminho da verdadeira iluminação, para que possam compreender gradualmente, mas de forma mais plena à medida que o tempo avança, as realidades da vida e o propósito e o significado por trás de todas as coisas.

Dizemos, como sempre dissemos, que o amor e o desejo de fazer as coisas que são de amor — as coisas que verdadeiramente são de Deus — fazer estas coisas, trabalhar entre aqueles cujas necessidades são muitas, servir em amor, esta é a nossa tarefa, este é o nosso júbilo, este é o nosso propósito. E então, quando encontramos, como encontramos, alguém como tu que age como nosso instrumento e que está preparada para se dar completa e totalmente em direção a esse objetivo que traçámos; para que possas, pela tua experiência, trazer luz às trevas do teu mundo e dar alegria, verdade e felicidade, e trazer para aqueles cujas necessidades são muitas aquelas coisas que lhes darão a ajuda de que precisam. Trazer-lhes esse conforto, trazer-lhes esse entendimento, trazer-lhes essa paz que só pode vir: a paz do espírito.

Essa paz que é sempre forte, sempre poderosa, sempre amorosa, que te sustentará a ti e a eles, e tornará verdadeiramente o caminho reto e claro. Esta é a nossa tarefa: que, contigo e com outros como tu, possamos trabalhar com os filhos da terra para a glória de Deus e para a paz do mundo. Nós, povos judeus [referência provável à origem terrena da entidade], curvamo-nos perante alguém como tu, minha filha, porque tu és as pessoas que podemos alcançar. És humilde de espírito, és fiel em tudo o que dizes e fazes, e a tua força está na simplicidade que tens — uma força que muitos poderiam bem invejar.

Digo-te, filha, somos abençoados por te ter como nosso instrumento e estamos sempre ao teu lado. Nunca te falhamos, filha. Abençoada sejas, que a paz esteja contigo. Deus te abençoe.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe e a todos os meus entes queridos. Adeus, adeus. Mickey, tu és um dos meus entes queridos.

MICKEY: Podes apostar! Até já, amor. Adeus, adeus. Mantenham os queixos erguidos! Adeus, adeus, querida. Deus a abençoe.

PARTICIPANTE: Foi muito bom afinal, não foi? Adorável. Fez-me pensar que não íamos conseguir nada.

MICKEY: Não deves pensar isso. Vês, eu venho cheio de fé que vamos conseguir.

Sessão 1612

IRMÃO JOHN: A tua mãe está presente. Embora não seja, talvez, a tarefa ou o trabalho dela assistir em certas direções, no entanto, é o seu amor e a sua influência que ajudam tremendamente as ligações que temos contigo. Sabes, às vezes, minha filha, aqueles que vêm de esferas mais elevadas usam um canal ou canais de outros indivíduos que, por assim dizer, agem eles próprios na capacidade de instrumentos e transmitem, por assim dizer, a mensagem dos reinos superiores.

Somos todos parte uns dos outros, somos todos canais, todos trabalhando juntos como um elo, como uma corrente, apanhados e fortalecidos pelo amor.

PARTICIPANTE: E o amor de Cristo vem através desse canal.

IRMÃO JOHN: Com certeza, filha.

PARTICIPANTE: Sim, adorável.

IRMÃO JOHN: Aqueles que trabalham contigo e em teu redor estão todos envolvidos no poder e no amor do Espírito de Cristo. Tu sabes que assim é.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Cristo manifestou os poderes do Espírito, a alegria do Espírito, o amor do Espírito. Ele emanou aquilo de que o mundo tão triste e dolorosamente precisava, não apenas no seu próprio tempo, mas em todos os tempos.

Ele emanou a realidade da verdadeira consciência e perceção espiritual, a perceção de que as únicas coisas que eram realmente de importância eram as coisas que eram do Espírito — as coisas duradouras, as coisas eternas, as realidades — e que o homem deveria gradualmente avaliar por si mesmo e encontrar por si mesmo o seu verdadeiro lugar e, consequentemente, o seu verdadeiro eu.

Cada homem serve de acordo com a sua luz, e quanto mais brilhante a luz que brilha dentro e ao redor de cada indivíduo, mais torna possível o trabalho que eles devem fazer; e essa quantidade de trabalho que, pela sua

própria natureza, deve não só elevar o elemento humano do indivíduo, mas também aqueles em seu redor. A tua luz brilha nas trevas. E é por esta luz que muitos são ajudados, guiados e orientados. Fica, portanto, assegurada, minha filha, de que em todos os momentos nos esforçaremos, no melhor da nossa capacidade, para servir contigo e através de ti, para que outros possam encontrar a sua paz e tranquilidade de espírito.

Sessão 1666

IRMÃO JOHN: Olá, minha filha. Abençoada sejas, querida. Que almazinha divertida ele é.

PARTICIPANTE: E quão sábio.

IRMÃO JOHN: Sim, foi o que eu pensei. Debaixo dele há uma grande sabedoria e uma grande beleza de caráter.

Sabes, minha querida, quando venho falar contigo e entro no teu mundo — como faço em grande medida através dos teus olhos e através dos teus pensamentos — porque é exatamente isso que acontece connosco quando regressamos à terra. Tornamo-nos conscientes do vosso mundo através dos olhos e da consciência dos indivíduos, particularmente daqueles a quem estamos ligados. E assim vês, minha filha, até certo ponto vejo o teu mundo através dos teus olhos e através dos teus pensamentos conscientes e percepção das coisas.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E se há momentos em que talvez eu queira uma visão de um tipo diferente, diferente da tua, ligo-me temporariamente — talvez apenas por um curto espaço de tempo de uma hora ou menos, de acordo com a necessidade — a outros indivíduos. Às vezes, por exemplo, posso estar ansioso por saber mais sobre os assuntos mundiais, na medida em que afetam o mundo e as pessoas do mundo.

Então ligo-me temporariamente, por assim dizer, a algum político ou a alguém cujo conhecimento relativo a coisas materiais, particularmente, seja grande. E assim, aqui e ali, eu e outros semelhantes a mim deste lado, que estamos interessados no vosso mundo e no bem-estar do seu povo, ligamo-lo indireta e diretamente a várias almas, para que tenhamos, por assim dizer, uma imagem composta do todo.

PARTICIPANTE: Sim. Isso é interessante.

IRMÃO JOHN: Sabes, minha querida, as pessoas no teu mundo que até compreendem esta grande verdade, às vezes não nos dão crédito na medida em que nós próprios — embora a nossa principal inclinação e desejo seja a perceção espiritual, a consciência espiritual e a elevação espiritual em relação ao vosso mundo — nós entramos no aspeto material, porque não podemos esperar alcançar nada a menos que, até certo ponto, conheçamos os vossos problemas, conheçamos as vossas dificuldades e conheçamos o estado de coisas sob o qual tendes de levar a vossa vida. Vês, creio que há muitas pessoas no teu mundo que estão sob um equívoco, na medida em que assumem que nós, que vimos a vós, estamos apenas preocupados ou apenas cientes ou conscientes de coisas espirituais.

É claro que este é o nosso principal interesse, o nosso principal propósito e o nosso principal desejo: elevar a humanidade a um plano superior de pensamento. Mas se vamos fazer isso, devemos também entrar nos vossos problemas materiais e nas vossas dificuldades e nas coisas que vos causam preocupação e, muitas vezes, angústia. Estamos cientes de todas as vossas necessidades.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Mas, é claro, desse viver tem de surgir a outra parte, não é? É verdade, vês, que há muitas sementes que devem ser semeadas e, se alguém quer ser um jardineiro de sucesso, então deve conhecer muito bem o terreno sobre o qual espera cultivar belas flores. Assim é que devemos saber com o que temos de enfrentar, com o que temos de lidar.

Temos de saber muito, talvez mais do que aquilo que nos darias crédito por saber. E assim é que, aqui e ali, encontramos almas que podemos usar, que podemos desenvolver, com quem podemos esperar trabalhar e através de quem; e elas, por sua vez, tornam-se, por assim dizer para nós, associadas. Tornam-se alunos e, com o tempo, tornam-se também professores.

Assim é que devemos esperar que, no decurso do nosso trabalho, nos associemos, por vezes muito estreitamente mesmo, com indivíduos, particularmente aqueles que mostram sinais de promessa, que mostram sinais de se tornarem instrumentos.

Sessão 1672

MICKEY: E como estás? Olá, querida. Bem, Daisy Judge. Ha ha. Como estás?

PARTICIPANTE: Oh, estou a subir, gradualmente.

MICKEY: Estás a sentir-te bem?

PARTICIPANTE: Oh, estou a ficar melhor, sim. Obrigada, querido.

MICKEY: Qual é a tua próxima viagem?

PARTICIPANTE: Bem, vou a Dartford no domingo e depois, na próxima quarta-feira, vou descer até Hythe por uma quinzena.

MICKEY: Oh, tu gostas de Hythe, não gostas?

PARTICIPANTE: Bem, é o meu... Tenho amigos lá. Sim, é isso mesmo. É a minha segunda casa. Sirvo as igrejas lá em baixo duas vezes por ano. Ora, para onde é que ele foi? Ha ha. Bem, não preciso de ir longe. Ha ha ha. Esta é para ti. A tua máquina está a funcionar?

PARTICIPANTE: Espero que sim, querido, sim.

MICKEY: Bem, eu não tenho realmente de ir longe para encontrar o Irmão John, pois não?

PARTICIPANTE: Espero que não. Ha ha ha.

MICKEY: Porque ele está invariavelmente ao teu redor. Sim. Ele ama-te, ajuda-te e confia em ti para fazer o trabalho. E tu não lhe falhas, pois não?

PARTICIPANTE: Tento não falhar, querido. Oh, meu Deus. Dia engraçado, não é?

MICKEY: É um dia lindo. É o primeiro dia agradável que temos em semanas, até agora. Por que dizes engraçado, querido?

PARTICIPANTE: Não estava a pensar em termos de tempo.

MICKEY: Não?

PARTICIPANTE: Estava a pensar, bem, é um dia bom porque tu vieste.

MICKEY: Obrigado.

PARTICIPANTE: E em segundo lugar, sinto que é sempre um dia bom quando o Irmão John está por perto, porque ele tem vibrações tão bonitas, e ele... é uma alma tão adorável. Sim. Gostaria que pudesses ter uma imagem nítida dele.

PARTICIPANTE: Sim, eu tenho uma, mas gostaria de o ver. Só uma vez. Só peço isso.

MICKEY: Bem, não percebo por que não o vês, então.

PARTICIPANTE: Não, eu estou consciente.

MICKEY: Tu vês ocasionalmente, não vês?

PARTICIPANTE: Oh, sim, estou consciente dele e já o vi mentalmente.

MICKEY: Mas provavelmente já o viste algumas vezes, pelo menos, imagino eu, quando tens vindo aqui muito, e provavelmente não conseguiste recuperar a memória disso.

IRMÃO JOHN: Estás muitas e muitas vezes consciente de mim.

PARTICIPANTE: Sim, muito.

IRMÃO JOHN: E falas muito comigo.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E eu estou, claro, obviamente muito, muito consciente de ti, e falo muito contigo.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E acho que às vezes recebes os meus pensamentos e as minhas impressões, não necessariamente apenas durante o teu estado de sono, quando, claro, o mero facto de seres capaz de estar num contacto mental comigo e estares aqui num sentido espiritual — e, de facto, a proximidade que partilhamos é de tal natureza que, se eu tentasse descrevê-la em palavras, seriam muito inadequadas. Mas estamos mentalmente muito em contacto nos teus olhos despertos, nos teus olhos de trabalho.

E, claro, seria errado da minha parte não dizer que há momentos em que talvez, porque ainda sou muito humano — e embora as pessoas nem sempre entendam ou percebam isto — estamos às vezes, deste lado, inclinados a sentir-nos um pouco deprimidos, quando não somos talvez capazes de nos fazer totalmente presentes para aqueles que amamos ou talvez realizar algum serviço que temos em mente fazer. Porque as circunstâncias além do controlo do instrumento ou além do nosso controlo, não somos capazes de imprimir sempre muito do que gostaríamos de transmitir deste lado para o vosso mundo.

PARTICIPANTE: Sim, eu muitas vezes...

IRMÃO JOHN: Mas sabes, minha filha, somos muito afortunados. Só desejava que fosse possível que as palavras pudessem retratar e descrever as glórias e as belezas e todas as realidades do mundo que eu e muitos outros

números incontáveis de almas herdamos. Tantas pessoas no teu mundo têm uma ideia tão vaga, tão estranha...

Sessão 1763

IRMÃO JOHN: Nos dias dos antigos, era um tema comum os anciãos reunirem-se, calmamente, para comungar. Receberíamos muitas vezes a mensagem do Senhor, e a inspiração da mesma dar-nos-ia o poder de continuar a espalhar o evangelho e a verdade e a mensagem. Houve alturas em que estivemos em grande perigo físico. Houve alturas em que estivemos perturbados e inquietos. Houve alturas em que, de facto, estivemos materialmente com medo. Mas reuníamo-nos nestas alturas e recebíamos a mensagem do Espírito, e éramos guiados e dirigidos quanto ao que devíamos fazer, para onde devíamos ir e como devíamos proceder.

Olho para trás, para esses tempos primitivos, há séculos e séculos, e percebo de facto como fomos conduzidos das trevas para a luz, como fomos fortalecidos, como fomos guiados, como de facto fomos verdadeiramente inspirados pelo próprio poder do Espírito Santo. Ao olhar para trás, vejo que semeámos as sementes, e essas sementes, desde então, floresceram. Houve muitas, muitas almas desde então que tiveram motivos para abençoar o trabalho que foi feito por muitos de nós naqueles dias difíceis.

Tu não te consegues lembrar destas coisas e, no entanto, há muito, muito tempo, estiveste uma vez nesse tempo. Foste outrora um de nós. Isto pode parecer estranho, e muitas vezes deliberei na minha mente se deveria falar contigo sobre estas coisas. Mas sinto que chegou o momento em que deves saber um pouco mais. Há aqueles que não compreendem nas vossas mentes. Há aqueles que nem sequer gostam da ideia do que chamais reencarnação. Mas eu digo-te, filha: assim é.

Existem almas que, por várias razões, regressam à terra para fazer um certo trabalho por um certo tempo. Há aqueles que são escolhidos para regressar para que possam ser uma luz nas trevas desse tempo. Muitas grandes almas que desde então partiram do vosso mundo foram outrora indivíduos que tinham uma missão e um trabalho a fazer. Poder-se-ia reiterar os inumeráveis nomes de almas que conheço pessoalmente e que escolheram deliberadamente regressar para servir e trabalhar entre os filhos de Deus em todas as eras.

Sessão 1765

IRMÃO JOHN: Olá.

PARTICIPANTE: Olá, Irmão John.

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha. Abençoada sejas, querida. As palavras, como tantas vezes disse, não podem possivelmente dar-te a mínima perceção ou consciência das coisas do espírito. Tanto do que se desejaria dizer só pode ser transmitido, e de forma ténue, em palavras.

O poder do espírito que está ao teu redor — que sei que tantas vezes pressentes e sentes — este poder que se manifesta às vezes com tal força, permite-nos até certo ponto transmitir através de ti, como instrumento, a perceção do espírito. A consciência do espírito que, embora para alguns seja muito ténue, para outros, às vezes, é clara e definida. Estamos todos nós a procurar métodos e formas em que possamos servir mais verdadeiramente, mais capacitados para que possamos dar ao mundo esta verdade, esta grande perceção da vida eterna, quebrando as barreiras entre o nosso mundo e o vosso.

E, no entanto, tantas vezes, quando penso nas belezas e nas glórias do espírito e no modo de vida aqui, sinto que há tão pouco que eu possa descrever com qualquer clareza. E, no entanto, quando trabalho através de ti e falo, esforço-me, à minha maneira e ao meu modo, por transmitir o melhor que posso algo desta gloriosa vida eterna. Tudo o que temos de te dar deve ser trazido para algum nível de consciência terrena. Portanto, temos de retratar e descrever e transmitir muito do nosso mundo no sentido material.

E se alguém pode aceitar as belezas do vosso mundo, as belezas da natureza e a consciência de tudo o que é bom — se alguém pode perceber e ver isto — então perceba ainda que o reino do espírito é tal, mas num plano superior de pensamento e perceção, com maior cor e maior glória, até mesmo uma maior sensação de som. Pois aquilo que ouves, que é comum ao ouvido no reino do espírito, é mil vezes mais intenso. A música das esferas é tal que, se eu pudesse trazê-la a ti apenas por um fugaz segundo de tempo, a sua beleza iria, de facto, sobrecarregar-me.

Sabes, filha, a nossa tarefa, é claro, é confortar aqueles que choram, dando-lhes a perceção de que os seus entes queridos estão, de facto, por vezes, perto deles; que estão mental e espiritualmente entrelaçados e que, à medida que progridem no reino do espírito, o seu amor é maior, e maior é o seu desejo de alcançar aqueles que deixaram para trás, de forma ainda mais intensa, mais determinada, mais amorosa, mais bondosa, mais desejosa. Pois as razões pelas quais vimos são muitas.

Vimos para confortar aqueles que choram, para elevar aqueles que estão tristes e sozinhos, para trazer força àqueles que estão fracos de mente e de corpo, para dar aquele bálsamo de cura àqueles cujas necessidades são muitas

no lar e no hospital, para ajudar aqueles cuja tarefa é servir e cuidar daqueles que estão doentes. De facto, tantas são as tarefas do espírito, mas cada tarefa que assumimos é assumida com um coração leve e com a perceção de que estamos a fazer a vontade do Altíssimo; que somos verdadeiramente irmãos e irmãs juntos, combinados, trabalhando em amor e em serviço, trazendo uma nova perceção para as trevas do vosso mundo, tentando trazer aquela luz que iluminará o caminho daqueles que queiram ver. Foste abençoada por muitos anos como um instrumento. Mostrou-se-te esse caminho e trilhaste-o com sinceridade e retidão.

Sessão 2669

IRMÃO JOHN: ...claro, mas ele é jovem agora. Mas o nome dele era Bob Roberts. E ele também transmite amor e afeição para ti. Ele era um sujeito muito velho, e estava ligado a uma família, mas não era um membro dela. Isso é tudo por agora. Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Irmão John, querido. É adorável ouvir-te. Tens alguma coisa em particular de que devamos falar?

IRMÃO JOHN: Bem, pensei em deixar-te escolher esta manhã, porque a maioria das minhas questões é controversa e não particularmente alegre.

PARTICIPANTE: A maioria das tuas perguntas seria controversa e não particularmente alegre. Por outras palavras, são questões que têm importância e que sem dúvida afetam a massa da humanidade mais hoje do que talvez no passado. Mas, filha, é o meu desejo em todos os momentos esforçar-me por responder a questões que sejam aplicáveis a toda a humanidade como tal, independentemente da raça, cor ou credo. Questões que, pela sua própria natureza, sugerem que as únicas respostas válidas, as únicas respostas que podem ser de real importância e ajuda válida vêm do Espírito. Se houver tais perguntas, então estou mais do que feliz em tentar responder-lhes. Mas acho que tens uma em mente que está relacionada com o que chamas de transplantes (*transparency* - provável erro de transcrição).

PARTICIPANTE: Sim, filho, está muito na minha mente porque sinto que talvez seja algo que, de um ângulo espiritual, não posso aceitar.

IRMÃO JOHN: Bem, primeiro acho que deveria deixar bem claro que, não só a minha própria opinião, mas a opinião de vastos números de almas com quem falei aqui em relação a este problema tremendo — pois é um

problema — é que não somos a favor. De facto, acho que pode ser considerado não só extremamente imprudente de vários pontos de vista, mas também sentimos que, uma vez que nunca pode haver, da vossa parte — ou seja, da parte do Médico — qualquer conhecimento decidido e definitivo quanto ao momento da morte real a ocorrer, portanto é óbvio que é errado tirar qualquer órgão que seja de uma pessoa que acabou de morrer há apenas uma questão de, pelo que parece, segundos ou minutos. Porque, muitas vezes, pode haver uma condição que parece ser de morte, que não é necessariamente assim; além do que uma pessoa pode reviver e ter talvez vários anos de vida na vossa terra. Depois, todos sabemos muito bem que o espírito não está, de forma alguma, libertado da vida [neste estágio].

Sessão 2874

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Não foi intencional. Foi sempre o nosso desejo que estivesses livre para fazer o trabalho do Espírito. Isto tens feito há muitos anos. Muitos são aqueles que, em consequência, foram abençoados, ouviram a voz do Espírito e foram confortados. À medida que me aproximo da vossa terra, torno-me ainda mais do que nunca consciente das muitas necessidades dos indivíduos de todas as cores e climas pelas verdades do Espírito.

Em todo o redor vemos o caos. Vemos a intolerância e a estupidez do homem, trazendo no seu rasto problemas múltiplos, terrores múltiplos. Até ao momento em que a voz do Espírito for ouvida em todos os corações dos homens, há pouca esperança. Vemos as tragédias que estão a ocorrer, muitas vezes através da intolerância, através da estupidez de homens que não conseguem perceber as verdades eternas do Espírito, que se manifestam de tantas formas. O poder do Espírito pode abranger tudo e superar todas as coisas. Em pequena medida fomos capacitados a servir e a trabalhar, mas a tarefa é enorme. Há muito poucos que estão preparados para se darem a si próprios e fazerem este trabalho, que é tão essencial para o bem-estar da raça humana.

Há momentos em que, sem dúvida, estás desanimada. Mas estes momentos passam e, no teu tempo, és levada a fazer o trabalho onde quer que surja o chamado.

PARTICIPANTE: Disseram-me que foi uma palestra maravilhosa no domingo.

IRMÃO JOHN: Bem, filha, entre nós alcançamos talvez mais do que ousamos esperar. Tu recebes, porque estás tão em harmonia comigo e com os

filhos que estão comigo, tu recebes os meus pensamentos clara e distintamente. E tu dás a mensagem do Espírito tal como eu a dou. Há momentos em que — talvez não tenhas percebido isto plenamente — em que estás tão obscurecida pelo poder do Espírito que quase parece que, temporariamente, tu própria já não existes num sentido físico. O corpo físico é apenas a máquina, é o mecanismo pelo qual somos capazes de comungar.

Mas muitas vezes, quando menos esperas, quando estamos ali ao teu redor, estamos a dar-te pensamentos e impressões, não só quando estás no púlpito, não só quando estás ali para entregar a mensagem do Espírito aos povos expectantes, cujas necessidades muitas vezes são tantas, mas muitas vezes quando estás quieta, quando a vida parece ter parado materialmente na privacidade, na quietude e na paz do teu próprio ambiente, quando o mundo exterior está silenciado; nesses momentos sou capaz de te alcançar, e nesses momentos és tu própria elevada, e nesses momentos também és revigorada.

PARTICIPANTE: Às vezes estou muito consciente de ti, outras vezes não.

IRMÃO JOHN: Sim, minha filha, mas isso tem de ser assim. É claro que, naturalmente, nem sempre estamos contigo; isso não seria possível, nem viável, nem desejável. Cada indivíduo deve ter liberdade completa e absoluta para escolher para si próprio aquilo que deseja fazer, seja bom ou mau. Mas nós que vimos a ti, conhecendo como conhecemos os desejos dos vossos corações, somos capazes de te alcançar de uma forma que para muitos seria impossível. É como se juntos construíssemos uma ponte entre os dois mundos, e por esta ponte somos capazes de nos alcançar um ao outro sobre o riacho que jaz, por assim dizer, entre o vosso mundo e este; o riacho que está sempre presente, sempre fluindo, aquele riacho que o próprio homem construiu inconscientemente, mas no entanto muito real em si mesmo.

Esta condição a que nos referimos muitas vezes como o plano astral — sabes que há muitos termos que foram criados. Às vezes estes termos foram usados para tentar expressar estados de ser, ou ambientes, particularmente ambientes do espírito. Falamos sobre as esferas, falamos sobre o astral, mas as pessoas não percebem que em todo o redor delas, no meio delas, na própria atmosfera que respiram e em que existem, há um mundo muito real. É um mundo composto principalmente por entidades, almas, que elas próprias não foram capazes de se limpar completamente de pensamentos materiais. Estes são os astrais.

Estas são as almas que não são necessariamente pela sua natureza ou encarnação más, mas são muitas vezes mal orientadas, muitas vezes inclinadas materialmente, agarrando-se a velhas ideias, agarrando-se à terra, esforçando-

se por influenciar até as pessoas na terra. É por isso que temos dito repetidamente em relação à comunicação, em relação à mediunidade como tal e ao desenvolvimento da mesma, que se deve estar atento, deve-se ser cuidadoso, deve-se criar uma atmosfera dentro e ao redor de si mesmo, pela qual apenas aquilo que é bom possa ser alcançado. Apenas aqueles cuja tarefa é elevar a humanidade podem, pela ponte que é construída pelo indivíduo, o instrumento, tornar possível o trabalho que ainda está por ser feito e aquele que foi feito no passado, que deu bons frutos.

Mas não se deve duvidar nem temer. Ao mesmo tempo, não se deve abrir a forças inferiores. Muitas vezes sentimos, inconscientemente talvez nalguns casos, que há aqueles no vosso mundo que, na sua ansiedade de serem instrumentos, criam para si mesmas condições pelas quais nem sempre é possível estarem guardados ou protegidos.

Cada alma individual tem um espírito governante, tem o que é termo de anjo, se quiseres, cuja tarefa é proteger e guardar, guiar, elevar e inspirar um indivíduo. "Pois ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito". E isto é verdade. Cada alma que nasce no vosso mundo tem um espírito guardião, um anjo da guarda. Mas não se deve ignorar que existem aqueles que não são, como eu disse, necessariamente maus ou com má intenção, mas que estão perto da terra, que estão presos à terra, que estão ansiosos por fazer contacto por uma razão ou outra. E deve-se guardar contra influências que podem não ser boas, que podem, muitas vezes, trazer um instrumento para um nível baixo e reter o poder que possuem sobre o instrumento.

PARTICIPANTE: Como é que a pessoa se liberta deles? Porque estás a falar de algo sobre o qual tenho enviado muitos pensamentos ultimamente para ti.

IRMÃO JOHN: Eu sei, filha. Vês, contigo e comigo — e isto aplica-se a muitos outros — há uma ligação poderosa, uma ligação que foi forjada há tanto tempo que, se eu me detivesse nisto longamente, precisaríamos de muitas oportunidades como esta para discutir. Escusado será dizer que foste escolhida para um trabalho específico pelo Espírito, e eu fui designado para assistir e ajudar, para que pudesse de alguma forma servir através da tua humanidade. Quanto se pode alcançar irá, claro, obviamente depender, como de facto aconteceu no passado, das circunstâncias. Dependerá de tantos outros aspetos, que seriam demasiado numerosos para detalhar, mas tu nunca nos falhaste.

Houve momentos, claro, porque és humana e porque ainda és afetada, até certo ponto, pelo materialismo ao teu redor; houve momentos em que foi um pouco mais difícil talvez alcançar mas, no entanto, cumpriste as tarefas que te

foram impostas. Mas sabes, filha, há instrumentos no vosso mundo que, infelizmente, embora a sua intenção tenha sido boa, caíram pelo caminho, e isto é algo contra o qual a pessoa se deve guardar.

PARTICIPANTE: Como é que se fica livre, Pai?

IRMÃO JOHN: Filha, embora possamos fazer uma certa quantidade como ajudantes, guias — chama-nos o que quiseres — como anjos da guarda, embora possamos fazer uma certa quantidade, muito deve também ser feito pelo indivíduo do vosso lado, pelo paciente, se quiseres; porque de facto existem muitos em instituições mentais que podem não ter tido nada a ver com o que chamaste de espiritualismo como tal, mas que estão obcecados [por espíritos obsessores].

E existem indivíduos no espiritualismo que estão inconscientes ou alheios ao facto de estarem obcecados [por obsessores], e estão a ser usados por almas que não estão muito mais avançadas do que o próprio indivíduo, o médium, e que, em alguns casos, estão até abaixo dele.

PARTICIPANTE: Isso trabalha contra o que estais a tentar fazer, não é?

IRMÃO JOHN: Trabalha, minha filha. Vês, quando alguém se senta num círculo para desenvolvimento, quando uma pessoa assume sobre os seus ombros a responsabilidade de se tornar um instrumento ou um médium para a melhoria, não apenas de si próprio mas dos outros, assume uma grande responsabilidade; e deve abordar sempre o seu trabalho e o trabalho do espírito no nível mais alto de consciência que consiga atingir ou alcançar.

É inútil as pessoas assumirem, como algumas fazem, que podem entrar neste assunto sem qualquer preparação, sem qualquer perceção das suas implicações mais profundas. Tantos estão apenas ansiosos, por assim dizer, por brilhar na escuridão do vosso mundo. Não estão tão preocupados com os valores mais elevados de que falamos tão frequentemente, desde que consigam dar uma mensagem no nível material, que em muitos casos não é nada mais nada menos do que prever o futuro.

E serem, por assim dizer, colocados num pedestal em consequência por pessoas que dizem: "ele ou ela é um médium notável, vai ter com ela ou com ele, obterás orientação e instruções sobre o que deves fazer acerca deste ou daquele assunto", geralmente de natureza material. O trabalho dela [da PARTICIPANTE] não é da carne, mas do espírito.

PARTICIPANTE: Temos de nos manter humildes, não temos?

IRMÃO JOHN: Sim, filha, e embora possa haver alturas em que — porque conseguimos ver, como às vezes tu consegues, um pouco mais além — embora possamos às vezes dizer ou sugerir que seria bom ou sensato ser o recetor da mensagem que damos, para fazer isto ou aquilo (o que às vezes é, em consequência, de natureza material), é porque desejamos ajudar, desejamos tornar as coisas um pouco mais fáceis para o indivíduo, desejamos tirar-lhe, se pudermos, um fardo dos ombros.

Mas, ao mesmo tempo, o nosso propósito principal, o nosso desejo, é puramente do espírito; que aqueles que são instrumentos e aqueles que estão interessados nestas coisas se elevem acima do mundano e do material. Que se ergam para fora do lodo e não olhem para nós para resolver os seus problemas materiais, embora por vezes o possamos fazer e, claro, ocasionalmente damos conselhos.

PARTICIPANTE: Sim. Tive um sonho adorável ontem e senti que tu fazias parte dele. Eu estava num telhado, carregada com muitos sacos e bagagem, e tinha medo de como ia descer para o chão; e estava consciente de um cavalheiro alto de pé ao meu lado, tirando-me todo o medo com a conversa, e dei por mim no chão, em segurança.

IRMÃO JOHN: Sim, Jo. Sabes, nem sempre é possível para as pessoas, mesmo para as que têm conhecimento destas coisas, diferenciarem entre aquilo que é de natureza astral e espiritual e aquilo que é da mente, ou o que chamas de um sonho ou um pesadelo.

Existem diferenças, às vezes são tão subtis que, ao acordar de manhã, os pensamentos conscientes que surgem por vezes distorcem a experiência real. Por outras palavras, muitas vezes aquilo que era de natureza espiritual fundamental — no que diz respeito ao espírito deixar o corpo e viajar astralmente num nível diferente de consciência — pode ser totalmente diferente daquilo que a recordação retém ao despertar, o que muitas vezes traz as coisas interpretadas, se preferires, de uma forma mais material.

Com isto tento explicar que tu, por exemplo, sob certas condições e em certos momentos, deixas o corpo físico e viajas através do astral para as esferas; mas, claro, quando voltas ao corpo físico, tens de vir através do astral para o físico. Os corpos astral e físico estão muito estreitamente alinhados ou ligados e, muitas vezes, uma experiência espiritual muito verdadeira e de um nível muito elevado pode por vezes ser obscurecida ou até alterada na sua visualização na hora do despertar.

PARTICIPANTE: Sim, eu compreendo.

IRMÃO JOHN: Mas o que te estou a tentar dizer é que tu viajas, tu deixas o corpo físico, tu entras no reino do espírito em diferentes níveis de consciência, de acordo com as circunstâncias. Às vezes levamos-te nós próprios deliberadamente ao astral para que possas experienciar certas coisas que sentimos serem úteis e necessárias para o teu avanço, embora nem sempre te lembres dessas coisas.

PARTICIPANTE: Vejo-o agora.

IRMÃO JOHN: Sim. Mas outra coisa que talvez não percebas é que há momentos em que tu própria trabalhas para ajudar as almas menos afortunadas no plano astral. E deves tentar, se puderes, perceber que às vezes as mensagens que são entregues a um indivíduo na audiência podem bem ser de um indivíduo que está estreitamente ligado ou relacionado com o recetor da mensagem, mas aquela entidade comunicante em particular pode não ter progredido muito.

Vês, isto é outra coisa que talvez nem sempre percebas: embora nós — ou eu em particular — nos esforcemos por te manter num certo nível de consciência ou num certo nível de conquista; embora eu tente, e tu consigas na maioria dos casos, reter o aspeto espiritual do nosso trabalho, quando sou chamado — e não necessariamente apenas eu, mas quando outros deste lado são chamados — para a parte do serviço onde uma mensagem ou mensagens têm de ser dadas, temos invariavelmente de descer para uma vibração mais baixa. Isso traz-te, até certo ponto, para uma vibração mais baixa depois de eu te ter usado, falado através de ti e dado o aspeto espiritual das nossas vidas e da nossa experiência, entregando a mensagem espiritual no seu contexto, que é de ordem superior.

Temos então, depois de talvez terem cantado um hino e de tu teres de te levantar e começar a entregar as mensagens, de trabalhar num nível inteiramente diferente, o que nem sempre é fácil. E existem certas almas aqui que são treinadas para trabalhar nesses níveis, embora elas próprias, no seu ambiente aqui, estejam muito removidas desse nível.

E deves lembrar-te que os vários membros da audiência trazem as suas próprias condições peculiares e que um número vasto, infelizmente, de membros de uma audiência — mesmo numa igreja — não está necessariamente interessado ou inclinado espiritualmente. O motivo deles, muitas vezes, ao irem ao serviço em primeiro lugar, é principalmente ter uma mensagem pessoal de um parente ou de algum indivíduo com quem tiveram muito contacto na terra. E procuram frequentemente mensagens pessoais, por vezes de natureza material.

Claro que isto significa que, em certos níveis, temos de contactar pessoas, relacionadas ou não, que têm o seu interesse centrado num indivíduo da audiência, transmitindo uma mensagem que, francamente, embora seja entregue com a melhor vontade que podemos trazer, não está necessariamente no nosso próprio nível de consciência. Por outras palavras, é como se tivéssemos de agir em vários níveis de perceção, todos ao mesmo tempo. E tu és o instrumento; às vezes também não é fácil para ti.

Claro que, em muitos casos, conseguimos através de ti entregar uma mensagem que é muito evidente no seu contexto. Mas isso não altera o facto de que, onde estas ligações estão envolvidas, nem sempre é de natureza espiritual. E isto é para nós uma parte essencial do nosso trabalho. Até certo ponto é uma desilusão, porque sabemos perfeitamente que aquela pessoa, muitas vezes, deixará o edifício, a igreja ou o que quer que seja, e estará mais preocupada com o contexto da mensagem de natureza material ou pessoal do que com a mensagem espiritual que foi dada antes, a qual se aplica a todos.

Sabes, há momentos em que deves sentir-te como nós nos sentimos: desanimados. E dizes para ti mesma: "temos uma mensagem que é algo de consequência material, eles não estão tão interessados nas questões mais profundas, nas perceções mais profundas que tentamos trazer-lhes pertencentes às coisas que são verdadeiramente do espírito".

Vês, este é um problema que me parece ser universal neste nosso esforço de trazer iluminação ao vosso mundo, e o que nos preocupa é a iluminação no nível a que me refiro como o astral. Mas sabemos que, aqui e ali, sementes são semeadas no nível espiritual e, aqui e ali, pessoas na audiência receberam algo que as pôs a pensar profundamente e, até certo ponto, deu-lhes um entendimento.

Sempre fui tão feliz com estas sessões onde podemos falar juntos, onde podes fazer o que chamas estas gravações, que podem depois ser transcritas e enviadas para ajudar aqueles que estão talvez isolados ou talvez não consigam aceder aos pensamentos do espírito que eu dou. Vês, minha filha, ao longo dos anos estivemos tão estreitamente entrelaçados que acho quase verdade dizer que nos tornámos quase um só.

Isto pode surpreender-te, mas num sentido isto é muito verdadeiro. É o mesmo espírito que flui através de ti que flui através de mim e, claro, muito é afetado pelos vasos através dos quais o poder do espírito é derramado. Ora, tu aproximaste-te em grande medida de mim e tornaste possível uma forma pela qual eu te posso alcançar e, através de ti, a outros. Muitas das coisas que transpiraram ultimamente foram trazidas à existência com um propósito; coisas que talvez não se tenham clarificado totalmente na tua mente foram

essenciais e necessárias, não apenas para o teu próprio avanço, mas para o avanço da tua vida.

Tu és um instrumento e deves ver-te como, num sentido, um recetáculo e um contentor do Espírito Santo; às vezes cheia até à borda e às vezes talvez drenada — drenada, num sentido, pelas pessoas — e há momentos em que é necessário ser tocado. Agora, ultimamente, sinto que alcançámos talvez mais do que ousávamos esperar. Sinto-me muito feliz com o que transpirou na outra noite.

Acho que estávamos tão em sintonia que o poder do espírito estava verdadeiramente a ser distribuído e muitos foram abençoados. Por isso, pensa para contigo: perguntas-te quanto tempo mais, e tens às vezes os teus medos e receios e perguntas-te se a tua saúde continuará a permitir-te prosseguir com o trabalho do espírito — claro que assim será. Serás capacitada a continuar este trabalho por mais um bom tempo, e a tua força ser-te-á dada, serás restaurada.

Sabes, filha, a ligação entre nós é tão forte, muito mais forte do que possas imaginar, e o meu poder e o meu espírito fluem verdadeiramente em harmonia com os teus e sou capaz de trabalhar mais perto de ti do que talvez alguma vez ousei esperar. Acho que ultimamente as ligações foram tão fortalecidas que, no trabalho e na promessa, sei que nos anos vindouros — e haverá alguns anos — ainda trabalharemos ainda mais de perto. Não deves ficar desanimada, filha.

PARTICIPANTE: Não, eu canso-me mais depressa e as viagens, claro, tornam-se difíceis.

IRMÃO JOHN: Bem, isto, claro, filha, eu compreendo. Estou plenamente consciente das muitas complexidades da tua existência material ao tentares servir e fazer o trabalho; percebemos cada vez mais o quão mais complexo o vosso mundo se está a tornar. Mas o trabalho continuará, o poder do espírito continuará a fluir e, como digo, a tua taça será enchida; e embora muitos possam partilhar, ela será reabastecida. A tua força não falhará e o poder do espírito é eterno, está sempre lá.

O vaso do espírito está verdadeiramente cheio e tu estás cheia do amor do espírito e do poder do espírito; e essa paz que verdadeiramente ultrapassa o entendimento no sentido material está lá, bem no fundo do teu eu mais íntimo. Estás verdadeiramente em harmonia e é verdade dizer que existem alguns que são abençoados como tu és, que estão tão em paz e em harmonia, tão sintonizados. Não há nota dissonante, a música das esferas soa claramente e sei que essa música, esse amor e esse poder que geramos abençoarão números incontáveis de povos.

Mas tu tornaste isto possível pelos teus próprios esforços, pela tua fé, pela tua perceção do poder do espírito e do que esse poder pode alcançar. E não apenas contigo como instrumento, mas através de ti com os outros. Acredita-me, minha filha, estamos bem satisfeitos. Tem bom coração; mantém-te firme na escuridão do mundo da carne; deixa a tua luz brilhar diante dos homens de modo que eles saibam verdadeiramente que Deus ama os Seus filhos. Não há trevas onde existe a luz do espírito, e tu carregas esta luz corajosamente na escuridão do teu mundo.

Abençoada sejas, filha, e que a paz esteja contigo. Abençoada sejas, abençoados sejam todos.

Sessão 3670

IRMÃO JOHN: Tu estás espiritualmente consciente. É assim que descreves, querida. Sim.

Desejaria que todas as criaturas de Deus estivessem espiritualmente conscientes. Há muitos que estão psiquicamente conscientes, mas isso não é bem a mesma coisa que estar espiritualmente consciente, espiritualmente desperto, espiritualmente desejoso de ser de serviço à humanidade; de trazer ao vosso mundo uma nova perceção da vontade de Deus, do amor de Deus, do plano de Deus para os Seus filhos, para que possam viver e habitar em harmonia amorosa e em paz juntos, criando um mundo que será verdadeiramente um mundo do Espírito — um mundo no qual o homem possa evoluir e desenvolver-se para uma perceção mais elevada das coisas que são, da vida que é, da vida que virá.

Existem muitos no vosso mundo que estão psiquicamente conscientes, psiquicamente despertos, que à sua maneira e modo se esforçam e conseguem ajudar e alcançar muito, mas num nível de consciência que não está assim tão removido de nós [o plano terreno] e, portanto, embora benéfico no sentido material, tem pouco valor no sentido espiritual.

E o estranho é que, muitas vezes, aqueles que são psiquicamente dotados, psiquicamente conscientes e despertos, são os que recebem frequentemente mais louvores e, de facto, reúnem para si a maior publicidade.

PARTICIPANTE: Nunca foi a minha ambição.

IRMÃO JOHN: No entanto, filha, o serviço é feito, as pessoas são ajudadas e muitas vezes confortadas, e estamos gratos por todos os que servem, mesmo aqueles que podem servir num nível não tão afastado das coisas materiais. Todos cujo intuito e propósito é ser de serviço, ajudar os

menos afortunados, trazer alguma verdade e esclarecimento, e confortar os que choram. Tudo isto é parte do trabalho do espírito.

No entanto, ficamos muitas vezes angustiados quando vemos tanta negligência em relação às coisas que são do espírito. No sentido mais elevado, existem muito poucos médiuns no vosso mundo que são usados na maneira e no modo em que tanto gostaríamos que servissem e fossem de ajuda: para elevar o homem muito para além dos confins da carne, para esclarecer e instruir espiritualmente os filhos da terra.

E, no entanto, como sabes, existem inumeráveis servos do nosso lado da vida que aguardam pacientemente a oportunidade de vir, de falar, de fazer ouvir a voz do espírito nas trevas do vosso mundo e lançar uma luz no caminho para que outros possam encontrar esse caminho e progredir de acordo. Estamos sempre ansiosos por servir.

PARTICIPANTE: Suponho, Irmão John, que embora a natureza geral apresentada pela imprensa e pela televisão e por tudo isto seja sombria, existe muito bem, não existe? Quero dizer, o outro lado do escudo está lá.

IRMÃO JOHN: Sim, isto é verdade. Desperta o interesse. Faz com que as pessoas comecem, talvez, a sondar e a descobrir por si mesmas. Mas o que descobrimos tantas vezes é o facto de que, muito raramente as pessoas — por mais confortadas e ajudadas que tenham sido — raramente vão além dos confins do pensamento material. Muito raramente procuram num sentido mental e espiritual superior. Contentam-se em receber a sua evidência, em receber o seu conforto, em assistir a uma reunião aqui e ali, em ouvir um orador e receber, se possível, uma mensagem.

Mas parece haver pouco uso prático dado às vezes às verdades que damos e pregamos. Muitas vezes parece que muitos fazem pouco ou nenhum esforço para se elevarem a si próprios, para abrirem a sua própria consciência a um pensamento superior, a um ensinamento superior. Existem muitas grandes almas, muitos grandes professores, que vêm deste lado com a ideia e o objetivo de serem de serviço, procurando instrumentos adequados através dos quais possam dar a palavra do espírito e da verdade.

E existem tão poucos instrumentos que se consigam encontrar. E existem tantos no vosso mundo que se contentam em manter os instrumentos que usam num nível inferior para que continuem a receber o mundano e o material em consequência. Isto é, na nossa maneira de pensar, algo desanimador.

PARTICIPANTE: Tenho a certeza que sim.

IRMÃO JOHN: Acredito que a grande força do espiritualismo, como é termo, se encontra no lar, no pequeno círculo de almas reunidas em harmonia

amorosa, em fraternidade, no desejo da abertura da visão do espírito; para que o desenvolvimento que possa ocorrer seja usado mais tarde de uma forma mais vívida, num sentido mais público.

Mas o círculo caseiro, como é termo, é o berço no qual somos capacitados a criar, por assim dizer, o poder da consciência para que possa florescer em plena frutificação e sair num tempo posterior, espalhando o evangelho e a verdade da vida eterna, dando conhecimento e experiência e, acima de tudo, a mensagem das esferas superiores daqueles guias e ajudantes que evoluíram e desenvolveram os seus instrumentos sob a condição correta. É nesse "berçário" que podemos de facto utilizar os poderes e os dons dos filhos da terra e fazê-los brotar; que possam eles sair pelo mundo para espalhar a verdade do evangelho da vida eterna, das alegrias que aguardam o homem, para que ele possa aspirar dentro de si próprio a alcançar cada vez mais alto e, ao fazê-lo, mudar o curso do destino do homem na terra.

Trazendo uma nova paz e um novo entendimento entre os homens, quebrando as barreiras que separam os homens uns dos outros — sejam barreiras de religião e preconceito, ou de política, ou de espírito nacional ou orgulho — nós vimos para quebrar as barreiras que se erguem entre os homens, para que possam verdadeiramente unir-se em harmonia amorosa e ver por si mesmos a realidade do poder do espírito quando este é abençoado com unidade, harmonia e amor. Temos grandes possibilidades naquilo que fazemos.

PARTICIPANTE: Tens esperanças?

IRMÃO JOHN: Temos sempre esperança. Sem esperança não há progresso.

PARTICIPANTE: Eu sinto que — suponho que sou uma otimista empírica — mas sinto que há tanto bem que nunca chega a ser visto nas vidas das pessoas por todo o mundo.

IRMÃO JOHN: É claro que isto é verdade. Se não fosse assim, que fé, que esperança poderíamos ter para a humanidade se não fosse verdade que, mesmo no Ocidente, existem algumas características redentoras? Podem não saber da verdade do espírito, podem não saber da comunhão entre o vosso mundo e o nosso, podem não saber de muitos aspetos que, se apenas compreendessem e percebessem, poderiam mudá-los num instante; como se, por assim dizer, o poder do espírito subitamente os dominasse e eles se tornassem, em consequência, homens e mulheres altamente iluminados de estatura espiritual, dignidade, verdade e relevância.

Mas o ponto é, minha filha, que esta pequena centelha que está em toda a humanidade deve ser soprada até se tornar uma chama, deve ser encorajada e tornada clara e brilhante. Enquanto que agora é tantas vezes obscurecida e escurecida, é de facto apenas uma cintilação na escuridão do indivíduo e no mundo em que o indivíduo leva a sua vida; mas o ponto é, minha filha, que sabemos muito bem os problemas e as dificuldades com que o homem deve lutar. Sabemos as circunstâncias dos tempos em que ele se encontra.

Estas, em si mesmas, criam problemas e tornam a vida mais difícil de suportar, mais difícil de romper e desenvencilhar-se e libertar o espírito em consequência. Mas, no entanto, temos grandes esperanças. Não há ninguém que tenha afundado tão baixo que não possa ser erguido ao alto.

Devemos ter sempre fé, minha filha. Mas precisamos de almas que saiam pelas estradas e pelos caminhos, como o próprio Jesus disse, para que a mensagem do espírito seja levada e para que todos os que ouçam essa mensagem, no devido tempo, mudem de acordo. A luz deles tornar-se-á uma luz que iluminará o caminho de muitos que habitam nas trevas.

Foi-te dado um dom, de facto, vários dons. Como São Paulo disse, existem diversos dons. Tu foste colocada de tal forma que, até certo ponto, eles foram desenvolvidos, mas nós estivemos por trás de ti nisto e assim continuaremos.

IRMÃO JOHN: Nós guiaremos os teus passos e tu irás verdadeiramente iluminar o caminho de muitos e descarregar, com o tempo, o fardo que possa ser carregado por aqueles no teu mundo que estão realmente sobrecarregados. Ao dar-lhes a instrução, ao dar-lhes o esclarecimento, ao dar-lhes a verdade do espírito, eles terão maior força para continuar o seu caminho de nascimento até ao momento em que sejam libertados das coisas materiais e encontrem a verdade em grande quantidade. Obrigado.

PARTICIPANTE: Posso perguntar-te uma coisa?

IRMÃO JOHN: Sim, filha.

PARTICIPANTE: Na segunda-feira — não ontem, mas no dia anterior — tive uma experiência extraordinária. Senti que estavas a caminhar comigo, ou que estavas comigo enquanto eu andava pela estrada e me deparei com uma vista adorável de um castanheiro rosa emoldurado por outras árvores; e era tão superior a este mundo que me senti momentaneamente elevada, como se tu o tivesses feito e me tivessem vindo palavras adoráveis.

IRMÃO JOHN: Pode ser como dizes, mas eu não recebo o crédito pelas belezas da natureza.

PARTICIPANTE: Não, não, não.

IRMÃO JOHN: E eu atraí a tua atenção numa certa direção na qual deverias perceber as alegrias e as belezas em todo o teu redor. Às vezes é estranho como o homem pode caminhar pela vida e não ver aquilo que está tão perto enquanto procura algo mais distante. Foste tão abençoada, minha filha, e da própria natureza extrais muito do que é bom. Ela sustenta, ajuda, constrói, fortalece e dá alegria ao espírito.

PARTICIPANTE: Só queria confirmar.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. O que foi aquilo? Eu estava contigo.

PARTICIPANTE: Obrigada. E outra coisa, se me permites perguntar. Como estás a lidar com todas as pessoas que estão a vir do Peru? [Referência provável ao sismo de 1970 ou tragédia similar].

IRMÃO JOHN: Esta não é, de facto, uma pergunta difícil de responder. É a coisa mais natural que deverias perguntar. É claro que me dizem que milhares de almas deste lado estão a afluir — e têm estado nos últimos dias — àquele lugar onde tal tragédia se abateu sobre os povos. Eles estão a ser erguidos das trevas para a luz.

Existem aqueles, claro, que através do choque e da tragédia inesperada como esta, foram em certa medida afetados mental e temporariamente, mas isto logo será acalmado. É-lhes dada uma condição de vida tranquilizante, um período de repouso no qual despertam gradualmente para o reino do espírito e, vendo com clareza a nova vida que se estende diante deles, sendo confortados e ajudados por novas almas, por vezes aquelas que lhes são próximas e queridas, pessoas da sua própria família e, claro, muitos guias, muitas grandes almas, cuja tarefa é organizar em tais ocasiões vastos grupos que partem para elevar, ajudar e confortar aqueles que tão subitamente foram arremessados para fora do corpo para o espírito. Eles são cuidados, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim, obrigada.

IRMÃO JOHN: Não há ninguém, em momento algum, que deixe o vosso mundo, não importa qual seja a condição da sua passagem, sem que pelo menos uma pessoa esteja presente para o assistir, para o ajudar.

É claro que existem aqueles, alguns, que não têm perceção plena imediata da sua nova vida. Há alguns que, como dirias, dormirão, ou pelo menos não estão conscientes do que aconteceu. Se houve uma passagem súbita sem aviso, como um acidente, então muitas vezes há um curto período de inconsciência, de não estarem cientes do que lhes aconteceu, mas gradualmente despertam para uma nova vida, rodeados por almas amorosas

que estão ali para os receber, ajudar, confortar e colocá-los, por assim dizer, em contacto com a sua nova circunstância e condição de uma forma harmoniosa e fácil para que se possam ajustar muito rápida, feliz e naturalmente.

Lei e ordem. Tudo aqui é lei e ordem, e no entanto, num sentido, mal se tem consciência da ordem ou da lei. Isto pode soar bizarro ou estranho. O que estou a tentar dizer aqui é que, embora sejamos governados, num sentido, não temos consciência do governo, na medida em que não há uma pessoa que ordene ou instrua nesse sentido, mas há mãos amorosas para dar as boas-vindas, pensamentos amorosos para confortar, e há muitas almas que organizam; no entanto, a organização é tal que parece a coisa mais natural segui-la, experienciar aquilo que nos é apresentado para experienciar. Não há nada aqui que estrague ou desarmonize. Num sentido, tudo cai suave, pacífica e harmoniosamente no seu lugar.

É como se começasses a ver, gradualmente, o quebra-cabeças da experiência e da vida a transformar-se numa imagem clara. Não há problema, num sentido. E se há um problema, é um problema dentro de si próprio, porque deve haver, obviamente, nos estágios iniciais, uma luta, se quiseres, dentro de si mesmo no início; uma perceção de muitas coisas por fazer, coisas que se poderiam ter feito que teriam melhorado não só a si próprio, mas talvez aqueles a quem se ama e que possam ainda estar na terra.

Obviamente, existem, no âmago do nosso ser, discussões, se preferires, incertezas, instabilidades, mas estas são gradualmente mudadas, e passa-se a ver com uma visão mais clara; e aprendeu-se até certo ponto através dos erros cometidos, embora por vezes nos sintamos muito conscientes de que poderíamos ter feito isto ou aquilo, ou muito mais. O homem está sempre, num sentido — suponho que seja de esperar — cheio de arrependimentos, e não podes entrar num mundo mais perfeito como este sem teres alguns arrependimentos do passado.

E no entanto, ao mesmo tempo, a oportunidade pode ser dada — e é dada frequentemente — de reparar erros, de entrar em, talvez, algum arranjo temporário através do qual podes regressar e talvez efetuar alguma mudança ou fazer alguma reparação nas vidas daqueles que amas e que ainda estão na terra. Mas estas são muitas coisas que levariam muito tempo a retratar ou descrever, as quais em si mesmas são de facto peculiares ao indivíduo, pois o que se aplica a um não se aplica necessariamente a outro.

Muito depende do próprio indivíduo, das suas reações e do progresso que possa fazer ou, de facto, das reações que possa ter para fazer as pazes em relação a coisas pertencentes à sua vida material e às pessoas a quem possa ter

prejudicado ou de alguma forma afetado. Ninguém, suponho eu, na verdade, pode deixar tudo para trás e entrar aqui sem ter alguns arrependimentos, alguns sentimentos talvez de frustração, sentimentos de talvez não ter alcançado de uma forma ou de outra, ou talvez não ter feito muitas vezes o que se sabe, no íntimo da alma, que se deveria ter feito.

Vês, estas são experiências peculiares ao indivíduo e o que pode afetar um não afeta necessariamente outro, mas todos encontram gradualmente o seu próprio nível de consciência aqui e o seu próprio nível de condicionamento e também a sua própria felicidade em consequência. Tudo é um estado de ser, um evoluir de uma condição ou grau de esfera de atividade para outra. Para cada alma chega eventualmente, pelo menos temporariamente, uma condição de tranquilidade, de harmonia e de paz.

Mas à medida que se progride, à medida que a nossa experiência e o nosso horizonte se tornam mais amplos e claros, assim mudamos. Há todo o tipo de mudanças subtis a acontecer dentro de nós e todas as oportunidades que nos são apresentadas, as novas formas em que podemos abrir o nosso horizonte, a nossa experiência. Toda a vida, pela sua própria natureza, é mudança.

Embora existam, como disse, tranquilidade e condições pacíficas que todos encontram, mais cedo ou mais tarde, no entanto, porque a vida é pela sua própria natureza movimento — o movimento vive, vibra, e esta própria vibração está... — significa que existem vistas maiores a serem trazidas à vista, maior conhecimento a ser obtido, maior experiência a ser vivenciada, novos amigos, novos povos para conhecer, para serem contactados, novas experiências a serem obtidas que colocarão os nossos pés num caminho de progressão eterna, indo de esfera em esfera, de estágio em estágio, de ser em ser, cada vez mais alto, evoluindo, até que nos tornamos tão distantes do antigo eu, do antigo modo de vida, que é quase impossível de reconhecer.

Mas não penses por um momento que sugiro com isto que se perde a identidade, pois apenas, por assim dizer, expandimos a nossa consciência e, em consequência, tornamo-nos um ser mais pleno, mais arredondado, se preferires, com um maior conhecimento e uma maior experiência, e uma maior unidade, e uma maior sintonia, por assim dizer, com o infinito. Toda a vida é mudança, mas é sempre uma mudança para algo um pouco melhor, um pouco mais progredido.

Ninguém precisa de temer a morte, é uma grande aventura, um grande nivelador num sentido também, pois aqui vemo-nos, sem dúvida, pela primeira vez como realmente somos; e vemos aqueles ao nosso redor, aqueles que conhecemos no passado e amámos e que nos saúdam quando chegamos;

eles vêm até nós com uma plenitude de experiência, espírito e amor, e nós recebemos deles e eles dão-nos, e tornamo-nos verdadeiramente um em espírito e em verdade, e grande é a alegria do reencontro. Ninguém precisa de temer aquilo a que o mundo chama morte.

Agora, minha filha, devo partir, mas deixo-te com o meu amor e bênçãos e a todos os que ouvem a minha voz e a voz do Espírito. Que ela vos envolva sempre, vos eleve, guie, guarde e proteja e vos inspire, e que possas sempre esforçar-te dentro de ti mesma para te tornares verdadeiramente uma filha da luz. Abençoada sejas, minha amiga. Deus te abençoe, querida. Adeus.

MICKEY: Adeus. Deus te abençoe também.

Sessão 3671

IRMÃO JOHN: Sim, minha filha, agradeço-te pelo teu esforço.

PARTICIPANTE: Obrigada, eu estava muito grata.

IRMÃO JOHN: Pergunto-me se alguma vez apreciam e percebem os tremendos esforços que são feitos deste lado da vida para assistir, ajudar, encorajar, elevar e inspirar as pessoas no vosso mundo. Tenho a certeza de que aprecias, mas quanto se consegue perceber o tremendo esforço que vai em tudo o que nos esforçamos por fazer.

As pessoas no vosso mundo, mesmo as que professam compreender, as que têm conhecimento, mesmo assim, é infinitesimal em si mesmo em relação à realidade e aos factos. Almas tremendas de grandes esferas, vastas esferas, altamente avançadas, tremendamente impressionantes em todos os sentidos, vindo destes lugares muito removidos das coisas materiais, entrando na atmosfera da Terra, impressionando, esclarecendo, esforçando-se por ser de serviço.

É claro que muito do que fazemos tem de ser feito através de outros, aqueles que estão mais próximos da vibração da Terra, que em si mesmos, embora sejam em muitos aspetos pessoas maravilhosas, têm ainda muito a aprender e muito conhecimento a ganhar. Utilizamos — por vezes, de facto, temos de o fazer — canais de esferas mais próximas da vibração da Terra para transmitir a mensagem do Espírito. Pergunto-me se será algum dia possível, pergunto-me se algum dia se tornará possível para aqueles no vosso mundo

ainda presos à vida material, às coisas materiais, perceberem, compreenderem e apreciarem plenamente, nesse aspeto, o trabalho que é feito a partir do nosso lado da vida para ajudar e encorajar.

Duvido. E quando pensas em tantos, não têm a menor ideia, pois não? Existem milhares, milhões de pessoas incontáveis no vosso mundo que não têm, como dizeis, a menor ideia. E no entanto, muitas vezes são ajudadas, muitas vezes são impressionadas e inspiradas. Não conhecem a fonte de onde isso vem. E no entanto, apesar disso, muitas vezes um indivíduo no vosso mundo que não tem perceção desta verdade dá por si subitamente a fazer algo ou a dizer algo ou a ser envolvido nalgum trabalho que, sem dúvida, na altura, surpreende e causa momentaneamente talvez até alguma preocupação.

Sabes, temos de usar instrumentos de todo o modo e de todo o género em muitas formas e em muitas condições e caminhos da vida. Há muitas almas no vosso mundo que, do nada, como diríeis, subitamente se sentem impressionadas ou inspiradas a dizer ou a fazer algo que é benéfico para o mundo, para o mundo em que viveis. Este é o nosso esforço e o nosso trabalho. Trabalhamos principalmente, é verdade, através da agência de instrumentos como tu mesma.

Mas seria muito errado assumir que só podemos usar e que, de facto, só usamos o que chamais espiritualistas ou médiuns como tal. Todo o tipo de humanidade é usado por nós, pessoas que nem sequer entenderiam a terminologia do espiritualismo e mediunidade e por aí fora, porque todos os filhos de Deus são instrumentos inconscientes ou médiuns inconscientes. Todos têm poderes latentes e adormecidos do espírito. E, claro, devemos lembrar-nos que todos...

Sessão 4363

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoada sejas, querida. À medida que me aproximo de ti, minha filha, sinto que pode haver certas coisas de interesse particular que desejas que eu discuta.

PARTICIPANTE: Bem, eu pensei nisso esta manhã. Queria saber se me podias dizer... Ouvimos frequentemente falar de pessoas que estão a morrer que reconhecem um ente querido e que este veio saudá-las e tocar-lhes, suponho. Mas e quanto aos outros "achados"? Por que é que eles não têm nenhuns entes queridos para cuidar deles? Devem ter, certamente.

IRMÃO JOHN: Considero que essa é uma pergunta muito interessante que sem dúvida intriga muita gente, porque discutimos frequentemente o nosso trabalho que acarreta uma grande quantidade do que chamamos trabalho

de resgate. Mas acho que se deve clarificar o ponto na medida em que existem muitas almas que estão presas à terra, que foram ajudadas pelos seus familiares o melhor possível, e que em resultado, em consequência, somos chamados a ajudar. Desculpa a minha tosse. Acho que a minha tosse perturba as condições.

PARTICIPANTE: Sim. Consegues ouvir?

IRMÃO JOHN: Sim, obrigado. Lamento a dificuldade em comunicar hoje, mas deve-se esperar, sob tais circunstâncias, que se a saúde do médium não é boa, naturalmente as condições sejam afetadas; mas em vez de te desapontar, filha, esforçar-me-ei por continuar. Estávamos a discutir, claro, aquelas almas que estão presas à terra. Primeiro, acho que se deve lembrar que existem muitos, muitos tipos diferentes de almas presas à terra.

Sessão 4973

IRMÃO JOHN: Que dilema. Em que dilema foste colocada. Quando realmente desejas falar comigo e todos os teus queridos amigos e familiares se reúnem em teu redor, ansiosos por que saibas da presença deles.

PARTICIPANTE: Não é que eu não queira ouvi-los, Irmão John, mas...

IRMÃO JOHN: Oh, eu sei exatamente, e tenho a certeza que eles compreenderão. Acho que o ponto principal é que houve este falecimento.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E acho que todos eles trouxeram de volta, voltaram juntos, sendo este o Herbert ou Herbie, para te fazer saber, e para fazer saber à esposa dele que ele está bem e feliz.

PARTICIPANTE: Bem, eu tenho pensado muito nisso. Ele tem estado aqui há cerca de um ano?

IRMÃO JOHN: Sim, tenho a certeza. Percebo que ele tem estado aqui há sensivelmente um ano, e eles desejam apenas que saibas que o encontraram e que estão a cuidar dele e que tudo está bem, e a viúva dele poderia ser muito ajudada. A propósito, eu normalmente não faço este tipo de coisas — deves perdoar-me, por passar mensagens — mas estará ela no processo de tentar decidir-se sobre algo muito importante?

PARTICIPANTE: Eu imagino que sim, porque ela... ambos os filhos dela mudaram-se para longe. Ela está sozinha.

IRMÃO JOHN: Bem, acho que algo se passa, de acordo com o que me dizem, em que ela está a contemplar a ideia de se mudar.

PARTICIPANTE: Eu ficaria surpreendida.

IRMÃO JOHN: E acho que o marido está muito interessado neste projeto e tenciona ajudá-la em relação a isto. Teria ela um bungalow?

PARTICIPANTE: Não, ela tem uma casa.

IRMÃO JOHN: É que eu acho que ela se vai mudar para um bungalow. Tem havido alguma discussão sobre um bungalow. Enfim, esta não é a minha...

PARTICIPANTE: Província.

IRMÃO JOHN: Vou vê-la em breve, por isso...

IRMÃO JOHN: Bem, se puderes ajudá-la a...

PARTICIPANTE: Sim, eu tento. Abençoado sejas. Sinto sempre, Irmão John, que falar contigo pode ajudar tanta gente, ao passo que se eu falar com os meus entes queridos, eles só me ajudam a mim.

IRMÃO JOHN: Bem, isto é verdade. Suponho que seja humano e natural que a maioria das pessoas, ao entrarem nesta verdade, começando a tatear o seu caminho, procurando, obviamente devam ter em primeira instância alguma prova, alguma perceção de que a vida continua, que a morte não é o fim; e portanto, é humano e natural que desejem contactar os seus entes queridos.

PARTICIPANTE: Sim, claro.

IRMÃO JOHN: Mas muitos, lamento dizer, não estão preparados para ir mais longe ou para escavar, por assim dizer, mais profundamente por estas verdades subjacentes a estas coisas. A perceção do espírito, a possibilidade do que pode ser feito e do que pode ser alcançado por este poder enquanto ainda na terra — não necessariamente como um instrumento no sentido de ser um médium, embora naturalmente precisemos de mais instrumentos, precisemos de mais médiuns — se apenas as pessoas percebessem o poder do espírito dentro de si mesmas, se pudessem ser levadas a perceber e compreender o que poderia ser feito, o que poderia ser alcançado pelo desdobrar destas coisas de que falamos. A maioria das pessoas, como sabes, lamento dizer, neste assunto, no espiritualismo como lhe chamas, está perfeitamente preparada para arranhar a superfície e não para escavar nada profundamente.

PARTICIPANTE: Senhor, veio cá uma senhora na noite de domingo e disse que não vinha há muito tempo e que ficou muito feliz por teres vindo. Por isso foi recompensador.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. A sintonia entre nós é muito forte. Às vezes, quando estás no púlpito, no púlpito na plataforma, eu estou imediatamente atrás de ti.

PARTICIPANTE: Eu penso sempre em ti lá.

IRMÃO JOHN: E a impressionar-te. A inspirar-te. Às vezes, claro, temos de restringir muito do que desejamos dizer devido ao tempo. Existe esta perceção subconsciente, suponho, dentro de ti mesma que captas e recebes às vezes da audiência e às vezes da pessoa que está a presidir, se assim lhe chamarmos, de que a palestra não deve durar talvez mais de 20 minutos.

PARTICIPANTE: Eu penso geralmente em cerca de 20 minutos.

IRMÃO JOHN: Sabes, e em consequência, muitas vezes somos restringidos ou travados quanto ao tempo. Muitas vezes quando nós, por assim dizer, estamos cheios do desejo de elucidar ou de dar uma imagem mais clara sobre muitos aspetos das nossas vidas aqui e dos nossos mundos, percebemos que só podemos dizer uma certa quantidade no tempo limitado; percebemos que muitos dos presentes estão à espera pacientemente, às vezes não tão pacientemente, pelas mensagens.

PARTICIPANTE: Deve ser frustrante para ti, na verdade.

IRMÃO JOHN: Bem, sabes, minha querida, quando estamos, como dirias talvez, empolgados, ou talvez quando atingimos um certo ponto, percebemos que há tanto que queremos expandir, queremos discutir, queremos falar; e às vezes sentimos até que seria uma coisa maravilhosa se pudéssemos falar por, digamos, 20 minutos e depois abrir a reunião a perguntas. Em vez de darmos apenas a clarividência ou as mensagens. Frequentemente sentimos que isto, de certa forma, seria uma coisa muito mais útil a fazer, mais proveitosa, mais elevadora. Mas, claro, muito raramente surgiria tal ocasião. Suponho que a maioria das sociedades e das igrejas a que assistes nem sequer considerariam a ideia de passar a noite inteira connosco a discutir vários aspetos do espírito e também a dar oportunidade aos membros da audiência de nos fazerem perguntas.

PARTICIPANTE: Sim. Compreendo que não seria interessante, mas quero fazer-te uma pergunta agora.

IRMÃO JOHN: O que é, filha?

PARTICIPANTE: Este fim de semana, quando estive em Ipswich, alguém me perguntou, ou disse, que tu vivias num mundo de pensamento, e eu disse "não consigo ler isso", e eles disseram que tu não conseguias falar mesmo que quisesses, e eu sempre pensei que conseguias. Vivemos num mundo de pensamento e não podemos falar mesmo que quiséssemos? Conseguis? Essa é a pergunta.

IRMÃO JOHN: Sim, essa é a pergunta. Bem, francamente, há alguma verdade nisso, e no entanto, claro, não é completamente assim. Vês, quando nós neste mundo comunicamos, quando nos desenvolvemos, quando nos tornámos habituados às condições de vida aqui, quando compreendemos as leis que nos governam, e governam o universo e o espírito, se assim lhe posso chamar, então, claro, podemos e comunicamos puramente num nível mental. Não é necessário enunciar palavras, ou fazer vibrar a atmosfera, para que os nossos pensamentos possam ser ouvidos num sentido sonoro. Mas isso não invalida o facto de que podemos e falamos às vezes. Por exemplo, se eu entrasse numa vibração inteiramente diferente, se entrasse num estado de ser com o qual não estivesse familiarizado, seria necessário, porque frequentemente, de facto, não seria possível para as pessoas receberem os meus pensamentos. Eu teria de enunciar palavras. Teria de fazer vibrar a atmosfera. Elas ouviriam o que eu estava a dizer, tal como farias na Terra.

IRMÃO JOHN: Quando descemos para esferas inferiores ou menores que a nossa, quando estamos em terreno desconhecido, por assim dizer, quando temos de nos esforçar para transmitir a nossa mensagem, então, muitas vezes, temos de descer para um nível mais baixo e, em consequência, criamos som, enunciamos palavras, etc., para tornar claros os nossos pensamentos.

PARTICIPANTE: Por que dizes "criar som", "enunciar palavras", quando não usas a palavra "falar"? É por isso que não estou a funcionar. Falar.

IRMÃO JOHN: Bem, o que é a fala? O que é falar? Pelo que entendo, quando uma pessoa fala, os seus pensamentos estão a ativar os seus órgãos vocais, os seus órgãos vocais estão a responder, estão a fazer vibrar a atmosfera, estão a criar som, e os seus pensamentos são ouvidos de forma audível. Nós temos uma réplica dos órgãos vocais necessários para a fala, mas, vês, não temos necessariamente de os usar, apenas quando estamos em certas condições ou vibrações de vida. Se eu venho a ti, qual é a transmissão do meu pensamento através dos valores produzidos artificialmente? Mas o ponto principal é que acho que há muita confusão nas mentes das pessoas quanto a serem capacitadas para fazer contacto ou comunicar.

Para nós, é uma coisa natural, embora, num sentido — do ponto de vista do recetor da mensagem ou da pessoa no ambiente com o qual nos estamos a esforçar por fazer contacto — pareça talvez artificial. Existem muitas camadas de pensamento, existem muitas camadas das quais, suponho, a maioria das pessoas na terra tem pouco ou nenhum conhecimento; existem muitas complexidades onde as palavras em si mesmas não conseguem retratar ou descrever. Este é o grande problema, creio eu.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Tenho bastantes perguntas, na verdade. Uma senhora disse que foi educada como uma católica romana estrita e perguntava-se o que deveria pensar do Deus Triuno: Pai, Filho e Espírito Santo. E tentei explicar-lhe o que sentia ser a verdade.

IRMÃO JOHN: Bem, isso é meramente um termo. Não há uma base factual real.

PARTICIPANTE: Foi o que eu disse. Quero dizer, o ponto principal é que toda a vida é uma percepção. Se deixas de estar consciente, deixas de existir.

IRMÃO JOHN: Por outras palavras, se deixas de pensar, se deixas de estar consciente ou ciente de pessoas, circunstâncias ou acontecimentos, seja o que for — se estivesses inconsciente, vês... Muita gente tem esta ideia de que, quando morres, deixas de ter qualquer consciência. Bem, claro, nesse sentido, se assim fosse, tu não existirias, porque não podes existir sem consciência. E quando as pessoas falam de forma leviana e superficial, como fazem tantas vezes, sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pergunto-me frequentemente se sabem realmente do que estão a falar.

Todos sabemos que somos ativados por uma força ou um poder que não conseguimos colocar em palavras, que é a própria essência da vida. E podes dar um nome a isto ou àquilo. Os homens criaram, ao longo de séculos incontáveis, ideias ou ideais, se preferires, relativos a Deus ou deuses. Chamaram a Deus de Jeová, chamaram-Lhe Deus, chamaram-Lhe todo o tipo de nomes, mas estes são meramente palavras. Não têm um peso real. O homem sempre sentiu que deve haver algo fora de si mesmo. Deve haver algo para além da chamada sepultura.

O ponto principal é que existem muitas formas, se quiseres, de religião, puramente numa base material, mas existem muito poucas, se é que existem, formas reais de religião aqui. Quando uma pessoa vem para aqui, em primeira instância, pode bem ser que carregue consigo os seus pensamentos, como de facto carregam, particularmente no sentido religioso. Se uma pessoa foi muçulmana ou cristã ou o que quer que seja, essa pessoa não muda de repente, não perde de repente o interesse ou a fé ou a crença na sua marca particular —

se posso usar o termo — de contexto religioso. Mas estas coisas são meramente criadas pelo homem. São expressões, são termos, que logo são descartados.

À medida que evoluis aqui, à medida que progrides aqui, à medida que te tornas mais consciente, mais ciente do poder do Espírito que anima toda a vida, então paras de pensar nesse sentido antiquado de deuses e deusas ou do poder do Espírito Santo. É o poder do Espírito Universal manifestando-se através de todos os povos, de todas as nacionalidades, de todas as religiões. É tudo o mesmo poder básico, a verdade básica, a realidade básica. E o homem dá-lhe um nome ou muitos nomes, mas aqui reconhecemos a realidade do poder do Espírito Vivo que se manifesta em toda a vida, independentemente de indivíduos, contextos, credos ou religiões.

E é a mesma força animadora que anima o mundo natural e o reino animal. Sabes, as pessoas têm esta ideia estranha de que o homem é superior, num sentido que até pode ser verdade, mas isso não altera o facto de que o que anima o ser humano, o que lhe dá vida, anima a árvore e o rebento, anima as flores que crescem no jardim, anima o gato e o cão. E negar a realidade desta força é ser muito tolo.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: É por isso que o nosso mundo, em alguns aspetos, é uma réplica do vosso mundo. Tudo o que é bom, tudo o que é belo, tudo o que tem significado, que tem peso, que tem importância, que dá alegria, felicidade, magia e cor, poder-se-ia dizer, à vida, existe aqui. Rarefeito, é verdade, sem nenhuma das imperfeições que se podem manifestar — e que de facto se manifestam frequentemente materialmente na Terra. Mas seria errado o homem assumir que ele é a única criatura que vive após a morte.

PARTICIPANTE: Sim. Posso voltar atrás? Estávamos a falar do Herbert. Quando ele estava na Terra, não era um homem feliz. Não tinha religião. E agora, dizem há pouco que ele estava feliz, e fico muito contente porque enviei muitos pensamentos para ele quando ele partiu.

IRMÃO JOHN: Bem, isto traz um ponto interessante. Não posso falar tanto pelo nosso amigo em particular porque, até este momento, não estive em contacto ou comunicação com ele. Não soube da sua existência, poder-se-ia dizer. Mas é verdade dizer que, frequentemente, a pessoa que faz mais progresso aqui — se posso usar a expressão "no tempo" — é a pessoa que não tem noções e ideias preconcebidas fortes, porque muitas vezes a noção preconcebida e a ideia preconcebida, particularmente ao nível religioso, é frequentemente um entrave e uma barreira.

Se uma pessoa vem para aqui com ideias muito firmes e fixas de que o seu aspeto particular da religião é a verdade e a única religião de qualquer consequência real — a única religião verdadeira — muitas vezes tem de se desonerar. Tem de, por assim dizer, libertar-se de muitas das coisas que a acorrentaram. Vês, como eu vejo agora — e não teria visto assim quando estava do teu lado — o homem que pode fazer mais progresso, em todos os sentidos, é certamente o homem cuja mente está livre para receber conhecimento.

Ele pode não ser necessariamente capaz de aceitar certas coisas e pode, até certo ponto, descartar certas teorias ou ideias, mas quando a mente é maleável, quando a mente está aberta para receber, quando não está atulhada de ideias fortes, firmes e fixas, então esta pessoa é a que obviamente irá, por assim dizer, assumir a perceção destas coisas muito mais rapidamente. Vês, temos milhares, milhares incontáveis de almas aqui que vivem num ambiente que criaram pela sua atitude de mente e pensamento, onde vivem, até certo ponto, como poderiam bem ter feito na Terra, realizando as suas reuniões religiosas, realizando convenções, poder-se-ia dizer, onde se reúnem aos milhares; e muitos deles acreditam realmente que são os eleitos, que são pessoas muito especiais, e que um dia irão renascer, por exemplo, na Terra.

PARTICIPANTE: Sim, já me falaste sobre isso.

IRMÃO JOHN: Vês, estas pessoas, apesar do facto de perceberem que estão mortas, como o mundo diz, ainda se agarram ao antigo modo de pensamento e de vida; e acreditam muito honesta e profundamente que foram especialmente selecionadas para reentrar no campo da Terra eventualmente, e para renascerem, e viverem num mundo que será o reino de Deus na Terra, vês. Estas são as coisas que criam o caos nas pessoas.

PARTICIPANTE: Acabaste de me fazer outra pergunta, Irmão John. Disseste que não tinhas ideia da existência do Herbert e, no entanto, eu pensava para comigo que, quando envio pensamentos para as pessoas, tu estarias consciente disso.

IRMÃO JOHN: Não necessariamente. Não necessariamente, porque, vês, não... não... O que eu gostaria de clarificar aqui é que é verdade, claro, que alguém como eu, que está muito envolvido ou comprometido com uma pessoa, um instrumento, estamos muito conscientes de muitos aspetos dos seus pensamentos. Mas em relação a relacionamentos como tal, não necessariamente.

O meu trabalho contigo é puramente num nível mental e espiritual. Eu não estou particularmente preocupado em provar a sobrevivência ou em ligar relações entre os dois mundos. Não me prendo a, nem registo, se preferires,

muitas coisas que tu e outras pessoas poderiam pensar que eu deveria fazer. O nosso trabalho é puramente num nível mental, muito afastado das coisas materiais. Existem outras almas, como sabes, que pairam em segundo plano, que estão muito mais cientes das tuas necessidades materiais ou, digamos, do aspeto material da comunicação ou da passagem de mensagens de parentes ou amigos. O meu trabalho contigo sempre foi, e sempre será, num nível que está, se me permites dizê-lo, muito removido do contacto do relacionamento normal.

PARTICIPANTE: Só quero compreender, é tudo.

IRMÃO JOHN: Sim, bem, eu nunca registei mentalmente e certamente não estive, num sentido, talvez, interessado em nenhum dos teus parentes como tal. Eles estão, tenho a certeza, muito bem e felizes e a progredir. Apenas hoje, por alguma razão — talvez seja por causa do Mickey, cujo trabalho é ligar pessoas assim — é que me tornei consciente e também estive em contacto, temporariamente, com estas pessoas, com um parente em particular, e fui capaz de receber mentalmente dele e daqueles que estão a trabalhar ao teu redor além de mim, cuja tarefa é ajudar desta forma, e fui capaz de fazer isso temporariamente. Não estou preocupado em provar a sobrevivência. Não. Não estou preocupado com relacionamentos pessoais e afins.

PARTICIPANTE: Há tanto que eu quero compreender.

IRMÃO JOHN: Minha querida, se tu fosses para este púlpito e me deixasses a mim dar evidências de sobrevivência e mensagens da Tia Mary ou da Jane, não acho que me sairia muito bem. Mas há outros que são peritos, que são muito bons nisso. Com certeza. A minha tarefa contigo é de uma natureza elevada da mente e do espírito, de trazer à tona os ensinamentos e a perceção destas verdades que são as verdades fundamentais que afetam toda a humanidade. Preocupo-me em elevar as pessoas do material para um nível de consciência onde possam ser asseguradas e mentalmente envolvidas pelo poder do espírito, para que as suas vidas possam ser mudadas consequentemente.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada.

IRMÃO JOHN: O outro trabalho é importante, vitalmente importante, mas não é o meu trabalho.

PARTICIPANTE: Não, eu compreendo isso. E eu quero ser inteligente, sabes. Mas o que te faz pensar que não és inteligente? Bem, há muitas coisas que eu gostaria de saber como funcionam.

IRMÃO JOHN: Bem, há muitas coisas que não conseguimos explicar porque não há forma de as explicar. Há muitos aspetos da nossa vida para os quais não encontraríamos palavra ou palavras para proferir que os retratassem ou descrevessem. O máximo que podemos esperar fazer, suponho, é trazê-los para um certo nível para que possam ser compreendidos e apreciados. Mas mesmo assim, na transmissão disso, muito obviamente tem de se perder.

PARTICIPANTE: Sim, claro.

IRMÃO JOHN: Quero dizer, eu falo contigo, falei com pessoas através de ti, e dei várias indicações do espírito e do poder do espírito e de como é a vida no espírito e por aí fora. Mas, até certo ponto, muito, infelizmente, não pode ser retratado ou descrito. Não há linguagem, não há forma que possa ser descrita. São aquele tipo de coisas que tu, de certa forma, sabes de forma inerente mas que não poderias contar a ninguém.

Vês, este é o ponto que as pessoas não percebem — acho que mesmo aquelas que deveriam — que nós, que vimos para fazer um trabalho específico, para ensinar, elevar, guiar espiritualmente... suponho que, de uma certa forma — não que sejamos completamente inconscientes das necessidades materiais das pessoas, ou que sejamos inconscientes das entidades circundantes que vêm a ti de fora, que vêm com uma mensagem de amor e afeição porque eram familiares ou estavam muito ligadas a ti ou não. Não é que sejamos alheios a essa presença, mas existem aqueles que se especializam.

PARTICIPANTE: Sim, claro.

IRMÃO JOHN: Existem aqueles cuja tarefa é trabalhar num certo nível. E acredita-me, gostaria de clarificar outro ponto. Acho que é muito importante que as pessoas percebam que algumas das pessoas que parecem estar no que alguns chamariam de uma vibração inferior ou vibração mais material, são pessoas como aquelas a quem podes chamar controlos ou mesmo guias, que passam e dão a evidência ou dão a mensagem que muitas vezes parece de natureza material. Seria muito errado assumir que eles próprios não são mais altamente evoluídos. Acredita-me, muitas vezes são. E fazem frequentemente grandes sacrifícios para descer e trabalhar com um médium nesse nível de consciência que é muito mais material, devido ao tipo de trabalho que fazem.

Frequentemente, de facto, fizeram um sacrifício tremendo para trabalhar nesse nível que, às vezes, para eles deve ser, sem dúvida, muito desagradável e até desconfortável. Pois quanto mais altamente evoluído te tornas, mais difícil é, num sentido, simular a vibração terrena e a condição terrena, ou estar, por assim dizer, em sintonia com ela. Mas se estás a abdicar, como

algumas destas almas fazem, de uma grande parte das suas vidas pessoais aqui num nível muito mais elevado de consciência e evolução, para escolherem trabalhar na vibração baixa ou condição de vibração mais material, para trabalhar e ajudar e elevar e, muitas vezes, passar o que parecem — e talvez até sejam — mensagens mundanas. Mas são indivíduos maravilhosos, na medida em que estão, até certo ponto, a permitir-se ser usados nessa direção em vez de serem egoístas e fazerem progresso para si mesmos num sentido espiritual de forma mais elevada.

Sabes, muitas vezes abdicam de muito para servir a humanidade. E deveríamos perceber e ser gratos a eles por estarem preparados para fazer isto. É claro que também é verdade dizer que aquele que se entrega em amor e em serviço está a fazer, realmente, muito mais progresso espiritual do que talvez pareça à superfície. Frequentemente, a pessoa que, como este Bom Samaritano — um Bom Samaritano que para à beira do caminho para ajudar os menos afortunados, para os confortar e socorrer e para lhes dar força e encorajamento e para os alimentar e curar as suas feridas — aquele que parece, ou talvez no sentido material à superfície pareça estar a travar o seu próprio progresso, está de facto, sem talvez sequer perceber — na verdade, nem se deveria pensar que se está a sacrificar — no entanto, está a fazer maior progresso do que a pessoa que passa de largo pensando apenas em si mesma.

Devemos tentar ver estas coisas na sua verdadeira perspetiva. Cada um serve de acordo com a sua luz. Alguns servem, ou assim parece, de uma forma mais exuberante. Talvez eles, no seu trabalho, sejam mais aceites, ou assim pareça. Ou talvez sejam mais populares. Talvez aconteça que, como instrumentos, sejam muito mais procurados. Talvez pareça que são escolhidos para fazer, como de facto são muitas vezes, um trabalho específico de uma natureza muito mais, digamos, notória, que parece a muitos ser muito mais vital. Mas não é necessariamente assim.

Todos servem e cada um, na sua própria luz, ajuda, guia, eleva, inspira. Alguns trabalham nas estradas principais, outros trabalham nos caminhos secundários. Alguns tomam o que parece ser o curso principal ou a estrada principal e parecem viajar longe. E outros tomam os pequenos remansos, as pequenas ruelas traseiras. Mas frequentemente é aí que a maior parte do trabalho é feito, o trabalho que tem valor real.

Sabes, as pessoas não compreendem isto. Frequentemente, acho que as pessoas procuram a estrada principal. Procuram a rua principal onde todas as luzes e toda a atividade parecem estar a brilhar. Mas é frequentemente nas pequenas ruas traseiras calmas, frequentemente onde as necessidades são

maiores, onde a pobreza é mais extrema, onde a tensão e o esforço pesam mais sobre o indivíduo. É frequentemente aí que a ajuda é mais necessária.

PARTICIPANTE: Amanhã vou a um novo [trabalho/círculo] e espero ser muito ajudada.

IRMÃO JOHN: Serás ajudada, minha filha. Podes estar bem certa de que serás sempre ajudada. Nunca, nunca, nunca serás privada do poder do Espírito. E nós nunca, nunca, jamais estaremos ausentes quando precisares de nós. É claro que pode haver alturas em que, por alguma razão ou outra, as condições não sejam muito conducentes à ligação. Não antecipamos que seremos sempre capazes de fazer exatamente como desejaríamos, mas fazemos o melhor dadas as circunstâncias.

PARTICIPANTE: Eu chamo-te "Irmão John Scarlett" quando ficas assim. [Referência a Will Scarlet de Robin Hood, pelo tom vigoroso].

IRMÃO JOHN: Chamas? Bem, abençoada sejas. Eu faço o meu melhor, tu fazes o teu. E a nossa combinação de esforços ao longo de muitos anos tem confortado e elevado muitos. Esta é a nossa tarefa, este é o nosso trabalho: que sirvamos a Deus e aos Seus filhos. E o poder do Espírito manifestar-se-á onde quer que vás, filha. Tu sabes disso. Enfim, devo ir. O meu amor, a minha bênção, a minha paz estejam contigo e com todas as outras vozes do Espírito.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

IRMÃO JOHN: Adeus, filha. Deus te abençoe.

MICKEY: Adeus. Tu fazes cada pergunta!

PARTICIPANTE: Faço. E diz a todos os meus entes queridos que os amo muito.

MICKEY: Oh, eles compreendem. Foi só porque queriam saber sobre o Irby [Herbert].

PARTICIPANTE: Sim, bem, eu nunca costumava brincar com o Irby, querido. Sabes, ela fez muito bom progresso. Eu nunca costumava brincar. Enfim, talvez a mulher dele apareça um dia destes.

MICKEY: Espero que sim. Embora pareça haver muita conversa sobre ela querê-lo para si própria. Bem, vamos descobrir sobre isso. Adeus. Vai vê-la em breve. Adeus.

Sessão 6164

IRMÃO JOHN: Saudações, filha. Abençoado sejas, Ramachandran. É uma observação. Eu venho frequentemente ver-te. Quão frequente é isso, tão verdade para inúmeras almas deste lado da vida, conhecidas e desconhecidas, que regressam para visitar almas do vosso lado da vida. Quão frequente, de facto, eles vêm no esforço de ajudar, guiar e elevar a humanidade.

IRMÃO JOHN: De facto, estamos sempre a esforçar-nos para servir, de alguma forma, um mundo doente; um mundo composto por inúmeras almas que, em si mesmas, desconhecem a proximidade do poder do Espírito Santo. De facto, nós vimos; de facto, nós visitamos. Ao longo da história do homem, ele próprio tem procurado conhecimento, verdade e segurança em relação à vida após a chamada morte.

De facto, todas as religiões basearam-se, em grande medida, no desejo do homem por uma vida nova, uma vida melhor, uma existência mais feliz, num estado de ser muito removido das coisas materiais. Como é interessante quando retrocedemos a todas as várias religiões e vemos como surgiram, como se desenvolveram e, muitas vezes, como elas próprias abandonaram o caminho da verdade e da retidão. Como se perderam porque o próprio homem se esforçou por aplicar valores espirituais de uma forma material a tal ponto que perdeu de vista a verdade; perdeu de vista as coisas do Espírito, porque estas não podiam, nem podiam sempre, ser feitas para servir os seus desejos materiais.

Sabes, filha, ser um verdadeiro espiritualista, ou ser uma alma verdadeira do ponto de vista de buscar e procurar, esforçar-se e, tendo encontrado, servir a Deus, exige um sacrifício tremendo. E muito poucos, de facto, estão preparados para fazer qualquer sacrifício de qualquer consequência onde as coisas materiais estão envolvidas. Frequentemente, de facto, entre os corpos e grupos religiosos — embora tenham valores espirituais e tenham encontrado, até certo ponto, a verdade espiritual — eles usam-na e, muitas vezes, em consequência, submergem-na de tal forma que se torna mal discernível. Isto porque, em vez da simplicidade — que é a natureza de toda a verdade, pois na sua essência a verdade é simples — eles complicam-na e constroem à volta dela todo o tipo de coisas que confundem e criam na mente de muitos incertezas e dúvidas.

Temos visto isto vezes e vezes sem conta, de todas as formas. Temos visto o indivíduo sincero a esforçar-se, tentando fazer a vontade do Pai, procurando iluminação e, de facto, esforçando-se ao ponto de o próprio indivíduo ficar perturbado, angustiado e, de facto, por vezes, tornar-se mentalmente doente. E aqui temos o que se pode chamar até de mania

religiosa. Não podes confinar a verdade, tal como não podes confinar uma emoção que sentes com grande intensidade.

Não podes confinar estas coisas que, na sua própria essência, são do Espírito. Não podes confiná-las a tal ponto e torná-las estreitas. Não podes fazê-las caber necessariamente em sulcos e ideias preconcebidas de natureza material. Para fazer as coisas do Espírito, para ser verdadeiramente um espiritualista, deves estar preparada para abdicar, se necessário — e muitas vezes é necessário — de todo o tipo de noções e ideias preconcebidas. Deves estar preparada para fazer sacrifícios. Deves estar preparada, muitas vezes, para enfrentar grandes adversidades, porque quanto mais te tornares consciente das coisas do Espírito e te esforçares por as colocar em prática, maior será o número de inimigos; maior será o número de indivíduos com quem terás de entrar em contacto que te ridicularizarão, que dirão que ou é do diabo, ou, se não for isso, é alucinação, ou, se não for isso, é uma forma de mente doente ou imaginação.

No entanto, sabes que a base de um vasto número de religiões — muitas agora mortas — foi a comunicação entre os dois mundos. E na sua essência, no seu início, não há dúvida de que existia uma grande sinceridade de propósito nos indivíduos envolvidos. No início do Cristianismo, foi a ressurreição; foi o regresso de Cristo aos discípulos e a outros. Isso inflamou-os com entusiasmo, com segurança, deu-lhes confiança, e eles triunfaram sobre grandes adversidades. Foram perseguidos, claro, mas tinham a força do seu conhecimento e convicção, e percorreram todo o mundo — o mundo conhecido da sua época — proclamando esta grande e gloriosa verdade da vida eterna. Quão vastamente diferente é a origem do que se chama Cristianismo daquilo que hoje é considerado como tal.

Não desejo em momento algum, quando regresso para falar, ridicularizar ou fazer acusações; e, no entanto, ao mesmo tempo, se alguém quer falar da verdade, deve fazer comentários. Tenho simpatia pela Igreja, tenho simpatia por todos aqueles que são sinceros no esforço de seguir e realizar os planos e as obras do Cristo. Mas sei que isto é verdade: até que a consciência daqueles que se chamam cristãos seja despertada ao ponto de ouvirem novamente a voz do Espírito, que sejam guiados novamente como o foram outrora, que se esforcem por pôr em prática as coisas que foram dadas — como no passado e que ainda estão a ser dadas hoje — as coisas que são verdadeiramente de Deus.

Se ao menos pudéssemos causar este impacto nas Igrejas, para que percebessem, por exemplo, que o Espírito de Deus se move verdadeiramente dentro delas e ao redor delas; bastando que permitam que a sua consciência se

desenvolva ao ponto de se tornarem cientes disso. Quantas vezes, quando um homem esteve no púlpito da sua igreja, o Espírito se manifestou atrás dele, esforçou-se por usá-lo, por inspirá-lo, por dar a mensagem da verdade espiritual pura, mas chocou contra a barreira das suas ideias e noções preconcebidas, da sua mente e da sua formação — muitas vezes a formação eclesiástica tem sido uma barreira. A sua mente está cheia de noções e ideias preconcebidas, doutrinadas nele durante muitos anos.

O sopro do Espírito não consegue fazer-se sentir. O indivíduo está enjaulado e acorrentado à ortodoxia, ao credo e ao dogma. E o Espírito que se esforça por movê-lo é detido e afetado por esta condição do indivíduo, seja o padre ou o pastor. É uma tragédia, porque todas as igrejas, mais ou menos, seguem um padrão. Repetem-se ano após ano. E não há nada fresco, nada novo, nada vigoroso, nada dinâmico e cheio de poder espiritual que envolva a congregação e a encha de entusiasmo para viver e fazer as coisas do Espírito e de Cristo.

Se pareço pessimista — como de facto devo parecer — é porque o meu desejo pela abertura do caminho da verdade é tal que eu também, como muitos outros aqui, me sinto perturbado e, por vezes, angustiado. Sentimos que há tanto que ainda está por fazer e que é travado. E no entanto, há muitos em diferentes campos que se estão a esforçar e a tentar servir. E no entanto, em si mesmos, na sua ignorância e na sua tolice, criam uma barreira. E o pleno poder do Espírito é-lhes negado, porque eles próprios não abrem os seus corações e as suas mentes à verdade.

Nos primeiros anos da igreja, ela era algo vivo, vital, vigoroso. E não admira que tenha crescido e tido grande força. E depois vieram as idades das trevas, e o poder da igreja, e os que buscavam cargos, e aqueles que usavam a igreja para os seus próprios fins. Vastos edifícios foram criados, belos de se contemplar, e deve-se admitir que um grande esforço foi feito nesse aspeto. E, em consequência, o mundo foi dotado de muitos edifícios, belos mas vazios. Vazios no sentido, muitas vezes, de Espírito, de graça espiritual, de poder espiritual, de vitalidade. Quando as reuniões eram frequentemente realizadas ao ar livre, sob os céus, a mensagem reinava clara e verdadeira.

E então tornou-se encapsulada, sepultada, e as trevas desceram. E o conhecimento e a verdade, se não foram totalmente obliterados, foram empurrados gradualmente, mas com segurança, para o segundo plano. Encontraram-se formas e meios de usar a religião — como a maldizeis — para o engrandecimento do próprio homem, para a busca de cargos, posição e finanças. A igreja de Deus é rica apenas em Espírito e em verdade, não em dinheiro, posição e edifícios. E o que vemos no vosso mundo é o oposto,

muitas vezes, daquilo que foi pretendido. O homem que não tinha onde reclinar a cabeça, o homem que andava descalço muitas vezes de lugar em lugar, o homem que deu de si mesmo e tudo o que tinha por dentro — e de facto por fora — o homem que foi verdadeiramente o Filho de Deus.

Sabemos quão diferente tem sido desde esse tempo e desde aquele que veio ao mundo para mostrar o caminho, a vereda e a luz. Quão diferente. Vemos riqueza, posição, prestígio — assim chamado. Vemos todos os opostos do original. Não está em palácios. Não está em igrejas. Não está em templos. Não está nos indivíduos que em si mesmos têm grande educação e posição, e vestem paramentos gloriosos e pregam sermões intermináveis com pouco alimento para o pensamento, cujo espírito muitas vezes está muito removido da mensagem do Espírito. Não é nestas coisas ou nestas pessoas que a mensagem do Espírito é encontrada, mas nos humildes e muitas vezes no que é chamado de não-esclarecidos; nos sinceros mas humildes, nos instrumentos que se entregam e que são usados pelo santo poder do Espírito para dar os ensinamentos do mundo do Espírito, o mundo eterno do Espírito que não pode morrer — pois toda a verdade é, porque é de facto a verdade.

É nestas almas — que em si mesmas são muitas vezes as mais desprezadas — que vemos o caminho, a vereda e a oportunidade. Existe um grupo de pessoas no vosso mundo chamado Quacres. Estes são, nalguns aspetos, os mais próximos, possivelmente de todos, do Cristo real, da religião cristã real — se assim a quereis tornar — embora nunca tenha sido pretendido que se tornasse uma religião como tal.

Religião é uma palavra estranha, muitas vezes mal utilizada e mal compreendida. Cristo veio ao mundo para mostrar o caminho, para iluminar as mentes dos homens, para os elevar, para os aproximar do Pai, para lhes dar visão das coisas que eram verdadeiramente de Deus, para lhes dar confiança, poder, para lhes dar um amor maior e um entendimento maior e promover uma verdadeira fraternidade. Mas ele não veio para formar uma religião no sentido que muitas vezes é implícito ou usado. Mas com aqueles que se sentam e esperam que o Espírito os mova, que não têm forma, nem cerimónia, nem igreja, nem paramentos, nem dogmas, nem rituais — estes são certamente os mais próximos do humilde Cristo.

E assim é com os espiritualistas: quando eles verdadeiramente compreendem o significado, a expressão e o termo, e compreendem plenamente o que está implícito em ser movido pelo Espírito, em ser inflamado pelo Espírito, em emanar a verdade pelo Espírito, em trazer iluminação à humanidade; em quebrar as barreiras que o homem ergueu na sua ignorância e tolice; em trazer o poder do Espírito Santo para que todos os

homens o vejam e, tendo visto, saibam, e sabendo, sirvam, e servindo em verdadeira fraternidade e amor uns aos outros — nós temos grandes responsabilidades, filha. Tu és um exemplo de quem eu e outros usámos e continuamos a usar para a glória de Deus, para fazer a vontade do Pai, para aproximar os Seus filhos num só acordo, num todo harmonioso.

Não reconheceremos nem devemos reconhecer barreiras. Devemos procurar aqueles cujas necessidades são maiores. Não devemos confinar as nossas mentes ou a nós próprios de forma alguma, mas ser sempre abrangentes, sempre de coração aberto e sempre sinceros em tudo o que dizemos e fazemos; e verdadeiramente trazer à existência, o melhor que pudermos — mesmo que seja apenas entre as poucas pessoas que possamos conhecer aqui e ali — verdadeira fraternidade, verdadeiro entendimento, verdadeiro amor; e verdadeiramente servir nesse amor e fazer a vontade do Altíssimo.

A nossa é uma grande tarefa, mas não podemos falhar, filha.

PARTICIPANTE: Eu sinto o mesmo também.

IRMÃO JOHN: Não desesperes. Estás a fazer um grande trabalho. Pode parecer pequeno ou limitado, mas crescerá, e as oportunidades serão muitas, e muitos são abençoados, e muitos procuram e encontram, em consequência, a verdade através dos nossos esforços. Segue em frente, filha, em força e em amor, e sabe que eu não te falharei, pois para esse trabalho demos a nossa mão; pois aquilo que fazemos é maior do que nós próprios. Somos os servos do Altíssimo. Que a paz e o amor pousem sempre contigo, como de facto sei que pousarão; pois enquanto houver o desejo de servir, haverá verdadeiramente o caminho e a oportunidade. Não há morte, apenas aquilo que parece sê-lo. Para aqueles que vivem na verdade, há sempre vida, e ela é eterna. Não há medos, não há dúvidas, como muitas vezes te disse, mesmo que pareça que não. Tudo está bem, tudo está bem, minha filha, e a paz esteja contigo. Deus te abençoe, querida. Adeus.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe, querido. Adeus.

Sessão 7470

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, John querido. Suponho que deva dizer-te: muitos parabéns pelo dia de hoje. É a coisa correta, claro, que sei que se deve dizer.

IRMÃO JOHN: E, no entanto, não vejo que, ao dizer isso, eu estaria, num sentido, a beneficiar-te. Porque, conhecendo como conheço a beleza e o esplendor da vida aqui, pareceria incongruente desejar-te "muitos parabéns" por um dia material. Mas, claro, eu desejo-te muitos parabéns. Espero que tenhas muitos anos ainda para fazer o trabalho do Espírito, para servir. E sinto-me seguro de que terás. E desejo que tenhas boa saúde e força. E isto eu sei: que serás ajudada tremendamente pelo poder do Espírito e pelas inúmeras almas que vêm a ti deste lado. Desejo-te, com toda a sinceridade, muitos parabéns pelo dia de hoje.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

IRMÃO JOHN: Porque sei que o teu principal desejo em ficar na Terra é ser de benefício, ser de ajuda aos outros, servir, fazer o trabalho do Espírito. Por isso sei que, nesse sentido, estás ansiosa por ter muitos aniversários, para que possas ter muitos anos de bom trabalho, para que possas fazer o trabalho da forma que há tanto tempo desejas. E tenho a certeza de que continuarás assim por algum tempo que ainda está por vir. Portanto, desejo-te, com toda a sinceridade, muitos parabéns pelo dia de hoje. E que cada dia que se segue seja cheio de júbilo, de felicidade e de paz. Que o trabalho do Espírito prospere consequentemente de dia para dia. Nunca te falharemos. Nunca estaremos longe de ti.

Pode haver alturas em que, naturalmente, te sintas desanimada, pois é natural e humano assim estares. Mas tu sabes que estamos contigo. Não conseguimos necessariamente alcançar sempre tudo o que desejaríamos, tudo o que nos propusemos fazer. Podemos nem sempre ser capazes de levar à frutificação, mas faremos tudo o que for possível fazer com a ajuda do Grande Espírito, com a ajuda do Grande Pai Deus. Não falharemos. Alcançaremos em amor, em sinceridade, no propósito do nosso trabalho. Alcançaremos tudo o que é bom, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Talvez hoje queiras que eu faça algumas perguntas, afinal é o teu aniversário.

IRMÃO JOHN: Bem, eu tinha pensado em uma ou duas para o caso de me perguntares. Primeiro de tudo, se me for permitido perguntar: disseste quando vim da última vez que tinhas grandes esperanças de que eu fosse capaz de realizar grandes coisas, e pergunto-me o que tinhas em mente, se incluía a cura.

IRMÃO JOHN: Quando me referia, como fiz nessa ocasião, a tu realizares o que o mundo poderia até chamar milagres, eu estava principalmente preocupado com a cura do corpo e da mente, e sinto que teremos alguns sucessos. Não vejo razão para que não aconteça, porque o

poder que flui através de ti às vezes é muito forte, e o poder que pode ser emanado pode efetuar estas curas, as quais, para alguns que não conhecem os caminhos do Espírito, devem parecer miraculosas. Sinto-me seguro de que podes e terás grande sucesso no trabalho de cura, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada, eu gostaria de ter a oportunidade, mas sinto — não sei se é errado da minha parte — mas sinto que quero, se o fizer, trabalhar por minha conta.

IRMÃO JOHN: Bem, ninguém está a sugerir que tenhas de trabalhar com mais ninguém, filha.

PARTICIPANTE: Não, e vês onde eu vivo, eles têm sessões de cura com diferentes pessoas. Percebes o que quero dizer?

IRMÃO JOHN: Por outras palavras, filha, não desejas trabalhar necessariamente num grupo, mas sim por tua conta.

PARTICIPANTE: Não sei porquê, sinto-me instintivamente dessa forma.

IRMÃO JOHN: Bem, isso é só para o bem. Concordo que devemos trabalhar sempre em amor e em cooperação com os outros, mas existem certas coisas que às vezes se podem fazer melhor sozinho, e não vejo razão para que não alcances grandes resultados, como já disse, ao ires onde for necessário, ou almas virem a ti para cura. E acho que teremos oportunidade nessa direção num futuro muito próximo.

PARTICIPANTE: Obrigada. Agora, outra coisa que te queria perguntar: muito recentemente, numa loja local, um jovem de 40 anos — ele trabalhou lá toda a vida, de rapaz a homem — veio trabalhar uma manhã, colapsou e, antes de chegar ao hospital, morreu. Deixou esposa e quatro filhos. Sinto que qualquer coisa que eu possa dizer para tentar confortar alguém é trivial e difícil, e não sei como abordar tal coisa. Eu sei, pelo vosso lado da vida, que é para benefício dele e talvez para o deles ultimamente, mas eles ainda não conseguem ver isso.

IRMÃO JOHN: Com certeza, filha. Estes problemas, que obviamente devem surgir em variadas situações, afetando indivíduos, alguns dos quais obviamente não estão preparados para compreender e aceitar. Existem estas situações complicadas nas quais por vezes te vês envolvida, mas não creio que tu própria devas preocupar-te indevidamente. Sei que o teu desejo é ajudar e dar conforto, mas se eles não estão prontos para receber, filha, se não estão na posição de compreender...

PARTICIPANTE: Eu não conheço propriamente a esposa, mas as pessoas que trabalharam com ele de rapaz a homem ficaram muito chocadas, claro.

IRMÃO JOHN: Há alturas em que serás posta à prova. De facto, foste muitas vezes no passado. Não é que nós te testemos, mas a vida testa-te. As circunstâncias da vida que mudam de dia para dia, como de facto devem mudar, devido às variadas circunstâncias, condições e pessoas. Serás levada a muitas situações diferentes em alturas diferentes, e serás afetada por indivíduos aqui e ali, e serás impressionada e inspirada em cada ocasião sobre o que é a coisa certa e melhor a fazer. E pode haver alturas em que sintas que falhaste, mas tu não vês como nós vemos. Já te disse isto muitas vezes. Existem mudanças e efeitos que não ocorrem necessariamente no momento, mas numa data posterior, a semente que foi semeada começa a dar o seu fruto. Sê paciente contigo mesma, filha.

PARTICIPANTE: Oh, serei, sim.

IRMÃO JOHN: E sabe que te é dada a oportunidade vezes e vezes e vezes sem conta de servir e de fazer o trabalho do Espírito, e nem sempre consegues ver como aquilo que fizeste pode, de facto, ser levado à frutificação num tempo posterior. Tu nem sempre vês. Tu nem sempre esperas, quando a semente é semeada, que ela dê sempre fruto. Às vezes é verdade que cai em solo pedregoso, mas de qualquer forma não dá fruto imediatamente. As estações devem vir e ir, mas mais tarde verás o fruto do teu trabalho. Tem boa fé e bom coração. Haverá estas instâncias em que, como te dissemos, como eu te disse, farás certas coisas através do poder do Espírito que te espantarão e surpreenderão a ti e a muitos outros também. Haverá estes casos, estas instâncias, quando o poder do Espírito é tão forte e tão poderoso que o que pode ser chamado um milagre pode transpirar. Mas sabe que, geralmente, devemos ser pacientes.

IRMÃO JOHN: Não devemos esperar resultados imediatos.

PARTICIPANTE: Muito obrigada, querido. Outra coisa que te queria perguntar — e consigo imaginar bem qual será a tua resposta — como é que o Espírito reage às condições terríveis das galinhas de bateria e dos vitelos jovens a quem nunca é permitido sair, desde o nascimento até à morte?

IRMÃO JOHN: Bem, é claro que isto... quero dizer, o que podemos nós fazer quanto a isso? Bem, suponho que a resposta óbvia seja que isso reside, em grande medida, nas mãos das pessoas; se elas se recusarem a comprar.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Então, eventualmente, cessará.

PARTICIPANTE: E depois, lá está, usam estes animais para testes para obter ajuda para os seres humanos, o que obviamente é, para mim, tão terrível.

IRMÃO JOHN: Nada de bom, minha filha, pode alguma vez advir da crueldade. Não. Apenas o amor fará brotar tudo o que é bom. Quando o homem procura ajuda, não a encontrará através de esforços feitos com crueldade sobre animais; animais que não estão em posição de se protegerem a si próprios. Quando o homem vive de acordo com a natureza e trabalha em harmonia e em amor com a natureza, a natureza responderá e provocará a sua própria salvação e cura. Mas é inútil e sem sentido andar, como tantos fazem, a torturar e a utilizar o reino animal para motivos ulteriores.

Porque é um motivo ulterior procurar ajuda à custa dos saudáveis — no sentido de que os animais são tomados como são tomados, e usados como são usados. Nada de bom pode vir destas coisas. É um grande desgosto para mim, sempre. Sabes, sentes que há tão pouco que podes fazer. E quão ignorante o homem deve ser para seguir tal linha de ação. Números incontáveis de animais foram abatidos e usados em experiências. E a quantidade final de bem que resultou para o homem é insignificante em comparação. Alguns na terra pensam mesmo que isso aumenta a doença do homem. Pode muito bem ser verdade.

PARTICIPANTE: Sim. Eu vou... senti-me muito feliz ontem à noite com o serviço. E no sábado; e senti que realmente tinha encontrado a arte de me deixar totalmente sem pensamentos contigo. Como te sentiste?

IRMÃO JOHN: Como tu te sentiste. Obrigado. Não há dúvida de que tens uma calma maior, uma placidez maior, uma perceção maior dentro de ti do poder do espírito que te rodeia. Tens uma serenidade de espírito maior, e tenho a certeza de que tens uma percepção maior desse poder que se manifesta através de ti. Que tu própria, por tua vez, já não estás apreensiva, já não te estás a esforçar, por assim dizer, na esperança de que tu própria pudesses tornar as coisas mais fáceis através dessa ansiedade que, a certa altura, era muito aparente.

Por outras palavras, filha, sinto que estás mais calma e mais segura. Já não sinto que estejas excessivamente ansiosa ou que estejas tensa e preocupada com uma reunião que sejas chamada a realizar. Há um sentimento maior em ti de estares em paz, com uma perceção maior de que tudo está bem. Houve um tempo em que eu estava preocupado porque tu costumavas parecer instável e incerta de ti mesma. Incerta quanto a se terias sucesso, se o poder estaria contigo, e se seríamos capazes de nos manifestar e chegar até ti.

Sei, filha, que tudo isso ficou para trás. Agora tens uma perceção maior e uma segurança maior, maior confiança, e não creio que nada, em momento

algum, te cause preocupação. Acho que enfrentarás qualquer situação e sairás vitoriosa.

PARTICIPANTE: Espero que sim. Tens a certeza?

IRMÃO JOHN: Sim. Tenho toda a certeza. Podes combater quaisquer forças que possam vir, que possam estar por perto; e há alturas, claro, em que as condições com que tens de lidar não são particularmente boas e isso significa uma luta extra, um esforço extra, mas nós estamos lá. Nós vencemos.

PARTICIPANTE: Obrigada. Agora falas tu comigo.

IRMÃO JOHN: Eu falo contigo. Falo contigo constantemente, e as palavras, as palavras em si mesmas, parecem tão inadequadas para expressar os sentimentos da alma interior de alguém. Há tanto que não se pode retratar ou descrever. Não se pode dar a conhecer por palavras, mas apenas pelo sentimento, pela emoção, pela intensidade do amor de alguém. Isto tu pressentes, isto tu sentes, isto tu sabes, mas as palavras em si mesmas não o conseguem exprimir.

Quando entrei em contacto contigo pela primeira vez, há muito tempo, percebi as possibilidades que se estendiam à nossa frente para o nosso trabalho conjunto. Percebi que tu, como instrumento, poderias ser usada, desenvolvida e trazida, por assim dizer, para o caminho no qual eu sabia que o sucesso seria alcançado. Foi uma tarefa difícil, num sentido, para ti e para mim. Houve obstáculos, houve dificuldades, mas superámo-los. Gradualmente, tornaste-te cada vez mais segura, cada vez mais confiante, cada vez mais ansiosa, de facto, por fazer o trabalho, por servir, servir verdadeiramente.

O poder do Espírito que é tão poderoso ao nosso redor torna todas as coisas possíveis. Não creio que consiga exprimir em palavras como me sinto e quão ansioso estou para que compreendas a intensidade deste poder, que está para além de toda a palavra, de toda a descrição. É tão grande, filha, e quando falo deste poder do Espírito, não estou a falar de mim próprio, porque eu sou também apenas um instrumento desse poder; e sei que juntos podemos fazer grandes coisas — como falei da última vez — para curar os doentes, para devolver a visão até aos cegos, para fazer as coisas que parecem impossíveis ao cérebro humano, à mente humana. Somos capazes de alcançar estas coisas pelo poder do Espírito Santo.

Cristo percebeu esta força, este poder, esta força dadora de vida. Ele sabia como ela podia ser usada, e usou-a, e beneficiou muitas almas por causa disso. Esse poder ele dá-nos livremente a todos. "Coisas maiores do que estas conhecereis". "Rogo a Deus, meu Pai", disse o Cristo, e ele sabia que existiam

muitos grandes atributos e poderes dos quais o homem não tinha conhecimento; os quais, se um homem buscasse, buscasse verdadeiramente, em espírito e em verdade, e se entregasse clara e seguramente ao Espírito e ao seu poder, todas as coisas seriam possíveis.

É por isso que te digo que não há nada impossível que não possamos fazer e alcançar se tivermos essa fé e trabalharmos juntos nesse amor e harmonia que sei que existem entre nós. Não deves falhar nem vacilar. Tem força em todas as coisas que são boas, e o resto seguir-se-á doravante. Isto eu sei, filha, pode vir e virá. Verás como o poder do Espírito trabalha. Por esse amor e essa fé que tens, todas as coisas serão reveladas com o tempo.

Devo ir, mas a minha paz e o meu amor deixo contigo. E as minhas bênçãos neste dia, que é especialmente importante. Sei que haverá muitos outros ainda. Muitos aniversários, aniversários espirituais, bem como materiais. Abençoada sejas, filha.

Brother John – Sessão 8274

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Eu te abençoo, querida. Peço-te, perdoa-me se tiver alguma dificuldade em conseguir manter o contacto. As condições em teu redor, neste preciso momento, não são muito conducentes ou úteis. Mas, no entanto, pelo poder do amor que sustentamos e partilhamos juntos, todas as coisas são possíveis.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: É de facto o laço do amor, a perceção da verdade que partilhamos ao esforçarmo-nos por assistir, ajudar, guiar e elevar a humanidade. Por outras palavras, o trabalho que nos esforçamos por fazer é o que torna todas as coisas possíveis, porque isso é maior do que nós próprios. Somos apenas os instrumentos de um poder superior. Eu sou apenas o porta-voz de muitas almas que há muito atravessaram os portais da morte. Algumas que estão aqui há séculos e séculos do vosso tempo terreno, que pela sua própria natureza estão ansiosas por trazer ao mundo da terra a perceção destas verdades, que são leis eternas.

Foi-te dada uma força e um poder que tornaram possível o trabalho do espírito. Há momentos em que sei muito bem que ponderas estas coisas e dizes para ti mesma: "Serei capacitada a continuar por mais algum tempo a fazer o trabalho do espírito?". Na verdade, tens servido diligente e bem, e ainda resta tempo para servir, para continuar, para guiar, ajudar e instruir.

PARTICIPANTE: Farei o meu melhor, de qualquer forma.

IRMÃO JOHN: Mas a passagem do tempo traz muitas mudanças e a estrutura física enfraquece. São as condições da terra que estão em guerra contra ti. Mas eu digo-te: a força que te foi dada sustentar-te-á.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: E embora as condições em teu redor possam ser difíceis e problemáticas, e por vezes excessivamente angustiantes — embora possam acontecer grandes coisas no teu mundo que causem incerteza e stress — ainda assim serás capacitada a seguir em frente como uma luz nas trevas do materialismo, carregando a tocha da verdade; e o poder do espírito manifestar-se-á, e muitos serão, em consequência, abençoados.

Mas ficamos angustiados porque vemos o estado do mundo. Vemos as causas e os efeitos, e a intolerância do homem traz grandes sofrimentos. Para qualquer lado que olhes, seja para leste ou oeste, norte ou sul, há agonia de mente, de corpo e de espírito. Há aqueles que não conseguem perceber as realidades de que falamos e preocupam-se apenas com o eu material e com aquilo que não tem valor verdadeiro nem permanência.

Mas se ao menos o homem tivesse o equilíbrio do físico e do espiritual; se pudesse ver-se como um ser espiritual envolto em carne, contido, no entanto, livre para se expressar de uma maneira espiritual, mudando em consequência o curso do destino e o modo de vida da humanidade. Nas mãos do homem reside a solução para todos os seus problemas: com amor, tolerância e entendimento. Esforçar-se por unir todos os homens, independentemente do seu contexto, da sua condição de vida ou da sua nacionalidade. Tentar separar os homens não é a resposta.

Trazer os homens juntos em amor, em fraternidade, em entendimento, em paz, em tranquilidade — estas são as coisas que enfatizamos e que nos esforçamos por trazer à existência. Mas o homem, através da tolice dos seus falsos valores, separa homem de homem, nação de nação. O verdadeiro entendimento das verdades espirituais que damos ao mundo, devidamente compreendido, devidamente aplicado, poderia trazer paz, felicidade, júbilo, poderia trazer um grande e novo despertar do significado e do propósito do plano de Deus para os Seus filhos.

Mas o homem separou-se de Deus, separou-se da vontade, propósito e verdade de Deus. O homem procura apenas o que é transitório, apenas o que é do material, que não tem peso nos caminhos ou significados espirituais. Existem os espiritualistas que professam a verdade, embora em alguns casos se esforcem — como de facto existem aqueles que se sacrificam no altar do serviço.

No entanto, muitos não compreendem ou não tentam compreender ou apreciar por que regressamos. Pensam apenas na mensagem material que possamos trazer para dar convicção e talvez, em certa medida, para confortar. Mas existem muito poucos que procuram diligentemente a "pérola de grande valor". Contentam-se apenas com aquilo que não tem valor real. Abrem à força a concha que por vezes contém a pérola, mas na maioria das vezes ficam desapontados e desiludidos porque deitam fora o que é valioso e retêm aquilo que, embora sirva um propósito, não é o verdadeiro valor do espírito que nos esforçamos por trazer na perceção destas coisas. Cristo, no seu próprio tempo, estava bem ciente das fragilidades da carne.

PARTICIPANTE: Ele não foi muito encorajado, pois não?

IRMÃO JOHN: Não. E teve de mostrar, por vezes, para benefício daqueles que procuravam sinais e prodígios. Apesar de todas estas coisas, a mensagem continuou a ser posta de lado e ele próprio pagou o preço. E assim acontece com todos os que servem verdadeiramente: encontrarão muitas vezes desânimo, desapontamento e desilusão, pois muito poucos são os que se tornarão discípulos.

Mas seguimos em frente, apesar de tudo, com esperança nos nossos corações e a certeza no íntimo do nosso ser de que, no tempo que ainda está por vir, todos verão e todos perceberão o verdadeiro significado e propósito do trabalho do espírito. Não fiques, portanto, angustiada, embora existam muitas razões e causas para que, às vezes, te sintas preocupada.

É fácil para aqueles no vosso mundo que não encontraram a verdade ficarem, por assim dizer, à beira do caminho a observar a multidão que passa e não se preocuparem. Eles não tocaram a bainha das vestes da sabedoria. São ignorantes e felizes na sua ignorância muitas vezes. Não foram curados pelo poder do espírito. Só se preocupam com o momento e contentam-se em sentar-se à beira do caminho e não trilhar o caminho da provisão eterna. Mas, mesmo assim, o tempo certamente chegou em que aqueles que se sentam à beira do caminho devem assumir o fardo e assumir o caminho que leva eventualmente à iluminação, ao entendimento e à sabedoria final.

PARTICIPANTE: Então suponho que haverá muitos arrependimentos.

IRMÃO JOHN: É importante, claro, se alguém puder descobrir estas verdades enquanto ainda na carne. Pois, ao fazê-lo, descartarás de ti muita da escória, muito do que é sem importância. Ficarás mais leve em consequência e percorrerás a estrada com mais segurança, sem fardos, e alcançarás em consequência o objetivo traçado mais rapidamente. Mas muitos são os que têm de se desonerar. São como navios no oceano do tempo, sobrecarregados, enfardados, apanhados nas tempestades da vida.

Em consequência, muitas vezes naufragam e afundam, e em consequência não conseguem navegar para as águas calmas, para o porto do espírito. Eles devem ser fortalecidos. Deve ser-lhes dado um piloto, e muitas vezes foram-lhes dadas indicações que eles refutaram ou ignoraram, e foram obstinados e rebeldes e, em consequência, perderam-se temporariamente. No entanto, todos os que parecem perdidos não o estão, pois nenhum será perdido, todos serão recolhidos.

O bom pastor sai à procura da ovelha perdida, e há muitas que estão perdidas. Muitos são os que ficaram cansados e doentes, e há aqueles que esperam pela morte e não conhecem estas coisas, e em consequência têm medo e em consequência parece que estão perdidos; mas serão encontrados. Pois nenhum é perdido, todos são encontrados. Mas aqueles que se desviaram, e aqueles que se tornaram teimosos, e aqueles que se tornaram impacientes e não conseguem ver com clareza — ainda assim, embora o caminho possa ser árduo, serão encontrados e restaurados à saúde, e ser-lhes-á dada força para vencer.

Mas se for possível que eles sejam, enquanto ainda na terra, envolvidos pela sabedoria dos espíritos e assumam a perceção destas coisas, certamente para eles haverá um júbilo e felicidade maior, e um entendimento maior, e uma paz e tranquilidade de espírito maior, mesmo estando envoltos em carne. Encontrarão os verdadeiros valores da vida e, em consequência, não importa o que venha para os travar — mesmo que pareça um travão poderoso — eles seguirão em frente porque têm o poder de vencer.

Para aqueles que trilham o caminho do espírito, nós não prometemos, e nunca prometemos, que o caminho será fácil. De facto, eu diria que quanto mais assumes para ti mesma as coisas que são duradouras e verdadeiras e que são do espírito, mais difícil, nalguns aspetos, deve ser lidar com o materialismo. Embora o verdadeiro espiritualismo te dê uma força e um poder, não tornará necessariamente o caminho material mais leve.

Mas dentro dos vossos corações tereis encontrado tal paz, tal júbilo, tal felicidade, tal amor, que tudo o que vos assalte não poderá ter efeito. Não pode destruir nem retirar. Só pode dar-te um incentivo maior para vencer e uma força maior para tal.

PARTICIPANTE: E é isso que estás a demonstrar agora, não é?

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Sim, abençoada sejas. Mas estou sempre grato àqueles que vencem. Àqueles que viram os verdadeiros valores e aceitaram a cruz, e assumiram o fardo da vida, e se deram completa e livremente em serviço para cumprir as ordens do Mestre entre os Seus filhos.

Trilhaste o caminho da retidão e da verdade. Esforçaste-te por servir e dar iluminação aos espíritos.

Muitas vezes elevaste alguma alma aqui ou ali que estava carregada de fardos, e deste-lhe uma visão dos júbilos e das belezas dos espíritos, e confortaste-as quando estiveram em profunda dor. Nem sempre foi fácil. Nem sempre foi possível. Mas onde foi possível e o caminho se tornou claro, tu seguiste em frente com força, rodeada pelo amor e poder do próprio espírito. Foste como o bom samaritano na estrada da progressão eterna, parando aqui e ali à beira do caminho, atendendo àqueles cujas necessidades eram muitas e dando-lhes um novo incentivo para lutarem no caminho da vida.

E precisamos cada vez mais de pessoas como tu, especialmente entre os jovens, que têm uma vida inteira de serviço pela frente. Devemos encorajar cada vez mais aqueles que estão no limiar da vida material, para que possam servir a geração futura que ainda há de vir. Tu instruíste aqui e ali. Esforçaste-te por dar esclarecimento onde foi possível.

Eu não te peço nem espero que nesta fase do tempo desenvolvais outros [médiuns]. Isto é algo que, num sentido, não pode ser feito por ti nem por mais ninguém. O desenvolvimento dos poderes do espírito só pode ser trazido à existência pelos esforços daqueles deste lado. Tu, ou outros como tu, podem providenciar, o melhor que puderem, as condições através das quais podemos desenvolver outros. E podes dar alguma orientação ou instrução aqui ou ali, mas continua a caber-nos a nós desenvolver os instrumentos. Nós, que conseguimos ver nos seus corações mais íntimos, ver o seu motivo e os seus desejos, perceber o seu potencial e o que pode ser alcançado através deles utilizando os poderes que possuam.

Pois toda a humanidade tem o poder do espírito no seu interior, mas é para os jovens que devemos olhar. À medida que os velhos descartam de si o invólucro de carne, outros devem tomar o seu lugar. E a mensagem do espírito hoje é para eles tanto como para qualquer outro, se não mais: que assumam a responsabilidade do serviço, que desenvolvam os poderes do espírito latentes e adormecidos dentro de si próprios. Através da fé e da coragem virão as recompensas. Não recompensas materiais, mas recompensas espirituais.

Ao mesmo tempo, nós, que vimos para servir, que nos dedicamos em serviço amoroso, não esquecemos que existem responsabilidades colocadas sobre os nossos ombros — responsabilidades de muitos tipos no que diz respeito aos nossos instrumentos e à mensagem que eles hão de emanar para o mundo. Também nos cabe, claro, cuidar dos nossos instrumentos o melhor que pudermos, protegê-los de si próprios muitas vezes, possibilitar o melhor

uso dos seus poderes. Mas, ao mesmo tempo, devemos considerar os aspetos materiais e físicos.

PARTICIPANTE: O que querias dizer com "protegê-los de si próprios"?

IRMÃO JOHN: Oh, minha filha, muitas vezes os instrumentos devem ser protegidos de si mesmos de várias formas. Às vezes as tentações são muitas. Os instrumentos, às vezes, no seu desejo de servir, podem muitas vezes, talvez sem se aperceberem, sobrecarregar-se mental, física, psíquica e espiritualmente. Deve haver alturas em que se possam retirar destas coisas, retirar-se das coisas materiais ao seu redor.

Por outras palavras, quando podem relaxar mental e fisicamente, para que possam ser recarregados, por assim dizer, mais uma vez para saírem pelo mundo a fazer o trabalho do Espírito. E para fazer isto, percebemos que, até certo ponto, devemos preocupar-nos com o seu bem-estar material. Sim. Devemos ver, se possível — se estiver no nosso poder — que sejam cuidados, que tenham sustento suficiente no sentido material, para que possam estar livres na sua mente para servir e trabalhar, sem qualquer stress ou preocupação indevida, onde for possível.

Podemos nem sempre ser capazes de alcançar ou fazer isto, mas se aqueles que vêm a nós com um verdadeiro desejo de servir a Deus e cumprir as Suas ordens e o Seu trabalho, então nós também nos esforçaremos por os assistir no melhor da nossa capacidade; providenciar as melhores condições possíveis sob as quais farão esse trabalho, e dar-lhes o suficiente para que não tenham causa para se preocuparem indevidamente com as coisas materiais. Não estamos tão removidos que não saibamos das necessidades de coisas materiais que são necessárias e essenciais para a paz de espírito.

Percebemos que é importante, por vezes, ter dinheiros para pagar o sustento, para pagar o alojamento. Lembramo-nos, claro, dos ditos do Mestre, e particularmente nesta referência à moeda: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Quando estás no mundo material, deves, portanto, até certo ponto, dar a César o que é de César. Deves, até certo ponto, ser cuidada. Deves ser vestida e alimentada.

PARTICIPANTE: Eu organizei a minha vida num padrão muito simples.

IRMÃO JOHN: Na simplicidade, todas as coisas são trazidas a um estado de ser mais claro. Há aqueles que se confundem com posses e depois elas tornam-se uma obsessão. E então há preocupações e ansiedades sobre retê-las ou protegê-las. É melhor viver calma e simplesmente, com apenas o

suficiente ao teu redor para te dar conforto e prazer. Não há necessidade de ostentação. Não há necessidade de muitas das coisas pelas quais algumas pessoas se esforçam.

De facto, alguns instrumentos, embora sirvam e sirvam bem, são sobrecarregados por posses e preocupações com coisas materiais. Seriam muito mais felizes e estariam muito melhor com a simplicidade, com o suficiente para o dia a dia. Aqueles que servem não devem estar agrilhoados de forma alguma. É melhor ser livre, pois na liberdade podes mover-te mais depressa, com mais segurança, com mais certeza em direção aos objetivos traçados.

O homem é, por natureza, suponho, um pouco como o animal. Gosta dos seus próprios confortos, no entanto isso não se deve tornar uma obsessão. O homem é, em muitos aspetos, como o animal. É, suponho, nalguns aspetos, semelhante. Tal como o filhote é defendido pela mãe, assim defendemos nós aqueles que amamos.

MICKEY: Abençoada sejas. Estou a dar cabo da minha garganta. Muito bom, não é? Um fluxo de linguagem maravilhoso. Mas está a sugar-me demais, não está? É muito difícil hoje.

PARTICIPANTE: Sim, muito difícil.

IRMÃO JOHN: As minhas bênçãos estejam contigo, filha, e com todos os que ouvem a voz do Espírito. A paz esteja com todos vós. Adeus, filha. Deus te abençoe, e muito obrigado.

PARTICIPANTE: Adeus.

Sessão 10266

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha. Abençoada sejas, querida. Fazendo as rondas, fazendo as rondas, de uma forma estranha, retratando, descrevendo o trabalho do espírito.

No entanto, de uma forma estranha, quão exato. Fazendo as rondas, cada dia, todos os dias, fazendo a ronda diária; tudo o que entra na vida de alguém, para o bem e para o mal, aceitando a vida em todas as suas múltiplas facetas, esforçando-se por fazer o melhor que se pode, às vezes sob circunstâncias difíceis, fazendo as tarefas diárias, fazendo as rondas. E no trabalho do espírito é verdade que te esforças em todos os momentos por fazer aquilo que

te é destinado, no melhor da tua capacidade; às vezes sob condições adversas, difíceis, por vezes, de facto, acarretando uma grande quantidade de stress e esforço, física e mentalmente e, num sentido, espiritualmente. Pois aqueles que desejam fazer o trabalho do espírito, que aspiram ao mais alto, devem encontrar, por vezes, de facto, um grande peso sobre si na vida material.

De facto, é uma tarefa que te é confiada, na qual sei que te esforças no melhor da tua capacidade. De facto, fazes as rondas diárias. De facto, lutas para fazer tudo o que podes para trazer à tona a revelação do espírito. Estou-te eternamente grato. Estou sempre consciente de todas as tuas necessidades e de tudo o que te esforças por fazer. Não consigo colocar em palavras aquilo que sinto, do qual nós, de facto, todos aqui estamos conscientes: o esforço que é feito, fazendo as rondas, entrando nos diferentes ambientes e condições, subindo às diferentes plataformas, esforçando-te por transmitir, o melhor que podes, as coisas que te demos.

Filha, seremos sempre gratos.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido. Fiquei muito satisfeita com a forma como me mantiveste firme esta noite, porque cheguei a perguntar-me se talvez pudesse ser um pouco difícil, mas não foi, e correu tudo lindamente.

IRMÃO JOHN: Ontem à noite foi-te dada uma oportunidade para fazeres o teu trabalho. Talvez, num sentido, possa ter parecido ao início um pouco difícil, mas, no entanto, as condições ali eram boas, e a sinceridade de propósito que mostraste, e a chama do espírito que ardeu intensamente dentro de ti, brilhou; e, de facto, estamos verdadeiramente orgulhosos de ti. A audiência reagiu, e houve uma atmosfera feliz e agradável, e vários ali, eu sei, foram capazes de aprender e digerir, e foram, em consequência, grandemente abençoados e ajudados; e alguns, sinto-me seguro de que em data posterior, virão servir à sua própria maneira.

Nunca precisas de temer, filha. Não acho que tenhas realmente medo, mas acho que às vezes ficas apreensiva, fazendo as rondas diárias, por assim dizer, do trabalho do espírito, perguntando-te com que condições terás de lidar — não apenas nas condições das igrejas ou das sociedades, mas às vezes dentro de ti própria. Porque és humana, porque há alturas em que sentes o stress das coisas, há alturas, talvez, em que possas sentir que não serás capaz de dar o teu melhor por uma razão ou outra; mas estamos sempre lá para te apoiar, estamos sempre lá para te dar essa força que é necessária. Não há necessidade de estares alguma vez apreensiva.

PARTICIPANTE: Não, obrigada. Eu quero, se houver tempo no fim desta sessão, fazer-te uma pergunta pessoal, mas não quero colocá-la num limbo.

IRMÃO JOHN: Filha.

PARTICIPANTE: Mas eu gostaria de te perguntar: tu tens, em várias ocasiões, defendido a tolerância, e disseste que muitas vezes temos de observar as pessoas e perdoar e ser tolerantes. Mas é uma palavra que sempre me perturbou um pouco, porque nunca sei onde termina a tolerância — que é aceitar a atitude de outras pessoas — e onde começa a conivência com o que está errado.

IRMÃO JOHN: Filha, certamente, filha, existem muitos aspetos diferentes de tolerância, de acordo com o indivíduo ou o caso individual que se esteja a considerar. Mas acima de tudo, certamente, não devemos confundir a questão. Por muito que possamos lamentar, digamos, o comportamento ou os métodos ou a atitude de outra alma, não importa quão indignados nos possamos sentir em relação a esse indivíduo em particular, ainda há espaço para a tolerância. Devemos ser tolerantes uns com os outros.

Devemos tentar, por vezes, especialmente, tentar ver a razão pela qual uma pessoa é como é; se é por alguma razão especial, se pode haver naquele passado, algures, alguma causa — alguma causa muito forte — que possa ter criado a situação peculiar ou a condição peculiar que é comum a esse indivíduo. Eu sei, claro, que existem muitos aspetos dos outros, muitos aspetos da natureza humana, que causam grande preocupação, perante os quais teríamos uma indignação justa. Existe uma diferença, claro, entre indignação e uma indignação justa.

Ao mesmo tempo, não se deve estar, de forma alguma, em humor de condenar. É muito difícil, porque cada situação que é criada por um indivíduo ou grupo de indivíduos tem a sua própria condição e situação peculiar. Mas, no essencial, creio que, acima de tudo, qualquer que seja a falha no outro, nós próprios devemos ser pacientes e devemos ser tolerantes. Mas isto não significa necessariamente dizer que devamos ser coniventes. Se uma pessoa, por exemplo, está conscientemente a fazer algo que prejudica outra alma, claro que se tem o direito de estar indignado. Claro que se tem o direito de se esforçar para parar ou, de alguma forma, possibilitar a mudança da mentalidade dessa pessoa ou da sua ação.

Temos o direito de interferir quando sabemos que o que está a ser dito ou feito está a afetar muito adversamente outra alma. Claro que temos o direito de estar indignados. Claro que temos o direito de castigar essa pessoa no sentido correto e esforçarmo-nos por impedi-la de fazer mal ou mais mal. Mas isso não altera o facto de que, façamos o que fizermos, devemos ser sempre pacientes. Devemos ser sempre tolerantes. Devemos tentar ver, lá no fundo, na mente e na alma do outro indivíduo, e perceber por que razão ele é como é.

Pode tratar-se de uma doença mental. Pode ser algo que eles não conseguem evitar, tal como outra pessoa não consegue evitar ter cancro. Afinal, estas doenças do corpo são, de certa forma, provocadas pelo próprio homem através da ignorância, sem dúvida, mas através da insensatez da vida, da insensatez de séculos de pensamento errado e ação errada.

Não foi provado. Mas eu digo que as doenças da mente são, à sua maneira, tão más, se não piores, do que as doenças do corpo. Devemos sempre tentar ver. Não significa necessariamente que tenhamos sempre de desculpar. Vês, acima de todas as coisas, devemos ser pacientes, tolerantes e amorosos. Mas isso não altera o facto de termos o direito de estar justificadamente perturbados, justificadamente preocupados, quando outra pessoa está a fazer algo que é mau, que é errado. E temos o direito de estar indignados. Temos o direito de nos esforçarmos para parar essa pessoa. Se alguém te assalta a casa, tens o direito de tentar impedi-lo. Tens o direito de o pôr fora. Mas isso não significa dizer que tens o direito, necessariamente, de o punir. Vês, a lei, por exemplo, assume certas medidas. Não sugiro que a lei, por vezes, não seja justificada. Mas às vezes a própria lei, em vez de tornar possível que o indivíduo condenado se torne uma pessoa melhor, um homem melhor, um cidadão melhor, muitas vezes condena-o a tais condições que ele fica pior em consequência.

Devemos tratar aqueles que nos prejudicam com amor e compaixão. Mas isso não significa que devamos ignorar os seus males ou os seus crimes. Devemos tratá-los com amor, compaixão e harmonia. Devemos esforçar-nos por elevá-los, não por os empurrar para baixo. Temos o direito, filha, de estar indignados. Mas, ao mesmo tempo, temos um direito maior de mostrar compaixão.

PARTICIPANTE: Sim, muito obrigada. Sempre te quis perguntar isso. E disseste-me imenso.

IRMÃO JOHN: Talvez às vezes, filha, nas tuas rondas, fazendo o trabalho do espírito, te sejam colocadas questões que por vezes são um pouco difíceis, talvez, de responder. Traz-mas, se houver almas que tenham questões que as deixem perplexas ou perturbadas, coisas associadas às questões do espírito. Claro, ficarei feliz em ajudar. Esses teus pezinhos percorreram muitas milhas. Levaram-te a muitos lugares, fazendo o trabalho do espírito. Quão abençoados somos, de facto, dada a oportunidade, como nos é dada, de servir, de trabalhar, de fazer as coisas que Deus quer que façamos como Seus filhos.

Como eu próprio olho para trás, para os tempos antigos, para séculos atrás. Como me lembro de como ia de lugar em lugar, de como me esforçava por espalhar a verdade, de como reunia alguns aqui e ali nos lares e nos

lugares de amigos que traziam vizinhos e pessoas em quem podiam confiar, para que nos pudéssemos reunir e ter verdadeiramente comunhão. Penso muitas vezes nesses primeiros séculos, nesses primeiros dias, quando era de facto uma coisa perigosa e difícil ser cristão. Um dia tenho de te contar mais sobre mim.

Tudo o que te posso dizer agora é isto, filha: que continuo a fazer o trabalho de Deus, esforçando-me por espalhar a verdade da sobrevivência, esforçando-me por confortar os que choram e, acima de tudo, esforçando-me por elevar a humanidade para um plano superior de pensamento e dar-lhes uma consciência da realidade de Cristo; sabendo que com Ele todas as coisas são possíveis, sabendo que no Seu poder e no Seu amor somos verdadeiramente abençoados, verdadeiramente nos é dada a oportunidade de passar das trevas para a luz. Verdadeiramente somos abençoados, minha filha.

Foste grandemente abençoada de muitas formas. Sei que há alturas em que desejas certas coisas, que desejarias benefícios materiais para que pudesses ter mais tempo, oportunidade e lazer para fazeres o trabalho do Espírito. Sei que todos os teus anseios materiais têm puramente uma base espiritual, com um desejo espiritual por trás deles, e como está no meu poder, de tempos a tempos, de te assistir e ajudar, assim o faço. Com isto digo-te: ser-te-á dado o poder, a oportunidade e a força para continuares o teu trabalho até ao momento em que soubermos que o teu trabalho na terra terminará. Mas não terás mais necessidade de cuidado, nem mais necessidade de ansiedade em relação às coisas. De facto, filha, digo-te: cada hora da tua ronda do dia é uma bênção, mesmo que existam momentos tristes, mesmo que existam momentos em que estás um pouco perplexa e incerta; mesmo nesses momentos — de facto, nesses momentos — estou eu mais estreitamente associado e ligado a ti.

De facto, nesses momentos em que sei que mais precisas de mim, estou lá. Não tenhas medo do amanhã, filha, pois o que está para vir é bom, e as oportunidades nele são muitas, e muitas são as bênçãos que serão derramadas sobre ti. Tudo está bem, minha filha, pois trabalhas com o poder do Espírito Santo, e o Espírito Santo não pode falhar. Eu e todos aqui que estamos reunidos ao teu redor damos-te o nosso amor, a nossa paz e a nossa bênção. Segue em frente com força, sabendo que tudo está bem, pois aquilo que fazes é o trabalho de Deus. Entre os Seus filhos, de facto, és abençoada. A paz esteja contigo, filha. Adeus.

Sessão 10361

IRMÃO JOHN: Parece haver muita hilaridade, embora fiquemos sempre felizes por te ver feliz.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: Percebemos muito bem como no vosso mundo a tristeza prospera. Que sol raro deve ser, nas vossas vidas maçadoras e sombrias, ser-se feliz às vezes. A felicidade é uma coisa passageira. Tentamos ser o melhor que podemos, geralmente. Mas hoje sinto que devo estar em forma muito especial.

PARTICIPANTE: Não, sê apenas tu próprio.

IRMÃO JOHN: Vejo que tens essa máquina, como lhe chamas, que grava tudo o que dizemos. E percebo que ela pode ser usada, reproduzida para muitas pessoas que estão ansiosas por saber a verdade da vida após a morte. E, portanto, devo ser particularmente bom hoje.

PARTICIPANTE: Deves.

IRMÃO JOHN: Sinto-me muito impelido hoje a falar sobre o serviço. Existem muitos no vosso mundo que chegaram a esta verdade, que a perceberam, e que desejam tornar-se verdadeiramente servos. E muitos deles, infelizmente, não percebem o que isto pode acarretar, quão essencial é que, quando se vai servir a Deus e fazer o trabalho ministerial do Espírito, quão essencial é colocar-se em último lugar. A tragédia de tantos no vosso mundo que estão a fazer este trabalho é o facto de que, muitas vezes, esquecem a dívida que têm para com o Espírito. Não que a consideremos, num sentido, uma dívida. Pois tudo o que fazemos, fazemo-lo com amor e afeição, desejando fazer aquilo que é para o bem de todos os interessados.

Mas, às vezes, ficamos horrorizados com a frequência com que instituições que começam tão sinceramente, tão ansiosamente por servir, assumem ares, elegâncias, e olham para si mesmas como algum fenómeno removido das pessoas comuns ao seu redor; e como muitas vezes são colocadas em pedestais, e como se sentem frequentemente tão importantes. Muitas vezes vemos que o instrumento humilde é aquele através do qual podemos fazer o trabalho de forma mais plena, mais segura. Abomina-nos, por vezes, quando percebemos as barreiras que são erguidas pelo ego do instrumento. E muitas vezes a mente do instrumento impõe-se de tal forma que o nosso canal limpo é bloqueado e impedido, e a mensagem é distorcida. E conheci muito bem casos em que o que poderia ter sido uma grande mediunidade foi alterado e, de facto, tornou-se um desperdício, e a mensagem não pôde ser dada.

Podes perguntar-te por que falo desta forma, mas sinto agora que tens esta máquina, que é importante que se possa chegar àqueles que estão a iniciar o caminho no serviço, cheios de desejo de fazer o que é certo e de se tornarem verdadeiramente instrumentos no sentido mais pleno. Quero avisá-los dos perigos, principalmente dos perigos que residem neles próprios. Pois, para muitos, uma pessoa comum que desenvolveu alguma faculdade ou faculdades do psíquico ou espiritual, após algum tempo vê-se procurada. As pessoas caem em cima delas, fazem-lhes festas, dizem quão maravilhosas elas são, e com o tempo elas começam a acreditar nisso.

E em consequência, em vez de se tornarem de mentalidade espiritual, tornam-se, inconscientemente ao início, de mentalidade material. O instrumento que deseja servir deve esquecer o eu. Colocar o serviço em primeiro lugar, em vez de em último. Conheço as fraquezas, particularmente daqueles que talvez tenham passado pela vida, sem dúvida em grande medida, no sentido material. Eles colocam os seus pensamentos e as suas mentes nas coisas do espírito, mas ao fazê-lo, muitas vezes perdem as próprias coisas que as ligam a eles.

Digo que todos aqueles que devem servir o espírito devem ser do espírito, e deverão a seu tempo perceber quão importantes são apenas no sentido espiritual. As coisas no mundo da carne tornam-se cada vez menos importantes quando percebes a importância da realidade das coisas no sentido espiritual. É importante, por outras palavras, ter equilíbrio; perceber que, embora possas estar num sentido justamente orgulhosa por ser de serviço, deves sentir o tipo certo de orgulho — orgulho em realizar o trabalho de Deus entre os Seus filhos, em ter tido o privilégio de ser usada, de ser desenvolvida, de fazer este serviço e este trabalho.

O homem deve perceber que ele próprio, dentro de si, detém a chave que pode abrir todas as portas do conhecimento espiritual. Mas deve estar certo de que, quando o faz, é capaz de — se necessário e por vezes essencialmente — perceber que estas portas, que estiveram fechadas por tanto tempo, só podem por vezes ser empurradas suavemente e não podem ser escancaradas até ao momento em que o indivíduo em questão seja forte o suficiente, espiritual e mentalmente, para resistir ao teste. O teste está sempre lá.

As pessoas não percebem. Muitas vezes entrámos em contacto com médiuns que dão a impressão de que sabem todas as respostas, e que todas as portas lhes foram abertas, e que viram as paisagens mais além. Há tanto que ainda não pode ser revelado. Há tanto que seria impossível para o cérebro humano assimilar e compreender. Muitas vezes as pessoas fazem perguntas às quais o próprio médium, por muito desenvolvido que ele ou ela seja, não

consegue necessariamente responder. Devemos lembrar-nos de que deve haver equilíbrio em todas estas coisas; que, enquanto estás na terra, enquanto estás de facto confrontada com as questões da tua vida, cercada pelos seus problemas e preocupações, enquanto existes entre tais vibrações, deve haver, até certo ponto, um controlo sobre o teu conhecimento espiritual.

Mas isso não significa que uma grande revelação não possa chegar até ti. E se o instrumento for particularmente sincero na sua abordagem ao seu chamado, e seguir as boas instruções daqueles em quem pode confiar e cuja identidade e bondade tenha provado, nada é impossível com o tempo. Mas deve-se lembrar de que só pode haver, por assim dizer, um gotejar das águas da vida espiritual; porque não faria bem a um homem sedento beber depressa demais e em demasia, mas o gotejar suave da verdade que vem sacia a sua sede e ajuda-o a construir a sua força e a ver com mais clareza; e então, gradualmente, ele pode assimilar mais, e tudo pode ser dado a seu tempo.

Paciência, perseverança, fé e, acima de tudo, a perceção de que és chamada a servir como um instrumento no trabalho de Deus — estas coisas combinadas trazem verdadeiramente uma grande promessa. Por muito tempo estive contigo. Esforcei-me contigo. Esforcei-me de tantas formas. Guiei os teus passos. Estimei-te e cuidei de ti, para que pudesses de facto seguir em frente com maior força para fazeres a vontade do Pai. Estou felicíssimo e satisfeito com o que foi feito, mas prevejo, como já te disse frequentemente, um serviço maior no futuro.

Enquanto estás na terra, és um instrumento que eu e outros treinámos, e virás de boa vontade e alegremente a nós, em fé, em sinceridade e em amor; e o laço entre nós é grande e não pode ser quebrado. Quando segues para fazeres o trabalho, sabes que estamos lá, porque às vezes, naturalmente, sendo humana, tens as tuas dúvidas e receios. Não são realmente dúvidas e receios em relação a nós, mas são dúvidas e receios em relação a ti própria. Por outras palavras, filha, mantiveste a tua humildade. Não te tornaste, como tantos se tornaram, pontuante e cheia de importância. Não te tornaste uma daquelas que sabem todas as respostas. Contentas-te em ser um instrumento no sentido mais verdadeiro e, portanto, o laço entre nós é fortalecido. E quando sobes ao palanque, embora o teu lado material possa às vezes tremer, porque por natureza não és do tipo que se empurra para a frente, mas porque sentes o impulso do espírito por trás de ti, tu fazes estas coisas.

E na tua fé, removeste montanhas, embora nem sempre tenhas estado consciente disso. O laço entre nós é tal que nada é realmente impossível. O poder do espírito e o amor do espírito rodeiam-te e dão-te força, dão-te coragem para fazeres este trabalho. E sei que faremos coisas maiores. E

àqueles que venham a ouvir esta gravação, eu digo: se estão a pensar em tornarem-se um instrumento, percebam e lembrem-se de que é na humildade, na quietude do espírito, na entrega de todo o amor que têm a Deus e aos Seus anjos; na perceção de que tiveram o privilégio de serem chamados para realizar um trabalho. Por outras palavras, esquecerem-se de si mesmos no serviço amoroso. Esta, de facto, é a chave. Ela torna possível o abrir das portas do conhecimento e da inspiração. A todos vós que servis, onde quer que estejais, a bênção do Espírito Santo esteja convosco.

Segui em frente com força, amor e humildade, fazendo o trabalho do Altíssimo, servindo os filhos da terra para iluminar a sua escuridão, para os tirar das profundezas e levá-los às alturas da verdade e da perceção, para que possam ver e conhecer as coisas que vos foram dadas. Segui em frente com força e amor, e saibam que estamos convosco sempre. A minha paz para ti, minha filha, tem boa fé e bom coração, pois grande força te é dada para que possas ainda continuar o trabalho do Espírito pelos anos que se estendem à frente.

O nosso laço é forte e o nosso amor é mais forte. A minha paz esteja contigo, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim, filho. Só quero dizer que, desde a última vez que vim, me sinto muito melhor comigo mesma e mais feliz comigo própria.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. E sinto que estás muito melhor. Os médicos e os curadores, incluindo eu próprio, temos estado contigo constantemente, e sabemos que a tua saúde irá melhorar. Sabemos que melhorou e continuará a melhorar. Pois és valiosa para o trabalho do Espírito. Quero que mantenhas o teu apego às coisas da vida, para que possas tornar-te ainda mais verdadeiramente chamada um instrumento da vontade de Deus, minha filha.

PARTICIPANTE: Espero mesmo que sim.

IRMÃO JOHN: Não desesperes. Tem fé. Tudo está bem contigo. Agora tens sorte.

PARTICIPANTE: Não tenho? Espero que a tua máquina funcione bem agora.

IRMÃO JOHN: Sim, espero que sim.

PARTICIPANTE: Eu estava a esperar que a Maria pudesse dar um salto aqui no fim, mas suponho que não possa.

IRMÃO JOHN: Não devo acreditar nisso. Está tudo bem. Chega o momento, especialmente para ti e para a tua máquina, sabes. Porque sei que estás muito ansiosa por tê-lo ali gravado, para poderes ouvir e reproduzir para

as pessoas que estão interessadas. E é tão maravilhoso saber que o tens. Estamos muito felizes por ti. Vês, tudo chega se fores paciente e perseverante. E tiveres fé, sabes. Abençoada sejas. Toda a minha bênção para todos. Adeus, filha. Adeus, Annie.

PARTICIPANTE: Por que lhe chamas Annie?

IRMÃO JOHN: Annie Daisy. Annie Daisy. Tu és a Annie, não és?

PARTICIPANTE: Não.

Sessão 10663

IRMÃO JOHN: Mais uma vez somos capazes de ter alguns momentos do tempo da Terra para confessarmos juntos. Não preciso de te dizer que estes momentos preciosos significam muito, não apenas para mim e para ti, mas para todos aqui. Pois quando venho e transmito a mensagem, as almas aqui presentes, embora não falem, são muito reais, muito conscientes de facto das necessidades da Terra.

E eu falo em nome delas, e emano também o seu poder e o seu amor. Não falo apenas por mim próprio. Muitos são aqueles, filha, que manifestaram o poder do amor do Espírito, para que, à sua própria maneira, possam capacitar outros que procuram encontrar a verdade.

Sabes, filha, sinto muitas vezes, quando estamos reunidos assim, que há muito que poderia ter sido dito, muito que poderia ter sido dado. Sinto tantas vezes que deixei por dizer inúmeras coisas. Pergunto-me se não seria bom se, por vezes, viesses preparada com perguntas.

PARTICIPANTE: Bem, acho que normalmente, claro, não podemos falar de tudo, é natural. Não sei o que disseste [que faltou]. Tenho a certeza de que preencheste frequentemente as coisas de que eles precisavam, e agora tento transmiti-lo a outros.

IRMÃO JOHN: Eu tento colher as rédeas, por assim dizer, do pensamento, para que possa transmitir-te, em cada ocasião, certas coisas que me parecem mais necessárias, mais carentes. Tento recapturar coisas que sinto que responderão a perguntas, não apenas da tua autoria, mas perguntas que talvez te tenham sido feitas por outros do teu lado.

PARTICIPANTE: Bem, na verdade, várias pessoas que leram as outras [transcrições] perguntaram: "Quando é que o Irmão John nos vai contar mais sobre Cristo, a sua missão, a sua vida e as coisas que estavam erradas com isso?".

IRMÃO JOHN: Seria desejável, do ponto de vista de muitas almas no teu mundo, que eu discutisse a minha própria vida, em particular a vida de Cristo, em relação ao Mestre Jesus. Poder-se-ia, de facto, falar longamente, porque há tanto que se pode dizer em relação aos seus esforços. Estamos sempre conscientes da necessidade no teu mundo da verdadeira perceção do Espírito de Cristo. Estamos sempre a esforçar-nos por transmitir, em medida, o nosso conhecimento e perceção do que esse poder — o poder de Cristo — pode alcançar.

Mas não nos deve afetar o facto de muito do que daríamos não poder ser claramente definido, não poder ser claramente retratado ou descrito em palavras. Um dos nossos principais problemas, de facto, tem sido um problema ao longo das eras: o facto de os do Espírito conseguirem transmitir em palavras as coisas do Espírito. O próprio Cristo, embora tenha alcançado muitas coisas, embora tenha de facto dado ao mundo do seu tempo a maior manifestação do poder do Espírito, até ele percebeu que havia limites para o que podia ser feito, para o que podia ser alcançado.

O próprio Cristo estava sempre consciente das próprias condições que tinha de assaltar, de vencer. E ele sabia que, porque o poder do Espírito é tal, que até certo ponto deve ser afetado pelos pensamentos e pelas condições de vibrações e coisas materiais, ele percebeu que, embora pudesse alcançar muito, não podia esperar ganhar tudo, não podia esperar vencer todas as dificuldades e os problemas que estavam sempre a surgir. Houve momentos em que, claro, ele foi capaz de realizar o que o mundo chama milagres.

Um milagre, obviamente, é algo que só é um milagre quando não compreendes como funciona, mas tudo é da lei natural. Cristo percebeu o poder que podia ser manifestado, particularmente em certas alturas, quando reunia em redor de si certas almas, certos discípulos; homens que ele próprio tinha escolhido, não apenas pela sua sinceridade de propósito, e porque cada um tinha um forte desejo de o seguir, porque ele sabia que eles tinham a possibilidade dentro de si de se tornarem verdadeiramente professores e seguidores no sentido mais elevado, mas ele sabia que eles tinham o que chamas força ou poder espiritual e psíquico, e sabia que eles próprios podiam ser instrumentos. Ele sabia, claro, bem antecipadamente, que não ficaria no plano da terra por muito tempo, mas que seriam necessários aqueles que seguissem os seus passos, e os que fossem escolhidos tinham de ter esta perceção plena do poder do Espírito, para que fossem capazes de o manifestar e demonstrar, se necessário.

Cristo estava sempre a demonstrar o poder do Espírito Santo. Ele sempre soube e compreendeu o que podia ser alcançado por ele. Ele sabia que, num

sentido, não havia limitação para o poder do Espírito; que a única limitação que poderia existir seria aquela que o próprio homem tivesse criado ou estabelecido pelo seu próprio pensamento e condição.

Existem muitas coisas que hoje, sem dúvida, intrigam e causam preocupação até entre os chamados cristãos. Existem muitas outras coisas que o próprio Cristo alcançou, que para muitos hoje parecem impossíveis. Por outro lado, a maioria das pessoas sente na sua mente que a era dos milagres passou e, no entanto, nós sabemos que não existe tal coisa como um milagre. Um milagre é apenas algo que não compreendes e de que te maravilhas e, portanto, é um milagre. Mas quando compreendes as leis da natureza, quando compreendes as leis do Espírito, quando percebes a tremenda força e poder que podem ser invocados, então todas as coisas são possíveis. Cristo foi capaz de curar os doentes, de curar aqueles que estavam à porta da morte e, de facto, em certas instâncias, de ressuscitar os chamados mortos.

Estas coisas não são milagres. Estas coisas são ordens naturais que são seguidas, e que são trazidas à existência pela fé, pelo poder do amor. Se o homem tem fé, isso de facto torna possível alcançar todas as coisas. E no entanto, minha filha, sem ela não poderia haver verdadeira perceção da vontade e propósito de Deus. Sabes que muito tem sido alcançado pela fé no teu mundo, tanto que alguns poderiam quase dizer que foi um milagre. Consigo pensar em muitos casos de pessoas comuns, simples, que não tiveram o que chamarias de oportunidade através de um sentido de coisas materiais, mas que alcançaram muito mais do que muitos que tiveram ordem, comando, não apenas contexto em educação e dinheiro, mas tiveram todas as oportunidades e, no entanto, não alcançaram nada.

E no entanto aqueles que nada têm, pelo que parece oferecer, têm o máximo e alcançam o máximo. Sabes, filha, eu sempre tive uma fé tremenda em ti. Sempre tive tal fé em ti que sei que poderias fazer o trabalho e a vontade do Pai, que poderias fazer as coisas que Jesus disse que os seus discípulos deveriam fazer. Ainda tenho fé que tu irás, mesmo agora, fazer grandes coisas, não apenas para trazer ensinamentos e conhecimento a todos os homens, mas sendo capaz de realizar o que o mundo chama os milagres. É possível.

PARTICIPANTE: Sim, querido, querido, isso faz-me sentir tão responsável e eu quero tanto, e tu fazes tudo o que queres que eu faça, e depois sinto que sou tão pequena.

IRMÃO JOHN: Mas é bom ser humilde, filha. É bom perceber que dentro de nós mesmos somos como nada, mas com o poder do amor divino todas as coisas são possíveis. Portanto, quando estás como estás muitas vezes,

tomada pelo poder do Espírito Santo, elevada, então de facto és capaz de fazer estas coisas de que Jesus falou.

Pela fé sois curados. Pela fé sois capazes de fazer as coisas que são de Deus, e de facto verdadeiramente sois capazes de fazer as coisas que não apenas beneficiarão a raça humana, mas que te trarão a ti mesma, pessoalmente, para mais perto da Divindade. É nesta simplicidade que reside a grandeza: a fé que alguém tem que, de facto, o elevará para tornar possível tornar-se verdadeiramente um com os poderes do Espírito no sentido mais elevado. Tu tens um grande poder, filha, maior do que sabes.

PARTICIPANTE: No entanto, Pai John, o próprio ato da passagem da minha amiga Sra. Moore para fora daquela casa deixou-me vazia.

IRMÃO JOHN: Filha, como podes dizer-me que ficaste, por assim dizer, vazia? Tu que por tanto tempo conheceste esta grande verdade, tu que a demonstraste e deste conforto a muitos, não sentes tu própria, pressentes e percebes que em todo o teu redor está este poder incalculável? Não percebes que todas as almas vieram a ti, e até ela de quem falas?

PARTICIPANTE: Sim, eu percebo tudo isso, mas ela tinha naquela casa uma grande influência estabilizadora. Eu pensei, Pai John, no que disseste sobre eu ter vivido muitas vezes antes, e pensei: "Bem, deu-me grande força espiritual e segurança porque sinto que, se passei por uma época com muito mais stress e tensão do que esta, certamente posso alcançar espiritualmente nesta, porque há muito menos... não sei, não pode ser tão mau como a última em que vivi antes".

IRMÃO JOHN: Mas a interpretação do homem sobre o que é mau, o que é bom, muitas vezes, é uma variante da verdade. Eu sei, claro, o que queres dizer sobre vidas más. Talvez se pudesse até dizer, num sentido, que certas vidas que tiveste de viver foram muito mais difíceis, não necessariamente más. Mas isto eu sei: nesta tua vida presente, embora tenha tido a sua angústia, embora tenha tido as suas desilusões — e sei que te sentiste talvez mais sozinha — ao mesmo tempo, trouxe benefícios, trouxe oportunidades, as quais não poderiam ter existido se não tivesses, em consequência, experienciado muitas das coisas que te causaram maior preocupação.

De facto, aprendemos através do sofrimento; ganhamos a nossa maior força, o nosso maior conhecimento e experiência. Sinto que tens ainda de atingir um ponto que trará para ti o culminar de todos os desejos do teu coração. Irá chegar. Existe um grande júbilo ainda à tua espera, do qual ainda não tens conhecimento, mas está para vir, e trar-te-á uma felicidade maior do que qualquer coisa que pudesses ter concebido.

É por isso que te digo sempre: tem fé, sê paciente, faz tudo o que puderes em amor e em harmonia. Não sejas impaciente com aqueles que te rodeiam, embora seja humano sê-lo. Sê tolerante, sê clemente, sê compreensiva. Emana amor em todos os momentos. Sei que não é fácil transigir, e não sugiro que seja algo bom; de facto, em certas instâncias é. E mesmo assim, embora não se goste de o fazer, eventualmente verás que foi a melhor coisa. Sê paciente. Não te sintas demasiado preocupada; deves acreditar que eles podem, em si mesmos, ver um caminho melhor. Há alguns que são egoístas, e no entanto, à sua maneira...

Sessão 10663 – Parte 1

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoado sejas, Irmão John, querido. Aniversários. Quão importantes parecem, particularmente para aqueles na Terra. Aniversários, datas festivas, ocasiões especiais. Um presente de recordação. A importância das efemérides. Estas coisas do passado. Estas ocasiões especiais destacam-se através do próprio tempo.

Embora nós deste lado não estejamos tão preocupados com ocasiões materiais, no entanto, até certo ponto, temos memória. E estamos gratos pelas muitas coisas que nos abençoaram. Muitas das coisas que, de facto, foram difíceis e tristes enquanto na Terra. Pois destas coisas aprendemos, destas coisas crescemos. Quando uma alma atinge um lado da vida atemporal, é difícil para ela ajustar-se imediatamente ao seu novo ambiente. Todo o seu pensamento, muito naturalmente, é do passado. Aqueles que deixaram para trás. O seu maior desejo é comunicar, contactar e, se possível, confortar aqueles que deixaram.

Mas muito em breve começam a ajustar-se à sua nova existência. Estão rodeados pelos seus entes queridos, os seus amigos que partiram antes. E o passado e o presente tornam-se um só, e o futuro que se estende diante deles é a parte mais importante da vida. Sabemos muito bem quão tristes, sozinhos e deprimidos muitos de vós na Terra devem ficar às vezes, particularmente aqueles que são deixados sós a chorar por aqueles que partiram antes.

A tarefa do espiritualismo, certamente, não é apenas trazer conforto aos que ficam, trazer essa segurança de uma vida contínua, a perceção de que a vida diante do homem se estende por toda a eternidade. A mente da Terra não consegue captar o significado da eternidade. E nós, que vimos a vós, podemos dar-vos apenas uma vaga ideia do que isso significa.

Aqueles no vosso mundo que estão tão preocupados com o processo de morrer não precisam de ter medo, embora possa haver uma causa no sentido

material para o temer devido à natureza da enfermidade e da doença. No entanto, a libertação do espírito do corpo é o seu maior aniversário de todos. Ser uma vez mais envolvido no reino do espírito de onde veio, ser libertado da dor e do sofrimento, regozijar-se com aqueles que partiram antes de vós, sentir-se completamente livre para ser, para ser verdadeiramente uma das almas da vida eterna — certamente, este é de facto o tempo para regozijo.

Mas, claro, aqueles no vosso mundo que habitam no aspeto materialista e não conseguem captar o pleno significado desta grande verdade, percebemos que as suas necessidades são...

Sessão 10663 – Parte 2

IRMÃO JOHN: Existe uma e apenas uma forma na qual se pode alcançar e, de facto, ter sucesso no trabalho do Espírito: e essa é ir sempre em frente com amor no coração. Fizeste ao longo dos anos muitos serviços ao Espírito e aos filhos da terra. Há alturas em que talvez sintas que não estás a fazer muito, quando talvez sintas que existem demasiados obstáculos e, no entanto, de alguma forma, é-te dada a força para lutar e muitos dos obstáculos gradualmente, um por um, são removidos.

E assim é que vejo, como já te disse antes, estas mudanças que são necessárias e essenciais para o prosseguimento do nosso trabalho conjunto, quando te tornarás cada vez mais livre, recebendo cada vez mais oportunidade para servir. Há alturas em que talvez te sintas um pouco deprimida, possivelmente às vezes devido à saúde. Sei que não tens estado muito bem, mas foi algo passageiro e estás fortalecida novamente para, por algum tempo, continuares a fazer o trabalho como prometido.

PARTICIPANTE: Fiquei muito grata pelo poder extra maravilhoso que o Rapture Elm deu durante os serviços e conseguia ver este roxo profundo belíssimo cada vez que subia para o serviço.

IRMÃO JOHN: Tudo o que está, filha, ao teu redor é uma aura de grande poder. É uma mistura da tua e da nossa. E se pudesses vê-la, acho que ficarias verdadeiramente espantada. Roxo e azul são as cores principais. Existe também um verde e um tom pastel.

Sabes, os tons da aura são importantes e, de facto, quando vais realizar uma reunião, muitas vezes és atraída para um indivíduo, não apenas pela ligação do espírito, do ponto de vista de parentesco, mas também pela mistura da aura. Não significa necessariamente que seja sempre assim, mas muitas vezes é. Porque quando estás sintonizada — como frequentemente estás, talvez até inconscientemente para ti — com certos indivíduos, os indivíduos em questão estão em harmonia e sintonizados com as tuas próprias condições. E eles recebem as mensagens. E eles são aqueles que, de facto, somos capazes de ajudar mais.

PARTICIPANTE: Obrigada. Estás contente com a forma como estou a conduzir este curso?

IRMÃO JOHN: Sim, filha, claro que estou contente com isso.

PARTICIPANTE: Eu acolheria qualquer ajuda se sugerisses algo que eu pudesse fazer.

IRMÃO JOHN: Não, filha, porque estás a ser impressionada. Estás a ser inspirada quanto ao que dizer e o que fazer. E este círculo que foi formado tem uma grande promessa. E, de facto, crescerá.

PARTICIPANTE: Eu compreendo.

IRMÃO JOHN: E a partir dele seremos capazes de ajudar muitas almas. Porque aqueles que se sentam contigo desenvolverão os seus próprios dons e serão também servos como tu és. Mas eles devem ser pacientes. Devem perceber que apenas pelo amor, pela tolerância, pela sabedoria espiritual e entendimento podem eles esperar alcançar. Nós não esperamos, como eu já...

Sessão 11263

IRMÃO JOHN: Mais uma vez somos capazes de romper a barreira entre o nosso mundo e o vosso, para estabelecer este contacto que é tão importante para todos nós. Agora, sempre que vimos para nos manifestar, estamos sempre conscientes das tremendas necessidades de todos os povos da terra. Estamos também muito conscientes da grande responsabilidade que é colocada sobre nós e sobre aqueles que usamos como nosso pretexto.

Compreendemos muito bem as muitas dificuldades que cercam o caminho daqueles a quem servimos. Quando nos esforçamos por servir num sentido espiritual no nível mais alto possível, existem muitas, muitas dificuldades e complicações nas condições e vibrações terrenas com que temos de lidar. Sabemos muito bem que tu própria, por exemplo, tens os teus problemas e as tuas dificuldades.

Mas, ao mesmo tempo, apesar disto, os laços entre nós estão a ser constantemente fortalecidos. Estamos conscientes, de facto, das tuas necessidades, como muitas vezes te disse, e porque compreendemos muito mais plenamente do que talvez possas imaginar todas as dificuldades da tua vida terrena. Estamos conscientes do facto de que fizemos progressos juntos no nosso trabalho e de que estamos, de facto, a ir lenta mas seguramente em direção àquele objetivo que estabelecemos para nós próprios.

À medida que vamos contigo no trabalho do Espírito, enquanto abrimos, por assim dizer, a porta um pouco mais, percebemos cada vez mais quão necessário é para nós esforçarmo-nos ainda mais para perceber cada vez mais as necessidades de números incontáveis de pessoas que procuram e certamente se esforçam — em alguns casos, pelo menos — por encontrar o caminho e, tendo-o encontrado, percorrê-lo. Há alturas em que talvez estejas desanimada. Isto é humano e natural.

Há alturas em que talvez possas sentir muito bem que os anos passaram; anos nos quais talvez pudesses, se tivesses tido a oportunidade, ter feito muito mais. Mas não é no passado, minha filha, que somos tão importantes, embora possa bem sê-lo, porque foram os anos transformadores, foram os anos...

Sessão 11270

IRMÃO JOHN: Bom dia, minha querida.

PARTICIPANTE: Olá, Irmão John, querido.

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Esta [sessão] é inesperada.

IRMÃO JOHN: Para mim não. De forma alguma é inesperada para mim. De facto, antecipei que virias falar comigo; talvez mais cedo do que tinhas antecipado.

PARTICIPANTE: Bem, eu não gravei a última, infelizmente.

IRMÃO JOHN: Não, não, não importa. Deves perdoar-me um momento, por favor... Estávamos a falar da última vez sobre o novo contexto que estávamos a tentar estabelecer. Num sentido, não novo, mas novo do ponto de vista de sermos capazes de conversar, como de facto espero que particularmente estes amigos que tenho em mente sejam capazes de o fazer — particularmente o nosso querido amigo, Vail Owen, que tem o desejo de contactar e conversar; e tenho a certeza de que ele terá muito de importante e

de interesse para transmitir, o que será de grande interesse e valor para aqueles no vosso mundo que procuram a verdade.

Claro que, como bem sabes, existem sempre muitas complicações e dificuldades; e com alguém como o nosso amigo, que tinha tanto conhecimento desta verdade enquanto ainda estava na terra, no entanto é uma coisa extraordinária, particularmente quando alguém está aqui como ele há vários anos e entrou e estabeleceu-se numa nova vida cheia de interesse, cheia de oportunidade, na qual ficou muito imerso. Quando o desejo e a tentativa são feitos para comunicar com a terra novamente, não é necessariamente fácil. De facto, é claro, nunca é fácil para qualquer indivíduo estabelecer um contacto. Existem certas coisas que se devem compreender e certos problemas que surgem e dificuldades que devem ser superadas; mas é muito mais difícil para uns do que para outros, mesmo que tenham tido muito conhecimento de assuntos psíquicos, como lhes chamas.

Trata-se, claro, de uma questão de abordagem individual, de o indivíduo ser capaz de afirmar a sua personalidade, de ser capaz de romper certas barreiras que se erguem — às vezes inconscientemente, no entanto, barreiras muito reais. De facto, existem tantos problemas em relação à comunicação, dos quais a pessoa comum do vosso lado sabe pouco ou nada, e em particular no que é termo "voz direta". Existem todo o tipo de complicações e é, num sentido, mais difícil.

Vês, por exemplo, existem tantas almas deste lado da vida que são capazes de comunicar mentalmente muito melhor do que são capazes de comunicar de uma forma mais física; porque quando se comunica de uma forma física, significa que se tem de entrar em condições materiais muito mais definidas e estar associado a coisas materiais, e também as várias outras almas têm de preparar o caminho. Existe um pequeno grupo de cientistas cuja tarefa é tornar possível, em primeira instância, comunicar. Mas muito tem de acontecer, o que é, num sentido, muito mais numa base material e física, para aqueles que progrediram até certo ponto deste lado e que aprenderam e são capazes, claro, de comunicar mentalmente.

Para eles, num sentido, é mais difícil, porque tudo o que talvez não afetasse muita gente, não os perturbaria de forma alguma, poder-se-ia dizer. Para aqueles que progrediram muito espiritualmente, as condições materiais em redor da terra, claro, são muito, muito difíceis de penetrar e às quais se ajustar. É quase como se, ao comunicar de uma forma material e física como esta, tivesses de estar consciente e ser capaz de vibrar — suponho que seja a palavra — em dois, às vezes até três níveis de consciência e condição ao mesmo tempo, o que não é fácil.

Se estás a pensar e a criar, por assim dizer, e a manifestar-te no teu próprio ambiente num certo nível e comprimento de onda ao qual estás habituado e que te é natural, isso é uma questão simples. Num sentido, poder-se-ia dizer que o mesmo é verdade na terra. É fácil para a pessoa média na terra — a menos que haja algo social, orgânica ou fisicamente errado com ela — manifestar-se naturalmente com liberdade, sem esforço, no vosso plano, porque ela está, por assim dizer, sintonizada e em harmonia com ele. Estão a viver sob condições físicas e materiais.

Em qualquer vibração que estejas, quer seja na terra, quer seja no astral ou quer seja nos planos espirituais mais altamente evoluídos, desde que, claro, estejas em harmonia com essas condições em que tens a tua existência e ser, tudo é naturalmente fluido e comparativamente fácil. Mas é este vir de esferas, finalmente removidas da terra, transmitindo-se quase, poder-se-ia dizer, num sentido físico para se manifestar numa taxa de vibração e condição muito mais baixa e grosseira... este é o problema.

E Owen, como muitas outras almas aqui, que fez uma progressão espiritual tremenda, encontra estas dificuldades que esperamos que sejam superadas. No meu próprio caso, claro, tenho comunicado há tanto tempo que se tornou quase uma segunda natureza para mim. Sou capaz de me manifestar sem qualquer esforço real e transmitir os meus pensamentos e a minha mensagem. E consigo acomodar-me ao ponto de conseguir limpar o caminho ou clarificar, se preferires, a atmosfera e as condições o suficiente para me permitir comunicar razoavelmente durante algum tempo quando tendes estas sessões.

Agradeço muito o teu esforço. Mas sinto que existem muitas pessoas no teu mundo — mesmo que sejam espiritualistas como tal, que têm algum conhecimento desta verdade e às vezes imaginam que têm muito conhecimento — que não percebem quão difícil pode ser quando alguém vem de uma forma mais física, um sentido de comunicação mais físico particularmente; quão difícil é tornar-se, por assim dizer, num nível de consciência, num nível de manifestação, de modo que aquilo que desejamos transmitir seja ouvido, no caso da voz, ou qualquer que seja a forma de manifestação que tome. Que seja suficientemente clarificado, tornado definido e, se for materialização, de facto, visível. Vês, existem tantos problemas que acho que devem escapar a muita gente.

PARTICIPANTE: Existem muitos médiuns que não entram em transe, que estão conscientes, por assim dizer, do que está a ser dito através deles.

IRMÃO JOHN: Absolutamente. Sim. Aqui deparamo-nos, até certo ponto, com um problema: se a mediunidade é de boa qualidade e existe

cooperação suficiente por parte do instrumento e existe aquela sintonia entre o guia particular e o instrumento, então tudo, falando geralmente, corre bem. Mas, claro, temos esta, infelizmente, suspeita, talvez, dentro de nós próprios — se somos um instrumento de integridade — de nos perguntarmos quanto está a passar claramente, quanto está a ser transmitido devidamente. É realmente muito difícil para o instrumento estar, suponho, completamente certo ou seguro dentro de si mesmo sobre o quanto pode, inconscientemente, interpretar mal ou, de alguma forma, inibir, talvez, a clareza da mensagem.

Isto só pode vir com a experiência: esta segurança de que tudo está bem do ponto de vista da comunicação. Sim. Obrigado. Mas acho que é tão importante que o instrumento, como tal, tenha fé absoluta e confiança de que está a ser usado e que está a ser, por assim dizer, obscurecido; que está a receber um canal limpo e que, se o indivíduo em questão que age nessa capacidade como instrumento tiver esse tipo de fé e permitir-se ser usado sem quaisquer dúvidas e hesitações, o canal que é limpo torna possível que a comunicação seja a 100% ou o mais próximo possível disso.

Claro que se poderia dizer — e poderíamos dizê-lo com verdade raramente — que, num sentido, não existe tal coisa como uma comunicação a 100%. Acho que, algures, deve haver, mesmo que às vezes inconsciente por parte do próprio comunicador, alguma interferência ou alguma dificuldade. Nem sempre sabemos, claro, até que ponto temos sucesso na nossa comunicação. Como bem sabes, toda a comunicação na sua forma básica é um processo mental, uma transmissão de pensamento para som, ou qualquer que seja o método usado para a comunicação. E é uma coisa bastante simples, no contexto de uma frase, uma palavra ser traduzida noutra forma, podendo às vezes até destruir a real intenção do que se pretendia dizer.

Mas estas são coisas menores, e acho que, ao longo de um período de tempo, as condições que são construídas entre os espíritos comunicantes, e os guias em particular, e o instrumento como tal, fazem com que, falando geralmente, a comunicação seja de uma ordem muito elevada e bastante bem-sucedida. Mas, com o Owen, estou certo de que ele fará tentativas, numa data posterior, para utilizar a tua mediunidade, para transmitir mensagens e falar através de ti. Quero particularmente que ele venha e fale aqui de tempos a tempos, porque sei que as mensagens que tu recebes saem, são ouvidas e são lidas; e acho que seria um bom plano e uma coisa boa se o Owen e talvez várias outras almas pudessem transmitir as suas mensagens, as quais serão, estou certo, iluminadoras e úteis. Para muitas pessoas que tiveram pouco conhecimento deste assunto, será, estou certo, como dizeis, algo que as fará sentar-se e prestar atenção.

PARTICIPANTE: Não é que eu esteja descontente connosco, sabes, gostaria que pensasses isso.

IRMÃO JOHN: Não, eu compreendo isso. Não sabes que venho falar contigo há tantos anos? E embora eu ame fazê-lo e tu ames que eu venha, e estejamos ambos felizes no contacto que temos juntos, acho que ocasionalmente seria muito simpático se pessoas como o Owen e outras almas pudessem vir, manifestar-se, para que pudesses alargar, num sentido, o âmbito do nosso trabalho.

PARTICIPANTE: Sim. Quero dizer que muita gente aprendeu a amar-te através dos meus textos (*scripts*).

IRMÃO JOHN: Obrigado. Mas não quero que penses por um momento, nem que ninguém pense, que vou gradualmente recuar para o segundo plano.

PARTICIPANTE: Eu espero que não!

IRMÃO JOHN: Por outras palavras, vou manter-me muito na linha da frente. Mas, de tempos a tempos, trarei visitantes para discutir várias coisas que tenho a certeza de que serão de interesse geral. E se, nas tuas viagens e comunicações com as pessoas, houver perguntas que elas gostariam de fazer, se as trouxeres, eu irei — se não eu próprio — encontrar outras almas que se esforçariam por lhes responder.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: Assim teremos pequenas sessões de perguntas e respostas, o que provavelmente trará vários aspetos desta verdade às pessoas, respondendo a alguns dos seus problemas e questões, o que será, estou certo, útil para muitos.

PARTICIPANTE: Tivemos uma conversa desta manhã antes de começares.

IRMÃO JOHN: O que foi?

PARTICIPANTE: O Frank estava a dizer que achava que nem toda a gente precisa necessariamente de ser vegetariana. O que pensas sobre o vegetarianismo?

IRMÃO JOHN: Bem, se tivermos de decompor este problema ou assunto em factos básicos, em primeira instância, diria que imagino — e estou certo de que assim é — que seria uma coisa muito boa ser-se vegetariano. Mas isto pode não ser necessariamente fácil para muita gente e, de facto, nalguns casos, sem dúvida que não seria sensato. Não estou a sugerir por um momento que toda a gente deva ser vegetariana.

Acho que possivelmente ao longo de um período de tempo — e não me refiro apenas a uma geração, mas ao longo de várias gerações — o cessar de comer carne seria uma coisa muito boa. Mas não assumo necessariamente que seria bem-sucedido para cada pessoa numa geração particular de tempo. Acho que é a mesma coisa em relação ao que se herda ao longo de gerações.

Vês, muitas das falhas, muitas das coisas que causam angústia na vida hoje, são o que foi passado, são herdadas de gerações anteriores. E muitos dos males do vosso mundo, muitas das coisas que perturbam e causam infelicidade — quer seja doença mental ou física, ou hábitos que se tornaram em si mesmos perniciosos, ou que talvez tenham destruído a felicidade ou o bem-estar do homem — estas coisas são frequentemente coisas que foram aceites e assumidas de uma geração para outra. Foram herdadas; de facto, poder-se-ia dizer que nasceram nas crianças de geração em geração.

Acho que esta questão de comer carne... embora ache que um indivíduo na sua vida poderia ser ajudado, e seria uma coisa boa para ele não comer carne e depender da vegetação e dos frutos da terra — isto seria uma coisa muito boa em si mesma. Mas o real benefício, digamos, não seria necessariamente sentido talvez até uma geração ou duas depois. Por outras palavras, acho que estas coisas devem levar tempo para produzir o seu efeito. Acho que a pessoa tem de se livrar disso, não necessariamente apenas fisicamente, vês.

Quando pensas em vegetarianismo, pensas no aspeto físico de comer, e neste caso de não comer carne, mas comer a vegetação e os frutos da terra e por aí fora. Isto, claro, pode ser muito bom e muito sensato para o indivíduo durante a sua vida particular. Mas o efeito real, digamos, como uma cura mundial, ou trazendo um melhor entendimento e um melhor modo de vida e um melhor sentimento entre os homens — que é, afinal, o que deveria fazer, porque retira a parte mais grosseira do eu, a falta de comer carne — isto não seria necessariamente sentido com grande benefício para a raça humana, digamos, talvez por várias gerações.

PARTICIPANTE: Sim, consigo ver isso.

IRMÃO JOHN: Não estou a dizer que não seria uma coisa boa para o indivíduo deixar de comer peixe, mas também devemos lembrar-nos de que o corpo tem estado habituado a isto desde o nascimento e, num sentido, está... eu ia dizer na corrente sanguínea, mas está também no aspeto mental: a necessidade de comer carne por várias gerações. Vês, isto é algo que tens de erradicar do teu ser, mentalmente bem como fisicamente. E embora possas ter sucesso fisicamente, mentalmente ainda pode ter um elemento e efeito perturbador, porque ainda existe o desejo subconsciente de carne.

E também estás o tempo todo a associar-te com o material físico e com os povos que comem carne. Vês, eu não vejo as coisas — isto é difícil talvez para as pessoas compreenderem — concordo que toda a gente deva individualmente fazer a tentativa de alterar, de mudar o seu aspeto mental e físico de vida; que se devam esforçar por se tornarem pessoas melhoradas mental e espiritualmente; devem fazer tudo o que lhes diga respeito pessoalmente para se elevarem. Isto é excelente, mas não altera o facto de que se continua no mundo material físico; continua-se a ser afetado por coisas materiais e físicas, particularmente pelos pensamentos e ações das pessoas em redor que não veem, pensam e agem da mesma maneira ou têm os mesmos sentimentos e emoções que tu possas ter sobre estas coisas.

Portanto, num sentido, até que isto se possa tornar mais geral — embora individualmente possas progredir, o que é bom e se deve fazer — é a perceção final de toda a humanidade trabalhando em conjunto harmoniosamente que importa. É aqui que a paz, a tranquilidade e a boa vontade entre os homens devem estar; é para isto que estamos a apontar. De todas as formas, individualmente as pessoas devem progredir, devem mudar, devem tornar-se melhores e mais conscientes das realidades e das coisas que importam; mas, a menos que isto esteja a influenciar as pessoas ao redor a pensar e fazer o mesmo, então individualmente podes progredir, mas não se está a alcançar o que nos propusemos fazer.

Por outras palavras, toda a gente deve tentar influenciar aqueles ao seu redor a pensar e agir da maneira correta, em acordo e harmonia consigo próprio.

PARTICIPANTE: Sim, mas conheço várias pessoas que são muito dogmáticas sobre isso e não acho que essa seja bem a atitude.

IRMÃO JOHN: Bem, acho que, em primeiro lugar, uma das lições mais importantes que se deve aprender na vida é nunca ser dogmático sobre nada. Podes ter opiniões fortes, podes ter opiniões que sentes estarem certas e nas quais gostarias que outros participassem e pensassem da mesma forma, mas ao mesmo tempo devemos lembrar-nos da verdade. A verdade final é uma combinação de muitas verdades; no processo de mudança, que deve vir à medida que se cresce cada vez mais em estatura mental e espiritual, existem muitos aspetos da vida que nos afetarão e que afetarão aqueles que nos são próximos e queridos. Aquilo sobre o qual podes sentir muita convicção hoje continuará a ser, e será sempre, uma verdade no próprio tempo. Na evolução do homem, será sempre uma verdade fundamental, mas pode ser apenas uma partícula da verdade, um aspeto da verdade.

A verdade maior está ainda por vir e por ser revelada. Estes são degraus. Nunca se deve ser demasiado inflexível sobre nada. Podes sentir que isto é o correto para ti — e sem dúvida que é — mas embora possas apontar o caminho aos outros, não os podes forçar a aceitar. Deve-se estar sempre de mente aberta e coração aberto, mas nunca ser dogmático.

PARTICIPANTE: Li um pequeno trecho ontem, supostamente dito por Lord Balfour, e ele dizia: "Nunca faças da verdade uma casa, mas apenas uma tenda". Viria o tempo em que o Senhor diria: "Levanta a tua cama e anda".

IRMÃO JOHN: Sim, isso é muito verdade. Vês, tanta gente pensa que constrói uma casa com alguns tijolos. Bem, leva muito mais do que alguns tijolos para construir uma casa e, em qualquer caso, a menos que tenhas fundamentos muito bons, mesmo que construas uma casa de verdade, ela não durará necessariamente. Os alicerces devem ser bons.

Vês, é tão importante para as pessoas perceberem que estamos o tempo todo a acrescentar ao nosso conhecimento, à nossa experiência, e a verdade está sempre a alargar-se, sempre a abrir-se a uma visão maior e a perceções maiores. Não vale a pena tentares prender-te, dizendo que encontraste a verdade e que é isso, e que não há mais nada. Não, obrigado. Deve-se andar sempre a procurar; perceber que te é dado um certo aspeto da verdade que assimilas, que é necessário, que é útil e, sem dúvida, é suficiente por enquanto. Mas a verdade está sempre a ampliar-se e a abrir-se para o homem ou mulher que procura. Não se deve estar contente.

Estar contente num sentido é bom, mas ao mesmo tempo devemos perceber que há muito mais para experienciar, muito mais para aprender. Não podes estar verdadeiramente contente quando percebes a imensidão da vida e as possibilidades que devem estar ali à espera de serem desvendadas e deslindadas. A verdade que tentamos revelar-te, na sua essência, é tão tremenda, mas a realidade dela é tão difícil de compreender ou expressar — mesmo quando se compreende — e difícil até de apreciar plenamente. Mas damos-te o espaço que podemos aqui e ali, a nossa experiência, para que o teu horizonte possa ser alargado e tornado mais claro; mas nunca estejas preparada para ficar parada, pois toda a vida é mudança, toda a vida é movimento, moção.

De facto, é essencial perceber que é esta mudança constante, esta constante reavaliação de valores e o compreender mais de diferentes aspetos da vida e a visão alargada que faz, de facto, o que é a vida eterna. Não existe tal coisa como estar estacionário, estático, na realidade do espírito. Tudo é nova experiência e mudança e horizontes e visão mais amplos. Nunca se deve estar demasiado contente nesse sentido. É bom estar contente num sentido

material até um determinado ponto, mas deve-se lembrar que quanto mais procuras, mais encontrarás; não que te será aberto [sem esforço]. Não penses por um momento que tens toda a verdade ao teu alcance.

Existem tantos que têm esta perceção, como lhe chamam, e no entanto não viram verdadeiramente e não foram verdadeiramente capazes de expressar aquilo que viram. Não estejas demasiado contente. Lembra-te sempre de que há muito mais ainda para aprender, muito mais para experienciar. Mas enfim, à medida que o tempo passa, teremos muitas oportunidades de nos reunirmos e estou muito ansioso por que outros venham falar contigo. Quero que deem as suas próprias impressões, ideias, teorias e explicações e tudo o que puderem que seja benéfico para todos os que nos possam ouvir.

Enfim, minha querida, devo ir.

PARTICIPANTE: Obrigada. As minhas bênçãos. Parece excitante.

IRMÃO JOHN: Obrigado. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus. O meu amor a cada alma.

IRMÃO JOHN: Adeus, filha. Deus te abençoe.

MICKEY: Muito bem, Sandy. Sim. Adeus, Menina (*Missy*). Adeus. Adeus, Dan. Adeus.

Sessão 11276

IRMÃO JOHN: Onde está a tua criança? O melhor para ti. Nunca mais te ouvir. Há tanto tempo desde a última vez que falámos juntos.

Ouvir-te-emos de novo. Mas, suponho que seja como se o tempo em si fosse de pouca consequência para nós. Mas isso não altera o facto de que, ao estar em contacto constante contigo, estou ciente do tempo através da tua consciência.

PARTICIPANTE: Sim. E eu conheço os desejos do teu coração. E que há momentos em que pensas como seria bom falar com o Irmão John.

IRMÃO JOHN: Bem, eu quero enviar isto para fora, vês. Sim, não sou nenhuma criança. É muito difícil. Não tenho nada a dizer-lhe. É estranho. No entanto, filha, o trabalho continua.

Sim. Apesar de todas as adversidades e das complexidades da vida material em que existes. É pior do que isso. No entanto, apesar de todas estas coisas que causam grande preocupação, o trabalho do espírito continua. Sim. É como uma luz nas trevas do materialismo da vossa existência.

O mundo causa-nos grande stress de mente e de espírito. Mas, no entanto, apesar de todas estas complexidades da vida em que tens de desempenhar o teu papel, há momentos em que a luz ilumina e torna possível o caminho do espírito para tu trilhares. Sim.

Podes às vezes sentir que é como uma gota no oceano. No entanto, as condições que são criadas pelo trabalho do espírito, despertando interesse, e aqui e ali dando aos indivíduos a perceção destas verdades, espalham-se por todo o lado. Como muitas vezes te disse, não sabes o que frequentemente nasce da sementeira de uma semente.

Mas, embora o sol possa cair em solo pedregoso, no entanto muito é nutrido e trazido à tona. E embora possas não ver a frutificação de alguns dos teus vizinhos, ainda assim, muitos são abençoados, muitos são guiados, muitos são elevados, muitos são inspirados.

PARTICIPANTE: Tenho alguns amigos. Um juntou-se às Testemunhas de Jeová e outros não. Mas todos continuam a citar o que Jesus supostamente disse: que quando há guerras e toda esta confusão, significa o fim do mundo e que voltaremos. E eu não acredito em nada disso.

IRMÃO JOHN: Filha, não creio que alguém que perceba as verdades do espírito, as provas infalíveis, possa possivelmente aceitar algumas destas coisas que são apregoadas por aí. Cristo veio ao mundo para mostrar o caminho do progresso e da conquista espiritual. Ele demonstrou os dons do espírito.

Ele deu àqueles do seu tempo grande conhecimento, grande visão das coisas que são eternas. Mas, claro, o homem interpretou e atribuiu às palavras do espírito coisas que não têm peso, que são puramente uma conceção material. Eu não me deixaria perturbar por estas coisas, filha.

Toda e cada alma, não importa qual seja a sua fé ou crença ou convicção de natureza religiosa, eventualmente todas encontrarão a verdade. E, claro, se encontrarem a verdade enquanto ainda estão na terra, então, claro, para elas é uma grande bênção. Podem ser de grande serviço e sentem-se muito confortadas por isso.

Mas haverá sempre aqueles que, muito inconscientemente, interpretam mal. E, claro, deve-se sempre ter em mente que aquilo que muitas vezes é apresentado como evangelho — embora haja uma base de verdade e muitas coisas tenham sido retidas no livro — no entanto muito foi alterado, muito foi mal interpretado. O homem colocou nele o seu próprio selo e a sua própria interpretação.

PARTICIPANTE: Isso deve ser triste, não é? Para Cristo e para pessoas assim, que tentaram trazer a verdade e, com o tempo, ela foi pervertida.

IRMÃO JOHN: Pois é, minha querida filha, em toda a história dos homens, desde tempos imemoriais, quando houve um vislumbre de verdade, quando houve um raio de luz nas trevas das mentes dos homens, infelizmente os homens fecharam-no e desenvolveram-no num sentido material, muitas vezes para sua própria vantagem material. A história da Igreja, como provavelmente bem sabes, está repleta de todo o tipo de coisas que causaram grande preocupação ao longo da história dos homens.

A Igreja, infelizmente, passou por um período de mudança desde os primeiros cristãos que, na sua simplicidade e na sua tremenda fé, enfrentaram a morte de boa vontade, sabendo que a vida era eterna, sabendo que não existia tal coisa como a morte, apenas aquilo que parece sê-lo. Embora o homem possa matar o material, não pode matar o espiritual. Mas infelizmente a Igreja formou-se de tal forma que o poder se tornou o seu Deus.

Poder-se-ia aprofundar a má interpretação dos ensinamentos de Cristo; como o homem usou os ensinamentos e a palavra de Deus para os seus próprios fins. A pureza do Espírito é o que pretendemos, para que o homem possa conhecê-la, demonstrá-la, vivê-la e tornar-se verdadeiramente parte dela. Aqui e ali, filha, há aqueles cujos olhos foram abertos, cujas escamas caíram dos olhos, e veem com uma visão mais clara, não através de um vidro obscurecido, mas ficando face a face com o Criador.

PARTICIPANTE: Não estou a criar uma imagem, eu quero saber.

IRMÃO JOHN: Bem, filha, não cabe a mim nem a ninguém aqui profetizar no sentido de que as massas do mundo devam aceitar plena e compreensivelmente estas coisas de que falamos. Mas aqui e ali, haverá indivíduos e grupos que surgirão, que deixarão a sua marca, que abrirão o caminho.

Ao longo de toda a história do homem houve indivíduos e pequenos grupos de pessoas que abriram o caminho e assumiram a responsabilidade de fazer estas coisas de que falamos. Mas lamento dizer que é muito improvável que o mundo inteiro se una em verdadeira fraternidade. Certamente não o prevemos no futuro próximo.

Acho que isto é pedir demais. Há demasiado tumulto, demasiado stress, demasiada negação das coisas do Espírito. O homem tornou-se ainda mais materialista e é muito triste de ver.

PARTICIPANTE: Sim. Agora, para mudar de assunto, poderias falar-me da tua última encarnação? Porque disseste-me que tiveste uma. Tiveste

duas descidas no domingo passado e não sei nada sobre nenhuma delas, exceto que a primeira foi em Giften, creio eu.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, mas isso tem tão pouco propósito. Mas se estás assim tão curiosa... A minha última encarnação foi no tempo de Luís XVI, em França, e foi uma inversão completa da minha existência anterior. De facto, nalguns aspetos, olhando para trás, percebo que foi necessário para mim passar por essa fase para que pudesse, pela experiência, ver, como poderias dizer, o outro lado da moeda.

Sabes, tive de viver num ambiente que era, para mim, completamente discordante dos meus estados interiores do Eu, da minha perceção interior das coisas eternas e espirituais. Na verdade, eu era um abade, mas estava envolvido, como muitos estavam naquele período de tempo, com aqueles de riqueza e posses que, em muitos aspetos, embora apoiassem a Igreja, tinham pouco tempo para ela. E eu, por vários anos, estive ligado à Corte.

E embora talvez, num sentido, tenha sucumbido ao materialismo ao meu redor, não foi necessariamente uma coisa insensata ou má. E pareço falar com ligeiras variações porque considero extremamente difícil definir exatamente o que desejo transmitir. É claro que sabes que a revolução chegou e milhares de pessoas, de todas as classes, mas principalmente as aristocracias, perderam a vida.

Eu estava ligado a uma pequena igreja nos arredores de Versalhes. E muitas vezes estava presente na própria Corte, numa posição muito secundária. E vi muitas das coisas que ajudaram, provavelmente, quase certamente, a provocar a revolução.

E à minha maneira, esforcei-me por ser de serviço. Mas foi uma existência estranha porque, até certo ponto, tinha de me curvar ao poder que estava então muito em comando. Não me refiro necessariamente ao poder do Rei Luís que, em muitos aspetos, era uma pessoa que estava cega pelos acontecimentos que ocorriam ao seu redor.

Muito lhe foi ocultado. Ele era um homem de simplicidade apesar do contexto e da educação. Era um homem que desfrutava do seu próprio modo de vida. Ele não era alheio, talvez até certo ponto, às desventuras, mas tudo o que era deixado nas mãos dos seus ministros e de todos ao seu redor eram aqueles que eram sintéticos. E penso que, nalguns casos, ele esforçou-se por fazer o que sentia ser a coisa certa, mas estava tão remoto, tão, infelizmente, separado do seu povo pelas próprias circunstâncias em que se encontrava e pelo modo de vida que se tinha tornado condicionado.

PARTICIPANTE: E como é que isso ajudou o teu progresso? Porque eu acho que ajudou.

IRMÃO JOHN: Porque eu estava a viver, num sentido, suponho que lhe possas chamar, uma existência dual. Tinha, até certo ponto, de aceitar a posição em que me encontrava, consentir à superfície, talvez, até certo ponto, com as coisas que eram tidas como garantidas ao meu redor. Mas num sentido diferente, estava a usar o meu conhecimento e o pouco poder que tinha para assistir e ajudar aqueles que eram menos afortunados do que aqueles que me ouviam.

Enquanto, de facto, em certas instâncias, em lugares altos, fui capaz de ajudar e de lhes dar uma indicação de certas coisas, o que, penso eu, desempenhou algum papel. Não gostaria de sugerir com isto que estava de alguma forma envolvido com os revolucionários, mas isso não altera o facto de que eu conseguia ver, até certo ponto — embora não concordasse com o método do que transpirou — no entanto, conseguia ver que havia fundamentos morais para a dissensão, fundamentos morais para a revolução em si mesma. A pobreza, claro, naqueles dias era extrema.

Milhares de pessoas viviam, mal existindo, dificilmente com qualquer sustento real.

PARTICIPANTE: Bem, hoje é o mesmo, não é?

IRMÃO JOHN: Sim, em certos países. Vês, a história repete-se, filha, e isto parece-me ser algo que não pode ser evitado.

Mas, no entanto, uma certa quantidade de trabalho é feita, certas sementes são semeadas; de toda esta dissensão e infelicidade, de todo o fanatismo, de toda a supressão, veio um grande período de levantamento. E descobres que no mundo hoje tens a mesma coisa a acontecer. Às vezes nem sempre é justificado.

Eu não justifico a violência, não penses por um momento que justifico a violência, mas no entanto, olhando para trás para a minha última encarnação, percebi que era necessário e essencial que tivesse vivido como vivi, e fizesse o que tive de fazer. Acho que beneficiei disso de todas as formas; e espero, e penso que muitos outros beneficiaram, no meu ambiente imediato. Infelizmente, a revolução mal me tocou. Não perdi a minha vida através da própria revolução. Na verdade, vivi até uma idade avançada e morri, como dirias, no ativo (*in a harness*).

PARTICIPANTE: Li um livro no outro dia, e dizia que o nosso espírito era como um icebergue, e que só voltávamos com uma parte dele, e que o

resto de nós ainda estava em espírito, e que era a nossa "parte" que voltava para aperfeiçoar uma certa faceta. Isso é verdade?

IRMÃO JOHN: Bem, num sentido é verdade, noutro sentido não é bem assim. Acho que é a terminologia que complica. Acho que se deve ter em mente que o eu espiritual tem muitas facetas, como um diamante, se o podemos assim assemelhar; talhado de forma tosca, talvez, mas no entanto, somos muitas pessoas, num sentido, e cada uma é um aspeto do eu verdadeiro.

Acho que aqui as pessoas estão inclinadas a pensar em si mesmas nas suas diferentes existências como indivíduos diferentes, o que num sentido são, mas é tudo o mesmo espírito divino que anima, é tudo o mesmo espírito que cria, que torna possível o todo eventual, se o puder colocar dessa forma. Vês, o ponto é que temos de experienciar muitas coisas, temos de passar por muitas fases, temos de ascender gradualmente, e às vezes é até necessário ascender para aprender com a experiência de eventos passados, que às vezes não foram particularmente úteis, ou coisas de um tempo não particularmente agradável. De facto, creio ser verdade dizer que temos de entrar em certas experiências que são decididamente deprimentes e também difíceis, e talvez, até certo ponto, muito perturbadoras de aprender.

Vês, só podes aprender e apreciar e sentir e conhecer e compreender a vida quando passaste pelas variadas situações que a vida pode apresentar. Por outras palavras, não podes realmente assistir qualquer outra alma ou sentir ou compreender e conhecer aquela circunstância ou condição particular a menos que tu própria a tenhas experienciado. E vês, muitas vidas — e não me refiro necessariamente apenas a vidas na terra — mas há muitas vidas para serem vividas nos reinos do espírito.

Vês, não creio que possamos alguma vez explicar isto plenamente, mas deves lembrar-te que somos um aglomerado, se posso usar essa expressão, de pensamentos individuais, ações individuais, sentimentos e emoções e expressões individuais, e somos todos parte, realmente, uns dos outros. Não nos podemos divorciar completamente do resto do mundo ou das pessoas do mundo ou mundos sequer. Temos as nossas vidas individuais e elas são todas parte da mesma perceção espiritual e evolução e desenvolvimento do todo.

Desejaria que fosse possível, mas vês, o ponto é explicar estas coisas na linguagem material. Vês, tu és Daisy Judge. Para todas as aparências exteriores, as pessoas que te conhecem referem-se a ti como Daisy, conheces-te e vives contigo própria há muitos anos. Viste mudanças no teu ambiente. Viste mudanças na tua experiência. Viste mudanças na tua personalidade e até certo ponto no teu caráter.

E tu és, num sentido, enquanto vives ainda num corpo, muitas Daisy Judges. Porque, vês, eras uma Daisy Judge aos dez anos, eras uma Daisy Judge aos vinte, e assim por diante. E no entanto, se olhares para trás, pensas para ti — não apenas tu, cada ser humano, mais ou menos, suponho, ao refletir pensa — "Meu Deus, era mesmo eu? Eu comportava-me mesmo assim? Eu pensava mesmo assim? Eu agia daquela forma?". Todos temos muitas, muitas mudanças na nossa evolução, estado de evolução, e muitas vezes é essencial para alguns pelo menos, particularmente — e de facto alguns escolhem regressar à Terra e fazer um trabalho específico — aprender o melhor que podem através da experiência certas coisas que não experienciaram ou aprenderam numa vida anterior.

Mas o ponto é este: nós podemos deste lado da vida recordar muitos dos nossos eus mais antigos ou eus passados e trazê-los para foco, por assim dizer, e podemos experienciar de novo e podemos aprender com todas as muitas coisas que transpiraram e aconteceram. Vês, o ponto é que estamos a falar de vida eterna. Estamos a falar da eternidade em si mesma.

Quando se tenta imaginá-la, está além da nossa compreensão. Porque mesmo nós deste lado que progredimos até certo ponto e tivemos muitas experiências passadas, quando olhamos para trás, reunimos todo o tipo de impressões, todo o tipo de experiências de como nos desenvolvemos até ao ponto que agora atingimos. E embora possamos levar as nossas mentes reflexivamente para trás, é quase impossível olhar para a frente.

Sabemos que há mais ainda por vir, muitas experiências ainda por acontecer, muitas, muitas coisas a serem ganhas. Não vemos ao virar da esquina, mas conseguimos ver para trás no caminho reto. Mas não conseguimos ver o que está ao virar da esquina.

E em relação aos nossos próprios assuntos, em relação às nossas próprias vidas, sabemos que existem outros estados de ser aos quais eventualmente chegaremos para perceber e para aceitar e nos tornarmos parte. A beleza, suponho, da perceção eterna é o facto de haver sempre algo fresco, sempre algo novo, sempre algo interessante e excitante ainda por ser experienciado, ainda por ser ganho. O ponto de conceção, suponho, quando olhamos para trás para a Terra e dizemos: "Bem, experienciámos tudo o que é possível experienciar daquela existência particular, aquela existência terrena", e é como se tivesses assimilado tudo o que ela pode oferecer e tivesses em consequência descartado muitas coisas e te tivesses agarrado firmemente a outras coisas que te ajudaram na tua evolução e desenvolvimento. É porque estás nessa posição, tendo assimilado tanto pela experiência em existências

passadas, que estás em posição de regressar à Terra desta forma — para comunicar, isto é — ou para regressar num corpo.

Pode-se ajudar almas na Terra. Pode-se ajudá-las de muitas, muitas formas. Pode-se aconselhá-las. Pode-se guiá-las. Pode-se instruí-las. Pode-se elevá-las.

E nalgumas instâncias, onde necessário, por causa das nossas experiências passadas de coisas materiais, em muitas, muitas formas, somos frequentemente capazes de as ajudar num sentido material. Isso não quer dizer que façamos isto necessariamente na medida em que talvez algumas pessoas gostariam que fizéssemos. Não conseguimos necessariamente ajudar-vos sempre, apenas no mundano, mas há alturas nas vidas dos indivíduos em que eles têm grande necessidade de conselho. Pode ser uma combinação de conselho material e espiritual de que precisam, quanto a que caminho devem criar, que caminho devem seguir, porque muitas vezes o caminho para um não é o mesmo caminho que para outro. O que seria certo para um não seria necessariamente certo para outro.

Às vezes algumas pessoas estão ansiosas por evitar armadilhas, como lhes dizes, e claro que se pudermos ajudá-las a evitar uma armadilha — seria desastroso, ou seria prejudicial para elas no sentido material ou espiritual — mas no espiritual, esforçar-nos-emos por aconselhá-las e ajudá-las. Mas há alturas, claro, quando percebemos que uma pessoa tem de, como dizeis, sofrer, porque é necessário, porque dessa dor, seja qual for a forma que tome, o bem virá. Temos de ver as coisas na conclusão eventual, ou pelo menos num aspeto da sua conclusão, quanto a saber se valeu o esforço, ou se é para o bem. Pois muitas vezes as coisas que são para o bem, do ponto de vista material, não parecem necessariamente sê-lo, porque às vezes acarreta sacrifício, às vezes acarreta tomar o que parece à superfície ser um caminho solitário, ou significa rejeitar certas coisas que, no sentido material, particularmente para algumas pessoas, são importantes ou de valor.

IRMÃO JOHN: Deve-se aprender, claro, no mundo material, a definir bem as prioridades. O que é necessário? O que é essencial? O que vale realmente a pena ter e manter com firmeza? Vês, tantas pessoas baseiam as suas vidas em posses materiais, coisas materiais que lhes são talvez, pelo menos temporariamente, importantes; mas elas só podem ter substância materialmente. Não têm substância espiritualmente.

Há que aprender o que deitar borda fora. Quando um navio se afunda, ou parece estar a afundar-se, a única maneira de o manter à tona é descarregá-lo de todas as coisas que possivelmente, do ponto de vista da carga, são consideradas tesouros. Mas se se trata de salvar a própria existência, a própria

vida, então os tesouros são atirados ao mar, o navio deixa de estar tão pesado e, portanto, pode não se afundar.

Se as pessoas percebessem, apenas materialmente, que há muitas coisas que não são tão essenciais ou tão importantes, e se as pusessem de lado, seria como tirar um fardo das costas; andariam mais leve e livremente, e seriam capazes, em vez de estarem curvadas pelo peso dessas coisas, de se manterem eretas e verem claramente o caminho da verdade espiritual e da progressão espiritual. O que estou a tentar dizer, claro, não é novo. Creio que qualquer pessoa com inteligência real, que esteja espiritualmente ansiosa por progredir, percebe muito bem que, por vezes, as coisas que nos prendem fazem com que, em vez de caminharmos de forma clara, livre e leve, fiquemos curvados e com excesso de peso, e os nossos passos vacilem; e caiamos muitas vezes pelo caminho devido ao peso das coisas materiais, que não têm valor nem importância reais.

A questão é saber o que descartar. Mas tu, filha, não estás sobrecarregada. Não estás com excesso de fardo. Tens o suficiente para o dia de hoje. Nada te falta. És ajudada e és guiada. E eu sei que o caminho é seguro e que, embora ainda falte algum tempo e ainda haja trabalho por fazer, quando chegar a altura de sair dos corpos e da carne, quando o espírito for libertado, haverá motivo para grande júbilo; não só por ti, mas por todos nós aqui que trabalhámos contigo constantemente ao longo dos anos, pacientemente, e sabemos que fizemos aquilo que tínhamos de fazer. Esse é precisamente o ponto. O teu coração é o ponto que defendemos.

Filha, por que haverias de pensar que eu ficaria desapontado? Achas por um momento que algum de nós aqui é perfeito? Então por que deveríamos esperar perfeição naqueles que amamos na terra? Estamos conscientes, estamos cientes dos erros que às vezes são cometidos, de todos os pequenos problemas, das pequenas estupidezes, se me permites a expressão, dos instrumentos que usamos e das pessoas que nos esforçamos por ajudar. Sabemos que o mundo em que vives é difícil, e é penoso às vezes quando falhamos ou parecemos falhar a nós próprios, mas nós compreendemos; nós também trilhámos a terra, também conhecemos todas as complexidades, os problemas, as dificuldades, as mágoas e as tristezas, e sabemos que não podemos antecipar — não podemos antecipar que um instrumento que usamos, ou qualquer pessoa com quem estejamos preocupados na terra, deva ser a perfeição.

PARTICIPANTE: Lembro-me de me teres dito há anos: "Depositamos todas as nossas esperanças em ti", e depois penso no quão inadequada sou.

IRMÃO JOHN: Não, irmã, não és inadequada, longe disso. Há alturas em que o poder do espírito é mais forte, ou pelo menos parece ser mais capaz de ser demonstrado; e a questão, filha, é que estás sujeita, como todos os seres humanos ainda na terra, sujeita a influências; mas podes resistir-lhes e pô-las de lado, e muitas vezes fá-lo com sucesso. Isso não altera o facto de que, ocasionalmente, as condições ao nosso redor — e até mesmo às vezes quando sobes à plataforma — o ambiente na própria igreja nem sempre é conducente.

Não estou a dizer que uma pessoa em particular seja culpada, mas vês, há tantos, infelizmente, que embora digam que estão espiritualmente conscientes ou espiritualmente inclinados, ou possam chamar-se espiritualistas, muitos deles, lamento dizê-lo, estão muito, por assim dizer, na superfície; há pouca profundidade. Há muitos, lamento dizê-lo, que não descobriram do que se trata tudo isto. Não é apenas a mensagem que é importante. A mensagem é importante, especialmente em alguns casos, nas fases iniciais, quando se procura a verdade; a mensagem ajuda, a mensagem encoraja, a mensagem conforta; mas o que conta é o que o indivíduo, no seu íntimo, é, e no que se tornou.

Terá a mensagem influenciado estas pessoas de modo a que elas também, até certo ponto, tenham deitado borda fora muitas das conceções materiais e muitas das coisas materiais que outrora as mantinham acorrentadas? Libertámo-las das correntes das coisas materiais? Demos-lhes a perceção da verdade do Espírito e do poder do Espírito? Estarão elas a frequentar a Igreja ou a Sociedade porque querem abrir-se ainda mais à sabedoria do Espírito, ou estarão lá porque podem receber uma mensagem — muitas vezes uma mensagem mais de natureza material do que espiritual? Vês, filha, tudo se resume a uma palavra: equilíbrio. Ter equilíbrio entre as coisas da terra e as coisas do Espírito.

Como Cristo disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Filha, és um instrumento grandemente abençoado, e eu valorizo-te a ti e ao trabalho que é feito contigo e através de ti, tal como fazem muitos outros em ambos os lados do véu. Dou-te, pobre filha, uma força renovada pela perceção de que o poder do Espírito não pode falhar, pois este poder do Espírito é tal que todas as coisas são possíveis. Nada pode ultrapassar as coisas que são de Deus, pois elas farão verdadeiramente as coisas. Sempre.

Em sabedoria e em verdade, a realidade és tu, filha, que foste abençoada de tantas formas. Segue em frente com força, não tenhas dúvidas, nem medos, nem queixas. Sabe que a paz e o amor do Espírito estão contigo e, embora possas ter por vezes momentos de depressão ou tristeza, estas coisas passam.

A nuvem levanta-se e o sol brilha. Filha, tudo está bem contigo. Faz o trabalho que fizeste no passado. Serve a humanidade o melhor que puderes.

Embora possas por vezes sentir que falhaste, haverá no entanto muitas ocasiões em que tiveste sucesso. Não duvides, não temas. Tem força e sabe que não podemos falhar, pois aquilo que fazemos juntos é maior do que nós próprios. Somos apenas os servos de uma força superior, de um poder superior. Somos verdadeiramente os filhos do Espírito vivo, e todas as coisas são possíveis pelo seu poder. A paz esteja contigo, filha. Devo ir. Adeus.

MICKEY: Devo dizer que recebes sempre uma mensagem fantástica (*smashing*).

PARTICIPANTE: Obrigada, Mickey.

MICKEY: Bem, então mereces. És uma coisinha simpática, na verdade. Não... leva-o. Enfim, tudo de bom. Adeus.

Sessão 12166

IRMÃO JOHN: Portanto, o nosso amiguinho acha que és uma mulher engraçada. Bem, suponho que a palavra "engraçada" possa ser interpretada de muitas maneiras. Podes ser engraçada quando dizes "ha ha", ou podes ser engraçada sem te dares conta. Talvez seja porque tens um sentido de humor maravilhoso. Engraçada... creio que esta palavra pode ser interpretada de diferentes formas.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Suponho que, num sentido, ele tenha razão. Não quero dizer que sejas engraçada de se olhar ou algo do género, mas creio que há aspetos da natureza de alguém que podem ser chamados de engraçados. As pessoas parecem ter a ideia de que, quando se deixa o corpo e se vem para aqui, se entra num ambiente ou condição de vida que estará, num sentido, muito afastada da condição material de pensamento.

Num sentido, claro que isto é verdade, mas também parece existir esta ideia de que não há diversão, nem riso, nem alegria neste mundo. Bem, claro que isto está completamente errado. Aqui, o sentido de humor é igualmente

importante. Somos felizes, temos muitas coisas para nos divertirmos e interessarmos. Não gostaria de sentir que não houvesse humor aqui; que as pessoas pensassem que não havia humor. Na verdade, é muito importante para qualquer forma de existência, não importa em que estrato se esteja. O humor, o riso, a alegria são importantes.

Claro que há diversão, claro que há humor, e creio que provavelmente o que o Mickey quis transmitir em relação a si próprio é que tu aprecias o humor, que gostas de ser feliz, gostas de ser brilhante, alegre e jovial. Tudo isto é um sentido de diversão, um sentido de perceção — exterior e interior, claro — das coisas da mente e do espírito que têm valor. As pessoas não devem assumir que tudo o que tem a ver com a verdade espiritual e a perceção e consciência espiritual é necessariamente sério. Estes são os outros aspetos onde o humor desempenha um papel muito importante. Este é um mundo cheio de humor, cheio de riso, cheio de alegria.

Não é deprimente, não é triste e certamente não é, como algumas pessoas poderiam pensar, no sentido religioso. As pessoas têm esta palavra, esta ideia, de que o reino do espírito é uma extensão da igreja. Na verdade, é precisamente o oposto. Poder-se-ia dizer com absoluta verdade que é tão diferente da igreja — graças a Deus — que chega a ser um alívio. É algo tão afastado da ideia ortodoxa de céu. A ideia ortodoxa de céu parece ser uma espécie de lugar onde todos são muito bonzinhos, onde todos se reúnem a rezar, a cantar hinos e a adorar. Esta não é uma vida ou uma existência com qualquer valor. Esta é a realidade do mundo; um mundo onde a ação é importante e vital, onde as pessoas são vitais e importantes, onde há coisas para fazer, coisas em que podes participar e expressar o teu júbilo. Este é um mundo de júbilo e atividade. Não é uma extensão da igreja.

Estou muito ansioso por que as pessoas percebam isto, porque parece-me que há tantas pessoas no vosso mundo que têm esta estranha ilusão, esta estranha ideia, de que o mundo do espírito é algo não muito diferente do que, bem, suponho, certos ensinamentos antigos da igreja fariam acreditar. É o oposto de tudo isso. Não tem nada a ver com isso. Esta é uma vida, uma realidade. Isto é algo que é tão vital e tão importante. Não estamos constantemente a louvar o Senhor. Não estamos constantemente de joelhos a adorar. Não estamos constantemente a cantar hinos e a gritar sons. Tudo isto é ideia e conceção do homem.

Este é um mundo de realidade viva no qual milhões, milhões incontáveis de pessoas se congregam em diferentes esferas de acordo com a sua evolução e desenvolvimento, vivendo uma vida vital e importante, todos e cada um trabalhando para o bem comum, cada um expressando o seu aspeto do poder,

amor e sabedoria de Deus. Cada pessoa, cada indivíduo, mesmo trabalhando num sentido coletivo, retém a sua personalidade tal como a recordarias e desejarias conhecê-la. Ninguém se perde. Todos têm para si oportunidades em tantos campos de atividade diferentes. É isto que torna a vida interessante e excitante, porque é uma extensão do vosso mundo, mas com uma visão maior, uma perceção maior, na qual perdemos, por assim dizer, muito do antigo eu que manchava a nossa disposição, que manchava o nosso caráter, que manchava o nosso ser. Aqui somos, por assim dizer, os mesmos, mas removidos do antigo eu no pior sentido, ganhando por meio do conhecimento e da experiência espiritual.

Mas não podemos, nem temos desejo de o fazer — mesmo desejando progredir — perder o contacto com aqueles que amamos. De facto, poder-se-ia dizer que quanto mais avançamos espiritualmente, quanto mais nos tornamos cientes e conscientes de uma maior extensão da perceção do eu, mais estamos a estender a nossa emanação áurica, de modo a alcançarmos, expressarmos, sentirmos, pressentirmos e conhecermos outros aspetos da vida. Portanto, até certo ponto, no nosso progresso, recordamos-vos com um amor maior e uma afeição maior, conhecendo as vossas necessidades e, em consequência, esforçamo-nos e lutamos por vos guiar, ensinar, ajudar e elevar.

Quem são estas pessoas que dizem: "Oh, eles partiram e não se deve interferir, não se deve tentar estabelecer contacto com os chamados mortos. Seria errado chamá-los de volta"? Tantas falácias, tantas coisas sem sentido são ditas. Ninguém nos pode chamar de volta. Nós vimos por nossa própria conta porque vos amamos, porque temos notícias tão alegres, notícias tão maravilhosas, uma experiência tão grande para vos dar, para vos contar, para que a vossa visão possa ser um pouco mais clara, para que possais estar vós próprios cheios de antecipação pelo júbilo que ainda está para vir para vós. Queremos partilhá-lo convosco. Quando se tem boas notícias, quando se têm notícias felizes, sente-se vontade de rebentar as correntes e os laços e sair por entre as pessoas e dizer: "Olhem, ouviram isto?".

Tanta gente tem a impressão de que é errado "chamar-nos", o que é tão estúpido porque ninguém nos pode chamar. Vimos porque queremos vir. E sabes que, quando vais às igrejas e às sociedades e lá estão aquelas queridas almas sentadas — algumas, claro, que são chamadas pela necessidade, por exemplo, e outras que andam a vaguear, a procurar, a esperar e a rezar por talvez alguma mensagem de alguma alma que conheceram, esperando que seja verdade o que ouviram... Nós tentamos, claro, entrar na vibração delas, entrar nas condições delas e dar-lhes mensagens e ajudá-las a elevar-se, a animarem-se. Mas, ao mesmo tempo, creio que nem sempre as pessoas percebem as dificuldades e não creio que os indivíduos, muitas vezes do vosso

lado, se preocupem muito com os problemas da comunicação. Suponho que, num sentido, dificilmente se pode esperar que seja de outra forma, mas no entanto temos dificuldades.

Vês, a menos que o parente ou amigo do indivíduo esteja presente, lá está, não os podemos "chamar". As pessoas parecem pensar que, se vão a um médium ou se estão em comunicação com um médium, esse médium pode automaticamente trazer a mãe, o pai ou o irmão. Bem, isso não é bem assim porque, a menos que a mãe ou o pai ou a alma em questão esteja presente com essa pessoa, querendo comunicar, nós não conseguimos — de qualquer forma, muito raramente — estabelecer contacto com a mãe ou o pai da pessoa se eles próprios não tiverem feito a tentativa.

PARTICIPANTE: Não, não, eu compreendo isso.

IRMÃO JOHN: Vês, há aquelas pessoas que parecem pensar que podemos agir como um guia turístico, sabes, que podemos andar a percorrer os céus e as esferas espirituais a perguntar: "A Sra. Daisy Smith está aí? É que a filha quer falar com ela". Quando se percebe que em cada estrato condicional de vida aqui, em cada esfera — e de facto não só em cada esfera, mas em cada parte individual de uma esfera — habitam milhões incontáveis de pessoas... e a Daisy Smith, por exemplo, pode estar muito longe, num ambiente do qual nós próprios podemos não ter qualquer perceção real.

Vês, existem tantas esferas e condições de vida que nenhum indivíduo conheceria necessariamente todas essas esferas. Deve haver muitas condições de vida das quais sou ignorante, nas quais podem habitar muitos indivíduos e povos com quem nunca tive qualquer contacto. Conheço certas esferas; conheço certas esferas perto da terra; conheço certas esferas através das quais tive a minha experiência, pelas quais passei, poder-se-ia dizer, e esferas que visitei; e, claro, a esfera na qual tenho a minha existência pessoal. Mas as pessoas parecem ter esta ideia de que o mundo espiritual é, num sentido, todo uma única esfera. Bem, não é assim, e no entanto, num sentido é assim, do ponto de vista de que existem muitos estratos ou condições de vida diferentes, e uma esfera pode conter milhares de condições diferentes, de acordo com os indivíduos que lá habitam; mas, claro, um indivíduo não pode conhecer todas as diferentes condições e aspetos de vida que podem e de facto existem.

Mas gostava que as pessoas percebessem a imensidão do mundo espiritual.

PARTICIPANTE: Sim. Sim, obrigada.

IRMÃO JOHN: Porque, sabes, aparecem essas almas do teu lado que, bem-intencionadas e muitas vezes merecedoras, parecem pensar que, desde

que se sentem com um médium — particularmente um que seja altamente recomendado e cujos guias sejam aceites e apreciados e que provem o seu valor — que, uma vez sentadas com essa pessoa, qualquer um que elas queiram pode ser-lhes trazido, e que o guia do médium pode andar a selecionar todo o tipo de pessoas no reino do espírito e trazê-las. Não, isto não é verdade. Se o indivíduo que procura a prova, que procura a ajuda e o conforto, tem a sorte de ter consigo nessa ocasião a pessoa ou pessoas particulares com quem quer comunicar, então claro que a nossa tarefa é facilitada e é mais do que possível que recebam mensagens, direta ou indiretamente, dessas pessoas; e nós podemos às vezes passar as mensagens se elas próprias não conseguirem comunicar.

Mas é impossível... vês, o ponto é que é impossível para nós "pescarmos" indivíduos, muitas vezes impossível. E em segundo lugar, pode muito bem acontecer que algumas pessoas cheguem aqui e achem a sua nova existência tanto do seu agrado, estejam tão felizes, tão plenamente interessadas na sua nova vida, que não tenham desejo de regressar ou possam perder todo o sentido do tempo.

Vês, esse é outro problema com a comunicação que as pessoas não compreendem. O tempo não é o mesmo para nós. Frequentemente, a vasta maioria das pessoas — mesmo aquelas que mostram interesse e regressam e se interessam pelo vosso mundo e pelas pessoas no vosso mundo, particularmente familiares — podem não estar conscientes do tempo de todo. Podes dizer para ti mesma: "Oh, na próxima quinta-feira é o aniversário de fulano", e pensas: "Bem, talvez por ser o aniversário essa pessoa comunique comigo". Bem, pode muito bem acontecer que comuniquem, mas não significa necessariamente que eles próprios estejam conscientes do facto de ser o seu aniversário terreno particular. Se estão conscientes do facto, é muito mais provável que o tenham recebido dos teus pensamentos, porque tu disseste: "Oh, na próxima quinta-feira é o aniversário de fulano".

IRMÃO JOHN: Por isso dizem para si mesmos: "Oh, ela diz que na próxima quinta-feira é o aniversário de fulano". Vês, o ponto é que a nossa comunicação, o nosso elo, digamos, com a terra é pura e exclusivamente mental. Quando as pessoas conseguirem perceber isto, creio que compreenderão um pouco mais sobre a comunicação.

A nossa comunicação contigo situa-se puramente num estrato mental. Os pensamentos são o fator predominante. Os pensamentos são as realidades para nós. Vivemos num mundo que é um mundo de pensamento, onde o pensamento criou uma condição de vida que é muito real e... Assim, para nós, este mundo real é tão real como o vosso é para vós. O vosso é, num sentido,

embora nem sempre o percebam, um mundo mental tanto quanto o nosso. Tendes aspetos físicos da vida, mas por trás de todos os aspetos físicos está o mental. Sem isso, a realidade do pensamento é tal que pode trazer à existência todo o tipo de experiências e de coisas.

Quando as pessoas percebem o poder do pensamento — e é este aspeto do eu que é tão vital, que é realmente, num sentido, uma expressão viva do indivíduo — se parássemos de pensar, deixaríamos de ser. Mas quando se quer comunicar, trata-se da transmissão de pensamento, que uma pessoa sensibilizada, como tu na qualidade de médium, receberá e ao qual responderá, transmitindo-o depois a quem quer que a mensagem se dirija. Quando venho falar contigo, os meus pensamentos são transmitidos e são, por assim dizer, transformados em som. O som, afinal, é apenas vibração da atmosfera. A transmissão do pensamento em som é o que se procura fazer o tempo todo numa comunicação como esta.

Mas sabes que uma quantidade tremenda de força de pensamento está ativa em todo o vosso mundo. Mesmo aqueles que não professam saber nada sobre espiritualismo e comunicação, mesmo aqueles que talvez ficassem horrorizados com a ideia, agem frequentemente como instrumentos, como médiuns. Milhões de pessoas estão inconscientemente a receber impressões, pensamentos, mensagens e ideias deste mundo.

Existem milhares de médicos no vosso mundo que, sem o saberem, estão a receber pensamentos e impressões de almas deste lado; médicos que estão, à sua maneira, a tentar ajudar médicos no vosso mundo, encontrando curas para isto ou aquilo, ou ajudando em operações, ajudando de todo o tipo de formas. Uma quantidade tremenda de ajuda é dada deste lado, da qual o mundo terreno pouco ou nada sabe. Tudo o que sabem é que certas coisas acontecem, certos resultados ocorrem, mas não percebem que isso se deve frequentemente à influência de almas deste lado.

Os espiritualistas, claro, têm a sorte de saber que isto acontece e que recebem mensagens dos seus guias, e inspiração dos seus guias e dos seus ajudantes. Há tanta ignorância, infelizmente, no vosso mundo em relação a esta verdade. Quando o homem percebe que a vida é contínua, que a mente e o espírito estão sempre ativos, percebe que é de facto a mente e o espírito que vivem, enquanto o resto se desintegra e deixa de ter importância. O aspeto físico, o aspeto material do homem, perde-se.

Ao mesmo tempo, o mental e o espiritual começam a tornar-se ainda mais ativos num ambiente diferente, assumindo uma nova forma ou corpo; por outras palavras, um corpo astral ou espiritual, de acordo com a condição de vida que herda, de acordo com o seu desenvolvimento ou falta dele. Se ao

menos as pessoas pudessem perceber a realidade do espírito e quão ativo ele é o tempo todo. Células individuais e grupos, reunidos, estão todos a trabalhar para o bem da humanidade. É claro que é uma tarefa difícil e, poder-se-ia dizer, quase impossível, mas, no entanto, esforçamo-nos, continuamos de dia para dia ajudando onde podemos — não apenas os espiritualistas, mas os não-espiritualistas, as pessoas com e sem religião, até nos governos ajudamos onde é possível para fazer o bem, para abrir os olhos dos que estão cegos, para que possam ver, para que possam ter a visão do poder do espírito. Mas esperamos que seja através de instrumentos como vós, médiuns, e daqueles que têm a realidade deste conhecimento, que possamos fazer mais, porque onde há a perceção destas coisas, há as possibilidades para um trabalho maior.

Mas sabes, minha querida, estás no limiar de um novo ano, e creio que, num sentido, talvez estejas um pouco apreensiva; creio que estás um pouco apreensiva, acima de tudo, em relação à tua própria saúde. Mas sabe que te é dada força, te é dado um poder que, em muitos aspetos, é notável. Sei que podes dizer: "Não estou a ficar mais nova, estou a envelhecer e quero continuar o meu trabalho, mas por quanto tempo serei capaz de manter o ritmo de fazer tanto, e ir aqui e ali?". Sei que no passado tiveste alguns contratempos, mas o ponto é, filha, que te será dada força e serás ajudada, como bem sabes. Mesmo quando, por vezes, as coisas parecem um pouco demais, de alguma forma és sempre capacitada a fazer este ou aquele trabalho, ou a ir a este ou àquele lugar. Nós não te falhamos.

Sabes disso muito bem. Nós não te falharemos, filha. Faremos tudo o que pudermos para te manter tão bem quanto possível, e guiar-te-emos, viremos através de ti, falaremos através de ti, ajudaremos muitas pessoas e juntos serviremos verdadeiramente. Afinal, é isso que estamos a tentar fazer em todos os momentos: servir, elevar, guiar, instruir, inspirar, dar às pessoas a perceção desta verdade. E é uma realidade, não apenas algo da mente e da imaginação.

Claro que, num sentido, tem de ser da mente, e embora as pessoas não o compreendam totalmente, elas não sabem realmente o que é a imaginação. Mas a questão é que, frequentemente, aquilo que é termo imaginação é realidade. Há tanto em que as pessoas pensam dentro de si, têm ideias imaginativas e coisas do género, mas se lhes perguntares o que é a imaginação, elas não sabem. Ninguém consegue explicar a palavra, mas muitas vezes a imaginação é uma forma de realidade.

Mas esta é outra história, e levaria muito tempo a entrar nos detalhes, mas por vezes — nem sempre — as pessoas não deveriam dizer apenas "oh, isso é imaginação", porque frequentemente as coisas que pensam ser

imaginação encontram-se fora da verdade. Elas percebem que há muito que pode ser atribuído à imaginação, mas se apenas o percebesses no seu verdadeiro comprimento de onda vibratório, se pudesses entrar nisso plenamente no sentido real e ser um com isso, então perceberias que era uma realidade que estava a passar, talvez apenas de forma ténue, e a expressar-se em alguma forma ou feitio, ao que tu dizes: "oh, isso é apenas imaginação". Mas não é necessariamente assim.

Há muitas coisas que se podem explicar e que esperamos explicar no devido tempo, as quais podem dar a algumas pessoas no vosso mundo uma visão sobre estas questões que as intrigam. Há muitos aspetos intrigantes na comunicação e no que o mundo conhece como espiritualismo, porque não compreendem e porque, talvez nalguns casos, não foi feita qualquer tentativa de os explicar. Mas se as pessoas aceitarem — como aceitam, sem qualquer busca de evidências ou provas — muitos dos aspetos da Bíblia e dos ensinamentos de Cristo, particularmente as aparições de Cristo em diferentes formas e de diferentes maneiras após a sua chamada morte; se aceitam isso sem provas, então certamente deveriam ser capazes de aceitar algo que é provável e que é atual, na medida em que o fazemos, comunicando de tempos a tempos sempre que é possível.

Mesmo havendo tantos que aceitam pela fé e não aceitam pela experiência... tantas pessoas aceitam isto e dizem: "oh sim, acredito que seja verdade", mas não fazem qualquer tentativa pessoal. Não querem provar. Bem, num sentido, isso pode estar bem para alguns, mas a grande maioria são pessoas que precisam de provas, que precisam daquele algo tangível que só pode vir pela experiência. É aqui que tu e eu nos unimos, onde temos muito trabalho a fazer. É verdade que temos a filosofia, os ensinamentos e a perceção espiritual para dar às pessoas, mas também temos de lhes dar as provas, onde necessário, sempre que possível. E existem aqueles deste lado cuja tarefa é trabalhar contigo nesse nível, porque todas estas diferentes condições são tais que devem ter variados graus ou níveis para que o melhor trabalho possa ser feito.

O meu trabalho é vir ensinar. O meu trabalho é trabalhar, num sentido, num nível espiritual de comunicação, de instrução, de orientação espiritual. Existem outros cuja tarefa é realizar o trabalho talvez mais mundano, se preferires, de trazer a prova pessoal e a evidência, muitas vezes tão necessária. Mas todos trabalhamos juntos em perfeita união, em perfeita harmonia, em perfeito amor, em perfeita fraternidade.

Sabemos, minha filha, que foste grandemente abençoada e que continuarás a ser ajudada de todas as formas possíveis e singulares. E sabemos

que o amor que recebes de nós é verdadeiramente grande. É um amor tão poderoso que nada é impossível. O amor pode superar todos os obstáculos, todas as dificuldades. Quero que saibas que nunca há um momento do teu tempo em que não estejamos, de alguma forma, a pensar em ti, a esforçarmo-nos por te ajudar, dando-te força e tudo o que pudermos para te ajudar agora. Sinto-me seguro de que sabes isto.

Mas, filha, não temas. Tenho a certeza de que não temes, mas tem força, tem coragem, tem a perceção de que te guiaremos e ajudaremos de todas as formas nos próximos meses e que serás fortalecida. Abençoada sejas. Devo ir. Mas todo o amor de cada alma aqui presente. Adeus, filha. Deus te abençoe e muito obrigado.

Sessão 12767

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoada sejas, minha querida. Estava a ouvir o nosso amigo ainda agora.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E há muita verdade no que foi dito. Embora seja verdade que nós realizamos, num sentido, o trabalho principal deste lado, seríamos impotentes se não fosse pelos nossos instrumentos.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: No que diz respeito à realização do trabalho do espírito na terra. E é verdade dizer que, embora muitas vezes pareça que o médium faz muito pouco, no entanto, muito depende dos instrumentos. Sem o seu poder, sem o seu amor e paciência, sem a sua perceção do facto de serem escolhidos para servir e fazer o trabalho do espírito; sem perceberem que são, pela sua própria natureza e inclinação, instrumentos de instrução divina, influência divina e orientação; se não percebessem que foram escolhidos para um trabalho específico do espírito, que devem até certo ponto dedicar-se ao trabalho do espírito e dar-se o melhor que puderem em amor e serviço... sem eles, pouco poderíamos fazer.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Penso muitas vezes em ti, minha filha, e percebo que o poder que é extraído de ti, por vezes, é muito grande. E embora nós, até certo ponto, o devolvamos, particularmente durante o teu estado de sono, no entanto existe um stress e um esforço que, por vezes, deve, claro, esgotar-te. Mas fazemos tudo o que está ao nosso alcance para te reabastecer, para te revitalizar física, mental, psíquica e espiritualmente.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada.

IRMÃO JOHN: Tu és verdadeiramente guiada. És verdadeiramente ajudada. Em todo o teu redor, invisíveis, muitas vezes desconhecidas e não percebidas, estão muitas almas — algumas que nunca conhecerás enquanto estiveres na terra — que não têm desejo de se dar a conhecer, mas que estão contentes e felizes por trabalhar nos bastidores, dando poder, dando ajuda onde for possível; não apenas a ti, mas a outros a quem és apresentada, outros que és levada a conhecer com um propósito. Às vezes podes conhecê-los apenas por um breve momento do tempo terreno, mas deixas com eles uma parte de ti própria. Deixas com eles uma mensagem de esperança, uma mensagem de perceção da verdade. Dás-lhes uma visão e uma oportunidade que alguns, mais tarde, assumem e utilizam bem. E de facto, existem aqueles que estão sentados pacientemente, à espera que o espírito os mova, através da influência que exerceste sobre eles no passado. Eles também desejam servir, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada. Tenho tantos agora que estão doentes e não sei quê. Parece que lhes estou a enviar pensamentos e sinto-me um pouco cansada com isso. Não sei se isso é...

IRMÃO JOHN: Uma das razões pelas quais falo esta manhã é precisamente essa. Nós percebemos sempre que, no nosso trabalho conjunto, temos de, até certo ponto, retirar da tua energia e vitalidade. E haverá alturas em que sentirás este cansaço e esgotamento. Fazemos tudo o que podemos para o reabastecer, mas há alturas em que, claro, à medida que envelheces particularmente, parecerá cada vez mais um esforço, talvez um desgaste. E pode chegar um momento em que tenhamos, ainda que temporariamente, de reduzir a quantidade de trabalho que podes fazer. Isto é de esperar, minha filha.

PARTICIPANTE: Ainda não, eu...

IRMÃO JOHN: Mas não sugeriria que fosse já, nem seríamos tão insensatos. Nem esperaríamos que te fosse dado trabalho para fazer quando não estivesses em forma, nem bem, nem capaz de o realizar. Nós sabemos o que estamos a fazer, minha filha. Sabemos quanto podemos esperar alcançar, quanto devemos tentar fazer através de ti.

PARTICIPANTE: Quero dizer, no último minuto, tão ansiosa. Não gosto da sensação de que vou...

IRMÃO JOHN: Eu sei, minha filha, mas a questão é esta: embora o espírito possa estar disposto, a carne pode por vezes ser fraca. Mas lá está, se te permitíssemos sobrecarregar a tua força e ficasses gravemente doente, então

ficaríamos, por assim dizer, impedidos de fazer o trabalho, talvez por um longo período de tempo. É melhor, minha filha, fazer um pouco e fazê-lo bem, e saber que não te estás a sobrecarregar indevidamente, para que possas continuar ainda por muitos anos.

Existem demasiados instrumentos que são forçados, muitas vezes pelo seu próprio desejo de alcançar e fazer muito — o que é admirável — mas, no fim, após algum tempo, os seus poderes diminuem, o elo entre eles e nós enfraquece. Porque, vês, se sobrecarregares estes poderes, isso pode, com o tempo, prejudicá-los. Deve-se ser paciente e perceber que estas coisas, estes dons do espírito, são delicados e finamente equilibrados; e há alturas em que o poder do espírito é tal que seria até, talvez, imprudente sobrecarregar o instrumento com eles. Devemos ser cuidadosos e cautelosos. Devemos perceber que, embora tenhamos este forte desejo de servir, se vamos servir, devemos saber como servir, quando servir e quanto é possível alcançar ou fazer num determinado momento sob certas condições.

Estas condições de que falamos tão frequentemente são muito variáveis. Há ocasiões em que conseguimos alcançar muito, quando o poder é tremendo, quando a harmonia e o amor que rodeiam o nosso instrumento tornam possível que façamos grandes coisas. Há alturas em que estamos a lutar contra vibrações adversas, condições adversas, quando talvez exista uma atmosfera e uma condição que não é agradável nem útil, quer para ti como ser humano, quer para ti como instrumento, quer para nós que vimos trabalhar e servir.

Devemos sempre medir, quando vimos, as condições prevalecentes, sejam elas quais forem e de que forma possam ter efeito. Devemos sempre lembrar-nos de que podemos fazer o que podemos fazer apenas de acordo com o momento, de acordo com a condição, de acordo com o poder, de acordo com aqueles que vêm a ti em busca de ajuda, de acordo com aqueles que criam a própria atmosfera e a própria condição que é essencial ao nosso trabalho. Se eles dão livremente em amor, se são cooperantes, se são harmoniosos, se o seu desejo é de pensamento e conhecimento espiritual elevado, se o seu desejo é elevar-se às alturas do espírito, então podemos e alcançamos muito, e podemos de facto fazer ainda mais do que ousamos esperar.

Mas a questão é, minha filha, que frequentemente existem condições prevalecentes, às vezes até numa reunião, onde as condições pela sua própria natureza são negativas; onde talvez, às vezes, exista uma condição que é trazida a jogo por algum indivíduo ou grupo de indivíduos que, pela sua própria natureza, cria desarmonia, cria vibrações caóticas. Estive contigo noutras ocasiões — infelizmente é muito raro — mas houve ocasiões de que

te podes lembrar bem em que a condição não foi conducente, em que houve uma condição em redor de certos indivíduos que não foi cooperante, nem útil, nem harmoniosa, nem pura. De facto, há muito que se poderia dizer sobre estas coisas.

IRMÃO JOHN: As condições são para nós vitais e importantes, mais do que as pessoas poderão alguma vez compreender ou perceber. Mas, no entanto, filha, juntos servimos, e juntos devemos seguir em frente e servir cada vez mais de acordo com a vontade do Altíssimo, de acordo com as vibrações e condições que prevalecem no momento da comunhão. Esta comunhão é uma coisa delicada; esta comunhão que temos é algo valioso, valioso de tantas formas diferentes, mas quanto mais percebemos o seu poder, mais, num sentido, somos trazidos para uma vibração que, pela sua própria natureza, nos obriga a sermos sempre cuidadosos com a nossa conduta, os nossos pensamentos e as nossas ações.

Devemos em todos os momentos esforçar-nos por estar nesse nível elevado de perceção e consciência espiritual, de modo a que tudo o que digamos e façamos seja para a glória do Altíssimo. Temos grandes responsabilidades, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim, eu adoro realmente isso. Eu tento.

IRMÃO JOHN: Eu sei que tentas.

PARTICIPANTE: Sinto que sou realmente feliz no meu quartinho onde estou e a paz ali é maravilhosa; não consigo evitar levantar-me o tempo todo.

IRMÃO JOHN: Sabes, filha, vês que, embora te tenhamos tirado daquele quarto no andar de cima e te tenhamos colocado nesta nova condição ambiental que em muitos aspetos é preferível — sendo em muitos aspetos mais conducente à tua paz, à tua quietude e à tua felicidade — no entanto, ao mesmo tempo, traz certas responsabilidades, certas condições que suponho que às vezes podem até ser-te ausentes [difíceis de notar].

PARTICIPANTE: Sim, um pouco.

IRMÃO JOHN: Mas deves aceitar isso, filha, claro.

PARTICIPANTE: Sim, eu resolvo isso e estou muito equilibrada, com saldo positivo.

IRMÃO JOHN: Oh, sim, filha. Sabes, tenho a certeza de que perceberás, particularmente do ponto de vista da tua saúde, que é muito mais sábio e melhor estares colocada como estás.

PARTICIPANTE: Oh, sim.

IRMÃO JOHN: A outra condição e ambiente, em certos aspetos possivelmente, era pacífica e silenciosa. Mas, uma vez que estavas no teu quarto e a tua porta estava fechada, havia grandes stresses e tensões, particularmente físicos, que teriam minado a tua saúde, que de facto começaram a minar a tua saúde.

PARTICIPANTE: Sim, eu senti isso.

IRMÃO JOHN: E penso que agora, embora existam certos momentos de piedade, frustração ou irritação, não te podes elevar sozinha, filha.

PARTICIPANTE: Não, de forma alguma. Não é saudável.

IRMÃO JOHN: Não, filha. Tu dás livremente o teu amor, livremente o teu tempo. Sei que há momentos em que pensas: "Oh, meu Deus, isto é um incómodo. Aquilo é um incómodo". E talvez penses: "Oh, que chatice, quero a minha liberdade". Sabes, eu sei que sentes por vezes que não tens bem a liberdade, num sentido, que desejarias. Claro que podes dizer: "Sim, tenho a minha liberdade. Sou um agente livre". Mas, na vida, nunca se pode ser um agente completamente livre. Há quase sempre apelos para nós. Podem ser coisas menores, por vezes mesquinhas ou irritantes.

Por vezes, as pessoas aproveitam-se da tua bondade e da tua generosidade, e tu às vezes pensas: "Bem, isto está a ir um bocado longe demais". E sei que há momentos em que pensas: "Bem, não sei". Às vezes dizes para ti mesma: "Bem, suponho que tenho de aguentar isto". Estas são frustrações materiais, mesquinhas e normais. Às vezes, as fraquezas dos outros irritam-te. Isso também é humano.

Às vezes, indivíduos ao teu redor que talvez sejam tão capazes quanto tu — se não mais capazes nalgum sentido de fazer certas coisas — não mostram vontade. Mostram falta de entendimento. E estas são as fragilidades que encontraremos sempre como seres humanos. Tenta ser paciente e compreender, filha.

PARTICIPANTE: Sim. Há uma grande bondade ali também.

IRMÃO JOHN: Oh, sim, filha. Ora, suponho que, na verdade, todos os que tentaram alcançar algo se depararam com a mesma condição. Qualquer que seja o teu caminho na vida... quero dizer, Jesus deve ter-se sentido muito contido quando queria fazer outras coisas.

PARTICIPANTE: Com certeza.

IRMÃO JOHN: Mas toda a vida de Jesus foi, num sentido, talvez não de resignação, mas poder-se-ia dizer que ele se deu livremente e conteve-se muitas vezes quando, por ser humano, se sentia frustrado e sentia que não

estava a alcançar muito. Sabes, a vida de Cristo, que é um exemplo para todos nós, não nos deve fazer esperar que, por seguirmos o caminho, este seja fácil. E não creio que ninguém pense realmente isso.

Mas devemos lembrar-nos que, tal como Cristo sofreu e tal como Cristo se sentiu desiludido e desapontado, mesmo com os seus amigos, assim também nós o devemos ser, até certo ponto. Não nos devemos colocar acima de Cristo e esperar que tenhamos um caminho fácil. Aqueles que trilhariam o caminho da conquista e do progresso espiritual, aqueles que serviriam verdadeiramente e fariam a vontade e o trabalho do Altíssimo, não devem esperar que o caminho seja tornado reto. Será difícil e tortuoso. E há momentos em que nos sentiremos inclinados a sentar à beira do caminho e esperar um pouco. Isto às vezes é necessário. Às vezes é bom para nós.

Devemos lembrar-nos de que haverá sempre problemas, particularmente de natureza material. Enquanto estiveres no mundo material, deves aceitar a vida e ver nela muitas oportunidades, não só para o serviço, não só para a perceção da própria evolução e desenvolvimento, mas também não se deve vê-la, por assim dizer, puramente do próprio ponto de vista pessoal. Deve-se tentar vê-la de todos os ângulos, de cada faceta; como nós próprios afetamos os outros e como os outros nos afetam; como por vezes nos devemos proteger de nós próprios.

Por outras palavras, devemos aprender a viver e ser pacientes, tolerantes e amorosos, e tentar compreender que tudo o que acontece, algures lá no fundo — embora não o vejamos — tem uma razão e um propósito; e que nesse caminho da vida podemos verdadeiramente servir, podemos verdadeiramente encontrar uma paz interior, uma felicidade interior que nada pode destruir. E que o tempo todo estamos a aprender, estamos a ganhar novo conhecimento e experiência, e aprendemos por vezes com as nossas falhas e com as falhas dos nossos amigos e com as falhas daqueles que nos rodeiam. Não devemos esquecer que todo o viver é aprender.

Às vezes as lições são duras, às vezes são amargas, às vezes são tristes e às vezes sentimos que não há sentido, nem propósito, nem significado na vida quando se está na terra; e no entanto, o tempo todo, há tanto que estamos a começar a assimilar, a começar a conhecer, a começar a perceber. À medida que vivemos as nossas vidas terrenas, lenta mas seguramente estamos a progredir, embora possa parecer que assimilamos tão pouco de consequência. No entanto, toda a vida humana, até certo ponto, nos seus diferentes estratos de evolução e desenvolvimento — ou falta dele — está a aprender.

Tu, minha filha, aprendeste imenso. Não foi fácil no passado, mas sei isto: que nunca, nunca estarás sozinha, e que serás amparada, guiada e elevada

pelo poder do Espírito Santo. Aquilo que sabemos, como já te disse frequentemente, minha filha, é maior do que nós próprios.

Sessão 12863

IRMÃO JOHN: Saudações, filha.

PARTICIPANTE: Saudações, querido.

IRMÃO JOHN: Mais uma vez somos capazes de nos manifestar e falar contigo. E sinto como se, quando falo contigo, estivesse a falar para multidões de pessoas. Muitas destas pessoas que estão do teu lado, com quem nem eu nem tu tivemos qualquer contacto, porque estas fitas, estas gravações, esta mensagem do Espírito assim retransmitida, podem alcançar números incalculáveis de pessoas.

Tu esforças-te no melhor da tua capacidade para espalhar a verdade da vida eterna, o poder do Espírito Santo manifestado de tantas formas diferentes. Estas verdades que te foram dadas há tanto tempo, esta manifestação de amor, que sai para a escuridão do teu mundo para iluminar e fazer brotar tudo o que é bom dos corações da humanidade. Temos uma grande responsabilidade.

E penso, enquanto falo contigo, em números incalculáveis de almas que, sem dúvida, num tempo futuro, ouvirão a voz do Espírito assim retransmitida; e mesmo numa data posterior, ela ainda terá o poder, ainda será dada àqueles que ouvirem esta verdade através deste teu instrumento. Não creio que as palavras consigam alguma vez transmitir os sentimentos imensos que temos pelo amor. O amor é uma condição que em si mesma não pode ser expressa da forma que desejaríamos, nem por palavras nem por qualquer outro meio, pois o poder do amor é tão forte dentro de nós e deve manifestar-se consequentemente de todo o tipo de formas, descendo às profundezas do vosso mundo e resgatando aqueles que estão nas garras das trevas.

Por muito tempo serviste o poder do Espírito. Por muito tempo, de facto, te esforçaste e trabalhaste em serviço e em amor. Como sempre te disse, grande é o poder que se estende ainda diante de ti. Há alturas em que, sem dúvida, estás exausta. Há alturas em que, sem dúvida, sentes que podes fazer tão pouco. Mas estamos sempre conscientes e dentro da força de um grande poder que nem tu própria percebeste totalmente, o qual te dá a força para seguires em frente, para fazeres um pouco mais a cada dia, cada semana, cada mês, cada ano.

Dissemos-te muitas vezes no passado que serias levada a muitos lugares, que serias capacitada para pregar o Evangelho e o poder do amor à humanidade de diversas formas e em diversas condições e lugares. E o caminho abre-se ainda mais para ti, filha. A tua força, a tua força física e saúde melhorarão e serás revigorada e renovada com um fogo interior que nada pode extinguir. Há alturas em que, por seres humana, é talvez sempre difícil perceber o que tudo isto significa. Porque sendo, como és, humilde no nosso grupo, mas muito forte em espírito, há alturas em que, por seres humana — não direi que és fraca, mas no entanto...

Sessão 12968

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, minha querida.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe, Irmão John, querido.

IRMÃO JOHN: Como bem sabes, é sempre um júbilo muito, muito grande para mim quando tenho esta oportunidade de vir falar contigo. E ao entrar na vibração da terra, estou sempre consciente das muitas necessidades do mundo, particularmente da perceção do poder do Espírito Santo; para que ele possa ser trazido ao mundo da carne, dando um conhecimento e perceção maior da vontade do Altíssimo, de modo a que todos os filhos de Deus possam, mais cedo ou mais tarde, perceber o significado do poder do Espírito Santo e como ele pode mudar e alterar as suas vidas, trazendo paz, tranquilidade e amor ao mundo, tornando o vosso mundo verdadeiramente um lugar jubiloso e feliz. Estamos sempre conscientes das muitas necessidades da carne, do mundo de pensamentos materiais, para que este possa ser mudado, possa ser revigorado com o poder do Espírito Santo de modo a que viva verdadeiramente em paz e em harmonia.

PARTICIPANTE: Parece que ficamos piores, na verdade, Irmão John, em vez de melhores.

IRMÃO JOHN: Disso, minha filha, estamos bem cientes, claro. As condições não melhoram. As pessoas por todo o mundo vivem no medo. Há caos em todo o lado. Há cada vez mais incerteza. A realidade do Espírito não parece fazer o progresso que desejaríamos. De facto, é tão minúsculo, e no entanto, aqui e ali as sementes são semeadas e a luz é dada, e as almas começam dolorosamente a trilhar o caminho da verdadeira progressão espiritual e, em consequência, esforçam-se por ajudar os menos afortunados. No entanto, estamos sempre cientes das muitas necessidades no vosso mundo.

PARTICIPANTE: Sim, suponho que no fundo de cada alma está este desejo de melhoria, embora não percebam como o abordar.

IRMÃO JOHN: Um grande desejo, acima de tudo, é que sejamos capazes de alcançar os jovens, aqueles que estão no limiar da vida. E embora haja muito que cause grave preocupação no vosso mundo em relação aos jovens, vemos ali um vislumbre de esperança, talvez em certos aspetos mais do que alguma vez vimos na história do homem.

PARTICIPANTE: A sério?

IRMÃO JOHN: Isto pode talvez surpreender-te, mas penso que devemos divorciar-nos nos nossos pensamentos dos extrovertidos, dos poucos aqui e ali que criam a impressão errada, talvez, da maioria. Há muitos jovens que estão à procura. Eles não sabem o que procuram. Estão a esforçar-se de uma forma estranha — pode bem parecer-te — mas estão a esforçar-se, muitos deles, pelo esclarecimento. Perderam a fé, claro, na igreja, nas religiões ortodoxas, e cada vez menos seguem a igreja. A igreja falhou, como bem sabemos, ao longo de muitos séculos de tempo, mas mais do que nunca no presente século. Temos visto gerações de povos a afastarem-se gradualmente da ortodoxia.

Sinto-me seguro de que isto tinha de acontecer para que as verdades simples do Mestre ainda registem, ainda tenham significado e importância, mesmo entre muitos dos jovens, os quais sem dúvida por vezes sentes estarem desinteressados. Mas vemos em muitos dos jovens uma mente e um espírito inquisidores. Vemos em muitos deles um desejo de conhecimento. Concordo que muitos deles seguem, pelo que parece, o caminho errado, no entanto, estão a rebelar-se contra muito do que foi aceite pelos seus pais e pelos seus avós. Não são enganados tão facilmente como foram as gerações passadas. Querem saber factos, querem saber a verdade. Estão preparados para dissecar, analisar e criticar; e se sentem convicção sobre qualquer coisa em particular que lhes seja próxima, protestam — e podemos não concordar necessariamente com a sua forma de protesto, mas pelo menos estão a esforçar-se à sua própria maneira, à sua própria moda, por muito mal orientados que possa parecer a muitos. Estão a esforçar-se por formar e criar circunstâncias que tragam mudança.

Quero dizer, teria sido algo inaudito na tua juventude ter agido da forma como muitos deles fazem, em protesto contra, por exemplo, esta terrível guerra no Vietname. Podes dizer que nada de bom vem daí, mas pelo menos estão a esforçar-se por registar os seus sentimentos, as suas emoções. Estão a protestar contra o que sabem ser um mal no vosso mundo, enquanto na tua geração ter-nos-íamos recostado, possivelmente teríamos comentado sobre isso, provavelmente teríamos discutido, mas não teríamos feito nada de tangível.

Mas se eles estão inclinados a sentir, pensar e agir sobre algo que é próximo e querido aos seus corações — quando têm este desejo tremendo de trazer a paz e um entendimento maior entre as nações e povos — parece-me que estamos a fazer progresso. Se conseguirmos levar estas crianças a pensar em linhas espirituais, a perceber a importância de colocar em ação a mensagem tremenda do espírito, a perceção da vida eterna, da comunicação entre o nosso mundo e o vosso... se conseguirmos interessá-los o suficiente para que queiram saber mais sobre a mensagem do espírito e, encontrando-a, a ponham em prática nas suas vidas diárias, se conseguirmos fazer isto, teremos alcançado uma quantidade tremenda, e gradualmente veremos mudanças. Olhamos para os jovens, não para os velhos.

Os velhos esforçam-se nalguns casos por fazer o seu melhor, e embora existam muitos aspetos dos jovens que causem grave preocupação, e existam aqueles na periferia que certamente fazem muitas coisas erradas, a vasta maioria dos jovens está muito mais inclinada a procurar, muito mais inclinada a aprofundar, a ser crítica, a analisar. Sinto que temos de olhar para os jovens cada vez mais para as futuras gerações que hão de vir, para que possam encontrar a verdade, para que a conheçam e a coloquem nas suas vidas de uma forma ativa.

Não adianta, como tem acontecido por gerações sobre gerações, as pessoas continuarem a falar sobre estas coisas e fazerem pouco ou nada. Tem havido muitas discussões, sem número, tem havido muitas organizações, todas a discutir e a falar sobre aspetos da vida espiritual, aspetos da verdade espiritual, mas com a exceção de alguns aqui e ali, nada de consequência foi feito ou alcançado. Organizações foram criadas, bem-intencionadas, e muitas pessoas boas envolvidas, mas pouco progresso espiritual real foi feito. As religiões ortodoxas estão a perder terreno cada vez mais, e aqueles que aderem à antiga fé estão a começar eles próprios a questionar e a começar a ter dúvidas e receios. A Igreja pode ter acumulado ao longo de séculos propriedades, dinheiros e posses enormes, mas não acumulou os corações da humanidade. Não acumulou a verdade espiritual que deveria ter acumulado e emanado essa verdade para o mundo.

PARTICIPANTE: Agora, até a Igreja Romana já tem rebeldes.

IRMÃO JOHN: Este é o princípio do fim. Uma desintegração lenta, muito lenta.

PARTICIPANTE: E vês um mundo melhor a surgir da ausência de religião — refiro-me à religião ortodoxa?

IRMÃO JOHN: Não é nas igrejas, não é nos padres, não é nos templos e organizações que a verdade virá. A verdade só virá quando os homens por

todo o mundo abrirem as suas mentes e os seus corações à verdade para que ela possa, em consequência — tendo visto, conhecido e aceite — mudar as suas vidas além de qualquer reconhecimento, de modo a que o vosso mundo seja inundado pelo poder do Espírito Santo e este seja manifestado em todo o lado. Não é em organizações, não é em igrejas e templos e em padres e paramentos e vestes.

IRMÃO JOHN: Não está no incenso, não está em todas as várias coisas que são invariavelmente consideradas de natureza espiritual. Não é nestas coisas que a espiritualidade e a verdade se encontram. Estas não passam de exibições materiais exteriores, sem fundamento, sem realidade sólida.

São estas as coisas que, por algum tempo, sem dúvida prenderam e acorrentaram as pessoas, mas gradualmente as pessoas estão a libertar-se, a cortar as correntes, a soltarem-se dos grilhões.

PARTICIPANTE: Posso fazer uma observação? E quanto a países como a Rússia e afins, que não professam religião exteriormente? Eles não estão a avançar. Esta é uma afirmação genérica.

IRMÃO JOHN: Sim. Suponho que se diria que, nalguns aspetos, os russos avançaram num sentido material e, sem dúvida, a partir daquilo que lês diariamente nos teus jornais, vais naturalmente assumir que não há consciência espiritual, nem desejo espiritual. Isso pode bem acontecer entre, talvez, uma certa percentagem ou um certo número de pessoas em lugares altos, mas eu consideraria muito errado avaliar ou julgar um povo tão vasto pelas ações de poucos que não representam realmente a massa dos povos da Rússia.

Tenho a certeza de que existem milhões de russos que, dentro de si, anseiam pela fraternidade, anseiam pela verdade espiritual, e sem dúvida muitos ganharam dentro de si uma consciência e perceção interior das coisas, mas estão, até certo ponto, contidos, como bem sabemos. Eles não têm voz. Não têm voz.

Vês, eu vejo a política, até certo ponto, no mesmo nível em que vejo as religiões ortodoxas: todo-poderosas na medida em que o poder está no topo, e aqueles que aderem ou estão ligados ou envolvidos com estas organizações são como súbditos, por vezes num sentido relutantes, outras vezes voluntários, seguindo cegamente aquilo que lhes dizem, sem razão, sem analisarem muito, muitas vezes talvez contentes; mas aqui e ali vês pessoas que estão a começar a libertar-se. O problema é, claro, que existe uma tendência para começarem novas organizações ou novos "ismos". Isto deve ser evitado a todo o custo.

Temos visto as cisões e os vários grupos que iniciaram a sua própria marca de religião, e isto não levou a nada de valor real. Sei que se pode ver o outro aspeto e dizer: "Oh sim, existem grupos de almas que se separaram e fizeram, à sua maneira, muito bem"; e de facto, claro, deve-se ser justo e dizer que no passado existiram muitas pessoas ligadas a igrejas e religiões ortodoxas que alcançaram e fizeram muitas boas obras. Mas nós preocupamo-nos — embora nos preocupemos sempre com o indivíduo — preocupamo-nos com toda a massa da vida humana, para que todos possam conhecer a verdade no sentido mais pleno; para que possam sacudir de si todos os velhos caminhos e ensinamentos ortodoxos, a fim de poderem ser livres e sem correntes, sem grilhões, para seguirem em frente num sentido espiritual real, sendo guiados, ajudados e encorajados por líderes espirituais de almas que, deste lado particularmente, estão ansiosos por servir, liderar, guiar e elevar.

Sabemos que esta verdade, esta fraternidade do homem, este quebrar de barreiras entre nações individuais, traz perceções pacíficas de que todos os homens são iguais aos olhos de Deus; que todos, embora possam estar em diferentes níveis ou estratos de evolução ou de ser, no entanto são fundamentalmente todos iguais. Somos todos parte de um grande plano, uma grande organização num sentido — uma organização da humanidade que está além do tempo e do espaço, além de todas as coisas mesquinhas que fazem os homens sofrer e angustiar-se. Somos verdadeiramente um único espírito, manifestado em muitas formas, em muitos corpos, em muitas nações e povos.

Somos esse espírito único em unidade e uníssono, em harmonia e em amor, como bem deveria ser; mas não o é porque o homem escolhe separar-se individual e coletivamente, num sentido nacional e num sentido religioso, uns dos outros. Estas são as barreiras que o homem criou na sua tolice e ignorância. Não é nas nações, não é nos grupos, não é em todos os "ismos", não é em todas as diferentes denominações e não é em todos os diferentes espíritos nacionais, não é nos campos políticos que a verdade se encontra, mas sim fora deles.

A verdade só será livre quando os homens forem feitos livres para aceitar, limpando as suas mentes, desacorrentando-se, tornando-se abertos, prontos para receber harmoniosamente, habitando no amor, na paz e na harmonia; tornando o vosso mundo naquilo que foi pretendido e deveria bem ser: um campo de treino para o espírito, uma oportunidade de progressão, para que toda e cada alma possa aprender e ganhar experiência, preparando-se para a vida que há de vir. O vosso mundo é uma escola, mas precisais de bons professores. Há muitas turmas, há muitos grupos, ao que parece: alguns bem encaminhados, outros ficando para trás; muitos estão mal informados, muitos estão — lamento dizer — muito na classe dos atrasados; mas há alguns, aqui e

ali, que perceberam a luz, e eles próprios iluminarão as mentes dos outros e abrirão a porta do conhecimento, e a progressão seguir-se-á para todos os que escutam, todos os que se esforçam, em consequência, por servir e fazer a vontade do Altíssimo.

Abençoamos todos os que ensinam a verdade e todos os que a seguem. Abençoamos todos os que procuram e todos os que ainda não encontraram, para que todos possam eventualmente unir-se em harmonia e amor, e a paz do mundo possa ser trazida à existência; para que todos os homens possam aprender a viver e a habitar juntos em harmonia e amor, servindo o Altíssimo, fazendo a vontade do Altíssimo, construindo para si mesmos esse caminho de iluminação que está ali à espera de ser formado pelos seus pensamentos e ações. Tu, minha filha, és verdadeiramente abençoada pelo poder do Espírito; verdadeiramente serviste e certamente continuarás por um bom tempo de tempo terreno a prosseguir o trabalho do Espírito.

Verdadeiramente estamos felicíssimos com a oportunidade de comunicação contigo e através de ti, e a bênção do Espírito está sempre sobre ti. Sobre todos os que escutam a palavra do Espírito, segue em frente com força, minha filha, pois não falharemos e não podemos falhar, pois aquilo que fazemos é maior do que nós próprios. Somos apenas os humildes instrumentos do grande Espírito de toda a vida.

A paz esteja contigo, filha. Deus te abençoe. Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Adeus. Deus me abençoe, Kate.

MICKEY: Mantém o queixo erguido, miúda. Adeus.

PARTICIPANTE: Oh, eu mantenho, querido.

Sessão 13862

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Pai.

IRMÃO JOHN: Há quanto tempo não me era possível falar contigo. No entanto, estive ao teu lado constantemente. Não apenas eu, mas outras almas, particularmente os médicos. Este repouso forçado, estou bem certo, far-te-á muito bem. Deu ao teu corpo uma oportunidade para recuperar e descansar. E a operação, que infelizmente teve de ocorrer, tornou-se muito necessária.

PARTICIPANTE: Sim, obviamente.

IRMÃO JOHN: Eu esperava e rezava para que pudesse ter sido evitada. De facto, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para a evitar. Mas, no fim, percebeu-se que era necessário fazer a cirurgia. No entanto, agora terminou. E o futuro estende-se diante de nós com novas oportunidades, novas possibilidades em várias direções para alargar o trabalho e propagar a verdade da sobrevivência, trazendo conforto e conhecimento àqueles que procuram. Esta é a nossa tarefa, filha.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Pensei que talvez esta manhã fosse um bom plano se me apresentasses quaisquer perguntas que possas desejar particularmente ver respondidas.

PARTICIPANTE: Bem, tenho uma. Andou a remoer na minha mente. Durante as passadas semanas de repouso, fui levada a um exame mais atento da vida de Cristo na terra. E parece-me que, se queres ser um verdadeiro seguidor dele, tens de tornar essa ligação com Deus e com o mundo espiritual tão forte, como um poder e núcleo central dentro de ti, e ajustar a vida material em redor, por fora, num grau menor — o que ele fez. E depois olho para o mundo e vejo a violência, o crime e o mal, mesmo no nosso próprio país, e a pessoa pergunta-se como pode trazer impacto espiritual suficiente ao mundo para o virar para Deus.

IRMÃO JOHN: Esta é uma pergunta, filha, que tem sido feita desde tempos imemoriais, mesmo antes do tempo de Cristo. É uma pergunta tão antiga quanto a história, tão antiga quanto o próprio tempo. Desde que o homem tem memória do homem, existiu esta situação terrível, devida em grande parte, claro, ao próprio homem. Esta pergunta que me fazes é tão imensa, e não existe uma resposta direta nem simples. Pode-se apenas olhar em redor e ver quão diversos são os muitos pecados do mundo; como o próprio homem, individual e coletivamente, através da ignorância, do orgulho, da insensatez, através de todas as múltiplas condições de mal dentro de si, estabelece esta situação terrível na qual se encontra cada vez mais separado do reino do espírito e da autoridade de Deus.

Deus deu ao homem o livre-arbítrio para escolher, para que, ao escolher, possa encontrar por si mesmo o seu próprio caminho. Muitos são os que, claro, se desviam; muitos são os que, em consequência, cometem muitos dos pecados que os separam, ainda que temporariamente, do reino do espírito, do próprio Deus. Mas nada disto é novo; tudo isto tem vindo a acontecer desde que o próprio tempo foi recordado pela primeira vez.

E se tu própria, como indivíduo, esforçando-te por fazer como fazes o trabalho de Deus, empenhando-te em propagar a verdade, em espalhar a

verdade da sobrevivência e da vida eterna, esforçando-te por dar ao homem uma nova conceção da vida e do trabalho do espírito, esforçando-te por fazer a vontade de Deus entre os Seus filhos — se tu própria sentes, como de facto todos devem sentir ainda mais, a imensidão da tarefa numa ocasião como esta, só posso dizer que cada um colhe o que semeia. Estás a semear, filha, sementes aqui e ali; embora existam muitas ervas daninhas que surgem e sufocam, no entanto, aqui e ali uma flor brota. Este é o teu trabalho: estás a fazer o trabalho de Deus, estás a esforçar-te por fazer a vontade d'Ele da maneira pela qual foste conduzida; mas não podes esperar dentro de ti alcançar nem de perto o que tu própria possas desejar ou o que nós possamos desejar.

Podemos apenas plantar as sementes; podemos apenas esperar e rezar para que demasiadas ervas daninhas não sufoquem nem destruam aquilo que semeámos juntos. Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance, mas este problema que trazes é um problema tão antigo e só podemos esperar fazer uma pequena parte. A imensidão da tarefa é tremenda; é por isso que sempre te disse que precisamos de almas inumeráveis que se cheguem à frente e se esforcem por fazer o trabalho, que desenvolvam os seus poderes do espírito e do psíquico e façam o trabalho, e em consequência colham uma colheita maior.

Sei que deve parecer, por vezes, uma tarefa impossível; deve parecer que estás apenas, por assim dizer, a arranhar a superfície e a fazer pouco progresso; mas eu digo-te, filha: para cada dois ou três que são trazidos a Deus, para cada dois ou três a quem é mostrado o caminho e a vereda, através deles eventualmente centenas e milhares de outros virão. Não estamos a perder o nosso tempo, não estamos a falhar naquilo que estamos a fazer. Podemos, na imensidão dos números do mundo, parecer inseguros, insuficientes, parecer que estamos a fazer tão pouco, mas não devemos, num sentido, olhar para a questão sob esse aspeto.

Devemos lembrar-nos de que estamos a lançar as sementes. Talvez não vejamos o resultado da colheita. Certamente tu, no teu tempo de vida, dificilmente podes esperar ver talvez muito resultado; mas é a nova geração que há de vir e as gerações que hão de seguir.

Existem mudanças a ocorrer no vosso mundo. Algumas dessas mudanças tu desconheces por completo. Alguns desses aspetos da verdade que nos esforçamos por trazer e ajudar no mundo ainda não foram plenamente percebidos. Mesmo aqueles a quem chamas cientistas — embora muitas vezes usem as suas descobertas para piorar a humanidade — muitas vezes existe benefício; e virá o tempo, e não está distante, como muitas vezes profetizei e

disse no passado, em que a própria ciência trabalhará em harmonia connosco. Surgirão métodos e formas de comunicação e revelação em relação ao reino do espírito que, pela própria natureza das suas descobertas, alterarão de tal forma os pensamentos e a visão do homem que o próprio homem pensará e agirá de forma diferente e, em consequência, aproximar-se-á de nós e trabalhará connosco.

Podemos apenas dizer isto, filha, nesta fase: que deves e podes apenas fazer aquilo que te é permitido fazer sob as circunstâncias em que vives e existes; mas tu não és um fracasso, nem o trabalho que fazemos é um fracasso. Embora possa haver tarefas imensas, problemas intransponíveis, gradualmente eles serão superados. Não tenho dúvidas quanto ao futuro. O passado mostrou-nos o presente e o presente mostrar-nos-á o futuro; e isto eu sei: que embora o nosso trabalho pareça atrasado e por vezes pareçamos tão lentos, no entanto avançaremos de tal forma, a tal ritmo nos anos que se estendem à frente, que grandes descobertas e grandes condições de vida sofrerão mudanças e o mundo beneficiará do conhecimento e da experiência.

Pois nós, lembra-te, estamos a trabalhar não apenas com os nossos instrumentos como tu própria, mas estamos a trabalhar noutras direções, infiltrando o nosso pensamento e o nosso conhecimento o melhor que podemos através de pessoas que nem sequer sabem o significado da palavra médium, que nem sequer sabem o significado da palavra espiritualismo, como lhe chamas; mas estamos a trabalhar com os cientistas e as suas descobertas, e os cientistas deste lado que trabalham com eles trarão grandes bênçãos nos séculos que se estendem à frente.

Pode parecer-te estranho e quase assustador falar sobre os séculos à frente, mas devemos lembrar-nos, filha, de que o tempo é como nada. Sei que deve parecer... por vezes, uma tarefa tal que o mero pensamento dela sobrecarrega e quase horroriza; mas, no entanto, eu digo-te: no teu próprio tempo, na tua própria geração, à tua própria maneira — por pequena que seja — estás a fazer o trabalho do Espírito. Aqui e ali estás a trazer conhecimento e conforto. Aqui e ali estás a começar a mostrar o caminho e a vereda àquelas almas que escutarão e aprenderão e, em consequência, elas próprias em certa medida servirão.

Está a crescer a tal ponto que talvez tu própria não o percebas; mas não fiques demasiado desanimada, não fiques demasiado perturbada. Se te parecer por vezes que a tarefa é demasiado imensa e que pouco se pode esperar, sabe que à tua maneira, filha, estás a fazer um grande trabalho; e isto eu sei: será abençoado e tu própria serás abençoada em consequência, e não há momento que seja desperdiçado. Não há fracasso aqui, filha, pois pode-se olhar para

trás, recordar e ver indivíduos que foram ajudados e guiados, e muitos outros além desses que desconheces. Estes escutaram e estes aprenderam e estes, em si mesmos, foram ajudados e guiados e, nalguns casos, resultaram vidas mudadas. Não te preocupes demasiado, nem profundamente, com a imensidão da tarefa.

PARTICIPANTE: Senhor, não é que eu tenha pensado ou alguma vez imaginado que fosse um fracasso ou que não estivéssemos a alcançar nada, mas suponho que é porque estou tão ansiosa por levar o que sei aos outros e, quando os vemos a estragar as suas vidas, parece tão difícil convencê-los.

IRMÃO JOHN: Eu sei, filha, mas há muitas coisas a acontecer hoje no vosso mundo que são o resultado da tolice do homem, da ganância do homem pelo poder e posição e também, acima de tudo, talvez da sua ignorância. O homem nalguns aspetos é muito ignorante — certamente ignorante dos verdadeiros valores. O homem está a lutar e a debater-se, muitas vezes por aquilo que considera uma causa justa, mas não procura suficientemente fundo para descobrir que a verdadeira causa é a causa que está dentro de si próprio, que está submersa.

O homem está a lutar pela chamada liberdade. O homem está a lutar por várias coisas. Chama-lhes vários nomes, mas a maioria dos homens não compreende nem sabe realmente que dentro de si mesmos está a liberdade da vida, a liberdade do espírito que se esforça por rebentar as correntes da carne. Se o homem estivesse a lutar pela verdadeira liberdade, se o homem estivesse a lutar pelo verdadeiro despertar e reafirmação espiritual de si próprio, então haveria um resultado vastamente diferente. Existem tantos povos em diferentes partes do mundo que lutam pelo que chamam a sua liberdade e, no entanto, dentro de si mesmos existe uma força e um poder que é muito maior do que qualquer coisa que eles ainda conheçam.

Claro que nós, deste lado, estamos preocupados com várias causas pelas quais o homem luta. Acreditamos também no direito do indivíduo de ser capaz de escolher por si mesmo o seu rumo e o seu caminho. É esta liberdade maravilhosa e gloriosa que torna a vida tolerável, que torna a vida compreensível. Ao homem foi dado livre-arbítrio para escolher por si mesmo, mas nalguns lugares o homem não tem liberdade. Ele não tem livre-arbítrio. E, claro, muitas vezes isso leva a incidentes infelizes e, nalgumas instâncias, leva à guerra, à infelicidade e ao derramamento de sangue. Todas estas coisas são de lamentar e, no entanto, ao mesmo tempo, simpatizamos, vemos, compreendemos e conhecemos os motivos.

Mas o que está errado, certamente, é que o homem não percebe que, bem no fundo de si mesmo, está a verdadeira perceção; está a verdadeira liberdade,

a liberdade do espírito — a liberdade que pode estar, como certamente está em muitas instâncias, submersa. Muitas pessoas nem sequer a reconhecem; mas quando o homem percebe a sua unidade com o infinito, quando o homem percebe que faz parte do propósito e plano de Deus, então muitas vezes as próprias circunstâncias da sua vida são frequentemente necessárias para que aprenda por experiência. Quando o homem passa pela vida com pouco ou nenhum dano, com pouca ou nenhuma tentação, pouco ou nenhum problema, então a própria vida é vã e inútil. É apenas quando tens de lutar e esforçar-te, quando tens de, dentro de ti, usar todos os meios que possas para fazer brotar tudo o que é bom de dentro de ti; quando o homem aprende a travar as suas lições no sentido correto, da maneira correta, e compreende o significado e o propósito, então pode verdadeiramente progredir.

Mas se a vida do homem fosse uma passagem fácil através do tempo, o homem pouco ou nada aprenderia, o homem não se tornaria, em consequência, mais elevado e mais elevado. O homem tem de lutar. Não quero dizer aqui, claro, que deva necessariamente lutar num sentido físico, mas deve lutar num sentido moral, deve lutar num sentido espiritual. O homem deve aprender que o mundo só pode ser superado quando ele próprio perceber que as armas ao seu comando são as armas do amor, da tolerância e da humanidade. O homem tem dentro de si um grande poder do qual pouco ou nada sabe, do qual experiencia muito pouco em consequência. Mas quando o homem aprender a dominar essas verdades da perceção do poder do espírito e utilizar essas forças para o bem, a vida do homem, o mundo do homem, será mudado.

Prevejo um tempo em que o mundo inteiro virá a Deus, mas não é ainda. O homem tem ainda muito que aprender, muito pelo que lutar, muito a que tem de voltar as costas. O homem tem de aprender a viver num equilíbrio, por assim dizer, entre o material e o espiritual. Ele deve perceber que a sua vida material, por muito importante que seja, deve ser de consideração secundária em relação à espiritual. Quando houver um equilíbrio do espírito e do material, então certamente surgirá a união perfeita; o homem perfeito em consequência emerge, e ele vive num mundo de paz, e vive num mundo de fartura, e vive num mundo onde pode verdadeiramente tornar-se um filho de Deus no sentido mais elevado. O homem tem ainda de aprender a viver consigo próprio. Quando começar a perceber como isso se faz, então viverá com os outros em paz e harmonia, e desenvolver-se-á e evoluirá em consequência para o reino do espírito enquanto ainda na terra. Pensamos nesses tempos que podem estar ainda muito longe, e no entanto sabemos que eles têm de vir. O reino do espírito enquanto ainda na terra.

O homem sendo motivado pelo bem, não pelo mal, e em consequência encontrando esse paraíso, essa paz que ele procura. Por outras palavras, será verdadeiramente um campo de criação de grande promessa para o reino do espírito que há de vir. O mundo terreno é um mundo de grande beleza e é também uma grande oportunidade. Não esqueças que muitas vezes uma luta é necessária. Muitas vezes é essencial que se lute dentro de si mesmo e fora antes de se poder esperar alcançar e tornar-se, em consequência, algo mais. Não há razão para que o próprio homem não encontre esse caminho que o conduzirá, individual e coletivamente, para Deus.

Vimos para apontar o rumo, mas não podemos obrigar o homem a tomar o caminho se ele não o quiser. Só lhe podemos dizer: "Este é o rumo, este é o caminho. Cabe-te a ti decidir. Ajudar-te-emos, guiar-te-emos, elevar-te-emos. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para te sustentar e abençoar. Mas continua a caber-te a ti fazer a escolha".

E assim é, filha: estás a fazer a tua parte, estás a fazer tudo o que está ao teu alcance. Ninguém pode fazer mais do que isso. E sei que juntos ainda alcançaremos muito, e seremos abençoados por muitos por aquilo que fizemos. Não procuramos necessariamente as bênçãos, não procuramos o louvor, não procuramos a honra e a glória; procuramos apenas servir em amor e em sinceridade aqueles nossos irmãos e irmãs que procuram paciente e diligentemente o caminho da verdade e da revelação. Fomos abençoados, e o nosso grande júbilo e felicidade reside em ver outros encontrarem o caminho, encontrarem a paz e a glória que vem com o serviço e com o amor. Tudo está bem, minha filha.

Passaste, naturalmente, por uma grande provação e tempo de teste. Mas deu-te tempo também para aprender. Deu-te tempo também para refrescar o teu eu físico e mental. Deu-nos também a oportunidade de construir em teu redor uma muralha ainda maior de amor e proteção. E nós, juntos, agora que renasceste num sentido e estás refrescada, seguiremos em frente com uma força maior e um poder maior para fazermos a vontade do Pai. Estou certo de que tudo o que fizemos no passado, por muito grande que tenha sido — maior do que tu própria sabes, minha filha — tornar-se-á maior e mais abençoado em consequência do que transpirou. Este espaço para respirar, este tempo que decorreu quando parecias ter estado inativa... muito foi feito nos bastidores. Eu e outros preparámos o caminho para um trabalho maior, um assalto maior, por assim dizer, às cidadelas das trevas, para que possamos trazer a luz para o seu interior e as pessoas possam regozijar-se. Estou convencido, filha, de que tudo está bem.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido. Muito encorajador.

IRMÃO JOHN: Palavras, palavras, palavras. Quão inadequadas devem parecer. Certamente me parecem a mim, filha. Não consigo dizer-te nestas palavras de modo a que compreendas a intensidade do meu ser, a intensidade do meu sentimento e consideração. Apenas sei que nos tornámos mais unidos, mais "um" em espírito e em verdade; e o repouso e a mudança que ocorreram para ti, embora tenham sido nalguns sentidos um grande fardo, provarão ser uma bênção disfarçada. O meu amor, a minha paz e a minha bênção estejam sobre ti, filha. Tudo está bem.

IRMÃO JOHN: Saudações de todas as almas aqui, muitas conhecidas e muitas desconhecidas. A tua mãe, claro, tem estado muito perto de ti durante as últimas semanas, e todos os queridos amigos que conheces e amas, todos se esforçaram, todos se esforçaram por te assistir, guiar e ajudar. Tudo está bem, filha.

Mesmo às vezes quando as coisas parecem más, há um poder do bem a trabalhar, se ao menos as pessoas pudessem perceber isso. Às vezes, quando as pessoas dizem — como fazem tão frequentemente — "Meu Deus, por que Me abandonaste?", tantas vezes isto ecoa sempre que há necessidade, sempre que há dificuldade ou problema. Frequentemente as pessoas, quase involuntariamente, pedem ajuda a Deus; mas se não parecem estar a alcançar ou a progredir nalguma direção, pensam que foram abandonadas. O homem parece apelar sempre a Deus quando está em grande necessidade, esquecendo-O noutras alturas, ignorando-O e tratando dos seus próprios negócios e assuntos, pensando apenas em si próprio; mas, invariavelmente, na sua hora de necessidade, as pessoas chamam por Deus.

A maioria das pessoas, sem o perceber, vive de forma egoísta. Devemos aprender a partilhar não apenas a nossa felicidade, mas também as nossas dores. Devemos aprender a ser um com o outro, a compreender e a tolerar muitas das tolices que estão a acontecer no mundo. Devemos tentar compreender a razão e o motivo. Devemos dar a nossa fraternidade, amor e entendimento, e devemos lembrar-nos e perceber que, ao chamarmos por Deus, o Seu poder está ao nosso redor e dentro de nós; e que esse poder pode sustentar-nos e superar todas as coisas, se ao menos tivermos a fé e a perceção disso. Fomos grandemente abençoados, filha, e todas as tuas orações serão respondidas, pois essas orações são invariavelmente pelos outros e não por ti própria — para que sejas preservada, para que sejas fortalecida, para que possas continuar e fazer o trabalho por mais alguns anos em amor, serviço e humildade.

Estes são os teus pensamentos e as tuas orações, e eles serão respondidos, filha. Tem boa fé, tem bom coração, pois tudo está bem. Estamos

a trabalhar verdadeiramente sob o cuidado e o conhecimento do Divino, e nisto não podemos falhar, pois é maior do que nós mesmos; somos apenas os seus servos. A minha bênção esteja sobre ti. Adeus, filha. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey.

Sessão 13977

IRMÃO JOHN: Uma criança abençoada. Quão longo parece o tempo desde a última vez que falámos juntos. E, no entanto, suponho que no tempo em si isso seja como nada.

Palavras, palavras, palavras... quão inadequadas parecem. Aquilo que se sente com a intensidade do próprio ser, as palavras não conseguem transmitir muito do que se tem consciência dentro de si. As reações que recebemos de ti, muitas vezes quando te vimos visitar, são tais que nos dão esperança. Dão-nos esperança para o futuro. Esperança não apenas no trabalho que ainda antecipamos fazer contigo e através de ti, mas esperança de que muitos que receberam esclarecimento, instrução e orientação possam, no decurso do tempo, ser eles próprios portadores de luz na escuridão do vosso mundo. Muitas vezes te disse, filha, que muitos foram os grãos que caíram.

Muitos são os que foram abençoados. Embora alguns possam cair em solo pedregoso, no entanto houve colheita. Muitos são os que foram esclarecidos, guiados, instruídos e ajudados, e viram um pouco mais da luz do espírito através dos esforços que fizemos juntos. Olho para trás com grande júbilo para os muitos anos da nossa associação e ainda espero e rezo — e sei que assim será — que, nos poucos anos que restam, possamos ainda continuar a fazer o trabalho do espírito.

PARTICIPANTE: Sim, é neles que tens esperança.

IRMÃO JOHN: Eu sei, filha, que o caminho não é fácil. A vereda nunca é fácil para aqueles que serviriam o grande espírito de toda a luz. Mas, embora às vezes o fardo possa parecer um pouco pesado, o poder do espírito dá-te a força e torna possível o caminho. Não há necessidade, minha filha, de teres quaisquer dúvidas, medos ou receios sobre ti própria. Sei que é humano e natural; há alturas em que sentes que não consegues talvez alcançar sempre o que tinhas esperado fazer. Às vezes a carne é fraca, embora o espírito esteja disposto. Mas olho para trás com grande júbilo — como de facto sei que tu deves olhar — para os muitos anos de serviço que demos à humanidade.

Quando olhamos para o vosso mundo e vemos o tremendo abalo em todo o lado, a agitação, o ódio, a amargura; quando vemos com tanta tristeza aquilo

que o homem faz aos homens, isto faz-nos sentir não apenas muito angustiados em mente e espírito, mas, mesmo assim, mantemos a esperança junto ao peito. Esperança de que, de toda a escuridão, virá a luz; e os portadores da tocha do espírito, como tu própria, saem para as trevas iluminando o caminho daqueles que, com o tempo, esperamos que vejam, se não veem agora. Foste grandemente abençoada, filha.

Sei que o caminho não tem sido fácil, e sei que às vezes parece para ti uma luta; no entanto, foste elevada, fortalecida e tornada apta o suficiente, pelo menos, para levar adiante o trabalho do espírito. Mas não quero ocupar todo o tempo esta manhã, a não ser para te perguntar se há perguntas que tu ou outros te tenham colocado para me fazeres; se estiver no meu poder responder, assim o farei. O que vais escolher esta manhã?

PARTICIPANTE: Escolher? Sim. Há tantos aspetos por onde escolher.

IRMÃO JOHN: Acho que falarei talvez sobre o livre-arbítrio. Frequentemente ouvimos muitas pessoas dizerem, especialmente aquelas que estão no movimento a que chamais espiritualismo, sobre o livre-arbítrio. Terá o homem livre-arbítrio? É ele incapaz de escolher por si mesmo livremente o seu caminho? É ele capaz de fazer as coisas que deseja fazer sem qualquer interferência, sem que ninguém ao lado lhe diga ou dite, como algumas pessoas pensariam? Creio ser sábio que o homem perceba que nós, que viemos através do espírito, vimos livremente. E nunca ditamos. Podemos sugerir, podemos aconselhar, podemos tentar guiar aqueles que nos são próximos e queridos na terra.

Ao homem, pela sua própria natureza, foi dado o direito de escolher livremente por si mesmo.

PARTICIPANTE: Sim, em todos os dias que te conheço, nunca uma única vez disseste: "faz isto".

IRMÃO JOHN: Não, filha. Posso ter sugerido a possibilidade de fazer algo que sinta ser um rumo sensato a tomar. Mas isso não altera o facto óbvio de que o homem, embora tenha livre-arbítrio, não o tem, num sentido, de forma completa. O que quero dizer com isto é que cada ser humano deve ver-se como parte de um grande todo. É antes, talvez, como se ele próprio fosse apenas uma pequena porção num grande quebra-cabeças chamado vida. E ninguém pode esperar ver a imagem completa durante a sua vida terrena. E deve também lembrar-se de que é essencial, na imagem completa, haver luz e sombra.

Às vezes, pessoas são trazidas à tua vida ou são, por assim dizer, contactadas — talvez de uma maneira ou forma estranha — e elas têm uma

influência sobre ti. Por outras palavras, o que estou a tentar transmitir aqui é que, embora o homem tenha livre-arbítrio para escolher por si próprio, ele continua sujeito a condições. Continua sujeito a influências. Os pensamentos dos outros são muito fecundos e, às vezes, muito fortes e poderosos. E por vezes uma pessoa pode ser influenciada contra a sua vontade. Por vezes podem ser influenciados a fazer coisas que lhes são contrárias ao seu entendimento ou desejo normal.

Por exemplo, uma criança nasce numa família. A criança começa a crescer e começa a compreender, começa a assumir pensamentos e ideias, muitas vezes dos seus pais e daqueles que lhe são próximos e queridos. E, inconscientemente, a sua mente está a ser formada de uma certa maneira. Por vezes ela herda dos seus pais e daqueles ao seu redor certos preconceitos contra outros. Uma criança é maleável. Uma criança pode ser utilizada de tal forma — de acordo com as influências ao seu redor — que se desenvolve numa certa personalidade ou certo caráter sem que talvez o perceba ou compreenda totalmente.

O que desejo que as pessoas percebam é que, embora individualmente uma pessoa seja livre, continua sujeita a todo o tipo de influências, tanto más como indiferentes. E muitas vezes verás que uma criança foi criada num ambiente muito religioso, enviada à escola dominical e à igreja. E ela assume, mais cedo ou mais tarde, preconceitos fortes. As influências exercidas sobre ela são muito poderosas. Por vezes a sua mentalidade torna-se estreita e confinada. A sua mente fica cheia de preconceito, dogma e credo. E é difícil para ela perceber qualquer outro aspeto da verdade. A verdade tem muitas facetas, como já te disse. Não venho para condenar. Venho, tanto quanto está no meu poder, para elevar e enobrecer a humanidade. Mas, ao mesmo tempo, não sou alheio aos muitos problemas e dificuldades. E torna-se mais difícil entrar nos corações daqueles cujas mentes estão fechadas pelo preconceito.

O homem deve ver-se — embora queira e deseje ver-se como um indivíduo, o que até certo ponto é — mas deve ver-se também como parte integrante do mundo, dos homens; que ele é parte de todos os homens. O Espírito flui livremente através de toda a humanidade. E embora ele possa, ao longo do tempo, construir a sua própria personalidade, caráter e individualidade, continua a ser parte do resto do mundo em que vive e se move, e é influenciado por todos os homens de todo o tipo e povos.

Foste abençoada porque te foi dada a liberdade de escolher. E escolheste o caminho do Espírito. A tua vida foi iluminada e enobrecida pelos ensinamentos do Espírito. Viste a futilidade do materialismo. Embora percebas que tens de viver no mundo material e tens de te sustentar; embora

tenhas de, até certo ponto, fazer certas coisas de natureza material que têm de ser feitas porque ainda estás no mundo material e deves viver dentro dele; no entanto, estás consciente e és influenciada pelas coisas do Espírito e, em consequência, ganhaste equilíbrio. A cabeça e o coração estão em uníssono e o Espírito dirige; e tudo o que te esforças por fazer é seguir o caminho da verdadeira perceção espiritual, o que te deu uma força que nada no mundo poderia ter dado.

As coisas materiais têm o seu lugar. Não as condenamos. Percebemos a necessidade e a importância da quietude da mente e da paz e tranquilidade do lar. Percebemos que tens, como todos os outros, problemas de natureza material. Mas eu sei isto: que és capacitada a continuar em quietude, o que é apenas o suficiente — se não mais — para aliviar a tua mente das coisas materiais até certo ponto. Nunca prometemos que o caminho seria fácil. Nunca prometemos que terias mais do que aquilo que agora possuis. Nunca sugerimos que os benefícios materiais seriam grandes ou que dinheiros materiais cairiam nos cofres. No entanto, filha, tens uma mente tranquila.

Tens uma perceção do amor de Deus pelos Seus filhos e foste abençoada consequentemente porque te esforçaste por seguir o caminho da retidão e da verdade. Não quero que ninguém que ouça a minha voz assuma por um segundo que eu ou qualquer um de nós aqui está fora de contacto com os vossos problemas materiais. Mas dizemos-vos: a vossa fé pode realizar muitas coisas. Pode de facto remover montanhas, como o próprio Jesus disse uma vez. E como a mulher que tocou a orla das Suas vestes, ao que Ele Se voltou para ela e disse: "A tua fé te salvou". Assim será com todos os que têm fé no poder do Espírito Divino: todas as coisas se seguirão consequentemente.

E todos e cada um que compreenda estas verdades será abençoado espiritualmente e será capacitado a continuar a fazer o trabalho do Espírito, mesmo que este pareça pequeno num sentido. Mas lembra-te que muitas vezes é nas coisas mais pequenas que o maior é alcançado.

PARTICIPANTE: Sim, eu lembrar-me-ei de me teres dito que ninguém pode mostrar mais do que aquilo que absorveu.

IRMÃO JOHN: Isso é verdade. Sabes, minha filha, tu assumiste imenso. Tomaste para ti uma grande perceção das coisas do Espírito. E porque tens a perceção interior, pressentes e sentes por vezes coisas que não podem ser colocadas em palavras. Assumiste o manto do Espírito enquanto ainda estás na carne. Porque, embora não o vejas, ele está a envolver-te. É como uma luz, é como um poderoso manto de proteção contra todo o tipo de condições e coisas materiais, impedindo que te toquem ou prejudiquem.

PARTICIPANTE: Às vezes desejava estar mais consciente dessas coisas, mas por que não estou?

IRMÃO JOHN: Filha, creio que pode muito bem ser que não fosse talvez muito bom, num sentido, que estivesses demasiado consciente. A força do Espírito é tal que poderia sobrecarregar-te. Se pudesses ver e se pudesses estar consciente de certos aspetos das coisas que te trazemos, seria talvez demasiado avassalador. Vês, filha, para se ser um instrumento da vontade e propósito de Deus, um instrumento para os Seus servos deste lado, é essencial, creio eu, que o indivíduo como tu — o instrumento — esteja ciente e consciente, claro, do poder do Espírito naqueles que vêm manifestar-se e trabalhar contigo e através de ti. Mas seria também talvez imprudente se te fosse permitido ter demasiado de uma só vez.

Claro, talvez possa bem acontecer que, quando estás sentada quieta, em paz, à vontade, em repouso, e a tua mente está mais tranquila, longe das coisas materiais lá fora no mundo, estejas temporariamente em sintonia e em contacto, e recebas talvez mais do que percebes. Por vezes, claro, estás aqui connosco. Podes não estar ciente ou consciente quando voltas ao mundo e corpo material físico; mas se estivesses... como tanta gente diz: "Oh, desejava tanto poder lembrar-me de onde estive e do que estive a fazer e de quem conheci"... e, claro, ocasionalmente acontece que se permite trazer de volta um fragmento ou uma memória de algum incidente ou experiência. Mas recapturar demasiado, cedo demais... não creio que uma pessoa no teu mundo, como tu própria, fosse capaz de continuar. Acho que ficarias tão insatisfeita com a tua sorte material que conhecer as coisas do espírito numa extensão maior te tornaria tão inquieta e tão infeliz que não poderias participar plenamente das coisas do espírito enquanto ainda na carne.

Acho que se tem de aceitar o facto óbvio de que é sábio aceitar aquilo que é dado, por pouco que pareça ou seja, e perceber que é um pequeno vislumbre das coisas que ainda estão para vir. Um caminho que tem de ser trilhado; às vezes pode ser cansativo, às vezes os passos podem vacilar. Mas, no entanto, o poder do espírito capacita-te a seguir em frente em direção à luz no fim da estrada. Tu és um pouco como um bom samaritano. Talvez não te comparasses a tal, mas mesmo assim, aquele que alcança mais e atinge o objetivo traçado de forma mais rápida e segura é o indivíduo que está preparado para parar pelo caminho e sentar-se à beira da estrada com algum companheiro menos afortunado e falar com ele e confortá-lo e curá-lo — tratar das suas feridas se ele assim precisar, filha.

Não há razão para duvidar — e eu sei que não duvidas — mas não há razão para duvidar que o poder do espírito abrange tudo. Pode nem sempre ser

óbvio, pode nem sempre parecer que pode ser compreendido mesmo quando está a ser mostrado. Existem aqueles que professam no vosso mundo ser "infantes"; existem aqueles que são mais significativos, mais intencionados, bondosos, ansiosos por servir, e no entanto, eles próprios não estão ainda prontos. Nós não antecipamos que serás capaz de alcançar sempre tudo o que tu e nós nos propusemos fazer. Só podemos fazer um pouco, mas esse pouco significa imenso. E se todos os que viram a luz do espírito fizessem o mesmo, certamente o mundo começaria então a perceber o poder do espírito que está a ser manifestado.

PARTICIPANTE: Eu desejava ter podido fazer muito mais.

IRMÃO JOHN: Filha, não tenhas arrependimentos. Não tenhas arrependimentos. Pois aquilo que foi feito, está feito. O que foi alcançado, está alcançado. Aqueles que foram ajudados, guiados e elevados, foram ajudados, guiados e elevados. Aqueles que choraram e cujos corações estavam pesados, nalguns casos, foram confortados. E aqueles, talvez, que não viram plenamente a luz do espírito, viram, contudo, um vislumbre. E isto em si mesmo pode ser soprado até se tornar uma chama. Filha, estamos contentes, estamos felizes por tudo o que passou ter sido uma grande conquista do espírito. Mais ainda está para se seguir, mais ainda está para vir. Tem boa fé, tem bom coração.

A todos aqueles que possam ouvir esta, a que chamas gravação da voz do espírito, eu digo: quem quer que sejas, onde quer que estejas, qual seja o teu problema, qual seja o teu desejo — se for bom, se for verdadeiramente do coração, procurando a iluminação do espírito — certamente serás ajudado, serás confortado e a tua vida será iluminada pelo poder do espírito e verás o caminho que tens de trilhar. A todos e cada um de vós está a ser dada uma oportunidade de procurar e encontrar.

E foi dito: "não que vos será aberto" [referência a bater à porta]. Eu digo-vos: batei à porta da verdade e certamente passareis para a luz da face de Deus, para que ela brilhe tão verdadeiramente sobre vós que os vossos corações sejam elevados e o fortalecimento do poder do espírito vos cure não só mental e fisicamente, mas acima de tudo espiritualmente enquanto ainda na carne. Verdadeiramente podereis ver a face do poder divino de toda a luz. Tende boa fé, meus filhos.

O meu amor, a minha paz estejam convosco agora e sempre. Adeus, minha filha. Eu te abençoo.

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Pai John. Consegues ouvir?

IRMÃO JOHN: Sim, consigo ouvir-te. Nestas ocasiões, quando venho falar contigo, ao nosso redor permanecem, invisíveis e inaudíveis, almas em demasia. Muitas destas almas são atraídas à terra no desejo de contactar aqueles que se esforçam por servir e ser verdadeiramente servos do Altíssimo. Hoje, estas almas são por vezes atraídas nestas ocasiões para que possam ter um pouco mais de experiência na comunicação; para que, quando chegar a altura, sejam capazes, através desta experiência, de conhecer e examinar o vosso lado da vida.

Há muitos aqui hoje que procuram instrumentos adequados. Infelizmente, há muito poucos no vosso mundo que estejam sinceramente ansiosos por serem usados para fazer o trabalho. Aqui e ali, existem almas dotadas do poder do Espírito e que se esforçam por ser instrumentos no verdadeiro sentido, mas, infelizmente, são insuficientes.

A nossa tarefa é tão tremenda — de facto, tão tremenda é a nossa tarefa — que percebemos a enormidade da mesma. Percebemos que só podemos fazer uma pequena parte, uma parte muito pequena de facto, daquilo que gostaríamos, antecipamos e esperamos fazer. Mas, no entanto, esforçamo-nos o melhor que podemos, utilizando os instrumentos de que dispomos para infiltrar no vosso mundo alguma pequena parte da vontade, do plano e do propósito de Deus.

Os instrumentos nem sempre percebem as tremendas responsabilidades que lhes são confiadas e, infelizmente, alguns contentam-se em trabalhar num plano não muito afastado da Terra, muito material no seu conceito. E isto, para nós, é um grande desapontamento. Médiuns que mostraram grande promessa, que poderiam ter sido usados para trazer grandes ensinamentos, grande filosofia, grande elevação e orientação espiritual, contentaram-se em trabalhar no plano que está tão perto da Terra que se torna quase óbvio.

E recebes, como bem sabes, muitas vezes nas igrejas, estas mensagens mundanas que, quando analisadas, não contêm nada de valor verdadeiro. Muitas vezes os próprios médiuns, pelos seus próprios pensamentos, atraem para si entidades que se contentam em emanar mensagens que são, na sua essência, puramente materiais. Estamos muito perturbados com isto, pois sentimos que tantas barreiras são colocadas no nosso caminho precisamente pelas pessoas na Terra que mais nos deveriam apoiar, que mais nos deveriam ajudar.

Infelizmente, este é um estado de coisas que se prolonga há muito, muito tempo. E muitas das igrejas que visitas estão de facto estéreis e certamente não realizam o trabalho como ele deveria ser feito. Contentam-se desde que

recebam fonte de rendimento suficiente ao providenciarem as mensagens materiais que as pessoas parecem querer.

Muito poucos se preocupam com a verdade e os ensinamentos do Espírito, desde que consigam encher a sua igreja com buscadores de mensagens e dar-lhes as leituras de psicometria e todos os outros aspetos que apelam ao aspeto conceptual da mente mundano e material. Estão contentes, e no entanto não estão a fazer o trabalho do Espírito. Estão a ser coniventes com os poucos, estão a ser coniventes com aqueles que apenas procuram orientação material, mensagens materiais que não têm importância nas questões espirituais.

Isto é uma fonte de grande angústia para nós. Tantas, tantas igrejas que poderiam ser usadas para a propagação do poder e força espiritual necessários na vida. Tantas grandes almas permanecem ao redor à espera de uma oportunidade para servirem a sua igreja, e nenhuma oportunidade lhes é apresentada. Os instrumentos contentam-se em permanecer no nível onde podem emanar o mundano em vez do espiritual.

PARTICIPANTE: Sim, eu aprecio muito isso.

IRMÃO JOHN: Às vezes, quando vais a serviços, a igrejas, sentes a influência que é exercida sobre ti, quer pelos oficiais da igreja, quer muitas vezes, claro, pelos membros da audiência que estão inquietos, que estão ansiosos pelas mensagens, que não têm qualquer desejo voltado para o espiritual. Sentimos isto muito profundamente. Há alturas em que estamos a falar do teu quarto, em que pressentimos a inquietação. Pressentimos aqui e ali, entre a audiência, o desejo de que terminemos uma mensagem, para que possam participar na mensagem de natureza pessoal do mundano.

Nós não desprezamos isto. Percebemos a sua importância. Percebemos que estamos de facto a esforçar-nos, o melhor que podemos, para ajudar o indivíduo em relação aos problemas materiais. Se for para os ajudarmos nisto, ajudaremos, especialmente se for bom para eles e para o desenvolvimento dos seus outros "eus" num sentido melhor. Mas a maioria está num estado muito confuso, e isso acontece frequentemente numa reunião. As condições que são muitas vezes criadas não são conducentes ao "eu" superior, ao trabalho como gostaríamos de o fazer.

Isto é uma fonte de grande dor para nós. Não quero que fiques perturbada na tua mente. Se às vezes, quando vais realizar uma reunião, sentes que a audiência não está bem contigo, isso pode ser angustiante — é angustiante para ti como instrumento. Mas quero que tenhas em mente que, aqui e ali, a mensagem que damos através de ti infiltra-se em alguns corações e faz algum bem. Nem todos conseguem receber, mas aqueles que conseguem

e recebem, e fazem bom uso daquilo que lhes damos, encontram uma felicidade e uma paz muito maiores do que aqueles que saem satisfeitos com a mensagem material que lhes possa ter sido dada, a qual os sustenta por uma curta hora, ao passo que a mensagem do espírito que damos os sustentará por todas as horas da sua vida.

Estou muito ansioso, filha, por que não te sintas perturbada na tua mente em relação ao teu trabalho. Tenho as minhas próprias razões para falar como falo esta manhã, sabendo que talvez reproduzas esta gravação para os teus amigos e que isso os possa ajudar. Mas, para aqueles instrumentos particularmente que estão, por assim dizer, no limiar do serviço, que têm ainda de enfrentar as muitas forças conflituosas que emanam em cada igreja — boas, más e indiferentes — algo a lembrar e perceber é que se deve sempre defender o nível mais alto possível de conquista e progresso espiritual e de serviço. Não nos devemos contentar em trabalhar num único nível.

A tragédia do movimento espiritualista, tal como a vejo e conheço, é que por tanto tempo se contentou com uma ordem baixa de comunicação. Aqui e ali houve grandes almas que foram usadas e que lutaram contra adversidades muitas vezes grandes para apresentar o aspeto mais elevado possível da comunicação espiritual. Eles alcançaram muito e a esses honramos e olhamos com respeito.

Mas tantos médiuns que poderiam ter sido de tão grande serviço e poderiam de facto ter transmitido notícias tão jubilosas a tantos e elevado em consequência vastos números de pessoas, contentaram-se em trabalhar no plano inferior, banhando-se na chamada glória porque foram capazes de produzir, como dizem, o tipo de mensagens que as pessoas requerem e solicitam, invariavelmente de uma natureza muito material; esse trabalho do espírito é verdadeiramente espiritual e muitas vezes é rejeitado em favor da mensagem material.

Mas eu digo-te: sempre te considerámos numa base puramente espiritual. O nosso trabalho é espiritual e, porque é espiritual, haverá alturas, filha, em que sentirás que a atmosfera do serviço — por muito que te esforces por elevá-la — não é como desejarias. Não fiques perturbada com isso. A tua tarefa como instrumento é emanar os ensinamentos do espírito; as mensagens que podem vir e vêm são escolhidas deliberadamente para o seu propósito, para se adequarem aos indivíduos em questão. Se nem sempre estão na vertente e no nível material que eles desejam, é lamentável talvez, mas necessário, porque devemos manter o nosso trabalho no nosso próprio nível, filha.

Não devemos permitir — e certamente não deves permitir-te — ser atraída para o nível inferior que algumas igrejas e alguns indivíduos esperam. Mantém o teu trabalho e a ti própria no nível que sabes ser essencial. Eu sei, filha. Eu sei. Mas para aqueles que estão à procura, verdadeiramente à procura, uma mensagem é recebida, alegremente recebida, e é de facto muitas vezes de grande ajuda para aqueles que estão tão angustiados na mente e no corpo, pois a nossa é uma verdade universal para a mente, o corpo e o espírito, se for aceite. Podemos curar muitas coisas e podemos rejuvenescer muitos povos se eles próprios forem participantes daquilo que partilhamos com eles.

Mas agora, quanto àqueles que nos voltam as costas, não desesperes por causa disso, filha. És escolhida como um instrumento da vontade e propósito de Deus para fazeres o Seu trabalho, e isso é suficiente: saber que o faremos sempre no melhor da nossa capacidade. Obrigado.

Abençoada sejas, filha. Deus te abençoe, querida. Muito obrigado.

MICKEY: Passou uma semana? Sim. Acho que ele tinha uma razão para falar assim, não tinha? Tenho a certeza disso, Minnie. Às vezes dás de caras com pessoas que são muito, tipo, bem, materiais, não dás? Pois.

Infelizmente, há demasiadas. Tens muita sorte, sabes, por teres uma alma tão grande a vir ter contigo para te ajudar. Ele é, de facto, uma pessoa maravilhosa, e trabalha contigo em completa harmonia, em completo entendimento e completo amor. Há uma atmosfera tão maravilhosa quando ele vem a ti, filha. E há aqueles no teu mundo que talvez não estejam prontos para receber.

Como ele te está a dizer, não desesperes. Estás a realizar um grande trabalho espiritual, e essa é a tua tarefa. Não fiques em baixo, sabes, se às vezes as pessoas não "entregam" as mensagens. As mensagens, quando necessário, são-te dadas para entregares, mas são mensagens do Espírito, mais do que do material. Ah, é tão bom falar contigo.

PARTICIPANTE: Sim, é bom ouvir-te, querido.

MICKEY: Todos aqui enviam amor e bênçãos para ti. A tua mamã envia especialmente para ti a bênção dela.

PARTICIPANTE: Obrigada. E como está o meu filho?

MICKEY: Muito, muito, muito feliz. E a começar, diria eu, a assentar.

PARTICIPANTE: Ah, que bom.

MICKEY: Compreendes? Dá-lhe o meu amor. E eventualmente, acho que ela virá falar contigo. Espero bem que sim. Ela está muito feliz. Fico

contente. Todos aqui enviam a sua bênção, filha. E adeus. Deus te abençoe. Adeus, malta.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey.

MICKEY: Tudo de bom, miúda. Mantém o queixo erguido, companheira.

PARTICIPANTE: Oh, eu tenho-o bem erguido. Adeus.

Sessão 14462

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Fiquei interessado agora mesmo nas fotografias. Escusado será dizer que estávamos presentes na ocasião em que as tiraste.

Teríamos gostado muito que tivesse havido uma manifestação psíquica. Esforçámo-nos, esforçámo-nos por fazê-lo. Mas, sem dúvida, caso tal ocasião surja novamente, poderemos ser bem-sucedidos. Pois, se olhares de perto, notarás que há o início de uma formação. Se, possivelmente, tivéssemos podido ficar um pouco mais de tempo, poderíamos ter sido capazes de a manifestar. Mas, devido à rapidez da câmara, não nos deu tempo suficiente para registar.

Mas a condição e o poder estão lá, e não vejo razão para que não sejamos capazes de fazer algo dessa natureza. Perguntava-me se não haveria oportunidade num futuro próximo para experimentares nessas linhas. Porque, não que tu própria precises de provas como tal, mas seria de grande interesse para muitos. Serias capaz de lhes dar algo de uma natureza que seria em si tão convincente que ninguém poderia então duvidar ou contestar a proximidade do reino do espírito. Se pudesses fotografar — e não vejo razão para que não seja possível — fotografar alguns de nós que vimos a ti, seria uma coisa maravilhosa por si só. Portanto, talvez ocasionalmente, quando te sentares calma e pacificamente, deixes a câmara aberta para que qualquer coisa que se manifeste possa ser registada na película sensível; e então, quem sabe, poderemos ser bem-sucedidos.

Estive contigo durante todo o dia de ontem. Serviço muito feliz, e desfrutei plenamente de poder assistir e estar presente. Sabes, um trabalho como o nosso, de tal natureza, é uma grande fonte de prazer para nós. Temos grande prazer, grande felicidade em tudo o que nos esforçamos por fazer. Não estou a sugerir que não haja alturas em que fiquemos um pouco desanimados ou desapontados, tal como tu, se talvez por alguma razão as condições não forem como desejaríamos e, em consequência, o nosso trabalho não seja como teríamos gostado. Não atingimos o padrão que estabelecemos para nós próprios, digamos; mas desfrutamos sempre de estabelecer o contacto, de ser

capazes de nos manifestar, de ser capazes de transmitir a mensagem do espírito.

Olhamos cada vez mais para o futuro, onde nos esforçaremos ainda mais por nos manifestar e ajudar muitas almas, porque o caminho foi tornado mais claro, mais definido e mais seguro para ti, embora não vejas necessariamente qualquer mudança neste momento. Existem mudanças, oportunidades de que nada sabes, que estamos a planear, que planeámos há algum tempo; e novas portas vão ser abertas — que no momento estão fechadas — mas vão ser abertas para ti e para o trabalho que pretendemos fazer através de ti. Verás isto acontecer nos próximos meses, minha filha.

Pergunto-me esta manhã se há alguma pergunta em particular que gostarias de me colocar.

PARTICIPANTE: Bem, estive a pensar numa para ti. Gostaria que falasses, de forma geral, sobre o poder e o propósito do medo e a sua melhor forma na terra, e como vós vos servis dele no espírito, se é que isso é possível. Esta é uma pergunta que é repetidamente feita.

Sessão 15267

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoada sejas, minha querida. Estava a ouvir o nosso amigo ainda agora.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E há muita verdade no que foi dito. Embora seja verdade que nós realizamos, num sentido, o trabalho principal deste lado, seríamos impotentes se não fosse pelos nossos instrumentos.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: No que diz respeito à realização do trabalho do Espírito na Terra. E é verdade dizer que, embora muitas vezes pareça que o médium faz muito pouco, no entanto, muito depende dos instrumentos. Sem o seu poder, sem o seu amor e paciência, sem a sua perceção do facto de serem escolhidos para servir e fazer o trabalho do Espírito; sem perceberem que são, pela sua própria natureza e inclinação, instrumentos de instrução divina, influência divina e orientação; se não percebessem que foram escolhidos para

um trabalho específico do Espírito, que devem até certo ponto dedicar-se ao trabalho do Espírito e dar-se o melhor que puderem em amor e serviço... sem eles, pouco poderíamos fazer.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Penso muitas vezes em ti, minha filha, e percebo que o poder que é extraído de ti por vezes é muito grande. E embora nós, até certo ponto, o devolvamos — particularmente durante o teu estado de sono — no entanto existe um stress e um esforço que por vezes deve, claro, esgotar-te. Mas fazemos tudo o que está ao nosso alcance para te reabastecer, para te revitalizar física, mental, psíquica e espiritualmente.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada.

IRMÃO JOHN: Tu és verdadeiramente guiada. És verdadeiramente ajudada. Em todo o teu redor, invisíveis, muitas vezes desconhecidas e não percebidas, estão muitas almas — algumas que nunca conhecerás enquanto estiveres na terra — que não têm desejo de se dar a conhecer, mas que estão contentes e felizes por trabalhar nos bastidores, dando poder, dando ajuda onde for possível; não apenas a ti, mas a outros a quem és apresentada, outros que és levada a conhecer com um propósito. Às vezes podes conhecê-los apenas por um breve momento do tempo terreno, mas deixas com eles uma parte de ti própria. Deixas com eles uma mensagem de esperança, uma mensagem de perceção da verdade. Dás-lhes uma visão, uma oportunidade que alguns, mais tarde, assumem e utilizam bem. E de facto, existem aqueles que estão sentados pacientemente, à espera que o espírito os mova, através da influência que exerceste sobre eles no passado. Eles também desejam servir, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada. Tenho tantos agora que se sentem [mal] e não sei quê, parece que lhes estou a enviar pensamentos e sinto que fiquei um pouco cansada com isso. Não sei se isso é o correto.

IRMÃO JOHN: Essa é uma das razões pelas quais falo esta manhã como o faço. Nós percebemos sempre que, no nosso trabalho conjunto, temos de, até certo ponto, retirar da tua energia e vitalidade. E haverá alturas em que sentirás este cansaço e esgotamento. Fazemos tudo o que podemos para o reabastecer. Mas há alturas em que, claro, à medida que envelheces particularmente, parecerá cada vez mais um esforço, talvez um desgaste. E pode chegar um momento em que tenhamos de, ainda que temporariamente, reduzir a quantidade de trabalho que podes fazer. Isto é de esperar, minha filha.

PARTICIPANTE: Não já.

IRMÃO JOHN: Não, não sugiro que seja já. Mas não seríamos tão insensatos. Nem esperaríamos que te fosse dado trabalho para fazer quando não estivesses em forma, nem bem, nem capaz de o realizar. Nós sabemos o que estamos a fazendo, minha filha. Sabemos quanto podemos esperar alcançar, quanto devemos tentar fazer através de ti.

PARTICIPANTE: Quero dizer, o meu espírito está tão ansioso. Não gosto de sentir que vou [parar]. Vou viver contigo [o trabalho].

IRMÃO JOHN: Eu sei, minha filha. Mas a questão é esta: embora o espírito possa estar disposto, a carne pode por vezes ser fraca. E lá está, supondo que te permitíssemos sobrecarregar a tua força e ficasses gravemente doente, então ficaríamos, por assim dizer, impedidos de fazer o trabalho do espírito talvez por um longo período de tempo. É melhor, minha filha, fazer um pouco e fazê-lo bem, e saber que não te estás a sobrecarregar indevidamente, para que possas continuar ainda por muitos anos.

PARTICIPANTE: Sim, obrigada.

IRMÃO JOHN: Existem demasiados instrumentos que são forçados, muitas vezes pelo seu próprio desejo de alcançar e fazer muito — o que é admirável — mas no fim, após algum tempo, os seus poderes diminuem. O elo entre eles e nós enfraquece porque, vês, se sobrecarregares estes poderes, isso pode, com o tempo, prejudicá-los. Deve-se ser paciente e perceber que estas coisas, estes dons do espírito, são delicados e finamente equilibrados; e há alturas em que o poder do espírito é tal que seria até, talvez, imprudente sobrecarregar o instrumento com eles. Devemos ser cuidadosos e cautelosos.

Devemos perceber que, embora tenhamos este forte desejo de servir, se vamos servir, devemos saber como servir, quando servir e quanto é possível alcançar ou fazer num determinado momento sob certas condições. Estas condições de que falamos tão frequentemente são muito variáveis. Há ocasiões em que conseguimos alcançar muito, quando o poder é tremendo, quando a harmonia e o amor que rodeiam o nosso instrumento tornam possível que façamos grandes coisas. Há alturas em que estamos a lutar contra vibrações adversas, condições adversas, quando talvez exista uma atmosfera e uma condição que não é agradável nem útil, quer para ti como ser humano, quer para ti como instrumento, quer para nós que vimos trabalhar e servir. Devemos sempre medir, quando vimos, as condições prevalecentes, sejam elas quais forem e de que forma possam ter efeito.

Devemos sempre lembrar-nos de que podemos fazer o que podemos fazer apenas de acordo com o momento, de acordo com a condição, de acordo com o poder, de acordo com aqueles que vêm a ti em busca de ajuda, de acordo com aqueles que criam a própria atmosfera e a própria condição que é

essencial ao nosso trabalho. Se eles dão livremente em amor, se são cooperantes, se são harmoniosos, se desejam um pensamento e conhecimento espiritual elevado, se o seu desejo é elevar-se às alturas do espírito, então podemos e alcançamos muito, e podemos de facto fazer ainda mais do que ousamos esperar.

A questão é, minha filha, que frequentemente existem condições prevalecentes — às vezes até numa reunião — onde as condições pela sua própria natureza são negativas; onde talvez, às vezes, não exista a condição que é trazida a jogo por algum indivíduo ou grupo de indivíduos que, pela sua própria natureza, cria desarmonia, cria vibrações caóticas. Estive contigo noutras ocasiões. Infelizmente é muito raro, mas houve ocasiões de que te podes lembrar bem em que a condição não foi conducente, em que houve uma condição em redor de certos indivíduos que não foi cooperante, nem útil, nem harmoniosa, nem pura.

De facto, há muito que se poderia dizer sobre estas coisas. As condições para nós são vitais e importantes, mais do que as pessoas poderão alguma vez compreender ou perceber; mas, no entanto, filha, juntos servimos, e juntos devemos seguir em frente e servir cada vez mais de acordo com a vontade do Altíssimo, de acordo com as vibrações e condições que prevalecem no momento da comunhão. Mas esta comunhão é uma coisa delicada. Esta comunhão que temos é algo valioso, valioso de tantas formas diferentes, mas quanto mais percebemos o seu poder, mais, num sentido, somos trazidos para uma vibração que, pela sua própria natureza, nos obriga a sermos sempre cuidadosos com a nossa conduta, os nossos pensamentos e as nossas ações. Devemos em todos os momentos esforçar-nos por estar nesse nível elevado de perceção e consciência espiritual, de modo a que tudo o que digamos e façamos seja para a glória do Altíssimo. Temos grandes responsabilidades, minha filha.

PARTICIPANTE: Sim, eu adoro realmente isso. Eu tento.

IRMÃO JOHN: Eu tento. Sinto-me realmente feliz no meu quartinho onde estou, e a paz ali é maravilhosa, e não me canso dela. Minha filha, vês que, embora te tenhamos tirado daquele quarto no andar de cima e te tenhamos colocado nesta nova condição ambiental que em muitos aspetos é preferível — sendo em muitos aspetos mais conducente à tua paz, à tua quietude e à tua felicidade — no entanto, ao mesmo tempo, traz certas responsabilidades, certas condições que suponho que às vezes podem até ser-te ausentes [difíceis de notar].

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Mas deves aceitar isso, filha, claro.

PARTICIPANTE: Sim, eu estou a resolver isso e estou muito equilibrada, com saldo positivo.

IRMÃO JOHN: Oh, sim, filha. Sabes, tenho a certeza de que perceberás, particularmente do ponto de vista da tua saúde, que é muito mais sábio e melhor estares colocada como estás.

PARTICIPANTE: Oh, sim.

IRMÃO JOHN: A outra condição, ambiente, em certos aspetos possivelmente, era pacífica e silenciosa, uma vez que estavas no teu quarto e a tua porta estava fechada; mas havia grandes stresses e tensões, particularmente físicos, que teriam minado a tua saúde, que de facto começaram a minar a tua saúde.

PARTICIPANTE: Oh, eu senti isso.

IRMÃO JOHN: E penso que agora, embora existam certos momentos de piedade, frustração e irritação, não te podes elevar sozinha, filha.

PARTICIPANTE: Não, não consigo. Não é saudável, pois não?

IRMÃO JOHN: Não, filha. Tu dás livremente o teu amor, livremente o teu tempo. Sei que há momentos em que pensas: "Oh, meu Deus, isto é um incómodo. Aquilo é um incómodo". E talvez penses: "Oh, que chatice, quero a minha liberdade". Sabes, eu sei que sentes por vezes que não tens bem a liberdade, num sentido, que desejas. Claro que podes dizer: "Sim, tenho a minha liberdade. Sou um agente livre". Mas, na vida, nunca se pode ser um agente completamente livre. Há quase sempre apelos para nós. Podem ser coisas menores, por vezes mesquinhas ou irritantes.

Por vezes, as pessoas aproveitam-se da tua bondade e da tua generosidade e tu às vezes pensas: "Bem, isto está a ir um bocado longe demais". E sei que há momentos em que pensas: "Bem, não sei". Às vezes dizes para ti mesma: "Bem, suponho que tenho de aguentar isto". Estas são frustrações materiais, mesquinhas e normais. Às vezes, as fraquezas dos outros irritam-te. Isso também é humano. Às vezes, indivíduos ao teu redor que talvez sejam tão capazes quanto tu — se não mais capazes nalgum sentido de fazer certas coisas do que tu — não mostram disposição. Mostram falta de entendimento. Mas estas são as fragilidades que encontraremos sempre como seres humanos. Tenta ser paciente e compreender, filha.

PARTICIPANTE: Sim, há uma grande bondade ali também.

IRMÃO JOHN: Oh, sim, filha. Ora, suponho que, na verdade, todos os que tentaram alcançar algo se depararam com a mesma condição, na realidade. Qualquer que seja o teu caminho na vida... quero dizer, Jesus deve

ter-se sentido muito contido. Mas toda a vida de Jesus foi, num sentido, talvez não de resignação, mas poder-se-ia dizer que ele se deu livremente. E ele teve momentos frequentes em que, por ser humano, se sentiu frustrado e sentiu que não estava a alcançar muito.

Sabes, a vida de Cristo, que é um exemplo para todos nós, não nos deve fazer esperar que, por seguirmos o caminho, este seja fácil. E não creio que ninguém pense realmente isso. Mas devemos lembrar-nos que, tal como Cristo sofreu, e tal como Cristo se sentiu desiludido e desapontado, mesmo com os seus amigos, assim também nós o devemos ser, até certo ponto. Não nos devemos colocar acima de Cristo e esperar que tenhamos um caminho fácil. Aqueles que trilhariam o caminho da conquista e do progresso espiritual, aqueles que serviriam verdadeiramente e fariam a vontade e o trabalho do Altíssimo, não devem esperar que o caminho seja tornado reto. Será difícil e tortuoso. E há momentos em que nos sentiremos inclinados a sentar à beira do caminho e esperar um pouco. Isto às vezes é necessário. Às vezes é bom para nós.

Devemos lembrar-nos de que haverá sempre problemas, particularmente de natureza material. Enquanto estiveres no mundo material, deves aceitar a vida e ver nela muitas oportunidades — não só para o serviço, não só para a perceção da própria evolução e desenvolvimento — mas também não se deve vê-la, por assim dizer, puramente do próprio ponto de vista pessoal. Deve-se tentar vê-la de todos os ângulos, de cada faceta; como nós próprios afetamos os outros e como os outros nos afetam; como por vezes nos devemos proteger de nós próprios.

Por outras palavras, devemos aprender a viver e ser pacientes, tolerantes e amorosos, e tentar compreender que tudo o que acontece, algures lá no fundo — embora não o vejamos — tem uma razão e um propósito; e que nesse caminho da vida podemos verdadeiramente servir, podemos verdadeiramente encontrar uma paz interior, uma felicidade interior que nada pode destruir. E que o tempo todo estamos a aprender, estamos a ganhar novo conhecimento e experiência, e aprendemos por vezes com as nossas falhas e com as falhas dos nossos amigos e com as falhas daqueles que nos rodeiam.

IRMÃO JOHN: Não devemos esquecer que todo o viver é aprender. Por vezes as lições são duras, por vezes são amargas, por vezes são tristes e, por vezes, sentimos que não há sentido, nem propósito, nem significado na vida quando se está na terra; e, no entanto, o tempo todo, há tanto que estamos a começar a assimilar, a começar a conhecer, a começar a perceber. À medida que vivemos as nossas vidas terrenas, lenta mas seguramente estamos a progredir, embora possa parecer que, por assim dizer, conhecemos ou

assimilamos tão pouco de consequência. No entanto, toda a vida humana, até certo ponto, nos seus diferentes estratos de evolução e desenvolvimento — ou falta dele — está a aprender. Tu, minha filha, aprendeste imenso.

Não tem sido fácil o caminho, mas eu sei isto: que nunca, nunca estarás sozinha. Todos vós sereis amparados, guiados e elevados pelo poder do Espírito Santo; aquilo que fazemos, como já te disse frequentemente, minha filha, é maior do que nós próprios. Somos apenas os servos de um poder superior.

Somos, por assim dizer, os instrumentos que foram escolhidos para este trabalho para que possamos, como instrumentos, ser usados em serviço; e embora às vezes possa parecer que alguém está exausto e carregado com fardos materiais quando na terra, estes fardos são, num sentido, o nosso júbilo e, à medida que progredimos, os descartaremos e, eventualmente, estaremos livres deles. Tu, minha filha, seguirás em frente com força, em amor e em serviço. Nós não te falharemos, minha filha.

PARTICIPANTE: Oh, tenho a certeza disso.

IRMÃO JOHN: Tem boa fé, minha filha.

PARTICIPANTE: Terei.

IRMÃO JOHN: A minha paz, o meu amor estejam contigo e com todos os nossos queridos amigos, onde quer que estejam. Que eles possam, de facto, progredir verdadeiramente no trabalho do Espírito, em harmonia, em amor e em verdadeira fraternidade. A paz esteja contigo, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Adeus.

MICKEY: Adeus, Daisy.

Sessão 16273

IRMÃO JOHN: Bem, filha, mais uma vez temos o privilégio de sermos capazes de vir e falar contigo, e com aqueles que, esperamos, ouvirão a voz do Espírito. E quando venho, como faço de tempos a tempos, estou sempre consciente das necessidades de muitos, particularmente daqueles que, por circunstâncias no vosso mundo, estão desprovidos de esperança; que não veem qualquer vislumbre de luz nas trevas do vosso mundo, e que estão desolados e desanimados, e que percorrem o caminho da vida sozinhos — assim pensam eles — que perderam a fé e não sabem para onde se virar. E falo particularmente para aqueles que estão tristes e em sofrimento.

Existem tantos no vosso mundo hoje que perderam, como pensam, aquele que lhes era mais próximo e querido, e que percorrem o caminho da solidão e da incerteza quanto a se existe uma vida por vir, e se serão reunidos no tempo longínquo que há de ser, num mundo de júbilo, felicidade, tranquilidade e paz do Espírito. Existem aqueles que, nas trevas, procuram esta luz que podemos dar. E àqueles que tiraram tempo para ouvir a voz do Espírito, eu digo: não há morte, não caminhais sozinhos; levantai a vossa cabeça para o reino do Espírito, para que possais ver essa luz que perfura as trevas do materialismo.

Ao falar convosco, percebo que existem muitas perguntas que vêm da terra na hora do desespero; perguntas que, se na resposta puderem trazer esse vislumbre de esperança, renovarão cada um de vós para procurar e, em consequência, encontrareis. Muitos são os que procuram a chave que abrirá a porta da sabedoria, da esperança, da verdade e da luz. Muitos sois vós que, por assim dizer, estais nas trevas, tateando por essa chave.

Nós tornaremos possível, se nos permitirdes, a abertura da porta do conhecimento. E as muitas perguntas que fazeis serão respondidas, o caminho será tornado claro, e seguireis em frente sem tropeçar. Demasiados são aqueles no vosso mundo que proclamam, como pensam, a verdade do Espírito, mas estão muitas vezes cegos pela sua própria tolice. E embora possam, perante todas as aparências, parecer sábios, no entanto são como os cegos que não veem e guiam outros no vosso mundo na cegueira. Falam destas coisas de que falamos e, no entanto, não conseguem perceber, nem conseguem expor. *(Interrupção)*

PARTICIPANTE: Por que está alguém ali? À porta? Mickey? Mickey? Oh, aguenta, não podemos fazer mais nada, pois não? Oh, cala-te. Desculpa, Mickey, não consigo evitá-lo.

IRMÃO JOHN: Filha, há muitos a quem escreves e muitos com quem falas que devem ter muitas perguntas sem resposta. Muitas destas almas que procuram esclarecimento... se puderes obter delas no futuro perguntas pertencentes ao Espírito, pertencentes ao trabalho do Espírito, à manifestação do Espírito e ao poder do Espírito — se puderes obter perguntas que jazem sem resposta, se puderes recolher estas perguntas e, de cada vez que vieres, apresentar-me algumas de cada vez, eu esforçar-me-ei por lhes responder. Assim terás matéria substancial que será de interesse geral e esclarecedora, confio eu, para aqueles que procuram diligente e sinceramente o caminho.

Deve haver muitos no vosso mundo que estão no limiar desta verdade. Que têm muitas perguntas, muitos pensamentos inquisidores que, na resposta, lhes darão, por assim dizer, uma visão e uma segurança que os capacitará, em

consequência, a dar o passo em frente, saindo das trevas do materialismo para a luz do Espírito. E cada pergunta será como um degrau que construirão e, em consequência, uma escada, sendo capazes de ascender até certo ponto na perceção das coisas que são eternas, as coisas que são, pela sua própria natureza, indestrutíveis.

Deve haver muitos pensamentos inquisidores, muitas perguntas que, se respondidas, darão esperança renovada e confiança, tornando muitos no vosso mundo mais seguros, mais capazes de compreender estas coisas.

PARTICIPANTE: Mas exige muita compreensão para a pessoa comum, perante a atitude materialista no mundo, não exige?

IRMÃO JOHN: Minha filha, aquele que compreenderia as coisas que são do Espírito, como Cristo disse, deve nascer de novo. Devem ser como as crianças cujas mentes são livres e abertas para receber; não aqueles cujas convicções são fortes com noções e ideias preconcebidas, aqueles cujas mentes estão cheias de muitas coisas que lhes foram ensinadas, que foram obrigados a assimilar durante um longo período de tempo.

Estes são os que encontram dificuldade particularmente em assimilar a verdade, pois não conseguem descartar facilmente aquelas coisas que foram tão fortemente reforçadas ao longo do tempo; aqueles que são mantidos presos pela ganância e pelo valor do "estrume" [materialismo rasteiro], aqueles cujas mentes estão carregadas e sobrecarregadas. Estes são os que encontram maior dificuldade em receber e assimilar a verdade. Para aqueles que não têm opiniões fortes nem convicções, aqueles cujas mentes são livres e desimpedidas, estes são aqueles com quem mais podemos comungar.

Estes são aqueles a quem somos mais capazes de influenciar, porque são, por assim dizer, num sentido, como crianças. Não se permitiram ficar agrilhoados e presos. Eles, pelo próprio facto da sua inocência, tornaram possível receber aquilo que temos para dar.

Existem aqueles no vosso mundo que são altos e poderosos e os chamados "bem-informados", aqueles cuja educação e contexto são tais que as suas mentes estão atulhadas e, em consequência, não são capazes de perceber. Têm opiniões fortes e são inflexíveis nas suas crenças. Estão tão firmemente entrincheirados nestas coisas que aquilo que nos esforçaríamos por lhes dar é rejeitado. E, no entanto, o próprio fundamento de muito do que eles acreditam emana do poder do Espírito.

Quando uma criança se coloca ao colo do seu pai, ela escuta; pode não compreender totalmente, mas aceita. Talvez alguns digam que, nessa idade, aceita cegamente. Mas se aquilo que o pai dá é bom, então gradualmente a

assimilação do conhecimento começa a ganhar forma e feitio e começa a produzir efeito. E à medida que a criança cresce em estatura e experiência, assim é posta à prova e assim é expandida de novo.

Mas há muitos no vosso mundo que são considerados grandes líderes de homens e, no entanto, estão cheios de ignorância. Frequentemente dirão que muitos, que são como crianças, são tolos e ignorantes; e no entanto, muitas vezes, as imaginações mais loucas do homem não conseguem compreender nem entender muito do que é falado. Com a imaginação que alguns têm, constroem para si mesmos não sobre uma rocha de verdade, mas sobre areia movediça.

Muito do que está dentro do homem, ainda não descoberto, dormente, latente no seu interior, é aquilo que foi submerso ao longo de séculos de tempo porque o homem, em consequência, se tornou mais e mais e mais materialista e se atulhou de tal forma que a verdade ilimitada é como um rio que foi represado e não pode fluir livremente. E o homem, nos seus pensamentos e imaginações loucas, cria o caos e reações estúpidas.

Crianças — como de facto vos deveis tornar antes de começardes a ver e perceber estas coisas de que falamos e as realidades das mesmas. Crianças vos deveis tornar, deveis nascer de novo.

PARTICIPANTE: Consegues ver isso a acontecer?

IRMÃO JOHN: Nalguns aspetos sim, com algumas almas aqui e ali. E esta é outra razão pela qual devemos ser, em tudo o que nos esforçamos por dizer e fazer, universais, como de facto somos; devemos quebrar as barreiras que separam os homens, quer sejam nacionais ou de credo, quer sejam de cor ou raça. Devemos unir todos os filhos do Deus vivo em amor, harmonia, paz e tranquilidade.

Devemos fazer a humanidade ver que as barreiras que criou ao longo dos séculos são a insensatez do homem. Estas são as coisas que prendem o homem e ele não consegue progredir porque ele próprio criou estas coisas que o separam de Deus, que o separam da luz do Espírito e da sabedoria do mesmo. Devemos ensinar os homens para que vejam que, até que consigam despojar-se de todas as suas fortes noções, teorias e ideias preconcebidas; até que consigam despojar-se de um espírito que é nacionalista; até que consigam despojar-se da perceção que parecem ter de que detêm o poder nas suas mãos; até que consigam perceber que este poder é puramente um poder material e físico e não tem significado nem perceção espiritual; até que vejam que, enquanto não houver um equilíbrio trazido à existência nos corações e nas mentes dos homens em todo o lado — um equilíbrio onde o material e o

espiritual habitem em harmonia... pois esta é a tragédia do vosso mundo: não há equilíbrio.

Percebemos a necessidade e a importância de aspetos do material que são essenciais ao vosso bem-estar. Este mundo do material é o mundo no qual vós próprios, como seres espirituais, deveríeis estar a expressar-vos. É-vos dado um corpo material, é-vos dada uma vida material, mas não é diferente, num sentido, de uma sala de aula na qual deveis passar e aprender muitas lições; mas se compreenderdes o propósito da vida, compreendereis e percebereis a necessidade de experienciar muitas coisas, mas com uma perceção espiritual.

Se puderdes perceber a necessidade de viver materialmente, mas com um significado espiritual e uma consciência espiritual e uma consciência ética e perceção espiritual da verdade, podereis ver estas coisas em harmonia — e elas deveriam estar em harmonia. Quando o homem vir estas coisas de que falamos trazidas à existência, então a mudança no vosso mundo chegará. Cristo disse, como sabes: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".

O homem é dual na medida em que é espírito e é matéria, e deveria ser o espírito a expressar-se através da matéria, através do material, através do físico. Se o poder do espírito fosse tornado íntegro e se tornasse possível expressar-se num sentido material, então o mundo inteiro teria motivo para se regozijar e nenhuma barreira seria erguida [no mau sentido], não haveria insensatez, não haveria estupidez, não haveria conceitos estreitos, não haveria ódio, malícia, línguas que corroem entre os homens; eles aprenderiam a viver em harmonia e em paz. Haveria uma verdade universal, que é a base de todos os ensinamentos religiosos do vosso mundo. Mas o homem construiu religiões e, nestas, trouxe para si próprio uma miséria indescritível. O espírito, o poder do espírito, esta é a força dadora de vida, isto é o que não morre, que continua para sempre. Devemos quebrar as barreiras.

Sim, e tu deves ajudar-me, filha. À tua maneira, de uma forma pequena, tu serves, filha. Sim, filha, eu ajudo-te. As sementes são semeadas aqui e ali; algumas sementes florescem e outras caem em solo pedregoso. Mas o jardim do espírito não tem ervas daninhas, e é nutrido pelo amor e floresce. Grande é a sua beleza de contemplar.

Viste algo da beleza do espírito, mas se às vezes nas tuas andanças, aqui e ali, vires muita rejeição destas coisas de que falamos, não fiques desconsolada. Tem a certeza de que o dia certamente chegará em que o homem perceberá; pode não ser por muito tempo, como dizeis no vosso tempo, que as sementes que são semeadas deem fruto, mas outros surgirão e

seguirão em frente, e eles semearão as sementes, e a colheita será recolhida. Quando vieres, como eventualmente virás para aqui, serás capaz de olhar para trás, como outros também fizeram, e poderás regozijar-te por alguns terem sido ajudados, guiados, elevados, e alguns terem sentido o impulso de servir também, e eles também prosseguirão o trabalho e o espírito.

Não te aflijas enquanto viveres. Continua, filha, a servir e a saber que não só eu, mas números incontáveis de outras almas estão constantemente ao teu redor, procurando meios e formas de fazer estas coisas de que falamos. Foste abençoada, foste ajudada, foste elevada e guiada, e serves e continuarás a servir. Tiveste os teus momentos de angústia material, tiveste os teus momentos em que te sentiste, talvez, carregada e o fardo foi pesado de carregar, mas nós muitas vezes tornámos possível que o caminho que deves trilhar fosse aliviado. Continuarás, filha.

PARTICIPANTE: Ajuda-me fisicamente, porque tive um problema na anca, sabes, e isso limita-me um pouco.

IRMÃO JOHN: O poder de cura flui. O poder de cura irá, eu sei, continuar a manter-te bem, para prosseguires o trabalho do espírito.

PARTICIPANTE: Posso perguntar-te uma coisa?

IRMÃO JOHN: Sim, filha.

PARTICIPANTE: Quando vieste da última vez, falaste sobre as tuas diferentes vidas, e fiquei tão intrigada porque assumi — não que alguma vez o tivesses dito — que a tua vida em Glastonbury tinha sido a última; mas se estavas em Florença com Savonarola na altura, isso foi em 1452.

IRMÃO JOHN: Oh sim, filha. Não sei porquê... Talvez nalgum momento te tenha dado a impressão de que a minha encarnação anterior foi em Glastonbury, mas há muito que eu poderia dizer, e direi, no tempo que há de ser, em relação a estas coisas que termo "encarnações".

PARTICIPANTE: Foi essa a tua última, em Florença?

IRMÃO JOHN: Não, filha. Tive outras duas. Um dia contar-te-ei mais sobre elas. Mas deves tentar, se puderes, perceber que existem alguns deste lado da vida que periodicamente sentem a necessidade de regressar à Terra, para fazer um trabalho específico; talvez para agir de uma forma ou de outra num ponto ou período particular no tempo, para prestar um serviço, para trazer esclarecimento, conforto e perceção destas coisas num sentido material, através de um corpo material.

Não é, talvez, fácil para ti compreender, mas deves lembrar-te de que no tempo em si, quarenta, cinquenta, sessenta anos, seja o que for na Terra, isto

não é nada. E não é que nós necessariamente, por nos sujeitarmos a uma nova experiência e a uma vida terrena, estejamos necessariamente a fazer um sacrifício. Por vezes as pessoas assumem que, por escolhermos regressar para um trabalho específico a realizar na Terra, estamos a sacrificar o nosso júbilo espiritual, a nossa felicidade espiritual. Não é assim. Há muitos júbilos a serem tidos mesmo através do sofrimento, mesmo através da infelicidade, mesmo através — por estranho que pareça — através da ignorância por parte daqueles com quem por vezes convivemos.

Se não és sempre aceite ou compreendida, se és rejeitada pelos homens — como Cristo foi, e outras grandes almas — existe uma paz interior, um júbilo interior e uma perceção interior de que estás a alcançar algo; mesmo que pareça nesse momento na Terra uma rejeição, estás a realizar o plano que foi estabelecido. Nós, aqueles de nós que experienciaram muito, não tomamos as coisas no mesmo nível de perceção que aqueles que são de mentalidade material. Vemos o plano; vemo-lo, por assim dizer, por vezes de forma ténue, mas sabemos que cada peça encaixa no quebra-cabeças da vida.

E embora possamos, por um momento de tempo, quando na Terra, parecer desempenhar um papel obscuro, que parece ter pouco propósito ou significado, no entanto é necessário. Se vamos apreciar as luzes e a beleza, devemos ter a sombra. Por vezes temos de desempenhar um papel que, para muitos que não compreendem, parece sem importância. Mas não é assim, pois toda e cada alma trabalha, sem talvez se aperceber sempre, para um fim que está estabelecido, que é bom. As trevas devem existir para que a luz possa vir. Pois quando as mentes dos homens forem mudadas, como serão, e as trevas desaparecerem, então eles banhar-se-ão no júbilo, na beleza e na harmonia da luz, e na bênção do Espírito, e tudo estará bem.

Nada se perde, minha filha, embora possa parecer que sim. Nem um segundo, nem um momento é desperdiçado se, ao tentar assistir, encorajar e esclarecer aqueles que habitam nas trevas, aqui e ali um vislumbre perfura a melancolia. Filha, tudo está bem, não importa o sacrifício, não importa a provação, não importa a tribulação, não importa quão denso e escuro possa parecer ao redor no vosso mundo; o vislumbre da luz do Espírito, o raio de luz que virá iluminar o caminho daqueles que procuram e daqueles que desejam trilhá-lo não pode ser diminuído, e o júbilo virá com o alargamento da experiência.

Abençoada sejas, filha. Tem boa fé e bom coração, e que a minha paz e amor estejam contigo. Adeus, filha. Obrigado pelo teu esforço.

MICKEY: Adeus, tia. Desculpa pelas quebras. É devido à flutuação da energia. Adeus. Mantém o ânimo.

PARTICIPANTE: Oh, sim, o meu está bem. Deus te abençoe.

Sessão 17371

IRMÃO JOHN: Eu te abençoo, minha filha. Eu te abençoo, minha filha. É adorável ouvir-te.

Há alturas em que estou aqui por perto, a escutar, como faço muitas vezes, as vozes dos povos da Terra, escutando os seus pensamentos a vibrar na atmosfera. Por vezes, isso atinge-me como um tinido dissonante. Por vezes, como discórdia.

E por vezes eu próprio fico angustiado, como de facto todos nós ficamos, pelos muitos pensamentos que vibram em redor do vosso mundo, criando um caos. Porque não só estes pensamentos são frequentes, fortes e poderosos, mas muitas vezes, por trás dos pensamentos que são enunciados, vem uma nova reação num sentido material. A ação que se segue traz muitas vezes ainda mais discórdia e conflito ao vosso mundo e, em consequência, não há paz.

Muito poucos no vosso mundo estão conscientes do poder dos pensamentos, mesmo quando não são enunciados e clarificados, para que outros possam ouvir e saber o que se passa, muitas vezes bem no fundo do coração dos homens. Quão importante é que aqueles no vosso mundo guardem os seus pensamentos e as coisas que dizem; como devem esforçar-se por pensar o bem e, em consequência, seguir o caminho da bondade, para que outros possam ver, saber e compreender a realidade do poder do bem, para que este possa afastar o medo e expulsar todas as coisas que criam discórdia e conflito no vosso mundo. Para onde quer que te vires, vês o resultado do pensamento do homem, seguido da ação correspondente à palavra e, em consequência, não há paz, nem júbilo, nem felicidade entre os homens.

Existem aqueles, aqui e ali, que se esforçam e fazem todas as tentativas para cumprir a vontade do Altíssimo. Há muitas almas, é verdade, que procuram um caminho de retidão e de verdade, e aqui e ali há aqueles que encontraram o verdadeiro caminho; e há muitos que trilham um caminho de iluminação e, no entanto, eles próprios não percebem nem pressentem o dedo do Espírito que aponta na direção em que deveriam seguir. Quão cegos são, no vosso mundo, tantas vezes, aqueles que professam conhecer a verdade.

Sessão 17472

IRMÃO JOHN: Obrigado. Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Irmão John, querido.

IRMÃO JOHN: Penso que, hoje, seria mais apropriado se discutisse contigo a expressão: *"Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito"*.

PARTICIPANTE: Acho que estou a precisar disso.

IRMÃO JOHN: Mas penso no sentido mais lato; penso do ponto de vista das inumeráveis pessoas que devem fazer perguntas sobre a realidade do termo: *"Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito"*.

Muitas pessoas, quando aceitam a realidade desta verdade e têm o conhecimento e a experiência que fundamentam as afirmações que há tanto tempo nos esforçamos por proclamar de várias formas ao vosso mundo — muitas pessoas, mesmo assim, de tempos a tempos, perguntam-se sobre a realidade da expressão: *"Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito"*. O que significa isto realmente — que Ele dará os Seus anjos para cuidarem de ti, para te guiarem, para te ajudarem, para te elevarem?

Não significa necessariamente que os anjos tenham o poder de te assistir materialmente e, no entanto, muitas vezes uma entidade ou outra deste lado dar-te-á conselhos sobre questões materiais, ou sugerirá que faças isto ou aquilo; e muito frequentemente, quando o conselho é seguido, descobre-se que foi um conselho sensato, bom, útil e que, muitas vezes, retira a pessoa de um problema material ou de uma rotina, tornando assim mais leve o estado de espírito do indivíduo. Isso possibilita uma condição onde a comunicação pode ser facilitada e pode tornar-se mais definida, mais segura; porque, se o instrumento que é usado por nós está perturbado ou preocupado com coisas materiais, então obviamente isso é, e deve ser, uma barreira no trabalho que temos para fazer.

Se pudermos ter calma, tranquilidade e paz de espírito com os nossos instrumentos, então obviamente é mais fácil para eles e para nós estabelecermos contacto e fazermos o trabalho que temos para fazer. Mas não gostaria que ninguém assumisse que, pelo facto de sermos capazes de assistir e ajudar em coisas materiais de tempos a tempos, isso seja tão importante quanto às vezes possa parecer.

O nosso propósito principal, claro, é elevar a humanidade, mostrar-lhes o caminho — o verdadeiro caminho da progressão espiritual — para que possam, pela própria natureza destas coisas que pregamos, elevar-se de tal forma do mundano e material que possam usar este poder que trazemos para o bem de toda a humanidade. *"Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito"*. Quão frequentes vezes a história provou, repetidamente, que aqueles que

assumem a responsabilidade do espírito são muitas vezes fustigados e sitiados por todo o tipo de problemas, todo o tipo de provações e tribulações materiais.

Às vezes, estas coisas são necessárias. Às vezes, têm de ser. Às vezes, são trazidas a alguém por circunstâncias fora do seu controlo pessoal e, às vezes, a pessoa é vítima do ambiente, vítima de circunstâncias materiais. Alguém se pergunta por que deve ser sujeito a estes problemas e ansiedades. Às vezes pode ser doença do corpo e, então, se a pessoa em questão está doente, fica incapaz — assim parece à superfície — de fazer o trabalho do espírito. Existem muitos aspetos que trazem preocupação e receio e, no entanto, a história provou, vezes e vezes sem conta, que muitas vezes os homens mais aviltados e aqueles mais sujeitos a problemas materiais e desvantagens materiais foram os que alcançaram a maior perceção espiritual.

PARTICIPANTE: Como John Bunyan.

IRMÃO JOHN: Com certeza, minha filha. Falo desta forma porque gostaria de clarificar, o melhor que puder, esta realidade da verdade e o poder angélico do espírito e o que isso realmente significa. Nós próprios seríamos de pouca consequência se não tivéssemos, dentro de nós, o desejo de assistir no melhor da nossa capacidade e poder aqueles cujas necessidades são muitas e grandes, e aqueles em particular que se esforçam por servir no vosso mundo. Mas, ao mesmo tempo, existem leis que não podemos alterar e, mesmo assumindo que pudéssemos, não o faríamos. Existem leis que devem ser seguidas à letra.

Somos capacitados a fazer, de tempos a tempos, coisas que à superfície devem quase parecer milagres. Mas estas coisas não são milagres. Trata-se de seguir as leis naturais às quais todos estamos sujeitos. O poder do espírito pode alcançar muitas coisas. Pode certamente remover montanhas. Como o próprio Cristo disse, pela fé pode-se remover montanhas. Cristo, se bem te lembras, disse: *"A tua fé te salvou"*. E isto, penso eu, muitas vezes é um problema para muitos a quem nos esforçamos por assistir e ajudar. *"Oh, homens de pouca fé"*.

PARTICIPANTE: Eu tento fazê-la crescer.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Mas repito isto: aqueles que muitas vezes elevámos do lamaçal das coisas materiais, muitas vezes na sua fraqueza e muitas vezes na sua estupidez, não percebem o poder do espírito e o que ele pode fazer e o que pode alcançar. E muitas vezes julgam incorretamente. E muitas vezes assumem que, pelo facto de parecermos não ter ajudado de uma certa maneira — o que para eles teria sido uma grande revelação, talvez uma grande bênção — assumem que falhámos.

Isso não é verdade. Existem leis materiais e leis espirituais. Às vezes, estas leis estão entrelaçadas, uma com a outra. Às vezes, estão opostas, como exércitos em guerra, em lados opostos, com ideologias diferentes, aspetos diferentes de mente, pensamento e experiência. E, portanto, deves seguir as leis do material. Tens de viver, até certo ponto, por estas coisas. *"Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"*. E no entanto, ambos são da mesma moeda. E se uma moeda está danificada, tem pouco ou nenhum valor.

Se eu pudesse fazer as pessoas verem que as leis do espírito não podem ser mudadas, não podem ser alteradas para satisfazer a conveniência de qualquer pessoa em qualquer um dos lados da vida.

PARTICIPANTE: Pensei, enquanto vinha para aqui, no que disseste há algum tempo: que nada é alcançado pelo homem sem esforço. Bem, parece que a condição do mundo torna o desafio do esforço cada vez maior, dia após dia.

IRMÃO JOHN: No vosso mundo hoje, vemos o produto da insensatez e da estupidez do homem, porque o homem voltou as costas aos anjos e a Deus; porque o homem assumiu que pode usar as leis de Deus para satisfazer os seus próprios fins. Porque o homem ainda não encontrou a realidade do poder do espírito. Ele não encontrou a realidade das hostes angélicas que se reúnem em torno da oportunidade de entrar nos corações dos homens e dirigi-los.

Aqueles em lugares altos, que professam muitas vezes conhecer as verdades de que falo e que frequentemente as transmitiram, mas as sufocaram e esconderam tão profundamente que a verdade é obscurecida e a sua própria interpretação é dada... Eles usam o espírito, muitas vezes, para ganho material, para benefício material. Tal como Cristo expulsou os cambistas do templo, assim expulsaríamos nós dos templos do Deus vivo estas pessoas que distorcem a verdade, que usam a casa de Deus para ganho material, para lucro material.

Tu, minha filha, viste a luz, mas tu, minha filha, viste a revelação dos espíritos, e outros como tu. Foste duramente provada e testada, e não falhaste. Quero que percebas, minha filha, que tens um dever a cumprir que sei que te tens esforçado por fazer no melhor da tua capacidade, mas tens também uma grande responsabilidade. Para ti não é fácil, filha. Este jovem tem um objetivo.

PARTICIPANTE: Qual?

IRMÃO JOHN: Tu, minha filha, viste a luz da verdade. Viste os seres radiantes que vêm, os seres ministradores, as hostes angélicas. Por vezes, eles não aparecem no vosso mundo como o mundo assume que deveriam aparecer

— isto é, se aceitarem a realidade destas verdades. Eles não percebem que os seres ministradores podem ser de muitos tipos e de muitas esferas. Haverá aqueles que vêm cuja luz é grande e cujo propósito é poderoso, e haverá aqueles que vêm que assumem, por assim dizer, a insignificância; que parecem mal-aconselhados, talvez. Talvez, nalguns casos, aqueles que têm muito pouco, que acabaram de sair do corpo e que no entanto são "do corpo", cuja mentalidade e perspetiva é tão parecida com o mundo material no qual tiveram o seu ser há pouco tempo. Pois isto é como são, ou pela sua falta de progresso.

E há muitos no vosso mundo que se chamam a si próprios instrumentos ou médiuns, e muito daquilo que é dado através deles é de pouca consequência, de um nível de experiência pouco afastado das coisas mundanas da terra. Estes muitas vezes são os que talvez consigam ver, no sentido material, mais claramente as dificuldades e problemas, e podem muitas vezes aconselhar sobre estas coisas. Isso não altera o facto, claro, de que existem almas muito afastadas das coisas materiais cuja tarefa é elevar o homem espiritualmente; e se elas estão estreitamente ligadas a uma pessoa e médium ou a um instrumento como tu própria, entrando mais plenamente, por assim dizer, na vida desse instrumento em todos os sentidos, então às vezes é possível para a alma altamente evoluída dar orientação de natureza material.

O que estou a tentar dizer é isto: todos aqueles que reconheceram e aceitaram a realidade do poder do Espírito e do ministério angélico, estas almas deveriam ser feitas plenamente conscientes de que isso ainda significa que têm responsabilidade pessoal; que não deveriam esperar que aqueles deste lado respondam a muitos dos seus problemas ou tomem sobre si os fardos que são materiais e, portanto, devem ser suportados num sentido material pelo indivíduo em questão que ainda está no plano humano.

Todos os grandes videntes, todos os grandes mestres, todos os grandes profetas de outrora, invariavelmente, com poucas exceções, tiveram muito com que lidar: muitos contratempos, muitos desapontamentos, muitas mágoas de muitos tipos; e no entanto fizeram o trabalho do Espírito. Aqueles que procurariam o reino de Deus devem renunciar a muito do material enquanto ainda no corpo. Devem ver-se como verdadeiramente são: seres espirituais ainda encerrados em carne, dando o verdadeiro equilíbrio a estas coisas, como a moeda que é da terra num lado e do Espírito no outro, e no entanto só é válida quando ambos estão no lugar, juntos.

Filha, não antecipes que nos anos que se estendem à frente tudo será sempre como desejaríamos. Claro que desejamos tudo o que é bom para ti. Desejamos que sejas capacitada a servir por muitos anos, e estou convencido

de que isso possa ainda ser possível, mas seria errado da minha parte sugerir que, com o avançar dos anos e dos problemas na vida material, isto deva ser necessariamente fácil.

Nunca prometemos que seria fácil. Nunca sugerimos que terias tudo, tudo o que tu própria possas até sentir ser necessário ou essencial, mas posso dizer uma coisa: e é que não passarás necessidade, que serás cuidada no melhor da nossa capacidade, que serás fortalecida mental e fisicamente e, claro, obviamente, espiritualmente. Atingiste uma idade em que muitas mulheres se reformaram do campo de atividade. Tu reformaste-te num sentido material, mas entregaste-te às coisas espirituais. Entregaste-te como um instrumento em amor para servir, e este é o teu júbilo e o nosso: que sigas pelo mundo fora, que tragas um pouco de luz aqui e ali num canto escurecido da terra, e serás fortalecida para o fazer.

Não fiques, portanto, filha, [preocupada], e sê consciente destes problemas que te cercam. Sê consciente deles, mas não permitas que eles te firam demasiado profundamente. Terás alturas em que te sentirás, como de facto te sentiste no passado — terás alturas em que sentirás que o fardo das coisas materiais é pesado e, no entanto, de alguma forma, consegues, e vais deste lugar para aquele lugar, e o teu maior júbilo está no servir que aí realizas. Quando sobes à tribuna, e as palavras do espírito fluem, quando dás a mensagem de esclarecimento e conforto, quando curas um coração partido, ou quando dás fé àqueles que perderam a fé, quando dás força onde há fraqueza, quando dás conforto onde há desespero... filha, então essa é verdadeiramente a tua recompensa.

Este é o teu júbilo e o nosso. O caminho não é simples. Nunca foi pretendido que o fosse. Pode-se ver no vosso mundo todo o tipo de complexidades, todo o tipo de causas para depressão. Vemos o estado do vosso mundo em todas as suas ramificações e condições.

PARTICIPANTE: Está pior, não está?

IRMÃO JOHN: Está pior porque a intolerância do homem o torna assim. A intolerância, em todas as suas múltiplas formas, criou tal caos, tal destruição no vosso mundo que a angústia é sentida em todo o lado. Mas só quando o homem perceber e aceitar que Ele deu ordens aos Seus anjos a seu respeito, e quando se estiver consciente disto em real verdade e experiência, e se abrir o coração para os receber e seguir aquilo que eles têm a dizer... é que o homem se tornará como os anjos, que servirá em amor, em harmonia e em paz, fazendo a vontade do Altíssimo. Nestas coisas encontrará a sua salvação.

O homem deve desempenhar o seu papel. O homem deve ser a sua própria salvação na medida em que se deve esforçar. Deve dar de si próprio

em serviço e em amor, mas deve, portanto, ao fazer isto, sofrer. No sentido material, nunca sugerimos que o caminho da verdadeira devoção ao amor, ao serviço, à fraternidade e ao poder do Espírito devesse alguma vez ser fácil.

PARTICIPANTE: Achas que se está a fazer progresso espiritual? Eu sei que as únicas notícias são as más notícias, de acordo com o mundo hoje, mas não ouvimos falar do bem. Às vezes penso que vou ser considerada entre os teus amigos, e talvez por ti própria, como sendo um pouco pessimista.

IRMÃO JOHN: Oh, não.

IRMÃO JOHN: Bem, filha, não direi nada em que eu próprio não acredite profunda e sinceramente e saiba ser verdade.

PARTICIPANTE: Tenho a certeza.

IRMÃO JOHN: O vosso mundo está em tal sofrimento, tal agonia, que seria errado sugerir que não existem aqui e ali aqueles que se esforçam, que estão sinceramente à sua própria maneira a empenhar-se em servir. E isto significa que existem muitas nacionalidades de raça e credo que, à sua própria moda, à sua própria maneira, se estão a esforçar por servir e ajudar a humanidade. Mas isso não altera o facto de que, até que o homem reconheça a realidade do poder do Espírito e a comunhão que deveria e pode ter lugar entre o nosso mundo e o vosso — até que o homem veja que o vosso mundo não é o todo-poderoso, não é o essencial — até que o homem veja o vosso mundo pelo que ele é: um campo de treino para a evolução e desenvolvimento da alma; até que o homem veja o vosso mundo como o útero; até que o homem perceba que é apenas o princípio, que não é o tudo-em-tudo, não é o aspeto absoluto e totalmente essencial da vida e experiência do homem...

Até que o homem veja o vosso mundo pelo que ele é: uma escola na qual deve aprender lições, na qual deve ir, por assim dizer, de grau em grau, de experiência em experiência; que deve aprender e que, no aprender, muitas vezes se pode sentir ressentido, pode até sentir-se angustiado e perturbado, pode até gostar apenas de alguns aspetos da aprendizagem e querer negligenciar outras lições... todas as lições devem ser aprendidas.

Antes de o homem poder esperar alcançar algo, num sentido espiritual, deve ver o mundo da carne pelo que ele realmente é. É apenas a casca, é apenas o casulo, não é o espírito glorioso e radiante; é apenas um reflexo, é apenas uma parte — uma parte essencial, no entanto é importante para o homem ver que, até pôr a sua casa em ordem, não pode compreender, nem pode apreciar estas coisas de que falamos. Aqui e ali, o homem procura e recebe esclarecimento, mas os seus anjos não podem fazer o seu trabalho até

que o próprio homem responda, abra, por assim dizer, o caminho dentro de si mesmo.

IRMÃO JOHN: O homem deve trabalhar, o homem deve lutar, o homem deve esforçar-se, o homem deve sacrificar-se, se necessário, a si próprio. Todas estas coisas de que falo, de que Cristo e outros grandes mestres falaram... o vosso mundo desvanecerá e perderá o seu poder e o seu significado para cada alma que atravesse o portal da morte. Só quando se olha para trás e se vê, em retrospetiva, as futilidades do homem, as estupidezes do homem, as coisas que barram o seu progresso... percebe-se que são muitas vezes as coisas que outrora lhe eram mais vitais, mais importantes, mais essenciais, mais necessárias.

Tenta ver estas coisas com equilíbrio, coloca tudo no seu lugar: dai a César o que é de César — as coisas materiais pelo que elas valem, muitas vezes belas, essenciais e necessárias, embora possam parecer fúteis por vezes. Mas não deposites demasiada confiança nestas coisas, nem as desvalorizes em demasia. Lembra-te: é mais fácil para o homem pobre entrar no reino de Deus do que para o homem rico.

Riquezas, riqueza material, todas estas coisas pelas quais o homem se debate são as coisas que são menos importantes. Se o homem vir através dos olhos do espírito e ouvir através dos ouvidos do espírito, então falará de coisas espirituais e participará do poder dador de vida que trazemos. Tu, minha filha, tens conhecimento e experiência, pressentiste muitas coisas e foi-te dada muita sabedoria; e deste-te em amor e em serviço à verdade.

Mas isso não significa dizer que, por causa destas coisas, o caminho das questões materiais será facilitado. De facto, são mais difíceis, porque quanto mais consciente te tornas da realidade do poder, do amor e da beleza do espírito, mais difícil, num sentido, deve ser viver no vosso mundo. Mas deves viver no vosso mundo para que possas servi-lo e dar-lhe aquilo que é de ti própria.

PARTICIPANTE: Farei o meu melhor.

IRMÃO JOHN: Filha, segue adiante com força, em luz e em amor. Sabe que os anjos a quem foram dadas ordens a teu respeito estarão presentes em todos os momentos em que precisares deles.

Sabe que não te falharemos, porque tu não falhas a ti própria — em coisas menores por vezes, talvez, pois isso é humano — mas na maioria das coisas, a força que ganhaste, vindo como vem da tua perceção da verdade e do conhecimento, e a ligação entre nós e ti, e a fé que tens... estas coisas tornam tudo possível. Portanto, filha, estamos contentes por servir contigo através do

teu mundo, talvez no que é uma forma pequena, mas de pequenas bolotas nascem grandes carvalhos. A minha bênção estará sobre ti, filha.

E a todos os que ouvem a voz do Espírito, a paz e a bênção estarão convosco. Adeus, filha. Deus te abençoe.

MICKEY: Deus vos abençoe a todos. A tua mãe envia o seu amor e bênção.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

MICKEY: Adeus, filha. Deus te guarde. Foi adorável hoje, não foi? Desculpa os meus espirros.

Sessão 18167

IRMÃO JOHN: Daisy... Oh, abençoada sejas, querida. Abençoada sejas, minha filha. Tão bom ouvir-te.

Daisy, a mais pequena e doce flor de todas. Humilde e, tantas vezes, parece insignificante. Sabes, quão bem nomeada és, minha filha.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: É na humildade das coisas que a grandeza é observada. Apenas uma massa de humanidade poderia perceber que na humildade de espírito a grandeza é verdadeiramente encontrada. Quão mudado poderia ser o mundo em que vives se todos os homens fossem humildes em espírito e não buscassem as coisas da terra, mas as coisas do espírito que permanecem quando tudo o resto falha, quando tudo o resto se foi para os recessos remotos da mente humana. Quando tivermos perdido toda a memória das coisas materiais e apenas as coisas do espírito nos segurarem firmes na sua verdade, então ter-nos-emos tornado verdadeiramente despertos e conscientes espiritualmente. Ter-nos-emos tornado verdadeiramente agraciados espiritualmente? Vejo no vosso mundo muitas tragédias da vida humana, quer sejam individuais, quer sejam de natureza nacional.

Vemos a temeridade do homem que traz na sua esteira toda a infelicidade, todas as dores do homem. E, no entanto, se houvesse esta humildade de espírito, esta perceção de estar verdadeiramente retirado e, ao mesmo tempo, consciente de todas as muitas necessidades da vida humana, e um esforço para assistir, guiar, elevar, lutar pelo bem, ser humilde e, ao mesmo tempo, ser forte em espírito... quão grandemente mudado poderia tornar-se o vosso mundo. Ao longo dos anos temos trabalhado juntos, tu e eu, em estreita harmonia, estreito companheirismo e amor.

Sessão 19466

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, filha.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe também, Irmão John.

IRMÃO JOHN: Este é de facto um grande júbilo, mais uma vez ser capaz de vir por uma breve hora do teu tempo terreno para conversar contigo.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Gostaria tanto de ter falado contigo mais cedo, durante o período da Páscoa, mas percebo as dificuldades. Percebo que nem sempre é possível fazer como se desejaria. O tempo é sempre um problema, e há frequentemente complicações e dificuldades. Angustia-me grandemente saber que o nosso instrumento esteve doente.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Mas o poder do Espírito está sobre ele em todos os momentos e, de facto, muito foi alcançado e feito deste lado. Percebemos quão necessário é proteger, ajudar de todas as formas que pudermos os nossos instrumentos dos quais dependemos. Pois sem eles estaríamos perdidos na medida em que seríamos capazes de fazer tão pouco para ajudar no vosso mundo.

Existem muitas formas pelas quais podemos e de facto assistimos a humanidade. É pelo uso de instrumentos e médiuns como tu própria e aquele através do qual agora converso contigo que somos capazes de chegar de uma forma mais pessoal para transmitir o pensamento na mente do Espírito, para fortalecer a fé daqueles que por tanto tempo se esforçaram connosco, que de facto se empenharam em fazer tudo o que estava ao seu alcance para propagar esta verdade. Percebemos as muitas necessidades da vida humana, particularmente daqueles que estão tristes e sós, e particularmente daqueles que sofrem, que choram.

De facto, o nosso trabalho entre estes é grande, mas desejaríamos que houvesse mais oportunidades, desejaríamos que houvesse mais instrumentos, mais formas de chegarmos aos muitos povos da terra que habitam tão frequentemente e em tão grande número nas trevas das suas próprias mentes, confinados e, de facto, agrilhoados, por assim dizer, à terra e às coisas materiais. Vimos para que possam ser livres — livres para serem capazes de ver com os olhos do Espírito, para contemplarem as suas maravilhas e os seus júbilos; para que possam ouvir a voz e a palavra do Espírito, para que possam ser elevados e para que possam connosco unir-se em orações ao Altíssimo. De

facto, minha filha, grandes são as oportunidades daqueles que verdadeiramente servem.

E sempre e a cada momento estou ciente daqueles cujos esforços são feitos em nosso nome, que lutam dentro de si desesperadamente para se desonerarem das coisas materiais, para que possam assumir para si as coisas do Espírito. Pois os fardos da terra são muitos, e muitos são os que desnecessariamente passam pela vida pesadamente carregados; mas nós que vimos, vimos para que possamos desonerá-los, para que possamos dar-lhes a verdade na mente do Espírito, para que possam em consequência ficar felicíssimos e capacitados a continuar o caminho da vida com uma visão, força e poder renovados e maiores. Sabes, filha, são tantas as coisas que nos esforçaríamos por te dar, mas sempre encontramos, como tantas vezes te disse, a complicação e dificuldade de expressar em palavras terrenas os júbilos e os poderes do Espírito.

Mas estas coisas tu sabes e compreendes, mas há muitos no vosso mundo...

Sessão 19766

MARIA: Estou tão feliz por vir falar contigo, minha querida. Esperei por isto, sabes. Passou tanto tempo.

PARTICIPANTE: Sim. Mas eu não te esqueci.

MARIA: Eu sei. Sabes, venho muitas vezes ver-te, especialmente quando estás um pouco em baixo, sabes.

PARTICIPANTE: Sim.

MARIA: Como dizes... triste, eh?

PARTICIPANTE: Sim.

MARIA: E às vezes venho ajudar-te quando estás na plataforma.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei.

MARIA: Sabes?

PARTICIPANTE: Oh, eu confio em ti.

MARIA: Há sempre muito poder ao teu redor. E se eu não estiver presente, há sempre outros, sabes. Nunca ficas, como dizes, "pendurada", eh?

PARTICIPANTE: Não.

MARIA: Mas estive sempre tão ansiosa por trabalhar e ajudar. Por muito tempo estive muito próxima, ligada a ti.

PARTICIPANTE: Sim. Oh, eu sei disso, querida.

MARIA: O meu trabalho principal é ajudar-te com as tuas demonstrações, sabes. Mas claro que há outras fontes também. Às vezes talvez não me seja possível estar presente, mas geralmente estou lá, sabes. Mas recebes sempre a ajuda. Nunca és deixada ficar mal.

PARTICIPANTE: Não, oh, eu sei disso.

MARIA: Aproveitaste as férias, eh?

PARTICIPANTE: Sim, muito.

MARIA: Foi bom para ti estares lá fora no campo. Gostaríamos que estivesses mais no campo. Talvez um dia seja possível, eh?

PARTICIPANTE: Oh, eu tenho os meus pedacinhos.

MARIA: Tens esperança nisso, eh? Tens esperança.

PARTICIPANTE: Sim, é verdade.

MARIA: Bem, nós também temos planos, sabes. Colocar-te-emos numa atmosfera muito mais feliz com mais espaço. E arredores agradáveis. Mais tarde, verás.

PARTICIPANTE: Oh, eu esperarei.

MARIA: A tua mamã envia o seu amor e bênção para ti.

PARTICIPANTE: Obrigada, querida.

MARIA: Ela está frequentemente contigo e a irmã também. Sabes, elas vêm juntas. Minha amiga. *Oui*. Ela está muito feliz, sabes. Está muito perto de ti às vezes. E às vezes, sabes, durante o teu sono vens aqui para este lado.

PARTICIPANTE: Sim.

MARIA: E é como se tivesses duas vidas. Sabes? Uma do teu lado e outra deste. E vives duas vidas. Às vezes elas interpenetram-se. Talvez não te lembres sempre das coisas, eh? Mas às vezes, sabes, estiveste aqui e foi muito claro. E tens uma pequena imagem, uma pequena lembrança às vezes, eh?

PARTICIPANTE: Sim, é verdade.

MARIA: Quando acordas logo pela manhã, tens de estar muito em repouso e pensar, sabes. Segurar isso na mente. Caso contrário, vai-se muito depressa. Oh, estás com muito bom aspeto hoje. Acho que estas férias foram a melhor coisa para ti, eh?

PARTICIPANTE: Oh, foi muito bom. Faz-nos sentir ótimos.

MARIA: Vais escrever mais?

PARTICIPANTE: Bem, sim, eu tento. Mas precisava que o dia tivesse mais 24 horas. Não sei.

MARIA: Mas eu arranjarei para ti, nos meses que hão de vir, oportunidade de fazeres algo com a escrita que será publicado.

PARTICIPANTE: Espero que sim.

MARIA: Sabes? Será bom, eh? Ah, é pena estares sentada mesmo em cima da prensa tipográfica...

PARTICIPANTE: Sim, eles não olham para isto. Eu dei-lhes todas as palestras do Irmão John e eles dizem "que adorável", e é tudo o que consigo.

MARIA: Não, isso é uma pena. Porque acho que há muito que o Irmão John deu que seria muito útil para as pessoas. E se eles quisessem, achas que ficariam felizes por aceitá-lo, sabes? Não compreendo estas pessoas.

PARTICIPANTE: Não, não... é verdade.

MARIA: Acho que há algum preconceito, eh?

PARTICIPANTE: Bem, eles não têm muito espaço, para começar, na revista. Mas eles republicam, continuam e continuam e continuam a imprimir as coisas que andam a imprimir há anos e anos e anos.

MARIA: Sim, é verdade. Muito disso foi publicado muitas vezes, vezes sem conta. Achas que eles gostariam de material fresco?

PARTICIPANTE: Bem, eu acharia que sim, mas enfim.

MARIA: Ah, talvez eu não devesse dizer estas coisas, eh?

PARTICIPANTE: Não, não, é difícil.

MARIA: Mas estou muito ansiosa por que a palavra siga em frente, sabes? A oportunidade de servir é tão importante. E trabalhamos tanto, sabes; o Irmão John, ele vem e fala e fala e fala contigo. E faz estas lindas, como chamas, gravações, eh? E ninguém presta atenção.

PARTICIPANTE: Oh, bem, eu envio 40 agora. E todas elas são passadas a mais alguém.

MARIA: *Oui*, mas... seria bom se fossem postas na revista, porque talvez 40.000 pessoas as lessem, eh?

PARTICIPANTE: Bem, isso é um bocado ambicioso, mas enfim.

MARIA: Mas envio-te todo o meu amor e bênçãos, minha filha. E sabe sempre que sempre que estiveres... bem, sabes que venho ter contigo frequentemente. Mas há alturas em que, por alguma razão, tenho coisas que tenho de fazer aqui, e então nem sempre posso estar presente, sabes? Mas nunca te falho quando é importante. Quando tens trabalho para fazer ou algo importante, estou sempre contigo.

PARTICIPANTE: Sim, tenho a certeza.

MARIA: Ah, devo ir. Adeus. Deus te abençoe.

MICKEY: Ela é clara, não é?

PARTICIPANTE: Sim, ela é adorável.

MICKEY: Deus te abençoe, filha. Deus te abençoe, querida. Paciência.

Sessão 20471 (20 de abril de 1971)

MICKEY: Como estás? Estou muito bem, querida, e tu?

PARTICIPANTE: Estou muito bem também, muito obrigada. Seria estranho se não estivesse, não seria?

MICKEY: Sim. Eu estava ansioso pela tua vinda, Daisy.

PARTICIPANTE: Sim, obrigada.

MICKEY: Porque és uma das pessoas mais simpáticas que já conheci.

PARTICIPANTE: Oh, querido, tenho de polir a minha aura.

MICKEY: Não precisas, ela já lá está. Quando começar a escorregar, eu aviso-te.

PARTICIPANTE: Eu sei que fazes isso, Mickey.

MICKEY: Tu estás sempre a polir. Está tudo bem. Porque vós não tendes auréolas, pois não? Não como nas pinturas das igrejas. Existe uma luminosidade ao redor das pessoas, sabes? E algumas são muito mais brilhantes que outras. Mas não é como se vê nos quadros, apenas à volta da cabeça. É ao redor de todo o corpo.

IRMÃO JOHN: Bem, minha filha, tu és uma pessoa brilhante e radiante.

PARTICIPANTE: Espero que sim.

IRMÃO JOHN: Podes não ser uma mulher muito grande, mas és, no entanto, muito brilhante. Pergunto-me se talvez tenhas algo de particular importância que desejas perguntar-me, filha.

PARTICIPANTE: Bem, antes de perguntar, quero agradecer imenso a todos por me terem ajudado este fim de semana, porque foi um bocado mau e as pessoas estavam muito doentes. O que eu queria dizer é que, enquanto estive fora em Guildford, encontrei pessoas que estão no espiritualismo há anos e, no entanto, não parecem ter assimilado um sentido de bom comportamento. A pessoa pergunta-se como é que podem participar em serviços e ouvir, e no entanto não absorver. Ou seja, não agem na sua vida diária de acordo com as coisas que colheram e aprenderam do Espírito.

IRMÃO JOHN: Sim. Não é estranho? Suponho que possa ser considerado estranho e, no entanto, num sentido, não o é. Existem muitas, muitas almas no vosso mundo que escutaram e, no entanto, não escutaram. Que ouviram e, no entanto, não ouviram. Que testemunharam e experienciaram muitas coisas pertencentes ao Espírito e, no entanto, permanecem muito presas à terra. É como se, de facto, a muitas fosse mostrada a beleza do Espírito e, no entanto, não a absorvessem nem retirassem dela o que é oferecido livremente. Existem muitos no vosso mundo assim, minha filha. Poder-se-ia comparar, talvez, a alguns grandes artistas que, pelo poder do Espírito interior e pela perceção da beleza, são capazes de criar obras de grande arte.

Sessão 20571 (20 de maio de 1971)

MICKEY: Estou bem, querida, como estás?

PARTICIPANTE: Estou muito bem, obrigada. Claro que seria estranho se não estivesse, não é?

MICKEY: Bem, é natural dizer: "Como está?". Fico encantado por falar contigo. Fui educado para ser muito polido.

PARTICIPANTE: Sim, certamente és uma senhora muito polida. Como estás?

MICKEY: Estou muito bem, na verdade, querido. Fico um pouco cansada, mas fora isso, estou bem. Suponho que seja a velhice. Afinal, tens 70 anos, não tens?

PARTICIPANTE: Não, não, estou a caminhar para essa idade. Tenho 18 no coração.

MICKEY: Sim, isso está bem, mas não se pode caminhar sobre o coração, pois não? Caminhas sobre os pés. Mas os teus amigos fazem o melhor por ti, não fazem? Eles amam-te, cuidam de ti e mantêm-te a andar. Como está a [Sra.] Brady?

PARTICIPANTE: Ela telefonou esta manhã. Não a vejo há algum tempo. Quando ela está livre, eu estou ocupada, e vice-versa. O Sr. Brady não sabe bem onde se situar neste assunto [espiritualismo], pois não? Ele não fala muito. Não se conhece uma pessoa se ela não fala.

MICKEY: Ele costumava andar num navio, não era? Era cozinheiro. Aposto que comes bem quando vais lá abaixo.

MARIA: Estou tão feliz por vir falar contigo.

PARTICIPANTE: Oh, Maria. Achei que estava na hora de vires dizer umas palavras.

MARIA: Só para te deixar saber que estou aqui. Sabes, venho ver-te frequentemente, embora não fale necessariamente. E interesso-me por ti.

PARTICIPANTE: Bem, eu falo contigo muitas vezes.

MARIA: Eu sei que sim. E fico sempre muito feliz por o fazer. Mas tu vens falar com o Irmão John. É ele que está por trás de tudo e trabalha muito perto de ti. És muito abençoada, minha filha. Faremos tudo o que estiver ao nosso poder para te ajudar. É apenas uma questão de tempo, sabes; uns aninhos e vens juntar-te a nós, hein?

PARTICIPANTE: Eu desejo-o.

MARIA: Mas tens ainda um pouco mais para caminhar. Tens aqui a tua mamã e os teus amigos. Será uma receção maravilhosa quando chegar a altura, não será?

PARTICIPANTE: Estou ansiosa por isso.

MARIA: *Oui,* mas ainda faltam alguns anos. Tens trabalho a fazer. Sabes, aquela imagem maravilhosa de Cristo? Com a lanterna? Existe um símbolo muito especial para ti nela.

PARTICIPANTE: O que é? "Batei e abrir-se-vos-á"?

MARIA: Ah, sim, sim. "Procurai e achareis". Há algo de muito belo para ti nisto que não posso explicar de momento, mas algo que acontecerá em pouco tempo e que te trará grande alegria e um grande... como dizes, *thrill* (emoção).

PARTICIPANTE: Obrigada, querida.

MARIA: Verás. "Batei e abrir-se-vos-á". Sabes, a imagem de Cristo com a porta e a lanterna?

PARTICIPANTE: Sim, obrigada. Eu conheço-a.

MICKEY: Quem fez isso? Foi Burne-Jones ou alguém? Está na Catedral de S. Paulo, na verdade.

IRMÃO JOHN: "Batei e abrir-se-vos-á". Sim. "Procurai e achareis". Tantas vezes foste capacitada a esclarecer aqueles que bateram. Até certo ponto, foste capaz de abrir a porta para que eles percebessem, ainda que minuciosamente, aspetos da verdade. *Merci*.

Sessão 21060

IRMÃO JOHN: Existe uma e apenas uma forma na qual se pode alcançar e de facto ter sucesso no trabalho do Espírito: e essa é ir sempre em frente com amor no coração. Fizeste ao longo dos anos muitos serviços aos filhos da terra. Há alturas em que talvez sintas que não estás a fazer muito, quando sentes que existem demasiados obstáculos e, no entanto, de alguma forma, é-te dada a força para lutar e muitos dos obstáculos gradualmente, um por um, são removidos.

E assim vejo, como já te disse antes, estas mudanças que são necessárias e essenciais para o prosseguimento do nosso trabalho conjunto, quando te tornarás cada vez mais livre, recebendo cada vez mais oportunidade para servir. Há alturas em que talvez te sintas um pouco deprimida, possivelmente devido à saúde. Sei que não tens estado muito bem, mas foi algo passageiro e estás fortalecida novamente para, por algum tempo, continuares a fazer o trabalho como prometido.

PARTICIPANTE: Fiquei muito grata pelo poder extra maravilhoso que me envolveu durante os serviços quando estive realmente mal. Conseguia ver este roxo profundo belíssimo cada vez que subia para o serviço.

IRMÃO JOHN: Tudo o que está, filha, ao teu redor é uma aura de grande poder. É uma mistura da tua e da nossa. Se pudesses vê-la, acho que ficarias verdadeiramente espantada. Roxo e azul são as cores principais. Existe também o verde e tons pastel. Sabes, os tons da aura são importantes e, de facto, quando vais realizar uma reunião, muitas vezes és atraída para um indivíduo, não apenas pela ligação do espírito, mas também pela mistura da aura. Não significa necessariamente que seja sempre assim.

Sessão 21167

IRMÃO JOHN: Bem, bem... Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe, querido.

IRMÃO JOHN: Então vais fazer 68 anos.

PARTICIPANTE: Sim, não é horrível?

IRMÃO JOHN: Não, de forma alguma. Não vejo por que deverias pensar que é horrível chegar aos 68 ou mesmo aos 78. Algum do trabalho mais importante alguma vez feito por seres humanos foi realizado nos últimos anos das suas vidas, quando a idade se aproximou e possivelmente muitos pensariam que era tempo de relaxar. Mas acredita-me, minha filha, muitos dos maiores trabalhos foram feitos na velhice.

PARTICIPANTE: Estarei sempre ativa, tenho a certeza, de uma forma ou de outra.

IRMÃO JOHN: Minha filha, ser-te-á sempre dada força para continuares o trabalho do Espírito. Pode ser que não sejas capaz de percorrer longas distâncias, mas serás uma luz nas trevas onde quer que estejas. Não tenhas medos em relação aos anos vindouros. Sabe que estás a ser guiada. Quando chegar a altura de te juntares a nós, será verdadeiramente dito: "Bem feito, minha boa e fiel serva".

Muitos daqueles que não conheces e que vêm a ti estarão lá para te saudar, tal como eu e muitos outros que conheces. Nada tens a temer, minha filha. A idade traz problemas, é verdade, mas para quem tem discernimento e compreensão do Espírito, traz muitas compensações. Há quantos anos estamos juntos? O tempo passa tão depressa.

Tem sido um caminho de júbilo para ti, mas não tem sido um caminho fácil. Nunca prometemos que o seria. De facto, para quem trilha o caminho do Espírito, as condições materiais por vezes parecem mais difíceis devido ao conhecimento que se tem. As condições do vosso mundo são tais que é muito difícil para o raio do Espírito penetrar a escuridão, mas tu foste verdadeiramente abençoada. Tinhas algo em particular de que desejavas que eu falasse?

PARTICIPANTE: Bem, não sei se desejarias falar sobre isto, mas estou muito preocupada e pergunto-me qual é a visão do Espírito sobre esta legalização do aborto. Tem a ver com a vida a entrar no mundo. Se preferires, não prossigas.

IRMÃO JOHN: Esta é uma pergunta muito estranha que me fazes. É uma questão que, pela sua natureza, deve ser muito controversa, mas quero deixar bem claro que falo por minha própria conta nisto: embora percebamos as necessidades e as dificuldades num mundo como o vosso, percebemos que existem certos casos individuais onde existe um forte argumento para isto que chamas aborto. Se, por exemplo, uma criança estivesse para nascer em condições tais que seriam prejudiciais à evolução e desenvolvimento dessa alma — ou seja, se a condição física fosse tal que justificasse esta medida — então, sob certas circunstâncias e condições, seria algo aceitável. Seria a coisa mais bondosa a fazer.

Mas, claro, toda esta questão é tão complexa que não se pode considerar apenas de uma forma. Há demasiados aspetos. O que pode ser correto num sentido pode não ser noutro. A vida, uma vez concebida, uma vez que toma forma e começa a ter *ser* — e sublinho a palavra *ser* — então seria errado cercear o seu crescimento, cercear a sua oportunidade de entrar numa existência terrena para a qual já estava a ser preparada e planeada. Então, claro, seria errado. Esta questão complexa não pode ser respondida num breve momento porque há muitas variações de pensamento.

PARTICIPANTE: Eu achei que era uma pergunta difícil, mas deu-me muito conforto.

IRMÃO JOHN: Mas acho que o que temos de ter em mente é isto, e creio que este é o cerne da questão do ponto de vista espiritual: Existem alguns deste lado que sugerirão, e muitos no vosso mundo que aceitam a ideia, de que assim que a criança é concebida, torna-se, por assim dizer, uma entidade viva.

Ora, num sentido pode ser verdade dizer que se torna uma entidade viva num sentido físico, mas devemos lembrar-nos de que ainda não se tornou uma entidade num sentido espiritual. Por outras palavras, o espírito que nasce

eventualmente é apenas um embrião. Está apenas nas fases mais precoces possíveis. Não se desenvolveu por conta própria mais do que o corpo físico. Quando um bebé nasce, não tem conhecimento, não tem capacidade de cuidar de si próprio, não pode fazer nada sozinho; tal como a criança é incapaz, sem caráter nem personalidade, assim é verdade dizer que não é criminoso, não é "tirar a vida", se quiseres colocar dessa forma, porque a vida como tal — do ponto de vista do espírito em particular — ainda não entrou em existência. No sentido físico, ainda não se formou, não se tornou um indivíduo, não se tornou uma personalidade.

IRMÃO JOHN: Assim, num sentido, é verdade dizer que, no caso do aborto, não estás a matar um indivíduo, não estás sequer a matar uma alma como tal. Acho que é muito necessário que as pessoas tentem perceber e compreender que o espírito não tem e não se torna individual até depois da conceção, depois de a criança ter começado a tornar-se, por assim dizer, um indivíduo ou um ser ou personalidade. E o poder do espírito é tal que é — como poderei colocar isto para tornar compreensível — como um átomo que é dividido em milhões sobre milhões de milhões e milhões de fragmentos.

Por outras palavras, o poder do espírito, ou o Espírito Santo, ou chamai-lhe o que quiserdes — existem muitos nomes para a mesma coisa e não importa realmente — todos fazemos parte do espírito divino, todos fazemos parte do grande espírito, todos fazemos parte do completo ou do todo. E estes milhões sobre milhões sobre milhões de fragmentos do espírito que, eventualmente, quando lhes é dada a oportunidade, entram num corpo físico e tornam-se então, por assim dizer, criativos e começam a crescer e a expandir-se e a tornar-se individuais; começam a desenvolver forma, feitio, caráter, personalidade... o espírito torna-se ampliado e é capacitado pelo seu crescimento a expressar-se de tantas formas variadas. Então, isso é uma questão diferente, porque já teve a oportunidade de se dar a conhecer e sentir, e de se expressar como uma parte separada daquilo que é o todo.

Portanto, se uma entidade — se lhe puderes chamar assim — ou a força espiritual ou força vital da vida não entrou no corpo físico e não se tornou parte do corpo físico, não assumiu para si a cobertura exterior e a forma e o feitio do ser humano... por outras palavras, se não começou a expressar-se através da vida no vosso mundo, então não importa na medida em que não entrou no físico nesse sentido. O que estou a tentar transmitir aqui é muito difícil de explicar ou expressar.

Não considero que o aborto seja necessariamente um crime. Não estou a dizer que em todos os casos seja uma coisa boa, mas se existem circunstâncias atenuantes, então não vejo que isso possa prejudicar ou ferir de forma alguma;

certamente não pode prejudicar ou ferir o espírito, porque essa força ou poder de vida, que é do espírito, encontrará outra fonte, encontrará outro método ou forma de se expressar.

PARTICIPANTE: Fico contente por me teres dito isso, porque sentia que precisava de ser tranquilizada. Suponho que não é até o bebé nascer que o espírito está lá.

IRMÃO JOHN: Todo o discurso nasce da ideia do homem de que é o físico que importa. Vês, existem aqueles no vosso mundo, particularmente de uma certa convicção religiosa, que assumem que ao retirar a criança por nascer — que já tomou feitio e forma — que isto é errado, que isto não tem mérito de bem. Eles olham para isso como tirar a vida, mas isto não é verdadeiramente assim. Certamente não é tirar a vida no sentido em que nós compreendemos e conhecemos o significado do verdadeiro termo ou expressão. Por outras palavras, não estás a tirar uma alma, porque a alma ainda não nasceu.

A alma está ainda na sua fase embrionária, está ainda à espera, ainda ali, aguardando por uma oportunidade. E se não a encontra de uma forma ou através de uma fonte, virá através de outra. Vês, a questão é que o vosso mundo está a tornar-se terrivelmente superpovoado e, claro, algo terá de ser feito se se considerarem as circunstâncias e condições do vosso mundo. É óbvio que, se o homem continuar a povoar como o está a fazer, isto tornar-se-á um problema maior de proporções tão imensas que poderá levar a tantas dificuldades, problemas e até guerras.

PARTICIPANTE: É estranho encontrar um equilíbrio, não é? Porque prolongam a vida de pessoas velhas quando provavelmente seria melhor para elas virem para o vosso lado.

IRMÃO JOHN: Acho que todo o problema nasce da... ia dizer "insensatez" do homem, ao assumir que o corpo material, a vida material, é tão importante como parece ser. Não estou a sugerir com isto que a vida material ou o mundo material não sejam importantes. É um campo de treino. É, por assim dizer, uma escola na qual aprendemos as lições da vida. E muitos de nós devem ter esta existência. Devemos ter esta oportunidade. E frequentemente, de facto, em casos que se poderiam citar vezes sem conta, é muito necessário regressar ao mundo físico para uma nova experiência, para aprender lições nas quais se falhou noutras encarnações.

Mas o ponto é que é importante perceber que a perceção material das coisas por parte do homem está errada. Ele assume sempre que o mundo material é a parte importante. Não é, de forma alguma, a parte mais importante. É importante do ponto de vista de que, nessa existência particular

na terra, nos são dadas oportunidades para aprender coisas que são essencialmente necessárias para o nosso desenvolvimento e evolução. Mas isto não significa que em toda a instância ou em todo o caso seja essencial ou importante que uma criança venha a ser, e que a alma que entra nessa criança seja necessária nessa forma, feitio ou caminho particular. Demasiadas pessoas assumem — porque isso é tudo o que conhecem, suponho — que o mundo material é "o" mundo, o único mundo, e tudo o que realmente importa.

Não estou a dizer que seja sem importância. É vitalmente importante. Mas não é essencial. O espírito pode crescer e evoluir sem necessariamente entrar no corpo material. Para alguns pode ser importante e essencial, mas não para todos. E lá está, o homem na sua ignorância assume que o mundo material é o único mundo e, no entanto, em todo o redor na atmosfera existem literalmente — e digo isto com grande sinceridade e sentido — não apenas o mundo da terra no espaço, mas milhões de mundos. Todas estas várias estrelas, as constelações, a tremenda energia da força de luz que está a ser gerada na atmosfera, invisível para os olhos materiais, invisível e desconhecida para as mentes materiais, é uma força viva.

Existem mundos, muitos, muitos, muitos mundos. Ora, o mundo da terra não é de forma alguma o único mundo. E uma entidade pode entrar noutro mundo, noutro feitio, forma e corpo, e ter o seu ser. Muito em breve, num futuro não muito distante — e possivelmente até no teu tempo de vida — tereis comunicações de seres de uma ordem elevada de outros mundos.

PARTICIPANTE: Eles continuam a dizer que conseguem ver objetos não identificados no céu agora.

IRMÃO JOHN: O homem assume demais. Assume que a vida física é a única vida. E é, num sentido, uma das mais insignificantes das vidas, em comparação. Por muito importante que deva ser e seja para o indivíduo, estás dentro da tua própria consciência a aprender, a expressar e a colher para ti própria todo o tipo de experiências; mas, acredita-me... e é aqui que encontramos tal dificuldade em explicar-vos...

Acredita-me, eles virão a vós, embora sejam avançados espiritualmente, mentalmente e em todos os sentidos para lá da vossa compreensão da natureza e tipo material. Tal como nós próprios noutros mundos, na atmosfera; e estes mundos são tão reais para estes indivíduos como o vosso é para vós. Estes mundos são vitais e vivos, cheios do poder do espírito. Não o conceito estreito de espírito como tantos assumem, porque tiveram algum contexto de ensinamento religioso. De facto, agora olho para trás para a minha própria vida e para a minha própria experiência e vejo quão ignorante eu era, e

percebo que é errado para o homem assumir que o mundo material é o princípio e o fim de tudo.

É apenas uma parte minúscula da evolução humana, desenvolvimento e progresso do homem. Existem milhões de esferas, mundos muito maiores, muito mais avançados do que o vosso. E quando as pessoas falam sobre a vida na Terra e a sua importância, e quando as vemos a lutar e a combater por coisas que têm pouca importância — importância real para elas, muitas das coisas pelas quais se esforçam — e que mal as obtêm, logo as perdem, logo percebem que são inúteis no tempo em si dentro da experiência...

A vida é tão vasta, tão tremenda, que simplesmente não podes confiná-la a alguns anos de Terra. A vida na Terra é vitalmente importante para aqueles que a estão a experienciar. É importante para a evolução do espírito. Mas, acredita-me, é apenas um campo de treino, e existem milhares e milhares de campos de treino, escolas pelas quais passamos e aprendemos as nossas lições. Há um grande júbilo na vida eterna. É a perceção de que a vida é contínua e que há sempre algo novo, fresco e excitante para experienciar, para aprender.

Estamos a passar de um lugar para outro, a evoluir e a desenvolver-nos. O mundo da terra é apenas uma pequena parte minúscula do todo completo, minha filha.

PARTICIPANTE: Obrigada, isso foi muito interessante. Confirmaste o que eu sempre senti em mim própria.

IRMÃO JOHN: Não me entendas mal. Caso alguém ouça aquilo que eu disse, não gostaria que entendessem mal o meu significado em relação ao que chamas aborto. Não sugiro que o aborto seja uma coisa boa, mas sugiro que, sob certas circunstâncias, a pessoa está bem justificada ao fazê-lo, para prevenir a miséria e a infelicidade, não só para os indivíduos mais próxima e intimamente envolvidos, mas para a própria criança. A questão é que pomos demasiado peso — ou melhor, o mundo põe demasiado peso — nas coisas materiais. Não é tirar a vida, porque a vida mal começou, se é que começou, até o espírito ser libertado do útero e lhe ser permitido formar-se e desenvolver-se ao longo de um período de tempo terreno.

Não tem significado real. O poder é vital, aquilo que *é*, permanecerá, quer nasça num corpo material ou não. Continuará a permanecer. Não podes matar esse espírito. Podes matar a formação de carne que começa a ganhar algum feitio, mas isso não é a pessoa, não é o indivíduo. Alguns dirão: "Oh, estás a negar a oportunidade da vida". Isso não é verdade, pois não há vida como tal até a criança entrar no mundo material. O aspeto espiritual disto é que o espírito que animaria esse corpo eventualmente encontrará outra fonte,

encontrará outra oportunidade — se for necessário para ele — de entrar noutro feitio ou forma noutro mundo, se não no vosso. O vosso não é o único berçário da humanidade. O vosso não é o único berçário do espírito.

Acredita-me, o mundo da terra é apenas um de muitos berçários, por assim dizer, e verás nos anos que se estendem à frente, pela evidência que surgirá de tal natureza, que será provado tão tremendamente que no espaço exterior existem mundos com que o homem nunca sonhou, nos quais existe uma vida mais altamente evoluída, mais espiritualmente evoluída, na qual existem filhos do grande espírito de toda a vida, todos parte do mesmo espírito, parte do teu espírito e do meu espírito. Embora estejamos em mundos diferentes, embora estejamos em formas ou feitios diferentes, sob condições e circunstâncias diferentes, estamos todos no mesmo espírito.

Não fiques, portanto, eu diria, desanimada ou desencorajada se numa existência na terra não alcançares ou pareceres não chegar a qualquer perceção do propósito das vossas vidas. Isso virá num tempo posterior, num novo tempo que está ainda por ser, sob novas circunstâncias. O mundo da terra, por muito importante que seja, é apenas um de muitos mundos pelos quais passarás e terás o teu ser e evoluirás consequentemente. Não diria, portanto, a pessoas que parecem tantas vezes sentir que a sua vida não teve sentido e foi desperdiçada, que as oportunidades foram perdidas — como elas tantas vezes dizem — mas eu digo-lhes que existem para elas grandes possibilidades em existências futuras.

O mundo do espírito é vasto e tremendo e nesses grandes mundos, no espaço exterior, como lhe chamas, encontrarás um novo modo de vida e uma nova condição de vida, uma nova oportunidade e progredirás verdadeiramente. Mas vereis, vós que estais ainda na terra, estou certo, o princípio de uma grande revelação onde haverá uma comunicação de um tipo que vos espantará entre certos mundos e o vosso, e ficaremos felicíssimos pois isto é tudo parte do plano do espírito. Acredita-me, estas coisas são assim — por muito difíceis que devam ser para mim ou para qualquer outro explicar nesta fase — no entanto vereis como o poder do espírito se manifesta e como as inteligências brilhantes se esforçam e conseguirão comunicar com o vosso mundo de tal forma que até aqueles que preferem referir-se a si mesmos como cientistas e "cabeças-duras", eles serão obrigados a aceitar a verdade óbvia da vida eterna.

Nada que é de vida pode morrer, pois a morte não pode destruir aquilo que é indestrutível. Não há necessidade, meus filhos, de temer ou de duvidar, mas sim de perceber cada vez mais a sabedoria do próprio grande espírito. Uso o termo "Ele próprio", embora isto em si não explique nada. Não

conseguimos explicar o poder divino, não conseguimos explicar a força divina que é a própria essência do nosso ser, mas sabemos que existe, num reino muito afastado de nós próprios — pois ainda não atingimos esse ponto de evolução — onde existe uma condição de vida tão tremenda, tão imensa na sua vastidão e na sua beleza, na sua tremenda força dadora de vida, que eventualmente a alcançaremos. Isto nós sabemo-lo, mas não o conseguimos explicar, as palavras não o conseguem explicar; mas sabemos que existe um mundo muito afastado do nosso, muito afastado de muitos dos mundos ao redor do vosso mundo, todos fervilhando de vida, todos fervilhando de pensamento individual e coletivo de muitos tipos, mas eventualmente todos evoluiremos para este estado de ser, onde veremos e conheceremos plenamente o significado e o propósito de toda a vida.

Ninguém precisa de temer estas coisas, é a grande aventura na qual estamos todos empenhados. Ninguém pode evitar estas coisas, pois elas são indestrutíveis, são as coisas pelas quais subimos, são de facto as próprias realidades do ser e da vida. Não existe tal coisa como a morte; pode haver este estado onírico no qual parece que morremos, mas não é assim. Por um breve lapso de tempo deve ser, talvez, que não tenhamos consciência de certas condições de vida ao nosso redor, mas logo isto passa e despertamos para uma existência maior e mais plena, uma consciência maior de ser. Ninguém precisa da morte ou do medo, tudo está bem, nada pode ferir o espírito que é indestrutível.

Isto eu tentaria apresentar-vos de forma tão vigorosa: a perceção de que nada pode ferir ou tocar o espírito, não importa o que possas fazer, não importa quando mates — embora seja errado matar, não nego quão mau pode ser e é matar — mas existem fatores e circunstâncias redentoras quando te referes a esta condição do aborto; mas percebe que não matas o espírito. O corpo pode ser morto, mas o espírito permanece triunfante. Ninguém precisa de temer, pois tudo está bem; só o homem pode compreender o seu verdadeiro eu, que está no interior. O corpo é exterior, uma casca ou cobertura; é necessário e essencial para a sua existência terrena, mas serve meramente como, por assim dizer, um veículo para a expressão de Deus através do homem e do seu corpo.

O meu amor e a minha paz e a minha bênção estejam contigo, minha filha. Muito obrigado. Escuta a voz do espírito. Deus te abençoe. Adeus, filhos.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Adeus. Deus te abençoe.

Sessão 21268

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoada sejas, querida. Meu amor. Tens algum tema em particular? Algum tema sobre o qual desejes que eu fale?

PARTICIPANTE: Bem, na verdade, tenho. Estive a pensar nisso quando me levantei esta manhã. É um tema um pouco antigo, suponho, e no entanto não o é. Surge de algumas pessoas que leem as tuas palestras. Um homem escreveu e disse: "O Irmão John diz que Deus nos deu um mundo perfeito e o homem tornou-o um mundo imperfeito". E depois outro amigo meu disse: "O Irmão John diz que a vida na terra é uma escola para o espírito se refinar e progredir através da superação". Se assim é, como podemos esperar um mundo melhor, se esse é o propósito dele?

IRMÃO JOHN: Eu não teria pensado que essa fosse uma situação particularmente difícil de compreender. Bem, eu não acho que seja. Em primeira instância, devemos deixar bem claro que a ideia de perfeição de uma pessoa não é necessariamente a de outra. E existem muitos graus ou condições de vida de acordo com a evolução de cada um, ou a falta dela. Por outras palavras, nunca alcançamos, talvez, a perfeição completa como tal. Só se pode assumir que esse é um estado de ser que está muito além da compreensão atual.

E, de facto, poder-se-ia até dizer que, se existisse um estado de perfeição absoluta, teríamos alcançado tudo o que é possível alcançar em qualquer forma de existência. Por outras palavras, não haveria nada mais pelo que lutar. E, em consequência, ficaríamos desiludidos, insatisfeitos. Tornar-nos-íamos completamente inúteis na medida em que teríamos atingido um estágio de pensamento, uma expressão de pensamento, que pelo próprio tempo se tornaria impossível de continuar a existir. Toda a ideia e conceção de vida, não importa que forma tome, sugere que há uma evolução gradual, uma progressão gradual, individualmente e, num sentido, coletivamente. Sinto que o homem deve perceber que pode aprender muitas, muitas lições em muitos planos de pensamento ou evolução.

Para alguns, é obviamente necessário aprender o máximo possível numa base terrena. E que, embora possamos discutir e falar sobre um mundo melhor — um mundo material — e que no princípio ele era perfeito, ele era perfeito para aquele tempo e era. Era perfeito, num sentido, para o estado de evolução do homem que começava a ganhar feitio e forma, começando a expressar-se. Por outras palavras, existem muitas etapas de perfeição, ou do que parece ser perfeição, e existem muitas etapas de evolução. Mas é óbvio que haverá sempre, no mundo material e, até certo ponto, nos mundos espirituais, não

necessariamente uma sensação de ter atingido um estágio de perfeição final, mas a perceção de que deve vir sempre algo mais para descobrir, algo invisível naquele momento no tempo que está, obviamente, ali à espera ao virar da esquina.

Isto, creio eu, é o que as pessoas não conseguem apreciar ou perceber: que se aceitamos que a vida eterna é verdadeira — se tentarmos imaginar, o que obviamente, num sentido, é impossível com a mente material, a realidade da vida eterna — perceberemos muito em breve que este estado de ser deve estar em constante mudança, oferecendo constantemente nova experiência; que deve haver novos horizontes para alcançar, para escalar. E esta, claro, é a realidade da vida. Parece-me que tantas pessoas no vosso mundo não captaram o facto de que toda a vida é um processo gradual de evolução, desenvolvimento, expressão, de assumir para si próprios novos pensamentos, novas condições.

E quando falamos do mundo espiritual, que é um termo muito vago, não falamos apenas de uma fase de existência ou de um mundo. Existem, sem dúvida, milhões de diferentes estágios de evolução ou estados de ser, e em cada um existe uma forma, se preferires, de perfeição a ser alcançada ou atingida. Mas é apenas um degrau para uma nova condição de vida. E é isto que a eternidade significa: um processo gradual de mudança, de evolução, de alargamento da experiência e do horizonte de cada um.

E, claro, é verdade dizer que em certas instâncias é necessário — se não sempre necessário, é desejado pelos indivíduos — regressar à terra, quer para aprender da terra certas experiências que são essenciais e necessárias à evolução do ser humano, quer, como no caso de muitos dos grandes mestres e profetas, uma forma de reencarnação num corpo físico num mundo material para expressar o poder do Espírito Santo e para transmitir os ensinamentos da vida eterna. E todos os grandes profetas e todos os grandes mestres, estou convencido, são almas antigas que escolheram, por um breve lapso de tempo terreno, manifestarem-se a si próprios e ao poder do Espírito Santo sobre a terra.

Há muita gente que detesta intensamente este pensamento, esta ideia de regressar à terra. Mas, por outro lado, quando o homem começa a procurar e a perceber, através da busca, quão infinito e quão poderoso e quão real é o Espírito Santo e o que Ele pode fazer e o que pode alcançar — como pode estar a expressar-se numa direção e noutra ao mesmo momento de um dado tempo — vês, as pessoas assumem que o Espírito tem feitio e forma. Isto não é verdade. O que quero dizer com isto é que o Espírito se manifesta através do que chamarias de um feitio ou forma, um corpo espiritual ou um corpo etérico

ou, se preferires, um corpo psíquico de acordo com a sua condição de evolução. E, claro, quando na terra através de um corpo material, o Espírito real como tal não tem, em si mesmo, feitio ou forma. Mas é o poder, é a força, é o elemento impulsionador por trás de toda a vida.

E este Espírito está por todo o lado. É um Espírito que anima a vida, que cria a vida, que dá forma e expressão à vida. E um indivíduo pode ter, num sentido, muitos corpos. Isto pode soar terrivelmente confuso. E para alguns será repugnante. Mas, no entanto, quando consegues aceitar a perceção de que a vida material — que em si mesma no tempo é infinitesimal, é tão curta — que o corpo físico é meramente o veículo da expressão do Espírito, então começas a ter alguma pequena perceção do poder do Espírito: que ele pode e assume feitio e forma exterior de várias maneiras. E é errado para o homem assumir que ele é o único indivíduo, ou a única encarnação, se quiseres, da manifestação do poder do Espírito Santo.

PARTICIPANTE: Sim, acho que é aí que as pessoas ficam com uma impressão errada. Veem tudo a partir da visão da Terra.

IRMÃO JOHN: Vês, essa é a tragédia. Todos assumem e aceitam e pensam apenas no material e no feitio, forma e expressão exteriores. Enquanto que nos "eus" mais altamente evoluídos na Terra, o Espírito — o Espírito manifestador de Deus (este, novamente, é apenas um termo vago). Não podemos analisar Deus. Não podemos definir Deus. Mas Deus é um Espírito. E Deus é o poder por trás de toda a vida. E se percebermos que a força animadora por trás de cada ser humano é esta força dadora de vida, é esta parte de nós que vence a morte. É esta parte de nós que é indestrutível. É esta parte de nós que continuará e continuará através de eras e eras e eras de tempo em variados disfarces e condições, aspirando e alcançando e crescendo e expandindo-se de esfera para esfera e de plano para plano.

Mas quando o homem se consegue ver — e não apenas ver-se como se vê no sentido material — quando percebe que o tempo todo existe o poder do Espírito a tentar manifestar-se, a superar as limitações da carne, a expressar o poder do Espírito Santo e a torná-lo manifesto entre os homens... foi isto que o Cristo fez. Foi isto que tantos dos grandes discípulos e muitos dos grandes seguidores de muitas religiões nos primeiros séculos compreenderam. Eles não o compreendiam talvez plenamente. Claro, não se pode esperar que alguém compreenda o poder do Espírito no sentido pleno. Mesmo nós, que vimos a vós, só podemos dar-vos uma experiência limitada dele.

Mas a questão é esta: existe este poder do Espírito que pode superar as limitações do material e aquilo que, como sabes, é ou parece sólido e real para ti, é tão insubstancial quanto pode ser. Não existe tal coisa como solidez no

vosso mundo, apenas aquilo que é uma ilusão como tal. O tempo todo há vibração; e a vibração, num sentido, é uma forma, é a própria vida, é uma forma de expressão do Espírito. O tempo todo há mudanças subtis a ocorrer em cada ser humano. Estas são tão subtis que não estás consciente delas, não estás consciente delas. Mas o que é muito mais importante é que as mudanças que deveriam estar a ocorrer pela manifestação do poder do Espírito são apenas aparentes.

O vosso mundo, num sentido, não progrediu espiritualmente. Progrediu cientificamente, progrediu em certos aspetos, mas o homem ainda não está consciente do poder do Espírito Santo que pode tornar possíveis todas as coisas. Nada é impossível para o Espírito.

PARTICIPANTE: Há esperança de que venha este novo conhecimento? Quero dizer, olhamos para isso de uma forma limitada, mas na verdade tudo o que disseste esta manhã alarga a mente, alarga a visão para um tempo ilimitado do homem indo de esfera para esfera, e de experiência para experiência. Há esperança e expectativa?

IRMÃO JOHN: Claro, deve haver sempre esperança, deve haver sempre a expectativa de algo melhor a seguir. Isto, claro, é natural, e isto é algo por que cada ser humano ao longo da sua vida é ajudado: a possibilidade de algo melhor. Claro que sabemos que, na vasta maioria dos casos, isto é algo de natureza material que os preocupa: a esperança de algo melhor amanhã. Mas a questão é que há sempre a possibilidade de que, dentro do homem, ele comece a perceber e a descobrir o seu potencial num sentido espiritual, e isto é algo por que só podemos rezar e esperar. Isto é, num sentido, algo tão individual, peculiar ao indivíduo; e embora possa haver aqui e ali certas almas que evoluirão mental e espiritualmente, a vasta maioria da raça humana, claro, tão imersa em coisas materiais, está cega para as realidades do espírito.

É por isso que ao longo do próprio tempo viste homens e mulheres notáveis que surgiram com uma perceção do poder do espírito e compreenderam até certo ponto o que poderia ser alcançado por ele e se destacaram contra o materialismo. E, claro, muitas vezes materialmente sofreram grandemente, embora tenham realizado e alcançado muito espiritualmente. Só posso dizer que aqueles que alcançariam, no sentido verdadeiro, espiritualmente, não podem esperar — e não deveriam de facto esperar — um caminho material fácil, porque a perceção do espírito e o potencial do espírito e a realidade do espírito são tais que, uma vez que aceites e agarres isto e o tornes manifesto na tua vida, mais do que nunca a terra, o mundo — não o mundo em si, mas as condições ao redor dele e as condições

das pessoas nele — serão repugnantes e difíceis de aceitar. Por outras palavras, o tempo todo deves estar a combater o materialismo. E isto não é fácil no vosso mundo, torna-se de facto cada vez mais difícil. Mas temos fé e temos esperança de que aqui e ali existam alguns que virão à superfície, utilizando o seu poder, para que possam, pelo seu esforço, alcançar muito que beneficiará o homem.

Não devemos estar deprimidos, porque há um ar de depressão às vezes, e com razão. Não é que eu não aprecie ou não compreenda e simpatize. Claro que é humano e natural que a pessoa, quando na terra, quando vê o estado do mundo, se sinta triste e deprimida. Isto é uma coisa boa, de facto, que se sinta e perceba esta intensidade de ser. Mas ao mesmo tempo não se deve estar deprimido na medida em que, do caos e das trevas, a luz ainda pode vir. E do sofrimento pode vir uma paz que sentimos que deve vir. Não será já, mas virá. O homem irá de facto, estou certo, criar tal situação para si próprio pela sua abordagem materialista e atitude mental, que acabará por se encontrar numa situação tão peculiar que procurará na direção certa eventualmente, por onde o podemos ajudar, e podemos de facto elevá-lo para fora do lamaçal onde ele se pode muito bem encontrar, ainda mais do que hoje.

A ciência, que poderia fazer tanto, e que faz tantas vezes muitas coisas que horrorizam e angustiam, no entanto haverá um tempo em que certas pessoas de uma mente virada para a ciência serão guiadas pelo caminho certo e receberão visões de que certas coisas terão lugar a partir do que chamais expressão e conquista científica que trarão um novo sentido de bem-estar e convicção ao mundo. E quando o homem perceber a realidade do poder do espírito, como ele se pode manifestar e manifestará de uma forma científica aceitável para toda a raça humana, então começaremos a ver as mudanças que tanto desejamos. Sempre dissemos, e mantenho que isto é verdade, que haverá um tempo em que a ciência parecerá tropeçar na verdade; mas será porque muitos de nós deste lado nos esforçámos e continuaremos a esforçar-nos por trabalhar através de cientistas para encontrar o verdadeiro caminho para longe do materialismo, em direção ao reino do espírito. E tornaremos possível para eles criar, com a nossa ajuda, certos instrumentos, dispositivos, que tornarão possível que a comunicação entre o nosso mundo e o vosso se torne cientificamente aceitável e então começaremos a ver, estamos certos, o início da mudança. O homem verá a futilidade do aspeto material ao qual se agarra e ansiará e procurará pelas coisas que são do espírito e eternas. Estas coisas ainda virão. Disto estou convencido.

PARTICIPANTE: Obrigada. Sim, muito obrigada. Dá-nos uma perspetiva melhor.

IRMÃO JOHN: E sei que, à medida que se aproxima novamente esta época do que chamais Natal, quando tantas pessoas de boa vontade pensam um pouco mais profundamente, um pouco mais realisticamente, talvez, nas coisas do espírito — particularmente aqueles que estão tristes e sós, aqueles que, como dizem, perderam entes próximos e queridos... creio que haverá, até certo ponto, dentro dos corações e mentes de muitos, algum vislumbre de esperança e perceção do poder do espírito, de quão perto às vezes podemos estar. E aqueles particularmente que sentem necessidade de conforto encontrarão no poder do Espírito Santo nesta altura a perceção de que a vida é contínua, a morte não é o fim.

Verdadeiramente, a todos os que procuram a verdade, eu digo: procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á. O nascimento da verdade ainda está à espera de irromper sobre o mundo. Tem havido mensageiros portadores de boas novas através dos séculos, e há alguns que escutaram a voz do espírito e a tornaram manifesta nas suas vidas. E ao falar agora da época de Natal, em que tantos estarão a pensar nestas coisas, digo-lhes: tende bom coração, boa fé, sabei que o ano que vem oferece oportunidade a cada um de vós. Talvez cada um, individual como deve ser e diferente do outro, mas cada um na sua própria esfera de vida, por mais solitária que pareça, pode desempenhar um papel importante para trazer a perceção da vontade e propósito de Deus para os Seus filhos. Olhai para esta época de Natal com júbilo nos vossos corações, pois o nascimento da verdade e da luz, que foi dado ao mundo há tanto tempo, está sempre presente e sempre ali, à espera de perfurar as trevas do materialismo.

Verdadeiramente cada um de vós tem uma oportunidade de fazer a vontade do Altíssimo; por mais humilde que pareça e desimportante que possa aparentar, no entanto, na vossa própria esfera de atividade, a oportunidade apresenta-se — nem que seja pela palavra, deixada cair aqui ou ali, para confortar e animar. Sois todos instrumentos da vontade de Deus, cada um importante para o todo. É como se fôssemos todos parte, como de facto sois, de um grande quebra-cabeças; e embora nem todos pareçais encaixar-se uns nos outros e interligar-se, no entanto não podeis ser realmente separados; e embora vejais apenas a imagem numa forma minúscula em parte, no entanto a imagem completa será revelada em toda a sua beleza no tempo que ainda está para vir, e vereis como vos encaixastes — por mais insignificantes que possais parecer a vós próprios, sois importantes para o todo, que não pode estar completo sem vós.

Cada um de vós é parte da vontade e propósito de Deus, todos partilhando o mesmo espírito de verdade. Tende boa fé, meus filhos. Verdadeiramente sois abençoados. Verdadeiramente sois reunidos para o

serviço, em amor e em fraternidade, paz na terra e boa vontade para com todos os homens. Esta é a mensagem do Espírito, e lembrai-vos que está dentro de vós próprios o que fareis, o que alcançareis, o que vos tornareis. Sois todos parte do grande plano, do grande propósito, pois tudo é eterno, e nada pode mudar aquilo que é e sempre será. Abençoo-vos, meus filhos, e a paz esteja convosco. Adeus.

Sessão 21668

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Irmão John, querido.

IRMÃO JOHN: O nosso amiguinho está a fazer o que creio que vós chamais "pregar uma partida".

PARTICIPANTE: Ah, sim.

IRMÃO JOHN: Mas o seu coração é puro como ouro.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei disso.

IRMÃO JOHN: E as suas intenções são sempre boas. Sempre a esforçar-se por ajudar, por servir, onde quer que seja possível.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Às vezes diz coisas que são deliberadamente ditas para provocar ou talvez divertir ou aliviar o que pode ser a tensão do momento da sessão. Mas o seu coração está cheio de amor.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei.

IRMÃO JOHN: E sei que para ele tens um lugar muito especial.

PARTICIPANTE: Eu tenho. E para ti.

IRMÃO JOHN: Sabes, minha filha, à medida que olhamos para o vosso mundo, cada vez mais nos preocupamos. Cada vez mais estamos cientes da necessidade do espírito e da verdade do mesmo. E quão poucos são os que no vosso mundo têm o conhecimento e a experiência destas verdades. Verdadeiramente és abençoada na medida em que viste essa luz que se derramou diante de ti de tal forma que caminhas com passo firme. Embora o caminho não seja fácil, às vezes difícil, no entanto é sempre tornado claro diante de ti e és fortalecida e ajudada por inumeráveis almas deste lado.

PARTICIPANTE: Sim. Tu dizes-me às vezes: "mantém-te em boa fé e com bom coração". E eu tento fazer isso, mas é muito difícil.

IRMÃO JOHN: Filha, claro que é difícil. E estamos plenamente cientes dos muitos problemas que devem enfrentar-te, tal como a todos os filhos de Deus. Mas tu és verdadeiramente fortalecida. És verdadeiramente ajudada. És verdadeiramente guiada. E estou convencido de que no teu coração sabes que tudo está bem.

PARTICIPANTE: Sim. É como o nascimento de uma criança ou a agonia que vem antes do bem?

IRMÃO JOHN: Esta tua analogia pode ser tomada em vários sentidos e, de facto, pode ser interpretada de muitas maneiras. Claro que, antes do nascimento de uma criança ou do nascimento de qualquer coisa que valha a pena ou seja boa, deve haver dor e sofrimento. Deve haver stress e luta. Dificilmente se pode assumir que, se alguém vai alcançar algo bom, algo que valha a pena, o caminho deva ser necessariamente fácil. Haverá muitos problemas. Mas o poder dentro do homem é tremendo.

Sessão 22268

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Deus te abençoe, querida. Esta é uma ocasião muito feliz. Pois sinto que agora, finalmente, estás instalada.

PARTICIPANTE: Sim, de facto.

IRMÃO JOHN: A tua mente pode agora estar livre para fazer o trabalho do Espírito.

PARTICIPANTE: Sim. É uma atmosfera agradável.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Vês que não tivemos de esperar muito tempo. Fizemos todos os esforços em teu nome. Havia outras possibilidades, mas esta, estou certo, é o lugar certo para ti. Não haverá problemas e a tua saúde, estou certo, melhorará; e serás capacitada a fazer o trabalho do Espírito da forma que desejas que seja feito. Terás mais oportunidade de sair e realizar o trabalho. Estás mais central, é mais fácil deslocares-te. É uma casa muito tranquila. E tu és uma pessoa muito tranquila.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: E, portanto, vais-te — como dirias — ajustar muito bem. E tenho a certeza de que todos serão muito amáveis e amigáveis.

PARTICIPANTE: Oh, sim, têm sido até agora. De qualquer forma, estou-te muito grata, querido, e a todos vós.

IRMÃO JOHN: É um júbilo ser-te útil.

PARTICIPANTE: Sinto-me intrigada por saber como o fazeis.

IRMÃO JOHN: Isso não o poderíamos explicar totalmente. E não creio que fosse bom, talvez, dizer-te. Quando existe uma fé como a que tens, tudo é possível. Nada é impossível. A fé pode verdadeiramente remover montanhas. E certamente fizemos um grande esforço em teu nome. Com a tua fé a ajudar-nos, alcançámos o que nos propusemos: encontrar para ti um novo lar, um novo ambiente, no qual pudesses encontrar paz e quietude para servir a humanidade e fazer o trabalho do Espírito. Lembra-te, também, que existem muitas almas solitárias, pessoas tristes e infelizes que precisarão da tua amizade e do conforto que podes dar. Esta é também, filha, uma parte importante do teu trabalho. Quero que te lembres disto. E que, dada a oportunidade, quero que lhes dês o conforto e a ajuda que te foram dados a ti. Enviar-te-emos as pessoas certas, as pessoas cujas necessidades são genuínas e sinceras. Fizeste amizades e contactos interessantes, e servirás de muitas formas.

PARTICIPANTE: Bem, eu queria perguntar-te se me falarias sobre a tua própria esfera, onde vives. Disseste-me que eras diretor de uma escola de ensino, mas vives com outros de mentalidade semelhante ou sozinho? E poderias transmitir algo da beleza desse lugar? E uma vez disseste-me, há muito tempo, que durante o meu estado de sono eu estava familiarizada com a tua esfera, e perguntei-me como poderia ser assim.

IRMÃO JOHN: Deve-se, creio eu, perceber que cada célula que deixa o cérebro da Terra na altura da chamada morte, entra automaticamente, pela própria natureza das coisas, num ambiente ou condição de vida para a qual está mais apta. E existem aqueles que estavam na Terra e que, pelo seu esforço e desejo de experiência espiritual — e também pelo desejo da parte do indivíduo, enquanto ainda na Terra, de servir e ser útil no sentido mais elevado, e de se dar completa e absolutamente em amor à humanidade, para cumprir a vontade do Altíssimo... quando alguém assim passa do vosso mundo para este, é capaz, pelas próprias condições da sua vida, de — o que poderias chamar — evitar ou contornar certas esferas perto da Terra, para as quais muitas pessoas vão ao passar.

Não entendas mal que estou a implicar com isto que, por causa da minha vida terrena pessoal, eu era uma pessoa tão boa que isto me aconteceu automaticamente; mas, ao mesmo tempo, tive a sorte de entrar numa condição de vida que, no seu espaço binário, estava muito afastada da Terra. Mas por esforço e pelo desejo de servir ainda mais deste lado da vida, fui capaz de progredir muito rapidamente e, entrando em várias condições de vida ao longo

de um extenso período de tempo terreno, aclimatei-me em consequência a vibrações ou condições nas quais fui capacitado, pelos esforços e ajuda de outros, a tornar-me um instrutor.

Fui capaz de transmitir pelo meu próprio pensamento e empenho mensagens e experiências de muitos tipos àqueles menos afortunados em esferas inferiores à minha; e também fui capaz de formar um grupo de almas cuja tarefa era penetrar não só nas condições da Terra, mas também nas vibrações que emanavam de outras esferas para a Terra. Fomos capazes de estabelecer comunicação e contacto com muitos indivíduos e grupos de pessoas que se esforçavam sinceramente por encontrar a verdade. Tenho sido o que chamas de guia por muitos, muitos anos terrenos e, embora tenha usado o teu nome principal — particularmente nos últimos anos — nos séculos de Deus houve outras almas com as quais estive em contacto que, claro, agora estão aqui e fazem parte do meu grupo e bando. E temos aqui, no que seria a minha condição de vida, uma escola.

Claro que, naturalmente, quando pensas na palavra "escola", assumes que é algo comparável de certa forma a uma escola terrena. Não é bem assim. Embora tenhamos o que chamarias de grupos de estudantes, ainda assim eles estão muito afastados da interpretação terrena. Existem vastos edifícios aqui, em várias esferas, que são locais para onde as almas ansiosas por serem úteis de várias formas se dirigem para receber orientação instrucional; e muitas delas vivem no que chamarias de "instalações". Estas são tão vastas que estes edifícios são, na verdade, toda uma série de edifícios. São como que uma comunidade e, no interior, assemelham-se a uma grande cidade na qual existem muitos edifícios de muitos estilos.

Estes edifícios foram criados por almas que elas próprias seguiram mais adiante na progressão e que deixaram para trás algo de si mesmas; e, de facto, muitas vezes elas também visitam a partir da sua própria esfera para encorajar e esclarecer. Temos muitas manifestações de cultura e experiência que cobrem séculos e séculos de tempo, experienciadas por pessoas e criadas pelo seu esforço num sentido que é comparável ao físico, na medida em que os edifícios em si são sólidos e reais. Existem vastos salões de aprendizagem. Existem vastas bibliotecas de livros de todos os tipos. Existem grandes locais onde as pessoas se reúnem para o que chamarias uma forma de festival musical, onde grandes orquestras tocam, regidas por grandes almas que são elas próprias grandes músicos e que compõem grandes obras. Existem muitos aspetos do empenho humano.

Não se deve assumir que este é necessariamente apenas um grupo religioso ou centro religioso. De facto, a religião no sentido em que

compreendes o termo quase não existe connosco. Vês, não existe um conceito estreito como existe na terra. Aqui, se se pode usar a palavra religião, ela realmente transmite ou significa uma experiência mais ampla de esforço e vida espiritual e, em consequência, cobre vastos campos de experiência, combinando arte, música e também consciência e perceção espiritual, a superação do eu e a perda do eu em tantos graus variados e formas de expressão, de mudança de cor, luz e sombra. Mesmo aqui sabemos mais sobre o significado da vibração do que poderíamos talvez começar a descrever-te, porque a tua experiência é de natureza limitada. O homem ainda não descobriu o que a vibração realmente é e o que significa, ou de facto o que se pode alcançar através dela.

Por outras palavras, estamos a aprender a vida nos seus variados graus, condições e formas; e cada indivíduo, embora em harmonia com os restantes, continua a ser um indivíduo na sua expressão e na sua experiência. É por isso que cada um que vem ensinar — seja vindo ensinar numa das nossas próprias faculdades ou indo a alguma outra faculdade, ou mesmo regressando a vós através de um médium, expressando certas visões e experiências — cada um deve trazer a esse esforço algo de si mesmo, que fundamentalmente está em concordância com o resto, mas tem uma abordagem individual. E é por isso que às vezes, quando indivíduos regressam das nossas esferas para a vossa, podem dar talvez o que pode ser considerado um aspeto diferente para um certo problema individual ou podem dar um aspeto diferente para certas formas ou condições de vida aqui.

Embora sejamos todos um em harmonia e amor, todos expressando até certo ponto a nossa experiência de vida e transmitindo aquilo que conhecemos, isso tem um efeito final de que, embora possa haver ligeiras diferenças no aspeto do ensinamento e na expressão da verdade, toda a verdade é fundamental e toda a verdade é como uma só. Mas isto, claro, é o que torna a vida interessante, quer seja no vosso mundo ou neste, ou na comunicação entre este mundo e o de Deus: que cada alma, de acordo com o seu desenvolvimento ou evolução ou condição de vida de onde vem, dará a sua própria experiência e a sua própria expressão de conhecimento. E aqui, nestes vastos templos ou salões de aprendizagem, encontram-se muitas, muitas almas reunidas, frequentemente de outras esferas, que vêm dar a sua própria experiência e demonstrar os seus próprios poderes e dar esclarecimento àqueles que, mesmo pela sua própria experiência, já estão muito avançados.

Vês, ninguém aqui, por muito avançado que seja, assume por um momento que sabe tudo e tudo o que há para saber. Esse é o júbilo da vida eterna: que há sempre coisas novas para descobrir, há sempre novos métodos

para aplicar, novas experiências para ter, para vivenciar; muitas facetas mutáveis de luz e sombra. A vida é constantemente excitante, revigorante e nova, e nunca é aborrecida ou cansativa. Vês, estamos a viver numa condição rarefeita de atmosfera e experiência. Este é um mundo no qual todas as coisas boas são possíveis e onde existem muitos, muitos, muitos graus variados de experiência. Este é o júbilo da vida eterna. É por isso que é eterna, porque se fosse de outra forma — se, por exemplo, como algumas pessoas assumem devido ao seu contexto religioso e educação, uma vez libertas do corpo fossem levadas, por assim dizer, para um estado de ser celestial no qual saberiam então todas as respostas e teriam toda a experiência — isso tornar-se-ia impossível, porque não haveria nada de novo, nada de fresco para aprender, para conhecer; não haveria mais esforço e assim por diante. Claro que estamos sempre a esforçar-nos, a lutar por uma experiência maior, um conhecimento maior, formas maiores de expressão. Temos um amor ilimitado dentro de nós, individual e coletivamente, pela perceção final de tudo o que é possível compreender e experienciar.

E ao mesmo tempo sabemos que, à medida que progredimos, há cada vez mais para aprender, coisas mais excitantes e maravilhosas por vir. Este é o júbilo da vida: o júbilo de estar vivo é sentir, saber, compreender e expressar, e ao mesmo tempo estar sempre a perceber o tremendo júbilo e beleza do ser eterno. Não há falta de expressão aqui. Alguém se pode expressar em qualquer forma que deseje, e há aqueles que criam e são muito criativos e criam de tantas formas e maneiras. A música, claro, desempenha um papel muito importante nas nossas vidas. Grandes músicos ainda compõem grandes obras que são tocadas por grandes orquestras. Grandes cantores cantam grandes obras e composições são escritas para eles. Existem grandes artistas que decoram os salões onde temos o nosso ser e as casas. Nada é impossível.

Um homem pode estar na sua humildade sentindo que pouco pode fazer ou alcançar, mas mesmo a ele lhe pode ser mostrado um caminho e uma forma em que pode expressar algo de si mesmo. Tudo é, pela sua própria natureza, possível, porque tudo dentro do conhecimento e experiência humana torna possíveis novas tendências, novas perceções, novos entendimentos; e novas possibilidades abrem-se para todos os que procuram e se esforçam, não importa em que esfera ou condição de vida se encontrem.

PARTICIPANTE: Outro pensamento, Irmão John: o bando que me rodeia deve necessariamente estar em diferentes estágios de evolução. Como é que manténs o contacto para virem fazer isto? Penso na Pequena Rosina e no David.

IRMÃO JOHN: Sim, bem, claro, deves também lembrar-te que existem certas almas que vêm e que deliberadamente, por seu próprio desejo, assumem uma aparência exterior ou uma expressão exterior de si mesmas, nem sempre necessariamente como são no seu próprio ambiente, mas como possivelmente eram quando estavam na terra. Quero dizer, isto é algo que é deliberado. Por exemplo, podes ter um controlo — como o Mickey — que, perante todas as aparências exteriores, parece que talvez não progrediu terrivelmente longe. Por outras palavras, ele assume-se como teria sido na terra em voz e personalidade, mas por trás dessa fachada está uma inteligência brilhante e aguçada. E é isto que é importante, na medida em que ele serve — como tantas outras "entidades de controlo" — como um intermediário entre aqueles que estão mais avançados, talvez, mas que carecem de experiência em controlo ou comunicação, ou particularmente no caso de familiares de participantes que vêm com apreensão e estão incertos e inseguros de si mesmos. Por outras palavras, um controlo infantil como esse é importante porque pode ajudar tremendamente a aliviar a tensão que possa surgir numa sessão desse tipo, e em ambos os lados pode ser útil à entidade que comunica e ao participante que está a tatear o seu caminho nesta verdade. Vês, devemos lembrar-nos que existem muitas almas de diferentes esferas, de acordo com o seu conhecimento e experiência, que agirão e trabalharão em conformidade, mas toda e cada uma tem um propósito ao vir e serve um propósito definido.

PARTICIPANTE: Sim. Penso em todos eles e desejava conhecê-los melhor. Sabes, aquela pequenina, e o David, e vários outros que conheci... mas vês, eles trabalham de uma forma diferente.

IRMÃO JOHN: Sim.

PARTICIPANTE: Pergunto-me como mantiveste o contacto naquela altura.

IRMÃO JOHN: Oh, isso não é difícil. Não, não. Podemos comunicar inteiramente pelo processo do pensamento. E, claro, eles vêm para um trabalho específico, particularmente quando tens de dar mensagens da plataforma e assim por diante. Mas o meu trabalho, claro, é o ensino. É a transmissão do conhecimento, tal como o conheço; dar expressão a palavras que nem sempre são minhas, palavras de "eus" superiores. Eu também, num sentido, ajo como um instrumento para outros.

PARTICIPANTE: É um pensamento lindo, não é? Estamos todos, por assim dizer, numa corrente principal. E conheces o Francisco de Assis pessoalmente? Porque gosto muito dele.

IRMÃO JOHN: Ele é alguém que é um grande líder deste lado, e existem muitos bandos de almas que trabalham sob a sua orientação para o bem da humanidade. E estamos muito em sintonia.

PARTICIPANTE: Sim, tenho a certeza.

IRMÃO JOHN: Mas, sabes, filha, quero enfatizar que esta circunstância presente em que te encontras é uma condição que, pela sua própria natureza, te permitirá seguir em frente. Serás fortalecida física e espiritualmente, e serás capaz de servir muito melhor sem muitas das preocupações indevidas que te possuíram no passado. Este é o início de um novo trabalho ou, como dirias, uma nova oportunidade de serviço. Sê apenas de boa fé, como sempre és, eu sei, porque verdadeiramente viste o caminho em que foste colocada. Este é o início de um novo esforço. Deves ser paciente. Verás, filha, como o poder do Espírito Santo te guiará. Abençoo-te. Todo o meu amor.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido. Oh, eu serei [paciente]. Terei fé.

Sessão 22673

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Irmão John.

IRMÃO JOHN: A comunicação, como esta, depende imenso das condições que prevalecem no momento. E, claro, as condições variam, e existem muitos fatores que têm de ser tomados em consideração. Felizmente para nós, fomos capazes de construir, ao longo de um extenso período de tempo, uma ponte através da qual podemos aproximar-nos temporariamente na comunicação. Mas foi uma ponte construída ao longo do tempo, e cada um deu o seu contributo.

Existem muitos no vosso mundo que desejam a comunicação, mas invariavelmente a oportunidade de conversar é rara e, em consequência, o fio é fraco; e eles não são capazes de construir ou criar condições que tornem possível uma conversa como a nossa. Mas o elo constante que temos tido por tantos anos permitiu-nos, por assim dizer, criar uma tapeçaria tecida por nós, de modo a que fomos capazes de trazer à existência uma imagem que muitos, até certo ponto, podem contemplar e ver por si mesmos a realidade e o poder do Espírito. Existem muitos no vosso mundo que estão desamparados, tristes e sós, e não sabem para onde se virar. E ocasionalmente, da escuridão do materialismo, surge uma luz do Espírito. Mas isso não altera o facto de que

existem tantas almas que não foram capazes de perceber com qualquer clareza de visão as realidades e as verdades do Espírito.

Mas nós tivemos a sorte de construir uma ponte pela qual muitos são capacitados a atravessar, até certo ponto, para este lado da vida e perceber por um breve momento de tempo algo da beleza e do júbilo que é a nossa condição natural de vida aqui. Sentimos que abrimos a porta, e muitos são os que, em consequência, viram apenas um aspeto do interior. Uma ponte como a nossa é inestimável. Claro que, por vezes, é necessariamente difícil transmitir identicamente tudo o que desejamos transmitir. E no entanto, apesar das dificuldades e dos problemas que cercam o caminho daqueles que se esforçam por quebrar a barreira entre os dois mundos, conseguimos, por vezes, fazê-lo bem. Já te disse tantas, tantas, tantas vezes no passado como olhamos para ti como um instrumento, como olhamos para ti como uma portadora de mensagens de verdade e conforto. E à tua maneira, capacitada por nós para o fazer, levaste avante esta mensagem.

Houve momentos e ocasiões em que estiveste ou te sentiste pesadamente carregada, quando o fardo das coisas materiais foi pesado e, por vezes, a estrutura física sentiu a passagem dos anos.

PARTICIPANTE: Sim, não fica mais fácil.

IRMÃO JOHN: E no entanto, filha, és fortalecida. És capacitada a seguir adiante pelo mundo fora, na carne, para levar a mensagem do Espírito.

PARTICIPANTE: Sim. Gostei dos meus serviços nesta última quinzena.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, certamente estiveste bem. Foste, por assim dizer, um espelho no qual outros viram o reflexo do Espírito. E nós vemos-te não como tu te vês a ti própria. Vemos-te como realmente és. Vemos, mesmo agora nesta fase da tua vida, a possibilidade de grandes coisas. Muitas destas coisas serão ainda alcançadas. Algumas, claro, não podem chegar à frutificação até que entres no reino do Espírito. Mas no entanto, filha, há ainda muito que farás sob a influência e orientação do Espírito, enquanto ainda estás na carne. Existem momentos em que, na paz e na quietude, nos aproximamos de ti, nos limites do teu aposento. E existem momentos em que sei que estás muito consciente da presença deles.

PARTICIPANTE: Sim, eu escrevo as pequenas mensagens que me dão.

IRMÃO JOHN: Eu sei, filha, e os pequenos poemas. Estava a ouvir com grande interesse o que estavas a discutir anteriormente. E penso que seria de facto uma coisa boa, se fosse possível — e é possível — que coligisses, por assim dizer, muitas das nossas conversas. E talvez numa data posterior,

quando houver tempo, publicá-las sob a forma de um livro. Não digo que isto seja essencial, mas penso que é um ponto que vale a pena recordar.

PARTICIPANTE: Sim, fá-lo-ei.

IRMÃO JOHN: Enquanto estás a enviar, como fazes, a mensagem do Espírito aqui e ali, e muitos estão ansiosamente à espera de receber, muitos mais poderiam ser acomodados, muitos mais poderiam ser alcançados. Até um volume [livro] foi colocado no caminho de muitos que, da forma normal, não saberiam destas coisas ou não saberiam do nosso contacto. Construímos uma ponte, e é uma ponte de comunicação valiosa, filha. E conseguimos ver as necessidades de inumeráveis almas em todo o tipo de condições no vosso mundo, que estão à procura sem talvez o perceberem plenamente. Muitos são os que, no vosso mundo, nem sequer percebem que estamos plenamente conscientes das suas necessidades. Eles não sabem o que é que inconscientemente procuram.

Muitos perderam a fé. A Igreja já não lhes apela. Foram, por assim dizer, desiludidos, e sei que existem muitos que procuram o significado e o propósito da vida. "Do que se trata tudo isto?". Tantos fazem esta pergunta: "Do que se trata tudo isto?". Eles não percebem a realidade do Espírito. Veem apenas, por assim dizer, o aspeto exterior do eu, o físico, o material, do berço à sepultura. Os poucos anos que vêm e vão tão depressa. E muitos são os que se perguntam sobre o que jaz para além — isto é, se para eles existe um "para além" ou a possibilidade de tal. Temos uma perceção confortadora e grandiosa para lhes dar: um conhecimento, um propósito, um significado. E temos, em consequência, o grande dever de assistir e ajudar e confortar, de elevar, de inspirar.

Ao longo da história do homem, o homem procurou a resposta para esta questão tremenda. E grandes profetas vieram ao mundo e apontaram o caminho. Mas muito do que se esforçaram por fazer e alcançar foi obscurecido, distorcido. E, em consequência, o homem perdeu o ímpeto inicial, perdeu a perceção inicial que foi dada. Entristece-nos quando entramos num mundo e vemos o mundo como ele é, cheio de caos e discórdia, cheio de incerteza. Quando vemos homens aqui e ali, bem-intencionados, desejando encontrar a verdade e conhecer a verdade e segui-la; que estão perdidos, que estão presos por correntes de natureza material que foram forjadas ao longo de séculos de pensamento errado. A Igreja, que poderia ter feito tanto, e que infelizmente ao longo dos séculos se deixou envolver pelo materialismo, obscurecendo a verdade, negando a realidade do poder do Espírito e a sua manifestação no vosso mundo. E no entanto, a própria base dos ensinamentos

de Cristo são sobre as coisas do Espírito, sobre o poder do Espírito, sobre a manifestação do Espírito e a realidade do mesmo.

IRMÃO JOHN: Cristo veio ao mundo para que o homem pudesse ver e conhecer as coisas que são eternas, mesmo enquanto encerrado na carne. Cristo demonstrou a realidade do Espírito vivo, do Espírito que venceu a morte, e foi capaz de se manifestar em forma e feitio àqueles que conhecia e amava. Eles ficaram espantados, e no entanto foram revitalizados por isto e saíram pelo mundo do seu tempo para proclamar estas coisas.

Contudo, a igreja não faz estas coisas de que falamos. É aqui que tu e outros como tu, servos do Espírito, servos do Senhor, saindo pelo mundo da carne proclamando a verdade viva, a realidade viva, de que tudo é do Espírito e indestrutível. A morte não é o fim, mas apenas a porta para a vida eterna. Não há morte, apenas aquilo que assim parece aos que estão cegos e não conseguem ver. Veem apenas o material e o físico, e não o Espírito, a realidade, o teu verdadeiro "eu". O meu verdadeiro "eu" que não pode morrer.

Somos como somos, conforme pensamos, e tornamo-nos o que somos através da experiência, através de múltiplas vidas. E recolhemos, conforme avançamos, a perceção da verdade eterna. Numa encarnação, pode ser apenas um fragmento. Mas é este aspeto de si mesmo que torna possível a evolução posterior e o desenvolvimento do indivíduo. Sabes, filha, muitos são os bem-intencionados, bondosos e bem-dispostos no vosso mundo, que pregam às multidões e não conhecem estas verdades, estas coisas. Têm grande fé, e foi dito que pela fé sois curados. Isto também é uma verdade, como de facto quando a mulher tocou a orla da veste do Cristo e Ele se voltou para ela e disse: "A tua fé te salvou". Isto é, de facto, verdade.

Mas também se deve lembrar que, quando alguém tem grande fé, é porque viu a realidade que muitas vezes está escondida da maioria. A mulher que tocou a orla da veste do Cristo, embora tenha sido a sua fé no poder do Espírito Divino que a curou, ela tinha visto anteriormente a perceção de muitas coisas. Até que se tenha tido alguma demonstração do poder do Espírito, é difícil ter fé. Pode-se ouvir muitas histórias, pode-se ser envolvido de muitas formas, mas até que te seja dado o sinal do Espírito, é difícil compreender ou acreditar plenamente.

Podes aprender no caminho da vida muitas coisas, e podes ter fé no amanhã, e tiras essa fé no amanhã dos muitos amanhãs que passaram, que vieram, que se foram. Conforme o sol se põe e a escuridão desce, a perceção que vem da experiência torna possível a realidade do nascer do sol de amanhã. Sabes, minha filha, temos fé em muitas coisas, mas por trás de toda a fé deve haver uma realidade, deve haver uma condição de pensamento e consciência

trazida pela experiência de coisas passadas. Tudo o que acontece ao homem é trazido à existência pela perceção que o homem tem do passado, prevendo o amanhã e o futuro. E conforme se semeiam sementes, muitas dessas sementes darão fruto, embora talvez algumas não deem, porque os pensamentos que se emitiram não eram pensamentos que tivessem peso, significado, propósito ou força, e foram desperdiçados e caíram, por assim dizer, não em solo bom, mas em solo pedregoso.

Mas quando pensas naquilo que há de ser, estás apenas a pensar e a prever antecipadamente aquilo que obviamente deve seguir os pensamentos do passado. As sementes que são semeadas certamente frutificarão num tempo posterior. Pode não ser amanhã, mas em muitos amanhãs que ainda hão de ser. O homem cria para si próprio o seu próprio ambiente, a sua própria condição, e cria em consequência o caos ou o júbilo da vida.

Tu criaste muito pela fé. Criaste muito pela experiência que se segue à fé, mas criaste — eu sei — nos corações de muitos, aqui e ali, muitas vezes talvez onde menos esperas, uma perceção destas coisas que, em consequência, trouxe muito júbilo, muita felicidade, uma perceção do significado e propósito de Deus para os Seus filhos; e aqueles que estão de luto foram levados ao conforto na verdade da vida eterna. Esta tristeza, nalguns casos, foi retirada. As lágrimas foram limpas pela verdade, pelo amor confortador, uma garantia de que tudo está bem, de que nada se perde, de que todas as almas continuam vivas, continuando o seu caminho de vida; algumas talvez mais próximas da terra do que outras, por falta de conhecimento e experiência, ou talvez nalgumas instâncias mantendo-se perto da terra por um propósito definido até ao momento em que aqueles que conhecem e amam se juntem a elas. Então seguirão juntas mais adiante para o reino do espírito.

Há muitas razões pelas quais regressamos, e posso assegurar-te que todas as razões para tal são para o bem, invariavelmente através do amor, desejando persuadir aqueles cujas lágrimas não podem ser secas — assim parece — vimos para confortar, vimos para sermos capacitados a elevar os tristes e os solitários, para lhes dar nova força, nova perceção da vontade, significado e propósito de Deus para eles. Tu, minha filha, como instrumento, fizeste um grande serviço, mas restam ainda anos onde continuarás a servir. E quando chegar a altura, ser-te-á dito, como tem sido dito a muitos: "Bem feito, minha boa e fiel serva".

O meu trabalho estará então terminado do ponto de vista de regressar à terra para comunicar e dar a mensagem do espírito. Mantive-me perto da terra por muitos anos, para que pudesse ser capacitado a servir através de ti. E quando chegar a altura, como eventualmente chegará, de depores o fardo da

carne, então serás unida a muitas almas aqui, algumas que conheceste na tua vida na terra, outras que não conheceste, mas que trabalham comigo no bando do espírito; e nós dar-te-emos as boas-vindas e regozijar-nos-emos contigo na tua recém-descoberta liberdade. Os fardos do material são postos de lado, e o espírito é libertado em toda a sua beleza, em toda a sua glória, para entrar nos reinos do espírito, para se capacitar a assumir a realidade divina.

Nem sempre é possível em palavras descrever a passagem de uma alma, particularmente algumas almas que, talvez sem o perceberem, andaram na terra e se esforçaram — talvez até mais do que tinham compreendido — por fazer o trabalho do espírito. Pois muitas vezes, quando aqueles na terra estão a servir o espírito, fazendo o seu trabalho o melhor que podem, não estão totalmente conscientes ou cientes do que está a acontecer ao seu redor. Como muitas vezes sentimos que esses instrumentos que amamos, que lutam e se esforçam por servir, estão cientes até certo ponto da nossa presença e dos nossos pensamentos, mas ainda assim, até certo ponto, estão cegos para o pleno poder e para a beleza do espírito. É como se pudesses vê-lo através de um vidro escuro; como se estivesses a usar no teu corpo terreno, num dia brilhante e ensolarado, vendo não a plena beleza do sol e o calor que cai sobre ti, mas vendo-o através de óculos escuros, suavizado e contido.

PARTICIPANTE: Tu és cego.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Tu não és realmente cega. Não. De facto, sei que estás longe disso, mas é verdade dizer que muitas vezes sentimos que não conseguimos, ou não podemos, dar-te plenamente — a ti ou a qualquer outra pessoa no teu mundo — a plena perceção e a plena beleza. Penso que significaria que seria demais para uma pessoa, enquanto ainda na terra, perceber. Não conseguiriam suportar a intensidade do poder do espírito enquanto ainda encerrados na carne. É-te dada uma visão. É-te dada uma perceção até certo ponto. É quase como se estivéssemos a pedir, talvez, a um artista no vosso mundo para pintar um quadro sem materiais suficientemente fortes ou poderosos para colocar na tela.

Sabes, filha, grandes almas vieram e, por assim dizer, partiram no sentido material no vosso mundo. Deram algum aspeto do poder do espírito e do amor do espírito e da beleza do espírito de uma forma ou de outra. Mas sempre foi, num sentido, apenas um reflexo. Quer tenha sido através de grandes músicos, compositores, ou grandes artistas que criaram grandes telas que prendem muitas almas em admiração no vosso mundo e que sentem e tocam a orla da veste da beleza e a perceção destas coisas. Quão frequentemente ouvi grandes músicos deste lado da vida. Quão frequentemente os ouvi dizer: "Agora tenho uma bússola maior. Agora tenho

uma perceção maior do poder da música. Como posso compor obras maiores porque não há limitações".

PARTICIPANTE: Consigo compreender isso.

IRMÃO JOHN: O mesmo acontece com um grande artista que cria grandes obras de arte. Ouvi música grandiosa, muito para além de qualquer coisa que pudesses compreender. Por mais bela que a música possa ser e seja no vosso lado da vida, ela é, por assim dizer, apenas uma pequena fração desta intensidade e beleza aqui. E isto aplica-se de muitas formas e de muitas maneiras. Só podes perceber uma fração minúscula do espírito enquanto ainda na carne. Mas é esta fração minúscula, este pequeno aspeto, que te dá força e coragem e a perceção da grandeza do poder do espírito. De facto, sois, num sentido, apenas crianças. E foi dito que são as crianças que abrirão o caminho para o céu. Pois sois filhos do Deus vivo. Sois filhos do espírito vivo. E nas vossas tentativas de desvendar os mistérios e nos vossos desejos de maior conhecimento na sala de aula do espírito, enquanto ainda encerrados na carne, sois, por assim dizer, apenas alunos a aprender e a ganhar algum conhecimento, alguma experiência para vos preparar para o mundo maior lá fora. Ao redor da vossa terra existem esferas renováveis.

São tantas que é impossível contar. São muitas vezes referidas como os planos da existência. Cristo referiu-se a elas como casas. "Na casa de meu pai há muitas moradas". São apenas termos ou expressões. São apenas palavras. Mas existem muitos, muitos, muitos estados de ser, de consciência. E cada homem encontrará a sua verdadeira herança de acordo com o seu desenvolvimento ou falta dele. Entrará num estado de ser para o qual está mais apto. E então progredirá de esfera em esfera, de condição em condição, de acordo com a sua perceção das coisas. Ele continuará a ser, num sentido, um aluno. Mas não será tão contido ou limitado. Não será tão cego. Mas verá com uma clareza de visão que não pensava ser possível. Tu, minha filha, és uma professora. És um instrumento. Estás a mostrar o rumo, o caminho e a verdade. E nisto és grandemente abençoada.

E quero que saibas, filha, que estamos sempre satisfeitos contigo. Agora, filha, devo deixar-te. Sim, filha. A minha paz, a minha bênção, o meu amor estejam contigo, com todos os que ouvem a voz do Espírito. O caminho está preparado. Cabe-vos a vós trilhá-lo. Às vezes pode parecer duro e cansativo, e a força de alguém pode parecer falhar. Mas lembra-te de que estamos sempre contigo. Não te falharemos. E tornaremos possível para ti tudo o que o teu coração deseja. Se tiveres apenas fé e a perceção destas coisas de que falamos, tudo estará bem. Não há morte, apenas aquilo que assim parece. A vida eterna brota por dentro e por fora. E esta força dadora de vida não pode ser apagada,

pois brota do eterno abençoado, do coração eterno do Deus vivo. A paz esteja convosco.

PARTICIPANTE: Muito obrigada. Adeus. Deus te abençoe, Mickey.

MICKEY: Adeus. Mantém o queixo erguido. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey.

Sessão 23963 (Natal)

IRMÃO JOHN: Natal. Abençoada sejas, querida. É difícil? No tempo? Sim. Como bem sabes, filha, é de facto muito difícil estabelecer o contacto com o vosso mundo [nesta época]. Existem variadas razões e causas para isto, mas estou particularmente ansioso por falar contigo hoje cercado por números de almas. Estou muito ansioso por que, pelo menos, alguns destes queridos amigos se deem a conhecer a ti, um por um. Pois, embora tu própria não tenhas tido comunicação com eles, muitas vezes eles foram de grande serviço e grande ajuda, não só para mim, mas para muitos outros. Ligam-se ao vosso mundo em amor e harmonia, empenhando-se em servir o melhor que podem para inspirar e incutir coisas do Espírito.

Há alturas em que eles, eu sei, gostariam de estabelecer um contacto pessoal. Existem certas almas, de facto, que estou muito ansioso por que conversem contigo, e é minha intenção e desejo nos próximos meses que, de cada vez que vieres, se possível, certas almas falem contigo, porque fazem parte do nosso grupo, do nosso bando, que por tanto tempo trabalhou e serviu em conjunto; e também porque haverá ocasiões em que um ou outro te usará. É minha intenção e meu desejo que haja, por vezes, oportunidade dada para trabalharem por si mesmos, para trabalharem através de ti. Isto não é porque o meu trabalho contigo obviamente cessou, mas sim porque sinto que será de interesse e, ao mesmo tempo, de real serviço que outros se possam manifestar e dar-se a conhecer e, talvez, de tempos a tempos, falarem através de ti.

Podes ficar um pouco apreensiva com isto, e no entanto posso assegurar-te de que não há razão, pois está tudo no plano que temos para o futuro. Sim. Vês, minha filha, por muito importante que deva ser para um certo indivíduo agir na capacidade de controlador ou guia de um instrumento, para proteger ou guardar e, de todas as formas possíveis, ajudar o instrumento... Há sempre um que é escolhido como o líder ou o guia, mas sabe disto: nunca devemos esquecer a grande dívida que temos para com as almas inumeráveis que servem calma e silenciosamente nos bastidores, que dão o seu amor e o seu poder para sustentar o guia ou personalidade individual que possa manifestar-se e, claro, para ajudar os necessitados de todas as formas possíveis.

E existem certas almas que estou tão ansioso por que conheças, almas que por tanto tempo trabalharam connosco e nos ajudaram e que te amam muito carinhosamente e, de facto, em certas instâncias, certas almas que estiveram ligadas a ti no passado, embora não tenhas lembrança, e não te seja possível, talvez, sequer perceber totalmente isto. No entanto, existem certas almas individuais que estiveram estreitamente ligadas a ti em tempos passados, em eras há muito idas. É difícil para algumas pessoas compreender o propósito ou a razão por trás da encarnação, mas eu digo-te, como já disse antes: tu és uma alma antiga, e escolheste regressar ao corpo físico desta encarnação para fazer este trabalho do Espírito. Percebo muito bem que existem muitos no vosso mundo que professam conhecer esta grande verdade da vida contínua.

Sessão 25162

IRMÃO JOHN: (...) De facto, na maioria das ocasiões em que venho, regresso com flores tuas e com a perceção da possibilidade de comunicação. Muitos deles, claro, são completos estranhos, mas vêm, e sinto-me seguro de que, em certa medida, são confortados e ajudados. Porque nestas ocasiões, muitos são atraídos. Muitos, de facto, que estão eles próprios a ser fustigados e necessitados de ajuda. Existem muitas almas aqui cuja tarefa é ajudar estas almas, esforçar-se por retirá-las da vibração da terra, ajudá-las a mudar os seus pensamentos ao ponto de, em consequência, poderem libertar-se das coisas terrenas.

Duvido muito que as pessoas no vosso mundo percebam as inumeráveis almas que se agarram a velhas ideias, velhos pensamentos e apelos a doenças, velhos pensamentos, estas coisas. É essencial que essas almas que deixam a terra, no sentido de terem deixado o corpo, se libertem dos pensamentos terrenos, das coisas terrenas. Devem entrar na nova vida e tornar-se parte dela, e devem moldar para si próprias muitas das coisas que outrora as prendiam tão firme e fortemente à condição da terra. Muitas encontram dificuldade em fazer isto, e é nossa tarefa, de facto, ajudá-las. E assim, muitas vezes, como outros te falam, as almas reúnem-se ao redor e escutam, e tomam nota do que é dito. E enquanto isto acontece, outras almas de outras esferas, mais altamente avançadas, vêm ter com elas.

E quando esta sessão termina, estas almas são levadas, por estes professores, por estes guias, para o ambiente das esferas, para longe da terra. Na verdade, embora talvez nem sempre o percebas, está a acontecer muito mais do que podes possivelmente compreender ou entender. E não só há júbilo na comunicação que partilhamos, como ao mesmo tempo estamos a

ajudar estes desafortunados. Alguns deles, claro, acabaram de chegar aqui. Alguns estão aqui apenas há, como dizes, pouco tempo — alguns dias ou semanas. E estão ansiosos, claro, nalguns casos particularmente, por passar uma mensagem ou comunicar com alguma alma ou amigo na terra. E, embora gostássemos de os ajudar nesse aspeto, percebemos que em muitos casos não é possível. Os seus familiares ou amigos na terra não compreenderiam, de facto não estão prontos para receber tal mensagem ou tal informação que eles possam desejar passar-lhes.

Gostaríamos de te usar, como já disse frequentemente, mais plenamente de muitas, muitas formas. Mas percebemos que, se vamos realizar o trabalho que desejamos realizar, da forma que desejamos realizá-lo, devemos proteger-te. Devemos guardar-te contra todo o tipo de influências. Devemos fortalecer-te física, psíquica e espiritualmente. De facto, o trabalho que já realizámos pode parecer, talvez, muito pequeno. No entanto, fomos de facto, em certa medida, capazes de ajudar algumas almas a encontrar a verdade, a encontrar o esclarecimento, a encontrar o conforto. Mas visualizo um futuro, como já te disse muitas vezes, em que serás tão dotada, tão abençoada espiritualmente, que os teus dons, em consequência, se desenvolverão ao ponto de seres capaz de emanar, ainda mais do que fazes, estas coisas do espírito.

Embora tudo isto exija tempo, exija paciência, signifique esforço da tua parte e da nossa.

PARTICIPANTE: De que forma? Dar mais tempo sossegado a vós?

IRMÃO JOHN: Bem, filha, eu não sinto, como tantos outros sentem, que devêssemos esperar, talvez, demasiado daqueles que na terra são os nossos instrumentos. Estou tão entusiasmado e ansioso como qualquer alma aqui em usar o instrumento que escolhi para este trabalho num grau mais elevado e maior. Mas, ao mesmo tempo, percebo muito bem que não é sábio tentar forçar as questões, tentar fazer demasiado cedo demais. Sei que podes dizer-me que te tens estado a desenvolver, que tens estado a trabalhar para este fim há um tempo considerável — tudo isto é verdade. Mas eu sempre fui da opinião de que, se o nosso trabalho fosse realizado da forma como deve ser realizado, no nível mais elevado possível, isso significará um desenvolvimento lento em vez de um rápido.

Penso que, em muitos aspetos, alcançámos imenso. Mas prevejo oportunidades a surgir para um serviço maior. Isto já te disse muitas vezes. Mas para realizar este trabalho, devemos lembrar-nos e devemos perceber que isso exigirá, obviamente, muito de ti. Devo estar convencido dentro de mim de que podes realizar este trabalho da forma que eu desejo que seja feito. E para o fazer, a tua saúde para mim é de importância primordial. Sinto que és

fisicamente forte. Sinto que estás de facto muito mais forte do que estavas há uns doze meses. Mas isso não altera o facto de que sei que se te usasse demasiado e com demasiada frequência, se retirasse demasiado de ti neste esforço, não seria bom para ti fisicamente. E assim, em consequência, faço aquilo que sinto que me é permitido fazer ou que sinto ser possível fazer sob as circunstâncias.

PARTICIPANTE: Desde que eu não esteja... eu sei que faço um pouco, mas desde que não esteja a atrasar os teus planos, isso é tudo o que me preocupa.

IRMÃO JOHN: Não, filha. Não, de forma alguma. Mas conheço o teu mundo e, se me permites dizê-lo, conheço o mundo espiritualista no qual te moves e tens o teu ser, no qual serves e te esforças. Conheço-o demasiado bem para não conhecer as suas falhas, as suas complexidades.

IRMÃO JOHN: Eu sei que existem no teu mundo aqueles que parecem, à superfície, fazer muito mais do que tu. Não estou aqui para fazer qualquer comentário indevido ou injusto, mas digo isto: o nosso trabalho deve ser sempre no nível mais alto possível. Não devemos, por assim dizer, baixar o nosso padrão.

Não devemos tentar vacilar aqui ou acolá, emitindo o tipo de mensagens que, em si mesmas, quando analisadas, não têm qualquer suporte ou qualidade espiritual. Eu só me preocupo com a verdade espiritual. Haverá aqueles que parecem alcançar muito porque parecem ser capazes de fornecer o que muitas pessoas no teu mundo desejam: mensagens de natureza material.

Eu não sou um materialista e não pretendo usar-te nesse nível. O meu trabalho deve ser sempre espiritual, deve ser sempre no nível mais alto possível que eu consiga atingir através de ti, e não quero que os teus dons sejam usados no sentido em que tantos são usados — para lisonjear o indivíduo, para dar o tipo de mensagem que temporariamente pode ser de algum serviço, mas que não tem significado espiritual. Para mim, a verdade espiritual, a conquista e o progresso espiritual, o fazer brotar o bem na humanidade, é o meu principal desejo, o meu principal objetivo.

E, portanto, filha, se por vezes as mensagens que dás não são sempre apreciadas, ou parecem não o ser, não fiques desanimada. Por vezes, é verdade, damos uma mensagem material, mas ela é apresentada de forma velada, porque sentimos que essa é a melhor maneira de ser dada. Fazemos isto em casos excecionais.

PARTICIPANTE: Eu sinto que eles apreciam o que é dado através de mim.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, não discuto isso, e esse não é o meu ponto. Na discussão, percebo que há muitos que apreciam, e fico feliz e grato por isso. Mas tornei-me versado nas condições de várias igrejas, várias sociedades, onde particularmente certos membros esperam certas coisas e, de facto, os comités antecipam que o instrumento se submeta a caprichos, e isso causa grande angústia a muitos de nós deste lado, que só nos preocupamos com o bem-estar espiritual da humanidade. Dar o tipo de mensagens que alguns antecipam ou esperam seria baixar os nossos padrões, seria, de facto, profanar, na minha opinião, o nosso trabalho. Por outras palavras, minha filha, para mim o nosso trabalho é de importância primordial.

PARTICIPANTE: Sim, eu tento torná-lo meu, para que saibas.

IRMÃO JOHN: Eu sei que sim, filha, mas menciono todos estes pontos e trago estas coisas para a discussão porque sinto que aqueles que possam ouvir estas fitas podem perceber que estão a perder a parte mais importante do nosso trabalho. Sabes bem que há tantos que se contentam com a superfície, que não cavam por baixo e não procuram. Muitas vezes as pessoas no teu mundo que professam ter mentalidade espiritual, professam ser espiritualistas, não têm uma real perceção ou conhecimento do que isso significa. A sua única preocupação são os benefícios materiais. Nós não vimos para trazer benefícios materiais. Vimos para trazer benefícios espirituais.

Nunca prometi, nunca disse em momento algum que a nossa tarefa seria fácil. Nunca prometi que as coisas correriam necessariamente sempre sem problemas. Sempre disse que me esforçaria em todos os momentos para te ajudar de todas as formas concebíveis para que continuasses, no nível mais alto possível, a realizar o trabalho do espírito. Mas há certas coisas materiais que não tenho poder para alterar. Sei que te vais orientando, como dizes, vives razoavelmente confortável. Não te faltam as necessidades básicas. Mas tu sabes, e eu sei, que não será mais do que isto. Sei que não o buscas, não o desejas. Só pedes saúde e força para fazeres o trabalho do espírito até ao momento em que venhas tu própria para aqui. Sinto-me seguro de que isso te será dado: a capacidade de continuares a fazer o trabalho. Tens uma grande força interior que muitos poderiam invejar.

Tens uma capacidade de superar muitas coisas, o que o tempo provou que tens o poder de fazer. Às vezes, quando venho a ti, fechaste-te, por assim dizer, do mundo. Entraste em comunicação mental e espiritual comigo e com outros aqui. Aproximaste-te muito de mim. Fomos capazes de quase te transportar temporariamente das coisas terrenas. Viste com o olho do espírito e ouviste com o ouvido do espírito e foste, de facto, abençoada.

Estranho, e no entanto não estranho. Quando estás sozinha a maior parte do tempo... claro que quando sobes à plataforma e fazes o trabalho, nós estamos lá. Às vezes temos de construir uma barreira, um anel de poder ao teu redor, por assim dizer, um poder para te defender.

PARTICIPANTE: Eu consigo compreender isso.

IRMÃO JOHN: Estas coisas causam-nos grande angústia como espíritos, porque estes lugares que muitas vezes fazem um bom trabalho limitam-se tantas vezes pelas próprias condições que são criadas, frequentemente por aqueles que estão no comando, que detêm posições; o elemento humano entra muitas vezes. Por vezes, em ocasiões raras — mas no entanto acontece — quando tiveste de presidir a uma sessão, a atmosfera na plataforma foi das mais penosas, das mais difíceis. No entanto, é algo muito real para nós. Não quero ser angustiante sobre o que está a acontecer. Não é essa a minha intenção ao vir. Mas muitas vezes sinto estas coisas com muita força. Se ao menos cada espiritualista — que o é verdadeiramente em conhecimento e experiência — colocasse no esforço tudo o que tem, desse tudo o que pode dar em força e em perceção e consciência espiritual, empenho espiritual... quão diferente poderia ser o quadro.

Há tantos que poderiam fazer um trabalho tão grande — muitos instrumentos, eles próprios — que ficariam espantados com a transformação que viria na sua mediunidade se se dessem de todo o coração e completamente num nível espiritual ao trabalho. Mas tantos, infelizmente, estão como que em cima do muro; estão a tentar, talvez nalguns casos, e têm quase medo de ir longe demais. Eu defendo o equilíbrio. Não esperamos que, no vosso mundo, vós estejais completa e totalmente preocupados com as coisas do espírito; isso não seria prático nem sábio. Mas é importante que se perceba que este trabalho é verdadeiramente espiritual e que se deve emanar livremente as coisas do espírito, sem medo e fortes nas convicções. Mas muitos, inconscientemente talvez nalguns casos, e outros conscientemente, retêm a palavra do espírito.

Eles controlam-na. Mesmo aqueles que estão numa condição de semi-transe, permitem que os seus próprios pensamentos se misturem ou interfiram, e a mensagem espiritual pura é muitas vezes torcida e, às vezes, distorcida; e nalguns casos nunca chega a ser dada. Estas coisas são muito tristes para nós. Quando o ego do médium se torna inflado, o poder do espírito sai, e estes são os momentos em que se causa muita infelicidade e, de facto, surge muito perigo. Deve-se sempre lembrar que existem muitos graus, muitas condições de vida aqui, e o semelhante atrairá o semelhante. Não esperamos a perfeição, suponho, mas esperamos integridade de espírito, integridade de propósito.

Estou grato por ti. Estou grato pela tua lealdade e pelo teu amor, pelo teu forte desejo de ser útil no sentido mais elevado. De facto, se não fosse o facto de estares tão empenhada, eu não seria capaz de trabalhar contigo, pois tenho visto tantas almas deste lado que começaram a esforçar-se, ajudando, guiando, instruindo e elevando mentes, apenas para acabarem desapontadas, desanimadas e, nalguns casos, terem de desistir por completo. Sei que isto nunca acontecerá connosco, e estou grato por todo o teu amor, toda a tua sinceridade, tudo o que te esforças por fazer em meu nome pelos outros. É verdadeiramente um grande trabalho, filha. Continua a ajudar-me.

Sinto que talvez possa haver algumas perguntas.

PARTICIPANTE: Sim, há. Provavelmente sabes que fui ver a minha amiga que está a ter um caminho tão difícil. Parece ter tido uma vida difícil toda a vida e eu pergunto-me... diz-se muitas vezes, especialmente onde moro, que o espírito escolhe o que assume nesta vida antes de vir. É assim?

IRMÃO JOHN: Podes repetir?

PARTICIPANTE: Que o espírito, antes de vir à terra, assume esta carga ou experiência particular, esta vida difícil.

IRMÃO JOHN: Isso pode acontecer nalguns casos, mas eu não diria que seja algo comum. Pode haver certas almas, almas antigas, que sentem a necessidade de regressar à terra para ganhar alguma experiência e, em consequência, tomam sobre si uma certa condição de vida. Mas se aceitássemos isto de forma demasiado literal, sugeriria que se tinha pouca escolha, na medida em que, embora se tivesse a escolha de regressar à terra num certo estado de ser ou numa certa condição de vida, sugeriria que tudo já estava planeado e traçado. E isso eu não aceito.

PARTICIPANTE: Não. Quero dizer, ela parece ter tido uma vida assim e, no entanto, é galante, elevou-se acima disso e saiu a sorrir, e ajuda os outros; e no entanto, o tempo todo, ela é sugada pela sua própria vida, em grande grau. Ela é uma pessoa maravilhosa.

IRMÃO JOHN: É verdade que só através da dor, do sofrimento, da desilusão e da mágoa é que o espírito verdadeiramente avança. Não seria bom para o homem viver uma vida que, em si mesma, não desse oportunidade de serviço, de desenvolvimento do caráter, de desenvolvimento do eu espiritual e, em consequência, a vida consiste, para a maioria das pessoas, em muitas experiências, boas e más. Mas muitas vezes aquelas que o mundo chama de boas não são necessariamente boas do ponto de vista espiritual, e aquelas que o mundo chama de más são muitas vezes boas do ponto de vista do desenvolvimento da alma e do espírito.

Estas coisas a pessoa deve tentar ver mais claramente a partir do aspeto espiritual. Tantos julgam puramente... mesmo que às vezes pensem que estão a julgar do ponto de vista espiritual, continuam a julgar puramente do ponto de vista material. Muitas vezes ouve-se falar de uma pessoa que, pela sua própria natureza, tem uma vida tão boa quanto o mundo entende, no entanto nada para ela parece ser bem-sucedido, nada parece correr bem; não importa o que possam ter feito ou alcançado pelos outros, a sua própria vida é, no mínimo, infeliz. Então quem pode dizer o que é bom para essa pessoa, ou o que é correto para essa pessoa, ou o que é de facto mau para essa pessoa?

Nunca foi sugerido que aqueles que servem a Deus e O servem verdadeiramente devam colher recompensas materiais, ou que devam beneficiar materialmente, ou que devam de facto ser felizes materialmente. Verdadeiramente, aqueles que servem a Deus e fazem o Seu trabalho, dando tudo em serviço e amor, eles que fazem estas coisas não as fazem certamente pela ideia de recompensa ou recompensa. Não; parece-me que, se alguém quer servir a Deus verdadeiramente e servir os Seus filhos, fá-lo porque deseja fazê-lo com todo o seu coração, com toda a sua alma. Não se pensa um segundo ou um momento em recompensa. Estas coisas são e só podem ser feitas à maneira de Deus, fazendo a Sua vontade e o Seu propósito, esquecendo o eu.

Nunca sugeri — nunca te sugeri, como disse antes — que a vida terrena seria necessariamente simples ou fácil. Disse que, tanto quanto estivesse no meu poder, me esforçaria por tornar o caminho mais fácil, para que pudesses relaxar num sentido, para que pudesses aproximar-te de nós, para que não fosses demasiado perturbada por coisas materiais. E nestas coisas eu esforço-me por te ajudar. Mas isso não altera o facto de que não podemos — e não seria bom nem sábio para nós — interferir demasiado nos assuntos materiais dos indivíduos.

PARTICIPANTE: Não.

IRMÃO JOHN: É-vos dado o livre-arbítrio. Muitas vezes as pessoas criam inconscientemente para si próprias e para aqueles que as rodeiam discórdia, problemas e ansiedade. Não é fácil. A vossa vida nunca foi destinada, obviamente, a ser fácil. Foi destinada a ser uma escola. E às vezes não gostamos mais das lições que nos são ensinadas e às vezes gostamos dos professores.

PARTICIPANTE: Sim, eu compreendo.

IRMÃO JOHN: Devemos ser pacientes e devemos lembrar-nos e perceber que em todas as coisas há um significado, há um propósito, há uma razão. Podemos não ver na altura, mas com o passar do tempo e conforme nos

tornamos mais espiritualmente conscientes e avançados, podemos olhar para trás e ver a sabedoria de muitas coisas que, na altura, pareciam insensatas ou injustas. Ou indelicadas. Deus moveu-se de uma forma misteriosa para ver as Suas maravilhas realizarem-se. E isto é de facto tão verdade, minha filha.

Deves ser paciente. Há muito tempo. Deves esforçar-te por fazer o trabalho do Pai e esquecer o eu no serviço. E as bênçãos vêm sobre nós. Muitas vezes quando não as merecemos. Devo ir, mas deixo-te a minha bênção. Dou-te a minha paz. Sê de grande força e tem a certeza de que nos meses que se seguem alcançaremos muitas das coisas que desejámos. O nosso elo é tal que nada o pode quebrar. É uma corrente que nos une em amor. E estamos sempre confiantes de que fortaleceremos ainda mais outros elos. Eles serão também um júbilo para nós no serviço. A paz esteja contigo, filha. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, querido. Obrigada.

Sessão 25564

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha. Abençoada sejas, querida. Mais uma vez temos esta oportunidade maravilhosa de quebrar a barreira entre o nosso mundo e o vosso — esta barreira construída pela ignorância e insensatez por parte dos povos da Terra.

Talvez, num sentido, não se deva culpar. Afinal, vivendo no mundo da carne, como se vive, deve ser muito difícil para as pessoas perceberem a proximidade, a maravilha e o poder do Espírito Santo. Imersa, como a humanidade deve estar, nos afazeres do seu próprio ambiente, nas condições que rodeiam o homem comum — não importa quem seja ou onde exista no vosso mundo — ela está repleta de todo o tipo de condições, problemas e dificuldades. Não é fácil para o homem elevar-se mental e espiritualmente acima das condições da Terra.

Muito tem sido dito no passado por aqueles que regressaram deste lado em relação à insensatez e ignorância que persistem no vosso mundo, mesmo entre aqueles que professam estar cientes, que professam estar conscientes do poder do Espírito. Existem aqueles, infelizmente, no vosso mundo que afirmam conhecer a verdade e, no entanto, em si mesmos são tão ignorantes como bebés recém-nascidos. Não cabe a mim, ou talvez a qualquer um de nós, regressar e lançar críticas sobre aqueles no vosso mundo que talvez, à sua maneira, se estejam a esforçar por fazer o seu melhor. Mas não podemos necessariamente ficar de lado e permanecer em silêncio quando percebemos a

tremenda necessidade que existe no vosso mundo dos ensinamentos do Espírito.

É uma grande fonte de desilusão e desapontamento para nós quando percebemos a ignorância daqueles em lugares altos que detêm tal poder — poderiam fazer tanto bem, poderiam esclarecer a humanidade e quebrar tantas das barreiras que existem entre povos e nações. As barreiras religiosas e a intolerância religiosa que persistem no vosso mundo são, sem dúvida para nós, as maiores de todas as barreiras. De facto, estou convencido de que é esta intolerância religiosa e, de facto, esta ignorância religiosa que impede a verdade de entrar no vosso mundo. Pois há muitos que procurariam e desejariam, que pela sua própria natureza desejam a verdade, mas que têm medo porque foram ou proibidos ou aconselhados de que é perigoso contactar o reino do Espírito.

E, no entanto, a própria base dos seus ensinamentos, a própria verdade que proclamam, provém desta mesma comunicação. Cristo, que sabia disto, que percebia muito bem a unidade do Espírito, como ele poderia ser usado para o benefício da raça humana, como poderia ser trazido à existência de tal forma que poderia, pela sua própria natureza, salvar os homens da destruição... e ao longo dos séculos, os homens detiveram o seu poder religioso e usaram-no invariavelmente para os seus próprios fins. E pararam, sempre que foi possível, o ímpeto do Espírito. Mantiveram-se firmes contra o esclarecimento. Mantiveram-se à deriva e à parte e impediram o que poderia ter sido uma igreja verdadeiramente cheia do Espírito Santo. Mantiveram-na remota e, de facto, à parte. Falam tantas vezes sobre o poder do Espírito Santo sem o compreenderem, sem perceberem o que significa e o que pode verdadeiramente alcançar e o que pode verdadeiramente fazer.

Em redor da terra, inumeráveis almas reúnem-se. Aqui e ali, conseguem ligar-se e infiltrar os seus pensamentos através de indivíduos que são chamados de instrumentos ou médiuns. Mas nos primeiros dias da igreja, eram todos instrumentos de variados graus e tipos. Eram todos instrumentos na medida em que serviam verdadeiramente o Espírito Santo, sem medo, sem favoritismo. Mantiveram-se firmes e estavam seguros de que aquilo que faziam era verdadeiramente pelo poder do Espírito Santo. E assim, nas suas fases iniciais, a igreja cresceu e inumeráveis milhares sobre milhares entraram no rebanho.

É tão desconcertante para nós quando entramos numa igreja e entramos nos pensamentos da congregação — tantas vezes tão sinceros, tão desejosos da verdade — e no entanto repetindo vez após vez o mesmo credo, as mesmas palavras, cantando os mesmos salmos e os mesmos hinos. É como se o tempo

tivesse parado para eles, e aquilo que emanam invariavelmente parece ter pouco poder, pouco significado, pois tornou-se um ritual. Tornou-se algo que sai automaticamente, e há pouca substância, pouco poder, pouca verdade por trás disso. Quão estranho é que se possa ter uma grande verdade e, por não se estar totalmente consciente dela e do que ela pode alcançar e fazer, através de gerações de tempo essa mesma verdade possa ser tão subjugada que passe a ter pouco poder, pouco significado, pouco valor.

Cristo disse: *"Obras maiores do que estas fareis, porque eu vou para o meu Pai"*. E a igreja e aqueles que aderem aos ensinamentos da igreja fazem tão pouco. E a igreja em si não viu a luz, nem a sabedoria, nem a verdade subjacente a tanto que Cristo disse e fez. É verdade que aqui e ali há iluminados que se esforçam, mas a fé faz, por vezes, muita falta. Mesmo aqueles que se intitulam espiritualistas não são, muitas vezes, melhores. Infelizmente, o seu domínio sobre esta realidade tremenda é fraco.

Mas eu digo àqueles que verdadeiramente servem, àqueles que verdadeiramente se esforçam e verdadeiramente acreditam: é-vos dado o poder do Espírito Santo, para que por ele e através dele todas as coisas se tornem possíveis. Pois com o Espírito Santo nada é impossível. Viveis num mundo no qual parece haver certas limitações. Suponho que em todas as condições de vida deve haver uma limitação de um certo tipo. E no entanto eu digo-vos que no vosso mundo hoje poderiam ser realizados tais milagres que o mundo inteiro seria, em consequência, transformado e os povos nele habitariam verdadeiramente no próprio espírito que nós próprios proclamamos. Tu, minha filha, tiveste, como já disse muitas vezes, muitos testes de variados tipos. Sei que podes muito bem dizer com outros, se necessário, que às vezes o fardo foi grande demais. E no entanto continuas, e o poder do Espírito que desce sobre ti permite-te promover a verdade, proclamar aquilo que sabes ser verdade. De facto, é-te dada a força para fazeres o trabalho do Espírito Santo.

IRMÃO JOHN: Mas, claro, existem estes contratempos, estes desapontamentos. E porque és do género humano, é inevitável que existam por vezes certas coisas que causam alarme ou preocupação. O corpo físico não passa de um instrumento e há alturas em que — como de facto aconteceu recentemente — ele causa preocupação.

Mas nós, com o nosso poder, o nosso amor e o nosso esforço, fazemos tudo o que podemos para que possas continuar a realizar o trabalho do Espírito por mais algum tempo. Tu és, de facto, guiada. Não sugerimos, nem nunca prometemos, que o caminho material seria fácil. De facto, para aqueles que servem verdadeiramente a Deus e fazem o trabalho do Espírito, o

caminho material nunca pode ser fácil. Quer tomes como exemplo a vida de Cristo, dos discípulos, dos grandes profetas, dos grandes mestres ou dos santos de outrora, todos e cada um, quanto mais se tornavam cientes e conscientes do Espírito e do que o Espírito podia fazer, percebiam quão mais difícil era no sentido material; quão opostos são os pensamentos e desejos materiais às coisas do Espírito. É como trilhar dois caminhos ao mesmo tempo.

Contudo, és fortalecida, guiada e ajudada. E não importa quão difícil o caminho possa parecer por vezes, o caminho da verdade, da retidão, do amor e do Espírito Santo não pode falhar. Embora alguém possa estar exausto nesse caminho e a sua força pareça vacilar — e embora se possa descansar, por assim dizer, por um tempo à beira da estrada — no entanto, a força é dada e o caminho continua. E muitos são os exaustos à beira do caminho.

É como se fosses destinada a ser como aquele que ficou à beira da estrada e deu ajuda e socorro àquele que estava necessitado. Pois devemos ser verdadeiramente cheios de compaixão, cheios de amor. Devemos até negligenciar, se necessário, os nossos próprios desejos e a nossa própria ansiedade de progredir, para parar um pouco e ajudar alguém menos afortunado. Pois como podemos progredir se avançarmos sabendo que, na passagem e no esforço de nos apressarmos, deixámos para trás alguma alma que poderíamos ter ajudado, a quem poderíamos ter dado a água da vida e a inspiração a alguém em grande necessidade? Um bom samaritano. Todos devemos ser como o bom samaritano que viaja pela estrada do progresso espiritual e, vendo muitos à beira do caminho, para nem que seja por um momento para dar conforto e ajudar. Claro que nem sempre podemos ter sucesso; nem sempre podemos esperar mudar o outro.

Devemos lembrar-nos que esse é talvez o maior de todos os dons: o livre-arbítrio para escolher, para aceitar, para negar, para fazer o que se quiser. Às vezes, talvez possa parecer — quando olhamos puramente no sentido material em vez do espiritual — que o livre-arbítrio em si não é sempre uma coisa boa. Mas é necessário, é de facto essencial que todos os homens sejam livres para escolher por si mesmos o que se hão de tornar.

É verdade que somos todos o produto de outros. Não existe, num sentido, tal coisa como um indivíduo isolado, embora sejamos indivíduos em muitos aspetos e gostemos de sentir que o somos. E é de facto uma coisa boa sê-lo, mas no entanto somos o produto das mentes e dos pensamentos de inumeráveis povos que ajudaram, consciente e inconscientemente, a moldar-nos naquilo que nos tornámos. Mas, conforme nos tornamos, estamos a absorver de todo o tipo de fontes e influências variados graus de

conhecimento e experiência. Por outras palavras, embora mantenhamos uma forma exterior e nos chamemos por este ou aquele nome na terra — e aqui também — somos o produto de inumeráveis pensamentos das mentes de incontáveis gerações de povos. De facto, tal como o Espírito Santo é um e permeia todas as coisas, toda a vida, assim os indivíduos são, sem possivelmente o perceberem, o produto de todo o tipo de condições de pensamentos.

Somos, num sentido, todos os corpos, todos os feitios, todas as formas — sejam elas quais forem, quer seja na vida humana, animal, das aves ou na própria natureza — permeando tudo está o poder vivo e vibrante do Espírito Santo; e não podemos escapar uns dos outros, pois somos todos parte uns dos outros e, conforme progredimos — embora uns pareçam ficar para trás — sabemos que eventualmente nos alcançarão e estarão connosco e serão parte de nós. Nada se perde, pois tudo regressa à grande fonte de onde veio. Ninguém precisa de temer.

O medo é possivelmente o maior inimigo do homem, pois o medo é uma coisa má e impede o progresso. O homem deve ir pelo mundo fora com a cabeça erguida e os pés firmemente plantados na estrada da verdade, com a perceção de que dentro de si está um poder dado por Deus para superar todas as coisas e tornar-se verdadeiramente, em consequência, um em espírito e em verdade. Retira do homem o medo, dá-lhe força — a força do Espírito Santo — e ele vencerá todas as batalhas.

Tu, minha filha, lutaste e venceste. Às vezes podes ter pensado que perdeste e falhaste, e num sentido isso pode ser verdade se o virares sob uma certa luz; mas eu não vejo falha, vejo apenas sucesso, pois o Espírito Santo que te permeia, o Espírito Santo que te dá a própria vida que torna possível o teu serviço, dá-te uma força muito além da tua perceção. Tu és verdadeiramente o nosso instrumento, és verdadeiramente abençoada e juntos servimos e cumprimos a vontade do Altíssimo. Tudo está bem, minha filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Quero que me ajudes a ter maior paciência com as pessoas agora. Quando elas parecem ser um pouco tolas, fico tão impaciente.

IRMÃO JOHN: Filha, a vida no teu mundo é feita de tolice — a tolice dos indivíduos; e como havemos nós de por vezes impedir os indivíduos de fazerem coisas que, em si mesmas, sabemos serem tolas e que, muitas vezes, eles próprios têm consciência disso? Só posso dizer-te, filha, que a paciência é tão necessária e, embora te possas sentir impaciente, embora possas sentir às vezes que algo foi feito ou dito que te causa grave preocupação... através do

amor e da paciência, embora possa não se mostrar imediatamente, a mudança virá. Não fiques demasiado angustiada.

PARTICIPANTE: Sim, sinto às vezes que me falta compaixão.

IRMÃO JOHN: Não, filha, não creio que te falte compaixão. Nem sequer creio que te falte paciência. Não. Mas às vezes, talvez, aconteça que estejas ansiosa demais; talvez aconteça que esperes demais.

PARTICIPANTE: Não, eu quero ser digna de vós.

IRMÃO JOHN: Filha, não te preocupes nesse sentido. Sabe que tudo o que vem de mim e de todos nós aqui vem com uma liberdade de amor que não conhece limites. Não pedimos de facto nada, e aquilo que recebemos de ti e do teu mundo, por vezes, é grandioso. É um amor que mais do que paga ou recompensa. Nós não pedimos recompensa. Não pedimos coisas. Só pedimos a oportunidade de servir, de emanar a nossa mensagem de verdade e luz e de dar amor. E sei que tu própria fazes o melhor que é possível fazer sob circunstâncias que são muitas vezes penosas. Claro que há momentos em que falhas. Não esperamos que tenhas sempre sucesso. Continuas a ser humana. Continuas a ser afetada pelas condições da tua vida e pelas pessoas ao teu redor imediato. Mas só podes fazer o teu melhor, filha.

PARTICIPANTE: Sim, obrigada.

IRMÃO JOHN: Não te aflijas.

PARTICIPANTE: Não, não me aflijo realmente, mas quero ser aquilo que ensino. Acho que isso é importante.

IRMÃO JOHN: Ser como se ensina, dar o exemplo. Isso, claro, é necessário, mas sei que o exemplo que se deve dar é de uma ordem elevada e nem sempre é possível, talvez, mostrá-lo. Talvez existam alturas em que se falhe, mas como já te disse frequentemente no passado, aprende-se possivelmente mais através das nossas falhas do que dos nossos sucessos.

PARTICIPANTE: Sim, com certeza.

IRMÃO JOHN: Não fiques angustiada. Faz o teu melhor. As minhas bênçãos para ti, filha. A paz esteja contigo.

MICKEY: Adeus, Daisy. Adeus! Acho que já não choras muito, pois não?

PARTICIPANTE: Não, agora não.

MICKEY: Ficas é tipo irritada com as pessoas, então?

PARTICIPANTE: Oh, às vezes fico.

MICKEY: Bem, isso é natural, não é?

PARTICIPANTE: Guardo para mim e penso muito.

MICKEY: Bem, adeus. *Cheerio*, querida.

Sessão 25865

IRMÃO JOHN: Bênçãos. Abençoada sejas, filha. Bênçãos para ti. Conta as tuas bênçãos. Tão poucas pessoas consideram isso necessário.

PARTICIPANTE: Eu faço-o com muita frequência.

IRMÃO JOHN: Conta as tuas bênçãos. De facto, existem tantas bênçãos. Se ao menos as pessoas olhassem e percebessem. Na escuridão do vosso mundo... em cada coração... deveria haver — de facto há, se a procurares — um vislumbre de luz que produzirá, se o encorares, um brilho que afastará a escuridão da atitude mental materialista e da condição de vida ao vosso redor. Tantas vezes ouvimos as pessoas a lamentarem a sua sorte, a chorarem a circunstância em que se encontram. E em muitos casos, claro, há boas razões, e a pessoa fica triste e sente que deseja ajudá-las de todas as formas possíveis. Mas muito da infelicidade, miséria e escuridão de mente da terra deve-se ao próprio homem. Ele não consegue perceber que dentro de si mesmo reside toda a hipótese de provocar tal mudança que o mundo inteiro poderia ser transfundido com luz, com a iluminação do espírito, a tal ponto que muito das suas misérias desapareceria.

E, claro, há muitos que têm muitas bênçãos e não o percebem. Tomam-nas como garantidas. Nunca se deve tomar nada nem ninguém como garantido. Deve-se perceber que cada ser humano é um indivíduo e um agente livre. Mesmo aqueles que sentem que têm pouca ou nenhuma liberdade de pensamento ou de escolha, no entanto, invariavelmente, dentro de si mesmos — se a procurarem — está um poder que, quando usado correta e retamente, pode mudar todo o seu ser e, muitas vezes, toda a circunstância da sua vida. Sei que existem muitos fatores. Sei que existem muitas condições às quais a pessoa tem, até certo ponto, de se vergar, aceitar, seguir um padrão. Às vezes um padrão que é estabelecido por outros próximos, às vezes queridos de alguém. Muitas vezes a vida deve ser, em grande medida, um compromisso.

Sessão 26370

MICKEY: Olá.

PARTICIPANTE: Olá, querido.

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. A paz esteja contigo.

PARTICIPANTE: E contigo.

IRMÃO JOHN: Mais uma vez a época da Páscoa se aproxima. Este é um tempo em que muitas vezes desejamos que a realidade da mensagem pascal pudesse ser tornada clara e segura para aqueles no vosso mundo que habitam na escuridão material. Os ensinamentos da Igreja nesta altura são tão frequentemente ignorados; tantas vezes têm pouco interesse para o homem comum que pensa na Páscoa meramente como um tempo em que poderá fazer os trabalhos ocasionais em casa, cuidar do jardim, sair no carro, divertir-se. Tão poucos são os que compreendem o verdadeiro significado da Páscoa e tudo o que ela implica. Mesmo aqueles na própria Igreja... tantos deles não têm uma real conceção da realidade da ressurreição: o erguer-se da escuridão do materialismo para a luz do Espírito; a manifestação do Espírito após a chamada morte a almas conhecidas na terra, aparecendo diante delas e dando-lhes o grande júbilo e a mensagem da ressurreição do Espírito Eterno.

Mesmo aqueles que professam tantas vezes seguir os caminhos do Cristo, embora aceitem a verdade que proclamamos, no entanto, por medo, têm receio de aceitar a realidade da manifestação da comunhão tal como a que desfrutamos neste momento. Estão preparados muitas vezes para aceitar aquilo que não conseguem provar, aquilo que não conseguem compreender totalmente. Aceitam, muitas vezes, pela fé e apenas pela fé. E eu seria o último a negar a realidade e a necessidade da fé. *"A fé te salvará"*. *"A tua fé tornou todas as coisas possíveis"*. Isto, sabemos, é verdade, uma realidade: a tua fé.

Mas na escuridão do vosso mundo materialista, incontáveis milhões de almas debatem-se com os pensamentos, as dúvidas e os medos pertencentes às coisas da mente e do espírito. Estão cheios de pensamentos não respondidos, não ditos, relativos a estas coisas de que falamos. Estão tão nublados em si mesmos pelo materialismo que não conseguem ver, nem conhecer, nem compreender as verdades eternas. Essa vida de que falamos tão frequentemente, a do espírito, que é a realidade, que é a real existência do homem — o permanente, o indestrutível, aquilo que é verdadeiramente do espírito e não pode passar... toda esta grande revelação que em vários momentos da história do homem foi em parte revelada, no entanto, muitas vezes foi ignorada ou descartada.

Tantas são as respostas que aqueles no vosso mundo dão para que eles próprios desculpem a sua ignorância e a sua tolice. Tantas explicações, tantas coisas são ditas para se desculparem. Têm medo de bater para que a porta lhes seja aberta. Têm medo muitas vezes de procurar, para o caso de isso significar

que tenham de mudar o seu modo de vida ou esse aspeto particular de pensamento. Existem muitas desculpas, muitas explicações dadas para não procurarem a verdade, a realidade do espírito — aquilo que nos esforçamos por trazer à terra para podermos elevar o homem das profundezas em que se encontra através da sua ignorância e tolice. Aquilo que nos esforçamos por dar só pode ser dado quando o próprio homem se esforça pela experiência e pelo conhecimento, abre a sua mente e o seu coração à verdade e torna possível a ponte para que possamos cruzá-la e encontrarmo-nos em uníssono, em harmonia, em amor, em fraternidade.

Grandes são os problemas do vosso mundo e, nesta altura, novamente quando a Páscoa chega e os pensamentos de alguns homens se viram para os temas do espírito e para a possibilidade da vida eterna... aquilo que sabemos ser uma realidade, que nos esforçamos por provar-lhes de várias formas, se ao menos pudessem levar para as suas vidas diárias esse germe de verdade que foi semeado; se pudessem permitir que ele se desenvolvesse, que florescesse, para que pudessem perceber a beleza que no momento está escondida na escuridão da terra. A verdade do regresso de Cristo aos Seus discípulos e àqueles outros que duvidaram e temeram... de facto, se não fosse pela verdade do regresso do Mestre Jesus, não haveria fé cristã hoje no vosso mundo. Não poderia haver religião como a entendeis sem esta realidade. Não poderia haver progresso, nem esperança.

Cristo veio ao mundo para mostrar o caminho. Ele foi a luz na escuridão para guiar as pessoas em direção à realidade eterna do espírito, para que pudessem, à sua própria moda, à sua própria maneira, evoluir em direção à luz e serem abençoadas consequentemente. Cristo veio para mostrar o caminho — Ele era o caminho. Cabe ao próprio homem realizar a sua própria salvação. A luz pode ser mostrada, mas o próprio homem deve trilhar o caminho, deve fazer os esforços. Este é um tempo de regozijo: a ressurreição do espírito após a morte. Devemos ver Cristo na luz verdadeira, não como Ele é tão frequentemente retratado por tantos — bem-intencionados, embora possam ser, no entanto, na sua tolice e ignorância, muitas vezes retratam uma imagem que está longe da realidade do próprio Cristo.

Cristo, que habitou na vossa terra há tanto tempo, que era um homem de simplicidade, que estava habituado à pobreza, que conheceu o sofrimento e a angústia; que trilhou a estrada dura e difícil da vida material, muitas vezes desprezado e rejeitado, muitas vezes por aqueles que ele poderia ter pensado serem seus amigos. Cheios de dúvidas e medos eles estavam, embora O seguissem e O aceitassem; no entanto, sentiam dentro de si que tinham sido, se não enganados às vezes, certamente deixados desolados, certamente tinham o sentimento de que tinham sido abandonados. Cheios de dúvidas e medos

naquela ceia; cheios de dúvidas e medos após a morte, conforme pensavam eles, de Cristo. Que grupo de homens triste eles eram. E se Cristo não lhes tivesse aparecido, tudo o que tinham acreditado, tudo o que tinham envidado, teria sido como nada.

Mas a Sua aparição perante eles... mesmo assim houve um, mais do que os outros, que duvidou e não ficou contente até ter tocado e sentido e tido a certeza da "materialização" — como vós chamais — de Cristo na sala perante os discípulos. Esse foi o ponto de viragem, pois do caos, do que parecia o desastre, do que parecia o fim de todas as suas esperanças, surgiu o início da realidade do poder do Cristo e da verdade que Ele tinha pregado — pois o Seu reino não era deste mundo, mas do Espírito. E todos os homens herdariam esse reino, pois *"na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito"*.

Este é um tempo de regozijo para todos os filhos da terra. Apesar da escuridão e da ignorância do materialismo, apesar das barreiras e dos obstáculos e das dúvidas e dos medos, todos encontrarão um lugar, encontrarão para si mesmos um lar nos reinos do reino do amor. Mas se o homem pudesse apenas compreender o verdadeiro significado da vida de Cristo e da ressurreição de Cristo; se pudessem ver com a clareza de visão que desejamos que tivessem, verdadeiramente o caminho seria tornado mais leve; verdadeiramente seria tornado possível para o homem recriar no vosso mundo um mundo de paz, tranquilidade e harmonia entre os homens. Não haveria mais ódio, nem mais medo, nem mais intolerância — nenhuma destas coisas que separam os homens uns dos outros e os homens de Deus.

PARTICIPANTE: É muito difícil transmitir isto agora, não é?

IRMÃO JOHN: Sim, minha filha, mas é a tarefa do Espírito e daqueles que são escolhidos pelo Espírito para servir, fazerem o que podem, por pequeno que pareça, na sua própria esfera de atividade, entre o seu próprio grupo ou grupos. Foste colocada num caminho que não trilhas sozinha. És amparada pelo poder do Espírito Santo e verdadeiramente és conduzida e guiada; embora o caminho às vezes seja árduo e por vezes pareças exausta pelo esforço, no entanto a força é dada, o poder e o amor; e tu seguirás e segues e seguirás em frente com força. Servirás e muitos serão abençoados consequentemente. Não tenhas medos, nem dúvidas. Sabe que tudo está bem. Embora o caminho por vezes seja difícil, é-te dada a força para tornares todas as coisas possíveis. Sê de boa fé e de bom coração. Segue em frente com força e prega o evangelho do Cristo vivo, lembrando sempre que o que te damos tornará possível a felicidade e o júbilo de inumeráveis pessoas; e que verdadeiramente és abençoada por teres sido escolhida e verdadeiramente te é

dada a oportunidade de servir. Mas nesse servir e no perder o eu, encontras o teu verdadeiro eu, tal como certamente serás no despertar do Espírito que virá a ti quando chegar a altura de passares do material para o espiritual. Verdadeiramente te verás como nunca te conheceste; verdadeiramente compreenderás e, compreendendo, terás razão para te regozijares, pois o esforço não foi de facto desperdiçado, mas muito foi feito.

PARTICIPANTE: Posso perguntar-te uma coisa antes de ires? Da última vez — espero que tenhas compreendido e pressentido — fiquei um bocado deprimida depois da tua última conversa porque achei, num sentido, que te tinha falhado de alguma forma, que não me tinha misturado suficientemente com outras pessoas.

IRMÃO JOHN: Não sei por que deverias pensar isso, minha filha.

PARTICIPANTE: É que a tua mensagem da última vez foi a de que a pessoa se deveria dar e misturar com todo o tipo de pessoas, e eu senti como se pensasses que talvez eu não o tivesse feito o suficiente.

IRMÃO JOHN: Não, filha, se dei essa impressão, peço desculpa.

PARTICIPANTE: Não, está tudo bem.

IRMÃO JOHN: Mas quero que te lembres que há alturas, e virão novamente alturas, em que poderás ser chamada, sem talvez compreenderes ou perceberes totalmente, ao serviço entre pessoas pelas quais tu própria não te sentes atraída. Talvez pessoas com quem dirias ter pouco em comum. Pessoas de quem talvez instintivamente, sem haver sempre razão, não gostes. Mas lembra-te, filha, que onde fores chamada, deves ir. Às vezes não será fácil. É fácil falar àqueles que têm algum conhecimento, alguma compreensão, e àqueles que, digamos, já estão convertidos. Mas devemos ir pelas estradas e pelos atalhos. Devemos falar ao mendigo e ao rei, ao bom e ao mau. Não devemos ter receio. Seremos guardados e protegidos e seremos guiados. Acreditas em mim? Não duvides, minha filha. Mas se fores chamada a uma situação ou entre pessoas que talvez te causem repulsa, no entanto aí uma semente pode ser semeada, aí uma vida pode ser salva, uma nova visão pode ser dada e uma grande verdade pode prevalecer. Sê de boa fé, minha filha.

PARTICIPANTE: Serei, só não quero falhar-te.

IRMÃO JOHN: Não, filha, isso tu não fazes. Pois se — e isto não se aplica apenas a ti — se uma pessoa que se está a esforçar por servir fica sob a impressão de que nos está a falhar, quanto mais está ela a falhar a si própria. Sê de boa fé, minha filha.

PARTICIPANTE: Serei, serei.

IRMÃO JOHN: O meu amor, a minha bênção, a minha paz estejam contigo. Que as próximas semanas te deem força renovada para continuares o trabalho do Espírito. Adeus, minha filha. Deus te abençoe.

PARTICIPANTE: Adeus. Amor para todos.

MICKEY: Adeus, amor de todo o teu bando aqui.

PARTICIPANTE: Obrigada e abençoados sejais. Feliz Páscoa!

MICKEY: Abençoada sejas, querida. Espero que recebas tudo o que o teu coração deseja.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido. Gostaria de poder dar-vos um belo ovo de Páscoa.

MICKEY: Adeus. Deus te guarde.

Sessão 27764

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha. Abençoada sejas, querida. Sabes, há tantas coisas que a pessoa deseja transmitir.

Ainda agora, conforme o Mickey — como lhe chamamos — te falou, ali mesmo havia material para muitos palestrantes ou servos, como lhes queiras chamar; quão perfeitamente verdadeiro é. E se as pessoas dessem tanto pensamento e interesse às coisas do espírito como dão às materiais, quão vastamente diferente a vida se tornaria, quão mudadas elas, em consequência, seriam, e quão mais feliz e, de facto, mais espiritual o mundo inteiro, em consequência, se tornaria. Se o homem desse ao pensamento do espírito o seu tempo, a sua energia e tudo o que consegue reunir de dentro de si, quão mudada seria toda a circunstância da vida, não apenas para o indivíduo, mas para o mundo inteiro — para a paz e a tranquilidade do mundo, para o conhecimento e o esclarecimento espiritual e elevação do mundo.

O homem raramente pensa nas coisas do espírito e, muitas vezes, quando o faz, é com um sentimento, se não sempre de sinceridade, às vezes de apreensão, de incerteza. O homem é uma criatura incerta. Embora muitas vezes se lisonjeie de que se está a esforçar, muitas vezes é um esforço tão pobre em si mesmo. E na fraqueza do homem, e na por vezes estupidez do homem, percebemos quanto se perde; quanto poderia verdadeiramente tornar-se e ser se o homem aplicasse o seu pensamento e a sua energia com plena

perceção das possibilidades do poder do amor do espírito, e fizesse todos os esforços em sinceridade e em verdade para seguir os caminhos do esclarecimento espiritual e da progressão. Quão mudado o vosso mundo verdadeiramente se tornaria.

Sessão 28967

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, minha filha. Deus te abençoe, querida.

PARTICIPANTE: Como é que isto [a situação do mundo] se parece com o que o nosso irmão está a dizer? Espero que ele nunca se farte de nós.

IRMÃO JOHN: Nós nunca estaremos, como dizes, "fartos até aos dentes". Pela simples razão de que o vosso mundo e o nosso são um só mundo. Na medida em que aqueles que habitam o vosso mundo são parte do espírito, eles podem não agir espiritualmente, nem parecer ser espirituais. De facto, em certos aspetos, dir-se-ia que estão longe de estar inclinados espiritualmente, ou de ter pensamentos e ações espirituais; mas, fundamentalmente, o poder do espírito manifesta-se no vosso mundo. Pode muitas vezes estar subjugado e contido por causa do aspeto material do pensamento, tão comum à maioria dos povos da terra, mas o poder fundamental do espírito está lá. O mundo físico, com todos os seus muitos interesses e muitas coisas que prendem a atenção do homem, é, no entanto, basicamente, um mundo espiritual.

O homem tem muitas oportunidades de descobrir as coisas do espírito, e existem aqui e ali aqueles que estão inclinados espiritualmente e que aspiram a coisas espirituais. Embora sejam poucos e raros, o efeito que têm sobre o mundo é maior, talvez, do que o homem percebe. Nós nunca nos separaremos de vós, pois isso em si é uma impossibilidade, porque, como disse, é o mesmo espírito que se manifesta em todos os mundos.

PARTICIPANTE: Obrigada. Pensei que talvez hoje tivesses algo em particular em mente que desejasses que eu discutisse. Bem, disseste várias vezes que do mal muitas vezes vem o bem, e perguntei-me se de toda a aparente dissensão no mundo está a surgir o bem, porque muita gente — eu não consigo aceitar isto na verdade — mas muita gente nesta altura pensa que vai haver uma revelação espiritual para salvar a humanidade.

IRMÃO JOHN: Minha querida filha, não tenho de te dizer, nem de te lembrar, que esta ideia de uma revelação espiritual que salvará a humanidade tem sido, num sentido, comum a todas as gerações de pessoas por muitos, muitos milhares de anos. Já no tempo de Cristo, e antes do tempo de Cristo,

esperava-se sempre alguma revelação, que algo de grande importância acontecesse que salvasse toda a humanidade; e particularmente entre raças, encontras isto?

Não estou de forma alguma a menosprezar, mas ao mesmo tempo devemos perceber que, desde que o homem começou a pensar profunda e seriamente sobre as coisas pertencentes ao espírito e à sua própria imortalidade, é óbvio que o homem esteve sempre à espera de alguma revelação, algo que, por assim dizer, lhe provasse além de qualquer sombra de dúvida a realidade de uma vida espiritual, provando-lhe também alguma forma de comunicação entre os chamados mortos e os vivos. De facto, por gerações e gerações tem havido esta ideia de que viria alguma revelação ou algum aspeto de pensamento de natureza elevada que salvaria a humanidade, pois a humanidade esteve sempre a discutir e a falar de si própria como se estivesse na ponte da destruição.

Houve guerras sobre guerras; algumas, olhando para trás ao longo dos séculos, em comparação com as mais recentes, parecem ter sido mais como escaramuças do que guerras, mas no entanto a verdade da questão é que no mundo conhecido de há séculos essas guerras, por exemplo, foram tremendas. E o aspeto central é certamente este: que o homem percebe, no fundo da sua alma mais íntima, que faz parte de um grande plano, que faz parte de uma grande existência espiritual da qual mal consegue discernir o detalhe mais ínfimo. Em outras palavras, filha, certamente acontece que o homem sempre procurou a revelação; o homem esteve sempre à espera à beira do abismo, por assim dizer, esperando por alguma direção, alguma orientação. Sempre antecipou que o mundo chegaria ao fim, que haveria destruição e assim por diante.

E esta condição presente da vida mundial na qual existes é, certamente, uma descendente direta destes pensamentos e ideias. E parece-me que de todo este caos em que o mundo se encontra — que o próprio mundo, pelo seu pensamento e ação errados, trouxe à existência — este estado presente de existência é o que o homem criou. Em consequência, ele percebe os muitos perigos, e pergunta-se e pensa que possivelmente virá alguma grande revelação, ou alguma grande graça salvadora, algo que impedirá o mundo de cair, por assim dizer, pelo precipício da destruição total. Verdadeiramente estas coisas não são novas; e, claro, o poder do espírito do mundo esteve sempre ao redor do mundo, esteve sempre presente. A grande revelação esteve sempre lá, à espera de ser revelada até que o próprio homem estivesse num estado de mente apto para a receber.

E foi dito verdadeiramente no passado pelos grandes mestres e profetas que estas coisas seriam reveladas, e elas só podem ser reveladas àqueles que estão prontos para receber e aceitar. Houve casos, claro, de indivíduos que receberam instruções e orientação, mas que não foram capazes de fazer muito com esse conhecimento porque a massa do mundo não o aceitaria. Sim, podes ver que, mesmo de forma mal orientada, a juventude do mundo está à procura de algo.

A juventude tem... o que quer que se possa dizer sobre a geração presente — e há muitas coisas que poderiam ser ditas e que sem dúvida são depreciativas, certamente aos olhos das gerações mais velhas — parece que a juventude não tem direção, nem poder moral, nem discernimento moral, nem preocupação, por assim dizer, com o mundo moderno e apenas com o hoje. Tudo isto pode ser bem verdade, mas penso que a geração mais jovem é cínica pela simples razão de que viram o mundo que foi criado pelos seus pais e pelos seus avós. Veem a futilidade absoluta da guerra; veem o que o homem criou por pensamento errado ou ação errada; percebem que o próprio homem criou, por gerações e gerações, uma condição de vida que se tornou cada vez mais impossível, na qual o mal é solto a tal ponto que hoje os jovens sentem, muitas vezes, creio eu, que a situação presente é intolerável e que, em muitas instâncias, têm muito pouca fé no futuro.

E se têm alguma fé, sinto-me seguro de que é a de que querem afastar-se das velhas ideias e do velho modo de pensamento das gerações anteriores que trouxeram a destruição e todo o tipo de situações intoleráveis ao mundo, e tal miséria através do seu pensamento errado política e religiosamente. Por outras palavras, não creio que se deva culpar os jovens. Penso que estão à procura — de uma forma estranha, talvez possa parecer, mas no entanto penso que, pela primeira vez, uma geração jovem está a pensar profunda e seriamente sobre si própria.

PARTICIPANTE: Sim, mas eles não têm nada de fundamental a que se agarrar, pois não?

IRMÃO JOHN: Parece que não, é verdade que num sentido não têm, mas estão pelo menos a procurar, estão pelo menos a buscar. Sei que existem os poucos, aqui e ali, que trazem desconsideração e desrespeito sobre si próprios e sobre todos os envolvidos, mas no entanto, fundamentalmente, penso que os jovens são em muitos aspetos muito mais inteligentes; que estão à procura de algum tipo de solução. Não sabem bem como e de que forma combatê-la. E penso que viram o que a Igreja se tornou; viram o terrível abalo e a miséria causados por intrigas políticas e estão desiludidos e enojados, e estão à procura... de uma forma estranha, pode bem ser, mas no entanto estão

finalmente a permitir-se ser, nalgum sentido, como poderias dizer, verdadeiros para com eles próprios.

Podes rir-te deles e, nalgumas instâncias e casos, há razões para riso; existem aqueles que se destacam e que não são realmente representativos do todo. Mas penso que, fundamentalmente, a geração mais jovem está ansiosa por uma diretriz, ansiosa por um caminho. E penso que poderíamos dar-lho. Se seríamos bem-sucedidos nisso, não o podemos dizer, mas certamente esperamos e rezamos para que possamos sê-lo. Mas, claro, voltamos novamente a outro problema: se vamos chegar a estas crianças do novo dia e era, devemos ter os médiuns certos e a oportunidade certa de expressar os pensamentos e ideais espirituais pelos quais zelamos e que estamos sempre ansiosos por expandir.

Sabes bem que estes médiuns são poucos e raros, e muitos fazem espetáculo de si próprios e trazem descrédito ao movimento, a nós e, de facto, fazem mais mal do que bem. Infelizmente faltam-nos instrumentos do tipo certo; há tão poucos instrumentos que realmente estejam, por assim dizer, a expressar e a expandir os ensinamentos do espírito. Muitos deles estão a ceder a desejos materiais, pensamentos e ideias materiais; muitos deles estão a prostituir os seus dons genuínos por várias razões, invariavelmente de natureza material. Por outras palavras, minha filha, até conseguirmos encontrar bons instrumentos de alto calibre, que sejam capazes de emanar os ensinamentos do espírito e expandir a sabedoria do espírito, e dar a prova de identidade, etc., que é necessária para aqueles que procuram conforto... até podermos fornecer através de bons instrumentos estas ferramentas, da maneira que há muito desejamos expandi-las, não faremos muito progresso.

PARTICIPANTE: E tens esperança para o futuro?

IRMÃO JOHN: Deve-se ter sempre esperança, minha filha. Sim, eu sei. Não desejo soar pessimista. Não sou pessimista. Sou sempre esperançoso. Mas não sou inconsciente ou alheio às muitas dificuldades e aos muitos problemas. E também temos muitas, muitas coisas com as quais temos de continuar. Existem muitas, muitas complexidades e estas estão tão ligadas ao espírito nacional, por exemplo; ligadas à intolerância religiosa; ligadas à experiência religiosa de uma natureza que, muitas vezes, em vez de promover a verdade, bloqueia o caminho.

Sabes tão bem como eu que existem tantos fatores que temos de aprender a superar. Temos de unir todos os povos de todas as nações numa única perceção e consciência espiritual, com um desejo de servir, trabalhar e fazer a vontade do Altíssimo. Isto em si mesmo é uma tarefa tão vasta e tremenda. Mesmo no teu próprio país, por exemplo, não consegues encontrar pessoas a

viver juntas em felicidade, paz e quietude. Existem fricções e complicações; existem todo o tipo de ações intolerantes. Por outras palavras, minha filha, não somos inconscientes dos muitos problemas: nas famílias tens quezílias entre diferentes povos; vivendo até na mesma área, tens quezílias — certas pessoas não gostam de outras pessoas porque a textura e a cor da sua pele são diferentes.

Até fazermos as pessoas compreenderem que são todas parte integrante do mesmo espírito, que estão todas ligadas verdadeiramente como irmãos, independentemente da raça, cor ou credo... por outras palavras, devem aprender a conciliar as suas diferenças e aprender a viver juntas em paz e harmonia. Devem aprender a procurar a verdade e a encontrar a verdade, e não contentarem-se muitas vezes com estas coisas que não lhes poderiam trazer qualquer realidade de espírito, mas apenas aquilo que, quando analisado, não tem base nem poder, a não ser para a salvação das almas. Sabemos o que estamos a fazer e o que pretendemos fazer, mas não somos inconscientes dos muitos, muitos, muitos problemas e diferenças. E, claro, o nosso grande problema é encontrar instrumentos adequados que se deem verdadeiramente ao espírito e dediquem as suas vidas ao espírito e ajam de acordo com o espírito e esqueçam o eu no serviço amoroso. De facto, minha filha, estas coisas tu sabes e outros sabem, mas há tão poucos que se darão completa e totalmente como tu te adaptas ao espírito. Não é fácil, minha filha.

PARTICIPANTE: Como, por exemplo... desejaria ser mais nova, de certa forma.

IRMÃO JOHN: Desejarias ser mais nova e, no entanto, não sinto que seja correto desejar tal coisa. Tens muitos anos, sinto eu, ainda pela frente — pelo menos tens alguns anos pela frente nos quais servirás o poder do espírito e manifestarás o seu amor pela humanidade. E, no fim, quando chegar a altura, juntar-te-ás a nós aqui e continuarás a trabalhar. Nunca sintas, filha, que qualquer momento contigo é desperdiçado. O poder circula em todos os momentos e tu estás a manifestá-lo com amor e afeto para com todos aqueles com quem entras em contacto.

Digo-te, filha: tem boa fé, como de facto sei que tens. Sabe que estou contigo, e outros também; que juntos atacaremos no futuro, ajudando muitos e trazendo conforto àqueles que precisam, e trazendo o poder de cura do espírito da verdade. Não temos dúvidas, nem medos. Tenho confiança em ti e no poder que te rodeia. Tenho confiança no poder do Espírito Santo, que supera todas as coisas. O meu amor e a minha paz para ti, filha.

PARTICIPANTE: Antes de ires, querido, poderias dar o meu amor a todo o bando? Penso muitas vezes neles separadamente. Uma vez trouxeste o

Alistair e disseste que, conforme a oportunidade surgisse, trarias outros. Ias trabalhar comigo durante os próximos meses.

IRMÃO JOHN: Esforçar-me-ei por trazer outras almas que possam falar contigo.

PARTICIPANTE: Sim, dá o meu amor a todos eles.

IRMÃO JOHN: Farei isso. E à tua mãe e à tua família.

PARTICIPANTE: Sim, eles são uma grande realidade para mim.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Abençoamos-te. E muito amor para ti. Adeus. Deus te abençoe.

MICKEY: Adeus, querida.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey querido.

MICKEY: Correu bastante bem, porque achei que íamos ter problemas. Mas não, correu bem. Fizemos um bom trabalho.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

MICKEY: De nada.

Sessão 29368

IRMÃO JOHN: Deus te abençoo, filha.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe, querido Irmão John.

IRMÃO JOHN: Mais uma vez nos é permitido ter esta comunicação, um com o outro. E, como já te disse tantas vezes em ocasiões passadas, sempre que eu — ou qualquer alma, aliás — nos aproximamos da terra, ficamos, naturalmente, cada vez mais preocupados e horrorizados com as condições nela existentes. E no entanto, neste momento, enquanto venho a ti, por este precioso momento no tempo, desejo excluir estas coisas pertencentes ao teu mundo material.

Todas estas condições que causam tanta preocupação e angústia... apenas por estes breves instantes, eu fecharia a minha mente a elas e concentrar-me-ia nas coisas do espírito — as coisas, de facto, que estão em si mesmas tão afastadas do pensamento e do tempo materiais. E conforme me aproximo de ti com estas condições de espírito, desejo envolver-te com uma barreira protetora contra o pensamento e a atmosfera materiais e duros, que em si mesmos são angustiantes e podem, muitas vezes, esgotar e prejudicar as

coisas que tu, eu e todos nós aqui desejamos realizar. Estamos sempre a combater a atmosfera material que te rodeia.

Construir, como de facto fazemos, uma muralha de proteção é em si uma conquista, porque só nós deste lado podemos saber e compreender como, sendo um instrumento como és, de todos os lados incidem sobre ti pensamentos, ideias, impressões e condições que são, em si mesmos, destrutivos para os trabalhos do espírito. Temos sempre de te proteger, de te guardar e, de facto, de realizar o nosso trabalho da forma que desejamos fazê-lo. Muito esforço deve ser colocado nesta muralha de proteção.

Isto aplica-se a todos os instrumentos, claro, que desejam servir no nível espiritual mais elevado possível. E sabemos que existem instrumentos que por vezes — nem sempre necessariamente por culpa própria — sucumbem às condições ao redor da vossa terra, e tudo o que se esforçam por fazer é frustrado. Não creio que ninguém no vosso mundo consiga apreciar as nossas dificuldades.

PARTICIPANTE: Não, não, eu consigo compreender.

IRMÃO JOHN: Quando sobes à plataforma, construímos esta muralha que é muito real. Não é uma muralha de ilusão. É uma muralha que é, num sentido, sólida, dura e real. É uma muralha criada pelos nossos pensamentos, pelo nosso amor e pelo nosso poder para manter afastadas e excluir influências prejudiciais — por vezes almas presas à terra, por vezes pensamentos que emanam de indivíduos de qualquer um dos lados, que seriam destrutivos e criariam, em si mesmos, tal atmosfera de perturbação que não seríamos capazes de trabalhar. Existem aqueles deste lado cuja tarefa específica é criar esta barreira, para manter fora condições e influências indevidas, e entidades que, embora não necessariamente sempre más, por vezes perturbariam as condições que criamos e, certamente, trariam elementos que causariam desconfiança e preocupação. Não conseguimos explicar em palavras como...

Sessão 30164

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada, Pai John.

IRMÃO JOHN: Estava a ouvir com grande interesse o que o nosso amiguinho estava a dizer. O tempo em si, como bem sabemos, não passa de uma ilusão, mas é, no entanto, muito real para vós na Terra. O tempo em si é algo que não pode ser "devorado", suponho; e no entanto, num sentido,

sabemos muito bem que uma hora pode ser longa, ou pode ser tão fugaz se estiveres a fazer algum trabalho de interesse. Olha-se para o relógio e vê-se como, subitamente, tudo passou.

O tempo é apenas uma ilusão, e quando se tem um trabalho a fazer como o teu, percebe-se muito bem a necessidade de tempo — tempo para realizar, tempo para fazer tanto, tantas coisas que por tanto tempo foram negligenciadas. Infelizmente, é verdade que foste atraída para o trabalho mais tarde na vida do que teríamos desejado; mas, no entanto, todo o tempo que passou antes, sem que o soubesses, foi progressão, preparando o caminho, tornando-o possível, levando-te gradualmente à perceção da verdade, desenvolvendo-te e usando-te tão gradualmente e da melhor forma que pudemos. Sinto que estamos, como já disse muitas vezes, no limiar de grandes coisas.

Nem sempre é possível para ti visualizar ou perceber isto. Há alturas em que, claro, estás desanimada e sentes que tão pouco é feito ou pode ser feito; e no entanto, como já disse, nunca poderás saber quantos corações foram tocados, quantas almas foram elevadas das trevas para a luz. Não vês os frutos dos teus labores e dos nossos esforços. Muitas vezes é algo passageiro — vais de lugar em lugar, colocas-te perante uma audiência e fazes o teu trabalho — mas não conheces os efeitos posteriores, o rescaldo que muitas vezes se segue nos indivíduos. Quero sempre que saibas disto: que às vezes não é como te parece — que estás a trabalhar e por vezes parece que fazes tão pouco. Estás a fazer muito mais do que sabes.

Muitas, muitas almas são ajudadas. Muitas são elevadas, não apenas temporariamente; muitas vezes são tão revolucionadas que elas próprias, em consequência, se tornam pessoas mudadas, com um motivo e um propósito na vida e a perceção de que elas também podem servir. Desejo muito que estejas plenamente consciente disto.

PARTICIPANTE: Sim, acho que estou.

IRMÃO JOHN: Claro, sabemos que muitas vezes cai em solo pedregoso, mas devemos esperar que aqui e ali, nas fendas da vida, por assim dizer, brote uma flor que traga júbilo a outros, incentivo e propósito. O tempo em si é, num sentido, uma ilusão. Pode-se olhar para trás na história e ver como o homem, na sua ignorância e insensatez, criou um mundo caótico, criou condições de vida que são, em muitos sentidos, terríveis. O homem tornou-se, muitas vezes, obcecado por coisas materiais e perdeu de vista as coisas que são verdadeiramente do Espírito, coisas que são verdadeiramente de Deus. Mas nós, que vimos a vós — vendo como vemos, não apenas uma

geração mas muitas gerações, pois está no nosso poder ver e recuar no tempo...

Sabemos muito bem que muitos dos males da vida que recaem sobre os filhos da terra são estas coisas que foram semeadas em tempos e eras passados por pensamentos e atos errados. Em consequência, as gerações atuais, e aquelas que ainda hão de vir, possivelmente, serão assim afetadas, de acordo com as regras e leis da vida e da existência. Mas sabemos isto: que se conseguirmos mudar, gradualmente, as mentes dos homens, os pensamentos dos homens e, em consequência, as ações dos homens, virá um novo modo de vida, uma maior compreensão, maior paz, uma maior perceção da unidade com Deus e da Fraternidade.

E estamos tão ansiosos por semear as sementes onde quer que possamos. Penso muitas vezes para comigo, quando olho para os primórdios do nosso trabalho, em como tu própria — por vezes incerta, insegura, mas no entanto com um sentido dedicado, percebendo que tinhas um trabalho e uma missão e que eras verdadeiramente guiada e conduzida — quando percebes o poder que possuis e quando percebes a responsabilidade colocada sobre ti... no entanto sei que, bem no fundo de ti mesma, embora sentisses muitas vezes que era uma grande tarefa e uma grande responsabilidade, tinhas uma força que vinha do reino do Espírito. Muitas vezes, quando estavas física e mentalmente cansada, eras animada e elevada por estes pensamentos e pela proximidade que tantas vezes sentiste do poder do Espírito.

Nunca seremos capazes, num sentido, de te fazer a ti ou a qualquer outra alma compreender plenamente a imensidão do Espírito e o poder que ali reside, o que pode ser alcançado por ele, quando se tem essa fé que é em si tão dinâmica que pode mudar e transformar não apenas o indivíduo, mas pode transformar e mudar todo o ambiente e condição ao redor das pessoas. Não creio que ninguém no vosso mundo saiba plenamente o que significa ser verdadeiramente transformado e elevado, estar verdadeiramente em contacto, compreender verdadeiramente e saber que o poder do Espírito é tal que todas as coisas são possíveis.

Não professamos realizar milagres, mas professamos isto: que onde existe tal fé, onde existe tal amor, onde existe tal compreensão e onde existe a plena perceção do poder do Espírito Santo, este pode transcender e pode, na sua própria medida e tempo, transformar todas as coisas. Não esperamos que nem tu nem outros no vosso mundo que sois instrumentos consigais algum dia compreender plenamente o que significa ser um instrumento, o que realmente significa ter o poder do Espírito tão manifesto que, de facto, verdadeiramente,

coisas muito para além dos reinos e dos pensamentos e mentes dos indivíduos podem ser assim transformadas.

Quero que te enraízes cada vez mais nessa perceção. Há alturas, filha, em que causas a ti própria dor desnecessária, tristeza desnecessária, dúvida desnecessária. Sei que há alturas em que te sentes inadequada.

PARTICIPANTE: Ultimamente tenho-me sentido assim em relação ao mundo.

IRMÃO JOHN: Eu sei, filha, mas deve-se ver as coisas sob uma perspetiva melhor, talvez. Não é fácil quando vês ao teu redor o caos, a infelicidade, muitas das coisas que causam tão grave preocupação; quando vês, como vês frequentemente, tanto que causa dúvidas e medos; quando vês, como deves ver, a tristeza criada pela inumanidade do homem para com o homem. E no entanto digo-te: embora não possas possivelmente chegar a todas as pessoas — isso, claro, está fora de questão — aqui e ali tu podes, e chegas.

Mas o que talvez não compreendas plenamente é que cada dia da tua vida, de uma forma ou de outra, estás a servir. Estás, por assim dizer, a estender as asas da paz e do amor, e elas estão a envolver muitos indivíduos; talvez pessoas cujas vidas tocaste ao passar, e mal notaste, talvez, a perceção que lhes adveio; no entanto, através desse poder do Espírito que elas receberam — mesmo que te pareça temporário — ele permaneceu, em algumas instâncias, a tal ponto que elas também colocaram os pés no caminho do progresso espiritual e, em consequência, elas também levarão avante o seu trabalho à sua maneira, no seu tempo, na sua própria condição de vida. E é como a proverbial bola de neve que ganha ímpeto e cresce conforme segue o seu caminho.

Assim é com o nosso trabalho. Está sempre a progredir. Lentamente, talvez, possa parecer, e talvez seja. E embora se pense na imensidão do vosso mundo, se pense na imensidão da tarefa, no número incontável de almas que nunca poderiam, talvez — assim parece — ser alcançadas, no entanto estamos o tempo todo a chegar até elas. Embora nem sempre saibas isto, estamos frequentemente com almas muito distantes de ti, almas que tu própria não alcançaste, cujas vidas não tocaste, povos que não conheceste, frequentemente de outras nações, de outra cor; e vamos até eles e influenciamo-los pelo próprio poder do nosso amor e pelo poder do nosso pensamento.

Mas, claro, sabemos que precisamos de instrumentos — como tenho dito tão desesperadamente — mais instrumentos do que conseguimos encontrar; mais que tu possas assistir e ajudar a desenvolver, a terem essa paciência que tu tens e que percebes ser essencial e sabemos que deve ser se alguém quer

alcançar e desenvolver. As pessoas são, por vezes, impacientes. Não têm a perceção de que fazer este trabalho exige sacrifício; que devem, talvez, esperar muitos, muitos meses ou anos antes de poderem começar. Tantos estão, de facto, ansiosos e impreparados, num sentido, porque na sua ansiedade de fazer o trabalho começam cedo demais e não estão prontos para demonstrar e, em consequência, para servir. Mas, no entanto, onde existe paciência, amor e perseverança, onde existe verdade nos seus corações e o desejo de a espalhar, grandes coisas são possíveis.

PARTICIPANTE: Tenho estado um pouco desanimada com o meu pequeno círculo. Parece ter encolhido um pouco e a assistência está um bocado instável.

IRMÃO JOHN: Bem, filha, isto não me surpreende e, ao mesmo tempo, embora pareça e seja, talvez para ti, uma forma de desapontamento, devemos lembrar-nos que, de cada grupo de indivíduos que se reúnem, até certo ponto eles devem vir e ser mudados. Haverá aqueles que vêm cheios de entusiasmo e, gradualmente, o seu entusiasmo parece desvanecer-se. Surgem circunstâncias, talvez, e dão-se desculpas, e eles não podem estar presentes.

De todas as pessoas que se reúnem, em grupos e círculos por todo o lado, há uma triagem — levando por vezes muitos meses e, de facto, nalgumas instâncias, anos — em que certos indivíduos partirão e seguirão o seu próprio caminho, e outros permanecerão fiéis e verdadeiros e, em consequência, evoluirão, desenvolver-se-ão e serão postos à prova, não sendo encontrados em falta; então, o trabalho deles começará. Isto é algo que se deve aplicar sempre, filha.

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Não deves ficar indevidamente deprimida com este ponto. Só podemos dar a oportunidade, não é?

PARTICIPANTE: Sim, claro, filha.

IRMÃO JOHN: E mesmo aqueles que partem e parecem falhar, não é necessariamente assim. Pode bem ser que ainda não seja o momento para eles, que eles próprios não tenham preparado o caminho, que não estejam em si mesmos suficientemente certos ou seguros, que não estejam em si mesmos prontos para fazer o trabalho do Espírito. E no entanto, numa data posterior... pode parecer tarde, mas no entanto, mesmo que seja apenas um ano ou dois, isso é serviço. Não devemos julgar o serviço pelo número de anos, mas pela qualidade do trabalho que é feito e alcançado.

PARTICIPANTE: Sim, eu compreendo isso. Obrigada, querido.

IRMÃO JOHN: Talvez tenhas algumas perguntas, filha, que me queiras fazer.

PARTICIPANTE: Bem, é uma um bocado engraçada, na verdade. Nós escolhemos os nossos pais antes de virmos para a terra?

IRMÃO JOHN: Esta é uma pergunta que pode ser colocada na direção oposta: os nossos pais escolhem-nos a nós? Uma vez que os nossos pais não nos notam até nascermos e depois gradualmente começam a ver o desdobramento, o desenvolvimento e a formação, por assim dizer, do indivíduo... assim é no sentido inverso.

Nós não conhecemos necessariamente os nossos pais [antes]. Não sugiro com isso que não aconteça, no caso de renascimento, escolher os pais. Mas isto, num sentido, não é bem o que parece. Não devemos pensar, como alguns fazem, que nascer numa família significa necessariamente os laços da família — no sentido de que, embora nos tornemos, num sentido, moldados pelos membros da família e retiremos deles, conforme crescemos, alguma parte deles, da sua personalidade, do seu método de vida, dos seus interesses e assim por diante, e nos tornemos, num sentido, física e mentalmente algo parecido com os pais... isso não altera o facto de que somos, todos e cada um de nós, um indivíduo. Todos e cada um de nós nascemos e desenvolvemos e evoluímos a nossa própria personalidade particular. Tornamo-nos, por assim dizer, separados e no entanto parte.

Creio que se pode perceber esta verdadeira fraternidade do homem — como deveria ser e como sem dúvida será — que estamos tão ligados, uns aos outros, que quando falamos de pais, podemos falar de pais do ponto de vista de termos nascido numa família, de termos tido uma mãe e um pai e de eles nos terem dado o nascimento físico. Mas o que é importante é isto: que o nascimento físico em si é apenas, num sentido, o veículo de expressão do espírito. O espírito que é nosso é o nosso próprio espírito individual, embora seja parte do completo ou do todo. É como a divisão de um átomo que segue em números incontáveis de formas e direções e se move no seu próprio campo de atividade. Assim é a centelha de vida. É formada, num sentido físico, num corpo — um corpo físico que é o seu veículo de expressão. Mas nós próprios — o "nós" indestrutível, aquilo que somos — isso em si é o poder e a vida, o espírito, que pertence a todos nós.

Por outras palavras, não podemos saber (e num sentido não importa) se, por exemplo, escolhemos os nossos pais ou se os nossos pais nos escolhem a nós; o que é importante é que acontecemos, que nos tornamos, que somos, e que estamos todos ligados. Quando falamos de pais, pensamos em famílias, pensamos na proximidade de irmãs e irmãos, de maridos e mulheres, de

filhos. Mas esta é a conceção estreita e a visão estreita. Não sugiro que não tenha importância. Claro que deve ter, e tem. Temos amor, temos sentimento e intensidade, mais ainda para com aqueles que nos são próximos e queridos. Mas isto, em si mesmo, não é o mais importante. O que é importante é perceber que somos todos parte do Um.

Por outras palavras, somos todos parte do Divino, somos todos parte desse "eu" indestrutível que é, em si mesmo, apenas uma parte do todo. Sei que isto é difícil de colocar em palavras, mas como digo, num sentido, embora possamos — quando regressamos à terra por alguma razão ou propósito específico — escolher um progenitor ou progenitores, isso em si só é importante do ponto de vista de que talvez tenhamos escolhido um certo conjunto de circunstâncias sob as quais possamos nascer, ser criados e vir à existência. Que possamos talvez sentir que naquele grupo particular — porque é a isso que realmente se resume — porque quando pensas nisso, cada vida individual nasce num grupo. Primeiro começa numa família e depois, claro, espalha-se para os familiares e para os amigos e para vários outros aspetos da vida conforme progredimos.

Por outras palavras, nascemos por vezes em estratos de ser; por vezes elevamo-nos acima do estrato em que nascemos, por vezes permanecemos nele. Mas a questão é esta: é o que alcançamos e o que fazemos, o que somos capazes de nos tornar através dos esforços que são feitos ao lutar e ao esforçar pelas coisas que são de importância vital — as coisas que são indestrutíveis, as coisas que verdadeiramente são do Espírito. Por outras palavras, expressamos Deus de alguma forma, expressamos o Seu significado e o Seu propósito nesta vida. Fazemos as coisas que são esperadas de nós sob condições que às vezes são escolhidas, mas muito frequentemente não são escolhidas. Muito frequentemente uma pessoa nasce sem qualquer pré-conhecimento, sem qualquer pré-vida no sentido em que o conhecemos ou compreendemos; mas, no entanto, a cada célula é dada oportunidade. Por vezes ela não é aproveitada, por vezes grandes erros são cometidos, por vezes grande tristeza recai sobre o indivíduo e os povos ao redor desse indivíduo por causa dos próprios atos e modo de vida dessa pessoa.

Mas o ponto é que estamos todos a contribuir uns para os outros, que somos todos parte de um plano divino. Embora caiamos muitas vezes à beira da estrada e, em consequência, pareçamos perdidos, nunca estamos tão perdidos que não haja algum viajante na estrada que não nos ajude, nos eleve, nos guie, nos mostre o caminho. Existem aqueles que progrediram mais que outros, e existem aqueles que parecem não fazer qualquer esforço, não fazer qualquer progresso; mas nenhuma alma está perdida, e todas as almas — porque são parte umas das outras — todas são de facto guiadas de alguma

forma. Por vezes pode ser que devam regressar muitas vezes, mas isso não altera o facto de que nenhuma alma pode perder o caminho do amor divino. Todas devem regressar a ele, mesmo que se desviem dele.

PARTICIPANTE: Não, obrigada, isso é muito confortador.

IRMÃO JOHN: Sei que muitas perguntas são feitas e poder-se-ia quase dizer que nalgumas instâncias há muitas respostas para a mesma pergunta e, embora possam parecer variar por vezes, no entanto na essência são as mesmas. Sei que existem muitos problemas que assolam as pessoas, especialmente aquelas que procuram a verdade, e elas nem sempre percebem que a verdade tem muitas respostas e, embora possam não parecer semelhantes, fundamentalmente são as mesmas. Isto pode soar estranho se os que ouvem forem muitos, mas eu digo isto: que existe uma resposta, e uma resposta certa.

Existe uma boa resposta para todos os problemas, para todas as coisas que possam parecer importar mais; e muitas vezes, claro, essas coisas que parecem importar mais são — embora as pessoas não o percebam — as menos importantes. Muitas vezes as coisas que em si mesmas causam pouca preocupação são por vezes as questões importantes que por vezes são colocadas no plano de fundo da consciência de alguém — às vezes por medo, às vezes por um tipo de medo mais físico do que mental ou espiritual. As pessoas evitarão perguntas, evitarão questões. Quão frequente é ver na vossa vida pessoas a evitar as questões que são mais vitais.

IRMÃO JOHN: Por exemplo, existem aqueles que não discutem a morte; não discutem o que pode acontecer após a morte. Muitas vezes as pessoas têm medo de pensar por si mesmas nestas coisas. É algo em que não desejam deter-se ou pensar.

Ouve-se frequentemente as pessoas dizerem: "Oh, bem, quando chegar a altura descobrirei por mim próprio se há algo para além da morte". Mas elas têm medo porque creio que, nas suas mentes subconscientes, sabem que é verdade que existe vida além da morte; e sabem, dentro de si mesmas, que se aceitassem estas verdades, isso significaria que teriam de pensar e agir de forma diferente e tornarem-se, em consequência, pessoas diferentes. Teriam de sacrificar — pensariam elas — muitos dos seus prazeres.

Muitas pessoas são cobardes na medida em que não conseguem encarar a verdade. Essa é a tragédia do vosso mundo. E a miséria do vosso mundo surge porque os homens não encaram a verdade. Só encaram aquilo que é do material. E mesmo isso, por vezes, evitam se for desconfortável encará-lo. Muitos povos no vosso mundo são como são porque são fracos; porque não conseguem ver, ou se conseguem ver, não querem ver mais além; não fazem o

esforço de perceber que existe algo mais dinâmico, mais real, mais belo, mais duradouro, mais verdadeiro do que a vida material.

Muitos agarram-se às coisas materiais, mas, conforme os seus dedos as apertam, sabem que eventualmente elas lhes serão arrancadas das mãos. Os homens em todo o lado sabem, nos seus corações, que são como crianças na medida em que estendem as mãos para os brinquedos que sabem que muito em breve abandonarão; brinquedos que, em si mesmos, darão um prazer momentâneo e depois serão partidos, ou perdidos, ou destruídos de alguma forma. Os homens são tão parecidos com crianças e, no entanto, num sentido, se os homens pudessem ser como crianças no verdadeiro sentido — na simplicidade — se fosse com a simplicidade da criança que procurassem, encontrariam a verdade que os libertaria, que lhes daria grande força e coragem, que lhes daria a perceção da verdade e do que ela pode significar, transmitir e realizar em consequência.

Mas tantos povos no vosso mundo só se preocupam com os prazeres momentâneos; não se preocupam com as verdadeiras realidades, as virtudes duradouras. Mas estas coisas virão para toda a humanidade; gradual mas seguramente o homem evoluirá. Pode levar horas e tempo, mas no entanto deve chegar para cada alma o momento em que encontrará por si mesma o caminho da verdade, da vida e da felicidade — a verdadeira felicidade.

Sei que virás falar comigo novamente antes do Natal, por isso reservo a minha mensagem de Natal para essa altura, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

IRMÃO JOHN: Que eu te deixe com todas as minhas bênçãos. Não fiques desanimada ou triste. Sê de boa fé e de bom coração, e sabe que continuaremos a servir e a realizar o trabalho do Espírito. A paz esteja contigo, filha.

PARTICIPANTE: Rezo para que fiques bem.

IRMÃO JOHN: Adeus, filha. Deus te abençoe.

MICKEY: Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey querido.

MICKEY: Muito bem, senhor.

Sessão 30373

MICKEY: E como estás? Olá, Micken [Daisy], sim, muito bom. Já ligaste a máquina? Oh, sim, tenho de a ligar antes de começarmos. Como estás, Daisy Jones?

PARTICIPANTE: Oh, muito bem, obrigada.

MICKEY: *Daisy, Daisy, can you answer to me? I'm half crazy all for the love of you...* [Cantarolando "Daisy Bell"]. Terás de ser boa.

PARTICIPANTE: Obrigada. Lembras-te de todas essas velhas canções?

MICKEY: Sim, com certeza. Eu próprio sou um "velhote". Ela é o meu amor... [Canta trechos de "Lily of Laguna"]. Eu sei que ela gosta de mim porque ela disse-o. Ela é o lírio de Laguna. É a minha dama. Isso é bom.

PARTICIPANTE: Obrigada, Micken.

MICKEY: Oh, foi desafinado. Sim, foi desafinado. Muito bom. Eu gosto de cantar, tu não?

PARTICIPANTE: Oh, sim, acho que é muito agradável.

MICKEY: O teu aniversário é em breve, Daisy?

PARTICIPANTE: Não, querido, ainda falta muito.

MICKEY: Bem, olha, podes dizer-me por que razão alguém aqui se refere a um aniversário de aniversário em maio?

PARTICIPANTE: Maio? Não, acho que não, não de cor.

MICKEY: 16 de maio. Valha-me Deus, 16 de março.

PARTICIPANTE: Março, é? Bem, março era o aniversário do meu pai e ele está no espírito há 54 anos, digo-te já.

MICKEY: Bem, pergunto-me se baralhei as coisas, mas sei que é dia 16 e pensei que fosse maio, talvez março. Soa parecido. É dia 16, hmm. Sim, é, sabes. Tu és uma coisinha engraçada, não és?

PARTICIPANTE: Oh, valha-me Deus. Somos todos um bocado engraçados.

MICKEY: Que idade tens, Daisy Judge?

PARTICIPANTE: Oh, querida. Mais uma vez... tenho 73.

MICKEY: Bem, acho que estás muito bem para 73, não achas? Vais chegar aos 93, aposto.

PARTICIPANTE: Achas?

MICKEY: Bem, não me surpreenderia. Tenho um irmão com 90 e tal. Quem é o Alfie? Quem é o Alfred?

PARTICIPANTE: Oh, é um grande amigo meu no espírito.

MICKEY: Bem, está aqui um homem que diz: "Diz à Daisy que sou o Alfred e desejo ser lembrado e envio-lhe o meu amor".

PARTICIPANTE: Olha, que bom.

MICKEY: E também está aqui outra pessoa chamada Lou.

PARTICIPANTE: Sim, a tia Lou.

MICKEY: Ela envia-te o amor dela e está aqui com a Emmy.

PARTICIPANTE: Quem? Emmy? Oh, bem, eu tenho uma... Emily. Tia Emmy.

MICKEY: Sim. Há muita gente tua aqui hoje. Não sei se o Irmão John vai ficar em segundo plano para variar.

PARTICIPANTE: Não! O quê?

MICKEY: Não queres a tua própria gente então?

PARTICIPANTE: Oh, gostaria deles, mas não quero que o Irmão John fique em segundo plano.

MICKEY: Bem, acho que ele estaria preparado para isso, para variar. Não faria mal nenhum, pois não?

PARTICIPANTE: Sim, acho que faria.

MICKEY: Oh, tu és engraçada. A maioria das pessoas vem e tudo o que querem é a sua própria gente. Não estão interessadas em mais ninguém. E tu és precisamente o oposto, não és? Vais trotando por aí com a tua mala, não vais? Vais a este lugar e àquele lugar e sobes para aquela tribuna, como lhe chamas. E falas, e falas, e falas, não é? Mas sabes, recebes muita ajuda maravilhosa. Ficas inspirada sobre o que dizer e tudo. És uma boa alma. Gosto de ti.

PARTICIPANTE: Ainda bem que gostas.

MICKEY: Toda a gente aqui te ama.

PARTICIPANTE: Oh, fico feliz. Também gosto de ti, porque sinto que és um companheiro meu.

MICKEY: Bem, claro que sou teu companheiro. Conheço-te há muito tempo. Nem toda a gente é assim tão "velha-Daisy Judge", sabes. Pois não? Não, é um medo dos diabos, não é?

PARTICIPANTE: Oh, o Timothy deve ter visto isso. Por mim não. Eu não aprovo palavrões.

MICKEY: Oh, "bleeding" não é palavrão. Pois não? Oh, não, não é. Tu não lês a tua Bíblia, então. Há palavras mais rudes do que essa na Bíblia.

PARTICIPANTE: Sim, mas isso não diz que tenhas de as dizer.

MICKEY: Bem, por que as puseram num... o que é um livro antigo? Foi o que quase escreveste, pai. Bem, então. Não discuto contigo. Não compreendo as pessoas. Eu até chamo a uma pá, uma pá.

PARTICIPANTE: Sim, mas é desnecessariamente feio, creio.

MICKEY: Oh, bem, suponho que seja ao que se está habituado. É verdade. Quero dizer, depois de tudo dito e feito, palavras são palavras. Enfim, não importa. Quer dizer, há pessoas que chamam a Deus "Deus", não é? Algumas dizem Jeová, outras dizem o Todo-Poderoso, outras dizem outra coisa qualquer. Significa tudo a mesma coisa. Não sei por que as pessoas ficam... Não importa. Sabes, acho que é totó. É loucura. Enfim, todos temos os nossos direitos nisto, não temos? E no entanto as pessoas cantam na igreja, não cantam? "O sangue do Cordeiro" e tudo isso. Eu não canto. Bem, quer dizer, é engraçado, não é? Não vejo que diferença faz. Não discutas.

PARTICIPANTE: Oh, não estou a discutir contigo.

MICKEY: Não, não discutas. Porque tenho a certeza de que ganharia. Tenho a certeza. Tu és uma coisinha tão engraçada. Alguém estava atrás de ti no outro dia quando estavas a comprar alguma coisa.

PARTICIPANTE: O que foi isso, querido? Não sei.

MICKEY: Alguém diz que estavas na retrosaria, seja lá o que isso for.

PARTICIPANTE: Não, não estava. Não sei.

MICKEY: O que é uma retrosaria?

PARTICIPANTE: É onde se compram e vendem miudezas, sabes, linhas, botões e todo esse tipo de coisas.

MICKEY: Não compraste nada num matadouro, Shireen? Alguém estava a falar de ti, e estavas a pegar em algo e a olhar para ele. Talvez não tenhas comprado. Algo relacionado com tecido. És tu? Sim, a minha barriga está a roncar, amor, desculpa.

PARTICIPANTE: Bem, controla-a.

MICKEY: Oh, e essa fica gravada, não fica? Roncos, as pessoas pensam que o espírito começou. Conheces essa? Sim, conheço. Agora, isso não é maldade.

PARTICIPANTE: Não. É a forma como se canta, não é?

MICKEY: Não. Oh, valha-me Deus, temos aí a Mary Lloyd, Mickey. Bem, bem, bem. O que é tudo isto? Ele está cheio de energia esta manhã, Irmão John. O nosso amiguinho está cheio de bom humor e diversão.

IRMÃO JOHN: Sim. Creio que tiveste de o repreender. Não vou entrar na discussão e argumento sobre se se deve dizer isto ou aquilo em relação à linguagem. A linguagem, por muito fina que seja, por muito descritiva que possa ser, ainda assim não retrata nem descreve realmente muitos aspetos da nossa vida aqui. Escutei inumeráveis almas deste lado da vida que se esforçaram o melhor que puderam para te dar uma descrição de alguma esfera ou condição de vida em que se encontram. E percebo, como estou certo que muitos deles devem perceber, quão ilusório isso é. Como se pode colocar em palavras muitos dos aspetos da vida que são normais e naturais para nós? As palavras não conseguem retratar nem descrever muitos e muitos dos variados graus e condições da nossa existência. Muitas vezes uma alma, na sua ansiedade e desejo de transmitir informação para o vosso mundo, fica sem palavras. E mesmo quando encontra palavras para tentar explicar ou descrever, sente-se muito carente na sua descrição.

Se te dizemos, como dizemos, que o nosso mundo é nalgum aspeto semelhante ao vosso, assim o é nas esferas mais próximas da terra. Se alguém pudesse retirar do vosso mundo todas as coisas que causam infelicidade, todas as coisas que angustiam, todas as coisas que são feias, todas as coisas que causam angústia ao coração humano, então talvez terias alguma vaga descrição das esferas não tão afastadas da vossa. O homem, infelizmente, enquanto na terra, pelos seus pensamentos e pelas suas ações, criou ao longo dos séculos muitas coisas que causaram mudança. Só na natureza, à parte de outros aspetos de si próprio, se conseguires afastar-te — como por vezes consegues fazer — do mundano e do comum, para longe do stress e da tensão das grandes cidades, entrando na beleza, na tranquilidade, na paz e na harmonia do campo, então tens alguma ideia de como é a nossa vida. Mas mesmo assim, muitas coisas mudaram, muitas coisas são diferentes.

PARTICIPANTE: O homem estraga-o, não é?

IRMÃO JOHN: A poluição que o homem trouxe à existência — quer seja no ar que respiras, ou nos mares e nas águas, ou noutras formas,

demasiado numerosas para mencionar — o homem trouxe à existência um estado de ser caótico e infeliz. Deve ser muito intrigante para muitas pessoas no vosso mundo quando tentam pensar como será o nosso mundo. Mas existem aqueles, lamento dizê-lo, devido ao seu contexto e à sua educação, e devido ao aspeto religioso do ensinamento que assimilaram ao longo do tempo, que imaginam que o nosso mundo é um mundo composto principalmente, neste ambiente e condição, por pessoas que são o que se chama vagamente "religiosas".

Têm esta ideia de que serão arrebatadas e que estarão ao lado direito do Pai; que, num sentido, viverão numa atmosfera e condição que, pela sua própria natureza, lhes traria felicidade. Apanham uma surpresa, não apanham? E no entanto, minha filha, quão poucos são os que percebem a realidade da vida após a morte, da sua naturalidade, da sua beleza, da sua grande capacidade de assimilar nova experiência e conhecimento. Não há estagnação. Existem aqueles que assumem, como já disse, que estarão num estado, por assim dizer, de constante louvor ao Senhor, constantemente a cantar, constantemente conscientes apenas deste aspeto bíblico ou religioso, mentalidade e perspetiva.

Existem grupos de almas, é verdade, em certas esferas, que vivem num tipo de mundo que é uma ilusão, onde se reúnem, onde cantam louvores ao Senhor, onde se comportam o tempo todo como se estivessem nalgum tipo de céu da sua própria criação, completa e absolutamente inconscientes de que as suas forças de pensamento criaram quase uma barreira entre elas e a verdadeira perceção da vida e das suas possibilidades.

PARTICIPANTE: Como é que elas se libertam?

IRMÃO JOHN: O tempo, claro, para nós, é como nada; e o tempo, num sentido, é verdade dizer que é uma ilusão, mas estes povos de quem falo têm um sentido de tempo. Isto não se aplica necessariamente apenas àqueles de mente e convicção religiosa, mas existem muitos povos que, sem talvez compreenderem plenamente, criam um aspeto de tempo e, para eles, as suas vidas são, nalguns aspetos, semelhantes umas às outras. E, para alguns, podem passar por um período que tem um aspeto temporal dentro de si mesmos, de consciência, mas que não tem realidade em si mesmo. E, eventualmente, alguns deles, pelo menos, libertam-se ou são libertados pela ajuda de outros.

Mas tudo depende do indivíduo. Se uma pessoa tem um conceito muito estreito, se uma pessoa tem convicções fortes de que aquilo em que acredita é o certo e tudo o resto é errado, então, por um tempo, viverá num ambiente mais adequado a si própria; e até que comece a pensar profundamente e a ativar a sua vida numa direção diferente, assimilará apenas aquilo que

consegue assimilar pelo seu desejo e vontade. E tu tens, portanto, muitas almas que, cheias de tempo, se agarram a credos e dogmas antiquados, aspetos religiosos, e à sua própria moda e maneira, são felizes.

Mas, claro, chega um momento, eventualmente, em que começam a pensar: "Isto é real? É mesmo assim? Estarei a ser um bocado tolo? Terei sido enganado?". Quando começam a pensar profundamente que estão, por assim dizer, presos numa atmosfera que eles próprios trouxeram à existência... até que consigam libertar-se destes pensamentos, não conseguem encontrar uma perceção maior do significado e propósito da vida para além desse confinamento que criaram. Mas nós esforçamo-nos por ajudá-los em várias esferas; visitamos e vamos a estes lugares, a estas condições de vida, e muitas vezes somos repelidos e recusados, reconhecidamente até; e existem de facto muitos, claro, que nos dão as boas-vindas, mas não no sentido de poderem aprender algo connosco, ou que necessariamente aceitariam o que lhes dizemos, mas o seu aspeto mental é o de que nos querem salvar.

Pensam que somos anjos caídos, ou que somos almas que não captaram a verdade e a realidade, e no seu esforço e desejo de nos salvarem, por vezes entra um vislumbre de luz. Começam a pensar e a perceber que nós temos... eventualmente percebem que nós temos algo que lhes falta a eles. Por exemplo, temos uma liberdade que, nas fases iniciais, eles ressentem e, de facto, assumem que nós, por assim dizer, mostramos uma fachada falsa, que por vezes estamos a tentar enganá-los por uma exibição exterior. Veem a luz que nos envolve. Veem a emanação áurica — como tu me dirias — ao nosso redor e, no caso de alguns, começam a perguntar-se se talvez, de alguma forma estranha, somos de uma esfera não só diferente da deles, mas mais avançada.

A atitude mental de muitos dos povos, variando como deve variar de acordo com eles próprios... os fanáticos e os estreitos são os que — particularmente aqueles a quem se referem como os anciãos, aqueles que, por assim dizer, agem na capacidade de instrutores, ou aqueles cuja tarefa é, como eles a veem, liderar — eles são os que mais nos ressentem. Estive — eu estive — no que chamarias reuniões onde existem milhares de almas e, acredita-me, não são infelizes nesse estado de ser. São extremamente felizes, mas vivem neste mundo fictício e falso de ilusão que criaram, e cantam todos os hinos das suas lembranças da vida passada, e agem na capacidade de uma seita ou caminho religioso muito estreito e, em consequência, constroem, de uma forma estranha e peculiar, uma barreira de bloco. Não tens apenas a barreira individual, mas tens a barreira de bloco de milhares de mentes, todas sintonizadas juntas; e é por isso que estão, num sentido, com uma disposição feliz.

Mas, gradualmente, tem surgido nalguns a ideia de que estão a viver num paraíso de tolos, que não estão a progredir de forma alguma e que muitos estão de facto ainda à espera deste "dia da ressurreição", quando serão todos reunidos e regressarão à terra. Ainda existem, lamento dizê-lo, almas que assumem que habitarão a terra e serão os eleitos; e existem aqueles que estão de facto muito intrigados, porque não encontraram Deus. Assumem que isso não terá lugar até ao momento em que regressarem à terra e os seus corpos físicos ressuscitarem do solo, e que serão remontados e eles próprios assumirão feitio e forma num sentido material.

IRMÃO JOHN: Eles têm atitudes mentais estranhas. Suponho que, na verdade, tudo o que foi dito prova que o ato de passar para o vosso mundo não é necessariamente revelador [de imediato]. Para alguns, não.

Mas suponho que, num sentido, seria verdade dizer que existem alguns que estão tão cegos, claro, pelas suas próprias noções e ideias preconcebidas e pelas suas convicções religiosas, contextos e educação, que criam para si próprios este tipo de mundo de ilusão — que é muito real para eles, como já disse — e estão bastante felizes com isso. Estão firmemente convencidos de que o seu grupo ou bando particular, ou a sua esfera de atividade de vida, que é puramente baseada numa religião material... por estranho que pareça eu dizer "religiosa e material", porque a conceção do espiritual que muitas destas pessoas têm é, na base, realmente material. E criam este aspeto muito forte do "eu" e da vida, e entram nesta condição de tal forma que, para eles, essa é a realidade; e, num sentido, pensam que aprenderam uma certa quantidade, pensam que assimilaram talvez tudo o que há para ser assimilado. Por outras palavras, é verdade dizer que, em vez de progredirem, estão parados. Este é o ponto que tentamos explicar-lhes: que toda a vida deve, pela sua própria natureza, ser progressiva.

Não se pode estar parado. Nenhuma vida pode ser estagnada, e a tragédia com muitos dos povos religiosos do mundo é que estão estagnados. Tomaram para si certos dogmas, aceitaram certas ideias e teorias de natureza religiosa e, porque assumem que apenas isso e só isso é verdade e tudo o resto é falso, agarram-se de tal forma a estes credos antiquados que não conseguem mover-se para fora desse círculo que criaram. Estão presos pela sua própria ignorância.

PARTICIPANTE: Oh, valha-me Deus. Creio que o que disseste se aplica em grande parte a esse tipo de pessoa... mas a maioria das pessoas que partem com ideias fixas conseguem libertar-se. Lembro-me sempre do Cosmo Lang [antigo Arcebispo da Cantuária] a regressar, e ele disse que o dogma e o credo que tinham sido a sua vida, ele descobriu que não eram necessários.

IRMÃO JOHN: Sim, bem, claro que isso é verdade em muitas instâncias, em muitos casos. Gostaria de clarificar este aspeto: há muitas almas, claro, que mudam muito rapidamente a sua visão, a sua perspetiva, a sua força de pensamento; mas refiro-me — não tanto a alguém como Cosmo Lang, que era um homem de educação e contexto, um homem de pensamento profundo que se agarrava talvez até certo ponto aos ensinamentos da Igreja — mas estou a pensar mais nessas pessoas que chamais de Testemunhas de Jeová, o tipo de indivíduo do "evangelho quadrangular", que são rígidos, absolutamente rígidos nas suas atitudes de pensamento e mente relativamente à vida após a morte ou à religião como tal; que acreditam realmente, no fundo de si mesmos, que são os eleitos. Refiro-me muito mais a esse tipo de pessoas.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei que sim. A minha mãe disse há muito tempo, quando lhe perguntei, que a religião do vosso lado era bastante diferente da terra e muito mais maravilhosa.

IRMÃO JOHN: Bem, claro, religião... sim, esta é uma palavra muito antiquada. A religião cobre muito no vosso mundo. Cobre todo o tipo de indivíduos, grupos, seitas e organizações. "Religião" é uma palavra usada para cobrir, de facto, tantas facetas diferentes no que diz respeito à crença humana. A verdadeira religião, se puder usar a palavra, é a perceção do espírito sobre o poder que está no interior — como o próprio Cristo disse, o poder dentro do homem; é o coração do homem que é indestrutível, é o espírito que, pela sua própria natureza, é capacitado a superar. Tanta gente assume tanta coisa errada em ligação com os seus aspetos religiosos.

A verdadeira religião é, em grande medida, a perceção de que fazes parte de um grande todo espiritual, de que fazes parte da força omnipotente que é indestrutível; que és, por assim dizer, um aspeto da realidade que é tão enorme que ninguém a consegue agarrar totalmente. É a perceção, vinda de dentro de si próprio, de que tudo o que é bom, pela sua própria natureza, continuará e expandir-se-á e evoluirá ainda mais no reino do espírito. E tudo o que é mau, tudo o que é perverso, tudo o que é o oposto daquilo que é de Deus, é destruído ou perde o seu poder na evolução do espírito humano.

Um homem é mais do que um homem; não é apenas um feitio e uma forma, ele é parte de uma grande força espiritual que desafia qualquer descrição. Quando o próprio Cristo disse que "obras maiores do que estas fareis, porque eu vou para o meu pai", indicou claramente que, apesar de parecer à humanidade que Cristo revelou tudo ou muito, que foi capaz de superar e alcançar todo o tipo de coisas referidas como milagres... ele percebeu que mesmo aquilo que fez, por grande que tenha sido (e ninguém se aproximou dele nisto), ele sabia que o poder dentro de todos os homens estava

lá, a mesma força animava todas as criaturas de Deus, e que todas estas coisas que ele fez podiam ser feitas por outros. Uma vez que se perceba o poder do espírito... é o espírito do homem que é indestrutível, é o poder do espírito que supera, é o poder do espírito que torna todas as coisas possíveis.

O homem não é apenas feitio e forma; sei que muitos não gostariam de sentir que não teriam feitio ou forma, e claro que o homem continua a tê-los. O homem é reconhecível deste lado da vida, as pessoas reconhecerão os seus entes queridos quando vierem para aqui; exteriormente parecerão como pareciam na terra no auge da sua juventude, mas isso não altera o facto de que o poder do espírito dentro de cada um começará, pela sua própria natureza, a expandir-se, e começará a assimilar novo conhecimento, nova experiência, em qualquer condição ou esfera de vida em que se encontre. O homem deve perceber que é mais do que um feitio e forma exteriores; que não é apenas uma pessoa, não é apenas como pensa que é, como se vê ao espelho ou como os outros o veem, conhecem ou pensam que o conhecem.

Quando um homem se esforça por se expressar e mostrar-se ao mundo, quão poucos são os que podem alguma vez esperar compreender plenamente qualquer indivíduo em particular. Podes ver facetas ou aspetos da vida de um indivíduo que conheceste e amaste; podes viver um século com um indivíduo e conhecer essa pessoa muito bem, mas continuas sem conhecer muitas das facetas, muitos dos aspetos do "eu" que não podem ser revelados, que não podem ser expressos nem pelo feitio, nem pela forma, nem pela fala. O ponto central é que o homem não consegue assimilar muito numa existência terrena. Pode assimilar uma certa quantidade, pode ser capaz de fazer certas coisas de uma certa maneira de acordo com a sua luz, mas no entanto a luz do indivíduo na terra, pela sua própria natureza — embora a pessoa possa aspirar — continua a ser ténue em comparação com a luz do espírito.

PARTICIPANTE: Posso perguntar-te uma coisa? Em relação a isso... li no *Psychic News* no outro dia, e já ouvi expressarem isso, que as pessoas pensam que apenas parte do seu "eu" espiritual regressa à terra — uma certa faceta — para aprender uma lição particular, e o resto do seu "eu" espiritual continua no espírito. Bem, eu não consegui compreender isso. Na verdade, até conheço alguém que pensa que é guiado pelo resto do seu "eu" espiritual enquanto ainda está na terra.

IRMÃO JOHN: Bem, de certa forma, talvez pareça inexplicável e, no entanto, existe uma base de verdade. Se te puderes ver como um vaso, e que nesse vaso podes deitar uma certa quantidade e não mais, assim acontece com toda a vida humana ao redor: este poder do espírito não está necessariamente contido num feitio ou forma. É uma força animadora, uma força dadora de

vida. E é verdade dizer, creio eu, que um indivíduo pode reter dentro de si, durante a sua existência terrena, certos aspetos do "eu" que podem expressar-se e se expressam; e o poder que flui poderá ser usado de várias formas. Como já te disse, cada homem está cheio do Espírito Santo, mas só pode ser preenchido até certo ponto; mas quanto mais progride, e quanto mais emana e expressa este poder, mais pode colher para si próprio e assimilar.

Vês, é difícil para as pessoas. Elas assumem sempre que o espírito é uma réplica direta do corpo físico. Não é assim. O espírito, pela sua própria natureza, é uma força ou parte vital do eu, mas é realmente apenas uma parte infinita, muito minúscula, do todo. O que estamos a dizer, num sentido, é que o homem é preenchido pelo Espírito Santo, mas o seu feitio ou a sua forma — o seu corpo astral, ou a sua contraparte do material — isto é também apenas um aspeto da realidade do eu. Tu conheces-me agora [através da voz]. Eu sei. É aqui que entramos em complexidade porque não há palavras que consigam descrever. O homem tem um corpo espiritual. Tem um corpo material enquanto está na terra, mas o corpo espiritual, que anima o material (ou deveria, se for uma pessoa evoluída), o corpo espiritual está sempre a ser reabastecido de acordo com a aspiração do homem.

Se um indivíduo na terra se esforça por expressar o poder do espírito a partir de dentro de si, então o seu aspeto espiritual é tal que precisará de reabastecimento, precisará de apoio, precisará de uma maior vitalidade de espírito; e então, do mundo exterior do espírito, emana através dele mais poder espiritual revitalizante. Gostaria que fosse possível explicar isto. É aqui que creio que Cristo, e todos os grandes mestres e profetas de outrora, recebiam a sua instrução, recebiam a sua orientação, recebiam o seu poder de fora de si mesmos; e o corpo espiritual, ou o aspeto espiritual do eu, era constantemente reabastecido por uma nova força dadora de vida.

PARTICIPANTE: Bem, suponho que essa é a lei, na verdade.

IRMÃO JOHN: Se o homem pudesse apenas ver que o seu corpo físico é meramente a casca exterior, apenas o aspeto físico do seu eu espiritual... Conforme um homem pensa e conforme ele é... se vive, pensa e respira puramente de uma forma material, sem qualquer uso da essência espiritual ou vitalidade espiritual interior, é então que ele fica escravizado na matéria material, e pensa e age em conformidade. Mas quando ao poder do espírito é permitida a liberdade de se expressar e animar o material, então tens esta fusão entre o material e o espiritual. Tens um equilíbrio, por assim dizer, de um indivíduo que é motivado pelo espírito, animado pelo espírito.

E, claro, se isto acontece — como deveria acontecer em toda a vida humana, e só acontece em ocasiões raras com grandes almas — então tens

uma pessoa, uma realidade de eu espiritual que é tal que nada lhe é impossível no sentido material. Supera o material. Supera a tal ponto que uma pessoa num corpo material animada pelo poder do espírito pode caminhar sobre as águas, pode fazer os milagres que Jesus realizou — por outras palavras, pode ser levitada ou erguida onde o corpo deixa de perder o seu eu material. Pode ser apenas temporariamente, mas no entanto o poder do espírito torna possível ao homem superar a carne.

PARTICIPANTE: Quero dizer-te que esta última semana pus isso em prática. Sabes que eu tinha um problema na anca e perguntei por ti. Bem, fui às compras e cada passo era quase uma agonia e eu pensei: "Bem, isto é ridículo, o que faria a minha amiga da Ciência Cristã? Ela diria que não há nada de errado com a minha anca". Então eu disse: "Não há nada de errado com a minha anca". E a partir daí tem estado melhor.

IRMÃO JOHN: Ora, devias levantar-te todas as manhãs e dizer que estás cada vez melhor.

PARTICIPANTE: Sim, bem, estou.

IRMÃO JOHN: Mas vês, este é um aspeto disto. Claro, não estou a sugerir nem por um momento que isto se possa aplicar a algumas pessoas de idade avançada [em todos os casos], porque todos temos de perceber que a maquinaria e o mecanismo do corpo físico passarão por esse período de declínio e eventualmente desintegrar-se-ão. Isto deve ser a própria natureza das coisas. Mas, no entanto, quando se é positivo no pensamento, consegue-se em grande medida superar as deficiências ou superar o problema do material. Eu sinto que, conforme envelheces, com a tua força de pensamento podes, em grande medida, superar certas incapacidades de natureza física.

E isto queremos que, obviamente, tentes fazer com a nossa ajuda e cooperação, para que possas continuar e possas elevar e esclarecer aqueles que habitam na escuridão material; que lhes possas dar luz onde não há luz, que lhes possas dar força onde só há fraqueza, que lhes possas dar esperança onde há dúvidas e medos. Filha, tens feito grandes coisas, maiores do que sabes, pelo poder do Espírito. E este trabalho continuaremos a fazer até ao momento em que tu própria sejas chamada para o lar espiritual da vida eterna.

Sê paciente contigo própria. Sê paciente com os outros. Faz aquilo que deves fazer e podes fazer pelo poder do Espírito e sabe que, aconteça o que acontecer, tudo está bem. O meu amor, a minha paz, a minha bênção estejam contigo e com todos os que ouvem a voz do Espírito. Que sejam elevados e fortalecidos. Que vejam a verdade tal como ela é verdadeiramente dada. A paz esteja contigo, filha. Deus te abençoe.

PARTICIPANTE: Desculpa se te irritei [com a discussão do Mickey].

IRMÃO JOHN: Não me irritaste, querida.

IRMÃO JOHN: Bem, minha filha. O que pensas de tudo isso? Eu admiro o Mickey. Ele é uma personalidade notável e uma alma muito, muito querida, de facto. Ele é alguém que se esforça por servir de todas as formas possíveis e imagináveis, e empenha-se em ajudar cada indivíduo que procura a verdade. Ele pode não ser capaz, talvez, de dizer e fazer sempre o que desejaria, embora eu tenha a certeza de que ele possui uma personalidade e um caráter tão assertivos que muito pouco fica por dizer quando ele deseja transmitir algo. Mas há verdade no que ele diz.

...por assim dizer, muito mais do que muitos que também têm uma reivindicação igual ao tempo que está à sua disposição. Esse é o propósito, não é? Sim, filha, é o propósito que eu venha e dê a mensagem do espírito; que eu assuma, por assim dizer, o comando, e que use o melhor da minha capacidade e a oportunidade que se apresenta para transmitir a mensagem universal da verdade, para que todos os que ouvem a minha voz ganhem um pouco mais de conhecimento e experiência que os ajude e beneficie. Mas percebo que existem outras almas ligadas que, à sua própria maneira e à sua própria moda, desempenham um papel muito importante.

Elas podem não se dar a conhecer, podem não vir falar, mas trabalham, como acontece frequentemente, nos bastidores. Elas criam e ajudam a tornar possível o caminho que trilhamos juntos. Eu venho e falo através de ti e para ti numa ocasião como esta, chegando aos outros especialmente através das tuas gravações e através daquilo que passas da caneta para o papel, para que muitos possam ler e digerir aquilo que tenho para dar.

Mas sinto que é justo clarificar, até certo ponto, que eu próprio — embora seja o motor principal, o orador principal, por assim dizer, em todas as nossas transações e comunicações — sou, num sentido, apenas o porta-voz de muitos, muitos que estão longe da terra, mais evoluídos do que eu. Eu ajo, por assim dizer, como um instrumento para eles. Eu venho e falo, e as palavras que te dou são minhas, mas, ao mesmo tempo, muitos dos pensamentos que fluem são os pensamentos de almas nas esferas; e eu por vezes vou entre eles, estou com eles e transmito a minha experiência para eles em ocasiões como esta.

Existem muitos aspetos desta verdade e eu penso, e tenho pensado frequentemente, que deveríamos, onde fosse possível, contactar almas no vosso mundo que estão perplexas, inquietas e inseguras, que talvez tenham algum problema de natureza espiritual, para que eu possa, em alguma medida, ser capaz de responder, ajudar e dar-lhes essa mensagem que tão intimamente

e individualmente desejam. Sabes, reunimo-nos em ocasiões como esta e conversamos. Às vezes esforço-me particularmente por falar de uma forma que sinto que será, num sentido, algo geral. Por outras palavras, para que muitos se possam envolver naquilo sobre o qual falo. Tento o melhor que posso discutir problemas, circunstâncias e situações, particularmente pertencentes à minha vida e à de outros aqui, para dar uma visão do mundo do espírito e tornar possível que indivíduos do vosso lado fiquem conscientes deste poder de tal forma que os beneficie e, em certa medida, ajude a mudá-los em conformidade.

Mas há momentos e alturas em que me pergunto se não seria uma boa ideia que, entre os teus amigos e aqueles que estão interessados no nosso trabalho, eles apresentassem perguntas que tu me pudesses trazer.

PARTICIPANTE: Sim, bem, tenho uma rapariga, ela é uma pensadora muito profunda e é a rapariga que prepara os cafés para mim. Sim, a Jane. E sempre que lá vou, ela tem sempre algumas perguntas para fazer.

IRMÃO JOHN: Ora, é isso mesmo que gostaríamos.

PARTICIPANTE: Bem, ela colocou-me duas e...

IRMÃO JOHN: Podemos começar com uma.

PARTICIPANTE: Bem, uma era: "Para que serve tudo isto?". Eu disse: "O quê?". Ela disse: "Bem, dizes que tenho de dar amor aos animais, aos pássaros e às pessoas. Eu dou, mas eles continuam a lutar entre si. E depois dizes que vamos passar de diferentes esferas para diferentes esferas, mas que nunca vamos atingir a perfeição. Para que serve tudo isto?".

IRMÃO JOHN: Esta é uma pergunta antiga, talvez embrulhada numa embalagem diferente e apresentada de uma forma distinta. Mas esta é a pergunta milenar desde que o próprio homem começou a pensar. Para que serve tudo isto? Isto é, assumindo que o indivíduo aceita a realidade da vida eterna. Para que serve tudo isto? Suponho que, num sentido, esta seja uma pergunta sem resposta e, no entanto, não creio que o seja totalmente.

Perguntas e respostas. Estas coisas que por vezes são colocadas diante de nós e que, à sua maneira, apresentam talvez um problema, uma dificuldade. Quando se começa a pensar profundamente — e quero dizer muito profundamente — quando se percebe que o espírito humano é indestrutível, que o espírito humano é a base de toda a vida; que sem ele, sem o seu poder, esta força dadora de vida (chamai-lhe o que quiserdes, tem muitos nomes), não poderíamos existir, não poderíamos ser, não teríamos qualquer perceção ou consciência de todo; estaríamos, num sentido, por assim dizer, mortos. Sem conhecimento, sem sentimento, sem emoção, sem forma de expressão,

deixaríamos de ser. Mas toda a vida é movimento, toda a vida é mudança. Nada fica parado.

A pessoa comum no vosso mundo, se é que pensa, assume que a vida é puramente aquilo que ela experiencia dia após dia, hora a hora, momento a momento; assume que o físico e o material, a que chama vida, é o princípio e o fim de tudo e que, após a chamada morte física, o seu corpo deixa de funcionar e que, portanto, não tem conhecimento, não tem nada. Por outras palavras, ele é como nada, deixa de ser, e portanto isso é para ele o fim. Mas todos sabemos, ou deveríamos saber, que existe algo muito mais do que o físico. O físico é força animada, vida animada, mas no entanto toma muitas formas e, de facto, funciona sob muitas condições. Mas por trás de tudo o que acontece — quer seja na existência material do ser humano, quer seja na natureza, no reino animal ou em qualquer forma em que exista vida — por trás de tudo está a sabedoria. Por trás de tudo está a centelha fundamental do divino.

Usamos estes termos: falamos do divino, falamos de Deus, falamos do infinito, falamos do espírito, falamos das esferas. Na verdade, falamos de muitas coisas usando muitos termos, mas basicamente é tudo *vida*. "Vida" é a palavra operativa, na medida em que é isto que torna todas as coisas possíveis. Somos mais do que parecemos, seja física, mental ou espiritualmente. A fusão, por assim dizer, destes três aspetos da vida, quando na terra, cria ou ajuda a criar a nossa personalidade e o nosso caráter, ajuda a criar-nos como somos; mas estas são meras frações ou aspetos do "eu" maior, que só pode florescer, que só pode vir a ser através de eras e eras e eras de tempo. E não me refiro ao tempo físico, mas refiro-me ao tempo de perceção e consciência mental e espiritual; e este não é o tipo de tempo que se mede pelo relógio, pela lua ou pelas estrelas.

O homem não consegue perceber claramente, quando na terra, muitos aspetos daquilo que sabemos ser verdade. Só podemos dar-vos em palavras, o melhor que pudermos e conseguirmos, aquilo que descobrimos, encontrámos e experienciámos pelos nossos muitos — como chamarias — séculos de tempo fora do corpo físico. Vês, o homem só pensa em si próprio num corpo físico. Só se preocupa com o feitio, a forma e a expressão exterior. Perde a perceção de que a contraparte física, o corpo físico, é apenas uma construção da matéria que vos pertence como uma casa temporária para o espírito eterno que, pelo simples facto de ser espírito, é indestrutível.

Quando uma pessoa pergunta qual é o sentido, ou qual é a utilidade — assumindo que se continua e continua, e que se passa de uma esfera para outra ganhando conhecimento e experiência e, em consequência, tornando-se mais

evoluído — qual é o significado e o propósito? Qual é o fim último, se é que existe algum fim? Estes são certos aspetos difíceis de explicar. Na verdade, creio ser impossível explicar numa linguagem material. Mas o ponto é: se perguntares ao homem comum na terra, apesar de a sua vida poder não ser particularmente feliz, ou de as circunstâncias e condições dessa vida não serem muito conducentes a que encontre a verdadeira felicidade ou satisfação... pergunta-lhe se gostaria que ela terminasse, e invariavelmente descobrirás que, por mais monótona ou desinteressante que seja a sua vida, ele não quereria — como dizes — morrer.

Por outras palavras, a vida é doce e a vida tem possibilidades e oportunidades. Alguém pode não saber de um dia para o outro quais serão elas, ou o que pode estar ao virar da esquina que mude as circunstâncias. Por outras palavras, é o elemento de incerteza, é o elemento de mistério, é o elemento da possibilidade de que o amanhã possa trazer algo maravilhoso que mantém o homem — como dirias — vivo. E muito poucos são os que desejam deixar o vosso mundo.

Podem estar, em muitos sentidos, amedrontados. O medo é um fator predominante na constituição do homem. Mas o que estou a tentar salientar é que, onde o homem tem vida, tem esperança. Tem a perceção e a possibilidade de algo melhor ainda por vir. E este é o fator estimulante por trás de, num sentido, toda a vida: é a oportunidade de nova experiência; novas experiências que são tão rejuvenescedoras que elas, por si só, tornam a perceção não só do presente, mas do amanhã ou do que está para vir, excitante e algo pelo qual vale a pena viver.

Este é o júbilo e a beleza do nosso mundo também: que enquanto experienciamos muitas coisas e encontramos grande alegria no amor, no serviço e na conquista, estamos sempre conscientes do facto de que há ainda mais para descobrir, mais para encontrar, outras esferas para conquistar, outras experiências para ter que nos beneficiarão e através das quais alcançaremos mais do que alguma vez pensámos ser possível. É sempre esta perceção de que por trás ou ao virar da esquina está algo novo e maravilhoso ainda por ser descoberto. Este é o júbilo da vida: o constante crescer, o constante desenvolver, evoluir e expressar, em consequência, aquilo que encontraste; e o júbilo e o amor que se seguem quando estás em harmonia e em paz com almas inumeráveis, muitas das quais são novas e, no entanto, não são novas nem estranhas para ti.

Sabes, vivemos num mundo onde a beleza reina, onde o júbilo está sempre presente, onde há sempre a perceção de coisas maiores a serem encontradas, júbilos maiores a serem herdados e maior compreensão por vir;

onde há beleza em todo o lado, onde o homem pode encontrar para si oportunidade de serviço, de poder e habilidade criativa. Nada se perde e tudo se encontra. Não conseguimos explicar de forma alguma, suponho que satisfatória para alguém como a tua amiga, qual é o significado ou propósito por trás de tudo isto. Apenas sabemos que viver é estar plenamente ciente, plenamente consciente de tudo o que a vida apresenta e de todas as suas grandes possibilidades; que é sempre interessante e excitante. Nunca há — como dirias — um momento aborrecido.

E quando as pessoas dizem: "Qual é o sentido?", existem muitos sentidos, e muitos desses sentidos são indicadores, por assim dizer, de uma compreensão maior e de uma paz maior, uma perceção maior do amor do Pai Infinito. Vimos que durante séculos o homem colheu palavras, tentando retratar ou descrever muitos aspetos de uma vida pela qual espera, pela qual reza, e no entanto não tem qualquer sentido de certeza sobre ela. O homem cria termos e expressões, o homem assume e, por vezes, na sua assunção, atinge alguma verdade ou aspeto dela. Mas vês, desde que a história do homem começou, percebendo como ele percebeu naqueles primeiros séculos de tempo que o mundo material e a vida material eram, num sentido, curtos; que mais cedo ou mais tarde teria de deixar para trás aquilo que parecia tão sólido e tão real, tanto de si mesmo... ele percebeu muito rapidamente que haveria a morte.

E muitos tiveram e ainda têm medo da morte; e até que retiremos esse aguilhão, até que retiremos dos homens o medo da morte e lhes demos uma visão da realidade da vida — e de toda a vida, não apenas a vida que transparece, que acontece imediatamente após a chamada morte, mas a vida eterna onde o homem nunca deixa de se tornar ciente e consciente de aspetos maiores, mais belos e mais maravilhosos de si mesmo e de Deus, se quiseres. Vês, usamos estes termos "Deus" e "Jeová". Cristo veio ao mundo para dar alguma ideia, para dar alguma expressão ao poder do Espírito Santo. Ele manifestou-o, utilizou-o e realizou o que o mundo chama de milagres; e no entanto rejeitaram-no.

E assim será sempre, suponho: que o homem na terra, até certo ponto, rejeitará as coisas do Espírito, porque em muitos casos o homem acha impossível ou difícil compreender o mistério. No entanto, não deveria haver mistério. O homem cria o mistério para si próprio, porque não quer e não consegue compreender; não consegue entrar ou abrir o seu coração suficientemente e plenamente para compreender as realidades do Espírito. O homem conceberá e pensará sempre puramente numa base material e, em consequência, não consegue compreender, não consegue perceber, não consegue abranger, porque pensará sempre neste sentido material sobre coisas

que não têm base material, que verdadeiramente são baseadas espiritualmente, demonstradas espiritualmente e utilizadas espiritualmente pelas forças do Espírito.

Em consequência, o homem acha isto difícil de compreender. Cristo foi crucificado porque o homem tinha medo. Foi o medo que crucificou Cristo. O medo do homem, o aspeto materialista e a atitude do homem perante algo que ele não conseguia abranger e compreender, o que o amedrontava e assustava. Cristo foi um de muitos desses exemplos. Todos os grandes profetas, todos os grandes videntes, todos os grandes mestres que vêm com um espírito puro de revelação, todos sofrem às mãos do materialismo. As pessoas envolvidas são, num sentido, apenas autômatos; num sentido, são apenas os instrumentos do medo, são os instrumentos do mal também — mas isto é a ignorância do homem. O mal é ignorância. O mal é o oposto, claro, daquilo que é bom, mas ao agir assim o homem faz muito através do medo, mais do que através do ódio ou do mal.

Vemos o homem como ele realmente é. Esta batalha que o homem tem dentro de si mesmo, tentando superar, perdendo até o caminho que outrora possa ter trilhado. Existem muitos no vosso mundo que procuram e, até certo ponto, encontram; mas depois, através do materialismo e das condições, perdem o caminho e, por vezes, não conseguem para si próprios [chamar o espírito]... quando ele percebe a verdade da vida eterna e quando percebe que a verdade fundamental é que todos os homens são do mesmo espírito e que é insensato — e de facto provou-se vezes sem conta ao longo dos séculos de tempo que os atos mais terríveis foram feitos, as coisas mais terríveis aconteceram sob o nome da religião... e sabemos muito bem as diferenças no vosso mundo hoje que criam tal desarmonia, tal infelicidade, que criam de facto situações tão terríveis onde os homens sofrem e os inocentes também são levados a padecer por causa da intolerância no vosso mundo.

Olha o que está a acontecer em certas partes da Irlanda hoje entre os religiosos chamados cristãos. Agarram-se a velhos hábitos. O homem, na sua insensatez e ignorância, cria credos e dogmas. Estes são feitos pelo homem e nada têm a ver com o espírito. Enquanto o homem adorar, num sentido material, o poder, o credo, o dogma; enquanto adorar estas coisas que são do físico e não do espírito; enquanto adorar estas coisas que o homem criou na insensatez e na ignorância, não haverá paz entre os filhos da terra. Mas nós esforçamo-nos por instilar o verdadeiro espírito, a verdadeira perceção do amor do Espírito Santo, para que todos os homens possam ser libertados, para que fiquem sem grilhões, para que vejam a luz e, tendo visto essa luz, a sigam e glorifiquem os céus em consequência.

Verdadeiramente, minha filha, as nossas tarefas são muitas, mas não devemos perder o ânimo, não devemos perder a esperança. Dá a minha bênção e o meu amor a todos os que ouvem a voz do Espírito, pois eu sou apenas o porta-voz de outros. Segue em frente com força e sabe que verdadeiramente és abençoada. O meu amor, a minha paz... devo partir agora. Deus te abençoe. A paz esteja convosco, filhos.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe. Adeus. Muito obrigada.

MICKEY: Obrigada, Mickey D.

Sessão 31273

IRMÃO JOHN: Mais uma vez, a época de Natal está sobre a terra. Alguém se pergunta quantas almas no vosso mundo estão realmente conscientes do verdadeiro significado e importância deste tempo maravilhoso: o tempo do nascimento da verdade, o tempo da perceção da vontade e propósito de Deus para os Seus filhos, o tempo em que todos os filhos de Deus deveriam chegar à compreensão da paz na terra, à perceção de que a boa vontade deve prevalecer entre os homens, de que todos os filhos de Deus são do mesmo espírito — que são, independentemente da cor ou pessoa, um e o mesmo, todos são semelhantes, todos são um só em espírito. A humildade do nascimento de Cristo é um exemplo para o mundo.

As pessoas não parecem perceber a verdadeira importância ou significado do facto de Cristo ter nascido nas circunstâncias mais humildes e de, ao longo de toda a Sua vida, Ele próprio ter transmitido a realidade das coisas que eram do espírito. Os Seus interesses residiam nas coisas que são eternas. A Sua exposição foi sempre a do espírito.

E, no entanto, o homem nesta altura parece não perceber o significado e o propósito. Deus criou isto para que pudesse ser um exemplo para toda a humanidade: que na simplicidade, na humildade, a verdade nasce; a verdade é percebida e trazida à existência e que, seguindo o exemplo do Cristo, todos os homens deveriam encontrar a verdadeira compreensão. É uma grande dor para nós quando regressamos à terra e vemos o caos do vosso mundo e, particularmente, quando vemos entre aqueles que se chamam seguidores do Cristo tanta infelicidade, intolerância e, de facto, malícia e derramamento de sangue.

Ao longo das eras, os homens têm discutido e lutado uns contra os outros e, no entanto, chamam-se a si próprios cristãos. Contudo, não tiveram, como nos parece a nós, a verdadeira visão nem a plena experiência do Cristo. Se ao

menos pudessem nascer de novo, como o próprio Cristo disse: *"se não nascerdes de novo, não podereis perceber nem participar do reino do céu"*.

PARTICIPANTE: Ora, eu pergunto-me muitas vezes o que Jesus sente sobre os resultados — ou a falta deles — em tudo o que Ele se esforçou por trazer à terra.

IRMÃO JOHN: Só posso dizer isto: nós, que estamos conscientes do Cristo, nós que somos do Seu espírito e participantes da Sua vida, só podemos dizer que há uma grande tristeza e uma grande dor, porque estamos sempre conscientes da obstinação do homem e da sua insensatez. Se ao menos pudessem perceber, na realidade do Cristo, as coisas que foram pretendidas.

PARTICIPANTE: Penso que muitos talvez o façam. E no entanto tentam equilibrar as coisas do espírito com as coisas da carne.

IRMÃO JOHN: Sim, tens de fazer a tua escolha, não é? E não pode ser, filha, que possas proclamar as coisas que são de Deus e, ao mesmo tempo, viver a vida da carne. Não sugerimos, claro, que enquanto estiveres encerrada na carne num mundo material não devas, até certo ponto, viver uma existência material. Assim deve ser. Mas se pudesse ser que o espírito fosse o diretivo e o físico e o material fossem meramente a maquinaria da sua operação, o homem poderia ver a necessidade da harmonia entre o material e o espiritual; e a direção do espírito através do material daria um exemplo ao mundo, como o próprio Cristo fez e muitos dos grandes mestres e discípulos do passado.

Eles viam o corpo como a máquina através da qual podiam operar o poder do espírito. E, como todos os que se esforçam no vosso mundo por servir e alcançar estas coisas, deve, pela própria natureza das coisas, surgir a mudança. Mudança na atitude, mudança na diretriz, mudança no propósito, mudança em muitos aspetos de si mesmo. Mas muitos povos tentam fazer com que o espírito se ajuste à carne. Enquanto deveriam ver que a carne não passa do veículo da expressão do espírito — é o mecanismo, é a casa, é o aspeto exterior. E se fosse motivado pelo poder e pelo amor do espírito, verdadeiramente seria mudado e tornar-se-ia, em consequência, muito mais um veículo da vontade de Deus, dos desejos de Deus para expressão no mundo da carne.

PARTICIPANTE: Achas que a mudança virá para melhor?

IRMÃO JOHN: Filha, deve-se sempre ter esperança. Só se pode assumir que haverá mudanças e sinto que assim deve ser. E muitas vezes acontece que, quando o próprio homem afunda nas profundezas e luta para sair do lamaçal da sua insensatez, e ergue os olhos para os céus e clama pelos poderes do espírito por ajuda, então será ajudado. Mas muitas vezes parece

que o homem tem de descer antes de poder começar a subir. Os degraus da escada são fortes e o processo de subida pode ser lento. Mas não há dúvida na minha mente de que existem, aqui e ali, aqueles que começaram a perceber e começaram a subir a escada da conquista espiritual.

E eles, tenho a certeza, em consequência, conforme sobem — tornando-se, como devem tornar-se, cada vez mais conscientes destas realidades de que falamos — serão fortalecidos e capacitarão outros a subir também para fora das profundezas. Os instrumentos que usamos, como tu própria, são uma luz na escuridão do vosso mundo. E conforme proclamas as realidades destas coisas de que falamos, estás a atrair para ti o poder do espírito de Cristo. Este poder, esta perceção espiritual da verdade, esta enorme vitalidade da qual podes perceber apenas uma fração, está lá para te capacitar a ti e a outros como tu a servirem a humanidade.

Mas terás, claro, obviamente, muitos contratempos. Como bem sabes, no passado houve desapontamentos. Mas estes são contratempos e desapontamentos criados pelas condições materiais e pelas pessoas que elas próprias têm receio e medo da verdade. Existem aqueles que clamarão, por assim dizer, na escuridão do vosso mundo e, no entanto, não serão ajudados, não serão guiados, não serão elevados, porque eles próprios, pelas suas próprias naturezas e pelo seu próprio aspeto de pensamento, inibem e tornam quase impossível qualquer progresso para si mesmos, até que possam estar em humildade de mente e de espírito; até que possam ser, por assim dizer, subjugados. Não conseguem começar a pensar claramente nem a ver aquilo que está diante dos seus próprios olhos.

Estão cegos pelo materialismo, cegos pelas coisas da terra, e acumulam muitas coisas que têm pouca ou nenhuma consequência, que um dia sabem muito bem que terão de dispersar. Já não serão capazes de se agarrar a essas coisas que sentiram ser tão vitais e importantes na sua existência material. Não edificam, como deveriam, as coisas que são do espírito, que são indestrutíveis, mas edificam o que é do material e agarram-se a isso. E no entanto sabem dentro de si mesmos que algum dia isso lhes deve ser tirado. Têm receio e não querem pensar nem discutir as coisas do espírito ou, se o fazem, é feito de tal forma que tem pouco significado ou propósito. Têm receio de pensar na morte. Têm receio de pensar nas consequências das suas ações enquanto na terra.

PARTICIPANTE: Aprendem da pior maneira depois, não aprendem?

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Pois aquele que aprende erradamente, certamente quando vem aqui para o reino do espírito, deve desfazer isso. Se tiveste maus professores e aprendeste erradamente, obviamente com o tempo

terás de começar a desaprender muitas coisas. E isto nem sempre é fácil. Se a tua mente está atulhada, então, claro, não é fácil que nova verdade e nova compreensão sejam encontradas. Não, ela tem de se desonerar, despojar-se de todas as noções e ideias preconcebidas e falsas ideologias. Tem de retirar de si tudo o que reuniu durante a sua vida e lançá-lo ao mar para que o navio possa ainda continuar a sua jornada.

PARTICIPANTE: Eu acho que deveríamos encontrar — estive justamente a ler livros sobre a vida após a morte — muito mais sanidade do vosso lado.

IRMÃO JOHN: Bem, minha filha, sanidade... porque seria de facto um mundo estranho se não tivéssemos alcançado e chegado à perceção das coisas que são de verdade e de valor. Vivemos num mundo que é mais real, que é mais são, que é mais inteligente, que é mais compreensivo, que é mais completo e pleno em cada aspeto do que qualquer coisa que possas conhecer. Vós próprios, no vosso mundo, confundis-vos, confundis as vossas vidas, confundis as questões que muitas vezes discutis e que às vezes estais de facto verdadeiramente a lutar por compreender.

Parece-me que o homem está sempre a colocar uma base material em todas as coisas, que está sempre — mesmo quando pensa nas coisas do espírito — muitas vezes a dar uma interpretação material a coisas que são, pela sua própria natureza, espirituais.

PARTICIPANTE: No entanto, é muito difícil não o fazer do nosso ponto de vista, não é?

IRMÃO JOHN: Em alguns aspetos isso pode bem ser verdade, mas é indubitável o facto de que não podes retratar nem descrever as coisas que são do espírito numa maneira ou linguagem material. Tudo o que te possamos dar, até certo ponto temos de baixar ao teu nível as muitas coisas sobre as quais desejaríamos falar e conversar contigo, mas não o podemos fazer de uma forma material ou sentido ou linguagem material. Por outras palavras, muito da essência pode perder-se na tradução ou na transmissão, mas isso não altera o facto de que, bem no fundo de cada ser humano, existe o poder de perceber, existe o poder de perceber e compreender.

O homem é um ser espiritual enquanto está na terra, e pode perceber num sentido espiritual estas coisas de que falamos, mas é o aspeto material do pensamento e o modo de vida material que submerge tanto do que está lá dentro do homem, do espírito. Por outras palavras, é essencial que o homem aprenda a ter equilíbrio, que comece a perceber que é um ser espiritual bem como um ser material enquanto está na carne; e que se a sua vida fosse uma compreensão equilibrada destas coisas de que falamos, então ele próprio

evoluiria gradualmente com um modo de pensamento e existência mais equilibrado, e não haveria as confusões, não haveria as complicações, não haveria muitas das misérias que acompanham o homem enquanto está na terra.

O homem cria para si próprio, devido à sua natureza e aspeto material, todas as tragédias da sua vida. Penso que seria verdade dizer que se todos os homens pensassem espiritualmente e permitissem que os seus pensamentos dominassem as suas ações, a vida num século de tempo mudaria tão tremendamente. De facto, em menos tempo do que isso, se todas as nações, todos os povos, permitissem que a sua natureza espiritual e a sua perceção espiritual das coisas viessem à superfície e animassem a sua perspetiva física material, o mundo inteiro seria mudado. Não haveria infelicidade, não haveria pobreza, não haveria mortes [violentas] como as que o homem atingiu. O homem seria erguido do lamaçal e construiria para si próprio um novo mundo. Criaria para si próprio um júbilo e compreensão maiores e uma paz que fosse duradoura. De facto, com o passar do tempo, o homem construiria o céu na terra.

Todos os males — os chamados males do vosso mundo de que o homem sofre — podem ser rastreados até ao próprio homem, e o homem deve nascer de novo. Deve começar a perceber que é um ser espiritual com possibilidades espirituais que, se desenvolvidas e se trazidas a lume e utilizadas para o bem e na maior extensão, poderiam mudar de tal forma o próprio homem, a sua natureza e o mundo que habita. Muitos dos males do vosso mundo desapareceriam, e a doença gradualmente também. Não haveria doenças terríveis. Todas as doenças do homem podem ser rastreadas, de uma maneira ou de outra, até ao próprio homem. Pode ter levado gerações de tempo para trazer ao vosso mundo certas condições de má saúde, ou certos germes que surgiram no vosso mundo foram provocados pela insensatez do homem. Se ao menos o homem pudesse perceber isto, se ao menos o homem pudesse ver que ele próprio é o criador do mundo em que vive. O mundo foi criado, claro, pelo próprio Deus em primeira instância, mas era um mundo onde a perfeição reinava; mas o próprio homem, através da natureza e noutras formas, métodos e caminhos, ao longo de séculos e eras de tempo, começou gradualmente a trazer para o mundo todas as doenças da mente, da carne e do espírito.

PARTICIPANTE: Sim. Fizeste-me pensar em algo. Disseste que toda a doença desapareceria, mas o espírito aprende imenso com algumas das doenças, não aprende?

IRMÃO JOHN: Isso pode bem ser verdade. Não se nega o facto de que, muitas vezes, através da doença e da má saúde, através da vicissitude, da

provação e de todas as várias coisas que o homem detesta e tenta evitar, destas coisas muitas vezes vem o bem. Do mal vem o bem. Mas, no entanto, penso que é importante perceber a realidade das coisas de que falo, e que é: num mundo mais aperfeiçoado, onde o homem ele próprio estivesse verdadeiramente a esforçar-se espiritualmente, ele iria, pela sua própria natureza, varrer muitos dos males e das tentações; e ele iria, em consequência, obviamente, sendo avançado mental e espiritualmente, não teria de aprender através das vicissitudes, mas aprenderia através da felicidade e dos júbilos e das glórias da vida de valores espirituais.

Por outras palavras, não seria essencial ou necessário sofrer para alcançar, mas seria a conquista através do júbilo, a conquista através da felicidade, a conquista através do desejo de bondade. Por outras palavras, existem dois caminhos pelos quais o homem pode alcançar. Pode alcançar através do sofrimento, pode alcançar através da vicissitude, pode alcançar através de muitas das coisas que teme. Pode ser temperado como o aço na fornalha; mas o ponto é que existe um caminho melhor, um caminho mais nobre, um caminho mais elevado — se tudo o que o homem tenta fazer for para o bem, ele fará então com que não haja necessidade de ser testado e provado num sentido material pelo sofrimento e pela vicissitude, mas estará a trilhar o caminho da conquista e do sucesso espiritual com um coração feliz e uma perceção do poder do Deus vivo, e terá motivo para se regozijar e ganhará conhecimento e experiência de tal forma através da felicidade, da paz e da tranquilidade de espírito.

Sem qualquer das coisas que distorcem e destroem e trazem na esteira, muitas vezes miséria para outros, muitas vezes pessoas inocentes... foi dito que os pecados do pai deveriam cair sobre os filhos, o que pode parecer a algumas pessoas ilógico, mas isto é porque o homem não se vê na sua verdadeira perspetiva e luz — que somos todos parte uns dos outros. E se fazemos aquilo que é errado numa geração, especialmente quando o fazemos em massa e muitos milhares e milhões talvez de pessoas estão envolvidos por pensamento errado e ação errada, estão a procriar e estão, por assim dizer, a semear as sementes para o futuro que outros, os seus filhos e os filhos dos seus filhos, deverão herdar; e, portanto, embora possa parecer a alguns injusto, não o é, porque somos parte do passado, como somos parte do presente e do futuro que ainda está por ser.

Por outras palavras, não podemos escapar uns dos outros e, embora o homem goste de pensar em si próprio como um indivíduo, que é uma entidade separada — o que num sentido ele pode bem estar preocupado ou considerar ser assim — mas somos todos animados, filha, pelo mesmo espírito vivo; e é este mesmo espírito que é soprado em nós e nos cria e nos torna, por assim

dizer, parte do completo ou do todo. Mas nunca podemos esquecer — ou não deveríamos esquecer — que aquilo que fazemos e que é errado deve, pela sua própria natureza, afetar outro; e quando ferimos outro, estamos igualmente a ferir-nos a nós próprios.

Quando o homem se vir pelo que verdadeiramente é, uma parte de um grande espírito universal, então começará a perceber a carência e a necessidade de se esquecer de si próprio no verdadeiro serviço e no amor, e de trabalhar em completa harmonia com os outros para que todos possam beneficiar disto que é bom. Cristo veio em simplicidade e em humildade ao vosso mundo, e ao longo da Sua vida assim foi. Estava ciente e consciente do poder do espírito que fluía com Ele e através d'Ele, e compreendeu que era apenas desta forma e desta maneira que a Sua mensagem e o Seu poder poderiam ser verdadeiramente percebidos. Não se preocupava com pompa e cerimónia. Não se preocupava com riqueza e grandeza material.

Preocupava-se apenas com as verdades simples da vida, as realidades do mundo que são o espírito e o poder desse espírito — o que ele podia fazer, o que podia alcançar. E, de facto, Ele demonstrou estas coisas. Não era Ele um homem de grande simplicidade, um homem que não tinha onde reclinar a cabeça? As posses materiais eram como nada para Ele. Deu a realidade e a força da verdade para que outros pudessem ver e perceber n'Ele e nos Seus esforços o caminho para a realidade de viver.

Sabes, filha, és abençoada. Sei que existem momentos, existem alturas em que estás talvez abatida, mas são momentâneos, passam. E quando estás plenamente — como de facto sei que estás às vezes — ciente da nossa presença, quando estás consciente do amor que é trazido até ti, és fortalecida e és abençoada e és guiada. E sei que é verdade dizer que há ainda tempo para muito mais ser alcançado.

IRMÃO JOHN: Tu ainda não vais entrar no reino do espírito. Mas eu sim. Alguns anos ainda virão. Sinto-me rodeado de narcisos por alguma razão. Narcisos, filha? Sim. Sim, filha. A primavera. A Páscoa. Da vida.

O tempo da ressurreição. O tempo de maior sabedoria e compreensão. Simbólico do trombetear do poder do espírito, trazendo júbilo e felicidade à humanidade. Ser-te-á dada, no tempo que ainda está por vir, uma força maior e um poder maior e uma oportunidade maior para proclamares e trombetearis a palavra do espírito. Não tenhas medos, nem dúvidas, nem escrúpulos. Mantém em ti a perceção do poder do Cristo, que caminha contigo em espírito e em verdade.

Estamos todos detidos neste poder, este poder universal do amor. Grandes mestres, muitos são os que se aproximam da terra, também para

proclamar estas verdades. E o tempo ainda está para vir quando perceberás ainda mais do que percebes estas coisas de que falamos. Em humildade e em sinceridade de propósito e de mente, fazes a vontade do Altíssimo. E é esta simplicidade e é esta perceção que tens que torna possível o nosso trabalho. Não temas nem duvides.

Não tenhas escrúpulos quanto ao futuro, pois serás cuidada pelos homens que guardavam aquelas ovelhas e viram a estrela e foram conduzidos ao lugar de nascimento da verdade. Assim levarás por diante a mensagem do espírito e seguirás a estrela que os pastores viram e abençoarás muitos que buscam diligente e verdadeiramente por estas coisas. Não duvides, minha filha, de que foste escolhida como um instrumento da vontade e propósito de Deus para servir os Seus filhos, para que sejam elevados, para que sejam confortados, para que vejam aquela verdadeira estrela de progressão espiritual; serás, de facto, verdadeiramente abençoada em consequência.

Tudo está bem, filha, e nesta época do ano, a nossa bênção especial e saudação para ti e para todos os que possam ouvir a voz do espírito, pois eu apenas falo por inumeráveis almas aqui. Sou apenas o porta-voz de outros. A minha bênção esteja contigo, filha. Adeus. Deus te abençoe. Adeus.

MICKEY: Adeus, querida. Deus vos abençoe a todos. Ele não parou de falar, pois não?

Sessão 31364

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, amiga. Abençoada sejas. Consegues ouvir?

PARTICIPANTE: Sim, com certeza. Estava a ouvir o Mickey e as suas piadas.

IRMÃO JOHN: Daisy Judge.

PARTICIPANTE: Sim. É o Irmão John?

IRMÃO JOHN: Sim, John.

PARTICIPANTE: Oh, e chamas-me amiga. Achei que era uma nova forma de te dirigires a mim.

IRMÃO JOHN: Não és uma amiga?

PARTICIPANTE: Com certeza, de facto.

IRMÃO JOHN: Não tenho a certeza de que "Judge" [Juiz] seja um nome admirável quando se considera quem seria um juiz, quem se colocaria

acima de outros para julgar os menos afortunados. Daisy [Margarida], isso é uma questão totalmente diferente. Tu és muito mais uma margarida do que um juiz. Não é verdade? Uma margarida que representa a simplicidade, o charme e a naturalidade das coisas. Uma margarida que parece talvez insignificante e, no entanto, em tantos aspetos é tão representativa da verdade e sabedoria infantil e, ao mesmo tempo, simples da vida eterna.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: Daisy é um nome apto e que verdadeiramente te convém, filha. De facto. Nós, nos reinos do espírito, vemos todo o tipo de beleza em várias formas, feitios e cores. Mas quando se vem ao reino da terra e se vê, como se deve ver, a monotonia da vida, e se vê o estado infeliz em que o homem se colocou ao longo de tempos imemoriais, é gratificante ver aqueles no vosso mundo que, em simplicidade e em amor, procuram fazer a vontade e o trabalho do Pai. Existe uma grande beleza no vosso mundo, e o homem muitas vezes está cego para ela e não a vê; e muitas vezes, como a margarida, é espezinhada, o homem seguindo impensadamente o seu caminho e ignorando a simplicidade e a beleza que reside ao seu redor e sob os seus próprios pés. No reino do espírito, como disse, existe uma grande beleza de muitas formas.

Mas muitas vezes nós, que estamos constantemente conscientes destas glórias, encontramos na humildade e na simplicidade das coisas a nossa verdadeira felicidade e os desejos do nosso coração. Assim é contigo, filha; podes olhar ao teu redor e ver muitas coisas que outros têm, que pelo momento fugaz tu própria podes às vezes desejar. E no entanto, se estas coisas fossem tuas, quão fácil seria perder o júbilo e a simplicidade das coisas. Aqueles que têm muito, muitas vezes têm muito pouco; e aqueles que têm pouco, às vezes sem sequer o perceberem, têm imenso.

PARTICIPANTE: Sim. Eu não invejo realmente ninguém nem nada, mas fiquei absolutamente perdida de júbilo com o charme de uma casinha que visitei a semana passada, por causa da sua adequação, tudo a encaixar.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Eu conseguia apreciar isso pelo sentido de charme, mas não a querias. O que estou a tentar transmitir, não só a ti, mas a todos os que possam ouvir a minha voz, é que não sugeriria que é necessariamente bom estar contente. Pois o homem que está contente, embora possa ter paz de espírito, está inclinado a não fazer um esforço, a talvez não se mexer. Por isso, não sugiro necessariamente que se deva estar sempre contente. Mas sugiro que o próprio homem, qualquer que seja a sua circunstância, embora possa lutar por coisas melhores, que se certifique de que essas coisas são verdadeiramente melhores para o seu espírito e para o

avanço da sua alma. Tantos estão inquietos. Tantos estão a lutar. Mas pelas coisas pelas quais lutam, muitas vezes há pouca necessidade. E se as possuíssem, não lhes traria necessariamente a paz e a felicidade. Não se pode comprar amor. Não se pode comprar contentamento e paz de espírito.

Tu, durante muitos anos, tiveste de lutar a batalha da vida. Muitas vezes foi duro, e muitas vezes foi muito dececionante. Mas foste conduzida aos caminhos do espírito e do esclarecimento. E foi-te mostrado o objetivo que foi estabelecido. E tens-te esforçado constantemente, em consequência, por trilhar essa estrada de conquista espiritual. E nisto encontras a tua felicidade e a tua verdadeira paz. A estrada nunca pode ser fácil. Certamente todos os que buscam e aprendem sobre as coisas do espírito devem estar preparados para que, conforme avançam em direção a esse objetivo estabelecido, existam muitas coisas irritantes, e muitas coisas tornam-se em si mesmas ainda mais difíceis de lidar no material.

Pois conforme a mente se abre, e se vê a beleza e o júbilo do espírito, e se esforça por trabalhar para ele, assim deve parecer, em comparação, quão difícil é o caminho, por causa das condições materiais ao redor. Tiveste, como deves ter, contratempos e deceções. Mas quando os colocas contra os júbilos, a felicidade, a tranquilidade e a paz que advêm da verdadeira compreensão, do amor e do serviço, percebes quão verdadeiramente abençoada és.

Estive contigo durante muitos anos, e ficarei contigo até ao momento em que tu própria entres nos reinos do espírito. E então verdadeiramente me conhecerás e, em consequência, serei capaz de ajudar ainda mais do que posso agora. Será o júbilo da minha vida mostrar-te os júbilos do espírito, levar-te pela mão e trazer-te para mais perto desse estado de ser para o qual estás gradualmente a caminhar. Os anos que se seguem estão cheios de oportunidade, cheios de promessa. Serás levada aqui e ali para fazeres o trabalho do espírito. E haverá muitas almas que terão motivo para estarem gratas pelos esforços que fazes em nome delas. Mudanças virão, mas só podem vir quando sentirmos que estás pronta para elas e as próprias mudanças sejam necessárias para o teu bem-estar mental, material e espiritual.

Existe uma escada pela qual todos os homens sobem. É uma escada que foi construída por muitos homens, e cada degrau dessa escada é um passo para a sabedoria e para a verdade. Não foi fácil de construir. Levou séculos incontáveis, e aqueles que contribuíram para ela sofreram imenso ao produzi-la. Houve grandes mestres, houve grandes líderes espirituais, houve grandes homens que deram as suas vidas para construir esta escada. E cada degrau é forte e seguro, e a sua altura é tal que nenhum homem pode contar, porque é da terra ao céu, e não há forma de se poder esperar compreender essa

distância. Mas isto eu sei: que se seguirmos o verdadeiro caminho da progressão espiritual, se olharmos para nós próprios, cada um, como um degrau na escada da vida que se estende da terra ao céu... se tivermos contribuído com um degrau, a nossa vida foi boa, o nosso trabalho foi real, e ajudámos outros a subir. Nós que nos damos em amor e em serviço sentimo-nos felizes além da medida.

Pelo que é alcançado, grandes números de almas reúnem-se, algumas que poderás nunca conhecer, e outras que se manifestam de várias formas a ti. Podes não ver necessariamente sempre com os olhos do espírito, nem ouvir com os ouvidos do espírito, e no entanto há momentos, fugazes que sejam, nos quais tu própria és inspirada, quando estás consciente de dentro de ti da proximidade do espírito e do poder que se manifesta com ele. Os nomes que às vezes te vêm, muitas vezes são os nomes de algumas dessas almas. Um que mencionarei, porque sinto que o elo entre ti e ele é forte, por várias razões, e pode ser rastreado há muito tempo na tua consciência, é Francisco. Francisco de Assis.

PARTICIPANTE: Vi-o uma vez.

IRMÃO JOHN: Ele está em sintonia contigo. Ele é também, conforme olho para trás no tempo, um dos grandes degraus da escada da verdade. Um homem que, com toda a sua força, com todo o seu poder e comando, por mais fraco que fosse o corpo, o espírito era tão forte que ele via com os olhos do espírito e ouvia a voz do espírito, e manifestou este poder e este amor enquanto na terra de tal forma que até os que eram mudos na linguagem, e os que não podiam ver, e os que de facto às vezes não queriam, se tornaram seus discípulos e seus seguidores. Ele era um homem de grande poder, grande amor, grande simplicidade e humildade. Na simplicidade e humildade encontramos a verdadeira grandeza. E assim se deve ser como a pequena flor que é frequentemente pisada. Pois aqueles que emanam a verdade em toda a sua beleza e simplicidade devem antecipar, de facto, que muitos haverá que pisarão pesadamente sobre aquele que se esforça e é como a simples flor.

Não te preocupes, filha, pois estás rodeada de tal poder e tal amor que te é dada uma força muito além da tua imaginação. Claro que devemos aceitar o facto das condições físicas. Sabemos que estas podem afetar, e afetam por vezes, aquilo que estamos a tentar fazer. Mas, no entanto, o efeito destas coisas é apenas temporário. O trabalho segue em frente. Serás conduzida cada vez mais nos caminhos da retidão e da verdade, e serás abençoada além de toda a tua imaginação.

PARTICIPANTE: Obrigada. Está a avançar tão rapidamente quanto requeres? Ou desejas, deveria eu dizer?

IRMÃO JOHN: Suponho, filha, que porque nós próprios somos humanos e estamos também ansiosos pela propagação da verdade da vida eterna, não podemos estar sempre satisfeitos. Mas estamos gratos por aquilo que é feito e pelo que está a ser feito, e pela esperança daquilo que ainda há de vir. Claro que poderíamos esperar mais. Mas sei que fazes tudo o que te é dado para fazer. E isso é suficiente.

PARTICIPANTE: Tenho tentado recentemente escrever com um pouco mais de regularidade e sinto-me inspirada a fazê-lo na esperança de que, ao fazê-lo, te habitues mais a usar-me nesse meio para a tua própria razão.

IRMÃO JOHN: Sim, e eu faço-o.

PARTICIPANTE: É verdade?

IRMÃO JOHN: Sim, faço-o. Tu és verdadeiramente... acordei esta manhã com as palavras: "Tu és o meu pai em Deus".

PARTICIPANTE: Obrigada, John. A paz esteja contigo. Deus te abençoe. Adeus.

MICKEY: Adeus, querida. É maravilhoso, honestamente. Eu gosto muito de ti. Parece que arranjaste um "estoiro" de guia.

PARTICIPANTE: Arranjei, não arranjei?

MICKEY: A tua mãe envia-te o seu amor e bênçãos. E o meu pai também. Sim. Ele fica com todo o poder. Adeus.

PARTICIPANTE: Não importa. Deus te guarde. Ele certamente é um orador maravilhoso, não é? Sem hesitações ou falhas nas palavras. Um belo fluxo de linguagem. Bela, bela linguagem. Pictórico, não era? Certamente que se conseguem cenários magníficos desse ponto de vista. Acho que são maravilhosos.

Sessão 31872

MICKEY: Bem, como estás?

PARTICIPANTE: Olá, Mickey querido. Adorável ouvir-te.

MICKEY: Bem, já era sem tempo. Tu és um caso sério, tu és. Suponho que tenhas andado em folia por aí.

PARTICIPANTE: Sim, estive em Devon.

MICKEY: Estiveste em Devon? Foi adorável. E estiveste em Hipswich?

PARTICIPANTE: Não, não, estive em Hythe.

MICKEY: Hythe? Sim, lá em baixo... Mas tu vais a Hipswich, não vais?

PARTICIPANTE: Sim, eu vou a Ipswich.

MICKEY: Hipswich não é Ipswich? Eu disse Hipswich. Não me contradigas.

PARTICIPANTE: Bem, só estou a tentar corrigir-te, Mickey.

MICKEY: Bem, é Ipswich então?

PARTICIPANTE: É I-P-S-W-I-C-H.

MICKEY: Oh, eu acho que há um H lá.

PARTICIPANTE: Não, nenhum H.

MICKEY: Bem, chamaremos-lhe Ipswich então. Sim. Isso agrada-te, "salsicha"? De qualquer forma, tia, estás bem?

PARTICIPANTE: Sim, obrigada, querido.

MICKEY: Cheia de energia?

PARTICIPANTE: Não, receio que não esteja cheia de energia. Tenho de fazer tudo com um esforço.

MICKEY: Ainda te aguentas. Setembro. Hein? Quando é o teu aniversário?

PARTICIPANTE: Setembro? Ora, vamos lá. Já andamos nisto há tantos anos. É no dia 4 de novembro, e faço 73 no próximo ano.

MICKEY: No dia 4 de novembro? Devia ter sido no dia 5 [Guy Fawkes Day]. Ah, ah, ah. Tens 73?

PARTICIPANTE: No próximo ano. Este ano. Valha-me Deus. No próximo ano.

MICKEY: Estás bem para a tua idade, não estás?

PARTICIPANTE: Espero que sim.

MICKEY: Parece que vais durar outros 10 anos. 10 anos a percorrer as províncias.

PARTICIPANTE: Oh, valha-me Deus. Vou precisar de rodas nos pés.

MICKEY: Unhas de porco. Ah, ah, ah. Ainda se comem unhas de porco?

PARTICIPANTE: Sim, acho que sim.

PARTICIPANTE: Oh, sim, acho que sim, Mickey. Costumávamos comer unhas de porco. Gostas de unhas de porco?

MICKEY: Não sei se alguma vez as comi, querida.

PARTICIPANTE: Bem, suponho que não. Não sei por que estou a falar destas coisas. Fazem-me pensar nos velhos tempos.

MICKEY: É verdade, claro. Não te lembrarias das lojas com as lâmpadas de nafta, pois não?

PARTICIPANTE: Não. É do teu tempo.

MICKEY: Não, não é. Ora, claro que não. Lâmpadas de nafta. Tinham um cheiro... Oh, eu lembro-me delas. Havia no Mercado de Woolwich. Dias felizes.

PARTICIPANTE: "Dias felizes estão aqui de novo..." Como é que é o resto? "Os céus estão muito, muito mais claros outra vez...". Sim, eu mantenho o queixo erguido, querido.

IRMÃO JOHN: Bem, bem, bem. Abençoada sejas, querida. O Mickey está num estado de espírito muito humorístico. Suponho que existam muitas pessoas no vosso mundo que, quando pensam nas nossas vidas aqui — assumindo que sequer pensam nestas linhas e que acreditam numa vida por vir — estou certo de que muitos têm a impressão de que vivemos num mundo muito afastado do vosso em tantos aspetos, o que, claro, é verdade. Mas estou certo de que muitos assumem que o nosso método e modo de vida, a nossa atitude mental, é de natureza puramente religiosa. Claro que não é assim. Permitindo o facto de que muitos têm fortes convicções religiosas e que, por isso, assumem que o mundo do espírito é composto por pessoas de mentalidade semelhante, de perspetiva e inclinação religiosa, assumindo em consequência que a nossa vida também o deve ser.

Sessão 41168

IRMÃO JOHN: Como podemos mudar? É porque, filha, por tanto tempo, o espiritualismo nunca foi devidamente compreendido, nunca foi devidamente aplicado na vida profissional diária do indivíduo. A atitude não é de adoração a Deus, ou de fazer a Sua vontade ou o Seu mandato. A atitude da vasta maioria que entra nas igrejas não é de reverência, como bem sabes. Nem sequer olham para isso, num sentido, como uma religião. Podem professar ser chamados de espiritualistas, mas isso é mais uma "espiritualidade"

[superficial], não é? Se pareço condenar, não será assim? Apenas falo o que é verdade, e falar a verdade não é condenar, pois simpatizo com todos estes povos e os seus credos.

Há um grande tumulto dentro de mim, e não posso fazer mais do que faço; e isto aplica-se não só a mim, mas a números incontáveis de almas que regressaram constantemente do nosso lado ao vosso para assistir, ajudar, guiar e elevar, e vemos as verdades que nos esforçamos por dar serem ou postas de lado ou distorcidas. Ou, se não é isso, sabemos que as almas inferiores podem forçar as suas mensagens de natureza material, que são alegre e felizmente aceites, e o trabalho do Espírito, em consequência, é retido. Através de ti, somos capazes de dar algumas das nossas verdades de perceção, das quais temos uma necessidade desesperada. Alguém que consiga, pela própria natureza do seu trabalho, pelo entusiasmo que tem e pelo tremendo poder de amor que dá, mudar esta situação, que é uma prisão.

Tão desesperada é a necessidade, e estamos a fazer tudo o que podemos para mudar, para trazer uma perceção maior entre as pessoas. Mas sabes que há muitas dificuldades: se uma igreja tem de ser mantida aberta, se tem de se pagar, então até aqueles do Conselho, por muito sinceros que sejam e desejosos de propósito espiritual, têm de, até certo ponto, encorajar a entrega de mensagens que são de natureza material; têm de idealizar várias formas e meios pelos quais possam angariar dinheiro suficiente para pagar as contas. É um círculo vicioso e isto nós sabemos — não o causamos, não culpamos, mas conhecemos a causa.

Sessão 41169

IRMÃO JOHN: Saudações, particularmente neste teu aniversário. A idade é a maior ilusão de todas as coisas. O tempo em si é como nada, mas, no entanto, para ti, ainda na terra, o tempo tem o seu lugar e desempenha o seu papel. Mas tu superaste muito do que está associado ao tempo como o conheces, pelo poder do amor do espírito, pelo conhecimento e ensinamentos que recebeste; e por esse poder do espírito que está além da compreensão terrena, foste capacitada a seguir pelo mundo fora, dando luz na escuridão. Aqui e ali perfuramos as trevas do materialismo, e o raio de luz que incide aqui e acolá sobre este e aquele ilumina a mente, e o espírito regozija-se com isso. Verdadeiramente, muitos são trazidos para a luz do espírito pelos esforços que fazemos. Este é o nosso trabalho, este é o nosso júbilo, esta é a nossa felicidade. E é verdadeiramente um grande evento para mim, para todos nós aqui, quando somos capacitados a comunicar desta forma. Anseio muito por isto, minha filha, e sei que tu também.

PARTICIPANTE: Com certeza. Estive muito perto de ti ontem todo o dia.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Estranho como, na véspera do teu aniversário, não tiveste trabalho espiritual para fazer. Viveste desde então e, no entanto, ao teu redor, o poder do espírito estava manifesto. Estávamos perto de ti ontem, filha.

PARTICIPANTE: Sim, eu senti-o. Podes explicar por que razão no sábado passado tive um serviço adorável e, depois, no domingo, a "entrega" foi boa, mas a clarividência foi irregular? Não conseguia chegar a lado nenhum.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, isso é compreensível. Certamente haverá alturas em que é muito difícil para nós e, claro, depende muito dos destinatários das mensagens. E depois, claro, por vezes surge uma confusão. Muitas almas reúnem-se e, por vezes, dão uma mensagem que pode não ser necessariamente para a pessoa ou pessoas no salão naquele momento, mas podem ser mensagens que podem ser retransmitidas se forem recebidas por alguma alma para a pessoa certa. Mas isto talvez, do teu ponto de vista, não seja uma resposta suficiente.

Contudo, há tantos aspetos desta complexidade que não podemos talvez explicar-te plenamente. Mas muito depende das condições prevalecentes na altura. Das pessoas e das suas mentes. E há tantos que estão fixos no seu caminho e no seu pensamento, e os seus únicos desejos são receber certas coisas em que fixaram o coração. E aquilo que possamos dar pode parecer remoto ou sem ligação, e no momento não conseguem ou talvez não estejam suficientemente ansiosos por se ligar ao que damos. Mas isso pode então apenas ser assumido como algo que pode ser colocado numa data posterior, e talvez possa ser transmitido por essa altura a alguma outra alma que compreenderá a mensagem. Mas, claro, há muitas complexidades, filha.

PARTICIPANTE: Sim, e sinto-me responsável. Não costumo ter um serviço assim, mas senti que havia ali alguma condição que eu não conseguia explicar.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, mas isso deve ser esperado. É muito raro que isto aconteça. Havia tantos que não compreendiam nada, que compreendiam muito pouco do que foi dado. Mas sabes que, por vezes, as pessoas numa audiência podem reconhecer algo que foi dito e não gostam de admitir ou falar sobre isso. Não gostam de chamar a atenção para si próprias numa audiência.

Sessão 41176

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, filha. Estou aqui. Nada de me ouvires. Inconscientemente, esta afirmação que acabaste de fazer dá-me, por assim dizer, o texto para a minha conversa desta manhã. "A remuneração não é suficiente". Esse é o grito dos dias de hoje. Isto, creio eu, pode aplicar-se particularmente ao trabalho do Espírito. Aos olhos de muitas pessoas, infelizmente, no vosso mundo, elas avaliam o valor das coisas que são feitas pelo poder do Espírito, muitas vezes, de uma forma material. Olham para o Espírito para que as assista, para que as ajude num sentido material.

E a remuneração que esperam pelos seus esforços ao fazerem o trabalho do Espírito — que é dado livremente — muitas vezes, do ponto de vista de pelo menos alguns, é insuficiente para justificar os seus esforços. Com isto, sugiro que existem aqueles no vosso mundo que não são abençoados com os dons do Espírito (que são, como já disse, dados livremente), para que pudessem ser usados... com a tendência do material. E no entanto, ao mesmo tempo, muitos são no vosso mundo os que não sentem que estão a ser recompensados o suficiente para fazerem o esforço de utilizar esses dons em benefício da humanidade.

Veem as coisas muitas vezes num sentido material, perguntando-se talvez se valerá o esforço, se ir aqui ou ali oferecerá remuneração material suficiente para continuarem a fazer o trabalho do Espírito pelo qual são abençoados. Sabes, minha filha, nós que vimos deste lado fazemos tudo o que está ao nosso alcance para assistir, mas não estamos numa posição, muitas vezes, para fazer muitas das coisas que frequentemente se esperam de nós materialmente.

A mediunidade, como lhe chamas, muitas vezes significa que a pessoa deve dar e dar e dar de si mesma. Deve-se, de facto, perder-se a si próprio para encontrar o seu verdadeiro eu. Não se deve esperar que, no desenvolvimento das faculdades espirituais, o caminho seja fácil e reto. Muitas vezes ouvimos indivíduos no vosso mundo que, até certo ponto, desenvolvem os dons do Espírito e estão ansiosos por usar esses dons para ajudar a humanidade, para elevar, inspirar, guiar, confortar, curar. E, no entanto, muitas vezes ouvimos o grito do médium individual de que não está a ser remunerado o suficiente. Não conseguem gerir, ou não conseguem lidar, ou as coisas são demasiado difíceis. E muitas vezes indivíduos que foram abençoados com os dons do Espírito ficam desanimados, desiludidos; e no

entanto não com as coisas do Espírito como tal, mas com as condições materiais dos tempos em que se encontram.

PARTICIPANTE: Claro, as condições atuais tendem a tornar as pessoas conscientes do dinheiro. Eu não sou compradora. Nunca o fiz por dinheiro, mas dá para compreender.

IRMÃO JOHN: Filha, o trabalhador é digno do seu salário. Mas o ponto é, filha, que me lembro de tempos de Cristo e dos grandes mestres e profetas de outrora que vieram ao vosso mundo sem nada e que foram capacitados pelo poder do Espírito a demonstrar os dons do Espírito para confortar, curar e elevar muitas, muitas almas do lamaçal em que se encontravam. Mas eles não esperavam, nem achavam o caminho fácil. Foram caluniados e perseguidos e, no entanto, os dons do Espírito tornaram-se cada vez mais aparentes por causa da ressonância, por causa da perceção do instrumento individual de que o seu trabalho era maior do que eles próprios; de que não foram colocados no mundo material para proveito próprio; que tinham de se perder no amor, tinham de se perder no serviço para encontrar aquela paz que o vosso mundo não pode dar.

Não venho dizer nada que cause, espero, que alguém se sinta castigado, mas antes que aqueles que possam ouvir a minha voz e que estão na orla do serviço compreendam que, embora nós próprios possamos fazer tudo o que está ao nosso alcance para assistir, não conseguimos necessariamente tornar sempre o caminho fácil. Aqueles que trilhariam o caminho do Espírito devem lembrar-se que, por causa do conhecimento, da experiência e do esclarecimento que foram dados... porque se alguém quer ser um bom instrumento do Espírito, deve portanto ter os olhos abertos para as coisas que são do Espírito e deve manifestar essas coisas na escuridão do vosso mundo. E, em consequência, a magnificação dos males do vosso mundo parecerá por vezes oprimir ainda mais e tornar as coisas por vezes ainda mais difíceis de enfrentar. É a velha história, minha filha, daqueles que veriam claramente as coisas que são verdadeiramente do Espírito: eles devem em si mesmos estar cientes e conscientes das realidades destas coisas que são verdadeiramente de Deus e devem, em consequência, sentir as limitações da carne.

As pessoas não parecem apreciar, perceber ou compreender que se deve tornar cada vez mais difícil fazer as coisas do Espírito e estar, num sentido, em paz com o vosso mundo. Sabes, não é fácil talvez compreender plenamente aquilo que se deseja transmitir porque estamos a falar à maneira do Espírito, estamos a esforçar-nos à maneira do Espírito, e estamos a esforçar-nos para que te tornes cada vez mais consciente deste poder que se manifesta através de ti e de outros como tu; e, ao fazê-lo, as coisas materiais

por vezes devem parecer ser aumentadas, por vezes devem parecer ser ainda mais penosas e mais difíceis. E, no entanto, não te falhamos.

Houve alturas em que ouvimos instrumentos como tu a clamarem, por assim dizer, do seu "eu" interior: "O que farei? Como realizarei isto ou superarei isto? Porque diante de mim às vezes o fardo é pesado e estamos sobrecarregados". E no entanto a força do Espírito torna todas as coisas possíveis, dá-te uma perceção interior de que todas estas coisas que às vezes oprimem e deprimem devem então, pela sua própria natureza, passar. Conforme o tempo passa, tu própria tornas-te cada vez mais ciente e consciente do poder do Espírito e do que ele pode fazer e alcançar; e o fardo que muitas vezes retiramos de ti e de outros como tu — esse fardo que carregam — ainda assim é necessário às vezes que a pessoa seja provada, especialmente nos primeiros anos do seu trabalho. Tu foste testada e não foste encontrada em falta. As pessoas não parecem perceber que o caminho do Espírito num mundo material como o vosso se torna e deve tornar-se crescentemente difícil pelas muitas pressões que são colocadas sobre vós e, no entanto, apesar destas coisas, o trabalho continua. Sei que às vezes te sentiste triste e sobrecarregada, mas sempre superaste.

PARTICIPANTE: Acho que com a idade tudo é mais um esforço.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, assim deve ser, porque embora possamos fazer muito, há muitas coisas que não conseguimos realizar ou fazer. Quando a maquinaria do corpo começa a desgastar-se, podemos reabastecer, podemos fortalecer e, nalguns casos, somos capazes de trazer um renascimento da vitalidade que outrora era tão vibrante e ativa, mas estas são muitas vezes medidas temporárias.

PARTICIPANTE: Quero dizer, no entanto, que quando me levanto para realizar o serviço, não tenho consciência de qualquer incapacidade.

IRMÃO JOHN: Com certeza, filha, isso deve-se obviamente ao facto de, temporariamente pelo menos, seres elevada quase para fora do corpo e estares cada vez mais consciente do Espírito e do poder do mesmo; e isto revitaliza e retira-te, por assim dizer, temporariamente da casa do físico para a perceção do mental e do espiritual, que é o poder gerado por nós convosco e através de vós. És um instrumento e tens sido por muitos anos, e temos sido grandemente abençoados por ti, por termos o canal através do qual pudemos chegar a muitas pessoas.

Fizeste um grande trabalho, embora possas nunca estar consciente disso enquanto estiveres na carne; mas nós estamos conscientes, sabemos o que foi alcançado, o que foi feito apesar das contrariedades, das dificuldades e dos problemas. E nunca te faltou realmente nada, nem faltará. Terás sempre o

suficiente. Haverá alturas, sem dúvida, como houve no passado, em que estiveste um pouco preocupada com as coisas materiais, mas de alguma forma o poder do Espírito carregou-te. Não tens falta de nada, filha. Mas, claro, devemos encarar a perceção de que o tempo pode estar a aproximar-se em que tenhas de abrandar, em que tenhas de fazer muito menos — e no entanto isso não significa que não vás continuar. Claro que o farás, mas muitas viagens longas devem, lamento dizê-lo, ser pensadas duas vezes. Não creio que fosse sábio ires para muito longe.

IRMÃO JOHN: Penso que deves concentrar os teus esforços para que trabalhes mais perto do teu próprio ambiente. Não estou a sugerir com isto que vás ficar doente, ou que vás estar numa posição em que não possas fazer viagens, mas sinto que se aproxima o tempo em que tu própria, de um ponto de vista físico, acharás algumas viagens que fizeste no passado um pouco excessivas e um pouco exaustivas. E embora talvez eu não devesse falar sobre remuneração — sei que não classificas isso como um fator importante — muitas vezes os esforços que fizeste, embora muitos tenham sido ajudados, ao mesmo tempo, se a tua força deve ser mantida e se deves continuar o trabalho como pretendemos que o faças, não podes sobrecarregar-te. Deves concentrar as tuas energias nos locais onde podes servir e realizar bem o trabalho sem que retirem demasiado de ti, e onde também haja remuneração suficiente para te assistir no sentido material.

PARTICIPANTE: Recebi um belo elogio sobre isso o outro dia. O cavalheiro do comité disse: "Não envelheça depressa demais, para que possa vir por muito tempo".

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Vês, o que estou a tentar dizer-te é isto: eu não me oponho, de facto, aprecio os teus esforços em percorrer distâncias, desde que não faças demasiado num só dia. Nos meses de inverno, se percorreres a distância e ficares por vários dias, puderes descansar um pouco e regressar com conforto à luz do dia, isso é bom.

PARTICIPANTE: Oh, eu não posso ser tocada [pela idade], pois não?

IRMÃO JOHN: Bem, peço-te porque quero que nos ajudes a ajudar-te a ti própria, a proteger-te. Vivemos numa era perigosa e, conforme se envelhece, o corpo físico — embora ainda consiga e, de facto, do teu ponto de vista e do nosso, funcione bastante bem — no entanto, o stress ou esforço indevido, o stress ou esforço desnecessário, deve ser evitado, filha.

PARTICIPANTE: Eu compreendo isso, querido. Quero perguntar-te uma coisa. Estive a pensar muito ultimamente... qual é o sentido do livre-arbítrio quando as massas de pessoas no mundo o usam erradamente e não trazem o bem através dele?

IRMÃO JOHN: Bem, filha, cada ser humano tem livre-arbítrio para escolher por si próprio, mas nunca se deve esquecer que este livre-arbítrio, em muitos aspetos, deve ser afetado pelo livre-arbítrio dos outros. Por outras palavras, o indivíduo pode decidir que deseja fazer o que quer que seja que deseja fazer, e é um agente livre, mas, claro, no vosso mundo, cada ser humano até certo ponto deve ser e é, de facto, afetado por outro.

Tu és o produto, claro, de inumeráveis pensamentos que emanaram no passado e no presente de muitas almas. Como criança, estás sob a influência dos teus mais velhos, dos teus familiares, dos teus amigos, dos teus professores; e assim, ao longo da vida, cada ser humano é, num sentido, uma complexidade de inumeráveis povos. Nenhum ser humano pode viver para si mesmo, ou de facto, quando falamos de um indivíduo — embora seja verdade que se pode desenvolver a própria personalidade e individualidade e tornar-se algo como uma pessoa ou caráter individual — na realidade, és o produto de inumeráveis pensamentos que foram colocados dentro de ti por outros, pelos teus antepassados até do ponto de vista puramente físico, e do ponto de vista mental e espiritual. És afetada por todo o tipo de pensamentos que emanaram de inumeráveis povos com quem estiveste associada, e também pelo poder do espírito que se manifesta dentro e ao redor de ti.

Estás a receber — de facto, a maioria das pessoas, se não todas, talvez inconscientemente — inumeráveis forças de pensamento de entidades, de almas de variados tipos e graus, para as quais evoluíram. Filha, toda a vida é uma só, "bom e mau", como dizes. Onde achas, filha, que vieram as origens de Deus e do diabo? O homem criou, ao longo de períodos de tempo, todo o tipo de divindades, todo o tipo de deuses individuais e assim por diante. Tu és o produto, e de facto toda a humanidade é o produto, de incontáveis milhões e biliões de forças de pensamento e influências. O homem sentiu, nos primeiros séculos, que tinha de criar um ser supremo, e ele tem sido chamado por muitos nomes; muitos grupos, muitas sociedades, muitas organizações e corpos religiosos surgiram. Alguns desapareceram com a passagem do tempo.

O homem sempre sentiu que deve haver alguma força suprema fora de si próprio, o que, claro, é verdade. Mas o homem teve de descobrir, ou pensou que poderia descobrir, o seu próprio Deus de acordo com a sua perspetiva e as suas atitudes, de acordo com o seu contexto ou a falta dele e as influências que lhe foram aplicadas. Todos sabemos da força suprema de toda a vida, à qual podemos chamar Jeová, podemos chamar Deus, podemos chamar Buda. De facto, podemos chamar a este poder, a esta força, a esta vitalidade, a esta energia dadora de vida, o que quisermos; é ainda o mesmo poder que gera através de toda a vida humana e de toda a própria natureza. Tudo o que nasce

vive de alguma forma, podendo não ser necessariamente sempre a forma a que alguém se habituou num certo período da sua vida.

PARTICIPANTE: O que começou todo este meu pensamento foi a mudança do mundo em geral. O homem não quer saber, pois não?

IRMÃO JOHN: Claro que o homem não quer saber. Em muitos casos, o homem tornou-se tão imerso em coisas materiais, está tão afetado por pensamentos e condições materiais. Estas pressões que são colocadas sobre o indivíduo são tais que, por vezes, é como tentar perfurar um nevoeiro pesado e espesso. Tiveste a bênção de perceber em parte algumas das coisas do espírito, como de facto outros tiveram, mas a massa da humanidade está tão imersa no pensamento material que a mantém firmemente no chão e torna a vida intolerável, não só para si própria mas para os outros — talvez ainda mais para os outros que percebem as coisas do espírito.

Quanto mais consciente e inclinado espiritualmente alguém se torna, mais difícil — como já disse — deve ser ajustar-se e viver de facto feliz num mundo como o vosso. O homem está a tornar-se mais e mais intolerante, há mais ódio, malícia, e há muito mais que está agora a ser manifestado no vosso mundo que é de ordem inferior, da atitude inferior de pensamento e vibração, onde cria o seu próprio inferno. Mas o indivíduo pode criar para si próprio o seu próprio céu. Mesmo aqueles que foram encarcerados, aqueles que foram colocados na escuridão longe do mundo material — embora para eles seja uma grande tragédia e uma tragédia para os seus entes queridos — no entanto, muitas vezes na escuridão e no confinamento de uma cela, um homem encontrou o verdadeiro significado da vida e o poder do espírito sustentou-o.

Acredita-me, minha filha, muitas vezes é apenas através da tragédia, muitas vezes é apenas através da adversidade, por vezes é apenas através das coisas que causam grande destruição e preocupação que começamos a perceber a realidade das coisas que são eternas. Aqueles que são duramente provados, minha filha, recebem os maiores júbilos e benefícios quando os seus olhos se abrem para as realidades e perdem, em consequência, os conceitos materiais de vida.

PARTICIPANTE: É um progresso seguro, Pai, não é?

IRMÃO JOHN: Filha, o tempo... o tempo é um sinal. O tempo, num sentido, é imaterial. Tu e outros como tu perceberam em alguma medida o poder que é gerado pelo Espírito Santo e, em alguns aspetos, fizeste muito para guiar, elevar e inspirar outros, de forma que não deves esperar que possas alguma vez esperar alcançar [tudo]. Muitas das coisas que talvez alguém pudesse desejar... pela simples razão de que, embora te possas sentir — como

de facto, num sentido, podes bem ser — como um grão de areia no deserto, no entanto, és vital e importante, e abençoaste muitos em consequência.

Não deves duvidar, nem temer, nem ter escrúpulos sobre aquilo que tens de fazer. Serás inspirada e fortalecida para fazer este trabalho indefinidamente, mas chegará o tempo, como deve chegar, em que poderás olhar para trás e ver de forma clara aquilo que, mesmo neste momento no teu tempo terreno, pode parecer até certo ponto obscuro. Não fiques indevidamente angustiada porque vês ao teu redor o mundo em sofrimento. Claro que é angustiante. Angustia-nos a nós. Sentimo-nos impotentes e, por vezes, sentimos que fizemos e podemos fazer tão pouco.

Contudo, sabemos que cada alma individual eventualmente encontrará o verdadeiro caminho. Pode não ser na sua vida terrena, mas virá certamente na sua vida espiritual. Muitos são os que se reúnem ao redor do vosso mundo e que estão nas trevas. Há muitos que estão presos à terra. Muitos que estão cegos pelas coisas do material, das quais não conseguem abdicar facilmente. Embora a vasta maioria das almas entre numa esfera de grande amor, grande tranquilidade e grande harmonia e sejam verdadeiramente abençoadas e ajudadas, existem também aqueles que, por causa das suas atitudes, pensamentos e condições em que viveram, tornaram para si próprios ainda mais difícil perceber — mesmo quando estão fora do corpo, agarram-se à terra e estão presos a ela.

Existem aqueles que habitam na escuridão do materialismo e têm grande necessidade. Tentamos ajudá-los; grandes bandos de almas vão às esferas inferiores e esforçam-se por assistir, ajudar a elevar, e em certa medida conseguimos. Mas cada indivíduo, embora lhe possa ser mostrado o caminho, não pode ser forçado a segui-lo. Ele deve fazer o esforço. Ele próprio deve salvar-se a si próprio. Não há julgamento aqui. Todos os homens se julgam a si mesmos.

Conheces a velha ideia ortodoxa de que Deus se sentaria num grande trono e julgaria os que estavam diante d'Ele. Isto é mitologia. Isto não é verdade. Cada indivíduo julga-se a si próprio. Cada indivíduo tem o poder dentro de si para superar; apesar de todas as vastas injustiças e vastas confusões da vossa vida, cada indivíduo tem o poder de se salvar. O caminho pode ser mostrado. O poder pode ser dado. A estrada pode ser difícil, mas pode ser trilhada. Onde existe o desejo do indivíduo de superar, de derrubar, ali a força e o poder são dados. Nós não falhamos. Parecemos falhar. Parecemos, por vezes, falhar.

PARTICIPANTE: Eu não acho que falhem. Sou eu.

IRMÃO JOHN: Não, filha. Não és tu nem sou eu. Não somos nós que falhamos. São os outros que não conseguem ver. As escamas diante dos olhos deles não são levantadas e, a menos que eles próprios perfurem a escuridão e a melancolia do seu materialismo, não conseguem perceber a luz da verdade. Tu só podes semear as sementes. Mas eles devem regar as plantas. Devem nutrir as plantas. Devem cuidar delas. E embora muitas das sementes, como disse muitas vezes, caiam em solo pedregoso, no entanto muitas são as que caem em solo abençoado e dão bom fruto.

Sinto-me, de facto, felicíssimo quando temos oportunidade de conversar desta forma e não permitiria que por um segundo do teu tempo terreno te deixasses abater. Mantém o poder do Espírito que se manifesta ao teu redor e ergue os teus olhos para os céus do Espírito, de onde vem todo o bem. Tu és, de facto, verdadeiramente abençoada, filha, e o teu trabalho prosperará e continuará. Embora, como disse, possamos decidir — como tu própria chegarás à conclusão — que é melhor talvez não fazer demasiado. É melhor talvez, conforme o tempo passa, restringir algumas das atividades para que sejas fortalecida para fazer aquilo que tens de fazer e que pode, de facto, ser uma bênção não só para ti, mas para todas as pessoas. Não quero que te sobrecarregues, filha.

PARTICIPANTE: Não me sinto tão feliz onde estou como me sentia.

IRMÃO JOHN: Bem, filha, sei que isto, até certo ponto, deve causar-te alguma angústia e, no entanto, em muitos aspetos és abençoada no sentido de que tens um lar e uma atmosfera que não é desagradável. Sei que te falta, até certo ponto, um sentimento de... não diria segurança, porque num sentido estás suficientemente segura, mas no entanto esta condição que causa algum desgosto, não só a ti mas a outros que estão na mesma vizinhança, isto mudará, não durará muito.

PARTICIPANTE: Não estou muito preocupada, na verdade, mas sinto que estou segura, como dizes. Quantos anos de tempo terreno já passaram? O tempo passa, senhor, tu e eu...

IRMÃO JOHN: Oh, há muito tempo. Muitos anos. Consigo olhar para trás e recordar momentos em que estiveste triste, sobrecarregada, preocupada, apreensiva, angustiada... mas de alguma forma o poder do espírito sustentou-te e tu ajudaste-nos a ajudar-te a ti própria. Sabes, às vezes ouvimos clamores de pessoas que esperam tanto de nós, mas tu não esperas demasiado. Pelo menos, procuraste sempre ajudar-te a ti própria para que pudesses ser capacitada a ajudar-nos a ajudar-te. Talvez se devesse... o que é uma combinação de amor, confiança, fé e o poder que é gerado torna todas as coisas possíveis, filha. Nada é impossível onde o poder do espírito está

envolvido, mas sabes que não se pode deitar demasiado num jarro pequeno. Embora possas estar a transbordar, só podes fazer uma certa quantidade e, conforme esse jarro se esvazia, pode ser reabastecido; e, num sentido, tu és um vaso.

Tu és um vaso da vontade e propósito de Deus, e és um vaso abençoado; e deste muito sustento e salvaste muitos pela sede que tinham através das palavras e do poder do espírito. Muitos são os que têm sede e muitos são os que serão reabastecidos e que serão salvos e a quem será dada a força para renovar a luta. Filha, não tenhas dúvidas de que sempre foste para nós um bom vaso e, embora às vezes te tenhas sentido — como de facto deves sentir — um pouco abatida, é-te sempre dado aquele ímpeto extra para seguir em frente, força extra; e algo, de vez em quando, entra na tua vida que te dá uma perceção, mais do que nunca, do poder do espírito. Nada te faltará.

És verdadeiramente uma boa e fiel serva do Altíssimo. Somos apenas crianças, somos apenas servos como tu, e fazemos aquilo que temos de fazer; e aquilo que temos de fazer, filha, é maior do que nós próprios. Lembra-te sempre disso. Que somos apenas instrumentos da vontade do Altíssimo para ajudar a sustentar os Seus filhos em todas as suas adversidades e problemas, para que lhes seja dada luz na escuridão do vosso mundo; e essa luz, como Jesus disse, seguirá em frente e de facto liderará o caminho e iluminará a estrada. Não importa quão difícil seja essa estrada, o luz do espírito torna todas as coisas possíveis. Tudo o que deves pedir é a força para continuar, e essa força ser-te-á dada, mesmo que às vezes pareça lenta e pausada; mesmo que às vezes possas sentir-te como se estivesses a tropeçar, ainda assim és erguida para fora das trevas para a luz mais plena da perceção destas coisas.

Verdadeiramente és mais abençoada do que outros que vêm a ti e ouvem a voz do espírito através de ti; verdadeiramente a eles é dada força para continuar nesse vosso mundo que, infelizmente, às vezes dá muito motivo para preocupação. No entanto, o poder do espírito supera todas as coisas, e esse poder que tens tornará todas as coisas possíveis para ti e para aqueles ao teu redor, e para aqueles que serão verdadeiramente guiados e elevados por estas palavras do espírito.

A minha paz, o meu amor, a minha bênção estejam contigo e com todos os que ouvem a minha voz. Segue em frente com força e sabe que não estás sozinha; verdadeiramente és guiada, guardada, ajudada. Ergue os teus olhos para as coisas que verdadeiramente são do espírito e todas as coisas então se tornarão possíveis. Nada é impossível para aqueles que têm a perceção destas coisas. Somos eternos. Abençoo-te, filha. Deus te abençoe. Deus vos abençoe a todos. Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, querido. Adeus. Mantenham o queixo erguido. Adeus. Obrigada.

MICKEY: É o que eu digo às pessoas: mantenham o queixo erguido. As outras também. Adeus. Tudo de bom. Vemo-nos.

PARTICIPANTE: Espero que sim. Adeus. Amo-vos. Adeus.

Sessão 071264

IRMÃO JOHN: Uns jovens sessenta e cinco anos, abençoada sejas, filha. A idade, que parece desempenhar um papel tão importante no vosso mundo, é em si mesma apenas uma ilusão. Alguém, quando na terra, torna-se, conforme envelhece, cada vez mais consciente do tempo, na medida em que nota mudanças dentro de si próprio, mudanças ao seu redor. Velhas vistas e lugares familiares, muitas vezes em si mesmos, tornam-se diferentes e mudam.

Por vezes perdemos o contacto e perdemos de vista muitas das coisas que outrora eram familiares e tantas vezes queridas ao coração. E no entanto, quando pensamos no tempo e percebemos que ele é, em si mesmo, uma coisa mutável, que é, de facto, uma ilusão... que nós, num sentido, não envelhecemos. São apenas as coisas materiais e físicas dentro de nós e ao nosso redor que mudam.

IRMÃO JOHN: Mas nós próprios, fundamentalmente, permanecemos jovens. O espírito é eternamente jovem. Sei que o teu único desejo é que possas ainda ter muitos anos para viver e trabalhar para o espírito de honra. Sei que desejas isto, para que possas servir a Deus e aos Seus filhos, para que tenhas a força e o poder concedidos sobre ti para o fazeres. E sei que assim será. Sei que te será dada uma força ainda maior e um poder maior que te permitirá superar dificuldades e problemas.

Nunca sugeri — de facto, sei que ninguém deste lado da vida que regressa sugeriria jamais — que o caminho devesse ser necessariamente fácil. Para aqueles que servem, o caminho muitas vezes deve ser difícil. Mas é-te dado um poder e uma força para vencer. Quando olhamos para o vosso mundo e vemos a tragédia, vemos as incertezas da vida, vemos a tristeza nos corações dos homens... quando percebemos a necessidade deste esclarecimento e desta verdade para os elevar, guiar e inspirar, sentimo-nos sempre renovados na fé e numa força para seguir em frente, para fazer mais a cada dia.

E o ano que se segue, sinto-me seguro, será um ano de promessa. Gostaria de aproveitar esta oportunidade, em nome de todos nós aqui, para te retribuir o nosso amor e o nosso agradecimento por tudo o que fizeste e por tudo o que alcançaste. Não tem sido um ano fácil. De facto, tem sido, em alguns aspetos, um ano dos mais difíceis e penosos. Mas saíste dele renovada em força, renovada em fé; e o teu amor, que esteve sempre presente, permitiu-te aproximar ainda mais do reino do Espírito. Estás felicíssima, minha filha, com o que foi feito. Não sintas que falhaste.

PARTICIPANTE: Obrigada.

IRMÃO JOHN: E ao aproximarmo-nos da vossa terra nesta altura, estamos conscientes, muito conscientes do facto de que existem tantos que não conhecem e não compreendem o Cristo. E mesmo muitos que sentem ou pensam que O conhecem e compreendem não captaram a plena realidade do Seu nascimento, da Sua vida e da Sua morte. Não parecem compreender ou apreciar que Ele era verdadeiramente o caminho, a via, pois *"Eu sou a luz do mundo"*. Ele veio para derramar luz no mundo para que outros pudessem ver e tatear para fora das trevas e segui-l'O e, em consequência, encontrar aquela paz que o mundo da carne não pode dar.

Vemos tantos no vosso mundo que, ao longo de muitos anos de vida, interpretaram mal os ensinamentos, a missão e o trabalho do Cristo. E queremos restabelecer, queremos enfatizar com todo o poder ao nosso comando, o verdadeiro significado, a realidade do Seu nascimento e o propósito da Sua vinda. Queremos que toda a humanidade conheça não só a realidade e a verdade da Sua missão, mas também que compreenda mais claramente o propósito das suas próprias vidas.

Pois, embora seja uma coisa grande e maravilhosa ter grande fé, grande sinceridade de propósito e grande amor no Espírito de Cristo, a menos que a própria pessoa compreenda verdadeiramente — a menos que perceba que este conhecimento e o Espírito de Cristo no interior fazem com que alguém se esforce ainda mais para se tornar como Ele, para cumprir a Sua missão e o Seu trabalho entre os Seus filhos... a menos que, de facto, estejamos tão sobrecarregados com o amor de Cristo que nos esqueçamos de nós próprios no verdadeiro serviço, não O encontrámos, nem permanecemos com Ele, nem O seguimos verdadeiramente. Há tantos que professam ser cristãos e que não são capazes de apreciar ou compreender o verdadeiro significado e não se esforçam, em si mesmos, por seguir o Cristo.

É por isso que é tão importante nesta altura, creio eu, restabelecer Cristo no coração, na vida, no trabalho e no esforço de cada um; tentar verdadeiramente tornar-se como Ele e fazer o Seu trabalho entre o Seu povo.

E ao fazê-lo, esquecendo o eu no amor e no serviço, verdadeiramente com o tempo encontramo-nos tão mudados que nos tornamos conscientes de que passámos a ser parceiros na missão de Cristo.

Zodiac — que tão bem conheces há tanto tempo, e que está agora ao meu lado nesta ocasião — partilha comigo este desejo: de que todos os que trabalham para o Cristo se rededíquem verdadeiramente nesta altura, e no tempo que ainda há de vir, num serviço verdadeiro e leal em fraternidade, esforçando-se em todos os momentos por colocar Cristo diante de si e segui-l'O. Tem havido muito desvio, tem havido muita mudança, tem havido muita errância e afastamento do caminho.

O próprio Zodiac, que por tanto tempo tem sido o inspirador, que por tanto tempo tem estado por trás de todos os esforços feitos pela organização que ele criou há tanto tempo na tua mente, e o seu instrumento aqui também te transmitem — a ti e a todos os que servem — que devem renovar-se com uma força maior, com uma perceção maior do propósito do trabalho que deve ser feito, percebendo as necessidades maiores que surgiram no vosso mundo desde o tempo em que ele próprio falava através do seu instrumento. Pois em todo o redor no vosso mundo vemos o caos, vemos a infelicidade criada pela inumanidade do homem para com o homem, pela intolerância do homem, pelo pensamento do homem focado não nos outros, mas no "eu".

E ao juntarmo-nos a vós hoje, confirmamos vez após vez a missão de Cristo, confirmamos o propósito e o significado do trabalho, tornando possível mais do que nunca que cada um se restabeleça, por assim dizer. De forma mais verdadeira, mais segura, mais certa, mais positiva e mais vigorosa e com mais amor nos vossos corações para com o Cristo e a missão de Cristo. As vossas necessidades são muitas no vosso mundo hoje. Precisamos, claro, de mais e mais instrumentos — instrumentos que trabalhem verdadeiramente da forma que desejamos. Existem tão poucos, tão poucos; mas, no entanto, entre aqueles de vós a quem foi dada esta tarefa, grande força, grande poder e grande amor são derramados sobre vós. *"Ide pelas estradas e caminhos da vida"*, disse o Cristo, *"e dai o meu evangelho, dai a minha verdade e o meu amor a todos os povos da terra"*.

Quando penso naqueles dias de há tanto tempo, quando percebi em mim próprio o imenso poder que era gerado, quando percebi que do simples Cristo veio a grandeza e o cumprimento do propósito de Deus entre os homens... nós, em palavras, não conseguimos retratar ou descrever como deve ter sido. De facto, só posso dizer isto: que o poder que estava dentro do Cristo, o poder que foi capaz de realizar e de vencer, é a vossa herança natural, se apenas a aceitassem e percebessem. Pois como o próprio Cristo disse, *"obras maiores*

do que estas fareis". E vós, que sois Seus discípulos, Seus seguidores, vossa é a tarefa, vossa é a oportunidade, pois em vós habita o poder do Espírito. E ele está a capacitar-vos para seguirdes em frente, para darda voz à Sua missão, ao Seu trabalho, e assim glorificar o nosso Pai que está n'Ele.

Maiores são os poderes e as possibilidades que tendes, se tiverdes apenas aquela fé que removerá as montanhas da dúvida; assim subireis alto para os reinos da conquista e do progresso espiritual. Tende essa fé, meus filhos, tende esse conhecimento e garantia de que verdadeiramente o poder do Cristo está convosco; e nesse poder, por esse poder e através desse poder, grandes coisas podem e serão realizadas. Sede tão mansos como uma criança recém-nascida na manjedoura. Envolvei-vos com esse poder que desce sobre vós das poderosas hostes do Espírito. Crescei em estatura e em graça e trilhai os caminhos da retidão e da verdade, e verdadeiramente vos tornareis uma luz no mundo obscurecido da terra.

E as vossas luzes brilharão tanto diante de vós que verdadeiramente sereis abençoados, e muitos vos abençoarão por aquilo que fizestes em nome d'Ele, no Seu serviço, no Seu amor. E digo a todos os que servem e trabalham: sabei que verdadeiramente sois abençoados, verdadeiramente sois guiados, verdadeiramente sois elevados, e grande é a recompensa quando regressardes aos reinos do Espírito de onde viestes primeiro. Agora não é para pensar em recompensa, mas para pensar em amor e em serviço, dando-vos livremente em todas as coisas, sabendo que estais a fazer verdadeiramente o trabalho do Cristo vivo.

E para todos vós, de todos nós aqui — de Zodiac, do seu instrumento e dos números incontáveis de almas que se reúnem em redor — nós abençoamo-los, damos-lhes o nosso amor e a nossa força, e dizemos-vos: fazei verdadeiramente o trabalho e a missão do Cristo, e verdadeiramente sereis abençoados, e verdadeiramente saireis das trevas para a luz. E neste serviço encontrareis o vosso júbilo, a vossa paz e a vossa felicidade. E para ti especialmente, filha, as minhas bênçãos, agradecendo-te com toda a intensidade do meu ser por te esforçares e, de facto, alcançares tanto no serviço do Mestre. A minha paz, a minha bênção estejam sobre ti, e sobre todos os que ouvem a voz do Espírito. Adeus, minha filha. Deus te abençoe, querida.

PARTICIPANTE: Deus vos abençoe a todos.

Sessão 071267

IRMÃO JOHN: Olá, minha filha. Não quero que fiques apreensiva ou indevidamente preocupada ou ansiosa. O caminho está a ser encontrado para ti. Aquilo que está para vir é para o melhor — para ti em relação ao teu "eu" pessoal e ao trabalho que ainda temos em mente que deverás fazer. É apenas por um tempo que estarás nesta condição instável. Sê paciente, mas percebe que estamos a encontrar para ti um novo lar. E neste novo lar encontrarás, estou certo, um imenso júbilo e felicidade e estarás mais capacitada para levar avante o trabalho do Espírito. Por isso, minha filha, tem bom coração.

PARTICIPANTE: Sim, terei.

IRMÃO JOHN: Agora, minha filha, há algo em particular que desejes que eu discuta?

PARTICIPANTE: Bem, pensei em deixar-te escolher hoje, Irmão John. No meio de tanto caos no mundo, pensei que teríamos algo de ti. "O que é o Natal?".

IRMÃO JOHN: Sim. O que é o Natal? O Natal é o tempo em que aqueles que aceitam e seguem os ensinamentos do Cristo voltam os seus pensamentos no tempo para aquele bebé nascido no mundo da carne. Para que Ele pudesse ser um exemplo para o mundo, nascido sob condições de adversidade e pobreza, em humildade e, no entanto, ao mesmo tempo em glória. Existem aqueles no vosso mundo que aceitam os ensinamentos do Cristo e que se chamam a si próprios cristãos, que mesmo agora não compreendem plenamente nem apreciam ou percebem o verdadeiro significado e o propósito do nascimento do Cristo. Existem aqueles que em humildade e em sinceridade de propósito vão verdadeiramente pelo mundo fora na escuridão, trazendo luz; e no entanto, mesmo assim, muitos são os que ainda não visualizaram verdadeiramente o real significado e importância do ser de Cristo.

Existem muitos que ainda se agarram à ideia antiquada de o Cristo ter nascido da Virgem Maria; não conseguem ver que na verdade do Seu nascimento reside a realidade da Sua missão e do Seu trabalho e o tremendo poder que se manifestou através desse ser. Não desejo retirar a qualquer indivíduo algo que seja real e algo que seja um grande júbilo espiritual e, no entanto, ao mesmo tempo a verdade confessa-me que devo afirmar que é por causa da naturalidade do nascimento do Cristo que a realidade da Sua vida e da Sua missão e aquilo que Ele deu ao mundo se tornam compreensíveis.

Parece-me tão importante que a humanidade perceba que Cristo nasceu no sentido normal, da forma normal; que Cristo foi de facto uma criança no

sentido físico da carne — embora fosse animado pelo poder do Espírito Santo, Ele era para todos os efeitos um ser humano. Foi-lhe dada a perceção, desde os Seus primeiros anos, pelo poder do Espírito, de que deveria manifestar esse poder e falar na escuridão do vosso mundo a mensagem de luz, a mensagem do Espírito. Mas se tantos O consideram, em primeira instância, fruto de uma conceção milagrosa, Ele deixa de ser humano. É-lhe dado, por assim dizer, algum poder e criação mitológica que O afasta dos homens e O torna irreal, inacessível e, em muitos casos, inaceitável para muitos povos.

Devemos ver o nascimento do Cristo pelo que ele é: uma realidade. Cristo nasceu no que se chama um estábulo porque não havia outro lugar onde pudesse ter nascido devido à circunstância e condição do tempo; a Sua mãe e o Seu pai eram como tu ou eu. Mas Ele nasceu verdadeiramente em luz, embora na escuridão do vosso mundo, sem lugar onde reclinar a cabeça; e havia em redor d'Ele uma hoste angélica de almas que vieram percebendo que Ele seria a voz do Espírito Santo — seria o líder dos homens, não no sentido material, mas no espiritual. Nos primeiros anos formativos, Ele estava sempre ciente das hostes angélicas ao Seu redor e muitas vezes ouvia as vozes que O instavam a cumprir o Seu ministério quando chegasse o momento.

Este é um tempo de regozijo no vosso mundo para aqueles que se chamam cristãos; e quanto mais deveriam regozijar-se quando percebem a humanidade do Cristo, quando percebem a proximidade do Cristo e o poder do Cristo e a mensagem do Cristo! E não só nesta altura deveriam aqueles que se chamam cristãos regozijar-se pelo nascimento, mas também deveriam regozijar-se pela mensagem da ressurreição do espírito entre o nascimento e a chamada morte. Este lapso de tempo em que o homem tem o seu ser na carne... este é o período de tempo de aprendizagem, de ganho de conhecimento e experiência. Nascemos, vivemos, morremos e vivemos de novo; e Cristo veio ao mundo para expressar estas coisas que são verdades eternas: que o nascimento na carne tem um significado e um propósito para o homem — que ele se deve dar plena e completamente em serviço amoroso aos seus semelhantes; que deve expressar, enquanto ainda na carne, o poder do Espírito Santo que está no interior e em todo o redor do homem.

E que quando a morte chega, qualquer que seja a forma que tome, é o portal para a vida eterna e que verdadeiramente o homem deve compreender que não há nada a temer, nada a recear; embora possa estar por vezes cheio de dúvida e incerteza, no entanto o glorioso exemplo que é dado pelo Cristo é a chave que abre a porta da verdade e abre o coração para a plena perceção da vontade e propósito de Deus para os Seus filhos. Não queremos que o homem pense em milagres, mas que pense em realidades. Existem homens que colocam em redor do Cristo uma ordem de conceção milagrosa, que colocam

ao Seu redor aquilo que Ele próprio não reivindicou para Si. Cristo era dos homens e no entanto superou a carne por causa do poder do Seu espírito e da perceção da Sua missão e propósito de vida.

É por isso que nesta altura estamos tão ansiosos por dissipar estas coisas que colocam Cristo numa posição onde não é plenamente compreendido nem se percebe que Ele foi verdadeiramente dos homens, embora nascido num sentido de Deus, do espírito. Devemos tentar ver a realidade da Sua vida e tornar para nós próprios, como Ele disse, exemplos também — que deveríamos verdadeiramente segui-l'O e ser como Ele e tentar, em todos os nossos trabalhos, em todas as nossas palavras, fazer o mesmo. O homem criou a partir da verdade da Sua vida muitas coisas falsas que obscurecem a beleza, a realidade e a verdade do Seu ser; e sinto tão fortemente que, quando o homem conseguir ver esta verdade em toda a sua glória, o homem elevar-se-á acima das condições da sua vida e tornar-se-á verdadeiramente um seguidor do Espírito Santo.

IRMÃO JOHN: Cristo nasceu no mundo não para fundar uma religião, um credo ou um dogma; não para estabelecer uma nova igreja sobre a terra, mas veio em simplicidade e em beleza para que o homem pudesse encontrar o caminho, o verdadeiro caminho para a luz eterna e a vida eterna. Temos visto ao longo dos séculos como o homem distorceu estas verdades; como o homem trouxe à existência muitas coisas que são, em si mesmas, o oposto de Cristo e da Sua missão. Muitas coisas que têm sido feitas, foram-no em nome do Cristo, mas não são em si mesmas "cristãs".

Existem fendas entre aqueles que seguem o Cristo; há aqueles que veem apenas o que desejam ver e temos, como bem sabemos, muitas diversidades de opinião e matizes de pensamento que separam os homens de si mesmos, uns dos outros e do Cristo. Estas são tragédias trazidas à existência por falsidades, particularmente falsidades na perspetiva sobre o Cristo. Não veem o Cristo na Sua verdadeira beleza e na realidade do Seu trabalho e missão. Cristo veio ao mundo não para separar os homens, mas para os unir; veio para que pudesse, através do Seu trabalho e da Sua missão, abrir para o homem a porta da verdade que estivera trancada por séculos. Ele era a chave, e muitos homens tentaram abrir a porta e, no entanto, muitas vezes a porta permaneceu fechada porque não viram por si mesmos a realidade d'Ele próprio, o Cristo. Viram apenas um aspeto e, em consequência, a chave não serviu.

Cristo é a chave para todos os corações; Cristo é a chave que abre todas as portas; Cristo é a chave que abrirá os céus — mas apenas quando o próprio homem tiver percebido o real poder que há no Cristo. E os mistérios que serão quebrados e revelados aos homens só o podem ser quando o próprio homem

vir que os mistérios, em si mesmos, são o que ele próprio criou. Cristo não nasceu em mistério e mito; Cristo nasceu em amor e realidade. Cristo foi verdadeiramente trazido ao mundo da carne para que pudesse abrir para toda a humanidade a chave do conhecimento; para que pudesse ser usado de forma que todos os homens de todas as nações se unissem em força e que eles próprios encontrassem, ao seguirem as Suas pegadas, o caminho, a verdade, a luz e a via.

Somos todos Seus filhos, somos todos parte d'Ele em espírito e em verdade. Mas devemos — se queremos ter sucesso nos empreendimentos a que nos propusemos — libertar-nos de todas estas coisas que são barreiras e que são, pela sua própria natureza, falsas e opostas à simplicidade, à humildade e à realidade do Cristo a quem amamos.

PARTICIPANTE: Suponho, Irmão John, que embora a parte mítica tenha sido enfatizada, ainda assim a vida de Cristo foi uma boa influência no mundo, embora num sentido não limitativo. E suponho que leve tempo a desaprender, e mesmo para aqueles que passam para o espírito com estas crenças, leva tempo até que se libertem delas.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, mas devemos perceber que o homem trará individualmente a sua própria interpretação, não necessariamente apenas ao Cristo e aos Seus ensinamentos, mas a muitas coisas pertencentes à própria vida. Isto é humano, natural e compreensível. Também estamos plenamente conscientes de que existem muitos que seguiram o Cristo e alcançaram grandes coisas em Seu nome, que seguiram o melhor que puderam as Suas pegadas. Nós, que vimos a ti, estamos plenamente conscientes de tudo o que está a ser feito por seguidores sinceros do Cristo. Não vimos para desencorajar; não vimos de forma alguma para lhes retirar aquilo que encontraram e que lhes trouxe paz e tranquilidade, e que criou para eles um modo de vida.

Mas sentimos que, se a totalidade da humanidade deve ser verdadeiramente seguidora no sentido mais elevado, na realidade de que falamos, muitos destes mitos, muitas destas lendas, muitas destas coisas que foram discutidas e aceites por muitos devem ser mudadas. Há muitos que não conseguem ver e não conseguem compreender pela simples razão de que muitas das coisas que a igreja, ao longo dos séculos, "etiquetou" à verdade cristã tornaram-se — à medida que os homens começaram a pensar mais profunda e seriamente — barreiras. Elas, pela própria natureza do que foi dito, trouxeram fricção, trouxeram mal-entendidos; de facto, trouxeram não necessariamente apenas o bem, mas muitas vezes muito do que há de mau na natureza humana. Vimos as guerras, vimos as fricções, vimos todo o tipo de

coisas que são estranhas ao Cristo e, no entanto, praticadas por aqueles que professam ser cristãos.

Um verdadeiro seguidor do Cristo, em verdadeira humildade e sinceridade de propósito, renuncia a si mesmo. Isto pode soar estranho e quase impossível de aceitar ou acreditar, mas se alguém quer encontrar a verdade, se quer encontrar Cristo, se quer encontrar a realidade do espírito, é vital e importante que se dê absoluta e completamente em amor e em serviço a Ele e ao trabalho do espírito. Por outras palavras, deve-se perder no mar do espírito; deve-se, por assim dizer, afogar o "eu" no sentido material, de tal forma que nos tornemos... embora a maré das coisas materiais seja pesada e difícil, podemos nadar pela graça de Deus e superar tudo o que a vida possa trazer. Quando um homem está preparado para perder a sua vida, se necessário, na verdade, no amor, no serviço e na fraternidade, então, quando o homem se deu e se perdeu, ele começa a ver-se a si próprio, começa a encontrar-se verdadeiramente.

Cristo deu-se completa e absolutamente. Ele não estava preocupado com as coisas da carne; estava apenas preocupado com as coisas do espírito. Deu-se total e absolutamente e, se queremos encontrá-l'O, devemos verdadeiramente emulá-l'O. Devemos segui-l'O e dar completamente de nós mesmos, tal como Ele próprio deu; e é desta forma, e apenas desta forma, que seremos capazes de fazer o trabalho que Ele desejou que fizéssemos. Mas vemos no vosso mundo muitos cristãos sinceros, muitas religiões sinceras ou aspetos do ensinamento do Cristo, e sabemos que, individualmente, aqui e ali, existem homens de grande integridade de espírito que verdadeiramente são cristãos e seguidores do Cristo.

E no entanto vemos a massa da humanidade que não sabe, não compreende; e entre eles estão muitos que se chamam cristãos e que ainda não captaram o real significado e o propósito por trás do trabalho e da vida do Cristo. Por outras palavras, até que a igreja cristã aceite plenamente os ensinamentos do Cristo e se esforce por emular o Cristo de todas as formas possíveis e imagináveis; até que consiga pôr de lado a sua pompa, a sua cerimónia e o seu poder, e confiar única e absolutamente na simplicidade e na humildade do Cristo, e dar o espírito de forma completa, absoluta e gratuita, esquecendo o eu no serviço... não pode haver uma verdadeira evolução e desenvolvimento cristão entre os homens.

A contenda no mundo é a falta do elemento cristão; a falta do espírito cristão; a falta da aceitação do propósito e do significado de Cristo e dos Seus ensinamentos. Nações que se chamam cristãs fazem a guerra. Fazem todas as coisas que se opõem aos ensinamentos do Cristo, individual e coletivamente.

E nações com grande poder tiram a vida de muitos filhos de Deus, chamando-lhe justiça, chamando-lhe retidão e, de facto, usando muitas expressões para encobrir a sua incompreensão e a sua falta de conhecimento de Cristo e dos Seus ensinamentos. As coisas que foram feitas sob a bandeira do Cristianismo por cristãos professos são diametralmente opostas às coisas que Cristo ensinou e que Cristo desejou que os homens fossem e se tornassem.

Cristo veio em paz e em amor, em humildade e sinceridade para mostrar o rumo, o caminho, a luz; para que os homens fossem humildes, para que encontrassem a verdadeira fraternidade uns com os outros ao seguirem os Seus ensinamentos. Mas vemos o mundo em que habitas e percebemos, particularmente agora nesta altura em que celebrais como cristãos o nascimento do Cristo, vemos as misérias do homem — e muitas destas misérias são trazidas à existência por aqueles que professam ser cristãos, sejam eles indivíduos ou nações. Então, como podemos condescender, como podemos celebrar o nascimento do Cristo? Como podem os povos da terra regozijar-se quando só há lugar para lágrimas e tristeza?

Nós abençoamos todas as criaturas de Deus. Abençoamos todos os filhos de Deus. Abençoamos todos aqueles, quer sejam cristãos professos ou não. Abençoamos todas as criaturas de Deus, pois todos são um só corpo — separados embora possam estar, mas todos são um só em espírito. E o tempo certamente chegará em que o homem verá a verdade e, tendo visto a verdade, trará à existência aquela paz que Cristo desejou que viesse sobre a terra — um tempo de paz e boa vontade para com a humanidade. Esta é a mensagem do espírito. Esta é a nossa tarefa. Isto é aquilo que tentamos tão desesperadamente realizar entre vós: que saiais verdadeiramente espalhando a jubilosa verdade da vida eterna e a mensagem do Cristo — que todos os homens devem ser irmãos, independentemente da cor, raça ou credo.

Amamos todos os filhos de Deus e vimos em serviço amoroso. Trazemos connosco esse poder que nada pode destruir. Tu és abençoada, minha filha. Segue pelos caminhos do mundo fazendo aquilo para que foste chamada, sabendo que, pelo poder do Espírito Santo, vencerás e, em consequência, terás motivo para te regozijares connosco ao fazeres a vontade do Altíssimo. Sê de boa fé, minha filha. Que a paz esteja contigo. Deus te abençoe.

PARTICIPANTE: Obrigada, muito obrigada. Adeus.

IRMÃO JOHN: E um feliz Natal. E não te preocupes, porque encontrarás um novo lar.

Sessão 091174

IRMÃO JOHN: Podes ouvir?

PARTICIPANTE: Sim, consigo ouvir-te, querido.

IRMÃO JOHN: A paz esteja contigo. E com todos aqueles que ouvirem a voz do Espírito. Desejo apenas que aqueles que ouvirem a voz do Espírito tomem para si estas coisas de que falamos, e que possam ser de tal forma dirigidos nas suas vidas, que sejam mudados de acordo com o Espírito da Palavra. Conforme me aproximo da terra ainda mais do que no mês passado, sinto que maior é a necessidade do Espírito.

Sim. E, de facto, ao aproximar-me da terra, tomo para mim muitos dos fardos do material. E reafirmo que o poder do Espírito, e apenas esse, libertará aqueles que caminham na senda do material; para que, no devido tempo, se tomarem para si estas verdades de que falamos, vejam a luz que estamos a tentar dar ao vosso mundo, a qual os conduzirá para fora das trevas.

E eu tomo para mim — como de facto fazem muitos daqueles que vêm como eu ao vosso mundo novamente — tomamos para nós muitos dos vossos pensamentos, muitos dos vossos desejos, muitos dos vossos problemas e confusões e, à nossa maneira, esforçamo-nos por ajudar-vos a clarificar e a abrir a visão que vos trará essa paz que há tanto tempo tem escapado aos homens da terra.

PARTICIPANTE: Estou a tentar manter a paz interior.

IRMÃO JOHN: Sim, filha, eu sei. Mas estamos sempre conscientes, ainda mais, como já disse, das múltiplas confusões e problemas do vosso mundo hoje. Se pudesses ver o vosso mundo como nós o vemos, é como se estivésseis cercados por um nevoeiro; e este nevoeiro de condição mental, criado pelo homem na sua insensatez e egoísmo, torna-o mais difícil do que nunca de atravessar.

Existe tanta intolerância, tanto no vosso mundo que nos causa grande preocupação. E nós, ao entrarmos no vosso ambiente, achamos extremamente difícil, por vezes, ser capazes de mudar as mentes, os corações e os desejos das pessoas. Aqui e ali, conseguimos chegar a alguma alma, como tu, cujas aspirações são das mais elevadas e cujos desejos são puramente de natureza espiritual. E somos capazes, até certo ponto, através de ti e de outros como tu,

de influenciar; mas, mesmo assim, não podemos mudar nenhum ser humano a menos que eles próprios mostrem o desejo de mudar.

Muitas vezes foi dito que aqueles de nós no mundo espiritual deveriam ser capazes de, pelo nosso poder, mudar muitas pessoas no vosso mundo. Embora possamos ter sucesso aqui e ali, não podemos forçar-nos sobre ninguém; não podemos obrigá-los a fazer nada do que lhes compete decidir. Se estão determinados a seguir um caminho, seja ele qual for, não podemos forçá-los a mudar a rota que empreenderam. Mas se mostrarem desejo de sabedoria, se mostrarem desejo de perceção da verdade, se mostrarem desejo de bondade nos seus corações e de bem-estar, então podemos alcançá-los, então podemos ajudá-los e elevá-los. Mas há tanto no vosso mundo hoje que desejaríamos mudar, mas podemos fazer tão pouco porque os indivíduos em questão não o desejam.

PARTICIPANTE: É muito desanimador para vós.

IRMÃO JOHN: Onde as sementes são semeadas, elas são tuas. No tempo que está para vir, o fruto poderá surgir e ser bom. Mas muito do espírito do mundo cai em solo pedregoso. Mesmo aqueles que ouvem através da minha voz, através do meio da vossa gravação, como lhe chamas... muitos talvez fiquem interessados, alguns ficam comovidos, alguns ansiosos por tomá-lo para si, mas muito poucos são os que realmente compreendem, realmente aceitam plenamente, realmente veem por trás de tudo o que nos esforçamos por fazer o real propósito. Existem muitos no movimento espiritualista que são sinceros e, no entanto, eles próprios não fazem qualquer grande esforço para realizar o trabalho do espírito. Não quero necessariamente dizer que devessem tornar-se instrumentos ou médiuns como tal, mas poderiam servir.

Olho para trás, para os muitos anos em que estivemos associados, e percebo que aqui e ali fomos capacitados a servir, a confortar, a ajudar, a elevar e a inspirar. E por isso, por isto, estamos eternamente gratos. E especialmente estamos gratos a ti como o instrumento através do qual servimos. Mas, como já disse frequentemente no passado, conforme cada ano se aproxima do fim e o novo está prestes a começar — embora todo o tempo seja um só — no entanto, é um tempo em que aqueles na terra, como tu, olham para trás e avaliam até certo ponto o ano que está a ir e olham para a frente com a esperança de promessa no coração para o ano que está prestes a descer e vir sobre vós.

Mas deve haver momentos para ti e para outros como tu — e para nós em particular — em que sentimos que talvez não tenhamos feito muito. Fizemos o melhor que pudemos sob circunstâncias e condições difíceis, e

sabemos que não é fácil para os nossos instrumentos que têm de, como tu fazes, viajar, ir de lugar em lugar, por vezes sob stress com as viagens envolvidas, e também com a condição atmosférica que por vezes é assumidamente desagradável, e a despesa que também pode estar envolvida. Pensamos em muitas coisas, levamos em consideração todos os esforços que são feitos. E embora talvez nem sempre alcancemos tanto quanto desejaríamos, estamos conscientes do facto de que aqui e ali uma pessoa recebeu [a mensagem], uma mudança de coração ocorreu, e estamos gratos.

Mas, claro, vemos muitas vezes numa visão o mundo inteiro, e vemo-lo como um lugar doente e infeliz onde há tanta malícia, intolerância e ódio; onde barreiras foram construídas através da insensatez, da ignorância e da estupidez, do orgulho nacional e de espírito que muitas vezes cria infelicidade trazida, talvez ao longo de muitos anos, o que traz no seu rasto guerra civil, conflito, e muitas pessoas inocentes são envolvidas e apanhadas, e muitas vezes isto termina aqui, antes de terem tido tempo no vosso mundo de evoluir ou desenvolver-se, aprender e experienciar. Pois vemos o vosso mundo como um terreno de treino, como uma sala de aula de lições que devem ser feitas. Vemos o vosso mundo como uma vasta sala de aula de experiência.

Infelizmente, não há muitos professores. Há muitos professores que ensinam, mas não necessariamente aquilo que é verdadeiro. Muitos são enganados, muitos são mal orientados, muitos estão inseguros e incertos sobre aquilo que lhes foi ensinado, e começam muitas vezes a procurar a verdade, e às vezes conseguimos alcançá-los e ajudá-los. Mas nem sempre é fácil para muitas pessoas no vosso mundo quebrar as correntes que as prendem. As mentes das pessoas por vezes, em grupos particulares ou organizações religiosas, estão canalizadas de tal forma que é quase impossível ajudá-las.

Penso que de todas as múltiplas complicações e dificuldades que temos de enfrentar, muitas vezes é tentar chegar àqueles que foram doutrinados, porque estão tão presos a estas coisas que foram levados a aceitar como verdade, que não conseguem desvencilhar-se delas. São grilhões que os prendem; as suas mentes estão fechadas, e muitos dos que vêm para aqui, no processo do tempo, encontram extrema dificuldade em serem, por assim dizer, livres para pensar clara e sabiamente. Estão acorrentados e vivem muitas vezes, milhares e milhares deles, em comunidades.

PARTICIPANTE: Sim, falaste-me disso. É muito triste. Estava a pensar, John, que ao longo de todos os séculos houve sempre agitação e dificuldades, mas sinto que agora está pior do que nunca. Não sei se sou eu ou...

IRMÃO JOHN: Bem, claro, acho que a resposta óbvia a isto é que o espaço, a distância, já não tem qualquer significado no vosso mundo. Nos tempos de há séculos, muitos dos problemas, das guerras ou das confusões centravam-se em pequenas áreas em vez de serem mundiais.

PARTICIPANTE: Sim, agora toda a gente sabe tudo.

IRMÃO JOHN: Com o advento do avião, com o advento da televisão e da rádio, as pessoas são agora reunidas como em nenhum outro momento na história do homem. Aquilo que está a acontecer a 6.000 milhas de distância pode ser visto num ecrã na tua própria casa. Podeis ser participantes de eventos que acontecem a milhares de milhas. Por outras palavras, estais todos tão presos uns aos outros pelo poder destas invenções. Parece-me agora que o homem, em vez de ter aprendido e ganhado com estas invenções, até certo ponto foi amaldiçoado por elas.

PARTICIPANTE: Sim, é assim que me sinto.

IRMÃO JOHN: Vês, filha, que já não há qualquer oportunidade, ou há muito pouca oportunidade, para vastas maiorias de pessoas se isolarem ou serem capazes sequer de recuar do mundo material e relaxar mental e espiritualmente. O que outrora eram vastos acres e acres, milhas e milhas de arredores naturais sem poluição da atmosfera, sem poluição do solo do qual o alimento necessário ao vosso bem-estar é retirado... por outras palavras, é poluição, poluição de todas as formas possíveis e imagináveis. E tudo isto deve e, claro, afeta — e afetaria ainda mais — a humanidade.

Também, num sentido, é verdade dizer que estais a viver na borda de um precipício todos os dias da vossa vida e com a incerteza do que poderá acontecer a seguir. O homem está a construir, e tem construído há muitos anos, armas terríveis de destruição. E estas coisas não podem ser trazidas à existência e mantidas, por assim dizer, para o momento no tempo em que possam ser libertadas sem toda esta atmosfera de medo e incerteza e o sentimento que existe entre povos e nações de desconfiança, de falta de confiança.

Estais a viver num mundo tão mudado em relação a cem anos atrás.

PARTICIPANTE: Não escolhi um tempo muito bom para voltar, pois não?

IRMÃO JOHN: Não foi uma questão de escolha. Foi uma questão de ser trazida ao vosso mundo num tempo em que talvez fosse verdade dizer que era o melhor tempo de todos, na medida em que precisamos de indivíduos como tu, que estejam dispostos a dar-se em amor e serviço num tempo em que

o homem precisa de verdade, precisa de esclarecimento, precisa de inspiração do Espírito.

E sinto que, para aqueles que ouvem e para aqueles que participam e que eventualmente aprendem, compreendem e servirão em consequência, eles são luz na escuridão e impressionarão e inspirarão outros, esperamos nós, pela sua experiência. Mas não desejo deter-me completamente na nota de depressão; sinto que devemos lembrar e perceber que, aconteça o que acontecer no vosso mundo, o que quer que transpire no eventual chegar à plena perceção do Espírito — como todos os homens devem chegar — tudo ficará bem.

Nós não queremos, obviamente, não queremos destruição no vosso mundo. Não queremos infelicidade no vosso mundo. Não queremos doenças. Não queremos que todas as múltiplas complexidades das vossas vidas continuem como estão, mas apenas podemos esforçar-nos por assistir e ajudar o melhor que pudermos e conseguirmos. Mas temos esperança nos nossos corações de que o homem, antes que seja tarde demais, veja o erro dentro de si próprio, individual e coletivamente.

Claro, suponho que o nosso principal receio no momento seja o campo de atividade nacional e internacional, coisas que estão a acontecer nos bastidores, atrás de muralhas fechadas, das quais o homem comum na rua nada sabe, o que lhe é deliberadamente ocultado. O homem caminha, como nos parece a nós, invariavelmente com os olhos vendados. Ele não sabe muitas das coisas que nós sabemos, que recolhemos, que aprendemos — pois não há muralhas que nos possam manter fora. Estamos conscientes de muitas coisas das quais a pessoa comum nada sabe, que só são conhecidas pelos poucos que detêm o poder, e os que detêm, poderias dizer, o mundo na palma da mão.

Felizmente, sentimos que muito poderá ainda ser evitado. Muito poderá ainda ser feito que aliviará a situação, a qual está a surgir de forma ainda mais aguda no mundo político — política e religião. Por estranho que possa parecer ser eu, de todas as pessoas, a dizer isto: em muitos aspetos, são a maldição do mundo. Tens de olhar para esta "prisão", de Melbourne à Irlanda. Ali vês católicos a assassinar protestantes e protestantes a assassinar católicos. É porque não compreenderam, não lhes foi dito corretamente as coisas que Jesus falou.

Jesus emitiu grande sabedoria, grande esclarecimento, grande consciência espiritual. Ele tentou demonstrar de todas as formas possíveis e imagináveis durante a sua vida a realidade destas coisas de que falamos. Mas o homem inundou a verdade com credo e dogma e ritual, alegando que a sua marca particular de religião é a única e todas as outras são falsas. Vemos os

males que vieram ao vosso mundo através da ignorância nos ensinamentos de persuasão religiosa. Não desejo que penses, nem que ninguém pense, que sou de qualquer forma anti-religioso ou que estou particularmente preocupado com o aspeto ou abordagem pessoal de um indivíduo. Existem muitas almas boas em todas as religiões, todas as religiões organizadas, e muitas fora sem religião alguma.

Mas o ponto é que temos de encarar o facto óbvio de que muitos dos males do vosso mundo podem ser rastreados até à estupidez e à insensatez de pessoas de uma persuasão religiosa que, sob a assunção de que o seu corpo ou grupo religioso particular convoca a vontade divina, é o único que está certo. Existem muitas falhas em todas as religiões, mas estas são falhas feitas pelo homem. São interpretações feitas pelo homem, construídas frequentemente ao longo de séculos pelo aspeto material de pensamento em relação às verdades fundamentais das religiões.

Se alguém pudesse remover todas estas coisas e regressar à beleza, à simplicidade e à fidedignidade das coisas ensinadas pelos grandes videntes e profetas de outrora — que todos ensinaram exatamente a mesma coisa. Cristo veio e foi uma revelação para o mundo na sua era, no seu tempo, e demonstrou os dons do Espírito. Muitos outros também fizeram o mesmo. As pessoas têm esta conceção errada de que a sua "marca" particular, se quiseres, de religião é a única.

O homem deve aprender, através da simplicidade, da beleza e da graciosidade de Jesus e de outros como ele, que têm dentro de si o poder de se salvarem a si próprios; que têm dentro de si o poder de superar e de se tornarem, em consequência, sintonizados espiritualmente. O próprio Cristo conhecia estas verdades e demonstrou-as, e *"obras maiores do que estas"*, disse ele, *"fareis, porque eu vou para o meu Pai"*. Mas nenhum homem desde então alcançou nada parecido com o que ele alcançou, porque não seguiram o verdadeiro caminho. Não viram aquela luz com a clareza com que foi dada. Não aprenderam com estas coisas que foram ensinadas por ele há dois mil anos. Não viram na simplicidade e na beleza da sua vida e do seu ensinamento a realidade que ele deu ao mundo.

Ele não estava apenas a referir-se ao mundo do Espírito. Estava também a referir-se, em muitas instâncias, ao mundo da chamada carne. Como a moeda: *"dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"*. Assim estas coisas devem ser entregues. Se o homem pudesse viver em harmonia e em tranquilidade, se pudesse ter equilíbrio na sua vida para que pudesse verdadeiramente dar a Deus o que é de Deus e as coisas que são materiais, pelo valor que têm, entregá-las no sentido correto. Por outras palavras, não há

razão para que os dois mundos, o material e o espiritual, não devessem estar entrelaçados e unidos.

Eles são, de facto, verdadeiramente parte um do outro. Se ao menos as pessoas pudessem ver isto e tornar o poder por trás de todos os seus pensamentos e ações de natureza espiritual, utilizando as suas forças materiais, as suas capacidades materiais, as suas oportunidades materiais no sentido mais espiritual, para que pudessem ver o caminho como foi pretendido. A tragédia do vosso mundo é que as vastas quantidades de seres humanos não captaram o significado e a perceção destas coisas ensinadas por todos os grandes videntes e profetas de outrora, mas ficaram presas. Ficaram presas, de facto, com todo o tipo de questões secundárias que não têm relevância, nem significado; presas em conceções estreitas, aspetos materiais de pensamento, tudo amarrado e provocado pela estupidez de indivíduos de séculos passados que estavam longe da verdadeira consciência espiritual do Cristo, mas que viram oportunidade de poder e engrandecimento para que pudessem construir num sentido material a partir daqueles que os seguiam, como ovelhas cegamente conduzidas. Se ao menos pudéssemos fazer mudanças. Se ao menos pudéssemos fazer as pessoas ver.

IRMÃO JOHN: Percebemos, e tenho a certeza de que tu também, que muitos dos jovens do vosso mundo estão desiludidos e insatisfeitos. Estão inquietos. Já não seguem cegamente. Aqueles que outrora os lideravam já não têm o mesmo poder, e aqueles que parecem ter o poder em lugares altos não governam pelo amor, mas pelo medo. E é nesta tragédia que, no entanto, muitos dos jovens estão a descartar os credos antiquados e os dogmas da ortodoxia.

Estão a lançar para longe de si as correntes que prendiam os seus antepassados. Deveríamos ver a possibilidade nos jovens. Sabemos que há aqueles que nos angustiam, há aqueles que fazem coisas tolas, mas muitos deles estão sinceramente à procura. Não sabem bem o que procuram, é verdade, mas já não estão amarrados a preceitos e credos. Estão a quebrar as correntes, e é para os jovens que olhamos. Não invadiu Ele os templos? Não expulsou Ele os cambistas? E, no entanto, nas vossas igrejas e templos por todo o mundo, existem os cambistas; existem aqueles que amealham riqueza e fortunas, existem aqueles que usam as verdades do Cristo para ganho material e engrandecimento.

Estas não são as coisas do espírito, estas são as coisas do homem, estas são as coisas da terra. Seja no Vaticano ou em qualquer outro lugar — as ações, as participações e os investimentos na cidade, tudo feito em nome do Cristo, tudo possuindo e construindo cada vez mais propriedades e valores,

tudo material. Não foram estas as coisas que Jesus falou. Não foram estas as coisas que Jesus quis. Jesus disse: *"Ide pelas estradas e caminhos, pregai o meu evangelho a toda a criatura"*. Estas são as coisas do espírito, conforme sais da escuridão do teu mundo, trazendo um pouco de iluminação aqui e ali.

Verdadeiramente, estas são as coisas que Jesus desejou. Segue em frente novamente nos meses que tens pela frente, filha, e sabe que eu e outros estaremos contigo sempre. Amém, querida. Desejo-vos toda a paz, toda a tranquilidade do espírito, com todo o amor nos vossos corações, para que possais verdadeiramente servir os vossos irmãos e irmãs; para que sejam abençoados, como sei de facto que serão, pela luz e pela iluminação do espírito; para que recebam nova força, nova compreensão, novo poder para manifestar no mundo material em que agora habitais, de modo que este seja, em certa medida, mudado para vós, e sendo mudado para vós, permita que outros também sejam mudados. Eles também entrarão no brilho, na beleza e na harmonia das esferas. Uma bênção, minha filha. Segue em frente com bons corações. A paz esteja contigo. Deus te abençoe, querida. Adeus.

Sessão 091263

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, filha. O nosso amiguinho [Mickey] está muito interessado, muito preocupado contigo e com o trabalho. Ele quer sempre saber o que estás a fazer e por onde tens andado. De facto, ele é uma alma maravilhosa.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei disso.

IRMÃO JOHN: Tanta gente o subestima. Não compreendem que ele é uma alma muito avançada e que escolhe deliberadamente regressar, por assim dizer, numa vibração mais baixa com o propósito de poder ajudar de qualquer forma que possa a abrir a porta para outros que são menos experientes. Ele é uma alma jovem e muito sacrificada.

PARTICIPANTE: Bem, eu conheço-o há muito tempo, Irmão John.

IRMÃO JOHN: Sabes, um dia devo tentar convencê-lo a vir falar contigo da forma como realmente o conheço. Não como uma criança, mas como a mente e a personalidade adulta. E o conhecimento que ele possui é imenso. Mas ele escolhe deliberadamente regressar neste disfarce material, tal como era quando estava na terra. Embora tenha partido tão jovem, ele é tão avançado aqui e, de facto, tantas pessoas, se ao menos o percebessem, ficariam mais do que surpreendidas ao vê-lo como eu o conheço: um ser adulto formado, cheio de conhecimento e experiência, já não a criança.

Muitas das coisas divertidas que ele diz são feitas deliberadamente para aliviar a tensão, particularmente numa sessão como esta, quando as pessoas são talvez novas e estranhas ao processo. Ele esforça-se por elevar, por assim dizer, a vibração para que os indivíduos se sintam à vontade. Ele é cheio de um sentido sábio e extraordinariamente conhecedor. Gosto muito da "criança". Refiro-me a ele como criança agora porque, ao vê-lo aqui parado, percebo esta fachada que ele constrói. É de facto algo maravilhoso que ele possa usar esta personalidade exterior para fazer um trabalho tão grande. E muitos de nós aqui, todos os que o conhecem na verdade, estamos de facto muito em dívida para com ele. Ele tornou possível para tantos de nós regressar e comunicar, ajudar e aconselhar, onde possível, aqueles cujas necessidades são muitas no vosso mundo. Estamos muito gratos.

PARTICIPANTE: Eu também.

IRMÃO JOHN: Mais uma vez, filha, chega de novo este tempo do Natal, um tempo que de tantas formas encerra tanto para a humanidade. Estamos sempre conscientes do Espírito de Cristo. Estamos sempre conscientes também, nesta altura particularmente, da necessidade de ser como criancinhas. O próprio Cristo disse: *"Trazei a mim as criancinhas"*. E assim é que, através dos olhos de uma criança, muitas vezes vemos grande sabedoria. Penso particularmente nesta ocasião, conforme olho para trás para os anos que passaram, e cada ano é marcado por algum progresso — às vezes talvez tu própria não percebas totalmente o que foi alcançado.

E conforme o período de Natal se aproxima, este tempo de paz na terra e boa vontade para com os homens, não creio que nem tu possas perceber o que foi feito, o que foi alcançado. Há alturas em que sei que estás um pouco desanimada, e no entanto tenho-te dito vezes sem conta que muitas sementes são semeadas, mas não estás necessariamente lá para as ver florescer. Não deves ficar perturbada se por vezes sentires que não realizaste muitas das coisas que tanto esperavas fazer. Há muitos anos ainda, sinto-me seguro, que te restam. Realizaremos muito juntos. E conforme o novo ano nasce, novas oportunidades se apresentarão. Mas neste tempo do período de Natal, quero que estejas em paz e em descanso, esforçando-te, se puderes, por te retirares de certa forma do mundo, em vez de seres parte dele.

PARTICIPANTE: Sim, fá-lo-ei.

IRMÃO JOHN: Sei que muitas vezes és muito atraída pelos assuntos e condições da vida em que existes, e que por vezes a pressão é grande, mas tens oportunidade de estar em paz, de estar quieta, e quero que desfrutes disso e saibas que eu e outros estaremos muito próximos de ti.

PARTICIPANTE: Sim, obrigada, querido.

IRMÃO JOHN: Há alguma pergunta, filha?

PARTICIPANTE: Bem, pensei nisso enquanto vinha para cá, querido, e quero que, se puderes — não só para mim, mas para todos os que ouvirem ou lerem isto — dês uma mensagem de esperança e encorajamento para o mundo em geral, para as pessoas nele, porque me parece que avançamos neste mundo até certo ponto e vemos pessoas a tentar trabalhar para melhores relações entre as nações, e depois, como o Presidente Kennedy, uma das figuras principais é retirada, e parece que retrocedemos dois lugares. Não sei se isso é acidente ou desígnio. Há algum tempo, disseste: "E tereis novos líderes, e eles serão homens de Deus, verdadeiramente homens de Deus, homens de paz".

IRMÃO JOHN: Quão verdadeiro isto é. E no entanto, filha, quando a terra chora a perda de alguém que lhe é querido, alguém que se esforçou e, de facto, em parte teve sucesso em fazer o trabalho de Deus, o mundo terreno chora, mas o trabalho continua, inflamado ainda mais, e inflamado, por assim dizer, com um entusiasmo maior para fazer o que é correto — olhando para trás para aquele cuja vida terrena foi tirada; e, de facto, muitas vezes, quando algo assim acontece, olhando para esse alguém como um mártir da verdade, um mártir de todas as coisas que são boas.

Pergunto-me se aqueles no vosso mundo que professam ser cristãos percebem plenamente a importância dos líderes, dos fundadores daquilo que chamais Cristianismo, serem retirados do mundo de várias formas. Se, por exemplo, Cristo não tivesse morrido na cruz, não poderia ter havido Cristianismo, não poderia ter havido uma perceção maior da verdade do amor de Deus; e os discípulos que, por sua vez, foram sacrificados... todos aqueles que conduzem os homens pelos caminhos da retidão invariavelmente sofrem às mãos daqueles que tentam ajudar. Tornam-se, com o tempo, reconhecidos, admirados, considerados, e invariavelmente tornam-se mártires da verdade. E quando há um martírio, as massas dos povos da terra seguem, tentando encontrar aquele caminho que eles traçaram, e esforçando-se por trilhá-lo o melhor que podem.

Se a vida fosse tão simples como alguns desejariam que fosse... se aqueles que vêm com palavras de verdade para mostrar o rumo e o caminho achassem esse caminho fácil e, em consequência, fossem capazes de o trilhar sem qualquer dificuldade... e se não caíssem, por exemplo, muitas vezes à beira da estrada, esse caminho nunca poderia ser verdadeiramente traçado, nunca poderia ser verdadeiramente trilhado. Descobrirás sempre, filha, que quando a verdade se está a afirmar, muitos sofrem por algum tempo, até ao

momento em que o caminho foi verdadeiramente construído e outros possam seguir de forma mais segura, mais pronta e mais fácil por ele.

Não quero que tu ou qualquer alma sinta que algo que possa ter transpirado ou acontecido é necessariamente desperdiçado ou inútil. O sacrifício pode parecer, por vezes, insensato, inútil, sem sentido, sem propósito; mas no entanto, ultimamente, torna-se um grande bem. Podes olhar para trás através da história e ver, por assim dizer, degraus para o progresso do homem. Almas individuais que defenderam a palavra de Deus, indivíduos que verdadeiramente trabalharam em prol do bem comum, que se sacrificaram vez após vez para realizar aquela paz que sabiam que só poderia vir pelo sacrifício, pelo esforço.

Não creio por um momento que qualquer vida que tenha sido dedicada a trazer a perceção do amor de Deus ao mundo tenha alguma vez sido desperdiçada. Podem ver-se estas almas que se destacam tão seguras no caminho do progresso da humanidade, seja uma pessoa como Gandhi ou seja uma pessoa como Abraham Lincoln. Não importa quem seja — aqui e ali, sejam os Irmãos Wesley — vê-los como gigantes no seu tempo, na sua era. Eles apontaram o caminho, mostraram a via. E assim é com Kennedy, e assim será sem dúvida com outros que ainda hão de vir. Eles serão os que darão de si sem pensamento no "eu", apenas pelo bem comum.

Aqui e ali, eu sei, pode sentir-se um sentido de desilusão e desapontamento. Certas pessoas são escolhidas em certos momentos para realizarem um grande trabalho. Às vezes conseguem, e às vezes caem à beira da estrada e falham nos seus esforços. E no entanto todos vieram, todos foram trazidos à existência para servir. Não creio que a humanidade perceba o quanto deve ao poder do Espírito, que está todo ao seu redor, que está sempre a esforçar-se por revitalizar os homens, torná-los cada vez mais conscientes do poder e do amor de Deus, tornando-os instrumentos, verdadeiramente instrumentos para a Sua divina sabedoria, amor e poder.

Tu, à tua maneira, filha — embora te possas sentir, e sintas muitas vezes, muito humilde — no entanto, à tua moda, estás a fazer este trabalho. Estás a apontar o dedo em direção à luz. Estás a mostrar o caminho para que outros o possam trilhar. Sei que há alturas em que estás desanimada e desiludida. Isto acontecerá a todas as criaturas de Deus, porque quanto mais ambiciosa te tornas nas coisas do Espírito, obviamente mais difícil deve ser carregar o jugo do material. Mais pesado deve parecer sobre os teus ombros, porque quando vês a luz e te esforças por alcançá-la, quando percebes a beleza que é de Deus, quando estás consciente cada vez mais do poder do Espírito Santo, quão monótonas, sem brilho, difíceis e pesadas parecem as cargas da terra que

muitas vezes és convidada a carregar. Mas isso não altera o facto de que te é dada uma força imensa, e a luz que ilumina o caminho é grande.

Não tenhais medo, diria eu àqueles que ouvem a minha voz, pelo que está à frente, pois existe uma grande oportunidade para todos e cada um serem verdadeiramente servos de Deus, fazerem a Sua vontade e o Seu trabalho, mostrarem o Seu caminho àqueles que procuram, e esforçarem-se por ajudar os menos afortunados na estrada, para que ganhem força, sabedoria, conhecimento e verdade. Não deveríeis duvidar, não deveríeis temer, diria eu a todos aqueles que neste momento estão incertos, pois verdadeiramente e certamente existe uma grande e gloriosa bênção à espera daqueles que verdadeiramente se esforçaram, que verdadeiramente serviram.

E quando chegar a altura de o fardo vos ser retirado, quando chegar a altura de sairdes desse corpo de terra para a luz plena, para o poder e para a glória do Espírito, verdadeiramente então vereis como foi bom ter-vos esforçado por fazer o trabalho do Mestre. Ao redor, em todo o lado, existem oportunidades para o serviço amoroso. Há aqueles cujas necessidades são muitas, e vós fostes abençoados para que os vossos olhos fossem iluminados. Vistes a verdade e a luz e, como Cristo disse, *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida"*. Assim é que nós, que vimos a vós em Seu nome fazendo o Seu trabalho, vos dizemos: segui aquela estrela que vos mostrámos. Deixai que ela seja aquela luz guia na escuridão do vosso mundo, e certamente ela vos conduzirá àquele lugar onde toda a paz está e todo o amor habita, e à grande compreensão que vem com a perceção do propósito, amor e vontade de Deus para vós, Seus filhos.

Aqui as oportunidades são muitas. Não duvideis que podeis alcançar mais do que pensais. Se apenas tiverdes a vontade de fazer aquilo para que fostes chamados. Não duvideis do futuro, pois o futuro está cheio de promessas. Há muitas coisas que causam preocupação. Há muitos problemas a serem resolvidos. Há muitas complicações e dificuldades, porque enquanto os homens tiverem dentro de si este medo, assim deve ser que haverá uma condição de vida que causa preocupação, causa angústia. Mas se lançardes o medo da vossa mente, se puderdes colocar em vez do medo o amor, se puderdes colocar a compreensão e a tolerância no lugar destas condições que causam tanta infelicidade no vosso mundo, tanto pode ser alcançado. Cada indivíduo pode desempenhar o seu papel.

Tu, minha filha, fizeste muito, muito mais — como te disse frequentemente — do que percebes. E anseio pelo ano que há de vir com grande júbilo e grande esperança, pois sei que faremos muito juntos naqueles meses que estão à frente. Mas neste tempo de Natal, quando és capaz de

relaxar, de te retirares das condições materiais que oprimem, quero que estejas em paz, que saibas que eu estarei perto de ti e outras almas também, e dar-te-emos verdadeiramente o Espírito de Cristo, e abençoar-te-emos de muitas formas, e verás mais verdadeiramente aquilo que preparámos para ti. Mais certamente verás e conhecerás o caminho, e serás também capaz de perceber muito do que ainda está para vir, pois vais receber uma grande bênção, da qual ainda nem consegues compreender, mas que está para vir muito em breve para ti — uma grande oportunidade da qual não tens conhecimento, na qual o teu serviço será grandemente apreciado por muitos, e serás verdadeiramente abençoada por causa disso.

Renovar-te-emos com força, renovar-te-emos com um poder maior, e o amor que sentes será expandido, e expandido aqui e ali entre todos os povos; e muitos são os que terão motivo para te abençoar e ao trabalho feito através de ti no ano que está à frente. Eu estou em paz, e desejo que tu também estejas, filha. Mesmo que ao teu redor o mundo esteja incerto, cheio de infelicidade, cheio de dúvidas, cheio de medos... mesmo que o mundo pareça, em certos lugares, cheio de intolerância, no entanto esse poder do amor de Deus manifestar-se-á. Haverá, sem dúvida, outros que serão sacrificados, mas no entanto esse sacrifício não é em vão, pois onde o homem verdadeiramente se dá em amor para cumprir o mandato de Deus entre os filhos de Deus, não há sacrifício, não há perda, pois tudo é amor; e existe um propósito e um significado por trás de todas as coisas que são boas, e uma grande bondade vem frequentemente de coisas que parecem, na altura, más, pois do mal de facto vem o bem, embora se possa não o ver. Por vezes a ação que causa desânimo, causa grande infelicidade a muitos — mesmo dessas coisas que detestamos ou desprezamos — mesmo aí surge uma oportunidade de servir, mesmo aí vem muitas vezes o bem; verdadeiramente, do mal muitas vezes vem o bem.

IRMÃO JOHN: Não tenhas medos, minha filha, pois és verdadeiramente abençoada; tu és verdadeiramente parte do poder do Espírito, és de facto um connosco, e contigo manifestaremos esse amor e esse poder numa extensão ainda maior. Estamos confiantes de que o nosso trabalho aumentará, tal como de facto trará uma maior compreensão a muitas almas que agora, neste preciso momento, habitam na escuridão do materialismo. Essa luz que traremos iluminá-las-á a elas e ao seu caminho, e verdadeiramente seremos abençoados em consequência por fazer a vontade, o amor e o trabalho do Pai.

Damos grande júbilo a todos os que procuram. Não há maior alegria do que aquela que vem de ouvir as palavras do Mestre: *"Bem está, servo bom e fiel"*. A minha paz, a minha bênção, o meu amor estejam sobre ti, filha, e

sobre todos os que possam ouvir a voz do Espírito. Segue em frente com força e sabe que tudo está bem. A paz esteja contigo, filha. Deus te abençoe, querida.

PARTICIPANTE: Obrigada.

Sessão 121166

IRMÃO JOHN: Quão inadequadas são as palavras, minha filha. Não tenho dúvidas de que, em comum com toda a humanidade, há momentos em que achas impossível retratar ou descrever os sentimentos e as emoções profundas dentro de ti. Quando passamos a conhecer [a verdade], a nossa maior dificuldade é saber de que maneira seremos capazes, por um breve tempo, de te expor as belezas e as maravilhas desta nossa vida. Conforme vemos o vosso mundo e os corações da humanidade, estamos conscientes dos desejos profundamente enraizados — desejos que são, em si mesmos, de natureza espiritual, mas que são submersos por todo o tipo de coisas materiais. Pois mesmo no pior da humanidade, existem estes pensamentos por vezes. Existe este poder de amor que, por alguns momentos, é permitido vir à superfície e expressar-se.

Mas quando se trata de encontrar palavras para retratar estas coisas que são verdadeiramente do espírito, tão poucos, tão muito poucos, são capazes de expressar com clareza aquilo que sentem com tal intensidade. Nós, que vimos a ti, que nos esforçamos contigo, que trabalhamos contigo para fazer as coisas que são do espírito, encontramos dificuldade crescente em quebrar as barreiras entre o nosso mundo e o vosso, para sermos capazes de trazer com clareza esses pensamentos que são tão reais que já não são, num sentido, pensamento, mas a própria realidade connosco.

Tentamos dar-te a inspiração para seguires pelo mundo fora renovada, para dares a verdade, para dares o esclarecimento, para dares o conhecimento, o conforto e o amor. E estamos sempre conscientes das necessidades daqueles que trabalham connosco, a quem devemos enviar [ajuda]. Há alturas, eu sei, em que és enganada, em que por vezes ficas angustiada. Mas, apesar destas condições que por vezes surgem, sinto que podemos assegurar-nos de que, em alguma medida, tivemos sucesso na nossa tarefa. O ano que se segue oferece maior oportunidade. Não há dúvida de que teremos problemas. As dificuldades que devemos ter — das quais não podes ter conhecimento na comunicação — esperamos que gradualmente se tornem cada vez menos difíceis.

Há alturas em que duvidas de ti própria, em que duvidas às vezes. E a inspiração vem quando o espírito é recebido por ti com total clareza. E posso dizer-te que há muito poucas vezes em que não recebes a mensagem do espírito. Mas, claro, ao traduzi-la, ao transmiti-la a outros, tens o mesmo problema e dificuldade que nós temos: encontrar formas, meios e palavras para expressar coisas que alguém pode sentir no seu íntimo e que, no entanto, não podem ser expressas plenamente em linguagem. Encontraremos sempre, sem dúvida, esta dificuldade.

De facto, como pode alguém conhecer ou compreender e estar plenamente consciente de um mundo que é puramente espiritual enquanto ainda está no corpo material, confinado por circunstâncias de natureza material? Quando emites ensinamentos, quando dás a palavra do espírito, fá-lo com toda a intensidade do ardor e amor que sentes. E se por vezes estás insatisfeita com as palavras que nem sempre parecem fluir... bem, talvez encontres dificuldade em transmitir a mensagem. Não sejas tentada [a desanimar]. Pois devemos também lembrar-nos de que, quando se está a tentar ensinar crianças, deve-se começar pela essência mais simples.

E assim, embora possamos sentir-nos como o professor se deve sentir na escola — perante a imensidão da tarefa e a revelação a ser revelada, o conhecimento a ser dado — e se por vezes nos sentimos um pouco frustrados ou talvez até impacientes, devemos lembrar-nos de que estas crianças estão a tatear lentamente o seu caminho. E conforme se fortalecem com conhecimento e confiança, quando se tornam mais seguras, os ensinamentos penetrarão mais fundo, penetrarão mais fundo. Então veremos nelas a mudança que desejamos. Nós, que falamos da verdade, nós que ensinamos a verdade, nós que amamos a verdade, não podemos deixar de ser impacientes às vezes, não só com os outros, mas connosco próprios, quando sentimos que estamos confinados de tantas formas. Devemos tentar ser pacientes e saber que só podemos esperar revelar aquilo que aqueles que ensinamos nos permitirem fazer.

Estamos a transbordar de entusiasmo, de energia, de vitalidade de amor espiritual. É como o mar que surge e se lança contra a costa. Mas sabemos que, se queremos alcançar estas almas, devemos ser como o mar suave e calmo, para que não tenham medo de chegar à beira da água e beneficiar dela. Mas se no nosso entusiasmo estivermos perturbados e ansiosos demais, e sentirmos que queremos descer sobre elas com toda a nossa vitalidade e amor, não abriremos caminho, pois elas são como crianças tímidas. Mas se o mar de amor estiver calmo, não devemos ficar consternados ou perturbados. Porque o trabalho que fazemos só pode ser feito através do amor e do serviço impaciente [leia-se: persistente].

Portanto, filha, se por vezes sentires que não estás a chegar muito longe, tem bom coração. Aqui e ali há algumas almas que ensinamos e que, com o tempo, são tão fortalecidas que virão, por assim dizer, cheias de confiança para esse mar de amor que chamamos atividade. Elas banhar-se-ão nele e brilharão com esse fervor de amor que dizemos a nós mesmos. Pões fé e coração nestas coisas, filha? Não desanimes.

PARTICIPANTE: Não, não desanimarei. Às vezes sinto que corro o risco de me deixar envolver noutras atividades e não te dar tempo suficiente para fazeres todas as coisas que queres fazer.

IRMÃO JOHN: Filha, nós compreendemos, como já disse frequentemente, todas as muitas diferenças da tua vida diária. Não esperamos que estais sempre ao nosso inteiro dispor. Mesmo que digas a ti própria: "Reservo esta noite para os meus contactos e ligações no espírito", sem que o percebas, algo pode surgir que te impeça — talvez algo que te pareça trivial. E, no entanto, pode não ser necessariamente assim. Pode bem ser que nós próprios tenhamos por vezes organizado algo do qual não tinhas conhecimento prévio, sentindo que desta forma poderíamos, juntos, ajudar melhor alguma alma ou algum indivíduo.

Então, talvez reservando a noite, como diríamos, para nós mesmos, para a nossa ligação mental e espiritual conjunta, há momentos em que isto é o céu para ti, quando sem qualquer pré-conhecimento foste subitamente chamada de alguma forma material — e à superfície pareceu material — mas nem sempre estiveste consciente do facto (talvez até muito tempo depois) de que tinha um significado espiritual. Há momentos em que traremos pessoas a ti, ou enviaremos pessoas a ti, que estão com algum problema de natureza material, o qual parece longe das coisas espirituais. No entanto, se quisermos ajudar aqueles no vosso mundo, espiritualmente, até certo ponto devemos ajudá-los materialmente. Um homem forte é capaz de ouvir, de apreciar, de raciocinar e de ver muito. Um homem doente que está fraco e sem saúde, um homem que talvez esteja sobrecarregado por preocupações, não consegue pensar com clareza, não consegue ouvir com clareza, não consegue compreender porque está desinteressado. Às vezes temos de alimentar o corpo se queremos salvar a alma.

PARTICIPANTE: Sim, eu creio que isso continua e continua. Quero dizer, sinto sempre, no fundo da minha mente, que te estou a dificultar a tarefa.

IRMÃO JOHN: Nunca penso por um momento que tu ou qualquer pessoa no vosso mundo esteja em posição de nos dificultar a tarefa. Eu sei o que realmente queres dizer com essa afirmação — que às vezes estás imersa

em várias atividades ou coisas do dia e não podes dar tempo total ou interesse total aos outros. Por outras palavras, há coisas que gostarias de fazer de natureza espiritual em cooperação connosco que, por uma razão ou outra, és incapaz de fazer num determinado momento. Às vezes tem de ser adiado. Às vezes sentes que é uma grande deceção, o que num sentido é, mas como já te disse antes, filha, nós compreendemos que não sois marionetas em fios que nós puxamos.

Existem aqueles no vosso mundo que se tornam, num sentido, uma espécie de autômatos, que sem o perceberem deixaram de ser indivíduos na sua própria personalidade e caráter. Mas tornaram-se artificiais, ficaram tanto sob a influência, digamos, de certos indivíduos deste lado — e nem sempre os tipos certos de indivíduos, diria eu — que deixaram de servir de uma maneira verdadeiramente espiritual. Sei que há uma vasta diferença entre um instrumento como tu, que está ansioso por servir a Deus e fazer o trabalho do Espírito e ser usado por nós para essa tarefa.

Ao mesmo tempo, nem eu nem qualquer outra alma deste lado desejaria, por um momento, que perdesses o teu verdadeiro eu, a tua personalidade, a tua própria integridade e caráter. Podemos vir a ti, como fazemos, para inspirar, para impressionar, para te usar para beneficiar outros e trazer-lhes bênçãos, mas em momento algum desejaríamos "tomar conta", por assim dizer, de ti. É verdade que te impressionamos e inspiramos. É verdade que há momentos em que és obscurecida pelo amor e pelo poder do Espírito, que eu e outros manifestamos através de ti apenas em espírito; e deveria ser sempre assim em todos os momentos naturais.

Quando fores chamada a servir, quando fores chamada a trabalhar de alguma forma para o Espírito em alturas variadas — como em igrejas ou sociedades, ou de alguma outra forma, privada ou pessoalmente — esperamos que o possas fazer, mas não duvides por um momento de que não tentaríamos nem nos esforçaríamos para que te tornasses uma marioneta. Há tantos na escola espiritualista que, sem o perceberem, se tornaram, por assim dizer, autômatos, deixando de ter a sua própria personalidade. Nós vimos para soprar nova vida no vosso mundo, mas ao mesmo tempo apenas aqueles que receberem de boa vontade e plenamente; apenas aqueles que aceitarem no verdadeiro sentido e nunca esperarem tornar-se instrumentos [automáticos]. Há aqueles que se tornaram automáticos e repetem sem qualquer sentimento ou profundidade de emoção e sinceridade as coisas que têm feito há tanto tempo. Estes não são, para nós, pessoas espiritualmente vitalizadas e despertas. São marionetas ociosas que têm pouca ou nenhuma consequência. Tu estás longe deles; se há momentos em que não podes servir-nos ou trabalhar connosco, nós compreendemos. Não nos importamos. Há alturas em

que não és capaz de trabalhar por alguma razão, mas nós compreendemos. Não te queremos transformar numa marioneta nas nossas mãos. Lembra-te sempre disso.

PARTICIPANTE: Sim, lembrarei. Muito obrigada.

IRMÃO JOHN: A tragédia do movimento espiritualista, como lhe chamas, é que existem tantas crianças que se tornaram automáticas. E creio que se pode ouvir pessoas bem-intencionadas — por muito que o sejam — e elas repetem-se e, em certa medida, fazem o bem. Não podemos negar isso. Mas isso não tem valor, como nós o vemos, no verdadeiro sentido espiritual. Cada vez que um instrumento é usado, deve sentir fluir através de si o desejo ardente de trazer conhecimento, verdade e a perceção do amor de Deus a todos os filhos. Não deve ser uma coisa repetitiva, que é sempre igual e semelhante, pois pode haver muito que desejamos dar com "diamantes" [facetas] diferentes, que variarão de acordo com a audiência, por exemplo, que temos de converter ou à qual temos de trazer essa verdade e mensagem.

Nem todas as audiências — compostas como são por indivíduos, tipos e povos variados — são sempre iguais. E enquanto às vezes devemos simplificar de acordo com as mentalidades e mentes dos indivíduos, noutras devemos amplificar de acordo com a sua inteligência superior e recetividade. Temos grandes possibilidades no nosso trabalho. Não te deves sentir limitada ou, de qualquer forma, retida, pois conforme dás do teu amor, nós damos do nosso. E a fusão de ambos é tal que podemos servir de acordo com as condições que prevalecem na altura e com as pessoas cujas mentes estão abertas para receber. Tu és de facto abençoada — não apenas porque eu venho a ti, pois nós que viremos a ti sentimos, como já dissemos muitas vezes, muita humildade — mas és de facto abençoada na medida em que tens dentro de ti, para além do que possamos fazer por ti, o grande poder da perceção espiritual, um grande poder de força espiritual e amor que torna possíveis muitas coisas.

Se não fosse assim, não poderíamos trabalhar contigo, não poderíamos ter feito o que já fizemos, se tu, dentro de ti, não possuísse este tremendo desejo, com tal amor por trás dele, de servir. É por causa de ti que alcançámos o que alcançámos, o que esperamos fazer nos anos que virão, porque tu própria o tornaste possível. Vimos a ti para trabalhar contigo, esforçarmo-nos contigo e emanar os ensinamentos do amor através de ti, mas apenas porque tu própria o tornaste possível.

A tragédia de tantos instrumentos é que desejam servir e, no entanto, ao mesmo tempo, não têm em si mesmos a força de caráter, não têm a perceção da verdadeira essência do que significa o serviço; mas tu tens, e por muito tempo temos servido e trabalhado contigo. Estás contente em fazer o trabalho

do espírito, nunca estás satisfeita [no sentido de parada] em te esforçares e, quando surge a oportunidade de servir, tu serves; e por vezes fazes a tentativa mesmo quando parece que pouco poderia ser feito. Sabemos tudo o que se passa, tudo o que transparece pelo país; conhecemos, claro, as tuas fraquezas, mas lá está, não esperamos a perfeição. Como poderíamos esperar tal coisa? Pois nós próprios não somos perfeitos. Conhecemos as diferenças na tua vida material, conhecemos no teu mundo as muitas coisas que assolam alguém dia após dia, mas sabemos que no teu eu mais íntimo ofereces o real serviço à humanidade, para trazer a verdade às vidas de todos os que a receberem; fazer todas as coisas pela tua boa fé e bom coração.

Estarei contigo na época do Natal. A paz esteja contigo e as bênçãos da tua mãe. Pedi para te dar um "obrigado". És uma boa filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Adeus.

MICKEY: Adeus, *Missy*.

PARTICIPANTE: Deus te guarde. Feliz Natal.

Sessão 141261

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoado sejas, querido irmão. Mais uma vez, o ano terreno está prestes a terminar. Após a sessão de Natal, o novo ano começa. As pessoas da terra invariavelmente olham para um ano como se fosse uma experiência fresca e nova, o que provavelmente, num sentido, o é, uma vez que tendes tempo e julgais tanto por ele. Percebo que as possibilidades para o ano que vem são muitas.

As oportunidades que se podem apresentar, sinto-me seguro, darão oportunidade de serviço em várias direções. Estou muito consciente, ao vir até vós, dos muitos problemas que a humanidade tem de enfrentar, particularmente nos assuntos e no estado do mundo. E percebo cada vez mais quão essencial é, para que o mundo encontre paz, que a massa da humanidade perceba a verdade das coisas espirituais, a percepção da continuidade da vida após a chamada morte, e a comunhão entre os povos do vosso mundo e do nosso, e o conhecimento e experiência que podem ser dados para ajudar os povos da terra a elevarem-se para longe do comum, para longe das coisas mundanas, e colocarem-se numa posição onde a sabedoria, a verdade e o esclarecimento governem em lugar do caos que é hoje.

Conforme cada ano começa, estamos conscientes, através das vossas mentes, dos vossos pensamentos, mais do que nunca da necessidade da ajuda do espírito. Os instrumentos são poucos e raros, e muitos daqueles que

usamos, esforçamo-nos o melhor que podemos através deles para dar a nossa mensagem. E, muitas vezes, os próprios instrumentos não estão suficientemente desenvolvidos ao grau de os podermos usar como desejamos.

Somos limitados, de facto, pelos próprios instrumentos e pelo poder que deles emana. Mas não vimos, como bem sabeis, num espírito de condenação, mas vimos num espírito de esperança de que, através das palavras que somos capazes de transmitir, alcancemos aqueles no vosso mundo que, pelo menos, se esforçam, muitas vezes contra grande adversidade. Mas pedimos que aqueles no vosso mundo que são os nossos instrumentos se esforcem, nos meses vindouros, por elevar-se ainda mais ao plano da consciência espiritual, o que nos permitirá completar o nosso trabalho — ou, pelo menos, diremos, trazê-lo para mais perto e de forma mais clara à terra.

É talvez, por vezes, para aqueles na terra que se esforçam por servir, um problema e uma dificuldade, e por vezes parece que talvez pedimos e esperamos demasiado, porque conhecemos muito bem as complicações das vossas vidas, a complicação da própria terra e tudo o que ela contém. Mas a menos que sejamos capazes de encontrar instrumentos, mais instrumentos, então o nosso trabalho será tristemente limitado. Olhamos para o passado e sabemos o que fizemos.

Sessão 161270

IRMÃO JOHN: A tua mãe está presente. Embora não seja, talvez, uma tarefa ou trabalho assistir em algumas direções, no entanto é o amor dela e a influência dela que ajuda tremendamente os elos que temos contigo. Sabes, por vezes, filha, aqueles que vêm de esferas superiores usam um canal ou canais de outros indivíduos que, por assim dizer, agem na capacidade de instrumentos eles próprios e passam adiante a mensagem dos reinos superiores.

Somos todos parte uns dos outros, somos todos canais, todos a trabalhar juntos como um elo, como uma corrente, apanhados e fortalecidos pelo amor. E o amor de Cristo vem através desse canal. Com certeza, filha. Sim, adorável. Aqueles que trabalham contigo e ao teu redor estão todos envolvidos no poder e no amor do Espírito de Cristo. Sabes que assim é.

Cristo manifestou os poderes do Espírito, o júbilo do Espírito, o amor do Espírito. Ele emanou aquilo de que o mundo tão triste e dolorosamente precisava, não apenas no Seu próprio tempo, mas em todos os tempos. Ele emanou a realidade da verdadeira consciência e percepção espiritual, a percepção de que as únicas coisas realmente importantes eram as que

pertenciam ao Espírito, as coisas eternas, as realidades, e que o homem deveria gradualmente avaliar por si próprio e encontrar para si próprio o seu lugar verdadeiro e o seu eu verdadeiro, em consequência. Cada homem serve de acordo com a sua luz, e quanto mais brilhante a luz que brilha dentro e ao redor de cada indivíduo, mais possível se torna o trabalho que devem fazer, e essa quantidade de trabalho que, pela sua própria natureza, deve não só elevar o elemento humano do indivíduo, mas também os que o rodeiam. A tua luz brilha na escuridão, e é esta luz pela qual muitos são ajudados e guiados corretamente.

Fica, portanto, assegurada, filha, de que nos esforçaremos em todos os momentos, o melhor que pudermos, para servir contigo e através de ti, para que outros encontrem essa paz e tranquilidade de Espírito que a terra não pode dar, e que é o direito inerente do homem, pois o homem é Espírito enquanto ainda na carne; para que, quando chegar o tempo e a carne deixar de ser, o Espírito se regozije nos reinos do Espírito, liberto e capaz de seguir em frente com força e em maior esclarecimento, ganhando ímpeto e ganhando poder que o próprio mundo não poderia possivelmente compreender ou reconhecer. Sabe que tu verdadeiramente emanas estas coisas, e que eu e outros que vêm nos regozijamos, regozijamos imenso, por termos em ti um instrumento que torna possível tudo o que fazemos. Torna-me forte e de bom tipo.

Sim, filha. Agora devo ir. O meu amor, a minha paz, a minha bênção estejam contigo e com todos os que ouvem a voz do Espírito. Adeus, filha. Deus te abençoe. Deus vos abençoe a todos.

MICKEY: Adeus e Deus te abençoe. Eu mimei-te um bocado, não mimei? Fiz uma festa de ti, não fiz? Adeus.

PARTICIPANTE: Obrigada, Fasso. Obrigada, Fasso. Hoje correu muito bem, não correu? Alguma vez te falaram antes sobre S. Francisco de Assis? O Irmão John já falou sobre ele, mas não como elo com o bando, percebes? Estou muito interessada nisso. E o que é toda esta conversa sobre voltar? Ele diz que acha que talvez não queira. Eu digo que ele está a ser frustrado. Oh, não te preocupes. Ele vai querer voltar, eu sei. Oh, não tenho tanta certeza. Uma ou duas pessoas que eu tentaria contactar se pudesse, percebes? Oh, Daisy, eu recebo mensagens tuas. Oh, a minha pobre Daisy, então. Nunca se sabe, pois não, Daisy? Não, nunca se sabe. Como estás, Daisy? Oh, estou muito bem, achas? Sim, folgo em dizer.

Sessão 163661

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, filha. Deus te abençoe, querida. Então, o nosso amiguinho profetizou uma mudança.

PARTICIPANTE: Assim parece.

IRMÃO JOHN: Bem, isto é altamente provável e, talvez nalguns aspetos, desejável. E no entanto, creio que em certos aspetos terias pesar em partir.

PARTICIPANTE: Oh, sim.

IRMÃO JOHN: A atmosfera e condição que tens são, em muitos aspetos, admiráveis. Mas veremos. Sim, não estou preocupado. Se tiver de ser que sejas transplantada, assim serás. Percebo que para ti seria uma grande bênção e, de facto, uma mais-valia ter instalações, alojamento mais adequado do ponto de vista particularmente de Roma. Um quarto talvez que pudesses usar como tua sala de estar e o outro como uma sala de estar grande. Mas veremos, filha.

PARTICIPANTE: Obrigada. Não estou assim tão preocupada.

IRMÃO JOHN: Existe a possibilidade de muito em breve te ser oferecido tal alojamento por uma mulher muito doce que está muito interessada nesta verdade e que apreciaria a tua companhia. Mas veremos. Deves pensar profunda e seriamente sobre isso quando surgir. Existem dois caminhos, claro, de olhar para cada questão. Mas tenho um sentimento muito forte de que a possibilidade de mudança não é apenas muito forte, mas também muito boa. Pois pode significar que eventualmente terias uma casa própria. Estamos a planear para o teu bem, para o teu bem-estar. Mas deves ser paciente. Sei que não o procuras. Mas quando vier, não tenho dúvida de que aceitarás.

Obrigado. Há alturas em que penso que talvez sintas — e sei que houve uma ocasião em que talvez sentiste — não talvez que te tínhamos falhado, mas talvez que não te tínhamos avisado. Sim, não sei o que queres dizer com isso. Quando tiveste a tua doença. Oh, sim, sim. Talvez tenhas sentido então que devíamos ter-te dado algum aviso. Sabes, muitas vezes as pessoas no vosso mundo que estão interessadas neste assunto, nesta verdade, e que muitas vezes passam por tempos difíceis, têm a ideia de que devíamos ser capazes de as guiar e aconselhar frequentemente nestes problemas materiais. E embora seja verdade admitir que estamos ansiosos por te assistir de todas as formas possíveis, no entanto há momentos e alturas em que podemos estar tão inseguros e tão intrigados materialmente como tu possas estar.

Sessão 181065

IRMÃO JOHN: Deus te abençoe, filha. Deus te abençoe, querida. A batalha. A batalha da vida. Quando vimos, como fazemos, e vemos no vosso mundo um caos — um caos nas mentes dos homens, para além do tumulto no sentido mais material de fricção — e ainda mais quando vemos dentro dos corações dos homens e a incerteza que lá habita, percebemos cada vez mais que a única forma de a humanidade encontrar paz e tranquilidade do espírito é por esta plena perceção da vida eterna. Constantemente o homem luta contra todo o tipo de condições, as coisas pertencentes ao material, e tão poucos são aqueles cujas mentes e corações estão preocupados com as coisas do espírito.

Em muitas terras há agitação, infelicidade, incerteza. Esforçamo-nos por chegar a todos os povos, e há aqui e ali alguns que reagem e respondem à mente e ao pensamento do espírito, mesmo que não saibam plenamente desta verdade. Existem muitos instrumentos no vosso mundo, muitos deles, sem dúvida, inconscientes de que estão sequer a ser usados e, no entanto, o poder do espírito é tal que flui através de inumeráveis células.

Existem muitos no vosso mundo, minha filha, que não conhecem a verdade espiritual como tu a conheces, contudo eles em si mesmos são impressionados e inspirados, e às vezes e frequentemente, de facto, guiados a fazer coisas que são para o bem de muitas almas que estão elas próprias a procurar e a encontrar pouco. Encontramos indivíduos aqui e ali, por vezes estão relacionados ou ligados a esta ou aquela igreja ou organização, e mais frequentemente do que não, não têm religião alguma, e somos capazes de os impressionar. A nossa principal tarefa e dificuldade em alcançar é impressionar aqueles particularmente que estão em lugares altos, que pelo próprio poder que exercem podem fazer tanto que é bom para o resto da humanidade; mas muitas vezes aqueles cujos lugares são altos em coisas materiais são os mais difíceis de abordar, os mais difíceis de soltar.

Possivelmente acontece nalgumas instâncias, se não na maioria, o próprio facto de terem subido a tais alturas materiais deve-se à sua falta de graça espiritual, perceção espiritual. Tornam-se, na corrida pelo poder, cada vez mais materiais e têm pouca ou nenhuma preocupação com o resto da humanidade. Estamos particularmente ansiosos por assistir neste presente momento de várias formas, particularmente com aqueles que lutam por preservar a sua independência, para que vejam o caminho da verdadeira fraternidade.

Existem aqueles que parecem habitar numa mente passada e estão preocupados com o poder material em vez da fraternidade. Temos grandes lutas para superar o eu pior na vida humana, particularmente entre aqueles

cuja preocupação são as posses e benefícios materiais, e mesmo ao tentarem reter estas coisas estão despreocupados com o bem-estar dos menos afortunados. Há tanto no vosso mundo que é específico, e quando vemos aqueles que professam ser do Cristo e professam ser cristãos, que estão dispostos a pôr de lado Cristo para o seu próprio avanço e benefício material, ignorando os mandamentos, ignorando as verdades simples em que foram criados e nutridos, é algo triste quando nós, deste lado, vemos tantos que estão despreocupados com, muitas vezes, a massa da humanidade que só pede para viver a sua vida em paz, com oportunidade de viver até certo ponto com dignidade.

Causa-nos grande preocupação, e vemos mais problemas a surgir no horizonte, mais agitação, mais lutas internas, muito frequentemente pelo poder, e isto causa-nos grande preocupação. Sabemos que a base de um mundo feliz é a perceção da unidade que deve vir eventualmente, a fraternidade dos homens, a perceção do poder do Espírito Santo que desce sobre a humanidade e por vezes encontra uma saída aqui ou ali; mas até que seja aceite no sentido mais pleno, até que o homem perceba que o material é apenas, num sentido, o menos importante — tem o seu lugar, como de facto deve ter. Não depreciamos benefícios materiais.

Sabemos quão necessário é ter certas coisas para o bem-estar do aspeto material do homem, mas não há equilíbrio entre os homens. A perceção de que uma coisa não pode existir sem a outra. Deve haver a perceção de que o espírito do homem é o aspeto importante, a parte central. Quando o homem se permite evoluir suficientemente para que as suas faculdades espirituais comecem a ter um papel importante a desempenhar e a dirigir os seus passos; quando o homem tem o equilíbrio do espírito e do material dentro da sua natureza, dentro da sua perceção interior das coisas, então virá um novo mundo e uma nova forma de compreensão e perceção. Mas isto parece tão longínquo. Estamos muitas vezes angustiados por termos canais de contacto como tu, canais através dos quais podemos chegar a outros.

Tão poucos são os que ouvem a voz do espírito e seguem aquilo que lhes é dado. Tantos estão preocupados apenas com o "eu". É este egoísmo do homem, este desejar cada vez mais bênçãos e benefícios materiais que muitas vezes parece tornar ainda mais impossível do que nunca para o poder do espírito dirigir, chegar até eles. Nós às vezes, minha filha — por estranho que pareça, mas no entanto é verdade — há alturas em que nos aproximamos da terra e ficamos desanimados.

PARTICIPANTE: Sim, consigo compreender bem isso. O homem aprende devagar, não aprende?

IRMÃO JOHN: Lamento dizer que é assim, filha.

PARTICIPANTE: Quando olhas para trás, para todos os anos que vós, do vosso lado, trabalhastes e lutastes com pouco, suponho, efeito... e no entanto não vemos o quadro todo deste lado, pois não?

IRMÃO JOHN: Com certeza. Eu talvez às vezes, como hoje, me detenha no...

PARTICIPANTE: Lado mais sombrio.

IRMÃO JOHN: Lado mais sombrio, se lhe quiseres chamar assim. No entanto, estou consciente, claro, do trabalho que é feito e das muitas almas que são alcançadas e impressionadas e inspiradas a fazer melhor e que, em si mesmas, estão gratas. Mas pensamos na massa inumerável da humanidade. Sim. Vemos como o padrão continua a seguir a sua mesmice. Há tão pouca mudança fundamental no próprio homem.

PARTICIPANTE: Não há cura, Irmão John? Não há nenhum, não sei, tipo de despertar que possa ser trazido à existência?

IRMÃO JOHN: Filha, falamos sobre isto, o despertar. O homem não consegue, de alguma forma, ver por si próprio como a história se repete. Claro, é verdade que quando a catástrofe recai sobre o homem, ele percebe até certo ponto que ele próprio, através da sua insensatez e da sua ignorância, provocou qualquer que seja a catástrofe. É algo estranho que o próprio homem crie para si próprio todas as tristezas e as tragédias da vida. Há muitas coisas que acontecem na vida de um homem que não precisariam de acontecer.

E na vida das nações e dos povos, ter-se-ia pensado que a experiência de eventos passados teria apontado o caminho para uma melhor compreensão e uma melhor perceção. Tivestes grandes guerras nas quais incontáveis milhões de pessoas de todas as nações e cores sofreram. E, no entanto, o homem ainda continua na mesma senda.

IRMÃO JOHN: O homem não aprende com as suas experiências. Ele depressa esquece e coloca em segundo plano estas coisas que ele próprio trouxe à existência, e pensar-se-ia que, em consequência, aprenderia com as lições. Mas não é assim.

O homem invariavelmente traz para a sua própria vida, para o seu próprio lar e para a sua própria nação as mesmíssimas coisas que ele mais condena e detesta. O homem é tão infantil. Às vezes sentimos que há pouco que possamos fazer. Ficamos desanimados. E, no entanto, muitas vezes dizemos a nós mesmos: aqui e ali há uma alma que viu a luz do espírito e que a transporta como uma lanterna na escuridão do mundo, iluminando o

caminho não só para si própria, mas para aqueles que queiram ver; aqueles que queiram confiar ao redor e reunir-se na luz.

Verdadeiramente, esses são abençoados. E o caminho deles torna-se claro. Mas, ainda assim, há muitos que veem a luz ao longe, mas não a aceitam. Não a seguem. Preferem a escuridão dos seus caminhos e agarram-se às coisas que conhecem. Porque, muitas vezes, têm medo de seguir em frente, procurando e seguindo a luz de Cristo. E, no entanto, ao ver o mundo, não desespero. Embora existam alturas em que me sinto desanimado, como de facto me sinto na obrigação de confessar, sabemos que a luz que é dada ao mundo não pode ser extinta.

E que, embora nem sempre seja percebida, ou se for percebida não for aceite nem seguida, ainda assim essa luz brilha. E a senda de luz é iluminada para aqueles que queiram entrar no seu resplendor. E os passos dos viajantes cansados são verdadeiramente fortalecidos e os seus pés são verdadeiramente colocados no caminho da retidão e da verdade. Não duvidamos de que essa luz que foi acesa há tanto tempo nunca diminuirá no seu poder. De facto, ela aumentará; a luz irá mais longe e iluminará a escuridão de muitos homens, e as suas mentes abrir-se-ão à verdade, e eles verdadeiramente receberão e encontrarão a bênção do Altíssimo.

Sei que te esforças e, por vezes, porque és humana, por vezes estás sobrecarregada e os fardos da vida parecem excessivos. É sempre porque conheces a verdade e aceitaste a verdade — porque estás consciente da luz do poder divino — que és fortalecida, que és guiada; és tão verdadeiramente abençoada que essa luz que brilhará através de ti como um instrumento verdadeiramente dará, nos anos que ainda virão, uma iluminação maior pela qual muitos serão verdadeiramente abençoados. Não tenho dúvidas, minha filha, de que serás capacitada a fazer muito mais ainda.

Às vezes pensas para ti própria: "Não estou a ficar mais nova, a minha idade está a começar a pesar". E embora eu perceba que isto é verdade num sentido físico, o poder do Espírito pode dar-te um rejuvenescimento e um poder que te permitirão continuar e fazer o trabalho do Espírito muito, muito mais do que pensas ser possível. Tu tens grande fé nisto; a fé verdadeiramente, como Cristo disse, tornar-te-á sã. Sei, claro — não sou tão tolo que não saiba e não perceba — que à medida que o corpo envelhece e o tempo passa, deve haver, até certo ponto, alguma deterioração, alguma mudança deve ocorrer, na medida em que isso pode e deve ter algum efeito. No entanto, sabemos como o poder do Espírito Santo pode fortalecer e rejuvenescer, como pode superar e tornar possíveis muitas coisas que muitas

pessoas no vosso mundo considerariam impossíveis. Provaste isso ontem à noite.

PARTICIPANTE: Eu sei, John. Fui [para o serviço] muito cansada e voltei para casa sentindo-me absolutamente elevada e maravilhosa.

IRMÃO JOHN: Conforme emanas o poder do Espírito Santo, embora por momentos isso te possa retirar muito da força física, ser-te-á devolvido multiplicado por mil. Tu és reabastecida e fortalecida e, quando há recetividade ao teu redor, quando emanas este amor, este poder e a mensagem do Espírito, então isso recebe muitas outras bênçãos; e tão grande é a reação não apenas sobre ti, mas sobre os outros.

Por vezes — embora já o saibas — quando vimos a ti durante o teu estado de sono, quando és transportada do mundo físico e material de cuidados, ansiedade e preocupação para os reinos do Espírito e entras nesta atmosfera pacífica, somos capazes de te dar força. E, de facto, somos capazes de te mostrar aspetos da vida aqui muito afastados do material. Quando voltas a acordar no corpo físico, regressas verdadeiramente fortalecida, verdadeiramente abençoada, verdadeiramente revigorada. Eu não te consigo explicar... e embora seja a tarefa do médico cuidar do material, quando estás a descansar, quando o teu corpo repousa sobre a cama e tu própria és transportada para o Espírito, eles estão a trabalhar no corpo. Estão a dar-lhe uma nova vitalidade e força. Ficarias surpreendida se pudesses ver, como nós vemos ao teu redor... estas "semi-facetas" enquanto descansas: a vibração, a cor, os raios e o poder que está a ser carregado e dado a ti, fortalecendo-te e tornando possível que enfrentes cada dia com maior força, maior consciência, maior perceção do poder do Espírito que verdadeiramente está sempre contigo. Estás rodeada de afeto, nunca estás sozinha; estão sempre a ser-te dadas as bênçãos do poder do Espírito.

PARTICIPANTE: Sim, eu sei disso. Posso perguntar-te, Irmão John, se me permites... disseste duas vezes antes que ias trazer alguém para falar comigo e até agora isso não aconteceu. Presumo que haja uma razão, mas estou muito interessada.

IRMÃO JOHN: Sim, filha. Claro, creio que sabes bem demais que o tempo para nós não é como para ti. E embora eu possa ter dito há alguns meses, no teu tempo, que traria almas a ti, esta é uma promessa que tenciono manter e fá-lo-ei a seu tempo. Existem certas almas em particular — e desejo que saibas quem são — que se manifestarão e dar-se-ão a conhecer quando o tempo e o poder permitirem. Sei que estás [interessada], filha, mas não me esqueci de ti. Deixo-te com todo o meu amor e bênçãos; bênçãos da tua mãe e de muitas outras almas aqui que não podem falar, mas muitas que te amam —

muitas que não conheces, não apenas as próximas e queridas, mas outras também. Elas também se manifestarão a seu tempo. Tem bom coração.

PARTICIPANTE: Oh, eu tenho bom coração, amo-vos tanto.

IRMÃO JOHN: A paz esteja contigo, filha. O Senhor ouça a minha voz. Adeus, filha.

Sessão 201170

IRMÃO JOHN: Parece que passou muito tempo desde a última vez que falámos e, no entanto, suponho que num sentido não é assim.

PARTICIPANTE: Não, não realmente. Foi entre a última e a penúltima.

IRMÃO JOHN: Sim. Alguém se habitua a falar em intervalos regulares. E embora não tenhamos tempo, como tu o entendes, temos um método pelo qual podemos, num sentido, estar conscientes dele, particularmente quando nos aproximamos da terra e entramos nas tuas vibrações de pensamento, entramos na tua rotina diária e interesses. De alguma forma, então, estamos conscientes do tempo, mas isto é, pela sua própria natureza, meramente algo passageiro. Não tem efeito sobre nós. Assim que deixamos a vibração da terra, estamos fora do tempo, como o conheces, e ele não tem significado para nós.

PARTICIPANTE: No entanto, suponho que te ligues a mim diariamente.

IRMÃO JOHN: Assim é. Venho a ti diariamente. De uma forma diferente. De uma forma mental.

PARTICIPANTE: Sim. E isso não exige tanto esforço da tua parte.

IRMÃO JOHN: Existem vários métodos, várias formas pelas quais nós, deste lado, podemos ligar-nos e contactar a terra. De facto, é possível, e muitas vezes necessário, que façamos um contacto, não num sentido material — ou seja, descendo à terra e entrando em condições materiais — mas puramente num plano mental. Nós próprios podemos estar longe do mundo material em que existes, contudo somos capazes, sobre o que chamarias tempo ou espaço, a milhares e milhares e milhares de milhas de distância... podemos abrir a nossa consciência e permitir-nos, num sentido mental, transmitir e receber de volta forças de pensamento tuas, e tu receberes de nós.

PARTICIPANTE: Muito maravilhoso, de facto.

IRMÃO JOHN: O mesmo que com o vosso rádio (*wireless*), com a vossa televisão: podes estar sentada numa sala e receber mensagens. Podes ouvir uma conversa e ver imagens de coisas que estão a acontecer e a transparecer naquele preciso momento, a centenas e centenas de milhas de distância. Assim nós podemos, num sentido mais pleno, mais amplo e, de facto, mais expressivo, fazer o mesmo. Há muita gente no vosso mundo que não compreende ou não acredita nesta grande verdade, que acha impossível aceitá-la. Se ao menos percebessem a maravilha que acontece no vosso próprio mundo de comunicação. Agora tendes os russos que estão a aterrar instrumentos na lua e estes podem ser ativados e estar em comunicação com a Terra, a milhares e milhares de milhas de distância. Todas estas coisas, pensaria eu, deveriam ter ilustrado até certo ponto a possibilidade e o que sabemos ser a realidade da comunicação entre o vosso mundo e o nosso.

PARTICIPANTE: Disseste há alguns anos que pensavas que o homem evoluiria para algum tipo de instrumento que seria capaz de se ligar convosco.

IRMÃO JOHN: Existem aqueles neste mundo, de mente científica, que quando estavam na Terra tinham inclinação científica — e nalguns casos eram cientistas bem conhecidos — que estão a cooperar e a trabalhar juntos aqui com o objetivo, ideia, intenção e propósito da comunicação entre o nosso mundo e o vosso. Particularmente na Rússia, estão a usar certos cientistas para experiências, embora isso não seja do conhecimento geral. Penso que é justo que eu diga que existem cientistas russos interessados neste assunto, que estão a experimentar e que estão, até certo ponto, em comunicação — não talvez bem no sentido espiritualista, ou não necessariamente com intenções e propósitos espiritualistas, ou inclinados espiritualmente nesse sentido que nós preferiríamos muito mais — mas que, puramente numa base material ou psíquica, se esforçam por fazer contacto. E talvez algumas das coisas que estão a fazer não sejam plenamente compreendidas e, de facto, não tenham sido clarificadas ou sequer trazidas à atenção do mundo. Os russos estão a experimentar em muitos campos.

Só se pode esperar e rezar para que as descobertas que fizerem sejam usadas para a melhoria e para o bem da humanidade. Mas na comunicação entre o nosso mundo e o vosso, se isto, como estamos certos, eventualmente vier ao vosso mundo... quando puder ser provado numa base muito científica; quando pudermos ser não só ouvidos pelos instrumentos que venham a ser construídos, mas possamos também, talvez ao mesmo tempo, ser vistos de forma semelhante à vossa televisão... isto é algo que estamos a antecipar e a esperar, e certos cientistas estão a trabalhar para esse fim.

PARTICIPANTE: Espero que tenha uma boa influência. Estou a ficar menos "apaixonada" pelo mundo — não pelas pessoas, claro, mas pelo mundo — a cada dia que passa.

IRMÃO JOHN: Bem, o vosso mundo está em tumulto e sofrimento pela simples razão de que o mundo dos seres humanos é tal que criou, ao longo de gerações, as circunstâncias sob as quais agora viveis e vos encontrais. Tudo o que acontece ao homem, mais ou menos, à parte da própria natureza, é o que o homem criou. Mas mesmo assim, tem havido perturbações dentro da própria natureza que o homem criou ao libertar certas energias que são, em si mesmas, não naturais.

O homem criou certas armas, materiais explosivos que perturbaram os elementos, que perturbaram o próprio mundo em que viveis, ao ponto de por baixo do mar existirem estas repercussões que causaram tragédia há poucos dias. Isto deveu-se à perturbação criada pelo homem. E, claro, muito tem acontecido sobre o qual o mundo nada sabe em geral. Nações, pessoas em lugares altos que fazem estas experiências, não informam necessariamente o mundo, nem sequer os seus próprios povos. A natureza desfere golpes sobre isso. Lamento dizê-lo, mas é verdade.

O homem, até certo ponto, está a criar para si próprio um grande caos, uma grande complicação dentro da própria natureza. Não se pode interferir com a natureza sem que ela responda e reaja, e virá em consequência uma aflição terrível. Pode ser um terramoto ou pode ser uma inundação. Pode ser de outra forma. Pode trazer doenças, um novo problema entre os homens. Esta tragédia recente foi, em grande medida, criação do homem. Não foi da própria natureza. Não se pode perturbar a natureza ao ponto em que esta tem sido perturbada por explosões atómicas, mesmo que sejam debaixo do solo ou nos mares. Estas são grandes perturbações não naturais que eventualmente têm reação. E então tens alguma grande inundação ou maremoto, ou até no ar. Isto também pode reagir, e o tempo meteorológico é afetado por isso também.

PARTICIPANTE: Suponho que esta passagem em massa [de almas] tenha colocado stress do vosso lado também.

IRMÃO JOHN: A passagem de quem?

PARTICIPANTE: Toda esta passagem em massa de pessoas [devido a desastres].

IRMÃO JOHN: Sim, claro, incontáveis. Milhares e milhares de almas deste lado estão a esforçar-se por servir e ajudar estes desafortunados. Não creio que ninguém no vosso mundo possa alguma vez perceber o que significa para nós quando uma catástrofe tão grande ocorre. Milhares incontáveis de

pessoas vindo para aqui subitamente, sem aviso, de uma forma não natural. A angústia é terrível e as necessidades são tantas. Mas existem milhares incontáveis de almas deste lado que são treinadas dessa forma, especialmente para ajudar os menos afortunados a passar, para lhes dar uma perceção, para lhes dar ajuda, para os carregar, por assim dizer, através das primeiras horas de aflição, acalmando-os e influenciando-os e vendo que sejam reabilitados num novo ambiente aqui, de uma forma que os faça perceber que tudo está bem. Alguns, claro, agarram-se à terra e são "violentos com a terra". Mas ninguém, apenas nós deste lado e as pessoas envolvidas, pode apreciar e compreender o que tal catástrofe pode significar. Isto é algo tão enorme. Fizeste uma descrição... sabes.

Tu pediste-me para fazer perguntas. Uma senhora escreveu-me e perguntou-me se eu te perguntaria como os animais são recebidos e se um animal doméstico poderia voltar à terra novamente.

IRMÃO JOHN: Bem, presumo que a senhora em questão, ao referir-se ao regresso de um animal à terra, não estivesse a pensar do ponto de vista do espírito ou de voltar para casa, mas sim possivelmente estivesse a pensar em encarnação ou reencarnação.

PARTICIPANTE: Sim, é isso mesmo.

IRMÃO JOHN: Bem, sobre isso nada sei. Não conheço nenhum animal que tenha reencarnado no mundo físico novamente noutro corpo. Mas, claro, os animais voltam e veem e interessam-se pelo seu dono ou dona. E muitas vezes passam muitas horas com eles no lar que outrora fora, para eles, um lugar de tanta felicidade e júbilo. E passam muito tempo com os seus amigos e as suas pessoas na terra.

PARTICIPANTE: E quanto aos animais como um todo? São recebidos novamente por um grupo que se dedica ao reino animal?

IRMÃO JOHN: Sim, existem muitas, muitas almas deste lado da vida que fazem parte do seu trabalho cuidar dos animais, tratá-los, acarinhá-los. Mas, claro, a maioria dos animais, quando vem para aqui, tem um instinto natural que o homem perdeu ao longo dos séculos. Enquanto o homem invariavelmente perdeu a perceção da verdade da vida eterna, do poder do espírito, da comunicação... o homem, ao longo de séculos, fechou os olhos às realidades destas coisas. Os animais, embora possam não ser em alguns sentidos tão evoluídos ou desenvolvidos como os seres humanos, contudo têm um instinto. Têm uma perceção dentro de si — psíquica, se lhe quiseres chamar assim — de modo que não têm medo, nem dúvidas, nem qualquer tipo de peculiaridades na sua estrutura mental que os afete quando passam do

vosso mundo para este. Por outras palavras, os animais deixam o vosso mundo num estado muito mais tranquilo, muitas vezes, do que os seres humanos.

Algumas pessoas poderiam dizer "mais resignados", que não é a palavra que eu teria usado da forma normal, mas existe dentro dos animais, particularmente nos domésticos, uma compreensão, existe uma consciência. Vês, quando na terra, os animais estão cientes e conscientes de coisas e até de pessoas que estão fora do vosso mundo, que são deste mundo, que são do espírito. Os animais veem no corpo de forma bastante vibrante. Estão cientes e conscientes de entidades e almas do nosso mundo que muitas vezes tentam comunicar com pessoas no vosso mundo que conheceram e amaram, e entram frequentemente no domicílio ou no lar, por assim dizer, numa tentativa de comunicar.

IRMÃO JOHN: O indivíduo, o familiar, as pessoas envolvidas podem não ver a aparição ou podem não estar conscientes da tentativa de comunicação que está a ser feita, mas frequentemente um cão, por exemplo, verá, saberá, estará consciente da entidade que se esforça por comunicar, que se esforça por passar e dar uma mensagem de amor. Mas, vês, é isto: os animais têm a perceção da força psíquica e do poder psíquico. Eles têm a perceção do espírito.

Eles podem não, num sentido, compreendê-lo quando estão na terra na extensão que talvez alguém desejasse, mas o ponto é que os animais estão mais preparados para o que há de vir do que o ser humano comum. Este é um estado de coisas extraordinário; apesar da religião e apesar da educação que os povos receberam de muitas formas diferentes na terra, apesar de todas as vantagens da raça humana, frequentemente a simplicidade do animal — vivendo mais perto da natureza, sendo mais sensibilizado para estas coisas do espírito que são, num sentido, a força viva. O homem afastou-se da perceção viva do poder dentro de si mesmo, mas os animais, porque são menos — conforme o mundo o vê — menos avançados e não, num sentido, talvez tão materiais como o homem se tornou, os animais não encontram frequentemente na transição a dificuldade que o ser humano encontra.

PARTICIPANTE: Poderia fazer outra pergunta? Os animais comuns, em massa, têm um lar espiritual próprio? Não me refiro aos domesticados.

IRMÃO JOHN: Bem, o ponto é que existem muitos graus, existem muitos níveis de consciência, e creio que o homem, quando pensa sequer sobre o assunto, compreende estas verdades, mas não consegue perceber que [a forma] não é necessária. Ora, isto é algo que pode surpreender, mas é muito verdadeiro: enquanto o homem retém a forma e o feitio exteriores para reconhecimento e pode passar por muitas, muitas, muitas fases de evolução...

o homem pode passar por muitas evoluções de desenvolvimento antes de poder perceber que é possível ainda reter-se a si próprio, ainda reter a sua individualidade, mas não necessariamente ter feitio ou forma.

Este é um estado de ser muito elevado e avançado. Mas vês, existem coisas como "almas de grupo" (*mass souls*), e isto é muito difícil de explicar, não sei como o vou fazer. Mas o ponto é que, em certos níveis de consciência, os animais perdem a identidade; eles não retêm necessariamente o feitio ou a forma, e certos animais que certamente não evoluíram ou se desenvolveram na extensão que o animal doméstico, digamos, evoluiu, acabam por perder essa distinção até certo ponto.

Por exemplo, não gostaria que imaginasses que existem vastas planícies onde elefantes, por exemplo, apenas vagueiam. Não sugiro com isto que não existam réplicas de elefantes, ou réplicas de outros animais, mas estes não são em si mesmos individuais. Ora, não sei como explicar isto. O que estou a tentar dizer-te é que o animal doméstico, o animal que esteve muito próximo do homem, que foi amado e acarinhado, esse evoluiu até certo ponto; esse retém a sua personalidade e retém o seu feitio e forma. Mas, lá está, é muito importante perceber que, embora para o homem seja um fator importante permanecer um indivíduo, na evolução superior de toda a vida, conforme se progride em eras e eras de tempo, começa-se a aprender e a compreender as tremendas perceções e as possibilidades da vida aqui. É viável, e de facto sei que é verdade, que não é necessário ter feitio ou forma, mas pode-se assumi-los, se se desejar, para algum propósito ou razão especial.

Vês, o homem construiu esta ideia de que deve ter certos aspetos do "eu" que são essenciais e necessários, o que é verdade sob certas condições, mas o homem é mais do que feitio e forma: ele é espírito, ele é espírito eterno e universal. Ele é parte da grande força cósmica de toda a vida, e é uma partícula minúscula do todo. E quando o homem consegue perder o "eu", perder o sentido de si mesmo, e permitir-se fundir no grande todo cósmico; quando percebe que ele próprio está a expressar aspetos do mundo maior, das mentalidades maiores, das perceções maiores da verdade... o que quer que se receba no vosso mundo, o que quer que alguém se torne no vosso mundo — importante, tremendo, vasto na sua expressão — não passa de uma partícula minúscula da realidade, do completo.

Isto é muito difícil de explicar, mas tudo o que posso dizer é que existe toda a oportunidade para cada alma evoluir e desenvolver-se e tornar-se; mas não importa o quanto te desenvolvas, o quanto evoluas, o quanto te tornes, há ainda muito mais para aprender, para explorar, que num sentido é tão imenso que alguém se sente, perante a maravilha de tudo, perante a realidade de tudo,

num certo sentido insignificante. E este é o júbilo, e é isto que torna a vida eterna uma realidade. Nunca conheci ninguém que professe ou reivindique ter todo o conhecimento, toda a verdade. Temos partículas, temos aspetos, estamos todos, por assim dizer, a subir degrau a degrau para uma perceção maior. E se pudermos ver-nos sob essa luz, e ver que estamos sempre a ascender e a subir para a luz eterna, que não importa o quanto possamos sentir, saber ou ser capazes de expressar, ainda assim, em comparação com a grande e plena realidade de toda a verdade, aquilo que sabemos — por muito importante que seja — é muito pequeno em comparação com o completo. Nunca devemos perder de vista o facto de que estamos todos a aprender, estamos todos gradualmente a evoluir para uma perceção maior.

E quando atingimos um certo ponto e olhamos para trás e percebemos o que ganhámos em conhecimento e experiência, então vemos que percorremos um longo caminho. Há muito, muito, muito mais caminho a percorrer. E deveremos sempre continuar a aprender, a descobrir. Este é o júbilo da vida eterna: a perceção de que existem sempre novos campos para conquistar, grandes descobertas a serem feitas, maiores partes de experiência a serem ganhas. Nada fica parado. Toda a vida é movimento e mudança. Quando se percebe isto, começa-se a perceber a imensidão e a realidade do mundo do espírito e tudo o que ele envolve. Nada se perde, filha. Sabes, dá as minhas bênçãos e o meu amor a todos os que ouvem a voz do espírito, e espero que, em alguma medida, te tenha guiado e ajudado a instruir-te. Mas há tanto que desejo ainda transmitir. Mas isso será feito. O meu amor e a minha bênção para ti, filha. Adeus. Deus vos abençoe a todos. Adeus.

MICKEY: Adeus, Mickey querido. Oh, valha-me Deus. Ele agora fala que se farta, não fala? Mas ele foi bom, não foi? Oh, sim. Muito interessante.

Sessão 231070

IRMÃO JOHN: Um nome por qualquer outro... Não, "uma rosa, não é, por qualquer outro nome teria o mesmo perfume".

PARTICIPANTE: Obrigada. Isso é Shakespeare?

IRMÃO JOHN: Creio que sim. Acredito que sim. O que vale um nome, hein? De nada. Abençoada sejas, querida. Abençoada sejas, minha filha. Aqui, os nomes como tais não são importantes.

PARTICIPANTE: Tens um nome espiritual?

IRMÃO JOHN: Invariavelmente sim, mas isso não vem necessariamente por muito tempo. Suponho que seja natural assumir que uma

pessoa que está aqui apenas há pouco tempo, cuja atitude mental não mudou drasticamente do velho "eu" material, e por várias outras razões... o nome pelo qual uma pessoa é conhecida permanece para fins de reconhecimento, num sentido. Afinal de contas, se tivesses perdido um filho — como o mundo chama à perda na morte — cujo nome era Peter, e ele subitamente transformasse a si próprio e ao seu nome, seria muito difícil compreender, apreciar, retribuir e, de facto, fazer contacto, quer fosse no vosso mundo ou neste. O nome em si, reconhecidamente, é desimportante. Contudo, enquanto a memória material dura, os nomes são importantes. Têm o seu significado, o seu lugar e o seu propósito nas mentes dos indivíduos associados, por isso o nome permanece. Mas muitos são os que, tendo ido longe no horizonte do espírito, por assim dizer, mudam. Mas os nomes para nós não são realmente importantes.

Não somos conhecidos tanto pelo nome, mas pelo que nos tornámos. Somos conhecidos, num sentido, pelo nosso caráter, pela nossa personalidade, pelo nosso desenvolvimento e evolução da perceção espiritual, consciência, faculdade, expressão — todas as coisas mais profundas pertencentes ao avanço espiritual do homem. Estes são os aspetos do "eu" que se tornam aparentes e pelos quais somos conhecidos. No vosso mundo é viável e possível ser conhecido por um certo nome e ser aceite, e de facto é possível criar um exterior e uma personalidade muito charmosos e atraentes. Mas muito poucos no vosso mundo são suficientemente conscientes para serem capazes de conhecer e extrair o real indivíduo, as subtilezas da natureza, as subtilezas da personalidade, as subtilezas do sentimento, as subtilezas que constituem os sentidos mais íntimos do indivíduo. No vosso mundo, podes ter uma fachada que pode enganar, que pode à superfície dar às pessoas uma impressão inteiramente diferente do que o indivíduo pode bem ser na sua parte secreta e mais íntima.

Vês, aqui, pela primeira vez, um homem apresenta-se revelado pelo que é, com todas as suas imperfeições e o seu aspeto de perfeição. Nós, neste mundo, vemo-nos uns aos outros com uma clareza de visão. Conhecemo-nos de tal forma que nada pode desanimar. Com isto quero dizer que sabemos que, mesmo que uma pessoa não tenha progredido muito, que ainda se ligue mentalmente num sentido material com as coisas materiais e com a terra em particular — por outras palavras, se uma pessoa é de natureza baixa, de um aspeto baixo do "eu" que não se tornou espiritualmente consciente ou não progrediu — sabemos que eventualmente o lado mais sombrio desaparecerá, que o melhor aspeto do "eu" se afirmará e gradualmente a mudança ocorrerá, e o homem elevar-se-á da escuridão de si próprio para a luz plena da

consciência espiritual. Nada se perde. Ninguém se perde. Existe esperança para todos os filhos de Deus.

Quando se olha para trás, para os velhos ensinamentos, percebe-se bem que o homem tem sido, através de séculos de pensamento errado, ensinado em muitas coisas que, em vez de o terem ajudado a progredir, até certo ponto o retiveram de aspetos da verdade; porque o homem, muitas vezes através do medo, colocou uma exibição superficial do que chamais desejo religioso e espiritual, ou desenvolvimento espiritual ou religioso, que é pela sua própria natureza algo, num sentido, quase material; porque o homem, no vosso mundo, por séculos, foi a esta ou àquela igreja particular, baixou a cabeça e dobrou o joelho, e reiterou oração após oração, e cantou hino após hino, com pouco pensamento, com pouca convicção, com pouca ou nenhuma perceção. Muitos são os que, frequentemente através do medo, tomam sobre si o caminho traçado pela sua denominação religiosa particular, aceitando credos que muitas vezes nem sequer analisaram.

Por outras palavras, existem muitos no vosso mundo que descobriram, ao chegar aqui, que muito do que aceitaram de boa vontade, muito do que tomaram para si como questão de forma e hábito, sem consideração séria ou pensamento, encontraram muitos ensinamentos erróneos. E isto tem sido uma barreira e não uma ajuda. E creio que isto é algo que muitos no vosso mundo não conseguem e não podem apreciar. Não podes chegar à luz plena da sabedoria e do amor de Deus até teres lançado de ti todos estes aspetos que, pela sua própria natureza, são superficiais, sem profundidade, sem significado profundo.

Quando Cristo veio ao vosso mundo, veio a um mundo onde a situação, materialmente e na sua parte do mundo politicamente, estava em grande necessidade de revelação espiritual. Era um tempo turbulento na história do homem. Os romanos tinham passado por uma mudança tremenda. Tinham-se tornado muito poderosos. O mundo conhecido daquela época era governado pelo poderio e pela força de Roma. E os deuses que eles adoravam eram deuses que tinham sido criados séculos antes e tinham sido aceites como divindade e poder. E, em consequência, os romanos tinham um aspeto e abordagem muito estranhos e materialistas às coisas da mente e do espírito, bem como ao material. E governavam com tal poder e tal crueldade.

E era um tempo apropriado, que era obviamente o certo para a revelação do espírito pela própria natureza de alguém como o Cristo — alguém que ensinou as coisas da mente e do espírito e o poder do espírito e o demonstrou pelos poderes que possuía. Estas coisas, estas velhas verdades, eram conhecidas séculos e séculos e séculos antes dos romanos. De facto, se alguém

fosse capaz de entrar no detalhe que seria necessário para acentuar e provar o que estou a dizer, levaria muitas, muitas, muitas horas. Mas o que estou a sugerir aqui é que os ensinamentos simples do Cristo — e fundamentalmente eles são simples, porque toda a verdade no aspeto fundamental do autoconhecimento é simples... e a verdade é do "eu". Isto pode parecer a alguém talvez um pouco estranho, mas com isto quero dizer que devemos ver-nos pelo que realmente somos, e isso é espírito.

Portanto, o espírito fundamental, que é de toda a vida, que é demonstrado não só na vida humana mas na vida animal, em todos os aspetos da vida sobre a terra — quer seja na natureza ou mesmo fora da natureza — é tudo o espírito fundamental, é tudo a vitalidade fundamental, chamai-lhe o que quiserdes, que anima todas as coisas. Cristo conhecia o poder mais íntimo do espírito, tinha tal perceção dele e não tinha dúvidas nem medos nem escrúpulos sobre como o poderia utilizar e manifestar. É por isso que, porque Ele era verdadeiramente espírito e compreendia o poder do espírito, pôde alcançar as coisas que alcançou. E embora não tenha, num sentido, conforme o mundo o vê, ganho uma vitória, contudo ganhou a maior vitória de todas as vitórias ao vencer a morte, ao comungar com aqueles que O amavam. Ele foi capaz de mostrar que a morte vence o que o mundo chama vida. A morte, o próprio poder do espírito que é indestrutível — este é o poder, este é o vigor.

Quando os impérios caem, como caem e devem cair, porque são puramente materiais, baseados em coisas materiais — como o Império Romano caiu e foi desagregado e eventualmente destruído — o poder do espírito permaneceu. O poder que Jesus manifestou está ainda dentro de cada ser humano. Está tão sobrecarregado e atulhado por pensamentos materiais e coisas materiais que o homem não percebe que o possui, não o percebe, não conscientemente. De facto, ele quase, poder-se-ia dizer, o matou; mas ele ainda está a tremeluzir como uma pequena chama em cada peito humano, em cada indivíduo humano existe o poder do espírito, dormente, latente, à espera de ser extraído.

PARTICIPANTE: Não vemos muita evidência de que ele esteja a funcionar nas vidas diárias, pois não?

IRMÃO JOHN: Mesmo aqueles que professam conhecer esta grande verdade, mesmo aqueles que se interessam por ela, aqueles que são espiritualmente conscientes e percebem... mesmo entre estes não existe talvez o brilho que alguém desejaria ver, não existe talvez o esforço feito que deveria ser feito, não existe talvez fé suficiente. De facto, existem muitos fatores no vosso mundo que causam preocupação, mesmo entre aqueles que compreendem alguns aspetos destas verdades; mas contudo, aqui e ali, o

poder do Espírito Santo está a manifestar-se, está a demonstrar, está a dar nova vida, ímpeto aos outros.

Não devemos ficar demasiado infelizes e angustiados. Devemos tentar, se pudermos, ver o poder do Espírito de Cristo manifestando-se como resplendor nos cantos mais escuros da terra. Sabemos que existem muitas, muitas almas infelizes no vosso mundo. Existem muitas que, sem culpa própria ao que parece, estão a sofrer. São vítimas inocentes, mas todos os homens, embora sejam separados em si mesmos, são todos parte do grande todo. É portanto bastante natural, e o homem percebe isto, que nenhum homem possa viver apenas para si mesmo, que todos partilhem o Espírito universal — embora se esteja a manifestar através de indivíduos de todas as nações, de todas as persuasões ou credos, embora se esteja a manifestar entre toda a raça humana, o mesmo Espírito.

Esse Espírito só pode manifestar-se em cada indivíduo de acordo com os desejos dessa pessoa. Só pode manifestar o seu poder de acordo com a iluminação da mente de cada indivíduo e os desejos do indivíduo de alcançar algo além do material, esforçando-se por dar e afirmar o poder do Espírito a tal ponto que este mude o indivíduo e, em consequência, eventualmente afete os que o rodeiam. Toda a gente é responsável por toda a gente.

IRMÃO JOHN: Isto é algo de que, muito frequentemente, as pessoas não estão plenamente conscientes. Há muitos que estão cheios de presunção e farisaísmo. Jesus teve de lidar com isto. Muitas vezes ele deparou-se com problemas e dificuldades entre as próprias pessoas que deveriam ter sido os seus seguidores e que mais o deveriam ter ajudado; que deveriam ter visto nele a luz que tanto brilhava, que chegava a ofuscar pelo seu resplendor. Mas eles eram mudos, e eram cegos, e não queriam ouvir, porque estavam cheios da sua própria importância. Estavam cheios da sua própria perceção do que pensavam ser a verdade.

E eram invejosos, e eram estúpidos e materiais, e ressentiam-se, e de facto, com o tempo, foram os responsáveis pela crucificação. Sabes, filha, devemos sempre lembrar-nos de que aquilo que fazemos aos outros pode, muitas vezes, ferir-nos mais a nós próprios. Devemos sempre pensar o bem e esforçar-nos por fazer aquilo que é bom. Devemos aprender a perdoar e a esquecer. Devemos colocar-nos na linha da frente onde o problema está, e não evitá-lo. Não devemos ficar à beira do caminho, mas devemos marchar em frente, de cabeça erguida, e devemos tentar em todos os momentos superar-nos a nós próprios, ao nosso "eu" pior.

Nunca devemos ter medo de estar no lugar mais perigoso. É-nos dado um grande poder. É-nos dado um grande conhecimento, uma grande perceção

e, verdadeiramente, o poder do Espírito superará todas as coisas, por mais duras, difíceis ou materiais que sejam; por mais angustiantes que sejam, por muito que sejamos pesadamente conduzidos por coisas materiais. Se tivermos dentro de nós a verdadeira compreensão do poder do Espírito Santo, nada nos pode prejudicar, nada nos pode de forma alguma afetar. Devemos lembrar-nos de que temos dentro de nós tal força, tal poder, que é por este poder que vencemos. Tu vives num mundo onde nunca, em momento algum da sua história, houve maior necessidade do poder do Espírito Santo e da manifestação desse Espírito.

Podes ir aqui e ali. Podes estar, como muitas vezes fazes, no púlpito, na plataforma, na tribuna, transmitindo a mensagem e a palavra do Espírito. E às vezes, como tantas vezes soube que aconteceu, sentiste depois que a palavra, a mensagem, caiu muitas vezes em solo pedregoso. Mas aqui e ali ela foi recebida com júbilo. E se, de uma audiência de quarenta ou cinquenta pessoas, ou as que forem, apenas uma alma for trazida para a luz mais plena e receber o incentivo para expressar o poder do Espírito interior — se tiverem recebido verdadeiramente a mensagem — então não foi um esforço desperdiçado, não foi tempo mal gasto. E, ainda assim, a palavra do Espírito segue em frente. Muitos, muitos, muitos são abençoados. Não te deves sentir desconcertada.

PARTICIPANTE: Oh, eu não me sinto, na verdade. Fiquei muito entusiasmada no último domingo. Achei que foi um serviço maravilhoso.

IRMÃO JOHN: Há alturas, como bem sabes, em que toda a atmosfera está viva com o poder do Espírito, onde está cheia de uma vitalidade tão tremenda, onde se sente e se sabe que verdadeiramente o poder do Espírito desceu sobre eles. Verdadeiramente somos abençoados, filha. Não devemos ficar desanimados.

PARTICIPANTE: Não, é o mundo em geral.

IRMÃO JOHN: O mundo é o mundo, e o mundo está a receber aquilo que provocou. Vês, filha, embora existam muitas coisas no teu mundo que são injustas, muitas coisas acontecem que angustiam, e muitas coisas individuais em particular que causam grave preocupação, todas estas coisas podem ser rastreadas no próprio tempo até às estupidezes e insensatezes de gerações. Os pensamentos são vitais, estão vivos. Podem não se manifestar sempre naquela hora, naquele momento, mas ao gerar — como o homem tem feito por séculos — todo o tipo de pensamentos malignos e coisas más, eventualmente estas coisas criam o materialismo e provocam circunstâncias e situações onde, assim parece, muitas pessoas inocentes estão a sofrer.

Não gostamos de olhar para o vosso mundo e ver tristeza e sofrimento. Não gostamos de testemunhar e saber de muitas das coisas terríveis que estão

a acontecer. E se estivesse no nosso poder aliviar uma situação, o que por vezes conseguimos, ou criar um conjunto inteiramente diferente de vibrações ou condições que varressem muitas das coisas que estão a causar angústia, faríamos estas coisas de boa vontade. Mas o homem semeia e, conforme semeia, assim verdadeiramente colherá. E se alguém puder ver que um indivíduo é, num sentido, apenas um indivíduo do ponto de vista de que criou até certo ponto o seu próprio aspeto de "eu" e personalidade, mas é o mesmo espírito vivo que está a funcionar em toda a vida... ele é fluídico, e as forças de pensamento são fluídicas.

E estas forças de pensamento estão a passar de um para o outro e, enquanto o homem estiver a pensar erradamente, agirá em conformidade. E embora existam aqueles que lutam para sair do lamaçal, por assim dizer, do materialismo do homem, existem sempre aqueles ao seu redor que se esforçarão por puxá-lo para trás. E a luta continua, e os inocentes muitas vezes são apanhados com aqueles que não são tão inocentes, aqueles que são — como o mundo vê, e de facto são nalgum sentido — perversos. Existe sempre esta luta entre o bem e o mal, o poder do preto e do branco. Existe sempre o eterno combate do material contra o espiritual. Esta é, como sempre foi através da história do homem, a grande luta.

Mas é uma luta desigual, na medida em que o homem pode não o perceber; é desigual porque o poder do bem eventualmente superará sempre. O poder dominante do amor, o poder dominante do espírito — o espírito eterno que não pode ser destruído — eventualmente superará e vencerá. Deve ser assim, pela própria natureza das coisas. As coisas materiais passam. Estão sujeitas a mudanças, mudanças constantes. Por vezes tão subtis que mal são percebidas. Mas o poder do Espírito Santo nunca muda. É eternamente forte e poderoso. É eternamente bom.

E embora possa haver para o indivíduo, quando ele deixa para trás as coisas materiais e começa a subir no reino do espírito, uma mudança nos seus aspetos e ele assimile novas coisas, novo conhecimento e novas formas de expressar o amor e o poder do Espírito Santo... contudo, é o espírito eterno que está sempre a mudar e, no entanto, é sempre o mesmo. É difícil explicar o espírito e o poder do espírito e a manifestação desse poder. Mas não te angusties. O teu mundo está cheio de sofrimento, cheio de dor, cheio de agonias de muitos tipos, mas de toda esta terrível agonia do materialismo, aquilo que é do espírito triunfará. Sei que te esforças. Continua a esforçar-te, filha. Sabe que estou contigo e muitos outros também virão. Estamos verdadeiramente, verdadeiramente satisfeitos contigo. E com aquilo que fizeste, que ainda farás, e muitos terão causa para te abençoar e ao poder do Espírito Santo que flui através de ti. O meu amor, a minha paz e a minha

bênção estejam contigo e com todos os que ouvem a palavra do Espírito. Adeus, minha filha.

MICKEY: Adeus.

PARTICIPANTE: Adeus, Mickey querido. Feliz Natal.

MICKEY: Oh, valha-me Deus, ainda faltam quase dois meses, não faltam? Sim. Quanto tempo falta para o Natal? Sete semanas, creio eu. Bem, ainda não estamos em novembro. Deus vos abençoe a todos.

Sessão 291064

O que se segue é a conversa do Irmão John na fita 37, dada a 29 de outubro de 1964, que foi mal gravada. Antes de a sessão começar, o Sr. Flint tinha-me chamado Ada por brincadeira. Quando o Mickey veio, ele disse:

MICKEY: E como estás, Ada?

PARTICIPANTE: Oh, estou muito bem, obrigada, Mickey. Mickey, que bom ver-te.

MICKEY: Bom ver-te, querida. Tens andado por aí ocupada?

PARTICIPANTE: Sim, de facto.

MICKEY: Aposto que sim.

PARTICIPANTE: Sim, já fiz dois serviços esta semana.

MICKEY: Dois serviços, isso é andar bem, não é?

PARTICIPANTE: Sim.

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha.

PARTICIPANTE: Abençoado sejas, Irmão John, querido. O meu amor para ti, Irmão John.

IRMÃO JOHN: E o meu para ti, filha. Ao nosso redor e em todo o lado, invisíveis para ti, estão inumeráveis almas a esforçarem-se e a empenharem-se, no melhor das suas capacidades, para influenciar, ajudar, guiar e elevar a humanidade; e tão poucos são os que, no vosso mundo, estão conscientes deste tremendo esforço feito por nós. Os laços que nos unem são fortes.

Estamos tão entrelaçados, nós deste lado da vida e aqueles do vosso, tão entrelaçados estamos que, conforme vós próprios seguis o padrão das vossas vidas diárias, nós estamos conscientes de todo o esforço e dos erros que são cometidos; pois, conforme vós no vosso mundo sofreis, também nós

sofremos, pois estamos entrelaçados por um poder que é a própria vida. Somos, por assim dizer, todos o mesmo espírito — embora não possamos definir o espírito em palavras, contudo ele é a própria força vital por trás de tudo o que existe — e como estamos entrelaçados convosco com este laço de amor, este laço que é tão poderoso que as palavras não conseguem descrever, assim estamos unidos a todas as formas de vida, por mais humildes que pareçam ser no esquema das coisas; pois se somos da mesma vida, esse tempo em si é desimportante, esse tempo não passa de uma condição material que eventualmente passa para a alma humana, então estamos num sentido entrelaçados com todo o tipo de seres, todas as formas e condições de vida.

E se o homem pudesse apenas olhar ao seu redor e ver na natureza as lições que ali esperam para serem ensinadas; a ilustração na própria natureza da vida; como a própria natureza responde naturalmente às leis inquebráveis do universo e de Deus... o homem poderia seguir em muitos aspetos o curso natural e a sequência dos eventos. Se ele pudesse ver, como nas estações, a mudança que se aproxima nesta altura do ano, e o inverno que se segue, e depois a primavera com o novo nascimento, e o verão que vem... se ele pudesse tirar lições da natureza; se pudesse ver a sabedoria por trás de tudo o que a natureza providencia e tudo o que a natureza faz; se o homem pudesse perceber que é, pela sua própria natureza, parte de um grande plano — um plano que abrange todas as condições e formas de vida — que existem as condições humildes a atravessar, emergindo gradualmente para um estado superior, assim existem, no próprio homem, grandes possibilidades de mudança, grandes possibilidades de despertar, de ressurgir, quebrando os laços que o acorrentam e prendem através da ignorância e dos medos. A natureza não conhece o medo como o homem conhece o medo.

A natureza tem os seus instintos. A natureza tem a sua consciência e perceção interiores e, através disso, move-se, respira e tem o seu ser. A natureza não tem medo. A natureza responde a todas as mudanças que hão de vir e que devem ser, de uma forma natural, de um modo natural. Tudo o que tem vida vive de alguma forma ou de outra. Embora possa passar pelo processo de mudança, a força vital fundamental continua lá. Contudo, o homem teme a morte. O homem teme a mudança que deve ocorrer em si mesmo conforme envelhece. Ele não consegue ver que na velhice deveria vir uma maior perceção, uma maior sabedoria e um maior despertar da sua unidade com o divino.

Ele teme a morte porque sente e pensa que ela o corta para sempre de todas as coisas que conheceu e amou e de todas as pessoas que constituíram a sua vida, e no entanto não é assim. É apenas o que parece ser, porque o homem é cego e é ignorante na medida em que só consegue perceber num

nível material baixo. Ele não consegue ver que todas as mudanças que devem ocorrer dentro de si próprio são a forma da natureza de o conduzir gradualmente e de o trazer a um estado superior de consciência e de ser. A natureza não conhece o medo. Embora existam muitas coisas na natureza que pareçam, à superfície, ser de evitar se possível — coisas que às vezes parecem injustas talvez, e nos fazem sentir duvidosos sobre o propósito e o significado por trás das manifestações que possam acontecer ou surgir — contudo, em toda a vida existe um propósito, existe uma razão e, claro, existe uma resposta.

O homem não precisa de temer. É este medo pavoroso que, infelizmente, o divide não só do seu semelhante, mas do reino da natureza e do reino animal também em particular; que o divide particularmente ainda mais daqueles que vêm deste reino do espírito para alargar a sua mente e para o guiar, elevar e ajudar. Por isso acontece, infelizmente, que o homem habita e vive de uma forma furtiva, cheio de medo, cheio de incerteza, cheio de dúvida. Ele não consegue e não quer compreender que tudo o que transparece, por alguma razão ou outra, tem um significado. Pode nem sempre parecer assim. O homem está inclinado, muito frequentemente, a pavor e a medo onde deveria haver coragem, esperança, perceção, compreensão e conhecimento.

Nós que vimos a vós, sabemos que a vida terrena é importante. É vital. É essencial e necessária. E é a evolução do homem através de causas e condições naturais que torna possível para ele alargar-se mental e espiritualmente. Por outras palavras, é a escola preparatória da vida e, embora por vezes as lições sejam difíceis e duras e o caminho pareça longo, incerto e inseguro, o homem deve lembrar-se e perceber que isso é importante e essencial; e se existe um grande problema, uma grande causa para tristeza, muitas vezes ela pode ser rastreada até ao próprio homem. O próprio homem, através do medo e da incerteza, faz e cria barreiras. Ele cria situações nas quais se encontra de tal forma sobrecarregado e tão preocupado consigo próprio que traz para si, em consequência, uma miséria e infelicidade incalculáveis e desnecessárias.

A vida no vosso mundo nunca foi pretendida — tanto quanto está no nosso poder compreender — para ser necessariamente fácil ou para ser tão tranquila quanto talvez o homem desejasse. Creio que devemos olhar para esta vida terrena como uma escola essencial na qual devemos aprender as nossas lições a partir de todas as vicissitudes, embora seja verdade que muitas destas vicissitudes não precisariam de ser. Se o homem vivesse como deveria viver e pensasse como deveria pensar, então muitas das coisas que causam angústia desapareceriam. O próprio homem, claro, ao longo de gerações de

pensamento errado e vida errada, trouxe sobre si próprio muitas das doenças, muitas das enfermidades da mente e do corpo.

O homem deve tentar perceber que quando vive, como já disse, de acordo com o plano da natureza, muito desaparecerá do que no momento causa angústia. O reino animal muito raramente está sujeito a muitas das doenças, por exemplo, que são inerentes ao homem. O próprio homem, pelo seu pensamento e vida errados, criou estas vicissitudes e se conseguirmos trazer o homem de volta à natureza, no sentido correto — que ele viva normal e naturalmente sem medo, sem elementos perturbadores na sua mente, sem estas atitudes mentais que muitas vezes tem de que certas coisas não deveriam ser feitas porque não são aceites ou não são consideradas a coisa certa ou correta a fazer. O homem tem as ideias mais estranhas. O homem criou falsos valores e vive muitas vezes de forma não natural.

O homem deve aprender a viver de acordo com a natureza e, se seguir o plano da natureza, descobrirá que toda a sua vida será mudada, a sua saúde melhorará e toda a sua atitude em relação a Deus — e à realidade de Deus no sentido mais elevado possível — será mudada. Ele compreenderá melhor. Terá uma maior agudeza, perceção e consciência das coisas que são vitais e importantes. O homem não foi destinado a viver como muitas vezes vive no que chamais uma sociedade civilizada. Isto é um verniz falso, uma fachada falsa. Isto é algo que o homem criou e muitas vezes não passa de uma cobertura artificial que tapa e reprime e suprime as suas emoções normais e naturais.

IRMÃO JOHN: O homem tem frequentemente consciência de culpa sobre coisas que, em si mesmas, são perfeitamente naturais e são, obviamente, a lei da natureza. Não podes combater a natureza nem lutar contra ela. Deves estar com a natureza e viver com a natureza e perceber — embora te pareça estranho perceber — que o reino animal tem uma perceção e consciência interiores dentro de si.

Pode não ter o poder de o transmitir pela fala, mas tem uma perceção e consciência interiores de muito do que é vivo, vital e real, de que o homem é completamente alheio e inconsciente. O homem, ao longo dos séculos, afastou-se da lei natural e, em consequência, perdeu o conteúdo, perdeu o caminho e criou em si mesmo tal medo; e é este mesmíssimo medo que traz a doença, este mesmíssimo medo que traz a guerra ao homem. O homem deve aprender a viver com a natureza, a compreendê-la e apreciá-la, a viver dos alimentos naturais da natureza e deve, acima de tudo, aprender a sintonizar-se mental, psíquica e espiritualmente com as forças superiores do bem que emanam do nosso mundo, as quais se esforçam em todos os momentos por

penetrar a sua consciência para o tornarem mais sintonizado, mais desperto e o tornarem, em consequência, um homem melhor e mais feliz.

PARTICIPANTE: Obrigada, Irmão John. Respondeste a todos os meus pensamentos desta manhã.

IRMÃO JOHN: Era a minha intenção. Muitas vezes, quando estou contigo, escuto os teus pensamentos conscientes. Podem não ser verbais, mas estão lá, muito fortes, muito poderosos; e existem tantas coisas que no vosso mundo causam angústia porque o homem está cheio de medo. Ele teme a vida. Quase desde o nascimento é ensinado pelos pais, pelos companheiros, pelos professores a ter falsos valores, falsas ideias. Ele é sufocado. É suprimido. Dizem-lhe que não deve fazer isto ou aquilo, ou que não é bom gostar daquela pessoa porque os pais não gostam da família dela.

Sabes, se puderes rastrear a vida de qualquer indivíduo, descobrirás que ele é o produto das mentes de outros: dos seus pais em particular, do ambiente em que nasceu, das escolas onde andou e dos professores que o ensinaram. E conforme deixaram a escola e foram para o mundo exterior — embora possam ter-se afirmado mais porque se sentiam mais livres e eram mais velhos e, em consequência, podiam fazer o que pensavam e lhes agradava — talvez tenham vindo mudanças que nalguns casos foram benéficas e boas; contudo, se incutires desde a infância muitos pensamentos que em si mesmos são errados, se fores impelido a aceitar certas ideias aceites porque são "a coisa a fazer", então, claro, tornar-te-ás pouco mais do que um padrão que outros fizeram e moldaram. Tu não és, em ti mesmo, um indivíduo. Não estás a expressar-te a ti próprio. Estás a expressar os pensamentos e ideias de outras pessoas. Estás a copiar os modos de outras pessoas e a aceitar a sua forma de vida, tornando-te, em consequência, um membro do rebanho.

É importante que o homem perceba que, embora partilhe o mesmo espírito — porque é pelo mesmo espírito que todos vivemos — no entanto, é-lhe dada uma inteligência separada, um poder separado para desenvolver a sua própria personalidade e caráter; e cabe-lhe a ele afirmar-se, claro, no sentido correto e da forma correta. Sabemos que existem muitos que fazem muitas coisas que causam grande angústia a si mesmos e a outros por causa da insensatez e da ignorância. Sabemos que a juventude passa por um período de tempo instável e incerto. Existem crianças a quem nunca, talvez, foi realmente mostrado o rumo e o caminho. Talvez lhes tenha sido mostrado o rumo e o caminho dos pais, ou dos parentes, ou da família, mas no entanto, para elas, sentem neste tempo estranho de mudança o impulso de serem diferentes, o impulso de serem elas mesmas.

Elas não sabem realmente o que deveriam ser. Estão na fase formativa, mas contudo é importante que a juventude perceba que tem uma grande possibilidade à sua frente, uma grande oportunidade na qual pode verdadeiramente tornar-se, em consequência do esforço, uma força para o bem; mas muitas vezes, infelizmente, voltou-se para os poderes das trevas. Não tenho de entrar nos detalhes, que são tão comuns, nos quais a juventude hoje se encontra. A juventude parece estar sem um líder; sem um líder de força, caráter e personalidade. A juventude está a tatear, por assim dizer, na escuridão, e recebe pouca ou nenhuma luz daqueles que são mais velhos, daqueles que deveriam ser mais experientes, daqueles que criaram o hábito, a vibração e a condição em que a juventude se encontra. É compreensível que estes não consigam, nalguns sentidos, assistir e guiar; e a juventude tem pouca fé nos velhos, porque a juventude olha para trás e vê a tragédia trazida ao mundo pela insensatez e ignorância dos seus mais velhos nos seus anos de juventude.

Viu a tragédia e o hábito que foram forjados por duas grandes guerras, nas quais nações inteiras foram envolvidas e milhões morreram desnecessariamente. Tem pouca fé ou confiança, e vê-se numa era onde, a qualquer dia, o desastre pode chegar e tudo lhe pode ser tirado num golpe rápido. Por isso, é compreensível que a juventude hoje seja como é. Não apresento desculpas. Sei que há exceções. Sei que há alguns que se comportam abominavelmente, mas contudo deves ver que a juventude nasceu e foi criada num mundo de incerteza, medo e horror.

O homem só pode encontrar paz, tranquilidade e felicidade quando tem a luz guia do espírito a brilhar diante dele para guiar os seus passos no caminho da progressão eterna. Ao homem deve ser dada confiança. Ao homem deve ser dado esse amor, essa compreensão e essa perceção do propósito e do significado da vida — de que, de facto, é verdade dizer que não há morte, pois nós que viremos quebramos as barreiras da morte.

Mas sabemos disto: que quando o homem se esforça, quando procura diligente e verdadeiramente por aquelas coisas que são boas, por aquelas coisas que são eternas e do espírito, assim ele é guiado, assim é levado, assim é ajudado. Estamos à espera no limiar, batendo à porta da consciência do mundo. Só posso dizer isto, minha filha: que viremos verdadeiramente com essa luz que pode iluminar o caminho das gerações futuras em direção à paz, tranquilidade e felicidade.

As minhas bênçãos repousam sobre todos os que ouvem a voz do espírito e, para aqueles que possam lê-la, digo: ide em frente com força, sabendo que estamos convosco, que naquilo que nos esforçamos por fazer entre nós não

podemos falhar, pois é maior do que nós próprios. Somos apenas os instrumentos do amor de Deus e da Sua vontade e poder, e faremos até ao fim do nosso tempo tudo o que pudermos. Embora não haja fim para o tempo no sentido em que talvez algumas pessoas percebam, poderá haver um fim para o tempo em que trabalharemos e serviremos entre os povos da terra, pois seremos então libertados para ir para planos superiores, para nos desenvolvermos e crescermos na nossa própria estatura e no nosso próprio conhecimento e experiência.

Mas servimos a humanidade por este tempo no plano terreno; contudo, o tempo certamente virá em que outros virão e tomarão o nosso lugar. Mas enquanto viveres, minha filha, eu trabalharei através de ti e servirei através de ti, e isto tu sabes.

PARTICIPANTE: Sim. Obrigada, querido Irmão John.

IRMÃO JOHN: A minha paz seja contigo, filha.

PARTICIPANTE: Deus te abençoe e obrigada.

IRMÃO JOHN: Paz seja com todos os que ouvem a voz do espírito. A paz esteja convosco.

PARTICIPANTE: Obrigada, querido.

Sessão: Caráter

IRMÃO JOHN: Abençoada sejas, minha filha. Abençoado sejas, Irmão John, querido. O caráter de alguém — é para isso que se vem à terra: para o desenvolver. Isto é verdade, mas envolve muito mais do que isso. Assume-se, pelo significado da palavra caráter, que se é uma combinação de todo o tipo de aspetos da natureza — o que é verdade. Contudo, tão poucas pessoas percebem que, ao envolver e desenvolver o caráter, o aspeto espiritual é de suma importância.

E é, de facto, esse aspeto do "eu" que é tão tristemente negligenciado. Assume-se que, na evolução e desenvolvimento do caráter na terra, deve-se ser bondoso, atencioso, compreensivo, tolerante, amoroso, amigável e que, em todos os sentidos, deve-se procurar ajudar os menos afortunados do que nós; que se deve sempre fazer o que é correto, justo, honroso e verdadeiro. Por outras palavras, o evoluir e desenvolver do caráter — este aspeto do "eu" — por muito importante que seja e deva ser, sem a perceção espiritual e a motivação do espírito que subjaz a todos os pensamentos e ações, sem a compreensão, a apreciação e a perceção da importância do espírito... embora se possa desenvolver na terra um bom caráter, se não se aprecia e percebe o aspeto espiritual, a motivação por trás de tudo o que é bom, não se alcançou plenamente o que se poderia ter alcançado com o caráter.

Existem muitas pessoas boas no vosso mundo, como de facto existem muitas que não são boas; mas mesmo aquelas que são boas, conforme o mundo as vê — embora façam muito de coração para ajudar outros menos afortunados, embora se esforcem de muitas formas por elevar os outros e, de facto, se sacrifiquem em consequência — mesmo assim, muitos desses "eus", por muito bons que sejam e são, não têm a perceção do poder do Espírito Santo. Não estão, por assim dizer, a evoluir no sentido mais pleno. Alguém pode evoluir como uma pessoa individual num sentido material num nível muito alto e, no entanto, não necessariamente evoluir muito num sentido espiritual.

E isto, claro, traz-me à mediunidade. Tão poucos médiuns estão naquilo que se chamaria um nível espiritual. A maioria, por muito boa que seja, está num nível material: sinceros, ansiosos por servir, ansiosos por agradar, ansiosos por fazer tudo o que é correto, bom, justo e honroso; por dar conforto e júbilo aos que estão tristes, sós e deprimidos; por trazer saúde aos que estão doentes... e contudo não percebem o espírito potencial dentro de si mesmos, não compreendem nem apreciam plenamente o poder do Espírito Santo que os rodeia. E sinto que, quando falamos de caráter e do seu desenvolvimento, deveríamos também pensar no aspeto espiritual e na evolução do indivíduo. Existem tantos que vêm para aqui...

Sessão: Pessoas Idosas

IRMÃO JOHN: Eu abençoo-te, minha filha. Sabias que era eu. Ias ver a minha amiguinha. Dá-lhe o meu amor e bênção, embora ela tenha estado aqui apenas ontem. Confio que tudo esteja bem contigo, filha. A vida está cheia de problemas. E, usualmente, estes problemas são de outras pessoas, mas nós tomamo-los sobre nós. Faz parte do nosso dever, e a vida é para ser partilhada,

não apenas o bom mas também o mau. Tenta fazer, minha filha, tudo o que estiver ao teu alcance, mas ao mesmo tempo percebe que tens um dever para contigo própria.

O teu marido está muito perto de ti. Ele esforça-se por assistir, guiar e ajudar-te de todas as formas que pode. Sabes que muito raramente estás alguma vez sozinha. Invariavelmente, ou ele, ou a tua mãe, ou algum servidor está presente, esforçando-se por ajudar-te. Tu e o teu pequeno cãozinho juntos. E o animal vê frequentemente, enquanto tu não vês. Os animais, minha filha, são muito sensíveis. Eles [não] têm o dom da fala, mas têm outros dons. Os animais veem, muitas vezes, aquilo que os humanos não veem. Mas todos enviam o seu amor e bênção, e eu junto-me a eles, dando-te as minhas melhores saudações e votos para o período de Natal. Que a paz esteja contigo, filha. Adeus. Sei que és muito afortunada.

PARTICIPANTE: Eu sou. Eu sou.

IRMÃO JOHN: O teu marido está tão feliz, e fá-lo tão feliz vir e falar contigo. Dá o nosso amor à Daisy.

PARTICIPANTE: Sim, eu darei.

MICKEY: Prazer em conhecer-te, filha. Prazer em conhecer-te. Lembraste-te de que eu te ia dar um cachorrinho especial?

PARTICIPANTE: Bem, sabes, estou apenas a dizer que tenho um cão e parece que não sei... Alguém me pode ajudar?

MICKEY: Bem, há um cavalheiro que nunca falou contigo, que eu saiba, mas que tenho visto frequentemente contigo, a quem se referem como Andrew. Mas ele não tem relação com nada. Ele é uma alma que tem estado interessada em ti e, à sua maneira tranquila, tem estado por trás de ti e ajudado ao longo de muitos anos. E creio que estiveste na terra como monge. E também tens uma senhora muito doce que vem, a quem chamam Patience (Paciência), mas esse não é um nome real. Creio que é um nome espiritual. E creio que ela era uma *Quacre*. Nunca tiveste contacto com guias próprios?

PARTICIPANTE: Não, não tive.

MICKEY: A Daisy não tem contacto com nenhum dos teus guias?

PARTICIPANTE: Não.